

*Timor Leste,
Historiografia dum
Repórter
Vol. 2 (1983-1992)*



J. CHRYS CHRYSTELLO

Timor-Leste,
Historiografia dum Repórter
Vol. 2 (1983-1992)

J. CHRYS CHRYSTELLO

Este livro contém milhares de imagens digitalizadas de notícias, aqui apenas se utilizaram textos o que não permite senão uma mera consulta parcelar das notícias. Para obter um CD completo com toda a informação contacte o autor em

drchryschrystello@yahoo.com.au
drchryschrystello@gmail.com
drchryschrystello@sapo.pt

Biodados do autor

Chrys Chrystello prestou serviço no exército colonial português sendo destacado para o CTIT (Comando Territorial Independente de Timor) onde chegou em Setembro 1973, regressando a Portugal dois anos mais tarde. Começou então a escrever o seu livro “TIMOR-LESTE 1973-75, O DOSSIER SECRETO” antes de rumar a Macau em 1976 e posteriormente à Austrália onde se fixou e naturalizou

Ao longo de mais de três décadas de jornalismo político, trabalhou em rádio, televisão e imprensa escrita, tendo sido correspondente estrangeiro durante décadas da agência noticiosa portuguesa ANOP/LUSA, da RDP/Rádio Comercial, da TDM (Macau), do Jornal de Notícias, revista Sábado, jornal Europeu, jornal PÚBLICO, etc., tendo sido publicado em inúmeros jornais e revistas em todo o mundo, para além de ter escrito guiões e colaborar em filmes e documentários australianos sobre Timor. Escreveu para jornais e revistas sindicais como o The Journalist. (da Australian Journalist’s Association), The Maritime Union (Sindicato marítimo australiano), The Metal Worker (Sindicato metalúrgico australiano). Foi também Colaborador e Pesquisador para as cadeias nacionais de rádio australianas (ABC, Rádio Australia e JJJ) relativamente a Portugal, Macau, Indonésia e Timor-Leste, e Apresentador de vídeos e Programas de rádio e TV, em várias campanhas australianas.

Entre 1976 e 1994, data em que se retirou do jornalismo activo, esforçou-se por divulgar a saga do povo timorense que o mundo (incluindo a Austrália e Portugal) teimava em não querer ver.

... Trabalhou também como Economista na CEM – Companhia de Electricidade de Macau, em Macau de 1976 a 1983.. Foi Jornalista e Assessor do Ministério de Emprego, Educação e Formação Profissional na Austrália durante doze. anos, além de ter trabalhado como Linguista e Jornalista também para os Ministérios da Imigração e Assuntos Étnicos, Ministério da habitação, Saúde e Assuntos Comunitários e Ministério da Saúde.

Noutra área, tendo-se interessado pela linguística ao ser confrontado com mais de 30 dialectos em Timor, descobriu na Austrália provas da chegada ali dos Portugueses (1521-1525) mais de 250 anos antes do capitão Cook, e da existência de tribos aborígenes falando Crioulo Português (herdado quatro séculos antes).

Noutra área, interessou-se pela linguística ao ser confrontado com mais de 30 dialectos em Timor, e descobriu na Austrália provas da chegada ali dos Portugueses (1521-1525) mais de 250 anos antes do capitão Cook, e da existência de tribos aborígenes falando Crioulo Português (herdado quatro séculos antes).

Membro Fundador do AUSIT (Australian Institute for Translators and Interpreters) e Examinador da NAATI (National Authority for the Accreditation of Translators and Interpreters) desde os anos 80, e pertencendo a vários órgãos internacionais congéneres, Chrys dedicou as últimas décadas à sociolinguística e tradução, tendo

apresentado trabalhos em dezenas de conferências internacionais (da Austrália a Portugal, Espanha, Brasil, e Canadá) onde os temas da língua e cultura portuguesas estão presentes: Tendo concluído em 1999 o seu Master of Arts (mestrado com Major in Applied Social and Communication Studies.) apresenta regularmente os seus temas sobre Língua Portuguesa, Aboriginalidade Australiana e Traductologia Australiana, em diversas arenas internacionais.

Em 1998 publicou a monografia *Crónicas Austrais 1976-1996*. Em 1999, publicou a sua obra de ensaio político (versão portuguesa) *Dossier Timor-Leste 1973-1975* cuja primeira edição esgotou ao fim de 3 dias. Compilou o *Cancioneiro Transmontano* para a Santa Casa da Misericórdia de Bragança em 2005. É Assessor de Literatura Portuguesa para o *Insearch Language Centre do Australia Council* (UTS - Universidade de Tecnologia de Sydney) e é Mentor dos finalistas de Literatura da ACL (Association for Computational Linguistics,) para o *Information Technology Research Institute, University of Brighton no Reino Unido*, para além de organizar desde 2001 os Colóquios Anuais da Lusofonia e os quais tiveram como patrono o Embaixador José Augusto Seabra.

Prefácio do autor

O livro “Timor-Leste, Historiografia dum Repórter 1973-1992” é o segundo volume do autor como contributo para a sua recuperação de arquivos históricos de notícias sobre aquele país que visa englobar os períodos de 1973-1975 (1º volume) e 1983-1992 (2º volume) recuperando os seus arquivos pessoais e todas as notícias enviadas e publicadas ao longo dos vários anos em que o seu jornalismo era dominado pelos eventos em Timor.

Igualmente se acrescentou correspondência pessoal, sempre que relevante (especialmente em casos de censura) bem como recortes da imprensa mundial resultantes das suas notícias ou na origem das mesmas.

Incluem-se reproduções de textos de Xanana Gusmão, do Bispo Monsenhor Belo e vários outros documentos de grupos de apoio à causa timorense, entre outros, que se perderam na voragem do fogo dos arquivos da resistência, e servem para ilustrar a luta dum povo ao longo de décadas para readquirir a sua independência. Os documentos e reportagens evidenciam bem a atitude dos governos (em especial os de Portugal, Austrália e Indonésia) e dos resistentes timorenses ao longo desse período.

Enquanto o primeiro volume visa ilustrar os últimos anos da ocupação portuguesa pelos olhos dum oficial do exército colonial português, o segundo volume ilustra uma luta intensa e raramente falada na comunicação social mundial rumo à libertação do jugo colonial indonésio.

Esta a visão privilegiada dum jornalista que escreveu mais do que todos os outros numa época em que era quase tabu falar de Timor, e cujo convívio diário com personagens como José Ramos Horta, João Carrascalão, Ágio Pereira, Alfredo Ferreira, Roque Rodrigues, Abel Guterres, Emília Gusmão, , Lola Geraldes, Teresa Yap, Estanislau da Silva, Emília Pires, Rui Bernardes e tantos, tantos outros (que aqui não menciono mas jamais serão esquecidos) lhe deu uma visão privilegiada do interior da Resistência., das suas lutas com o mundo exterior e das lutas internas contra tudo e todos.

Trata-se duma obra fundamental para os historiadores mais tarde poderem reconstruir a História de Timor naquele período, servindo-se de notícias de diversos órgãos de comunicação social nos quatro cantos do mundo.

Originalmente concebido para reproduzir apenas os escritos do autor para diversos órgãos de informação, optou-se numa fase seguinte por incluir outros excertos de notícias publicadas na imprensa portuguesa, australiana e mundial, originários do autor ou transmitidos por ele para os diversos órgãos de informação em que colaborou ao longo do tempo, deixando uma ou outra notícia que na época era relevante no quotidiano australiano do autor. Assim, surgem recortes na sua versão impressa quer em inglês quer em português, a fim de melhor se poder analisar a forma como os acontecimentos eram descritos à época.

A reprodução de documentos deste longo período torna o segundo volume ainda mais completo e importante dado que a maior parte deles não se encontra em nenhum

arquivo.. Propositadamente, transcrevem-se excertos de notícias não directamente relacionadas com Timor mas que ajudam a dar uma visão global do mundo e da Austrália em cada momento.

O livro aflora ainda (sem comentários, apenas nas palavras dos seus intervenientes) alguns dos inúmeros casos de censura impostos pelos meios de comunicação social ao autor, as suas suspensões de serviço, a sua luta para que a voz silenciada dos timorenses não fosse manipulada por interesses políticos, partidários e outros dos governos de Lisboa ou meros interesses económicos do governo de Camberra.

Reitera-se aquilo que se declarou aquando da publicação da primeira edição do primeiro volume: ele foi feito para o Povo de Timor poder estudar e lembrar a sua História e não para aqueles cuja passagem entre nós é tão efémera como os cargos que ocupam ou ocuparam.

Dedico este volume à memória de todas as pessoas, qualquer que seja a sua nacionalidade, que lutaram com armas na mão ou com outras armas e meios pelo direito do povo Maubere à autodeterminação. É bom que se saiba como foi árdua essa luta, para que nunca nos esqueçamos dela, quando literalmente TODOS nos diziam que era uma guerra perdida. Agora, independentes há 5 anos, deixemos os Timorenses em paz para decidirem como bem lhes aprouver sobre tudo o que lhes diz respeito.

Nota desta edição

Pedimos desculpa pela má qualidade de algumas das digitalizações de documentos que mal sobreviveram ao tempo, em especial cópias em papel térmico e outras que não foram tão bem conservadas quanto deviam ao longo dos últimos 20 anos. Igualmente se lamenta ainda não ter havido tempo para fazer a transcrição de documentários de televisão e doutros programas de rádio que não foram incluídos por absoluta falta de meios temporais. Há ainda várias pastas de arquivo que falta processar mas pretendeu-se ter esta versão disponível a tempo do 4º COLÓQUIO ANUAL DA LUSOFONIA em Bragança de 3 a 4 outubro 2005, dedicado à problemática da língua portuguesa em Timor. As edições futuras incluirão mais documentação.

Dos 28 editores portugueses consultados nem um só se mostrou interessado na publicação desta obra em papel. De facto, a história de Timor interessa apenas aos timorenses.

As fotos não inseridas nas notícias recordam memórias fotográficas do autor no período de 1973 a 1975.

CHRYS CHRYSTELLO
AÇORES, OUTUBRO DE 2005

CAPÍTULO 1: 1983-84

1. NOTÍCIA ENVIADA PARA A TDM MACAU
PROVENIENTE DO EAST TIMOR NEWS PRIMAVERA
1983

2. MAIO 1984: AS RELAÇÕES ENTRE A AUSTRÁLIA E A
INDONÉSIA, A AJUDA MILITAR E A MANUTENÇÃO DE
SUHARTO NO PODER ¹

A ajuda militar é o mais potente símbolo de apoio às acções do governo que a recebe. A actual reacção interna australiana à ocupação de Timor-Leste e às ameaças indonésias de rejeição do auxílio militar australiano, vai manter na ribalta o governo de Camberra pelo seu continuado desejo de apoiar a Indonésia. Apesar da política do Partido Trabalhista australiano afirmar que o apoio militar deve ser suspenso até que se verifique a retirada das tropas Indonésias estacionadas em Timor, o governo de Bob Hawke manteve o programa de cooperação e defesa [*Defence Co-operation Program*].

Este programa de 10.3 milhões de dólares em 1983/84 elevará a contribuição militar australiana à Indonésia aos 75 milhões de dólares desde 1975. A ajuda militar à Indonésia será um dos pontos altos do debate sobre a política trabalhista em relação a Timor-Leste na próxima Conferência Nacional dos trabalhistas em Julho 1984, embora outros assuntos possam também vir a lume.

¹ MAIO 1984, INSIDE INDONESIA. JOHN WADDINGHAM. (TRADUZIDO E ADAPTADO POR JCC PARA TDM E LUSA)

O Comité Permanente do Senado (*Senate Standing Committee on Foreign Affairs and Defence*) para Negócios Estrangeiros e Defesa iniciou um inquérito sobre aquele programa de cooperação e defesa, existindo sinais de que Jacarta poderá abandonar aquele programa em virtude das críticas feitas no seu âmbito em relação a Timor-Leste. Vejamos em resumo em que consiste a ajuda militar à Indonésia, por quê ela existe e para que serve.

2.1. SEGURANÇA PARA QUEM?

Durante 1975, o Ministério de Defesa Australiano tentou sem qualquer resultado convencer o governo trabalhista de Gough Whitlam a aceitar a ideia dum Timor-Leste independente. Em Outubro de 1975 um memorando interno só viria a ser revelado no livro agora banido de Walsh e Munster. Documentos sobre a política de Defesa e dos Negócios Estrangeiros mostram qual o raciocínio seguido em relação à Indonésia. O então 1º Secretário Adjunto, W. B. Pritchett escrevia ao então Ministro da Defesa, Bill Morrison dizendo:

“Para além da PNG, a Indonésia é o único território através do qual e do qual pode ocorrer ou ser iniciado com facilidade um ataque não nuclear contra a Austrália. Comando das bases indonésias seria provavelmente essencial para qualquer ataque que não fosse puramente marítimo...”

“À data, a Indonésia é o país mais favorecido para poder atacar a Austrália, sendo já capaz de criar situações de assédio militar de nível médio ou baixo mas as quais criariam problemas de defesa difíceis. À medida que as suas capacidades aumentam com o

decorrer dos anos aumenta a sua capacidade de criar formas de ataque mais substanciais. Um ataque da Indonésia à Austrália não envolveria necessariamente alterações na ordem política estratégica global dada a sua gravidade crítica para os EU (se a compararmos às alterações necessárias para um ataque do Japão, por exemplo.)

“A possibilidade de os EUA se envolverem e apoiarem a Austrália são assim mais incertas em especial se se tratar de níveis baixos de ameaças excluindo um assalto frontal. Esta e outras considerações paralelas têm maior relevância nas relações bilaterais do que considerações tais como comércio ou investimento.”

De facto, as relações entre os dois países em áreas que não a política e estratégica são ainda embrionárias e não se espera grande desenvolvimento imediato. A ser assim, então porquê a ajuda militar à Indonésia? O Ministério da Defesa tinha uma visão sobre a potencial ameaça e a qual é aqui referida por Pritchett:

“As avaliações ao longo dos anos vieram a mostrar ser improvável uma ameaça militar Indonésia sendo esta ainda a opinião actual. Esta baseia-se na premissa de uma continuada existência de relações bilaterais amigáveis e cooperantes tais como as que se têm verificado durante a maior parte dos anos desde a fundação da República Indonésia.

“Uma Indonésia segura, unida e bem disposta” escrevia Pritchett, “é um desiderato básico e duradouro para a nossa estratégia política”.

O Ministério da Defesa acreditava em 1975 que uma invasão indonésia de Timor poderia criar reacções internas na Austrália que “*pudessem tornar difícil de manter a política de cooperação com a Indonésia*”.

O Ministério temia em especial que houvesse apelos da direita e da esquerda do quadrante político australiano para a terminação do programa de Defesa e Cooperação.

Pode-se concluir que, pelo menos, a ajuda militar australiana se destinava a manter a Indonésia *bem disposta* em relação à Austrália ajudando o actual governo indonésio na sua manutenção de segurança e a preservar a “*Unidade Indonésia*”. Contudo, de acordo com o [já falecido] jornalista do Sydney Morning Herald, Peter Hastings, a principal vantagem para a Austrália era a do programa proporcionar ao pessoal da Defesa acesso ao pensamento estratégico indonésio em relação ao assunto regionais e mundiais.

Poder-se-ia acrescentar que os mapas militares de locais tais como West Irian [Papua Ocidental], preparados pelo Programa, poderiam ter alguma utilidade futura para os militares australianos. A linha de pensamento de Hastings é uma forma educada de indicar que o programa permite aos australianos manterem-se informados sobre o que os indonésios fazem.

Embora isto seja um cenário credível, é utilizado para contrapor argumentos ao fim do apoio militar australiano à Indonésia. Possivelmente, o Programa também dá uma boa visão aos indonésios sobre o “*pensamento estratégico*” australiano.

2.2. DE QUE CONSISTE ESTE APOIO?

O apoio militar australiano à Indonésia tem três componentes:

Equipamento: os principais artigos de equipamento desde 1972 incluíam aviões a jacto Avon Sabre, aviões Dakota, helicópteros Sioux, aviões de vigilância Nomad, e barcos de patrulha Carpentária e Attack Class, barcos de patrulha fluvial, radioequipamento de campo e Land Rovers.

Serviços: Incluem projectos cartográficos em Sumatra, West Irian [Papua Ocidental], Kalimantan (no Bornéu), Molucas e ilhas costeiras de Sumatra assim como manutenção e formação.

Formação: Mais de 1200 militares indonésios foram treinados na Austrália em vários ramos do exército, marinha e força aérea.

2.3. EM QUE PODE SER UTILIZADA ESTA AJUDA?

Não existem restrições quanto à utilização do equipamento militar australiano, excepto a venda a terceiros países. É de admitir que o equipamento e o pessoal treinado por australianos sejam integrados na estrutura unificada e actividades das forças armadas Indonésias.

Para além da vigilância marítima na qual participam os Nomad e barcos de patrulha australianos, a actividade militar actual Indonésia concentra-se em Timor-Leste onde uma nova ofensiva militar Indonésia teve início em Agosto 1983 e contínua em 1984. Mais de 12 000 tropas tomam parte, embora se admita que aquele número possa ser mais elevado.

2.4. QUE FUTURO PARA A AJUDA MILITAR?

Em Dezembro 1983, o MNE Bill Hayden anunciou que a Indonésia tinha iniciado uma redução do programa de cooperação e defesa com a Austrália. A explicação oficial era de a atitude de Jacarta não envolver nenhuma tensão nas relações bilaterais mas antes a de facilitar uma maior auto-suficiência de Jacarta. Contudo em Agosto, Peter Hastings relatava a possibilidade de Jacarta vir a terminar o programa.

De acordo com as suas fontes os indonésios opunham-se aos “políticos australianos que ligavam as suas exigências em relação a Timor-Leste com uma ameaça condicional do fim da ajuda militar se a Indonésia não as cumprisse.”

Os oficiais indonésios citados como sendo de patente elevada teriam afirmado: “se não podemos ter auxílio militar indonésio sem complicações, então mais vale não a termos. Se nos estivessem a oferecer cinco esquadrões de modernos F-16’s poderia ser diferente mas nove aviões Nomad não valem isso.”

Dada a importância que o Ministério da Defesa e Negócios Estrangeiros atribui à “*continuada cooperação e defesa*” vai haver pressão sobre o governo trabalhista para se libertar da plataforma política do partido em relação a Timor-Leste.

2.5. OS CRÍTICOS DE JACARTA DEVEM ALARGAR AS SUAS PERSPECTIVAS

Entre Maio e Julho a atenção pública aumentou, acompanhada dum maior cobertura dos meios de comunicação social sobre o relacionamento entre a Austrália e a Indonésia. Isto deveu-se à Conferência Nacional do Partido Trabalhista na qual deveria ser debatido o problema de Timor-Leste, do apoio à autodeterminação e da ajuda militar à Indonésia.

Este interesse foi espicaçado pela digressão de José Ramos-Horta, o representante do movimento independentista de Timor-Leste [Fretilin] nas Nações Unidas. Por último há a assinalar um recrudescer da oposição ao regime de Suharto e à sua política em Irian Jaya (Papua Ocidental), com a sua repressão, que viria a causar a fuga de cerca de 8 000 nativos daquele território para a Papua Nova-Guiné. Tratou-se dum discussão intensa e acalorada mas raramente profunda. Esta falta de profundidade pode ser explicada em relação aos que tentavam explicar ser necessário apoiar o governo indonésio, mesmo que *“criticamente”*.

Este grupo argumentava através dos seus principais porta-vozes no governo, Hawke e Hayden, de forma superficial se não vácuo. Limitavam-se a afirmar que sendo a Indonésia o país vizinho da Austrália mais populoso, era imperioso haver boas relações entre ambos. Quando pressionados especificamente sobre Timor-Leste, a resposta deles era de que o bem-estar do povo timorense seria melhor servido pela existência de boas relações entre a Austrália e a Indonésia, o ocupante militar de Timor.

Os críticos dos governos australiano e indonésio em relação ao problema de Timor constituem um grupo mais

variado, e dentre eles podem constatar-se diferenças substanciais quanto à ênfase, sendo uns mais vocais quanto à obrigação moral de apoiar os timorenses por causa do apoio que estes deram aos australianos durante a 2ª Grande Guerra, enquanto outros focam a sua preocupação genuína pela autodeterminação, bem-estar e direitos do povo timorense. A maioria dos grupos de apoio a Timor-Leste está motivada por este sentimento.

2.6. EXPLORAÇÃO AUSTRALIANA DA INDONÉSIA.

Há quem tenda a propagar o ponto de vista que a Indonésia é uma ameaça para a Austrália, que esta tem sido maltratada ou que é vítima da diplomacia indonésia. Será mais verdade porém, que é a Austrália quem está a explorar e a oprimir a Indonésia. São as companhias australianas que pedem e beneficiam da intervenção militar indonésia com equipamento da Austrália e dos EUA nas disputas de ordem industrial, beneficiando de recursos naturais imensos e mão-de-obra barata em Irian Jaya.

A Austrália é um membro do Grupo Intergovernamental da Indonésia (IGGI) ao qual a Indonésia deve biliões de dólares e que aprova novas ajudas com base na avaliação do desempenho do regime de Suharto.

Quando os governos australianos dão o seu apoio e ajuda à Indonésia estão a ajudar um governo que já provou ser um fiel servo dos interesses ocidentais, reprimindo contestação laboral para facilitar uma mão-de-obra barata, proporcionando paraísos fiscais e acesso aos recursos naturais com um mínimo de supervisão, desta forma

obtendo contrapartidas ocidentais de mais de 20 bilhões de dólares.

Como podemos então esperar que o governo australiano apoie os timorenses se eles estão a combater um país que o ocidente vê como um fiel aliado?

Como podemos esperar que o governo australiano se manifeste contra a repressão da oposição e da resistência na Indonésia ou em Irian Jaya, se tal ameaça é dirigida a um fiel servo dos seus interesses? Trata-se duma raiva mal direccionada quando se lida com a falta de coragem das respostas oficiais australianas a Jacarta pois que se trata duma cumplicidade australiana na opressão e exploração dos interesses do povo indonésio.

É verdade que personagens do regime de Suharto ocasionalmente criticam a Austrália chamando-lhe imatura ou irracionalmente anti-indonésia, mas eles tentam simplesmente embaraçar o governo australiano.

Toda esta retórica jamais pode fazer esquecer o facto daquele mesmo regime estar a colaborar à custa do seu próprio povo com interesses económicos estrangeiros, incluindo a Austrália. Assim, torna-se importante que nós australianos não nos tornemos chauvinistas. Os sentimentos nacionalistas não devem engodar os australianos a serem aparentemente humilhados por um país do “Terceiro Mundo” em vez de se preocuparem com a verdadeira opressão e pobreza dos povos da Indonésia, Irian Jaya e Timor-Leste.

A nossa relação com o povo indonésio tem de ser inspirada numa compreensão de que as elites

australianas e seus aliados são responsáveis por essa pobreza e falta de liberdade. Temos de entender que não obstante a retórica o regime de Suharto deve a sua existência, amealha fortunas e exercita o seu poder como um fiel servo dos interesses do Ocidente. Quando invade Timor-Leste, brutalmente oprime os povos Papuas e assedia pacatos aldeãos dentro do território do país independente da Papua Nova-Guiné não está só a proteger o seu poder mas também a servir os interesses das nossas elites.

Não podemos esperar de nenhum governo australiano, por mais progressista que seja quando na oposição, que assuma uma posição mais crítica, e isto, não porque lhes falte a coragem, mas porque sabem que tal não é nos interesses das elites australianas. Isto quer dizer, que as campanhas sobre os direitos humanos na Indonésia e em Irian Jaya, e a autodeterminação de Timor-Leste devem prosseguir baseadas no reconhecimento de que as nossas elites são parcialmente responsáveis pelos infortúnios daquelas sociedades.

3. MAIO 1984 TRADUZIDO E ENVIADO PARA A TDM,
INSIDE INDONÉSIA MAIO 1984 JOHN WADDINGHAM

4. BISPO DE DÍLI CONDENA FRETILIN²

Sidney, 30/7/84, TDM) O administrador apostólico de Díli, Mons. Ximenes Belo, salesiano, nomeado em Maio último para substituir o vocalmente crítico bispo D. Martinho da Costa Lopes, condenou veementemente os métodos praticados pela Fretilin e pelas forças de ocupação

Indonésia sobre a população civil, mas declarou não considerar como comunistas os guerrilheiros da Fretilin, que apenas combatem pela autodeterminação do território. Citando a contribuição que semestralmente envia para apoio dos seus colegas de Timor, a informação que nos foi prestada por Pat Walsh, do comité australiano para auxílio económico ao estrangeiro (ACFOA) é deveras surpreendente pois jamais o padroado de Timor recebeu os 15 biliões de rupias que anualmente lhe são enviados (1 304 348 contos).

5. BISPO DE DÍLI APELA À AUSTRÁLIA³

Sidney 1/8/84, TDM) O administrador apostólico de Díli, Mons. Belo apelou ontem para a Austrália tentar convencer a Indonésia a iniciar conversações com a Fretilin evitando assim mais derrame de sangue entre o povo maubere.

Citando uma vez mais as prisões, os abusos de poder e as torturas arbitrárias, a que o povo de Timor está sujeito, Mons. Belo apelou para a criação de uma missão de estudo internacional com poderes para investigar as alegadas violações de direitos, mesmo que tal missão encontre as dificuldades e acusações habituais de interferência nos assuntos internos da Indonésia.

Citando casos recentes de execuções sumárias de membros da resistência, Mons. Belo referiria ainda casos de violações de direitos humanos, abusos de autoridade perpetrados pelas autoridades Indonésias, as quais se bem que tendo embarcado numa campanha maciça de

3 DESPACHO 11/84^a TDM 1/8/84

construção de estradas, escolas, e pontes apenas o faziam para proveito dos seus próprios fins e não para bem da comunidade maubere. Focando que todos vivem sob opressão, Mons. Belo garantiu o desejo autêntico de obter pelo menos mais autonomia. Ainda de acordo com as suas declarações, a Fretilin estava a perder apoio popular, fruto da sua campanha de intimidação sobre a população civil, que se fazia sentir sobretudo nas zonas de Ainaro, Baucau, Viqueque e Lospalos, restando-lhes apenas a preparação militar dos mais jovens.

Fontes militares alegam existirem cerca de 10 mil tropas regulares Indonésias para os cerca de 500 resistentes da Fretilin ainda activamente operacionais. Desde o passado mês que uma intensificação das acções militares na capital, Díli, pressupõe o início de uma nova campanha anti-guerrilhas. Lembremos a propósito que Mons. Belo havia já anteriormente pedido autorização às forças indonésias para tentar entabular diálogo com o comité central da Fretilin, no sentido de tentar obter acordo para a efectivação de conversações bilaterais, para a consecução de um cessar-fogo, a qual porém lhe foi negada. O MNE australiano Bill Hayden recusou-se a comentar sobre este pedido.

Entretanto foram dados a conhecer excertos das cartas enviadas pelo novo administrador apostólico de Díli, ao seu predecessor em Lisboa, e nas quais se faz eco da política continuada de julgamentos, torturas e abusos dos militares sobre os civis. Tais excertos serviram também de base a uma petição subscrita por 123 congressistas norte-americanos que fizeram incluir a discussão do assunto nas recentes conversações na ONU.

Mons. Belo escreve considerando indispensável para a obtenção da paz que sejam dadas oportunidades aos Timorenses de ocuparem cargos na administração civil, indústria e comércio, criticando ainda aqueles indonésios que originários de Java, Sumatra e Celebes que ocupam tais posições, os quais graças à sua religião muçulmana tentam apenas destruir o cristianismo e as religiões anímicas do povo maubere, construindo mesquitas num zelo fanático de promoção islâmica.

A terminar as suas declarações, numa conferência de bispos católicos realizada em Jacarta, Mons. Belo afirmou-se pronto a proclamar bem alto a realidade da vida em Timor mesmo que isso implicasse a sua deposição.

6. INSIDE INDONESIA OUTUBRO 1984 TRADUZIDO E ENVIADO PARA A TDM

CAPÍTULO 2: 1985

1. JACARTA ADOPTA UMA LINHA MAIS SUAVE MAS A FRETILIN NÃO DESAPARECE ⁴

Díli, Julho 19, 1985 (6^a feira The Australian): No Cemitério dos Heróis, num canto sossegado da antiga capital de Timor Português, novas fileiras de lápides simples e brancas são a prova que a guerrilha que já dura há dez anos ainda não acabou. Para a maioria dos timorenses a vida registou algumas melhorias económicas sob a ocupação Indonésia. No interior vive-se mais ou menos pacificamente e o número de detidos políticos reduziu-se drasticamente.

Passaram-se dez anos desde que Portugal abandonou esta empobrecida colónia em pleno auge dum conflito civil. A subsequente invasão brutal da Indonésia trouxe a atenção do mundo sobre este canto remoto do Pacífico Ocidental e a condenação internacional do regime de Jacarta.

Hoje, as mortes violentas fazem ainda parte do quotidiano nas colinas inférteis de Timor-Leste. Os mortos são vítimas dum conflito que mesmo os apoiantes da guerrilha admitem não poder ganhar, mas para o qual o exército indonésio não teve solução para lhe pôr termo. Pelo menos 100 e talvez até 200 pessoas morreram nos primeiros seis meses de 1985 de acordo com informações

4 THE AUSTRALIAN, MARK CHIPPERFIELD, OUTUBRO 16, 1985 TRADUZIDO PELO AUTOR PARA A TDM E LUSA

compiladas através da Igreja, governo, e relatórios independentes de jornalistas ocidentais que passaram cinco dias este mês em Timor-Leste. Os seus relatos sugerem, porém, que o padrão de violência possa ter mudado neste último ano. As batalhas renhidas são menos frequentes e as emboscadas dos guerrilheiros e ataques nocturnos em aldeias indefesas, frequentemente para roubar comida e animais, são responsáveis por muitas vítimas.

A guerrilha é conduzida pela Frente Revolucionária de Timor-Leste, conhecida pelo seu acrónimo Português, FRETILIN, e deverá ter entre 500 e 1 000 guerrilheiros apoiados por cerca de dois mil familiares nas montanhas das regiões central e leste da província. Relatos de acontecimentos recentes revelam que uma variedade de factores étnicos, religiosos e económicos estão envolvidos criando uma situação bem mais complicada que uma normal confrontação entre Jacarta e os separatistas.

Timor-Leste, como 27^a província indonésia é um posto avançado do cristianismo numa sociedade constitucionalmente secular, mas de esmagadora maioria muçulmana. As mesquitas construídas para servirem as tropas e a administração indonésia começam a encher a paisagem, e o número de crentes aumenta nas igrejas Católicas Romanas.

Ao mesmo tempo, a igreja perdeu a influência que tinha quando Portugal deixou o território com grande parte da administração a cargo das entidades eclesiásticas. Os serviços públicos agora são escritórios da administração indonésia. Alguns padres vocalmente críticos de Jacarta retratam-se simultaneamente como defensores da fé e da

cultura timorenses. Familiares dos guerrilheiros alegam que as guerrilhas recebem apoio não só por lealdade à família mas porque eles simbolizam Timor.

Ao reconhecer estas preocupações, Jacarta tem enviado administradores de minorias cristãs doutras regiões para o território. Os timorenses e padres estrangeiros alegam que a Indonésia está a colocar fundamentalistas islâmicos que tentam obter conversões para a sua fé.

Timor-Leste com uma população de meio milhão de pessoas está normalmente fechado ao exterior, à excepção de delegações de diplomatas, ocasionais visitas de políticos estrangeiros, e representantes de organizações de ajuda, mas recentes visitantes garantem que existe um progresso visível com uma melhoria das condições de vida da população civil, em áreas como a saúde, educação e a agricultura.

Os dados indonésios mostram que a Indonésia gasta mais em Timor-Leste do que em qualquer outra província à excepção de Java. Aqueles dados mostram que o alfabetismo subiu de 8 para 60 por cento. Em 1976, havia 47 escolas primárias, existindo agora 427. Cada aldeia tem um paramédico, Díli tem um centro médico que anteriores residentes em Jacarta alegam ser dos melhores equipados do país.

As tropas Indonésias que anexaram Timor-Leste há 10 anos eram muitas vezes brutais e repressivas, segundo admitem representantes da administração Indonésia. As tropas foram responsáveis pela morte de milhares de pessoas em acções militares ou fruto das marchas forçadas para realojar à força civis, longe das suas

aldeias e campos agrícolas em áreas infestadas de guerrilheiros.

A Indonésia que detém a soberania sobre a metade ocidental da ilha desde 1945 invadiu Timor-Leste em Dezembro 1975, após uma declaração unilateral de independência por parte da FRETILIN no mês anterior. Esta, seguiu-se a meses de guerra civil em que as forças da direita e esquerda, e seus partidos políticos lutavam para preencherem o vácuo deixado pela retirada portuguesa fruto da revolução de 1974 em Lisboa.

Quando o território foi formalmente anexado em Julho 1976, a Fretilin retirou-se para as montanhas para daí continuar a luta. A conduta da Indonésia durante a anexação atraiu a atenção de grupos de defesa dos direitos humanos em todo o mundo. As suas campanhas serviram para embaraçar o governo de Suharto, segundo afirmam diplomatas, provocando mudanças na administração civil e militar. O banditismo e aquilo que os indonésios definem como uma espécie de vingança são apresentados como razões para explicar a continuação da mortandade.

O governador [Mário] Carrascalão afirmou ter posto de parte negociações formais com os guerrilheiros porque descobriu que eles haviam planeado, em Julho 1993, tomá-lo como refém durante uma das sessões de negociações efectuadas em território rebelde. Actualmente, afirma que nunca mais se irá avistar com os líderes rebeldes como chefes dum exército revolucionário, *“mas apenas como um Timorenses com outros Timorenses”*.

Carrascalão diz já ter afirmado aos rebeldes que “não há necessidade para vencedores e vencidos. Uma pessoa vai e junta-se ao povo – disse – porque somos todos timorenses.”

2. BALIBÓ DEZ ANOS DEPOIS ⁵

2.1. OS RUMORES QUE SE RECUSAM A MORRER

Sidney, Outubro 16, 1985, SMH) Faz hoje dez anos que cinco jornalistas australianos foram mortos em Timor-Leste. Existem questões em relação às suas mortes que nem a Indonésia nem sucessivos governos australianos souberam responder. Malcolm Rennie, Brian Peters, Greg Shackleton, Gary Cunningham e Tony Stewart não foram os primeiros jornalistas australianos a morrerem numa zona de combate nem serão os últimos.

Nos últimos dez anos, desde que repórteres televisivos e operadores de câmara morreram num ataque à vila timorense de Balibó, mais meia dúzia deles morreu, sendo o mais recente o veterano cameraman Neil Davis em Setembro [1985] em Bangucoque. Mas, a morte daqueles cinco causou uma série de alegações sem precedente, contra alegações e rumores, que se recusam a desaparecer.

Embora a Indonésia tenha consistentemente negado qualquer responsabilidade nas mortes de Balibó, alegando que as mesmas ocorreram durante a luta que opunha forças pró-indonésias da UDT e forças nacionalistas da

⁵ MARK CHIPPERFIELD, SYDNEY MORNING HERALD 16 OUTUBRO 1985. TRADUÇÃO DO AUTOR PARA A TDM E LUSA

Fretilin, relatos de testemunhas obtidas através de refugiados e de fugas de documentos secretos norte-americanos alegam que eles foram mortos por forças do exército regular indonésio.

Os cinco estavam abrigados numa casa em cujas paredes tinham desenhado um mapa australiano e a palavra “*Austrália*”. Durante o ataque tentaram render-se aos indonésios, mas em vez disso, foram executados. Pelo menos um deles foi abatido com rajadas de metralhadora ao tentar escapar para o mato. Nestes dez anos, houve inúmeros pedidos de membros do Parlamento, da AJA6 e de familiares das vítimas para um inquérito oficial australiano, que sempre foi recusado. Para a comunicação social, a investigação dos acontecimentos de Balibó quase se tornou numa obsessão. Havia especulação sobre se os indonésios haviam escolhido atacar Balibó e matar os jornalistas para suprimir detalhes da sua escalada de envolvimento em Timor-Leste.

O tom simpático dos artigos de jornal que inicialmente surgiram, depressa deram lugar a sugestões de que os jornalistas haviam arriscado a vida deliberadamente e se haviam tornado simpatizantes da Fretilin. As televisões foram acusadas de imprudência com vista a obterem uma boa caixa. A questão de como um governo responsável devia proteger os repórteres numa zona de guerra também foi questionada.

2.2. ASSASSÍNIO A SANGUE FRIO

Para além da questão fulcral sobre se os jornalistas foram assassinados existem outras questões:

ESTARIAM bem informados antes de partirem para Balibó?

ESTARIAM conscientes da concentração maciça de tropas Indonésias em Timor Ocidental?

DEVERIAM ter sido enviados para lá?

Gerald Stone era o director de informação do Canal 9 à data e o principal responsável por ter enviado os operadores de câmara Brian Peters e Malcolm Rennie para Timor-Leste. Ainda hoje não está convencido de que algo pudesse ter sido feito para evitar Balibó e garante que o seu pessoal estava devidamente informado. Existem ainda duas questões que o afligem:

SE as duas equipas de filmagem (uma do Canal 9 em Sidney, a outra do Canal 7 em Melbourne), operando em conjunto e competitivamente talvez não se tenham pressionado uma à outra para ficarem mais tempo do que seria aconselhável.

SE a amizade inicial dos timorenses não terá encorajado as equipas de filmagem a “*passarem das linhas*” e tentarem obter a mesma espécie de resposta por parte da UDT que tinham tido por parte da FRETILIN?

Para Shirley Shackleton, viúva do repórter do Canal 7, Greg Shackleton, a culpa de Balibó é inteiramente da responsabilidade do exército indonésio. Afirma já não odiar a Indonésia mas a sua raiva é dirigida a vários departamentos [ministérios] australianos que, acredita, terem deliberadamente ocultado os factos sobre Balibó.

Crê que os cinco jornalistas morreram apenas por serem jornalistas. Eles eram testemunhas dum acontecimento que os governos da Austrália e da Indonésia asseguravam

ao mundo não estar a acontecer – a intervenção armada em Timor-Leste. O filme, parte do qual chegou à Austrália destrói essa ficção que eventualmente permitiria à Indonésia ocupar Timor-Leste sem a intervenção da ONU.

A Senhora Shackleton concorda que o medo de serem *"batidos"* por uma reportagem do outro canal, pode ter levado as duas equipas de filmagem a ficarem em Balibó depois de todos os outros terem partido, mas diz serem estúpidas as sugestões de que negligência poderá ter contribuído para as suas mortes. Duma forma mais simples, afirma, não existe protecção contra o *"assassinato a sangue frio"*, que ela crê ter ocorrido.

3. 16 OUTUBRO 1985 THE AUSTRALIAN

4. SMH 05 DEZEMBRO 1985

5. SMH 11 DEZEMBRO 1985 AFP

6. CARRASCALÃO DIZ QUE OS TIMORENSES ESTÃO DOENTES

Sidney 12 Dezembro 1985, TDM) João Carrascalão da UDT e presidente da Associação Timorense de Nova Gales do Sul queixava-se hoje da diminuta importância da comunidade timorense que não lhe tem permitido beneficiar de fundos governamentais australianos, nomeadamente para a obtenção duma Assistente Social.

A importância de preencher esta vaga é enorme dada a frequência de doenças do foro mental na comunidade, com uma origem rural havendo muitos deles que nunca tinham visto um avião antes de virem para a Austrália.

Depois chegam a uma cidade do tamanho de Sidney e é lógico que surjam problemas.

De cerca de 6500 timorenses, 1800 dos que residem em Nova Gales do Sul são de origem étnica chinesa estando mais identificados com a comunidade chinesa local do que com a timorense. Destes, há os que se identificam linguisticamente com o Português e os que falam Tétum.

Carrascalão acrescentou que ainda se notam as clivagens políticas surgidas após a retirada dos portugueses. Antes dos Portugueses saírem a sociedade era muito conservadora, e a UDT pretendia uma independência faseada em 10 ou 15 anos. Aqui na Austrália, a Fretilin é muito vocal e obtém bastante suporte das organizações de esquerda. Nós somos uma associação sem política que aceita qualquer pessoa, mas há muita gente hostil à Fretilin pois muitas famílias perderam membros de família com os excessos da Fretilin durante a guerra civil.

7. SMH 14 DEZEMBRO 1985

8. ILLAWARRA MERCURY

CAPÍTULO 3: 1986

1. FÉRIAS EM TIMOR 7

SIDNEY 26/1/86, TDM) Aos 64 anos de idade, a ideia de férias não é normalmente associada a guerrilheiros e peregrinações a territórios hostis recheados de guerrilheiros. Mas foi isto o que empreendeu a senhora Yvonne Helberg, de Launceston, na Tasmânia, que acompanhada da sua bengala rumou até ao Cupão [Kupang], capital de Timor Ocidental, a fim de comemorar o décimo aniversário da morte de cinco jornalistas australianos que se supõe terem sido abatidos pelas forças invasoras indonésias, antes da invasão final da ex-colónia portuguesa.

Chegada a Atambua, a Sr.^a Helberg mandou rezar uma missa pelos jornalistas e fez colocar uma lápide comemorativa da sua morte, na vizinha povoação de Balibó. Embora o governo de Jacarta continue a negar qualquer responsabilidade pela morte daqueles jornalistas, testemunhos vários reiteram que eles foram abatidos por forças pró-indonésias.

A Sr.^a Helberg enquanto esteve em Timor tentou honrar a memória dos inúmeros soldados australianos que ali lutaram durante a 2^a Grande Guerra, tendo estabelecido contacto com vários chefes tribais, régulos e chefes de suco, que lhe disseram que os australianos haviam

tratado os timorenses como seres humanos, ao passo que os japoneses os tratavam como animais ou macacos.

No seu regresso de Timor, aquela veterana viajante, afirmou que havia um paralelo entre as forças australianas na guerra e os mauberes actuais. Os australianos esperavam reforços e lutaram até ao fim das suas munições, sendo alguns capturados e enviados para a construção do caminho-de-ferro de Burma⁸, mas uma parte resistiu aos japoneses mantendo uma força de guerrilha apoiada pela população local, estabelecendo contacto via rádio com a Austrália, e resistindo até à derrota nipónica.

Os timorenses hoje resistem aos indonésios sob a forma de guerrilhas, estabelecendo ocasionalmente contacto com a Austrália via rádio e aguardam serem capazes de derrotarem os invasores. Um porta-voz da República Indonésia neste país [Austrália] recusou-se a fazer qualquer comentário sobre a visita da Sr.^a Helberg.

Simultaneamente em Lisboa, era aguardada a chegada dos primeiros 31 timorenses repatriados como funcionários do governo colonial português, que até esta data haviam sido obrigados a permanecer em Timor.

2. O AUTOR PASSA A ENVIAR MATERIAL PARA AGÊNCIA NOTICIOSA PORTUGUESA ANOP (FUTURA LUSA)

3. NOTÍCIA ENVIADA PARA A TDM (RÁDIO MACAU)

⁸ BIRMÂNIA, ACTUALMENTE MYANMAR₃₃

4. NOTÍCIA USADA NO JORNAL TIMORENSE RAI DOBEN (NSW) ANO 2, Nº 1 MARÇO 86

5. NOTÍCIAS ENVIADAS PARA A TDM DO NORTHERN TERRITORY DIGEST JUNE 1986

6. NOTÍCIAS ENVIADAS PARA A TDM – DO JORNAL RAIDOBEN

7. NOTÍCIAS ENVIADAS PARA A TDM - DO JORNAL RAIDOBEN

8. CAVACO RESPONDE AOS PARLAMENTARES 9

Sidney 14/6/86, TDM) Uma carta de Cavaco e Silva enviada a um grupo de 33 parlamentares australianos, em resposta a um pedido de esclarecimento sobre a actual posição de Portugal face a Timor-Leste, ameaça reabrir a discussão do problema, durante o próximo congresso bienal trabalhista, que terá lugar no próximo mês em Hobart, na Tasmânia.

Com efeito, Cavaco e Silva critica a posição de Bob Hawke, como sendo um empecilho para a resolução do problema de Timor-Leste e dá força àquele grupo parlamentar, conhecido como o “Fórum de Timor” para rejeitar a política de Hawke face à Indonésia.

Hawke declarara em Agosto passado que a Austrália havia reconhecido a soberania Indonésia sobre Timor-Leste em 1979, e que isso não afectara o governo

português para prosseguir nas suas diligências para encontrar uma solução para Timor.

No último congresso trabalhista, a plataforma de entendimento em relação a Timor não mencionava já o direito à autodeterminação e independência do povo maubere. Espera-se que o gabinete trabalhista se oponha a qualquer alteração, tanto mais que hoje mesmo a Indonésia anunciou o recomeço das conversações bilaterais para a resolução da fronteira marítima no mar de Timor, em disputa pelas duas nações, as quais haviam sido suspensas em Maio devido à crise bilateral entre os dois países.

9. CONGRESSO TRABALHISTA 10

Sidney 14/6/86, TDM) O partido trabalhista australiano poderá endurecer a sua posição face à Indonésia e a Timor-Leste, no decurso do congresso do partido, que se inicia esta semana em Hobart, na Tasmânia. O influente Comité Parlamentar dos Assuntos Estrangeiros e Defesa, aprovou esta semana uma proposta de moção, segundo a qual, embora admita que a Austrália tenha desde 1979 aceite a integração *de jure* de Timor na Indonésia, manifesta a sua preocupação pela forma como tal ocorreu, sem que tivesse ido dada a possibilidade de o povo de Timor optar pela autodeterminação, sob a supervisão de autoridades internacionais.

Por outro lado, o grupo de parlamentares, denominado como o “Fórum de Timor” havia em tempos endereçado uma carta ao primeiro-ministro português, Prof. Cavaco e

Silva, solicitando o esclarecimento da posição de Lisboa face a Timor. Há cerca de um mês atrás a resposta foi recebida e nela o chefe do governo português, agradecia as diligências daqueles trabalhistas para a resolução do problema e criticava duramente a política de apaziguamento do governo de Bob Hawke.

Aquele grupo de parlamentares ao qual se juntaram personalidades bem conhecidas da cena política australiana, preparou igualmente uma moção para o congresso trabalhista, no qual preconiza a resolução do problema de Timor através de meios políticos, e critica o governo de Bob Hawke por ser tão acomodaticio, na manifesta intenção de salvaguardar os interesses australianos na exploração das vastas jazidas de petróleo e gás natural no mar de Timor.

Uma vez mais os órgãos de comunicação social australiana boicotaram esta notícia.

O Conselho Nacional das Comunidades Timorenses na Austrália deverá enviar esta semana um telegrama ao P.R. e ao chefe de estado português relativo à situação naquela ex-colónia.

10. ENTREVISTA A CARRASCALÃO 11

Sidney 30/6/86, TDM) Naquilo que parece ser uma nova ofensiva da propaganda política indonésia, foi hoje revelado o teor de uma entrevista do governador de Timor, Mário Carrascalão, no qual este afirma que *“graças à Indonésia, Timor tem hoje um rendimento per capita*

quatro vezes superior ao que havia no tempo dos portugueses, e que a taxa de alfabetização é quase de 100%, existindo mais de 500 escolas primárias, 74 liceus e uma Universidade a inaugurar antes do fim do ano.”

Referindo-se à taxa de crescimento do PIB, Carrascalão afirmou em Díli, que ela “foi de 8% em 1985, quando o resto da Indonésia teve apenas 2,3%, e que a cultura do café com uma produção anual de mais de oito mil toneladas anuais de café de primeira classe, é superior a qualquer outra era da história de Timor, estando a ser introduzidas em regime intensivo as culturas do cacau, cravinho e baunilha, as quais deverão proporcionar as divisas suficientes para a auto-suficiência do território”. No tocante à Fretilin, Carrascalão afirmou que “*não tem peso algum para o futuro da ex-colônia portuguesa, e lamentou que os timorenses devido à sua falta de cultura e educação não tenham ainda aceite a política de planeamento familiar introduzida pela Indonésia, para reduzir uma das mais altas taxas de natalidade do mundo.*”

Ágio Pereira Alves, representante da Fretilin em Darwin não teceu comentários limitando-se a considerar esta entrevista um mero exercício de propaganda.

11. 30 JUNHO 1986, SYDNEY MORNING HERALD

12. NOTÍCIAS ENVIADAS PARA A TDM, JORNAL RAIDOBEN

13. SMH 12 JULHO 12 - 17 - 19 JULHO 1986

14. BISPO CONTRA PANCASILA 12

Sidney 26/7/86, TDM) De acordo com notícias hoje chegadas à Austrália, o bispo de Díli, Mons. Carlos Belo ordenou a todos os membros do clero timorense que boicotem totalmente o ensino da Pancasila, a ideologia oficial Indonésia, composta por cinco princípios: *fé, justiça, unidade nacional, democracia e humanitarismo*. Na origem do boicote estaria o brutal espancamento, de que teria sido vítima o pároco de Lospalos e Lautém, na costa leste, no passado dia 27 de Junho. O padre missionário salesiano, Walter van Houwe, teria sido espancado por membros do corpo de elite do exército invasor indonésio, estacionado em Timor.

A mensagem do bispo de Díli foi enviada ao comandante em chefe do exército indonésio e ao embaixador do Vaticano em Jacarta, e nela, Mons. Belo condena veementemente os actos de violência perpetrados por membros do exército de ocupação, em especial os ocorridos durante a prisão de centenas de timorenses, a fim de evitar que se manifestassem contra as celebrações de 15 de Julho, comemorativas do décimo aniversário da integração de Timor, como 27^a província indonésia.

Segundo pudemos apurar teria estado presente nessas comemorações, o cônsul honorário de Portugal em Darwin, Costa Alves, filho do industrial de hotelaria do mesmo nome, que se radicou em Díli na década de 60. Não foi porém possível obter confirmação sobre se a visita de Costa Alves teria revestido aspectos oficiais ou meramente privados. O Conselho Nacional das

Comunidades Timorenses na Austrália deverá enviar esta semana um telegrama ao P.R. e ao chefe de estado português relativo à situação naquela ex-colónia.

15. AGOSTO 1986 NOTÍCIAS ENVIADAS PARA A TDM, PUBLICADAS EM RAI DOBEN

16. COSTA ALVES EM TIMOR 13

Sidney 29/7/86, TDM) Tal como noticiáramos há dias, encontra-se de facto em Timor-Leste, o cônsul honorário de Portugal em Darwin. Costa Alves partiu no passado dia 13 e esteve, conjuntamente com representantes do corpo diplomático de Marrocos, Coreia, Jugoslávia e outros países, nas celebrações do décimo aniversário da integração de Timor, como 27^a província Indonésia.

A visita é de carácter particular e relaciona-se com o estabelecimento comercial de Costa Alves em Díli, cidade onde cresceu e viveu vários anos. A deslocação que apanhou de surpresa os meios diplomáticos portugueses neste país, não foi previamente sancionada nem dela houve conhecimento prévio. Apesar do seu carácter privado, não podemos porém esquecer que para a Indonésia se terá tratado até certo ponto da legitimação da anexação, por um representante oficial de Portugal na Austrália, e pode causar problemas face às iniciativas diplomáticas actualmente em curso, por parte de Portugal. Desconhece-se a duração da visita e se Costa Alves irá permanecer como cônsul português no Território Norte da Austrália, após o seu regresso.

17. SYDNEY MORNING HERALD 8 AGOSTO 1986

18. NOTICIA TDM TRANSCRITA EM O PORTUGUÊS, SIDNEY, AGOSTO 1986

19. INDONÉSIA VAI LIBERTAR DETIDOS ¹⁴

Sidney 10/9/86, TDM) Segundo notícias provenientes de Timor, a Indonésia estaria prestes a libertar os 858 detidos que ainda se encontram na ilha de Ataúro, e que de acordo com a Amnistia Internacional são prisioneiros políticos detidos sem culpa formada e sem julgamento.

Aqueles timorenses que em 1981 totalizavam 5 732 viviam em condições sanitárias e humanas deploráveis. De acordo com o governador Mário Carrascalão, no primeiro ano, 176 morreram de doença e fome. A situação, de acordo com observadores internacionais, melhorou com a intervenção da CVI, que ali mantém permanentemente uma enfermeira e um centro de saúde. Fontes diplomáticas em Jacarta mostraram-se cépticas relativamente à notícia, já anteriormente anunciada várias vezes.

Carrascalão, afirma que “a ilha dispõe agora de 5 escolas, e dum centro do ciclo preparatório, dispondo apenas de 16 soldados indonésios e 10 polícias timorenses, vivendo os detidos em dormitórios de madeira, ou nas tradicionais palapas de colmo, tendo inclusive havido 160 que quando foram libertados preferiram radicar-se na ilha, em vez de voltarem ao futuro incerto das suas aldeias de origem”.

O governador acrescentou que “recentemente foram julgados vários detidos na prisão da Comarca em Díli, a maioria dos quais foi libertada, existindo apenas 110 detidos em Díli. Todo este processo resulta de a Indonésia considerar de momento, que a ameaça da Fretilin, em termos militares e políticos está afastada, e que a população de uma forma geral está sob o controlo das forças indonésias.”

20. ENVIADO PARA A TDM E PUBLICADO EM RAI
DOBEN, SETº 1986

21. DETENÇÕES DE TIMORENSES 15

Sidney 20/9/86, TDM) Foi hoje anunciada em Darwin, a detenção esta semana de João Freitas da Câmara e de Francisco Fernandes Carvalho, naturais de Timor, e estudantes da universidade católica de Jacarta. Aqueles estudantes são acusados de pertencerem à Fretilin e foram detidos pela polícia secreta Indonésia.

Segundo fontes próximas da igreja católica timorense, esta detenção está na sequência do assalto em 23 de Julho passado à igreja de Atsabe, e durante o qual tropas Indonésias aprisionaram seis fiéis. Aqueles, que ainda se encontram detidos têm sido objecto de várias tentativas de libertação, por parte do bispo de Díli, Mons. Belo, e sabe-se terem laços familiares com os estudantes agora detidos.

Soube-se também que elementos indonésios andam nas últimas semanas a distribuir panfletos de propaganda da

Fretilin, para subsequentemente prenderem os timorenses que os aceitam.

Isto parece ser uma nova iniciativa indonésia para erradicar totalmente os simpatizantes daquele movimento, e teria provocado, de acordo com as mesmas fontes, o desaparecimento de dezenas de timorenses nas últimas semanas.

22. NT NEWS 07 OUTUBRO86

23. NT NEWS 08 OUTUBRO 1986

24. ENVIADO PARA A TDM E PUBLICADO EM RAI
DOBEN OUTº 86

25. PARLAMENTARES AUSTRALIANOS E TIMOR ¹⁶

Sidney 12/10/86, TDM) O deputado trabalhista Robert Tickner, liderando um grupo parlamentar bipartidário solicitou autorização ao governo de Jacarta para oficialmente visitar Timor-Leste, a fim de se inteirar de violações aos direitos humanos que teriam ocorrido recentemente na ex-colônia portuguesa. Este pedido vem na sequência de notícias anteriormente divulgadas da prisão de elementos estudantis timorenses em Jacarta, e do intensificar da campanha anti-Fretilin, desenvolvida pelas autoridades Indonésias.

A Amnistia Internacional alegava há duas semanas, em comunicado divulgado de Londres, que a prisão dos estudantes Antonino Gonçalves, 34 anos, João Câmara e

Francisco Carvalho e a sua detenção na prisão de segurança máxima da praça Minggu, sede da Intel Bakkim, serviços secretos indonésios, violava os direitos humanos dado não terem sido até à data reveladas quaisquer razões para a sua detenção.

A situação é ainda mais grave se levarmos em consideração que 9 detidos por suspeita de estarem envolvidos na revolta comunista de 1967 foram sumariamente executados em 30 de Setembro passado. O acto, que mereceu de imediato um protesto das entidades diplomáticas acreditadas em Jacarta, foi esta semana violentamente criticado pela CEE.

De acordo com algumas fontes existe o perigo de idêntico fim esperar os cerca de 43 detidos de origem timorense que se encontram ainda nos calabouços da INTEL/BAKKIM.

26. LIBERTADOS ESTUDANTES ¹⁷

Sidney 14/10/86, TDM) De acordo com informações ora recebidas de Darwin, foram libertados no passado sábado, os 3 estudantes timorenses que se encontravam detidos, desde há um mês, pela polícia secreta Indonésia em Jacarta. Antonino Gonçalves, 34 anos de idade, ex-sargento do exército português, e finalista de direito na universidade católica de Jacarta, havia sido detido em 3 de Setembro na sequência de uma denúncia.

Em 24 Agosto, o exército regular indonésio havia penetrado na igreja de Atsabe e prendera seis fiéis

católicos que ali oravam. De acordo com fontes afectas à Fretilin, cinco estudantes foram então denunciados na sequência desse assalto, e os quais se encontravam em Jacarta desde 1981 a estudar na universidade católica.

Os outros detidos são João Freitas da Câmara, finalista de direito e Francisco Fernandes Carvalho, finalista de engenharia electrónica, e os quais haviam sido presos em 16 e 17 de Setembro, respectivamente.

Os outros dois estudantes detidos estavam em Díli, sabendo apenas tratar-se de Domingos Sarmiento e Germano da Silva. Uma intensa campanha para a sua libertação, coordenada pela Amnistia Internacional em Londres veio finalmente a surtir efeito no passado sábado pelo meio-dia, altura em que foram autorizados a deixar a prisão de Cipinang, na praça Minggu, sede da polícia secreta militar Indonésia INTEL/BAKKIM.

Naquela prisão segundo pudemos apurar, encontram-se ainda detidos pelo menos 42 outros detidos, sobre os quais se sabe apenas a identidade, idade e tempo de pena a que foram condenados por serem alegadamente simpatizantes da Fretilin.

Numa altura em que a linha dura militar parece ter maior poder dentro do autocrático regime indonésio, tendo mandado executar nove presos políticos acusados de tentarem instaurar um regime comunista em 1967, esta libertação dos estudantes timorenses pode conduzir a diversas especulações, sabendo-se bem como a Indonésia não é facilmente pressionável pela opinião pública mundial.

27. ESTUDANTES PEDEM ASILO ¹⁸

SIDNEY, Sidney 20/10/86, TDM) Hoje pelas 11 da manhã em Jacarta, quatro estudantes timorenses da universidade católica “Katholic Atjamaya” pediram asilo político na embaixada holandesa por temerem sobre o seu futuro. Dois desses estudantes haviam sido detidos em Setembro pela polícia secreta Indonésia, havendo sido libertados no passado dia 11.

A notícia proveniente de Jacarta não pode ser confirmada até ao momento, mas de acordo com fontes fidedignas em Darwin, no Território Norte da Austrália, foi possível obter a identidade dos estudantes.

Trata-se de Antonino Gonçalves de 34 anos, ex-sargento do exército português e finalista de direito, que havia sido detido na prisão de Cipinang na praça Minggu, em Jacarta, sede da INTEL BAKKIM, de 3 Setembro a 11 de Outubro. Os outros são: João Freitas da Câmara, natural do Suai, 33 anos e finalista de direito detido a 17 de Setembro; Abílio Sereno de 33 anos, finalista de economia e, Fernando Soares de 29 anos finalista de engenharia civil.

A embaixada holandesa que é responsável por todos os assuntos referentes a Portugal na Indonésia terá em circunstâncias normais de informar o MNE português da presença dos estudantes em território diplomático neutral e, solicitar a posição de Lisboa relativamente ao caso.

Soube-se também que é provável que nem todos aqueles estudantes queiram ir para Portugal, dado terem família radicada na Austrália. Dois outros estudantes cuja detenção havia sido anunciada em Setembro e que se encontravam em Díli, Germano da Silva e Domingos Sarmiento, estão isolados de suas famílias, suspeitando-se de que estejam na prisão da Comarca em Díli.

28 SMH 23 OUTUBRO 1986

29. DIREITOS HUMANOS NA INDONÉSIA ¹⁹

Sidney 22/10/86, TDM) Com novas alegações da Amnistia Internacional relativas a torturas, detenções arbitrárias e outras violações dos direitos do homem em Timor hoje divulgadas, parece que poucas esperanças restam para Robert Tickner poder visitar Timor-Leste. Aquele líder parlamentar da comissão dos direitos humanos australiana, havia solicitado juntamente com lorde Avery do PSD britânico autorização ao governo de Jacarta para uma visita de estudo da situação em Timor-Leste.

Por outro lado, o presidente Suharto anunciou hoje oficialmente a sua candidatura a um quinto mandato depois de 1988, mas defronta-se com uma grave crise interna, depois da recente desvalorização da rupia em 31%. A linha dura militar tem aumentado a sua base de apoio não se coibindo de frontalmente atacar a Austrália, sempre que pode, e impondo uma censura ainda mais pesada aos já severamente reprimidos meios de comunicação social.

19 DESPACHO 58/86 TDM 22/10/86

Para além da suspensão por tempo indeterminado na passada semana, do jornal diário "Sinar Harapan" por ter focado a crise económica do regime de Suharto, o director de orientação jornalística do Ministério da Informação emitiu ontem um severo aviso a cinco outros diários, que especulavam com a situação económica, deteriorada dia após dia, pela baixa do preço do petróleo que representa 70% da entrada de divisas.

Ontem também uma tentativa de acordo comercial entre a Indonésia e os países da ASEAN e da CEE (boicotada por Portugal, devido ao problema de Timor-Leste) veio causar mais dúvidas quanto ao futuro do regime. Se bem que seja cedo para se pensar na eventualidade de um golpe de estado, é provável que a constante deterioração do regime de Jacarta venha a implicar uma séria modificação das forças no poder num futuro próximo.

30. RECUSADO ASILO POLÍTICO ²⁰

Sidney 24/10/86, TDM) Os 4 estudantes timorenses que haviam solicitado asilo político à embaixada holandesa em Jacarta, na passada segunda-feira, viram ontem recusado tal pedido, e foram enviados para a universidade católica de Atjamaya que frequentavam.

O ministro dos negócios estrangeiros holandês, Hans van der Broeck teve uma reunião com o seu homólogo Dr. Mochtar em Jacarta, e no final foi tornado público que — citamos — *“aqueles estudantes não seriam objecto de*

juízo podendo regressar aos seus estudos” [fim de citação.]

Um porta-voz da embaixada acrescentou que se manterá em contacto com os estudantes, até processar a emissão de passaportes portugueses para os mesmos. Recorde-se que a missão diplomática holandesa é responsável pelos assuntos diplomáticos portugueses, desde que Portugal e Indonésia cortaram relações diplomáticas em 1976.

Os estudantes foram ameaçados pela embaixada de chamar a polícia Indonésia para os desalojar, saindo com a promessa de que não seriam nem perseguidos nem processados pela Indonésia, pelo próprio ministro dos estrangeiros Dr. Mochtar Kusumaatmaja e pelo seu homólogo holandês Hans van der Broeck, que na altura se encontrava em visita oficial à Indonésia. Posteriormente apurou-se que aqueles quatro estudantes se encontravam na residência de Guilherme Gonçalves, deputado parlamentar de Timor-Leste em Jacarta. Os estudantes deixaram a embaixada escoltados pelo reitor da universidade católica.

Um porta-voz da Fretilin na Austrália mostrou-se imensamente desiludido com a atitude holandesa de recusar refúgio político aos estudantes. Para Ágio Pereira, da Fretilin, os estudantes poderão ser vítimas de severa repressão, não obstante as promessas do Dr. Mochtar. Círculos políticos e diplomáticos crêem que a decisão de não conceder asilo se deve a pressões Indonésias, ameaçando não continuar com as negociações com Portugal, e suspender a autorização de saída a refugiados timorenses, caso a Holanda viesse a autorizar a concessão de asilo político.

Um facto que suscita incredulidade porem é o de durante os 3 dias em que estiveram refugiados na embaixada não terem sido emitidos passaportes àqueles estudantes, tendo-se optado por deixá-los sair sem eles. A embaixada dispõe de centenas de passaportes para emitir para os timorenses que são autorizados a deixar a Indonésia.

No dia seguinte uma delegação da segurança militar Indonésia ter-se-ia avistado com o reitor da universidade católica Atjamaya, Prof. Gerhard Bonang, para este exercer represálias sobre os estudantes, caso estes insistissem em deixar o país. O reitor porém manteve-se firme, escudando-se na garantia escrita pelo MNE, Dr. Mochtar de que aqueles estudantes não seriam alvo de nenhum procedimento judicial ou criminal.

Parece no entanto que a ala dura militar cujo poder tem sido ascendente na luta pela sucessão de Suharto, prevalece sobre forças moderadas como as do Dr. Mochtar. Assim, aqueles estudantes poderiam ver a sua saída comprometida por uma luta intestina do autocrático regime indonésio.

31. APELO AO GOVERNO DE LISBOA ²¹

29 Outubro 1986) O comité australiano para a ajuda económica ao estrangeiro – ACFOA – enviou hoje um telex ao P.R. português solicitando a pronta emissão de passaportes para os quatro estudantes timorenses que haviam pedido asilo na embaixada holandesa na passada semana, declarando, [citamos]

"Extremamente preocupados com a segurança dos estudantes, desde que deixaram a protecção diplomática holandesa. Lembremos que os estudantes foram obrigados a abandonar a embaixada sob protesto, já que o embaixador ameaçou solicitar auxílio policial indonésio para os desalojar. Os estudantes contrariamente ao que foi anunciado, não regressaram à universidade católica que frequentavam, mas encontram-se na casa de um deputado timorense" [fim de citação.]

O telex solicita ainda ao governo português que obtenha do governo holandês garantia de que se responsabilizará pelos estudantes até que estes deixem sãos e salvos a Indonésia, e urge o governo de Lisboa a agir rapidamente. Esta petição foi subscrita por 70 ONG's (organismos não governamentais) australianos de auxílio ao exterior. Contactada há poucas horas, a delegação diplomática holandesa afirmou que o problema se encontrava resolvido e que haviam recebido garantias do governo de Jacarta, relativamente à segurança daqueles estudantes.

Recorde-se que dois deles estiveram detidos desde Setembro na prisão dos serviços secretos militares, acusados de possuírem armas e explosivos, e de serem membros activos da Fretilin. Parece assim que a sorte de Antonino Gonçalves, João Freitas da Câmara, Abílio Sereno e Fernando Soares depende agora da pronta acção do governo português.

32. PASSAPORTES PARA ESTUDANTES 22

Sidney 16/11/86, TDM) Notícias ora chegadas de Jacarta confirmam que a embaixada holandesa naquela capital foi instruída pelo chefe de gabinete do MNE português a emitir passaportes a favor dos quatro estudantes timorenses, que inicialmente haviam solicitado asilo político naquela embaixada. Os estudantes que se haviam refugiado na embaixada em 20 Outubro, foram obrigados a abandoná-la 3 dias mais tarde, sob a ameaça do embaixador holandês chamar a polícia

33. CP 17 NOVEMBRO 1986

34. ESTUDANTES EM JACARTA 23

Sidney 17/11/86, TDM) A situação dos quatro estudantes timorenses que aguardam em Jacarta a emissão de passaportes portugueses para abandonarem a Indonésia mantém-se indefinida, vinte e seis dias depois de terem pedido asilo político à embaixada holandesa na capital Indonésia. Hoje porém, dois dias depois após a data prevista para a sua saída, soubemos que ainda se encontram em casa de Guilherme Gonçalves.

Para Pat Walsh, membro do reputado comité australiano para auxílio económico ao exterior (ACFOA) até que a sua partida se efectue é lícito temer pela sorte daqueles estudantes. Pat Walsh conjuntamente com Russell Rollanson, director executivo do ACFOA enviou em 29 de Outubro uma longa mensagem de apelo ao P.R. português solicitando a sua pronta intervenção para facilitar a saída daqueles estudantes.

De acordo com notícias que nos chegaram há momentos do porta-voz da Fretilin em Darwin, Ágio Pereira, que esteve em contacto telefónico com os estudantes que se encontram em casa de Guilherme Gonçalves, deputado por Timor ao parlamento indonésio, este ter-lhes-ia pedido que abandonassem a sua residência. Isto parece ser fruto de pressões exercidas sobre aquele parlamentar, pelos serviços secretos indonésios da Intel Bakkim.

Os estudantes que há uma semana se deslocaram à embaixada holandesa foram ali bem recebidos e tiveram a visita do embaixador na passada quarta feira. Embora Ágio nos indique que a CVI estaria a tratar da sua saída de Jacarta as pessoas com quem falamos esta tarde na delegação de Jacarta mostraram-se reticentes em responder a qualquer pergunta e acabaram declarando desconhecer totalmente o assunto. Isto só pode ser entendido como medida de precaução para salvaguardar a saída dos estudantes, no caso da CVI estar de facto a tratar da sua saída.

Hoje recebi aqui na Austrália uma cópia do salvo-conduto de que são portadores os estudantes, o qual é assinado pelo Dr. Gerhard Bonang, reitor da universidade católica de Atjamaya, e no qual lhes é garantida livre circulação, e a não existência de qualquer investigação criminal, tal como confirmado pelo MNE indonésio Dr. Mochtar. Nesse documento afirma-se que a sua situação de liberdade está assegurada até obterem passaportes portugueses e saírem da Indonésia.

Soubemos igualmente que um dos outros dois estudantes ainda detidos em Díli, desde 22 de Setembro, foi libertado há dias tendo regressado a Jacarta no passado dia 8.

Trata-se de Domingos Sarmiento. Nada se sabe sobre o outro, Germano da Silva, que se mantém detido na prisão da Comarca de Díli.

35. SITUAÇÃO INDEFINIDA PARA OS ESTUDANTES 24

Sidney 18/11/86 TDM) A situação dos quatro estudantes timorenses que haviam pedido asilo político na embaixada holandesa e aguardam agora serem repatriados para Portugal encontra-se indefinida, embora haja alguns sinais positivos.

A Fretilin foi informada através do chefe de gabinete do MNE que Lisboa havia já autorizado o embaixador holandês a tratar da saída dos 4 para Portugal.

Tal notícia foi confirmada em 7 Novembro pelo consultor do mesmo ministério. O embaixador holandês que na passada semana visitou os estudantes mostrou-se esperançado em resolver o problema até à passada sexta feira dia 14, o que não aconteceu por razões que se desconhecem.

De Darwin, Ágio Pereira, o porta-voz da Fretilin confirmou-nos ontem à noite ter estado em contacto telefónico com os quatro estudantes que lhe contaram estarem a ser vítimas de ameaças e telefonemas anónimos. De acordo com Ágio, o deputado timorense Guilherme Gonçalves, antigo governador de Timor solicitou já aos estudantes que deixassem a sua residência. Esta atitude parece ser resultado de pressões efectuadas pelos serviços secretos da Intel/Bakkim.

No passado dia 10 os estudantes estiveram na embaixada, pela primeira vez desde que ali tinham estado durante 3 dias aguardando autorização para asilo político, mas desta vez foram muito bem tratados.

Entretanto um outro estudante, Domingos Sarmiento, que se encontrava detido em Díli desde 22 de Setembro, foi libertado e regressou a Jacarta em 8 Novembro. Outro estudante preso na mesma altura, Germano da Silva continua detido na prisão da Comarca em Díli. Germano que é o único deste grupo, que é casado continua detido sem culpa formada e nada indica que a sua libertação esteja para breve.

João Martins, um ex-dirigente do movimento pró-integracionista Apodeti, e que era director dos serviços de assistência social de Timor-Timur esteve detido de 1 a 4 de Novembro, mantendo-se agora “incomunicável” na sua residência.

Se bem que Ágio nos indique que a CVI tenha visitado os estudantes, numa tentativa telefónica há momentos e apesar de termos conseguido falar com três pessoas diferentes, ficamos a saber que:

Uma nada sabia do caso,

Outra apenas queria fazer perguntas sobre o motivo da chamada e – depois duma longa espera

Uma terceira veio dizer que a CVI/Jacarta desconhecia totalmente o assunto dos estudantes, e que de qualquer forma a CVI não estava a tratar do caso.

Os estudantes são portadores de um salvo-conduto assinado pelo reitor da universidade, Dr. Gerhard Bonang,

no qual se declara que eles não são objecto de nenhuma investigação criminal tal como oficialmente garantido pelo MNE indonésio, Dr. Mochtar Kusumaatmaja. Aliás detenho cópia de um desses salvo-condutos, que assegura aos estudantes a sua situação até obterem passaporte para irem para Portugal. Trata-se de dois documentos, um manuscrito firmado ainda na embaixada holandesa e outro já em papel timbrado da Universidade católica de Atjamaya.

36. ENTREVISTA DE XANANA GUSMÃO THIRD WORLD OUT.º - NOV.º 1986

37. CARTA ABERTA AO PAPA ²⁵

Sidney 20/11/86, TDM) A comunidade timorense radicada na Austrália, totalizando cerca de 14 mil pessoas divulgou hoje uma carta aberta a S.S. o Papa João Paulo II, que chegará à Austrália na próxima 2ª f.ª dia 24. A carta apela para que o Papa condene as violações aos direitos humanos em Timor-Leste, e para que diligencie o reactivar das negociações para a resolução do problema de Timor nas Nações Unidas, o qual se mantém estagnado desde há meses.

Apelando para que o Papa mobilize toda a igreja católica na justa causa do estabelecimento da paz em Timor, a carta recusa aceitar que nada mais possa ser feito e que ainda outra geração de timorenses cresça por entre o trauma e o conflito que a situação actual causa.

Na citada carta aberta é igualmente solicitado ao Papa que reze por Timor-Leste na missa campal em Darwin dia 29 Novembro, o ponto desta sua visita mais próximo do território. A igreja católica em Timor-Leste que é constituída por mais de 400 mil fiéis é directamente administrada pelo Vaticano, na consequência da disputa sobre o território.

Na mesma carta aberta é citado que esta foi a única solução de o povo de Timor aqui residente apelar para o Papa, já que todas as tentativas de serem recebidos por S.S. foram vetadas quer pelos bispos australianos quer mesmo pelo organizador da visita papal, Mons. Brian Walsh.

Abel Guterres, um porta-voz da comunidade timorense em Melbourne declarou:

"Consideramos Sua Santidade como nosso amigo e líder espiritual da comunidade... foi uma grande desilusão a recusa dos bispos australianos aceitarem incluir Mons. Belo, bispo de Timor na comitiva papal. Todas estas iniciativas da comunidade timorense foram iniciadas em Julho passado, logo que foi confirmada a data da visita papal."

É o seguinte o texto da carta aberta a S.S. endossada pelas comunidades timorenses radicadas na Austrália:

"Por ocasião da Sua histórica visita à nossa segunda pátria e refúgio do trágico conflito que existe no nosso bem amado país. Sendo a maior comunidade timorense estabelecida fora de Timor-Leste, esperamos ansiosamente a Vossa visita, como uma oportunidade de

apertar as mãos da esperança que nos estende e solicitar o vosso renovado apoio para o sofrimento de nossos irmãos e irmãs em Timor-Leste. Foi com grande tristeza que tomamos conhecimento da impossibilidade de os nossos representantes terem um encontro com V.Ex.^a nesta ocasião.

“Havíamos esperado que Mons. Carlos Belo, que em vosso nome administra a igreja católica em Timor-Leste, pudesse visitar a Austrália como convidado dos bispos australianos. Quando os bispos australianos declinaram incluir Mons. Belo, por duas vezes escrevemos a Mons. Brian Walsh, organizador da visita papal, pedindo uma audiência de alguns minutos apenas com V.Ex.^a ou com um dos vossos ajudantes de campo.”

“A recusa total a qualquer desses pedidos, deixou-nos sem alternativa que não fosse escrever esta carta aberta. Os últimos dez anos têm sido os mais negros da nossa história. Neste curto período mais de cem mil timorenses vítimas da guerra ou causas afins, o nosso modo de vida destruído e os nossos direitos fundamentais à liberdade e autodeterminação foram impunemente negados.”

“Esta amarga experiência teve como resultado levar o nosso povo a solicitar o apoio e protecção da igreja, tal como aconteceu na Polónia onde as tradições e a identidade nacional estão ameaçadas. A igreja católica em Timor duplicou o número de fiéis neste período. A igreja católica reconhece Timor como um território em disputa. A diocese de Díli é directamente administrada através de Roma por um administrador apostólico e não faz parte da conferência dos bispos indonésios

“Em 1984 Vossa Santidade disse: "O Santo Ofício continua a ver a situação de Timor com preocupação e com a esperança de que em todas as instâncias seja dada particular atenção à identidade cultural, religiosa e étnica do povo...". É nosso ardente desejo que todos os direitos individuais sejam respeitados e que todos os esforços sejam efectuados para reduzir o sofrimento do povo ... trabalhar para a igreja e tentar obter uma solução justa para a paz em Timor.”

“Infelizmente porém as vossas palavras caíram em ouvidos de mercador já que a situação se mantém inalterada e “uma justa solução para a obtenção da paz” continua no domínio dos sonhos

“Em território de Timor-Leste mais de 10 mil soldados indonésios continuam as suas campanhas militares. Internacionalmente os governos – salvo algumas excepções – abandonaram a nossa causa, em troca de lucrativos contratos comerciais e militares com a Indonésia. Nós continuamos a recusar aceitar que nada possa ser feito, e que uma justa paz no nosso país seja impossível, que as crianças de Timor tenham de estar submetidas a outra geração de trauma e conflito. Existe uma alternativa para a violência e os expedientes políticos, e mais ainda, a comunidade internacional tem ao seu dispor os meios de a fazer executar. Como nosso líder espiritual, pedimos a Sua Santidade que articule esta alternativa uma vez mais, antes de mais defendendo vigorosamente o direito do povo de Timor à paz. “

“No ano passado o núncio apostólico, Mons. Belo, efectuou uma visita especial ao Vaticano para estudar formas de resolver o conflito. De acordo com as suas

declarações V.Ex.^a incentivou vigorosamente os direitos do nosso povo, inclusive os seus direitos humanos, para tomarem as suas próprias decisões e serem timorenses, e segundo, forçando a comunidade internacional a aceitar a necessidade de uma solução justa baseada no nosso direito, internacionalmente aceite à autodeterminação.”

“O único rumo para a paz em Timor é através da manutenção dos princípios fundamentais. Cremos sinceramente que a publicitação destes princípios pela igreja católica sob a liderança de Sua Santidade, poderia fazer despertar o processo político nas Nações Unidas, que está a cargo do seu Secretário-geral, e dessa forma adiantar a causa da paz que o nosso povo busca. A memória dos infindáveis mortos, familiares, amigos e patriotas, e as necessidades dos que sobreviveram encherá nossos corações quando estivermos presentes às missas que Vossa Santidade irá celebrar na Austrália.”

“Seria uma forma inesquecível de conforto para nós e para o povo de Timor se nestas ocasiões Vossa Santidade pudesse incluir uma prece pública por Timor-Leste, particularmente na celebração da eucaristia em 29 de Novembro em Darwin, o ponto da visita de Vossa Santidade mais próximo da nossa pátria. Oramos para que Deus bendiga abundantemente a vossa visita à Austrália.”

Assinado) Abel Guterres, Presidente do Centro Timorense de Informação e Cultura, Melbourne.”

38. CARTA AO PAPA ²⁶

SIDNEY 23 NOVEMBRO 1986, TDM) A carta aberta que as comunidades timorenses divulgaram e destinada a S.S. o Papa João Paulo II, não mereceu nenhuma menção nos órgãos de comunicação australiana, o que não é de espantar sabendo-se bem quais os interesses financeiros e comerciais que os grandes grupos de magnates da comunicação social têm na Indonésia.

Analizando as causas que estão por detrás da recusa do sínodo dos bispos australianos de aceitarem a inclusão do bispo de Díli, Mons. Carlos Belo, na comitiva papal será conveniente lembrarmos de que apenas um quarto da população australiana professa o catolicismo, enquanto mais de metade são protestantes. Se bem que a igreja católica, do Vaticano a África, tenha apoiado o direito de Timor à autodeterminação, a igreja australiana esteve sempre reticente em relação ao assunto.

Mons. Brian Walsh, organizador da visita papal, recusou a inclusão de uma audiência aos representantes do povo de Timor, para evitar que outras minorias étnicas fizessem idênticas solicitações. Por outro lado, sabendo-se bem quais os interesses económicos e comerciais que orçam em 4 (quatro) milhões de dólares e que patrocinam a vinda do Papa, os quais incluem desde a maior fábrica de cervejas australianas a um fabricante de automóveis, a inclusão de timorenses e menções anti-indonésias poderiam afectar os interesses de tais patrocinadores na Indonésia.

Certo porém que os cerca de 14 mil timorenses aqui residentes estarão presentes em massa, nas missas campais que serão celebradas em todas as capitais

estaduais e territoriais australianas, e serão portadores de estandartes mencionando o nome de Timor-Leste, que tantos tão esforçadamente se empenham em afastar dos meios de comunicação social.

39. PAPA EM DARWIN ²⁷

Sidney 29/11/86, TDM) O Papa João Paulo II que se encontra em Darwin, capital do Território Norte australiano fez esta manhã uma alocução a milhares de australianos que vivem nas zonas mais isoladas do continente e celebrou uma missa campal no pavilhão dos desportos em Darwin, perante dezenas de milhar de fiéis.

Na audiência, mais de dois milhares de timorenses esperaram em vão que fosse feita alguma menção a Timor-Leste, tal como haviam solicitado a Sua Santidade, mas tal não se verificou. Mais tarde porém o Papa recebeu uma oferta dos representantes da comunidade timorense em Darwin, que o obsequiaram também com uma dança tradicional de Timor.

40. O DRAMA DOS 4 ESTUDANTES EM JACARTA ²⁸

Sidney 29/11/86, TDM) O drama dos 4 estudantes timorenses retidos em Jacarta continua sem se vislumbrar uma pronta solução para a sua saída da Indonésia. O embaixador holandês tem em seu poder passaportes e bilhetes de avião para que eles deixem Jacarta, mas as autoridades Indonésias ainda não autorizaram a sua saída. Os estudantes, que já não se encontram na

27 DESPACHO 77/86 TDM 29/11/86

28 DESPACHO 78/86 TDM 29/11/86

residência do deputado Guilherme Gonçalves, pediram auxílio financeiro à CVI, o qual lhes não foi prestado. A embaixada holandesa enviou telex ao governo português a solicitar autorização para tal, mas uma semana decorrida ainda não obteve resposta de Lisboa. Dois dos estudantes haviam sido detidos em Setembro pela polícia secreta militar, libertados em início de Outubro e em 22 desse mês pediram asilo à Holanda, o que lhes foi recusado.

Posteriormente com a garantia dada pelo MNE indonésio Dr. Mochtar, de que não seriam perseguidos, deixaram a embaixada para aguardarem a emissão de passaportes portugueses. A sua situação torna-se cada vez mais difícil, dada a falta de cooperação do regime de Jacarta, que recusa autorizá-los a sair do país. Embora o embaixador holandês se mostre esperançado em poder incluí-los no repatriamento de 26 outros timorenses que no fim deste mês deixarão Jacarta através da CVI, recentes acontecimentos fazem suscitar dúvidas. Contactada há momentos a CVI em Jacarta esta recusou-se a comentar sobre o assunto.

41. NOTÍCIA ENVIADA TDM DA INSIDE INDONÉSIA
DEZEMBRO 1986

42. CP (COMÉRCIO DO PORTO) 07 DEZEMBRO 1986

42. DÍLI: A CAMPANHA DE PRISÕES, TORTURA E PERSEGUIÇÕES CONTRA ESTUDANTES TIMORENSES MANTÊM-SE.²⁹

Sidney 30/12/86, TDM) De acordo com as fontes a que tivemos acesso, Germano da Silva, do terceiro ano de estudos administrativos do politécnico Lan em Jacarta, mantém-se detido desde 23 Outubro, na prisão da polícia secreta militar Intel BAKKIM.

Domingos Sarmiento do quinto ano de direito da Universidade católica Atjamaya, em Jacarta, foi libertado em 27 de Outubro, mas continua sob vigilância e limitada liberdade de movimentação.

José dos Reis do segundo ano de agronomia de Semarang está também detido em Díli. A razão destas detenções é atribuída a contactos estabelecidos por aqueles estudantes com forças da Fretilin em Timor e no exterior.

43. BOLETIM INFORMAÇÃO SINDICATO DOS PROFESSORES DO NORTE JANEIRO 1987

CAPÍTULO 4 – 1987

1. ESTUDANTES EM JACARTA ³⁰

Sidney 5/1/87, TDM) O problema dos 4 estudantes timorenses que aguardam em Jacarta autorização para saírem para Portugal, depois de em 22 Outubro verem o seu pedido de asilo político recusado pela embaixada holandesa, mantém-se sem se vislumbrar solução.

Embora o embaixador holandês se mostre esperançado em poder incluí-los no repatriamento de 26 outros timorenses que no fim deste mês deixarão Jacarta através da CVI, recentes acontecimentos fazem suscitar dúvidas. Contactada há momentos, a CVI em Jacarta esta recusou-se a comentar sobre o assunto.

Uma delegação parlamentar japonesa estuda actualmente a possibilidade de se deslocar a Jacarta para tentar interceder para a saída daqueles estudantes.

2. 10 JANEIRO 1987 O COMÉRCIO DO PORTO

3. CP FEVEREIRO 1987

4. CP 11 FEVEREIRO 1987

5. 3 MARÇO 1987 THE BULLETIN (AUSTRÁLIA)

6. SUBNUTRIÇÃO EM TIMOR ³¹

30 DESPACHO 2/87 TDM 5/1/87

Sidney 8/3/87, TDM) Curiosamente foi divulgado neste fim-de-semana em Jacarta que pelo menos 38 mil crianças em Timor sofrem de subnutrição.

O autor de tal notícia no “Jacarta Post” era nem mais nem menos do que o chefe dos serviços de saúde de Timor, o Senhor Sasongko. Aquele representante de Jacarta, na antiga colónia portuguesa diria ainda que a maioria das crianças afectadas tinham menos de cinco anos de idade, e que vários programas de auxílio haviam sido recentemente iniciados pelas autoridades para combater o flagelo da fome.

Este facto é tanto mais curioso quanto o sabermos que ao longo destes anos vários têm sido os relatórios de autoridades diversas, tais como a Amnistia Internacional e fontes afectas à Fretilin a denunciarem o mesmo facto.

Este foi porém totalmente esquecido pela comunicação social australiana, que nem sequer o mencionou. Uma vez mais o povo de Timor-Leste é preterido nas manipulações políticas entre as grandes potências.

7. AUSTRÁLIA E INDONÉSIA ³²

Sidney 9/3/87, TDM) Para se entender bem a mudança da política australiana em relação a Timor-Leste que favorece o estreitamento de laços com a Indonésia, torna-se necessário desvendar os esconsos meandros das

31 DESPACHO 8/87/B TDM 8/3/87

32 DESPACHO 10/87 TDM 9/3/87

grandes companhias e grupos financeiros que dominam a situação político-económica na Austrália. Para além de todas as operações conjuntas já existentes, aqueles grupos estão actualmente a penetrar aquela que analistas consideram ser a última fronteira mundial do ouro e, a qual segundo foi recentemente desvendado, promete tornar a Indonésia no maior produtor e exportador de ouro até ao ano 2000.

Os 4 grupos que dominam na quase totalidade a comunicação social australiana, Alan Bond, Rupert Murdoch, Kevin Parry e Kerry Packer detêm já enormes interesses económicos na Indonésia, em especial no campo mineiro, e estão apostados em dominar também a exploração do ouro que se prevê tenha uma produção anual de várias centenas de toneladas nos próximos anos.

Depois do petróleo, onde companhias tais como a BHP, BP Minerals, CRA e CSR, dentre outras, detinham já uma posição predominante, não custa entender como os órgãos de informação australianos são extremamente avessos a abordar os problemas de Timor-Leste, sem que com isso viessem a pôr em perigo interesses anuais de biliões de dólares. Primeiro a hipocrisia mundial, agora os meros interesses económicos de alguns grupos dominantes da cena australiana, ameaçam ainda mais deixar cair no esquecimento a saga do povo maubere.

8. RAMOS-HORTA PARTE ³³

Sidney 10/3/87, TDM) José Ramos-Horta que durante cerca de 2 meses esteve na Austrália em contacto com as comunidades timorenses aqui estabelecidas partiu de regresso a Nova Iorque, depois de ter conseguido estabelecer importantes contactos no Território Norte, com várias personalidades políticas, interessadas em manter bem vivo o problema de Timor.

A visita que foi ostensivamente ignorada pela comunicação social australiana, à excepção daquele território, culminou com o anúncio da criação de um grupo parlamentar japonês de apoio a Timor-Leste. Este grupo que contactou na passada semana com a embaixada holandesa em Jacarta, a fim de se informar sobre o destino dos 4 estudantes timorenses que há vários meses aguardam autorização para sair de Jacarta, foi informado sobre as crescentes dificuldades em obter a sua saída.

Posteriormente o MNE indonésio, Dr. Mochtar afirmou que a sua saída era incoerente com os desígnios de manter uma acelerada política de integração de Timor-Leste na vida Indonésia. Em contacto telefónico entre Ágio Pereira, representante da Fretilin em Darwin e um daqueles estudantes, foi possível adiantar que as negociações entre a embaixada holandesa, a CVI e as autoridades de Jacarta, se encontram actualmente em impasse, desconhecendo-se quando será possível obter a sua libertação.

9. 19 MARÇO 1987 O COMÉRCIO DO PORTO

10. 20 MARÇO 1987 O COMÉRCIO DO PORTO

11. CLARIM MACAU 20 MARÇO 1987

12. ELEIÇÕES EM TIMOR ³⁴

Sidney 22/3/87, TDM) As próximas eleições Indonésias na maior parte das localidades de Timor, terão lugar em palapas, tendas tradicionais, onde uma cortina improvisada desce até meia altura, criando assim um local de voto. Por trás da cortina e tal como vem sendo habitual noutras eleições Indonésias encontram-se três urnas de voto: a do meio pertence ao do partido no poder, o Golkar, e bem afastadas de cada lado as pertencentes aos outros partidos.

Será pois bem fácil através da mera observação da posição dos pés do votante, saber em quem votou. Num país de justiça arbitrária e onde a democracia é apenas uma palavra sem significado, lícito será prever o que acontecerá aos timorenses que não votem na urna do meio. Trata-se apenas da segunda vez que os timorenses irão às urnas desde que a Indonésia anexou aquele território.

13. CP 25 MARÇO 1987

14. ENVIADA TDM LUSA PUBLICADA COMÉRCIO DO PORTO 25 MARÇO 87

15. SMH 27 MARÇO 1987

34 DESPACHO 13/87/B TDM 22/3/87

16. CP MARÇO 1987

17. 24 MARÇO 1987 THE BULLETIN, AUSTRÁLIA

18. 30 MARÇO 1987 O PORTUGUÊS, SIDNEY

19. CP 31 MARÇO 1987

20. 7 ABRIL 1987 THE BULLETIN SYDNEY

21. JACARTA ENDURECE POSIÇÃO ³⁵

Sidney 10/4/87, TDM) Notícias provenientes da ilha Indonésia de Bali e hoje chegadas à Austrália apontam para um endurecimento da posição de Jacarta face a Timor-Leste. O director do seminário católico de Díli, padre Felgueiras que tem sido desde há vários anos um ardente defensor do povo timorense, teria sido detido naquela ilha aquando do seu regresso da ilha da Madeira onde se deslocou a fim de visitar familiares. O ancião padre que pertence à ordem salesiana e se encontra em Timor há umas décadas encontra-se impedido de regressar a Díli.

Algumas fontes indicam de Denpasar, capital da turística ilha de Bali, que os indonésios pretendem substituir aquele padre por um jesuíta indonésio. Os jesuítas dentro da igreja católica Indonésia têm sido os menos vocais relativamente a Timor. Um outro problema poderá porém estar por trás da proibição.

O clero timorense havia recentemente pedido auxílio

económico urgente ao episcopado australiano, dadas as carências com que se debate na antiga colónia portuguesa, e ficou deveras surpreendido ao receber resposta de que este ano o clero australiano poderia apenas aumentar ligeiramente a sua contribuição, que era desconhecida em Díli.

22. GUERRILHA ACTIVA ³⁶

SIDNEY 18/4/87 LUSA) As guerrilhas da Fretilin estão ainda activas nas montanhas de Timor-Leste combatendo milhares de tropas Indonésias, de acordo com fotos provenientes da ex-colónia e ora publicadas pelo diário Sydney Morning Herald.

As fotografias contradizem recentes afirmações da Indonésia de que as FALINTIL estariam praticamente extintas. Esta nova evidência da resistência surge numa altura em que o sínodo católico norte-americano havia expressado a sua preocupação pelas campanhas maciças de esterilização.

A embaixada Indonésia em Camberra, através do seu porta-voz Thaufik Salim, declarou ontem à noite que os 15 mil soldados indonésios não se encontravam envolvidos em combates, mas sim na construção de estradas e de pontes.

Uma das mais chocantes fotografias revela dois soldados do exército regular indonésio, em uniforme, ostentando com um enorme sorriso a cabeça de um elemento da Fretilin, decapitado depois de aprisionado.

36 LUSA 08/87 18/4/87

Todas estas fotografias foram enviadas entretanto à Amnistia Internacional e daí só agora terem sido reveladas publicamente.

Por seu turno, o catedrático de Queenslândia, Dr. Ross FitzGerald que obteve as fotografias disse "existirem ainda cerca de 3000 homens da Fretilin armados e os quais continuavam a combater o invasor indonésio, sem auxílios do exterior", citamos.

*"Esta é uma das mais solitárias guerras de libertação do mundo", acrescentou o Dr. FitzGerald, "dado que a Fretilin tem de contar apenas com o armamento indonésio de que se apodera e aquele que lhe é fornecido pelos timorenses que desertam as forças de voluntários **"hansip"**".*

Um porta-voz do ministério dos estrangeiros australiano, declarou na noite de ontem que a embaixada australiana em Jacarta mantinha a situação em Timor-Leste sob escrutínio, embora as informações de que dispunha não confirmassem as alegações do Dr. FitzGerald.

As fotografias secretamente saídas de Díli mostram guerrilheiros das FALINTIL em acampamentos na montanha, marchando em fila indiana bem armados através de picadas.

As alegações do Dr. FitzGerald puderam ser confirmadas por nós através de várias personalidades.

O secretário da Comissão Católica Australiana Para a Paz e Justiça, Eric Sidoti, confirmou "Deverem existir actualmente cerca de 2 mil e quinhentos guerrilheiros, e

que os casos de violação de direitos humanos e o genocídio continuavam, mas que o mais preocupante sem sombra de dúvida eram os casos de esterilização maciça das populações timorenses, as quais continuam a assistir à vinda de cada vez maior número de colonos javaneses, para se radicarem em Timor-Leste.”

Outra das pessoas com quem contactamos foi Pat Walsh, do Comité Australiano Para O Auxilio Económico Ao Exterior, ACFOA, que afirmou *"ser a Fretilin ainda uma força poderosa, não obstante as constantes declarações em contrário, pelas autoridades Indonésias"*.

Walsh acrescentou que “a recente visita por um deputado parlamentar português, Anacoreta Correia, havia confirmado de alguma forma aquilo que infelizmente observadores independentes não podem, dado não serem autorizados a visitar o território”, citamos.

Por último, o porta-voz da embaixada Indonésia em Camberra, Thaufik Salim, negou que grande número de timorenses estivesse a ser forçados a abandonar as suas localidades na montanha e obrigados a mudarem-se para as regiões costeiras muito húmidas onde a malária facilmente os dizima. O senhor Salim disse que as pessoas em Timor-Leste eram livres de se movimentarem para onde quisessem.

Outra informação posta a circular recentemente é a de que o actual governador de Timor, Mário Carrascalão, teria apresentado o seu pedido de demissão. O governador Carrascalão termina o seu mandato em 29

Setembro próximo e estaria de acordo com aquelas fontes indigitado para o substituir, Jaime de Oliveira. Este que ocupa as funções de vice-governador teria, de acordo com aquelas fontes, o apoio do comandante militar de Timor, general Yunus Yusuf. Contactado há momentos João Carrascalão, irmão do governador, declarou-nos já ter tido conhecimento do boato mas que de acordo com as suas informações o seu irmão havia sido convidado para ser reconduzido naquele cargo por mais um mandato.

23. 15 ABRIL 1987 SMH

24. SMH 20 ABRIL 1987

25. SMH 20 ABRIL 1987

25. JESUÍTAS AFASTADOS ³⁷

Sidney 21/4/87 TDM) Dois jesuítas que se têm oposto à presença indonésia em Timor-Leste teriam sido afastados dos seus postos pelo clero local. Trata-se de João Felgueiras, de 57 anos, e José Martins, de 48 anos, e ter-lhes-ia sido comunicado que a sua presença já não era necessária em Díli.

Aqueles dois clérigos do seminário de Díli foram os autores de uma série de depoimentos nos quais focavam a ameaça que a indonesiação do território representava para a cultura e identidade do povo de Timor. Quando o arcebispo de Jacarta, Mons. Leo Soekoto visitou Timor em 1984 os seminaristas

37 DESPACHO 24/87 TDM 21/4/87

manifestaram-se contra a presença militar Indonésia. Mons. Belo, o actual líder católico, estaria de acordo com a remoção dos dois padres.

Observadores pensam que a remoção daqueles padres, facilitará a integração da igreja de Timor no seio do clero indonésio. Em 2 de Abril, o director provincial dos jesuítas, padre Darminto, havia visitado o seminário de Díli durante a ausência do P.^e Felgueiras, que se encontrava em Portugal onde não se deslocava há 12 anos. Teria sido nessa data que fora decidido remover aqueles dois membros do clero.

O P.e Martins que continua ainda em Díli estaria porém decidido a recusar-se a deixar Timor. Observadores da cena eclesiástica afirmam que ambos os padres teriam o apoio de uma significativa maioria do clero local, e que era provável que viessem agora a ser substituídos por jesuítas indonésios.

26. PADRES IMPEDIDOS DE SE MANTEREM NO SEMINÁRIO DE DÍLI ³⁸

Sidney 21/4/87 LUSA) Dois padres que se têm oposto à presença Indonésia em Timor-Leste teriam sido afastados dos seus postos pelo clero local. Os padres são os jesuítas João Felgueiras, de 57 anos de idade, e José Martins, de 48 anos, e ter-lhes-ia sido comunicado que a sua presença já não era necessária em Díli.

Aqueles dois clérigos ensinavam no seminário de Díli desde o início da década de 70 e foram os autores de

38 LUSA 9/87 21/4/87

uma série de depoimentos relativos à situação de Timor-Leste nos quais focavam a ameaça que a indonesiação do território representava para a cultura e identidade do povo de Timor.

O P.e João Felgueiras, reitor daquele seminário tentou sempre inculcar nos seus discípulos um profundo sentido de responsabilidade social relevante para Timor contemporâneo, que têm sido vítima de abusos aos direitos humanos, guerra e divisões sociais. Quando o arcebispo de Jacarta, Mons. Leo Soekoto, também jesuíta, visitou Timor em Janeiro de 1984 os seminaristas denunciaram a presença militar Indonésia na sua presença.

Esta atitude do clero timorense vem na sequência do sucesso anteriormente experimentado para a remoção do vocal administrador apostólico, Mons. Martinho da Costa Lopes em 1983 e do padre superior da ordem salesiana, Pe. Magalhães em 1985. Ambos eram ardentes defensores dos direitos do povo maubere, que na sua maioria absoluta continua a praticar o catolicismo.

Mons. Belo, o sucessor de Mons. Costa Lopes, e actualmente líder da comunidade católica, estaria de acordo com a remoção dos padres Felgueiras e Martins, de acordo com as informações hoje obtidas. Estas notícias que nos haviam chegado incompletamente detalhadas em 10 de Abril, puderam hoje ser totalmente confirmadas junto de meios eclesiásticos, por Pat Walsh, do Secretariado dos Direitos Humanos do Comité Australiano para o Auxílio Económico ao Exterior, ACFOA.

De acordo com as mesmas fontes, Mons. Belo tem adoptado uma posição crítica face às forças de resistência da Fretilin e tem desenvolvido relações de trabalho íntimas, se bem que informais com a igreja católica indonésia.

Alguns observadores pensam que as autoridades eclesiásticas estavam interessadas na remoção dos padres Felgueiras e Martins, dado que eles estavam a frustrar planos de integração da igreja de Timor no seio do clero indonésio. Qualquer que seja a motivação por trás desta atitude, o certo é que para o clero local a influência destes dois padres jesuítas estava a radicalizar os futuros padres de Timor-Leste, e decerto que será preferível ter no seminário padres mais moldáveis face à situação específica de Timor-Leste.

Embora o futuro daqueles dois padres tenha estado incerto desde há algum tempo, conveniente será recordar que José Pittau, o director geral adjunto dos jesuítas para a Ásia Oriental, se havia deslocado de Roma a Díli em 1985 e já então parece ter pedido aos padres Felgueiras e Martins que se demitissem, o que no entanto eles recusaram.

Em 2 de Abril passado, o director provincial dos jesuítas, padre Darminto, cuja jurisdição aparentemente se estende até Timor-Leste, havia visitado o seminário de Díli durante a ausência do P.e Felgueiras, que se havia deslocado a Portugal para estar presente ao funeral de seu irmão.

O P.e Felgueiras há 12 anos que não se deslocava a

Portugal. De acordo com as mesmas fontes a agência Lusa pode apurar que teria sido nessa data que a decisão final de remover aqueles dois membros do clero havia sido tomada. O P.e Martins que continua ainda em Díli estaria porém decidido a recusar-se a deixar Timor.

Observadores da cena eclesiástica afirmam que ambos os padres teriam o apoio de uma significativa maioria do clero local, e que era provável que viessem agora a ser substituídos por jesuítas indonésios, se bem que tal possa vir a provocar reacções. Um porta-voz da igreja católica Indonésia desmentiu notícias inicialmente postas a circular de que a Indonésia não autorizaria o regresso do P.e Felgueiras a Díli, caso ele tentasse regressar, acrescentando que se tratava de um problema do clero de Timor.

27. AUSTRÁLIA PROÍBE N.^a S.^a DE FÁTIMA ³⁹

Sidney 22/4/87 LUSA & TDM) A igreja católica romana do Território Norte australiano está a tentar obter uma proibição do supremo tribunal para evitar que um paroquiano reformado registre uma organização destinada a celebrar festivais religiosos em nome de N. S. de Fátima.

O bispo de Darwin, o reverendíssimo Edmund Collins, e a Fundação Diocesana de Darwin intentaram esta semana uma acção visando proibir que José Monteiro, de 75 anos de idade, registasse a sua associação intitulada Fundação das Festividades de Fátima.

39 LUSA 11/87 22/4/87 E DESPACHO 25/87 TDM 22/4/87

O vigário geral padre Brian Healey, afirmou ao juiz Nader do Supremo Tribunal Australiano que José Monteiro não tinha autorização da igreja para estabelecer aquela organização, e que o bispo de Darwin considerava que a mesma violava a lei canónica promulgada em 1983 pelo Papa João Paulo II.

O bispo Collins e a fundação diocesana opõem-se à projectada organização subscrita por Monteiro e mais 50 portugueses e timorenses. Estes haviam já organizado duas procissões anuais para comemorar a aparição da virgem de Fátima a 13 de Maio e 13 de Outubro.

Será conveniente recordar que há menos de dois anos uma imagem da Virgem de Fátima esteve em peregrinação pela Austrália, tendo percorrido os grandes centros urbanos e as capitais estaduais e territoriais. Para algumas fontes locais, segundo pudemos apurar trata-se no entanto de uma tentativa do clero não aceitar a penetração de práticas estranhas à tradicional e conservadora igreja católica romana australiana.

28. NTNEWS 22 ABRIL 1987

29. INSIDE INDONESIA ABRIL 1987

30. NTNEWS 22 ABRIL 1987

31. 23 ABRIL 1987 AUSTRALIAN E NT NEWS

31. ELEIÇÕES NA INDONÉSIA ⁴⁰

Sidney 23/4/87 TDM) 94 milhões de eleitores vão hoje às urnas pela 5ª vez na história Indonésia, para eleger 400 deputados dentre 3 partidos. O partido no poder, Golkar, tem no passado atingido entre 60 a 70% do voto.

O PPP partido muçulmano democrático e o PDI cristão nacionalista, pela primeira vez criticaram a política económica do governo, exigindo maior liberdade democrática e de imprensa.

O presidente do Golkar, Gen. Sudharmono apelou para o voto na estabilidade democrática, enquanto o PDI teve a vantagem da filha do ex-Presidente Sukarno fazer uma intensa campanha contra a corrupção do regime e o sistema de monopólios para a clique dominante.

O PPP que no passado tinha cerca de 30% do voto parece estar no entanto sem força política dado que o seu secretário, que se encontra detido pelas autoridades teve de fazer um apelo aos seus simpatizantes para votarem no partido governamental.

O PDI no entanto recebeu durante a campanha o apoio de militares importantes, tais como o do Gen. Benny Murdani, comandante-chefe e homem responsável pela invasão de Timor. Murdani poderia estar a tentar capitalizar a sua posição predominante dentre as várias facções militares dissociando-se do Golkar e pondo-se já em posição para a sucessão de Suharto.

40 DESPACHO 27/87 TDM 23/4/87

O presidente encontra-se no poder desde que em 1965 fez abortar um alegado golpe de estado comunista e esteve na origem de um genocídio de pelo menos meio milhão de pessoas, na maioria chinesas, acusados de estarem conluídas com o partido comunista indonésio. Os 3 partidos são obrigados a aceitar a lei dos 5 princípios fundamentais "*Pancasila*": **fé; justiça; unidade nacional; democracia e humanitarismo** na qual se tem baseado o regime.

Não existem dúvidas para ninguém de que mesmo em Timor-Leste, o Golkar irá ser o grande vencedor destas eleições, mas a dúvida é sobre qual o alinhamento que os militares, muitos deles candidatos ao parlamento, irá ter depois destas eleições.

A ala dura militar personalizada por Murdani parece desde há um ano e meio ter uma certa ascendência sobre alas moderadas como a do ministro dos estrangeiros Dr. Mochtar que paradoxalmente é o candidato de Timor-Leste para o Golkar. Ninguém duvida que seja qual for o resultado das eleições de hoje, uma luta sangrenta pela sucessão de Suharto ocorrerá nos próximos anos.

32. SMH 24 ABRIL 1987

33. 24 ABRIL 1987 O CLARIM (MACAU)

34. ENVIADO LUSA INSIDE INDONÉSIA ABRIL 1987

35. ENVIADO LUSA INSIDE INDONÉSIA ABRIL 1987
ELEIÇÕES EM TIMOR

36. SMH 27 ABRIL 1987

37. JORNAL AUSTRALIANO NEGA EVIDÊNCIA ⁴¹

Sidney 01/5/87 LUSA) O jornal diário Sydney Morning Herald publicava esta semana um editorial da autoria de Peter Hastings, negando a existência de 15 a 30 mil tropas Indonésias, negando a existência de 2500 a 3000 guerrilheiros e negando também a recente data das fotografias publicadas há poucos dias pelo mesmo diário. Citando a Cruz Vermelha Internacional como fonte fidedigna da situação em Timor, o que para a maior parte dos observadores nunca foi, aquele controverso articulista diz não existirem *“em Timor mais de 18 a 20 batalhões indonésios, ou seja cerca de 12 mil tropas, envolvidas na construção de estradas e na administração, e das quais apenas cerca de 5 mil estariam em missões de combate contra um máximo de mil homens da Fretilin.”*

O senhor Hastings continua, negando que “alguma vez tenham perecido mais de cem mil timorenses naquele território, que mesmo o pró timorense Mons. Da Costa Lopes era conhecido como acrescentador de zeros, e que os mortos eram vítimas mais da fome do que da guerra.” Negando a eventualidade de uma campanha maciça contra a esterilização da população, apenas por que é impossível esterilizar 600 mil pessoas numa vez, o senhor

41 LUSA 12/87 01/5/87

Hastings que era até há poucos anos considerado como um idóneo jornalista desta região geopolítica, afirma que:

“Não devemos descurar a versão Indonésia dos factos. Até 1963 não existiam estradas asfaltadas e apenas no ano anterior se havia iniciado o fornecimento de energia eléctrica. O porto não tinha condições e tampouco havia um aeródromo decente até 1964. Menos de 10 mil crianças timorenses frequentavam a escola primária e o liceu tinha uma frequência de 300 alunos com baixíssimo nível de educação. Para além dos médicos militares, a colónia tinha apenas um médico, um dentista e um hospital geral. As coisas melhoraram levemente nos últimos anos da administração portuguesa.”

"Hoje tudo isto é diferente, não há falta de estradas, de escolas, de pontes, de colheitas e de planos de desenvolvimento", diz aquele articulista: "O único problema é o de a Indonésia ainda não ter conquistado o coração dos timorenses."

Não pondo em questão as fontes de informação do jornalista australiano, teremos porém de considerar quanto as suas afirmações se aproximam da versão oficial Indonésia. O que talvez falte àquele jornalista será o contacto com os refugiados de Timor que desmentem vigorosamente aquela versão simplista do desenvolvimento da ex-colónia. Nestes últimos anos tem sido vulgar, como forma de expressar os interesses de grupos económicos australianos envolvidos na exploração de riquezas Indonésias, tentar menosprezar o que se passou em Timor-Leste desde 1975. Cinco jornalistas australianos foram liquidados pelas forças Indonésias em Outubro 1975 apenas devido ao facto de

tentarem relatar o que se estava a passar e que contrariava as notícias do pedido de auxílio dos timorenses aos indonésios para invadirem Timor.

A posição acomodatória da Austrália face à Indonésia nestes últimos anos, é explicada não só pelos interesses económicos em jogo, mas também pela precária situação das forças militares encarregues da defesa deste vasto continente que necessitarão de um pré-aviso de 10 anos antes de poderem defender-se contra um ataque de um país vizinho. A política externa australiana, em muitos casos incapaz de analisar friamente e entender a mentalidade dos países vizinhos, denotou porém até 1983 um certo complexo de culpa relativamente a Timor-Leste que tem sido substituído nos últimos anos por uma negação dos factos seja qual for a fonte donde eles provêm, como se negando a sua existência eles deixassem de existir por si próprios.

38. NT NEWS 2 MAIO 1987

39. 3 MAIO 1987 TIMES ON SUNDAY, SYDNEY

40. NTNEWS 04 MAIO 1987

41. 7 MAIO 1987 O COMÉRCIO DO PORTO

42. CP 08 MAIO 1987

43. O PORTUGUÊS NA AUSTRÁLIA 13 MAIO 1987

44. CARRASCALÃO ADMITE DESEMPREGO ⁴²

Sidney 11/5/87 TDM & 12/5/87 LUSA) O governador de Timor-Leste, Mário Viegas Carrascalão, afirmou numa entrevista ao semanário indonésio "Prioritas" que *"Timor se debate com uma grave crise a nível de emprego, a qual só poderá ser solucionada se houver mais oferta de trabalho no sector privado."*

Na entrevista publicada na passada semana, Carrascalão citou o facto de "haver actualmente cerca de 25 mil jovens a estudarem em estabelecimentos de ensino secundário, mas de ser reduzido o número de empregos, dado que a função pública apenas podia absorver um reduzido número e não existir actividade privada suficiente para absorver os restantes."

"O governo" acrescentou Carrascalão "não dispõe de fundos actualmente para admitir mais funcionários, devido à baixa do preço mundial do petróleo ter reduzido a liquidez disponível."

Será curioso rever a propósito as declarações do governador em Junho 1986 à agência noticiosa oficial Indonésia "Antara":

"Timor progrediu imenso nos dez anos desde que se tornou parte da Indonésia... .. As plantações de café continuam a aumentar a produção produzindo divisas para importar outros produtos alimentares..."

O território produz oito mil toneladas de café mas pode duplicar aquele montante através de produção intensiva..."

Jacarta tem injectado enormes montantes de dinheiro nos últimos anos para desenvolver Timor e tornar a sua economia semelhante à das outras 26 províncias... a economia cresceu a uma taxa de oito por cento, comparada com 2,5 por cento para toda a Indonésia."

Parece assim que na ânsia de estender a educação ao maior número de jovens timorenses, para a sua mais rápida assimilação ao regime de Jacarta, a Indonésia terá criado um problema que não existia em Timor: o do desemprego maciço de jovens.

Entretanto notícias chegadas de Timor a Darwin, confirmam a execução de dez civis em Lospalos, na Ponta Leste. Um comunicado da Fretilin diz que a acção se deve à retaliação pela acção das FALINTIL de Janeiro a Abril deste ano.

O relatório cita que a resistência teria morto 300 soldados indonésios naquele período, em Lospalos e Viqueque. A informação sobre este recente confronto, foi recebida em Darwin, por Ágio Pereira, o porta-voz da Fretilin na Austrália, que disse ter havido mais de 300 elementos civis detidos nos últimos meses sob a suspeita de serem simpatizantes da Fretilin. O mesmo porta-voz acrescentou que a igreja católica tem igualmente sido alvo de ataques por alegada colaboração com a Fretilin.

Entretanto em Camberra, um porta-voz do embaixador indonésio, Dr. August Marpaung negou o relatório, dizendo tratar-se de uma *"fabricação destinada apenas a embaraçar a Indonésia."*

45. DINHEIRO PARA O CLERO DE TIMOR ⁴³

Sidney 13/5/87 LUSA) Vários documentos de interesse acabam de chegar à Austrália, oriundos de Timor-Leste, e nos quais se confirmam notícias anteriormente circuladas sobre a remessa anual de AUD \$ 100 000 (aproximadamente 10 mil contos) para o clero timorense.

Uma carta do gabinete do prelado da diocese de Díli, datada de 15 Dezembro 1986, e assinada pelo administrador apostólico Carlos Ximenes Belo, na qual algumas palavras foram censuradas, menciona que:

"... Com esta quero esclarecer que nunca fiz um apelo à Austrália, para recolher fundos para a igreja de Vila Verde. Portanto a notícia que apareceu nos jornais australianos abusa do meu nome para outros fins. Eu nunca aprovei nenhum pedido para fazer apelo para a igreja de Vila Verde."

"... A segunda notícia é que é novidade para mim. É a primeira vez que ouço que Australian Catholic Relief já mandou \$100,000 para Timor e que ultimamente mandou mais \$50.000. Desde que entrei em Maio de 1983 até agora 1986, nunca recebi um dólar da Australian Catholic Relief. Se o dinheiro veio para a conferência episcopal Indonésia, o dinheiro está ou foi aplicado em nosso nome, mas não certamente em benefício da diocese de Díli."

43 LUSA 17/87 13/5/87

"... No dia 27 sairei de helicóptero para Laisorulai, e no dia 28 estarei em Fatumaca para as crismas e a inauguração da igreja. Sobre o meu convite para ajudar nas paróquias do ocidente de Timor, o P.e. (-----) aceitou colaborar e vai para Ermera. No dia 7 de Dezembro houve a peregrinação da paz em Venilale. Estiveram pra cima de cinco mil pessoas. Concelebramos cinco padres. Desde a escola de Venilale, fomos a pé, rezando e cantando. Foi uma peregrinação muito bonita e vivida. Aliás, devo realçar, que nesta diocese, foi a única iniciativa a ser realizada dentro do ano internacional da paz..."

Uma outra carta escrita em Inglês, e proveniente de uma fonte católica, datada de 10 Janeiro 1987 cita:

*"... Estamos a ter problemas com a LPPS44, cujo director é o padre Hardo Putranto, S.J. A história é muito simples, eu pedi ao nosso **(22 espaços censurados---**) na Austrália a doação de um tracção a 4 rodas para o bispo de Díli, Mons. Belo, SDB. O **(censurado 10 espaços--)** concordou e para angariar fundos colocou um anúncio nos jornais católicos. Por isso foi repreendido pelo director do Australian Catholic Relief o qual lhe disse, que desde há muito o ACR 45 estava a enviar através do LPPS (Mawi - Jacarta) e à total disposição da diocese de Díli \$100 000 por ano, e que tal dinheiro decerto que era suficiente para um veículo."*

44 LPPS = LEMBAGA PENELITIAN PEMBANGUNAN SOCIAL = INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL.

45 ACR = AUSTRALIAN CATHOLIC RELIEF, ORGANIZAÇÃO CATÓLICA AUSTRALIANA GERIDA PELO EPISCOPADO.

"O bispo de Díli respondeu que da ACR através da LPPS nunca recebera um avo...e aqui começou o problema, porque a LPPS tem dado dinheiro ao bispo, mas eles nunca mencionaram a origem, de onde vem, quem mandou para a diocese de Timor e quanto... e assim fui apanhado no meio deste problema... e a relação com a LPPS está precária, em especial devido à intervenção – como agente importante – da secretária do padre Hardo, uma senhora de nome Ibu Ima."

Dentre os documentos recebidos conta-se uma longa notícia da *"Voz da Resistência Popular Maubere"* subscrita por Jaquel Machado, da qual se extraem os seguintes passos:"

"... A LPPS burla a igreja da diocese de Díli – Timor-Leste por vários anos em assuntos económicos e financeiros para conquistar a simpatia e estima do povo maubere".

A notícia descreve depois o sucedido com o pedido para a compra do carro e a resposta do ACR, prosseguindo:

"O director do LPPS padre Hardo Putranto S.J. e seu secretário Ibu Ima desde no tempo de Mons. Martinho da Costa Lopes sempre vinham a Timor-Leste com fins de ajudar a igreja local em ajudas sociais e económicas. Estas consistiam geralmente em dinheiros, mas nunca davam conhecimento à diocese – bispo e os clérigos – que as ajudas são da Australian Catholic Relief. Só afirmavam que é da LPPS, que em si representa a conferência episcopal indonesiana [sic] em ajudas de assuntos sociais.

Mais ainda informavam "LPPS está interessado em ajudar os timorenses especialmente os órfãos."

"...cada vez que vinham a Timor sempre faziam a cara bonita diante da igreja e do povo timorense com a custa dos australianos para ganhar a simpatia da igreja e do seu povo, ou para consolar sobretudo os clérigos que desde sempre se mostraram subversivos com o governo ilegal ocupante..."

"...\$100 000 por ano – era tudo aplicado em assuntos da igreja Indonésia, depositando nos bancos de Jacarta ou boicotados para outros fins sem ser ao benefício da diocese de Díli, que em si desde sempre estava independente da conferência episcopal Indonésia."

LPPS por muitos anos vergonhosamente fez-se de si próprio o economizador das ajudas internacionais para a diocese de Díli sem conhecimento do prelado... A alguns párocos lhes davam algumas esmolas – bolsas de estudos..."

"... Para evitar que a opinião mundial saiba do escândalo que passara com LPPS, o problema ficou encoberto... o bispo de Díli tanto como Australian Catholic Relief... esforçam-se por manter o bom-nome da igreja Indonésia a nível mundial... esquecendo-se de que há outros mauberes que incansavelmente se lutam sem respeitos humanos e divinos na defesa do seu próprio direito..."

"... Talvez LPPS tem as suas razões de fazer como tal apoiando a política do seu governo que desde sempre

afirma que, ao povo maubere nenhum direito lhe pertence, tudo lhe será tirado até a própria vida...”

“... Em princípios do seu governo monsenhor Belo sempre mostrou a sua sensibilidade pelos sagrados direitos do povo maubere, mas desta vez por parte dele como chefe da diocese ainda não mostrou a sua posição concreta sobre o caso, talvez porque vendo que há falta de missionários e querendo chamar os jesuítas indonésios a tomar conta do seminário da diocese com o fim de javanizar e nacionalizar a diocese à maneira Indonésia – que tem pouca confiança no Vaticano – procurou calar-se para não ofender os jesuítas que são os responsáveis directos do LPPS...”

“... Na semana passada o provincial dos indonésios jesuítas visitou Timor-Leste satisfazendo o pedido de monsenhor Belo. Desta forma monsenhor Belo troca os direitos e valores culturais, morais, etc., com a javanização e os indonésios jesuítas.

APELO

Por este meio apelamos aos irmãos que trabalham pela defesa dos sagrados e invioláveis direitos do povo maubere para que faça chegar à opinião mundial este acontecimento vergonhoso e escaldante. Apelamos também à conferência episcopal portuguesa e seu governo para que tome mais consciência sobre os sofrimentos e humilhações que seu irmão de cultura, de tradição, de expressão está passando, nestes momentos mais trágicos da sua história.”

Assinado em Timor-Leste aos 10/4/87. Voz de Maubere por Jaquel Machado.”

N. DO A. JUNTAMENTE COM ESTAS CARTAS FOI RECEBIDO UM MAPA DE TIMOR-LESTE DATADO DE DEZEMBRO 1986 E NO QUAL SE FOCAM AS POSIÇÕES DAS PRINCIPAIS FORÇAS DE COMBATE INDONÉSIAS, E DAS FORÇAS DE RESISTÊNCIA. ENVIADO VIA FAC-SÍMILE PARA A LUSA.

46. EXTRACTO RELATÓRIO CSIS (COMMONWEALTH
OF AUSTRALIA SPECIAL INFORMATION SERVICES)

47. NOTÍCIAS ENVIADAS ORIGINÁRIAS DA VOZ DA RESISTÊNCIA MAUBERE

ASSINADO 12/4/87 VOZ DE MAUBERE POR JAQUEL MACHADO

46. 20 MAIO 1987 O PORTUGUÊS NA AUSTRÁLIA

47. 20 MAIO 1987 NOTÍCIA PARA A LUSA REPUBLICADA POR "O COMÉRCIO DO PORTO"

48. FRETILIN DESMENTE TER LIGAÇÕES COM A LÍBIA ⁴⁶

Sidney 22 Maio 1987 TDM & LUSA) Um comunicado dimanado da Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente recusa as afirmações prestadas pelo primeiro-ministro Bob Hawke, à rádio e TV de ligações entre a Líbia e a Fretilin.

O primeiro-ministro declarou à rádio nacional "ABC", à rádio Austrália (em onda curta) e ao canal "10" de televisão que o encerramento da missão diplomática da Líbia em Camberra se devia ao envolvimento daquele país com a OPM (Movimento de Libertação da Irian Jaya - Papua Ocidental), com a Fretilin e com os Kanakas da Nova Caledónia.

É o seguinte o teor do comunicado de resposta da Fretilin:

"Até agora não houve ligações entre a Fretilin e a Líbia.

A Fretilin lamenta que o governo australiano se tenha mostrado tão preocupado com a "Ligação Líbia", mas militar e diplomaticamente apoiou a invasão e subsequente ocupação de Timor-Leste.

Tanto quanto diz respeito à Fretilin e ao povo de Timor-Leste, o terrorismo que vem causando a morte ao nosso povo é originário da Indonésia. A Fretilin não necessita receber de ninguém lições sobre como lutar contra o terrorismo e defender a democracia, pois que o tem vindo a fazer desde há mais de uma década, com isso pagando o elevado preço de mais de 150 mil vidas. Este processo genocida tem encontrado o apoio de sucessivos governos australianos.

Na luta pela democracia e independência, a Fretilin sempre esperou pelo apoio dos governos democráticos da Austrália e Nova Zelândia.

A Fretilin aproveita para lembrar ao senhor Hawke que de uma forma consistente a Líbia sempre se absteve de votar nas Nações Unidas quando se debateu o problema de Timor-Leste.

Caso as acusações feitas pelo senhor Hawke não sejam rapidamente consubstanciadas a Fretilin exigirá imediatamente um pedido de desculpas.

Ass.) Ágio Pereira, representante da Fretilin para a Austrália e Pacífico." (fim do comunicado)

Alguns órgãos da comunicação social e programas de debate televisivo criticaram de certa forma a apressada

decisão de Bob Hawke expulsar os dois membros da delegação Líbia, em especial quando se verificava uma extrema hesitação do governo trabalhista em tomar uma posição resoluta sobre a grave crise constitucional nas Fiji. Porém nenhum mencionou sequer ser esta a primeira vez que se alega uma ligação entre a Líbia e a Fretilin.

50. FRETILIN 20 MAIO 1987

49. CP 25 MAIO 1987

50. FRETILIN 26 MAIO 1987

50. FRETILIN ABATE HELICÓPTERO ⁴⁷

Sidney 26/6/87 TDM) Notícias provenientes de Timor-Leste indicam que no início deste mês as FALINTIL, forças armadas da Fretilin, teriam abatido um helicóptero e morto 94 boinas-vermelhas do exército indonésio, numa operação de guerrilha desencadeada em Lospalos na Ponta Leste.

A confirmar-se tal operação é uma das maiores vitórias militares das forças pró-independência de Timor que há 11 anos lutam contra o invasor indonésio.

Segundo nos foi declarado hoje, numa recente reunião em Díli, os principais dirigentes da APODETI debateram a actual situação militar no território e aprovaram uma moção exigindo a transferência de todo o armamento e material de guerra para aquele partido e a subsequente retirada das tropas Indonésias do território.

47 DESPACHO 44/87 26/6/87

Contamos poder receber em breve uma gravação efectuada no decurso de tão histórica reunião, que a confirmar-se poderá representar o maior volte face imaginável, dado que desde Maio de 1974 a APODETI defende intransigentemente a integração Indonésia.

Um pedido de retirada das tropas Indonésias e de passagem de responsabilidade militar para a população local parece no mínimo uma atitude suicida da APODETI, dado que o regime indonésio é proeminentemente anti-emancipalista.

51. FRETILIN E LÍBIA ⁴⁸

SIDNEY 27/6/87 LUSA) As afirmações prestadas há semanas, pelo primeiro-ministro australiano, Bob Hawke, à rádio e TV, de ligações entre a Líbia e a Fretilin, continuam a merecer o repúdio de organizações timorenses radicadas na Austrália.

O primeiro-ministro declarou à rádio nacional "ABC", à Rádio Austrália (em onda curta) e ao canal "10" de televisão que o encerramento da missão diplomática da Líbia em Camberra se devia ao envolvimento daquele país com a OPM (movimento de libertação da Irian Jaya - Papua Ocidental), com a Fretilin e com os Kanakas da Nova Caledónia.

Não foram até esta data prestados quaisquer detalhes sobre tal envolvimento, nem provado que ele tivesse de facto existido, e para alguns observadores trata-se

apenas de uma medida destinada a – por um lado retirar as atenções do fracasso diplomático australiano na questão das Fiji, e – por outro, resolver o sensível problema da presença Líbia na Austrália.

Recorde-se a propósito que há um mês atrás o advogado aborígene, Michael Mansell esteve em Tripoli na conferência mundial contra o imperialismo, tendo declarado que os aborígenes poderiam vir a aceitar o apoio da Líbia para rectificar os duzentos anos de tortura e opressão impostos pela colonização branca da Austrália.

Esta atitude causou alarme ao governo trabalhista de Hawke, e ameaçou criar um espírito de confronto e união na desiludida população aborígene, que constitui hoje apenas 1,5 por cento da população, ou seja menos de um quarto de milhão.

Não menos grave mas decerto mais silenciado pelos órgãos da informação foi o de estender a acusação de envolvimento da Líbia com o povo de Timor-Leste, que de acordo com a opinião generalizada dos observadores jamais recebeu apoio militar, logístico ou financeiro, de qualquer país desde 1976.

Neste contexto não espanta que o comité da Fretilin em Nova Gales do Sul divulgasse hoje um comunicado no qual acusa o governo trabalhista australiano de Bob Hawke, de fabricar uma alegada ligação da Líbia com aquele movimento.

Declarando que “o povo de Timor-Leste há mais de onze anos combate a invasão Indonésia, sem apoio

logístico do exterior,” o comunicado salienta “nunca ter havido qualquer apoio da Líbia, nem mesmo nas arenas diplomáticas internacionais.”

Considerando a Líbia como um país islâmico, mais alinhado com a Indonésia de uma forma tradicional, religiosa e política, do que com o povo católico de Timor-Leste, aquele comunicado termina acrescentando que *“se trata de mais uma manobra do governo australiano destinada a desacreditar Portugal no parlamento Europeu em relação ao problema de Timor-Leste, e apela para a oposição ao regime de ocupação Indonésia e, à denúncia e condenação das constantes violações dos direitos humanos do povo de Timor.”*

52. ESTUDANTES EM JACARTA ⁴⁹

SIDNEY 27/6/87 LUSA & TDM) Foi recebida na Austrália uma carta datada de 4 Junho proveniente dos estudantes timorenses retidos em Jacarta desde Outubro passado a aguardarem autorização de partirem para Portugal.

A saga destes estudantes da universidade católica Atjamaya, em Jacarta, teve início em Setembro 1986, mês em que foram detidos.

A 22 de Outubro do mesmo ano foram pedir asilo à embaixada holandesa, donde saíram uns dias depois com a promessa formal do ministro dos estrangeiros indonésio, Dr. Mochtar, e do seu homólogo holandês Hans van der Broeck, de que não seriam nem

49 LUSA 23/87, 27/6/87 E 45/87 TDM 27/6/87

processados nem perseguidos pela república Indonésia.

Posteriormente, estiveram asilados na residência do deputado timorense Guilherme Gonçalves, que devido a pressões Indonésias os acabaria por expulsar em Novembro. Embora portadores de um salvo-conduto assinado pelo reitor da universidade, Prof. Gerhard Bonang, várias têm sido as acções de intimidação contra aqueles estudantes.

Depois de várias hesitações o governo português autorizou a embaixada holandesa em Jacarta, como responsável pelos assuntos de Portugal naquele país, a emitir passaportes portugueses para que eles pudessem sair da Indonésia.

Os estudantes são:

João Freitas da Câmara, natural do Suai, 33 anos de idade, finalista de direito,

Antonino Gonçalves, 34 anos, ex-sargento do exército português; finalista de direito,

Abílio Sereno, 33 anos, finalista de economia,

Fernando Soares, 29 anos, finalista de engenharia civil.

De acordo com a carta ora recebida e da qual foi dado conhecimento ao correspondente da Lusa, aqueles estudantes têm sido entrevistados por vários jornalistas nos últimos meses, interessados em divulgar a sua situação. Na mesma carta tomamos conhecimento de entrevistas concedidas desde Abril ao jornal "Petroleum News", à BBC e à (UPI) United Press International, além de lhes ter sido possível enviar uma carta de apelo ao presidente do comité dos direitos humanos do parlamento Europeu. Assim, em 12 de Abril foram

entrevistados por Grant Peck do jornal da Australian-Asian Energy "Petroleum News" e correspondente da organização "Amnistia Internacional".

Peter Hiett da BBC também os entrevistou a caminho de Timor-Leste aonde se deslocou para cobrir as eleições gerais. Este jornalista levava consigo uma extensa lista de pessoas a contactar em Díli, mas apenas foi autorizado pela comitiva do ministro dos estrangeiros Dr. Mochtar a uma hora livre em Díli, pelo que não teve acesso às ditas pessoas.

Em 24 Abril o jornalista holandês Ton Gerrits, do secretariado da agência UPI (United Press International) radicado na Tailândia também teve uma longa entrevista com os quatro estudantes.

Em 15 de Maio o segundo secretário da embaixada holandesa, senhor Rijckevorfel sugeriu aos quatro estudantes que obtivessem trabalho em Jacarta, mas foi informado por Antonino Gonçalves de que os quatro só aceitavam trabalhar na embaixada até ao dia da sua partida para Portugal. Aquele funcionário foi informado do problema de alojamento com que os quatro estudantes se debatem, dado que o seu contrato de arrendamento termina em Agosto.

Rijckevorfel declarou que iria submeter o assunto à consideração do governo de Lisboa, acrescentando que continua a aguardar que a resolução para a sua partida de Jacarta, consiga ser obtida rapidamente através das negociações em Nova Iorque entre os embaixadores português e indonésio. De uma forma geral, a luta travada por aqueles estudantes para saírem da

Indonésia tem sido totalmente esquecida pelos meios de comunicação australianos.

53. ESTUDANTES E FALINTIL ⁵⁰

SIDNEY 27/6/87 LUSA) Notícias provenientes de Timor-Leste e hoje chegadas à Austrália indicam que as FALINTIL (forças armadas da Fretilin) abateram no início do mês de Maio um helicóptero do exército de ocupação indonésio.

Esta vitória militar foi divulgada ao correspondente da agência Lusa em Sydney, pelo porta-voz da Fretilin em Darwin, Ágio Pereira. Segundo a mesma fonte as FALINTIL teriam abatido no mesmo recontro 94 “boinas vermelhas” indonésios, na zona de Lospalos, na Ponta Leste de Timor-Leste.

Ágio confirmou ainda que os estudantes timorenses que há vários meses estão em Jacarta a aguardarem autorização para deixarem o país, têm dado inúmeras entrevistas numa tentativa de pressionarem as autoridades a resolverem o seu caso.

No passado mês de Maio, um dos estudantes, Antonino Gonçalves, de 34 anos e ex-sargento do exército português, ter-se-ia avistado com Pat Walsh, Secretário dos Direitos Humanos do (ACFOA) Comité Australiano para o Auxílio Económico ao Exterior (Australian Council for Overseas Aid). No decurso de tal encontro Pat Walsh recebeu uma carta destinada ao presidente do comité dos direitos humanos do parlamento Europeu.

50 LUSA #24/87 - 27/6/87,

Ainda segundo a mesma fonte, em Díli ter-se-ia efectuado uma reunião do "balau prjuit" na qual a APODETI (partido que defendia a integração de Timor-Leste na Indonésia) debateu a presente situação militar no território. Ausente da reunião, João Martins, um dos mais altos responsáveis daquele grupo.

Na mesma reunião, por proposta de Chiquito Osório foi aprovada uma moção na qual a "APODETI" pede:

- 1) Que todo o armamento e material de guerra indonésio sejam entregues à Apodeti.*
- 2) Que subsequentemente todo o exército indonésio se retire do território.*

A confirmar-se, esta notícia revela uma radical mudança política dos responsáveis pela APODETI, que desde 1974 propugnavam a integração de Timor-Leste na Indonésia. Ágio Pereira conta poder receber em breve uma gravação efectuada durante aquela reunião.

54. TIMOR-LESTE NEWS 21 JUNHO 1987

55. INSIDE INDONÉSIA JUNE 1987

56. TIMOR-LESTE NEWS 22 JUNHO 1987

57. BOLETIM INFORMAÇÃO FRETILIN DARWIN 27 JUNHO 1987

58. INSIDE INDONESIA JUNHO 1987

59. JUNHO 1987 INSIDE INDONESIA

60. NT NEWS DARWIN 30 JUNHO 1987

61. MANIF. EM DÍLI ⁵¹

Sidney 29 e 30/7/87 TDM & LUSA) Segundo notícias provenientes de Timor e hoje chegadas à Austrália, no passado dia 15 de Julho, teve lugar uma manifestação de jovens estudantes timorenses em frente ao Palácio do Governo.

A demonstração deveu-se à discriminação verificada contra os jovens timorenses que se vêem preteridos por jovens javaneses na admissão aos estabelecimentos de ensino secundário. Estes aparentemente, têm direito de preferência sobre os timorenses, que não são autorizados a efectuar as suas matrículas.

Os professores transmigrados de Java e outras ilhas Indonésias apenas estariam a aceitar a matrícula dos jovens indonésios, recusando-se a aceitar novos alunos timorenses. A manifestação terminou com o arremesso de pedras contra os vidros da escola secundária.

No mesmo dia um misterioso incêndio reduziu a cinzas o mercado municipal de Díli, incluindo metade do edifício que havia sido construído pelos portugueses antes de 1975.

O incêndio, em pleno dia não causou vítimas, mas arruinou os mercados indonésios de Macassar e das ilhas Celebes. Apenas um mercador timorense se encontrava no mercado. As forças militares e as milícias

51 DESPACHO 69/87 TDM 29/7/87 E LUSA 27/87 30/7/87

“hansip” vedaram totalmente o acesso ao local detendo todos os que se aproximam. O pânico e a confusão gerados pelo incêndio provocaram porém ferimentos em dezenas de pessoas. O incêndio, um dos maiores na história de Díli, não foi reportado pelos órgãos de comunicação locais.

Estas notícias, provenientes da "Voz da Resistência da Juventude de Timor", alertam ainda para o facto de estes acontecimentos terem ocorrido na véspera das celebrações da integração de Timor-Leste como 27^a província da Indonésia, em 1976.

Este ano do programa de celebrações não constava nem festas, nem jogos, nem manifestações populares de apoio a Jacarta. A rádio, TV e jornais apenas mencionaram a cerimónia do hastear da bandeira na presença de altas individualidades militares.

Há exactamente doze meses, a imprensa havia entrevistado o governador Mário Carrascalão, e distribuído o teor de tais entrevistas pelas agências internacionais.

O correspondente da Lusa na Austrália, entretanto recebeu de Jacarta a notícia da libertação de Martinho Rodrigues Pereira, de 27 anos de idade e natural de Bidau, Santana, o qual fora condenado a 4 anos de cadeia em 4 de Maio de 1984. Este jovem encontrava-se detido há quatro anos na prisão Cipinang de alta segurança dos serviços secretos indonésios BAKKIM Intel na Plaza Minggu, em Jacarta.

Foi transferida da prisão de mulheres de Tangerang, em

Jacarta, para a prisão da Comarca de Díli, Domingas da Costa (Coelho), de 29 anos, natural da Maliana, sentenciada a 6 anos de cadeia em Janeiro de 1984, e que era a única mulher timorense detida fora de Timor.

Estas notícias foram confirmadas por Ágio Pereira Alves, o dirigente da Fretilin para a Austrália e Pacífico Sul, que se encontra radicado em Darwin.

Ágio, confirmou que na prisão Cipinang mantêm-se detidos pelo menos 42 timorenses, cuja identidade a seguir se transcreve:

NOMEIDADE NATURAL DE...	SENTENÇA	/DATA
Mário Nicolau Reis, 1984· Farol, Díli	39 anos	17 anos Março
Albino de Lourdes, 1984 Kuluhun, Díli	48	17 anos Março
Mariano Bonaparte Soares 1984 bairro Pité, Díli	44	16 anos Março
David Dias Ximenes,	33	15 anos
Março José Roberto Seixas Iliomar , Lospalos	30	12 anos 1984
Domingos Seixas, 1984 Sta. Cruz, Díli	36	11 anos Março
Januário Ximenes, 1984 Kuluhun, Díli	42	10 anos Março
Fernando Pinto Baptista Janeiro 84 Lahae	45	8 anos
Miguel da Costa, Dezembro 83 Maliana	46	8 anos
António José Eduardo	44	8 anos

Dezembro 83	Kuluhun, Díli			
José Simões,	45	8		anos
Janeiro 84	Bécora, Díli			
Manuel Victor,	35	7		anos
Dezembro 83	Bidau, Santana			
Venceslau de Carvalho	24	7		anos
Janeiro 84	Motaulun			
Felicitando Tilman,	24	7		anos
Dezembro 83	Viqueque			
Domingos Karno Nunes	25	7		anos
Janeiro 84	bairro Pité, Díli			
Eduardo da Costa	33	7 anos		Março
84	Mascarenhas			
Mariano Moniz (Nunes)	54	7 anos		Março
84	Sta. Cruz, Díli			
João Gomes	41	7		anos
Janeiro 84	Aiturilaran, Díli			
Fernando da Costa	26 anos	7 anos		Maio
84	Iliomar, Lospalos			
Américo Sousa Jerónimo	36	7 anos		Maio
1984	Iliomar, Lospalos			
Abílio Tilman,	34	7		anos
Dezembro 83	Sta. Cruz, Díli			
Bailio Alves Freitas,	24	7 anos		Maio
1984	Colmera, Díli			
Gaspar de Araújo,	31	7 anos		Março
84	Kuluhun, Díli			
Luís Freitas,	29	7		anos
Janeiro, 84	Balibó			
Martinho Casimiro,	54	6	1/2	anos
Março 84	Sta. Cruz, Díli			
Francisco Carvalho,	28	6	1/2	anos
Agosto 84	Bécora, Díli			

Gaspar da Costa Pinto Loi, 27 Maio 84 Cômoro	6	anos
Eduardo Casimiro, 35 84 Sta. Cruz, Díli	6 anos	Maio
António Mesquita, 25 84 Bécora, Díli	6 anos	Maio
Caetano de Sousa Guterres, 35 84 Bécora, Díli	6 anos	Maio
João de Macedo dos Santos, 28 84 bairro Pité, Díli	6 anos	Maio
Agapito Rocha (Rosa), 30 84 Taibesse, Díli	6 anos	Agosto
Eurico de Jesus, 33 Setembro 84 Cômoro	6	anos
Henrique Belchior da Costa, 34 Setembro 84 Ossú, Viqueque	6	anos
Tomas Rodrigues, 36 84 Gari-uai, Baucau	5 anos	Maio
Luís Fátima Carvalho, 48 84 Lakoto, Balibó	5 anos	Agosto
Artur Ximenes, 34 Outubro 84 Baucau	5	anos
Armando Florindo, 25 84 Bécora, Díli	5 anos	Maio
Ernesto Soares Pinto, 30 Setembro 84 Viqueque	5	anos
Mariano da Costa Soares Out.º. 84 Viqueque	3 e 10	meses

62. MANIF EM DÍLI ⁵²

(Sidney, Lusa 30/7/87) Notícias provenientes de Timor-

Leste e hoje chegadas à Austrália, revelam que no passado dia 15 de Julho, centenas de estudantes timorenses se manifestaram em frente ao "Kantor Golkar" [Palácio do Governo].

A manifestação que terminou com o arremesso de pedras contra os vidros das escolas secundarias de Díli, deveu-se à existência de discriminação contra os alunos timorenses, que se vêem preteridos no acesso ao ensino secundário, pelos filhos dos javaneses e outros transmigrados.

Estes aparentemente, têm direito de preferência sobre os timorenses, que não são autorizados a efectuar as suas matrículas.

Curiosamente, na mesma data um misterioso incêndio destruiu totalmente o mercado municipal de Díli, incluindo metade do antigo mercado municipal, construído pelos portugueses antes de 1975.

O incêndio, em pleno dia não causou vítimas, mas arruinou os mercadores indonésios de Macassar e das ilhas Celebes. Apenas um mercador timorense se encontrava no mercado. O pânico e a confusão gerados pelo incêndio provocaram porém ferimentos em dezenas de pessoas.

Todo o acesso à zona do mercado foi depois cortado pelas forcas militares indonésias e pelas forcas de milícia timorense "hansip", as quais detêm qualquer pessoa que se aproxime do local. O incêndio, um dos maiores na história de Díli, não foi reportado pelos órgãos de comunicação locais.

Estas notícias, provenientes da "Voz da Resistência da Juventude de Timor", alertam ainda para o facto de estes acontecimentos terem ocorrido na véspera das celebrações da integração de Timor-Leste como 27^a província da indonésia, em 1976.

Este ano do programa de celebrações não constava nem festas, nem jogos, nem manifestações populares de apoio a Jakarta. A rádio, TV e jornais apenas mencionaram a cerimónia do hastear da bandeira na presença de altas individualidades militares.

Há exactamente doze meses, a imprensa havia entrevistado o governador Mário Carrascalão, e distribuído o teor de tais entrevistas pelas agencias internacionais.

O correspondente da Lusa na Austrália recebeu entretanto de Jakarta a notícia da libertação de Martinho Rodrigues Pereira, de 27 anos de idade e natural de Bidau, Santana, o qual fora condenado a 4 anos de cadeia em 4 de Maio de 1984. Este jovem encontrava-se detido há quatro anos na prisão "Cipinang" de alta segurança dos serviços secretos indonésios BAKKIM/Intel na Plaza Minggu, em Jakarta.

Foi transferida da prisão de mulheres de Tangerang, em Jakarta, para a prisão da Comarca de Díli, Domingas da Costa (Coelho), de 29 anos, natural da Maliana, sentenciada a 6 anos de cadeia em Janeiro de 1984, e que era a única mulher timorense detida fora de Timor.

Estas notícias foram confirmadas por Ágio Pereira

Alves, o dirigente da Fretilin para a Austrália e Pacífico Sul, que se encontra radicado em Darwin. Ágio, confirmou que na prisão "Cipinang" se mantêm detidos pelo menos 42 timorenses.

63. NOTÍCIA TDM 73/87 DE 9 AGOSTO 87

64. A OUTRA VISÃO DE TIMOR DADA PELO JORNAL TEMPO

65. APELO DA ACFOA 6 AGOSTO 1987

66. COMUNICADO DA RESISTÊNCIA

Sidney, domingo, 9 Agosto 1987 LUSA) A seguir se transcreve resumo de extenso documento da "Voz Da Resistência Popular Maubere", recebido pelo correspondente da Lusa na Austrália, e relativo à situação em Timor-Leste no primeiro semestre de 1987.

A "Voz da Resistência Popular Maubere" conseguiu fazer chegar ao correspondente da "LUSA" na Austrália, um extenso documento no qual se citam os mais recentes casos de violações dos direitos humanos e se faz o ponto da situação político, militar, social, económico e cultural em Timor-Leste durante os primeiros seis meses do corrente ano.

Transcrevemos alguns dos pontos mais importantes daquele documento:

"Onze anos após a vandálica agressão a Timor-Leste, o clima de intimidação e terror continua sendo o ar que o povo maubere respira e permanece como a imagem viva da anexação pela força das armas de

uma pátria e um povo opondo-se com uma consciência patriótica.

1. – Júlio Sarmiento, natural de Mauchiga, Hato-Builico, Ainaro, foi massacrado em 4/9/86 em Ainaro. Sarmiento fora ferido numa perna e capturado em 4/2/86 pelos "nanggalas" num assalto a povoação de Holarua, Same. Levado para Ainaro, recebeu tratamento e ficou detido, depois, e até à sua morte foi interrogado, espancado e vítima de choques eléctricos. Finalmente foi assassinado a tiro na varanda do posto policial de Ainaro, tendo sido decepado.

No dia seguinte a população foi convocada para presenciar o destino sofrido por Júlio Sarmiento, e ameaçada de que o mesmo lhes aconteceria se se negassem a colaborar com a soldadesca Indonésia ou se mantivessem contactos com a resistência.

2.- Em 5/1/87, Florindo de 30 anos, natural de Lere Lia, Moro em Lospalos, foi apunhalado e morto pelos soldados do batalhão 745, por ter ido à sua Horta no lugar de Pupuhu, durante o período de prevenção.

3.- Vai Leve, de 40 anos, natural de Malalaida, Moro em Lospalos foi assassinado a rajada de metralhadora em 1/1/87 na localidade de Mai Vari, por elementos do batalhão 745. Motivo: ter ido à sua Horta pelas dez horas sem "surat jalan" (guia de marcha).

4.- Em Março deste ano, Jaime da Costa de 27 anos (filho de Luís da Costa e Estefânia), do suco de

Tirilolo em Iliomar, e Martinho Hornay, de 36 anos (filho de Salvador Hornay e Alda) natural de Maluhira, Kaenliu, liurai de Iliomar foram brutalmente assassinados pelos soldados.

5.- António Campos, de Lospalos, foi aprisionado pelos comandos indonésios numa emboscada, entre Baguia e Iliomar. António era um das escoltas do CCRN (Comité Central Da Resistência Nacional, Fretilin). Gravemente ferido, foi transferido para o hospital militar em Jacarta, onde foi torturado, tendo desaparecido sem deixar vestígio. Supõe-se ter sido massacrado por não revelar segredos do CCRN.

6.- Em 21 Novembro 1986, um assalto da resistência provocou a morte de 35 soldados e a apreensão de 34 metralhadoras ligeiras AR-15. De imediato o comandante militar indonésio da zona "Zipur-9" mandou concentrar a população de Iliomar, e distribuindo baionetas mandou apunhalar 17 homens fortes para vingar os 35 soldados.

7.- Todos os estudantes timorenses que partem para continuar os seus estudos em outra parte da Indonésia são submetidos ao seguinte:

"Klering tes" (teste de elegibilidade) no quartel da polícia secreta e no "kantor sosial-politik" (departamento social e político), onde lhes são feitas perguntas sobre as obras desenvolvidas pelos indonésios, identidade política, social, religiosa, etc.

"Pemeriksaan" ou inquéritos feitos por vários departamentos do estado indonésio. Caso não respondam, são ameaçados e torturados.

8.- A vigilância sobre todos os estudantes timorenses que se encontram em Java tem sido intensificada, como represália pelo caso dos quatro estudantes que ainda se encontram em Jacarta a aguardar autorização para sair da Indonésia, e os quais são portadores de passaporte português.”

Segundo declarações recentes de Benny Murdani, comandante-chefe das forças armadas, em Timor-Leste já não existe guerrilha e o território está aberto ao turismo e a jornalistas estrangeiros, mas os cemitérios de Timor-Leste enchem-se de soldados indonésios.

Murdani continua a visitar mensalmente os acampamentos e postos militares em Timor-Leste, coisa que não faz nas outras províncias, com a excepção de Irian Jaya (Papua Ocidental) onde vai de dois em dois meses.

A resistência capturou armas em Janeiro, entre Loi Huno e Buanurak, em Março entre Moro e Kon, e em Muapitine na região de Lospalos. Em Abril mais 4 metralhadoras AR-15 no centro Leste e a 17 desse mês outras cinco entre Loikero e Lehara em Lospalos.

No início do mês de Maio um helicóptero foi abatido e 94 soldados “boinas vermelhas” morreram.

Na segunda metade do mês 39 soldados do batalhão 201 foram mortos em Viqueque e material de guerra capturado. Em Salamari, a 10 quilómetros da vila de Baucau, cinco soldados foram também abatidos.

Assinado aos 20 dias do mês de Junho de 1987, pela Voz da Resistência Popular Maubere, e pelos estudantes de Timor Oan.” [fim do comunicado]

67. 9 AGOSTO 1987 DESPACHOS LUSA 28 E 29/87
[COMUNICADOS NA ÍNTEGRA]

68. PNA 19 AGOSTO 1987

69. 12 AGOSTO 1987 O PORTUGUÊS NA AUSTRÁLIA ,
SYDNEY

70. ESTUDANTES EM JACARTA ⁵³

Sidney 21/8/87 TDM) Notícias provenientes de Jacarta e hoje chegadas à Austrália indicam que os 4 estudantes timorenses que desde há cerca de um ano tentam deixar o país foram informalmente informados pela CVI de que só o poderiam fazer saindo com passaportes indonésios, de acordo com recente decisão de Benny Murdani, o chefe do estado-maior general das FA's Indonésias, e bem assim o responsável pelas operações militares da invasão de Timor-Leste. Dados os riscos que isto acarreta, aqueles estudantes que são portadores de livres trânsito emitidos pelo MNE Dr. Mochtar, recusaram-se a fazê-lo, embora um deles esteja disposto a arriscar. O advogado dos estudantes teve reuniões esta semana nas Nações Unidas para acelerar o seu processo de saída.

Entretanto os parlamentares japoneses que tão cooperativos têm sido com a Fretilin ofereceram esta

semana um fac-símile à delegação de Darwin, a qual foi entretanto convidada para tomar parte no Fórum do Pacífico a ter lugar em Alice Springs a 13 e 14 de Outubro. Numa notícia da rádio de ondas curtas, Rádio Austrália, foi anunciado que a Austrália iria doar 2 milhões de dólares para auxílio à reconstrução de Timor-Leste, a notícia porém não pode ainda ser confirmada por outras fontes.

71. 24 AGOSTO 1987 EM O PORTUGUÊS, SIDNEY

72. 31 AGOSTO 1987 DESPACHOS PARA A LUSA E TDM:

73. INSIDE INDONESIA AGOSTO 1987

74. 31 AGOSTO 1987 O PORTUGUÊS , SYDNEY

75. SUARA PEMBARUAN, JACARTA, 1 SETEMBRO 1987

75. PORTUGAL ABANDONA AUTODETERMINAÇÃO DE TIMOR ⁵⁴

Sidney 2/9/87 TDM) O mais importante programa nacional de rádio australiano, noticiou hoje que Portugal havia decidido excluir do seu programa de governo a cláusula que citava o direito à autodeterminação do povo de Timor. Nesse programa, Ágio Pereira, porta-voz da comunidade timorense na Austrália, declarou-se surpreendido com a notícia que contradiz recentes afirmações de Cavaco e Silva e do P.R. Mário Soares.

Ágio disse ainda que hoje mesmo tentara entrar em contacto com o governo português para obter uma clarificação sobre o significado daquela omissão, mas que não conseguira nenhuma resposta.

Aquele programa citando uma fonte governamental portuguesa não identificada alegava que o novo governo tinha novas estratégias de aproximação ao problema de Timor-Leste. O programa terminava dizendo que afinal que a Austrália que tão criticada tem sido pelo reconhecimento da anexação de Timor-Leste fizera o mesmo que o governo português agora planeava executar. Ágio Pereira enviou hoje telexes ao P.R. e ao 1º ministro solicitando um esclarecimento e manifestando a repulsa dos 15 mil timorenses aqui residentes, por aquela omissão.

77. BULLETIN 3 SETEMBRO 1987

78. 3 SETEMBRO 87 COMÉRCIO DO PORTO

76. 4 SET.º SYDNEY MORNING HERALD: PORTUGAL CHAMA EMBAIXADOR

77. JACARTA APROXIMA-SE DE PORTUGAL ⁵⁵

Sidney 4/9/87 TDM) Notícias provenientes de Jacarta indicam que a Indonésia está a estudar a aparente mudança de atitude do governo de Lisboa face a Timor-Leste, e de acordo com o MNE indonésio Dr. Mochtar esta mudança vem na sequência de um artigo publicado em Agosto pelo semanário "Tempo".

Aquele artigo criticando a acção dos governantes portugueses elogiava a Indonésia e apelava para Lisboa restabelecer relações diplomáticas com Jacarta.

Diplomatas em Jacarta afirmam que esta mudança da atitude de Portugal poderá contribuir para que a Indonésia tenha a presidência do grupo dos países não alinhados, actualmente liderado pelo Zimbabué.

O Dr. Mochtar disse ainda que a Indonésia tem sido vítima de uma campanha de propaganda e convidou representantes do governo de Lisboa a verem os hospitais, escolas, estradas e outros empreendimentos da Indonésia na ex-colónia portuguesa.

De Darwin, Austrália, Ágio Pereira porta-voz da comunidade timorense, afirma esperar a confirmação da mudança de política de governo antes de considerar qual a acção que os timorenses irão adoptar.

78. SUARA PEMBUARAN 5 SETEMBRO 1987

79. 1-7 SETEMBRO 1987 KOMPAS JACARTA

80. AS NOTÍCIAS NA VERSÃO DE NUNO ROCHA,
JORNAL TEMPO, PORTUGAL 6 AGOSTO 1987

81. NOTÍCIA ENVIADA PARA A LUSA E TDM
SETEMBRO 1987

82. ESTUDANTES EM JACARTA 56

Sidney 18/9/87 TDM) Há um ano atrás foi anunciada a detenção de Antonino Gonçalves, 34 anos de idade, ex-sargento do exército português, e finalista de direito, na sequência de uma alegada denúncia, conjuntamente com João Freitas da Câmara e de Francisco Fernandes Carvalho, naturais de Timor, e estudantes da universidade católica de Jacarta, os quais foram acusados de pertencerem à Fretilin pela polícia secreta da Indonésia.

Estes estudantes seriam libertados em 11 de Outubro. Em 24 Agosto o exército regular indonésio havia penetrado na igreja de Atsabe e prendera seis fiéis católicos que ali oravam. De acordo com fontes afectas à Fretilin, cinco estudantes foram então denunciados na sequência desse assalto, e os quais se encontravam em Jacarta desde 1981 a estudar na universidade católica. Os outros estudantes detidos estavam em Díli, sabendo apenas tratar-se de Domingos Sarmiento e Germano da Silva.

Uma intensa campanha para a sua libertação, coordenada pela Amnistia Internacional em Londres veio finalmente a surtir efeito um ano depois e embora sejam detentores de passaporte português, 4 daqueles estudantes estão impossibilitados de abandonarem a Indonésia.

Um apelo australiano para pagar as suas despesas de acomodação na Indonésia conseguiu garantir-lhes acomodação para os próximos 12 meses, mas de acordo com recentes contactos a sua situação é deveras frustrante e depressiva, e não se vislumbra

uma rápida solução para o seu caso.

Algumas organizações australianas e japonesas mantêm-se esperançadas em conseguir a sua libertação em breve, aguardando uma tomada de medidas pelo governo português.

83. 18 SETEMBRO 1987 VISITA DE PARLAMENTARES PORTUGUESES – CP [COMÉRCIO DO PORTO]

84. SIDNEY, O PORTUGUÊS, 28 SETEMBRO 1987

85. DESPACHO TDM 102/87, LUSA DESPACHO 30/87, 30 SETEMBRO 1987

86. PNA 30 SETEMBRO 1987

87. SIDNEY 2 OUTUBRO 1987 LUSA DESPACHO 34/87, DESPACHO TDM 122/87: DELEGAÇÃO INDONÉSIA INVESTIGA TIMOR-LESTE

88. PNA SYDNEY 4 OUTUBRO 1987

89. SYDNEY o PORTUGUÊS 5 OUTUBRO 87

90. SYDNEY O PORTUGUÊS 12 OUTUBRO 1987

91. SYDNEY O PORTUGUÊS 13 DE OUTUBRO 1987

92. 3 NOVEMBRO 1987, DESPACHO TDM 118/87 E LUSA DESPACHO 33/87

93. ENVIADA LUSA – INFORMAÇÃO FRETILIN DARWIN NOV-DEZ 1987

94. 28 OUTUBRO 1987 DN

95. 8 NOV 87 TIMES ON SUNDAY

96. 19 NOVEMBRO 1987 DN

97. REFUGIADO DE TIMOR-LESTE FALA DO GENOCÍDIO DO SEU POVO.⁵⁷

Sidney 03/12/87 LUSA) José Gusmão tem 34 anos de idade e é aprendiz de cozinheiro no hotel do casino de Diamond Beach, em Darwin, no Território Norte australiano, onde vive com sua mulher Fátima e filhos, José de 5 anos e Maubere de um ano. Para além disto trabalha ainda como assistente bilingue no liceu de Darwin.

José, Fátima e Joe vieram para a Austrália em 1985, como refugiados políticos, e uma das suas missões era mostrar ao mundo a realidade da situação em Timor-Leste, onde assistiu ao genocídio da sua gente.

Numa entrevista ao jornal “Sydney Morning Herald” Gusmão declara querer que o governo australiano force a Indonésia a cumprir as leis internacionais e a reconhecer a decisão do Conselho de Segurança das

57 LUSA 36/87, 03/12/87

Nações Unidas que exige a retirada das tropas do território de Timor-Leste.

José Gusmão, primo de Xanana Gusmão, é um dos cerca de 3 mil e quinhentos timorenses que integram a multicultural sociedade de Darwin, onde têm três clubes associativos e um pequeno mas bem organizado grupo da Fretilin. A atracção de Darwin, para os timorenses é sobretudo a proximidade a que está de Timor-Leste, onde muitos anseiam poder regressar um dia. Aquando da invasão, José e Fátima fugiram de Díli para as montanhas, tendo-se junto às forças da Fretilin, a quem durante quatro anos José Gusmão treinou e recrutou. Nesse período e devido à falta de assistência médica o casal perdeu dois filhos, José e Luan Halic, até que em 1979 foi capturado pelo “batalhão 700” dos boinas verdes do general Benny Murdani, numa das maiores campanhas militares então desencadeadas pelos indonésios para exterminar as forças de resistência da Fretilin.

Gusmão que se encontrava na altura a trabalhar como empregado de escritório em Díli, e padecendo de malária ficou sob detenção domiciliária, sendo obrigado a apresentar-se semanalmente às autoridades. Hoje, considera-se extremamente afortunado, pois que então se verificaram casos de extrema tortura e de prisioneiros sendo atirados de helicóptero.

A propósito cita o caso de uma jovem de 15 anos, Maria Gorette, organizadora da juventude da Fretilin, que foi detida juntamente com seu cunhado Leopoldo Joaquim, do Comité Central da resistência nacionalista, e os quais ao serem transportados de Díli para Baucau,

foram lançados do helicóptero para o mar, naquilo que era então uma frequente forma de tratamento de prisioneiros que se recusavam a cooperar.

Muitos detidos são interrogados e depois assassinados, e isto tem sido – diversas vezes -confirmado por soldados indonésios. José Gusmão acredita que ainda hoje os indonésios mantêm corrente o uso da esterilização das mulheres de Timor, como forma de redução da população nativa e assim permitir que os javaneses passem a ser majoritários em Timor-Leste. Ele considera ainda que hoje a Indonésia admite ter subestimado a força da resistência maubere. Quando partiu para a Austrália em 1985, um dos seus irmãos foi assassinado em retaliação, pelas tropas Indonésias.

Desde 1975 os indonésios mataram já o seu pai, outro irmão, um cunhado e uma tia, tendo apenas sobrevivido a sua mãe, que ainda se encontra em Timor num debilitante estado de anemia, e a quem envia mensalmente cerca de Esc. 18 000 (18 contos) para ajudar ao seu sustento. Gusmão considera-se ainda hoje um activo membro da Fretilin, vendo o seu papel primordial na Austrália como o de tornar pública a causa da independência de Timor-Leste e continuar a lutar pelo apoio do governo australiano naquela causa.

98. DN LISBOA 03 DEZEMBRO 1987

99. 12 ANOS DEPOIS OS TIMORENSES RADICADOS NA AUSTRÁLIA AINDA NÃO ESQUECERAM.⁵⁸

58 LUSA 37/87 07/12/87

Sidney 07/12/87 LUSA) Celebra-se hoje o décimo segundo aniversário sobre a infame e sangrenta invasão de Timor-Leste pelas forças aéreas, navais e terrestres da república Indonésia.

Durante mais de 450 anos colonizado por Portugal, com um curto período de dominação nipónica durante a segunda Grande Guerra, Timor-Leste conheceu naquela madrugada de 7 de Dezembro de 1975, um terceiro colonizador, mais sangrento e implacável que os próprios japoneses do exército imperial.

O povo de Timor desde essa nefasta data vem enfrentando com os seus limitados recursos militares uma guerrilha permanente contra o exército invasor, que ao fim de 12 anos ainda não conseguiu dominar e aniquilar as forças de resistência nacional, nem subjugar a população civil.

Para os nacionalistas timorenses radicados na Austrália o dia de hoje representa um dia de luta e de luto, e assim a Fretilin e a UDT, respondendo ao pedido de colaboração feito por organizações internacionais e australianas amantes da paz e da justiça, tomaram parte neste fim-de-semana em jornadas de protesto contra a invasão de Timor-Leste, e simultaneamente denunciando a constante violação dos direitos humanos praticada pela república da Indonésia.

Centenas de timorenses reuniram-se pacificamente na manhã de sábado em frente ao consulado geral da Indonésia no subúrbio de Maroubra em Sydney, protestando contra a ocupação da sua pátria.

Ontem, domingo dia 6, na capital australiana, Camberra, celebrou-se da parte de manhã uma missa na catedral de S. Cristóvão em homenagem à memória dos timorenses vitimados pelo exército indonésio e pela ocupação da sua terra.

De tarde realizou-se uma conferência da A.C.E.T. (Comité Australiano de Auxilio a Timor-Leste), e na qual tomaram parte diversos oradores australianos e timorenses, nomeadamente senadores e deputados do parlamento australiano.

Após a conferência foi projectado o filme "*Shadow Over East Timor (Sombras Sobre Timor-Leste)*" e o filme "*Um Só Povo, Uma Só Alma*" da resistência nacionalista da OPM (Organização para a libertação da Papua ocidental) que em Irian Jaya, na metade ocidental da ilha da Papua luta contra a anexação Indonésia registada em 1962.

Hoje em Camberra terá lugar uma manifestação em frente ao parlamento nacional australiano, seguida por um seminário sobre Timor-Leste, organizado pela universidade nacional australiana, e na qual tomarão parte as centenas de timorenses provenientes dos vários estados e territórios australianos, que desde ontem se encontram em Camberra, protestando contra a apatia do governo australiano e dos seus órgãos de comunicação social.

100. O POVO DE TIMOR DECIDE ESTABELEECER UMA REPRESENTAÇÃO DIPLOMÁTICA EM CAMBERRA ⁵⁹

Sidney 07/12/87 LUSA) Uma das principais decisões ontem aprovadas em Camberra, na conferência da ACET – coligação australiana para a independência de Timor-Leste – foi a de estabelecer uma delegação permanente com carácter de representação diplomática em Camberra para defender os interesses dos timorenses e do seu direito à autodeterminação.

Outra das resoluções aprovadas foi a de erigir um memorial aos timorenses que na segunda Grande Guerra deram a sua vida para garantirem a sobrevivência dos valores ocidentais, então defendidos pelas tropas australianas estacionadas em Timor, e ainda a participação de timorenses nas marchas dos veteranos australianos no feriado nacional em 25 de Abril de cada ano, data que assinala o ANZAC Day (dia dos veteranos das forças neozelandesas e australianas envolvidas em guerras desde o início do século).

Dentre os oradores na sessão de domingo convocada pelo ACET contaram-se Ágio Pereira, representante da Fretilin para a área do Pacífico Sul e Austrália e João Carrascalão membro da UDT e irmão do actual governador de Timor-Leste. Ágio Pereira salientou a sua presença recente num congresso das nações da Ásia e Pacífico durante a qual o apoio a Timor-Leste foi reforçado e bem assim o estabelecimento de uma missão permanente em Port Moresby, na Papua Nova-Guiné, como representante das nações do Pacífico opostas à proliferação nuclear nesta área.

Hoje, no seminário a ter lugar na universidade nacional em Camberra, dentre os oradores farão parte, Ken Fry,

um ex-parlamentar trabalhista desde há muitos anos ligado a Timor, bem como os deputados Tony Lamb, e Warren Snowdon do Território Norte, além de Ágio Pereira da Fretilin e João Carrascalão da UDT.

Como porta-voz da ACET um dos organizadores deste encontro, o Dr. Michael Wagner salientará o crescente apoio regional ao povo de Timor-Leste.

Dentre os outros oradores contava-se ainda o Prof. Tom Burns do R.S.L. (Returned Servicemen's League – uma espécie de liga dos combatentes) de tendências políticas de extrema-direita, e ainda Câncio Noronha um ex-funcionário do BNU em Timor e das finanças coloniais da ex-colónia.

Na sessão de ontem um grupo cultural de Timor representando o “East Timor Cultural Centre” de Sydney actuou em danças e bailados tradicionais.

101. 7/12/87 CARTA DE XANANA AO NÚNCIO
APOSTÓLICO EM JACARTA

102. CANBERRA TIMES 08 DEZEMBRO 1987

103. JAPAN TIMES 12 DEZEMBRO 1987

104. SMH 17 DEZEMBRO 1987

105. NTNEWS 31 DEZEMBRO 1987

106. FUNU CDPM BOLETIM 17 DE DEZEMBRO 1987

CAPÍTULO 5 – 1988

1. O PORTUGUÊS NA AUSTRÁLIA 13 JANEIRO 1988

2. 24 JANEIRO 1988 CPDPM

2. TIMOR-LESTE NEWS 10 JANEIRO 1988

3. NATAL EM TIMOR. ⁶⁰

SIDNEY 02 JAN.º 88 LUSA) O general Benny Murdani Comandante-em-Chefe das forças armadas Indonésias esteve durante o natal em Timor-Leste, celebrando com os cerca de dez mil soldados ali estacionados a presença Indonésia no território. No seu regresso a Jacarta declararia aos jornalistas que o seu país respeitava os direitos do povo e que o povo de Timor não estava a ser aniquilado.

Ao referir-se à guerrilha da Fretilin, Murdani confessaria que seriam ainda precisos vários anos até que uma solução fosse encontrada, acrescentando críticas a Sua Santidade o Papa, por ter sido tão acérbico em relação à Indonésia, quando há dias ao receber o novo embaixador no Vaticano disse que deveriam ser respeitados os direitos do povo de Timor-Leste. Murdani, numa conferência de imprensa conjunta com o ministro dos estrangeiros, Dr. Mochtar, disse que João Paulo II estava mal informado dado que a Indonésia sempre manteve a liberdade de prática do culto católico e não queria

60 LUSA DESPACHO 01/88 02/01/88 TAKE ONE.

converter os timorenses ao islamismo, permitindo a livre actuação do clero católico.

Por outro lado, fontes timorenses alegam que nos últimos tempos a população timorense de Díli tem sido obrigada a mudar-se para áreas suburbanas face ao crescente aumento dos transmigrados javaneses que ali se encontram. Notícias ora chegadas de Timor salientam que na noite de Natal um grupo de timorenses hasteou a bandeira portuguesa tendo depois havido sangrentos confrontos com as autoridades Indonésias numa das maiores cidades de Timor.

4. ENCONTRO DE TIMORENSES ⁶¹

SIDNEY, 02 JAN.º 88 LUSA) Entretanto numa manobra publicitária, a Indonésia autorizou cerca de vinte pessoas de Timor a visitarem por um restrito período familiares seus radicados na Austrália.

Estes porém foram obrigados a deixarem familiares em Timor, como garantia do seu regresso a Timor, e foram avisados antes de partirem que não deviam divulgar nada sobre Timor-Leste.

5. 21 JANEIRO 1989 LUSA AMEAÇAS AO CÔNSUL

6. PADRE TORTURADO ⁶²

SIDNEY, 21 JAN.º 88 LUSA) Notícias ora chegadas de Timor-Leste dão conta de que o padre salesiano José

61 LUSA DESPACHO 01/88 02/01/88 TAKE TWO

62 LUSA DESPACHO 03/88 21/1/88, TAKE ONE

Ribeiro, natural dos Açores e há mais de 30 anos missionário naquela ex-colónia, teria sido detido e torturado pelas tropas Indonésias.

Aquele missionário que mantém um orfanato na vila de Rasa, perto de Lospalos, dedicava-se à caça para conseguir obter carne para o orfanato, quando foi detido por uma patrulha indonésia dentro dos limites da vila.

A sua arma, uma relíquia da Segunda Grande Guerra foi apreendida e o missionário acusado de ser um adepto da resistência nacionalista timorense. Devido à interferência de outros membros do clero foi finalmente libertado. O administrador apostólico monsenhor Carlos Belo não fez até ao momento nenhum comentário público sobre o incidente.

7. MAIS TORTURAS A PADRES ⁶³

SIDNEY, 21 JAN.º 88 LUSA) Os padres Leão da Costa e Domingos Morato da Cunha que se encontram em Timor há mais de uma dezena de anos foram presos e torturados pela polícia secreta Indonésia – KOPSKAM – durante o mês de Dezembro.

Isto coincidiu com o regresso a Jacarta do comandante dos "boinas vermelhas", coronel Suharto que depois de sete meses se viu incapaz de obter o apoio da população e apenas deteve 15 guerrilheiros. Aquele militar foi já substituído no comando das operações militares especiais em 12 de Dezembro, não sendo porém sabido até esta data o nome do seu substituto.

Numa emboscada em 22 de Dezembro um pequeno grupo de guerrilhas da Fretilin capturou dois carros de combate em Barlique, Buburlaran, perto de Viqueque, na Ponta Leste, utilizando granadas anteriormente capturadas aos indonésios.

Desse incidente resultaram 12 mortos e 22 feridos, incluindo um coronel, que foi transportado para o hospital militar de Jacarta. Em retaliação os indonésios atacaram Vila Verde, capturaram vários civis cujos corpos decepados foram levados para Díli onde foram exibidos à população, como o exemplo do que acontece aos guerrilheiros.

Adiante se transcrevem as notícias chegadas da Fretilin e que estão na origem deste texto:

8. INÁCIO DE MOURA – I – ⁶⁴

SIDNEY, 25 JAN.^o 88 LUSA) Chegou esta semana a Darwin, no Território Norte, o mais alto funcionário público da administração colonial portuguesa que ainda se encontrava em Timor-Leste.

Trata-se de Inácio de Moura, ex-director dos serviços provinciais de Turismo e da Emissora de Radiodifusão de Timor, Inácio de Moura, o qual há doze anos se encontrava impedido de deixar o território.

Moura, que viajou para Darwin com passaporte turístico indonésio, pediu já às autoridades australianas

autorização para residir no país e juntar-se aos seus familiares aqui residentes, mas existem sérias dúvidas de que tal pedido venha a ser autorizado para não hostilizar as autoridades indonésias.

Por outro lado Inácio de Moura, avistou-se já com as autoridades diplomáticas portuguesas, a fim de que estas possam interceder na resolução do seu problema, dado que para efeitos legais Moura é ainda hoje um funcionário do governo português.

Inácio de Moura nos últimos anos serviu de intérprete oficial do governo de Díli às comitivas parlamentares e governamentais australianas, nomeadamente à última visita do embaixador australiano em Jacarta, Bill Morrison.

Fontes afectas à comunidade timorense na Austrália indicam que caso Moura seja autorizado a radicar-se aqui, poderá servir de porta-voz para desmascarar os abusos e violações dos direitos do homem ainda hoje praticados na ex-colónia portuguesa.

9. INÁCIO DE MOURA – II – ⁶⁵

SIDNEY, 31 JAN.º 88 LUSA) Encontra-se desde há dias entre nós o mais alto funcionário da administração colonial portuguesa em Timor-Leste, que conseguiu evadir-se aos indonésios.

Trata-se de Inácio de Moura, o poeta e ex-chefe dos serviços de Turismo de Timor português, que há doze

anos se encontrava impossibilitado de abandonar o território.

Moura esteve já em Camberra onde obteve o seu passaporte português, aguardando agora que o governo de Lisboa subsidie a sua passagem. Inácio de Moura, com quem falamos há pouco, está agora com os seus familiares em Darwin.

10. INÁCIO DE MOURA – III – ⁶⁶ (O MAIS ALTO FUNCIONÁRIO DA ADMINISTRAÇÃO COLONIAL PORTUGUESA EM TIMOR ESTÁ NA AUSTRÁLIA)

SIDNEY, 10 FEV.^o 88 LUSA) Inácio de Moura, poeta popular, e chefe dos serviços de turismo de Timor-Português até à invasão Indonésia encontra-se desde há dias entre nós.

Ele é a mais alta personalidade do governo português a abandonar Timor-Leste desde a invasão Indonésia em Dezembro de 1975, e nos passados doze anos desempenhou funções diversas desde intérprete das comissões de inquérito australianas do embaixador Bill Morrison, a chefe dos Serviços Sociais e da Repartição de Finanças e Impostos, em Díli. A sua família escapara para Darwin em 1975, e só agora Inácio de Moura pode de novo abraçar os entes queridos depois desta forçada separação.

Desde que chegou à Austrália há cerca de duas semanas, Moura avistou-se com as autoridades portuguesas e australianas, tendo já obtido o seu passaporte português,

aguardando apenas que o governo de Lisboa autorize o pagamento da sua viagem de regresso ao continente.

Entretanto prepara já a publicação de um livro de poemas e de uma autobiografia detalhando os 12 anos de cativeiro. Em longa conversa tida com Inácio de Moura, o correspondente da Lusa, conseguiu apurar que a fome se mantém ainda em diversas regiões de Timor-Leste e se bem que reduzidas, as torturas dos resistentes nacionalistas timorenses mantêm-se.

Citando a acção do governador, Mário Viegas Carrascalão, como corajosa e honesta, Inácio de Moura propõe-se logo que chegar a Portugal divulgar a situação horrorosa que se vive hoje na ex-colónia, e contribuir para a resolução do impasse diplomático entre a Indonésia, Portugal e as comunidades timorenses.

11. CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO EXISTEM EM TIMOR-LESTE.⁶⁷

SIDNEY, 10 FEV.^o 88 LUSA) Dois habitantes de Klalerek Mutin escaparam em 11 de Outubro de 1986 aos seus guardas indonésios e documentaram agora a vida naquela aldeia prisão. O campo de Klalerek Mutin foi erigido em 1983 para substituir o aldeamento de Craras, destruído pelos indonésios, na sequência da revolta dos "ratih" [timorenses recrutados pela Indonésia para forças de anti-guerrilha] em 7 de Setembro de 1983. A população de Craras era em 1983 de 1593 pessoas, hoje apenas restam 570 habitantes. Os restantes foram assassinados. Em Novembro de 1984 havia 46 viúvos, 122 viúvas e 276

67 LUSA DESPACHO 10/88 10 FEV. 88

órfãos... Documentos da igreja católica indicam que 1278 foram mortas e 56 desaparecidas.

A nova "aldeia prisão" foi construída junto da estrada de Viqueque a Luca, na margem direita da ribeira We-tuku, a 1 km da praia. O campo de Craras era já constituído por um reagrupamento forçado de sete aldeias, no novo aldeamento a população foi dividida em cinco grupos ou "rk", compostos por 12 a 15 homens, e 90-100 mulheres, crianças e velhos.

A aldeia tem dois anéis de segurança, um a duzentos metros com 12 postos de guarda ["jagas"] manejado por homens fortes da aldeia. O segundo anel dispõe de 10 postos distanciados entre si por trezentos metros, manejados por dois homens durante o dia. Dentro do campo existe um pelotão militar [TNI] apoiado por doze auxiliares timorenses. Os militares temem os ataques da quarta unidade de resistência, e ameaçam a população de a exterminarem em caso de ataque da Fretilin.

Em 24 de Julho de 1986, seis timorenses em guarda do campo, com idades compreendidas entre os 10 e os 46 anos, foram espancados e torturados por terem sido contactados por um familiar, acusado de pertencer à resistência. Toda a população é obrigada a participar nos trabalhos de "gottong royong", uma espécie de serviço comunitário voluntário na Indonésia, que em Timor assume foros de trabalho forçado.

A zona de Klalerek Mutin é fértil, e no passado servia as várzeas de toda a população de Viqueque. Em 1987, a população depois de cavar toda a terra, pisou-a até ficar bem pastosa. Este longo e penoso trabalho era no

passado feito por búfalos de água, que ora não existem e por isso a população os substitui.

As hortas da população limitam-se a um quilómetro à volta do campo e os timorenses apenas são autorizados a trabalhar nelas dois ou três dias por semana, excepto nos períodos de sementeira, monda e colheita em que trabalham para os indonésios seis dias por semana, e apenas têm o domingo livre.

As mulheres estão ainda sujeitas a fornecer trabalho gratuito em casa dos indonésios, a lavar roupa e louça, buscar lenha e água, etc. A população sofre ainda de fome, alimentando-se de folhas de palmeira esmagadas. As crianças têm alta taxa de mortalidade, e as doenças, em especial o "beri beri" causam muitas mortes, dado não existir em Klalerek Mutin nenhum serviço de saúde.

O que revolta mais profundamente os timorenses é o "serviço" que as jovens dos 15 aos 25 são obrigadas a prestar aos militares indonésios. Estes vão aos "balaydesa" consultar a lista de raparigas em "serviço" nesse dia e vão a casa delas.

Existe também um dia de "ola-raga" disfarçado como jornada de desporto em que as solteiras, casadas e viúvas jogam futebol com os militares indonésios. Depois do jogo há um baile e elas são obrigadas a seguir os indonésios que se mostrarem interessados nelas.

Em Agosto de 1985 três jovens com os maridos activos na resistência, Cristina de 30 anos, Martinha de 32 e Adelina Soares de 26 anos foram presas por se recusarem a acompanhar os militares que as haviam "seleccionado".

Levadas para o "kasi-satu" [posto militar] de Viqueque foram torturadas com choques eléctricos e queimaduras de cigarros na cara, nos seios e órgãos genitais. Sabe-se que a Cruz Vermelha Internacional fez em 1986 uma visita a Klalerek Mutin, mas desde então nada se passou para alterar a situação.

Cenas mais próprias do holocausto da segunda Grande Guerra, continuam a passar-se em Timor-Leste, hoje doze anos depois da invasão Indonésia. Klalerek Mutin é um ponto obrigatório de visita no caso de uma delegação parlamentar portuguesa se deslocar a Timor.

12. COMÉRCIO DO PORTO 20 FEVEREIRO 1988

13. A ECONOMIA DE TIMOR-LESTE ESTÁ MONOPOLIZADA PELOS MILITARES INDONÉSIOS⁶⁸

SIDNEY, 25 FEVEREIRO 88 LUSA) Recentes refugiados de Timor-Leste e notícias provenientes de outras fontes dão conta da existência de vários monopólios indonésios, em Timor-Leste, totalmente controlados pelos militares.

Sabendo-se que esta é também a estrutura económica vigente na maior parte das ilhas Indonésias, nada há de estranho a não ser que a maior parte desses monopólios, têm como directores pessoas oriundas de Timor-Leste, numa manobra de legitimação e de fachada para a "timorização" dos quadros económicos da ex-colónia portuguesa.

68 LUSA 25 FEVEREIRO 1988, DESPACHO 14/88,

O controlo económico é efectuado através de empresas ou sociedades de responsabilidade limitada, normalmente designadas como "PT" ou "CV", e as quais monopolizam produtos de importação e exportação, meios de transporte e construção, café, copra e sândalo.

Por exemplo o controlo de café é feito pela P.T. Densos, o alcatroamento das estradas pelos militares da Zeni Zipur, a construção de habitações pelo P.T. Waskita Karya e a construção de pontes pelo P.T. Utama Karya.

Uma empresa surgida em meados do ano de 1987 foi a P.T. BAKRI cuja directora é a esposa de Francisco Lopes da Cruz, uma personalidade em foco em Timor desde 1975. Inicialmente a PT BAKRI operava em pequena escala apenas em Timor-Leste, mas a partir de Agosto de 1987 o seu director em Jacarta, conseguiu através da filha do presidente, Sigit Suharto e de seu primo Probosoetejo, obter uma autorização para comprar e exportar o café de Timor, até então monopólio do P.T. Denok que é pertença dos generais e do próprio Benny Murdani desde 1975.

Para o PT BAKRI negociar em café foi necessário obter uma licença através de Benny Murdani, pois que este através dos "Korem" em Díli, "Kodim" nos concelhos, "Koramil" nos postos e "Babinsas" nos sucos e povoações obtinha toda a produção daquele produto. Quando Guilherme Gonçalves foi Governador de Timor, ele tentou resolver os problemas da distribuição do café, independente dos monopólios, mas entretanto passaram-se mais de seis anos desde que ele deixou de exercer as funções de governador.

A companhia BAKRI é uma das maiores em Jacarta onde financia o desporto nacional indonésio, o badmington, cuja federação é chefiada por Try Sutrisno, comandante em chefe das forças terrestres Indonésias.

As empresas em Timor recebem através do orçamento indonésio, um certo montante para a construção de habitações, ruas, estradas e pontes, da qual despendem apenas um terço acumulando o restante como lucros de exploração.

Outra empresa de Timor ligada aos militares era a P.T. Astakona dirigida por Aziz, elemento do departamento da polícia secreta de Murdani e secretário-geral do ministério do interior. Aziz foi chefe dos serviços de agricultura de 1975 a 1982, e responsável pelos "Proyek" [projectos de desenvolvimento económico da província]. Os seus excessos em corrupção e a declaração de que estava ligado a Benny Murdani, motivaram em 1982 a sua detenção por elementos do "OPSTIB" [forças da segurança nacional], encontrando-se ainda agora detido na prisão de segurança máxima de Cipinang em Permat Hijau – Jacarta Pusat.

A seguir se indicam algumas das maiores companhias Indonésias operando monopólios em Timor-Leste:

PT Ukama Karya – dirigida por um javanês, propriedade da madame Tien Suharto [esposa do presidente];

PT Nusra Bhacti – dirigida por um javanês, também propriedade da madame Tien;

PT BAKRI – dirigida por Sebastiana Lopes da Cruz, propriedade de Probosoetejo [primo de Suharto], general Try Sutrisno [comandante das forças terrestres] e Sigit

Suharto [filha do presidente]; dedica-se aos transportes públicos e monopólio de café;

PT Denok – dirigida por um chinês de nome Hartanto, propriedade de Benny Murdani, chefe do estado-maior general das F.A.'s; tenente general Sahala Rajaguguh, comandante das forças de estratégia terrestre "KOSTRAD" e major general Dading Kalbuadi, assistente logístico da defesa nacional "Hankan". Têm o monopólio do café, sândalo, copra, cominhos e outros produtos.

Os preços de café de 1976 a 1980 foram de 600 rupias por quilo. De 1980 a 1983 duplicou para 1200 rupias, de 1983 a 1 de Julho de 1987, 1750 rupias/kg e desde então baixou para 1250.

Estes são os preços de compra, que são pagos à população, mas os preços de venda, por exemplo para Singapura, cifram-se em cinco mil rupias por quilo [que é o valor de troca internacional] exportando Singapura produtos de primeira necessidade e outros mais raros em Timor. Dentre os quais se contam bacalhau português, sardinhas, cervejas enlatadas, vinho tinto português, vinho do porto e espumante, chouriços portugueses e roupas.

A P.T. Denok substituiu assim a SAPTA [Sociedade Agrícola Pátria E Trabalho] como era conhecida durante a presença portuguesa, e desde 1976 detentora do direito de compra de todo o café produzido.

Outras companhias:

- P.T. Astakona – dirigida até 1982 pelo citado Aziz, propriedade de Benny Murdani, Tenente-General

Dading Kalbuadi, e tenente-coronel Ganap. Não opera desde 1983.

- P.T. Lianbau – dirigida por Abílio Osório, propriedade do major Prabowo [genro de Suharto] e do major Mudi, dos "boinas vermelhas."
- Apoio Zélia Fama – esta empresa farmacêutica é dirigida por um chinês, sendo proprietário o Tenente-General Dading Kalbuadi;
- C.V. Amigo – dirigida por Francisco Lar, propriedade do Ten. Gen. Kalbuadi;
- C.V. Moris Diak – propriedade de um milionário das Celebes [Sulawesi]
- C.V. Marabia – propriedade do ex-comandante militar Yunus Yusuf
- P.T. Belo – propriedade de Panglima, comandante de operações militares em Díli;
- P.T. Zeni Zipur – propriedade do general na reforma

Poniman;

- P.T. Waskita Karya – dirigida por um javanês, proprietário desconhecido;
- P.T. Puspita Dipongo – idem;
- P.T. Ne Diak – idem;
- P.T. Mutiara Timur – idem;
- P.T. Bintang Timur – idem;
- P.T. Indo Karya – idem;
- C.V. Pandu – idem
- C.V. Pantai Timur – idem
- Apotik Kimia Farma – idem
- Apotik Tosiga – dirigida por javanês, propriedade de madame Tien.
- C.V. Bersaudara – propriedade de um indonésio de Atambua;
- P.T. Tebu – dirigido por um militar, propriedade do TNI

- C V Kamelia – propriedade de um indonésio das Celebes.

Todas as companhias atrás mencionadas monopolizam de uma forma ou outra a economia de Timor, na exportação, importação, produtos agrícolas, construção pública, comércio e transportes, enquanto que o povo de Timor continua na opressão, miséria e fome. O dinheiro enviado pelas organizações internacionais continua a não chegar ao povo maubere, e o fruto dos produtos da terra, tais como o café são desviados e não beneficiam o povo de Timor.

De acordo com as mesmas fontes, as famílias Carrascalões, Osório e Lopes recebem umas rupias para defenderem a causa da Indonésia diante dos jornalistas estrangeiros – os poucos – que são autorizados a deslocarem-se a Timor.

Legenda do autor

PT = perseoran terbatas = sociedade de trabalho de responsabilidade limitada

CV = commandetaire vennotchad = sociedade em comandita

Kanuil pertanian = Chefe do Serviço Territorial do Dep^{to.} de Agricultura da Província

Pimpinan Proyek = Chefe dos Projectos para o Desenvolvimento da Província

14. A NOTÍCIA COMO PUBLICADA EM O COMÉRCIO DO PORTO EM 08 MARÇO 1988

15. ESTE O DOCUMENTO ORIGINAL DA FRETILIN

16. PORTUGUÊS SYDNEY 22 FEVEREIRO 1988

17. PORTUGUÊS SYDNEY 29 FEVEREIRO 1988

18. JANTAR DE CONFRATERNIZAÇÃO TIMORENSE ⁶⁹

SIDNEY, 04 MARÇO 88 LUSA) Realizou-se esta semana em Darwin, capital do Território Norte australiano, um jantar de confraternização da comunidade timorense, organizado por Natália Carrascalão, e ao qual esteve presente Manuel Carrascalão recém-chegado de Díli, o cônsul honorário de Portugal Costa Alves e o cônsul indonésio.

Com a presença de dezenas de timorenses o jantar decorreu em harmonia até que Costa Alves resolveu brindar em tom demasiado amigável o seu homólogo indonésio, o que motivaria a saída da maior parte dos timorenses presentes, que sentiram ofendidos pelas suas acções.

Recorde-se que em meados de 1986, aquele cônsul honorário havia estado envolvido em controvérsia quando da sua visita à Indonésia e a Timor-Leste, sem autorização nem conhecimento prévio quer das autoridades portuguesas na Austrália quer das de Lisboa.

19. PORTUGUÊS SYDNEY 07 MARÇO 1988

69 LUSA DESPACHO 16/88 04/03/88 VIA PHONE

20. CARTA DE XANANA 24 MARÇO 88 (FALTA A PÁGINA 8)

21. INSIDE INDONESIA ABRIL 1988

22. 24 MAIO 1988 PORTUGUÊS NA AUSTRÁLIA – ACONTECIMENTO SOCIAL TIMORENSE

23. 24 MAIO 1988 PORTUGUÊS NA AUSTRÁLIA

24. 28 MAIO 1988 TDM MACAU

25. BULLETIN SYDNEY 31 MAIO 1988

26. ACFOA 3 JUNHO 1988

27. 21 JUNHO 1988 JORNAL O PORTUGUÊS, SIDNEY: O NOVO BISPO D. CARLOS XIMENES

A diocese de Díli foi criada em 1940. Cinco anos depois, terminada a ocupação japonesa, tomou posse como 1º bispo titular D. Jaime Garcia de Goulart. Para seu coadjutor foi enviado o alentejano D. José Joaquim Ribeiro em Novembro 1965 que seria o 2º e último bispo português. Por sua sugestão que a Santa Sé aceitou, na sequência dos sangrentos acontecimentos de 1975, a diocese passa a ser governada por Administradores Apostólicos timorenses: Mons. Martinho Lopes e Mons. Carlos Filipe Ximenes Belo, S.D.B. sendo este último nomeado Bispo Titular em Abril 1988 continuando a governar a diocese como Administrador Apostólico recebendo a sagração episcopal das mãos de Mons. Canalini, Núncio Apostólico em Jacarta, em 19 de Junho.

A Santa Sé ao elevar D. Ximenes a Bispo de Catula, deseja reconhecer os seus méritos pastorais e favorecer uma melhor e mais intensa colaboração na comunidade cristã e na sociedade timorense. O novo bispo é natural de Naicalan no concelho de Baucau onde nasceu a 3 de Fevereiro de 1948, tendo entrado no Colégio (dos Salesianos) de S^{ta} Teresinha de Ossú em Viqueque em 2 Outubro 1961, iniciando os estudos preparatórios no Seminário de Dare (Díli) sob a direcção dos jesuítas, e completando-os em Portugal no Instituto S. João Bosco de Mogofores e na escola Salesiana do Estoril. Concluiu o noviciado no Instituto Missionário de Manique (Estoril), fazendo os cursos Propedêutico e Teológico no ISET (Instituto Superior de Teologia) e na Universidade Católica de Lisboa onde se bacharelou em 1979, recebendo em 26 Julho 1980 o presbiterado de D. José da Cruz Policarpo, bispo auxiliar do Patriarcado. Entre 1979 e 1981 licenciou-se em Pastoral e Espiritualidade na UPS (Universidade Pontifícia Salesiana) de Roma.

Regressou em Julho 1981 à Escola Técnica Salesiana de Fatumaca (Baucau) onde já leccionara em 1974/75 e onde acabaria por ficar como Director do Colégio e Mestre de Noviços até que a Santa Sé o foi buscar em 11 Maio 1983 para suceder a Mons. Martinho Lopes. Tinha a diocese 555 mil habitantes dos quais apenas 280 mil católicos, dispondo apenas de 31 sacerdotes. Rapidamente a população cristã aumentou, em substituição do animismo, restando uns milhares de islamistas e vinte mil Protestantes.

28. 22 JUNHO 1988 SMH ENVIADA LUSA

29. PARA ONDE PODE AINDA CRESCER A POPULAÇÃO INDONÉSIA? ⁷⁰

29.1 PREOCUPANTE POLÍTICA DE TRANSMIGRAÇÃO

SIDNEY, 22 JUNHO 88 LUSA) Um estudo de fontes diplomáticas e jornalísticas a que tivemos acesso recentemente, revela alguns factos preocupantes sobre o crescimento populacional indonésio. Com mais de 170 milhões de pessoas, e uma densidade populacional de 88 pessoas por quilómetro quadrado, a Indonésia é o quinto país mais populoso do mundo, e padece de todos os problemas económicos típicos do terceiro mundo.

Mas é sobretudo a nível social que tais problemas assumem uma dimensão quase insolúvel – o que fazer com os mais de cem milhões que vivem na super povoada ilha de Java? Esse problema é tanto mais premente quanto o saber-se que a esperada solução – o processo de transmigração ou deslocação voluntária – foi uma das recentes vítimas da crise de recessão económica.

Em Janeiro do corrente ano, o presidente Suharto anunciou que duplicaria os fundos destinados à transmigração (trasmigrasi), e os quais representam hoje metade do seu valor em 1986.

Claro que resta saber donde viriam tais fundos, num país com uma dívida externa de nove biliões de dólares, quintuplicada desde 1982, sobretudo devido à crise do petróleo. Mesmo admitindo que os fundos estivessem

70 LUSA DESPACHO 17/88 22 JUNHO 1988

disponíveis, onde aplicá-los? - Onde está a terra para dar aos transmigrados?

A taxa de crescimento da população de Java, graças a uma bem sucedida campanha anti-natalidade baixou para 1,8 por cento, dando-lhe actualmente uma densidade populacional de 138 pessoas por quilómetro quadrado (3 vezes mais do que Tóquio, Cidade do México, 3,5 vezes mais do que Nova Deli). 12 Milhões de famílias javaneses radicadas no campo, cultivam seis milhares de hectares, dos quais dois terços em pequenos minifúndios de menos de meio hectare. Isto obriga a mais e mais pessoas, procurarem estabelecer as suas culturas nas regiões mais altas, provocando a desflorestação, reduzindo a riqueza florestal, e causando sérios problemas para o futuro do meio ambiente.

Entretanto o mercado de trabalho cresce à razão de mais de um milhão de pessoas por ano. No ano 2000, a Indonésia terá pelo menos 212 milhões de pessoas, das quais pelo menos cento e vinte milhões em Java.

Depois, em cerca de três décadas atingirá entre 300 a 360 milhões de pessoas, numa área que é já hoje altamente insuficiente para manter uns "escassos" 170 milhões. Para muitos a transmigração é a única solução para controlar o crescimento rápido dos javaneses e aumentar o desenvolvimento económico dos locais de destino. Mas se atentarmos nas grandes ilhas do arquipélago, para onde maiores transmigrações são possíveis, elas estão – de per si – super povoadas. Vejamos: Sumatra com 33 milhões, Sulawesi (Celebes) com 14 e Kalimantan (Bornéu) com 9 milhões, estão já com altas taxas de densidade populacional.

O processo de transmigração – "trasmigrasi" foi introduzido durante a ocupação holandesa em 1905, sendo reintroduzido na década de 50 pelos indonésios com um relativo sucesso, para os cerca de 3 a 3,5 milhões de indonésios oriundos de Java, Bali, Lombok e Madura, que hoje se radicaram em Sumatra, Kalimantan, Sulawesi e Irian Jaya (a Papua Ocidental). Tradicionalmente, pelo menos outros três milhões voluntariamente imigraram à sua própria custa.

No segundo plano quinquenal "REPELITA II" (1974-1979) o governo transferiu 220 mil pessoas. No plano seguinte (1979-1984) "REPELITA III" mais 1,5 milhão de pessoas, para o actual plano 1984-1989, previu-se uma transmigração de 2 milhões, mas não deverá exceder os 600 a 700 mil.

Desde 1950 Sumatra recebeu 1,7 milhões (5,2 por cento da sua população), Kalimantan – Bornéu 470 mil (5,5 por cento), Sulawesi 362 mil (2,6 por cento) e Irian Jaya (Papua ocidental) 100 mil (7,2 por cento da sua população).

29.2 A TRANSMIGRAÇÃO PODE NO FUTURO SUBSTITUIR A POPULAÇÃO AUTÓCTONE DE TIMOR- LESTE.

Não há dados oficiais para o caso de Timor-Leste mas algumas fontes adiantam que tal número deverá rondar entre os 100 e 150 mil, ou seja entre 16 a 24 por cento da população da ex-colónia, que segundo as estatísticas oficiais indonésias em 1986 tinha 618 500 pessoas.

Sabendo-se que entre 100 a 200 mil pereceram nos últimos doze anos tais números parecem plausíveis.

Embora oficialmente a transmigração sirva para rectificar anomalias económicas e populacionais, certo é que quer no caso de Timor-Leste – como no da Papua Ocidental (Irian Jaya), elas apontam definitivamente para um controlo político, através da subversão das populações locais, que lentamente passarão a minoritárias na sua própria pátria. Relatórios vários que de Timor e Indonésia nos chegam aqui à Austrália, apontam para uma predominância de javaneses a todos os níveis socioeconómicos da população de Timor-Leste, do funcionalismo à agricultura e ao comércio.

A população local vê-se assim relegada para uma posição subalterna. Ainda recentemente – Natal 1987 – os estudantes timorenses se manifestaram contra a preferência dada aos "*estrangeiros*" (leia-se indonésios) a nível das escolas secundárias, o que provocará no futuro que as novas gerações dos "*javaneses*" irão uma vez mais ocupar posições de relevo, sendo os timorenses preteridos. Esta prática neocolonialista, conhecida em pequena escala no tempo da administração portuguesa, tem sido combatida até certo ponto pela acção local do governador, Mário Carrascalão, mas com a economia totalmente controlada pelos militares indonésios, fácil será inferir que cada vez mais os transmigrados ocuparão posições importantes, até porque a administração indonésia neles deposita mais confiança.

A utilização maciça de timorenses para trabalhos braçais, na lavoura, na construção, em serviços domésticos perpetua este ciclo de renovação populacional,

introduzido pela transmigração mesmo a nível do funcionalismo público, apenas as posições mais baixas estão ao alcance dos timorenses.

O problema não se confina aos aspectos socioeconómicos, pois dado que a maioria da população indonésia é muçulmana, assim de reduzirá também a posição predominantemente independente do clero católico romano local, sempre sob a ameaça de unificação ao passivo e minoritário clero católico indonésio. Como se pode facilmente deduzir a transmigração é uma arma de múltiplos efeitos, cuja acção só poderá ser totalmente analisada dentro de uma geração.

O corte dos laços tradicionais, linguísticos e culturais dos timorenses, a suplantação dos mesmos por valores alheios (e indonésios), o êxodo da população idosa que lentamente vai seguindo o rumo de Portugal e Austrália, e conseqüentemente deixa de ter uma influência na perpetuação de valores locais, aliado a sistemas educacionais, económicos e políticos importados de Java, ameaçam o futuro deste povo guerreiro e heróico, que sobreviveu a 500 anos de domínio colonial português. Os políticos estrangeiros raramente mencionam a transmigração como sendo um problema para Timor-Leste, mas alguns dos refugiados aqui radicados mencionam-na como um dos maiores perigos para as vindouras gerações de Timor-Leste.

Voltando agora ao problema genérico da transmigração segundo a perspectiva das outras ilhas, constata-se que quer Sumatra como as Celebes (Sulawesi) estão a ficar sem terrenos para novos transmigrados, não obstante imensas obras de recuperação de terrenos pantanosos e

aluviais. Assim, por exemplo para a Irian Jaya (a Papua Ocidental) e Kalimantan (Bornéu) nos últimos anos a proporção de transmigrados subiu de 15 para 26 por cento do total da população.

A pobreza agrícola dos solos aráveis, o alto custo de infra-estruturas – sobretudo estradas – a baixa produtividade agrícola e dificuldades várias incluindo o transporte dos géneros agrícolas torna cada vez mais difícil a situação. A juntar a isto há violentos confrontos sociais, políticos e culturais, que não se restringem aos dois casos bem conhecidos de Timor-Leste e Irian Jaya. Entretanto um alto funcionário do governo de Suharto apregoava em Março de 1988, que era possível e desejável transmigrar 65 milhões de pessoas durante os próximos vinte anos. Este pensamento além de ingénuo é perigoso, como adiante veremos.

Se bem que a redução da população de Java seja crucial, e a atestá-lo o facto de tantos terem deixado voluntariamente os seus lares ancestrais em busca de melhores condições, certo é que eles pertencem também aos escalões mais modestos – pobres e rurais – pelo que o seu impacto na região de destino não provocará grandes melhorias económicas.

O governo dá-lhes habitação com 0,25 hectares e terreno para cultivo com um hectare tendo ainda direito a adubo gratuito, ferramentas e géneros básicos por um ano. Apesar do elevado custo, cerca de 5 mil dólares por família, o apoio financeiro do Banco Mundial para tal política exige investimentos, tais como aumento da produção de adubos e fertilizantes, obras de irrigação, de preservação das florestas, programas de saúde e

educação. Um porta-voz do Banco Mundial em Jacarta garantia há bem pouco tempo que de 1979 a 1984 a transmigração criou pelo menos meio milhão de novos empregos.

Críticos do sistema, consideram que os pequenos números de pessoas envolvidos não têm nenhum impacto na excessiva população de Java, causando maciças degradações do meio ambiente nas ilhas de destino – em especial florestas – além de criar elevados custos sociopolíticos nas estruturas dessas ilhas. Isto é bem mais verdade quando observarmos o que se passa, por exemplo, em Irian Jaya e em Timor-Leste onde culturas totalmente distintas da Indonésia (predominantemente javanesa) criam problemas entre as populações de origem melanésia, malaia e de Timor, que se sentem oprimidas, pela brutalidade da imposição javanesa de estranhos, sem ter resolvido os problemas do bem-estar dos autóctones.

Nesta fase de "REPELITA IV (1984-1989)" 60 mil javaneses deverão ir para Irian Jaya, o que significa que passarão a constituir dez por cento da população. O grande problema que surge num horizonte não muito distante diz respeito ao seguinte: mesmo que os fundos financeiros flutuem mais livremente do que agora, onde ir buscar terra e espaço suficientes para albergar uma população crescendo assustadoramente?

Apesar dos desmentidos, a vários níveis políticos e militares quer na Austrália quer na Indonésia, uma mera observação do mapa da região aponta algumas eventuais soluções. Elas variam da lenta infiltração através de esquemas normais de emigração a outras formas menos pacíficas de explosão populacional.

Destinos prováveis, suas áreas, populações e densidade populacional:

MALÁSIA: 16 MILHÕES DE PESSOAS (1986), 330 MIL KM² QUADRADOS; DENSIDADE 50 P/KM²

FILIPINAS: 56 MILHÕES (1986), 300 MIL KM², DENSIDADE 187

PAPUA NOVA-GUINÉ: 3,4 MILHÕES, 462 MIL KM², DENSIDADE 7

BRUNEI (SULTANATO): 232 MIL PESSOAS, 5 800 KM², DENSIDADE 40

AUSTRÁLIA: 16 MILHÕES (1986); 7 700 000 KM², DENSIDADE 2 P/KM².

Pondo de parte considerações tais como rendimento per capita, forças armadas, tratados de defesa mútua, futuras guerras regionais ou globais, os factos mencionam a crescente população Indonésia e a sua futura falta de espaço para coabitar, por outro mesmo que a economia Indonésia melhore e a menos que haja descobertas grandiosas, os recursos naturais são reduzidos para tão grande população.

Por outro uma Austrália, ainda maioritariamente "branca" que durante a maior parte dos últimos duzentos anos se recusou a ser parte da região, dispõe de incomensuráveis riquezas naturais, que são vigorosamente protegidas e minimamente exploradas. A Austrália dispõe dos dois valores essenciais para resolver a crise populacional Indonésia: espaço e riqueza, faltando-lhe aquilo que a Indonésia tem em excesso: população humana

30. A FÉ CATÓLICA ⁷¹

SIDNEY, 23 JUNHO 1988 LUSA) Notícias de Timor-Leste datadas de 28 de Maio passado e ora recebidas na Austrália dão-nos conta de que a fé católica é reafirmada através da padroeira de Timor, Nossa Senhora.

“Desde Agosto passado que inúmeras procissões a Nossa Senhora – Santa Maria – vêm percorrendo as localidades mais afastadas de Timor. Depois de Liquiçá, Ermera e Bobonaro, várias procissões têm sido organizadas nas zonas mais orientais do território.

Em Fevereiro na zona de Aileu, dois elementos da Fretilin que se haviam incorporado no cortejo foram detectados e selvaticamente assassinados pelos indonésios, após serem torturados. As forças de resistência reagiram de forma violenta assaltando o posto de Lequidoe, tendo causado dois mortos nas forças Indonésias.

Noutras procissões nas áreas de Vemasse, Laleia, Manatuto, Lacluba e Soibada, elementos das guerrilhas da Fretilin tomaram parte na elaboração dos arcos confiando que a sua padroeira, medianeira e auxiliadora Nossa Senhora os ajudasse a vencer a força invasora indonésia. A crença dos timorenses na salvação através da divina intervenção parece assumir foros sobrenaturais na luta pela paz e justiça do povo de Timor-Leste.

Em 2 de Março mais duzentos "boinas vermelhas" de Cijantung e Tangerang chegaram a Baucau, sendo posteriormente destacados para Baucau, Viqueque e Lospalos, zonas onde as guerrilhas têm estado mais activas.

Em Março – ainda de acordo com as mesmas fontes – nove soldados indonésios foram mortos numa emboscada das forças de resistência nacionalista.

Em Abril – em Lospalos – dois boinas-vermelhas foram mortos pela Fretilin.

Em Maio (dia 7) de manhãzinha entre Manatuto e Laleia uma camioneta de transporte de tropas com vinte soldados e seis milicianos foi vitimada por uma emboscada das forças de resistência, que se apoderou do armamento e munições.

Ainda no mesmo mês, dia 23 um assalto de forças da Fretilin causou mais baixas dentre as fileiras Indonésias, durante uma procissão.

Este comunicado foi emitido pela Comissão Secreta da União dos Estudantes Timorenses para a Independência de Timor-Leste, subscrito por "Maubukar C." e datado de 28 de Maio passado.

31. ACÇÕES DIPLOMÁTICAS E A RESISTÊNCIA ⁷²

SIDNEY, 23 JUNHO 1988 LUSA) Notícias de Timor-Leste datadas de 28 de Maio passado e ora recebidas na Austrália dão-nos conta das actividades das forças de resistência nos últimos seis meses. Desde o princípio deste ano que as notícias directamente provenientes da ex-colónia têm sido escassas e na maior parte dos casos provindo de pessoas que escaparam ao jugo colonial indonésio.

Entretanto no dia 21 de Maio em Jacarta, o ministro do interior indonésio, senhor Rudini, declarou em entrevista

72 LUSA DESPACHO 18/88 23 JUNHO 1988

dada ao semanário "KOMPAS" que Timor Timur deveria tornar-se numa província Indonésia com livre acesso e circulação de pessoas.

A notícia que foi publicada pela maior parte dos jornais indonésios, ora recebidos na Austrália, esclarecia que faltava apenas saber a reacção dos militares a tal proposta, mas que em relação ao Ministério do Interior não haveria dificuldades em sancionar uma abertura ao mundo exterior. Esta concessão da Indonésia que se segue à pressão dos países da Comunidade Económica Europeia e de Portugal, a concretizar-se virá a significar uma profunda mudança na política interna Indonésia no tocante a Timor-Leste.

Porta-vozes da comunidade timorense estabelecida na Austrália apressaram-se a considerar as declarações do ministro indonésio como fazendo parte de mais uma campanha publicitária, numa altura em que parlamentares de várias nações iniciam uma digressão destinada a reavivar a discussão do problema de Timor-Leste nos fóruns internacionais.

Com efeito, partem hoje para Portugal os deputados trabalhistas Tony Lamb, e Warren Snowdon, para se avistarem com lorde Avebury, presidente do Comité Dos Direitos Do Homem do Parlamento Britânico, Satsuki Eda da Dieta Japonesa (parlamento), a senhora van der Houwe do Parlamento Europeu, e parlamentares portugueses, e os quais terão reuniões com dirigentes da Fretilin, UDT, refugiados e outros representantes do governo de Lisboa, com vista à criação de um comité parlamentar internacional dedicado ao problema de Timor-Leste.

Ainda há menos de duas semanas, aqueles dois parlamentares australianos tiveram uma sessão de trabalho com representantes da comunidade timorense estabelecida na Austrália, durante a qual os seus anseios e aspirações foram profundamente discutidos.

Entretanto, em Timor-Leste o genocídio continua, a acreditar no comunicado que transcrevemos:

"Domingos da Costa Guterres, ex-comandante da brigada de choque da Fretilin, que havia sido incorporado nas milícias "hansip" no posto de Venilale foi traiçoeiramente assassinado em 24 de Fevereiro passado, quando efectuava uma patrulha ao "suco" de Cumuoli em Venilale. O seu cadáver foi enterrado com a cabeça em exposição, para servir de exemplo.

Também Gaspar, um hansip do mesmo posto, foi assassinado na mesma data pelos militares indonésios do batalhão 721. Estas mortes provocaram uma revolta das milícias timorenses daquele posto que tentaram judicialmente agir contra os invasores indonésios.

A fé católica é reafirmada através da padroeira de Timor, nossa senhora desde Agosto passado que inúmeras procissões a Nossa Senhora – Santa Maria – vêm percorrendo as localidades mais afastadas de Timor. Depois de Liquiçá, Ermera e Bobonaro, várias procissões têm sido organizadas nas zonas mais orientais do território.

Em Fevereiro na zona de Aileu, dois elementos da Fretilin que se haviam incorporado no cortejo foram detectados e selvaticamente assassinados pelos indonésios, após

serem torturados. As forças de resistência reagiram de forma violenta assaltando o posto de Lequidoe, tendo causado dois mortos nas forças Indonésias.

Noutras procissões nas áreas de Vemasse, Laleia, Manatuto, Lacluba e Soibada, elementos das guerrilhas da Fretilin tomaram parte na elaboração dos arcos confiando que a sua padroeira, medianeira e auxiliadora nossa senhora os ajudasse a vencer a força invasora Indonésia. A crença dos timorenses na salvação através da divina intervenção parece assumir foros sobrenaturais na luta pela paz e justiça do povo de Timor-Leste.

Em 2 de Março mais duzentos boinas-vermelhas de Cijantung e Tangerang chegaram a Baucau, sendo posteriormente destacados para Baucau, Viqueque e Lospalos, zonas onde as guerrilhas têm estado mais activas. Em Março – ainda de acordo com as mesmas fontes – nove soldados indonésios foram mortos numa emboscada das forças de resistência nacionalista.

Em Abril – em Lospalos – mais dois boinas-vermelhas foram mortos pela Fretilin.

Em Maio (dia 7) de manhãzinha entre Manatuto e Laleia uma camioneta de transporte de tropas com vinte soldados e seis milicianos foi vitimada por uma emboscada das forças de resistência, que se apoderou do armamento e munições. Ainda no mesmo mês, dia 23 um assalto de forças da Fretilin causou mais baixas dentre as fileiras Indonésias, durante uma procissão.”

Este comunicado foi emitido pela Comissão Secreta da União dos Estudantes Timorenses para a Independência de Timor-Leste, subscrito por Maubukar C., datado de 28 de Maio passado.

Nas páginas anteriores (§24) se transcreveram os originais recebidos.

32. 21 JUNHO 1988 CORREIO PORTUGUÊS SYDNEY

33. 13 JULHO 1988 PORTUGUÊS NA AUSTRÁLIA

34. ENTREVISTA AO NOVO CÔNSUL GERAL DE PORTUGAL EM SIDNEY ⁷³

SIDNEY, 21 JULHO 88 LUSA) O Dr. Alexandre Vassalo tomou posse do lugar de cônsul geral de Portugal na Austrália no passado dia 13/7/88, substituindo o Dr. José Manuel Bulhão Martins que aqui serviu durante os passados 4 anos.

Como a comunidade de expressão portuguesa radicada na Austrália se tem mostrado cada vez mais vocal em relação aos representantes diplomáticos e consulares aqui acreditados, achamos oportuno que a "Lusa" tivesse um primeiro encontro com o cônsul geral.

De uma entrevista com a duração de mais de 4 horas, extraímos a seguir os pontos mais importantes focados durante o decurso da mesma.

Salientando a sua presença na Austrália desde há uma semana apenas, o que o impediu de ter uma visão global dos problemas específicos afectando a comunidade local, o Dr. Vassalo, disse que numa primeira fase a resolução dos problemas estruturais e organizacionais do consulado

73 LUSA DESPACHO 19/88 21 JULHO 1988

geral terão um lugar primordial tentando obter a sua pronta solução.

Lusa: - A comunidade de Timor-Leste radicada na Austrália ronda neste momento os 15 mil, espalhados entre Darwin, Sidney, Melbourne e Perth. Os porta-vozes daquela comunidade têm sido bastante críticos em relação à apatia das autoridades consulares em relação aos seus problemas. Um dos pontos citados mais frequentemente respeita à situação dos passaportes que apenas são emitidos – por norma – por um período de 12 meses. Esta aparente discriminação é um dos muitos espinhos que os timorenses têm contra Portugal. Outros pontos contenciosos dizem respeito de uma forma geral à falta de apoio dada aos refugiados e seus familiares que aqui se radicaram. Sabendo que o governo de Lisboa tenciona resolver o problema de Timor-Leste e obteve recentemente o apoio dos seus parceiros da CEE, que pensa ser possível fazer a curto prazo para eliminar as discrepâncias de tratamento dos cidadãos portugueses oriundos de Timor-Leste?

C. G.: - O drama de Timor-Leste é sobejamente conhecido pelo que não me irei alargar em considerações sobre este assunto. De uma coisa poderão estar certos os timorenses. Durante o tempo em que eu estiver à frente deste posto consular esforçar-me-ei para tentar resolver os problemas que surgirem à comunidade timorense com o maior carinho e simpatia. Talvez não saiba, mas conheci de perto o problema de Timor-Leste. Em Outubro 1975 estive na ilha do Ataúro onde cumpri um curto período da minha passagem pela marinha na qualidade de oficial da reserva naval, onde tive contactos muito gratificantes com

o povo maubere e ficaram-me desse período as melhores recordações.

[N. DO A.: O Dr. Vassalo esteve então interinamente na posição de Comandante da Defesa Marítima de Timor-Leste - tendo sido o último português a abandonar a ilha do Ataúro, depois da ordem do então Presidente da República, marechal Costa Gomes para evacuar as forças militares que ainda ali se encontravam, tendo presenciado os exercícios de desembarque das tropas Indonésias antes da anexação de Timor-Leste].

35. 22 JUNHO 1988 SMH ENVIADA LUSA

36. 26 JULHO 1988, O PORTUGUÊS, SIDNEY.

37. ISLAMIZAÇÃO EM TIMOR-LESTE ⁷⁴

SIDNEY 31 JULHO 1988 LUSA) Notícias provenientes da Indonésia e hoje divulgadas à agência Lusa em Sidney, Austrália dão conta das últimas medidas tomadas pelas forças indonésias para implementar uma islamização rápida da ex-colónia portuguesa.

Oriunda da Comissão Secreta da Resistência Nacional dos Estudantes Timores na Indonésia e Timor-Leste, a notícia datada de 25 de Agosto, alerta para o brusco crescimento islâmico do território, graças às políticas de transmigração e do incremento de militares em Timor-Leste.

Esta rápida islamização reveste dois tipos de aproximação distinta:

74 LUSA DESPACHO 20/88 JULHO, 31, 1988

Um, o da via pacífica em que líderes indonésios convidam a população a associar-se ao islamismo, oferecendo gratuitamente arroz, roupas e dinheiro. A recusa daqueles bens materiais é normalmente considerada como indicativa da simpatia da população pelas forças da resistência.

A outra via menos pacífica reveste-se da intimidação armada das forças de segurança, militares e para militares Indonésias estacionadas em Timor-Leste.

Entretanto a proliferação de mesquitas mantém-se, atingindo neste momento 16, com capacidade para 200 a 300 pessoas cada, localizadas em Baucau – duas –, Lospalos, Luro, Baguia, Quelicai, Uato-Lari, Uato-Carbau, Manatuto Same, Ermera, Díli oriental, Díli ocidental, havendo escolas islâmicas em Luro, Same e Díli.

Num país tradicionalmente católico e animista é curioso verificar que o número de mesquitas se aproxima do de igrejas paroquiais (16 contra 21) e que a influência Indonésia permeia todas as relações de vida dos timorenses.

Entretanto na sequência da descoberta de medicamentos adulterados, conforme foi relatado pelo semanário indonésio "Tempo" na sua edição de Maio passado, verificou-se recentemente a descoberta daqueles medicamentos em Timor-Leste, os quais terão já causado um considerável número de mortes.

Por outro lado as autoridades Indonésias servem-se de Timor para ali colocarem os seus médicos e pós

graduados internos, os quais estagiam apenas por dois anos. É neste campo da saúde que se manifesta ainda a controversa política do "Keluarga Berencana" (controlo da natalidade), em que as mulheres que se servem dos centros médicos e maternidades são esterilizadas sem o seu consentimento.

38. O DRAMA DE TIMOR LEVADO À CENA NA AUSTRÁLIA [ARTIGO DE FUNDO] ⁷⁵

SIDNEY, 31 JULHO, 1988, LUSA) Embora seja tabu na Austrália focar aspectos relacionados com Timor-Leste, nos últimos meses dois acontecimentos de relevo tiveram lugar. Um deles a passagem do filme – documentário "Shadow Over East Timor" produzido por uma equipa independente australiana e que foi já transmitido na ITV inglesa, na TDM-TV de Macau em Março passado e nalgumas Tevês da região.

Outra produção australiana a merecer relevo e fruto de controvérsia diz respeito à encenação de uma peça de teatro que reproduz a alegada morte de cinco jornalistas australianos em Outubro de 1975 na pequena vila de Balibó em Timor-Leste, e recentemente levada à cena em Darwin.

39. THE JOURNALIST JULHO 1988 AUSTRALIAN JOURNALISTS' ASSOCIATION

40.1. O PRIMEIRO FILME DOCUMENTÁRIO COM REFUGIADOS DE TIMOR

75 LUSA DESPACHO 20/88 JULHO, 31, 1988

O filme "Shadow Over East Timor (Sombra sobre Timor-Leste)" com a duração de cerca de 45 minutos é o primeiro documentário filmado com depoimentos vivos de refugiados de Timor-Leste, abarcando não só o relato das vicissitudes passadas como também reencenando alguns tipos de torturas praticados pelo exército de ocupação Indonésia.

A sua produção deve-se a uma equipa independente de produtores, escritores e jornalistas preocupados com o silêncio da comunicação social australiana em geral, e asiática em particular relativamente à saga dos timorenses.

A sua recente passagem na TDM-TV em Macau foi acompanhada de uma mesa redonda com a duração de uma hora, com representantes da comunidade timorense radicada na Austrália, um dos produtores do filme, uma refugiada (cuja família ainda se encontra em Timor) e foi conduzida pelo jornalista português radicado na Austrália José Chrys Chrystello.

40.2. A PEÇA TEATRAL MORTE EM BALIBÓ⁷⁶

A estreia da peça "*Morte em Balibó*" em Darwin, no Território Norte, caracterizou-se pelo impacto produzido em mais de 100 jornalistas e umas centenas de pessoas que em silêncio compungido, se ergueram no final da mesma e prestaram tributo com um minuto de silêncio aos que morreram vitimados pela invasão Indonésia.

76 LUSA DESPACHO 20/88 JULHO, 31,1988, NB - AGRADECE-SE A ESPECIAL COLABORAÇÃO JORNALÍSTICA DE KERRY DAVIES, EM DARWIN, SEM A QUAL A ELABORAÇÃO DESTE EXCLUSIVO PARA A LUSA NÃO SERIA TOTALMENTE POSSÍVEL.

A dramatização dos acontecimentos termina com a reencenação das mortes, e demonstra o orgulho dos timorenses na sua cultura, o seu desejo de independência e o seu desespero pela iminente perda de ambos.

A sessão inaugural foi promovida pela associação nacional dos jornalistas australianos "AJA", que se viu envolvida num incidente diplomático graças a um poster publicitando a estreia.

O cônsul indonésio em Darwin, Dr. Joseph Halim, ordenou o regresso antecipado de uma equipa de televisão Indonésia que ali se encontrava em visita de cortesia, declarando que "*considerava ofensivo o poster proeminente nas paredes do "Press Club (clube dos órgãos de comunicação social) "*".

A sua acção focou de novo a atenção, a nível nacional, no problema de Timor e em especial na peça teatral, o que garantiu enchentes durante as duas semanas de exibição.

Como era de esperar, as cartas à redacção dos jornais acusavam a comunicação social de "*falta de sensibilidade*", de "*jornalismo moderno e insensível*."

Alguns jornalistas criticaram o acontecimento, por terem investido mais de dois anos na esperança de obterem vistos de trabalho e de acreditação perante o governo de Jacarta e pensarem que as suas hipóteses haviam sido prejudicadas.

O Conselho Legislativo do Território Norte chegou ao extremo de publicamente mencionar os nomes de

jornalistas que haviam contribuído na peça e na sua cobertura.

O presidente do comité territorial da associação de jornalistas, Chris Bond, negando que fosse sua intenção criar qualquer tipo de provocação, acrescentaria que continuava *“sem ter uma explicação completa sobre a morte dos cinco jornalistas em Outubro de 1975”*.

Depois da exibição da peça, Shirley Shackleton, viúva do jornalista do canal 7 que pereceu em Balibó leu um poema seu dedicado ao *“silêncio oficial”* sobre as mortes.

O parlamentar australiano Ken Fry, que tomou parte em visitas de delegações parlamentares a Timor depois de 1975, e Jim Dunn, ex-cônsul geral da Austrália em Díli leram mensagens de apoio ao povo de Timor, manifestando o direito inegável daquele povo à autodeterminação, e criticando a postura conciliatória do partido trabalhista australiano.

Foi também preparada uma mensagem a enviar ao próximo congresso trabalhista em Junho 1989. No preâmbulo lê-se a preocupação pela continuada *“violação dos direitos humanos, a negação do direito à auto determinação, restrições aos mais básicos direitos fundamentais do povo de Timor, a falta de acesso internacional ao território, e o não julgamento daqueles responsáveis por abuso dos direitos humanos.”*

A moção propõe o imediato estabelecimento de uma comissão de inquérito internacional, independente, para inquirir sobre os aspectos relacionados com a questão de Timor, e especificamente exige que o governo australiano

inicie um inquérito total e aberto ao desaparecimento dos cinco jornalistas australianos em Outubro 1975 em Balibó e à morte em Díli de Roger East durante a invasão total Indonésia em Dezembro desse ano.

40.3. A ASSOCIAÇÃO DOS JORNALISTAS AUSTRALIANOS CONTINUA A DEPARAR COM O SILÊNCIO OFICIAL E OFICIOSO DAS AUTORIDADES

Em 1976 a associação dos jornalistas no Estado de Vitória obteve informações e testemunhos com vista à instauração de um inquérito. Geoff Gleghorn, então secretário estadual da "AJA" teve contactos com o então ministro dos estrangeiros liberal, Andrew Peacock, que se mostrou *"interessado e simpatético"* para com a causa, até que lhe mostraram a evidência existente sobre a morte dos jornalistas, e a sua atitude se modificou totalmente.

Posteriormente tentativas de levar o caso ao Tribunal Internacional de Justiça da Haia, foram também infrutíferas. Desde essa data a opinião pública e política tem revolidado em torno das mutações nacionais e dos interesses económicos em jogo por parte dos multimilionários que dominam todos os meios de comunicação social na Austrália.

Os cinco jornalistas que pereceram em Balibó foram os australianos: Greg Shackleton 28 anos, Tony Stewart 21, o neozelandês Gary Cunningham 27, e os britânicos Malcolm Rennie e Brian Peters. Roger East, um jornalista de Darwin, depois da morte daqueles cinco havia-se estabelecido em Díli à frente da agência de notícias de Timor-Leste.

40.4. A DESINFORMAÇÃO INDONÉSIA

Fontes de desinformação Indonésia por muito tempo propalaram que estes jornalistas eram uns aventureiros, ingénuos, sem experiência e que foram vítimas da sua própria inexperiência. Mas o que muitos esquecem é que as condições de trabalho dos jornalistas são diferentes, tal como o atesta um recente estudo da IFJ (Federação Internacional de Jornalistas), em relação aos 26 profissionais mortos em 1987.

Greg Shackleton havia manifestado um certo temor à sua mulher Shirley, mas acreditava que além da detenção pelos indonésios as regras de conduta internacional seriam aceites.

A Indonésia declarava ainda bem vocalmente em Outubro 1975 que não tinha quaisquer intenções de invadir Timor-Leste, embora alguns relatórios dessem conta da concentração maciça de tropas nas zonas fronteiriças.

Aqueles jornalistas conseguiram de facto dar conta para o mundo exterior dos vasos de guerra indonésios ao largo da costa da Maliana imediatamente antes do assalto final a Balibó.

A sua acção naquela que iria ser a primeira frente de batalha das forças invasoras era de facto, um perigo enorme para o progresso indonésio, que antecederia a invasão em dois meses... ao mesmo tempo que a Indonésia continuava a negar desígnios territoriais sobre a ex-colónia portuguesa.

A viúva de Shackleton diz que Greg era "demasiado profissional para se esquivar ao perigo, e que em vez de se retirar para Díli, como outros fizeram apressadamente, preferiu cobrir os acontecimentos que outros desmentiam estarem a tomar lugar."

Alguns testemunhos dos acontecimentos indicam que o cameraman Cunningham continuou freneticamente a filmar durante o assalto dos indonésios a Balibó e que isso só teria servido para agravar ainda mais a sua situação face ao exército invasor. Naquela época acreditava-se que a continuação da filmagem dava uma certa forma de protecção...

Nunca se realizou nestes quase 13 anos um inquérito à morte dos jornalistas e pessoas como Shirley Shackleton mostram-se desiludidas, declarando: *"Isto só prova como os ditadores vencem sempre e a democracia nunca chega a funcionar efectivamente"*.

Há ainda quem pense que a eventual realização de um inquérito seja viável. Essas são as pessoas que durante os próximos doze meses irão acorrer às sessões da peça "Morte em Balibó" nas várias cidades australianas. A Indonésia continua a negar responsabilidade na sua morte e alega que eles foram vítimas de confrontos entre as forças da Fretilin e da UDT/Apodeti.

Testemunhos vários, incluindo os de alguns refugiados que escaparam ao holocausto de Balibó atestam, bem como documentação "secreta" da "inteligência" norte-americana que eles morreram às mãos das forças do exército invasor indonésio. Os cinco estavam perto de uma casa onde haviam desenhado uma bandeira

australiana acompanhada da palavra "Austrália". Durante o ataque há quem afirme que tentaram render-se mas que os indonésios não lhes deram a oportunidade matando-os à queima-roupa com as suas metralhadoras.

Para muita gente a sua morte não foi ocasional, antes se deve a uma manobra premeditada para evitar que eles pudessem retratar os detalhes da invasão e da mortandade que se lhe seguiu. Gerald Stone era à data o director de informação do canal 9 e ainda hoje garante que eles estavam bem documentados sobre os acontecimentos, embora admita que a presença dos colegas do canal 7 poderá ter estimulado demasiado a competitividade dos jornalistas.

Aventou-se ainda a hipótese de a abertura e amizade dos timorenses os ter levado a tentar obter da UDT o mesmo acolhimento que a Fretilin lhes concedera, mas isto parece um cenário demasiado ao gosto indonésio.

A culpa terá de ser, pelo menos parcialmente, atribuída ao silêncio conluiado das autoridades australianas e Indonésias que garantiam ao mundo, que aquilo que os cinco presenciavam imediatamente antes da sua morte não se estava a passar.

Os filmes – parte dos quais chegou à Austrália – foram o testemunho iniludível da ficção que permitiu à Indonésia tomar conta de Timor-Leste sem a intervenção da ONU e sob a apatia das grandes potências.

Deve ser de qualquer forma imperioso que o mundo hoje não recuse o apelo para um total esclarecimento dos factos, a fim de evitar que outros Timores ocorram.

40.5. HOMENAGEM AOS PADRES TIMORENSES NA AUSTRÁLIA ⁷⁷

SIDNEY, 31 Julho 88 LUSA) Num subúrbio de Sidney teve lugar há dias a celebração das bodas de prata – jubileu sacerdotal – dos padres António Alves e Francisco Maria Fernandes. Tratou-se da primeira vez que dois sacerdotes de Timor-Leste completaram 25 anos de exercício, na Austrália. A cerimónia ficou assinalada pela presença – a primeira em 13 anos – do corpo diplomático e consular português aqui acreditado, no seio da comunidade de Timor-Leste radicada na Austrália. Igualmente presentes membros eclesiais portugueses e australianos, além de dezenas de famílias de Timor-Leste, tendo sido lida uma mensagem especial do bispo de Parramatta ao padre Alves.

41. 13 AGOSTO 1988 EXPRESSO

42. 13 AGOSTO 1988 COMÉRCIO DO PORTO

43. 13 AGOSTO 88 CARTAS À **REDACÇÃO DO DN (DIÁRIO DE NOTÍCIAS)**

44. EXPRESSO 13 AGOSTO 1988

45. 18 AGOSTO 1988 COMÉRCIO DO PORTO

77 LUSA 21/88 31 JULHO 88

46. 21 AGOSTO 1988 SUNDAY TERRITORIAN DARWIN

47. 24 AGOSTO 1988 O PRIMEIRO DE JANEIRO

48. 24 AGOSTO 1988 COMÉRCIO DO PORTO

49. 1 SETEMBRO 1988 COMÉRCIO DO PORTO

50. 2 SETEMBRO 1988 COMÉRCIO DO PORTO

51. 3 SETEMBRO 1988 COMÉRCIO DO PORTO

52. 10 SETEMBRO 88 EXPRESSO 53. 14 SETEMBRO
88 PNA (PORTUGUÊS NA AUSTRÁLIA)

54. 16 SETEMBRO 1988 COMÉRCIO DO PORTO

55. 19 SETEMBRO 1988 PORTUGUÊS

56. 20 SETEMBRO 1988 COMÉRCIO DO PORTO

57. 21 SETEMBRO 1988 PORTUGUÊS NA AUSTRÁLIA

58. 26 SETEMBRO 1988 O PORTUGUÊS

59. MOBILIZAÇÃO EM TIMOR ⁷⁸

SIDNEY, 29 SET.^o 88 LUSA) Notícias da Indonésia hoje chegadas a Darwin dão conta dos últimos acontecimentos em Timor-Leste. Em 13 de Julho mais de mil soldados "boinas vermelhas" foram mobilizados para tentarem aniquilar as forças de resistência timorense, ao mesmo tempo que novos contactos foram estabelecidos com a igreja católica em acções conjuntas com as autoridades Indonésias para se estabelecer contacto com a resistência nacionalista. Para tais contactos a Indonésia contou com o padre salesiano Eligio Locatelli, fundador do colégio de Fatumaca (Baucau), o líder parlamentar de Baucau, Aleixo

Ximenes, e o régulo de Venilale, Joaquim Guterres. Daí resultou inicialmente que 17 jovens fossem aceites no colégio de Fatumaca. As tentativas feitas para aliciar o chefe da resistência Kay Rala Xanana Gusmão, não surtiram efeito, depois de uma malograda tentativa de negociações para a obtenção de um acordo de cessar-fogo. A emboscada preparada pelos indonésios não surtiu efeito, tendo sido detidos o régulo de Venilale, Joaquim Guterres, e um súbdito seu de nome Ernesto. Aleixo Ximenes, chefe parlamentar de Baucau conseguiu escapar para Díli encontrando-se refugiado na residência do bispo, monsenhor Carlos Belo em Lecidere. O salesiano padre Locatelli foi detido e encontra-se na prisão de Díli. Relativamente à prisão destes elementos que tentavam negociar um cessar-fogo entre a Indonésia e as forças da Fretilin, foi contactado o novo ministro dos estrangeiros australianos, senador Gareth Evans, o qual tentará investigar junto das autoridades Indonésias as alegações de torturas aqueles elementos.

A comissão parlamentar australiana, que conjuntamente com o Parlamento Europeu tem uma visita programada para analisar a situação de Timor-Leste foi já informada do facto, esperando-se que possa exercer alguma pressão sobre o governo de Jacarta para a libertação do padre italiano e dos timorenses, que estavam envolvidos na tentativa de negociar um cessar-fogo.

60. 29 SETEMBRO 1988 RDP 1/88

61. 3 OUTUBRO 1988 O PORTUGUÊS

62. 4 OUTUBRO 1988 O COMÉRCIO DO PORTO

63. O CASO DOS QUATRO ESTUDANTES TIMORENSES DETIDOS NA INDONÉSIA DESDE 22 OUTUBRO 1986 ⁷⁹

SIDNEY, 04 OUT.º 1988 LUSA) O caso dos quatro estudantes timorenses que se encontram retidos na Indonésia desde 22 de Outubro de 1986, continua sem se vislumbrar resolução, passados quase dois anos. Os estudantes João Freitas da Câmara, Fernando Afonso da Silva, Antonino Gonçalves e Abílio Oliveira Sereno, não se têm poupado a tentar encontrar uma solução, que lhes permita a saída de território indonésio, através das suas constantes cartas e apelos à embaixada holandesa em Jacarta, ao Comité Internacional da Cruz Vermelha Internacional, à Comissão dos Direitos Humanos do Parlamento Europeu e às organizações internacionais de direitos do homem.

Fontes timorenses radicadas na Austrália apelaram junto do correspondente da agência Lusa para que Portugal interceda rapidamente no sentido de ser obtida a saída dos estudantes de território indonésio. Em 24 Novembro 1986 os estudantes foram informados pelo conselheiro para os assuntos de Portugal, na embaixada holandesa, Sr. Pieter van Donk, de que o governo de Lisboa havia já concedido os seus passaportes portugueses e dinheiro para as suas viagens de regresso a Portugal.

Ficou então assente que semanalmente os estudantes se apresentariam à embaixada e aos Srs. van Donk e W. Rijckevorfel (segundo secretário), o que se efectuou regularmente até Fevereiro do corrente ano. Desde então

79 LUSA 04 OUTUBRO 1988 DESPACHO₁28/88

a embaixada tem-se mostrado deveras desinteressada em receber os estudantes.

De Outubro 1987 a Abril de 1988 João Câmara, Fernando Silva e Abílio Sereno estiveram doentes. Por três vezes recorreram à embaixada solicitando apoio financeiro e medicamentoso, o que lhes foi recusado, tendo a embaixada holandesa alegado de que necessitava de prévias instruções do governo português.

De acordo com fontes timorenses, a embaixada nada fez até este momento junto das autoridades Indonésias para tentar obter a saída dos estudantes, alegando sempre que o problema está sob a alçada das negociações directas entre Portugal e a Indonésia.

Em 15 de Julho passado, João Freitas da Câmara e Abílio Sereno foram recebidos pelo segundo secretário, senhor Rijckevorfel, o qual tentou convencer os estudantes a abandonarem a Indonésia sob passaporte indonésio. Aquele funcionário da embaixada declarou ainda que a estadia dos quatro estudantes em Jacarta é ilegal, dado serem cidadãos portugueses, motivo pelo qual a Indonésia jamais autorizará a sua partida.

Para Ágio Pereira, porta-voz da comunidade timorense em Darwin e representante da Fretilin na Austrália, "a atitude da embaixada parece ser a de reconhecer – directa ou indirectamente – a legalidade de Timor-Leste como província Indonésia. Isto contraria – acrescentou Ágio – "o contexto do direito internacional, a carta das Nações Unidas, a declaração universal dos direitos do homem, o pacto internacional sobre os direitos políticos e civis e a constituição política da república portuguesa. Os timorenses são cidadãos portugueses conforme é

reconhecido pela constituição portuguesa e pelas Nações Unidas."

Entretanto em 20 de Agosto aqueles estudantes contactaram com o chefe da delegação do parlamento Europeu, senhor Yansen van Ray e com a senhora Beat Weber membro da delegação, que efectuou uma visita de quatro dias a Timor-Leste.

64. ISLAMIZAÇÃO EM TIMOR-LESTE ⁸⁰

SIDNEY, 05 OUT.º 1988 LUSA) Notícias provenientes da Indonésia e hoje divulgadas à agência Lusa em Sidney, Austrália, dão conta das últimas medidas tomadas pelas forças Indonésias para implementar uma islamização rápida da ex-colónia portuguesa.

Oriunda da Comissão Secreta da Resistência Nacional dos Estudantes Timores na Indonésia e Timor-Leste, a notícia datada de 25 de Agosto, alerta para o brusco crescimento islâmico do território, graças às políticas de transmigração e do incremento de militares em Timor-Leste.

Esta rápida islamização reveste dois tipos de aproximação distinta: sendo um o da via pacífica em que líderes indonésios convidam a população a associar-se ao islamismo, oferecendo gratuitamente arroz, roupas e dinheiro. A recusa daqueles bens materiais é normalmente considerada como indicativa da ligação a resistência.

P.S. CIMEIRA DA CONVERGÊNCIA DE TIMOR A REALIZAR QUINTA 13 OUT.º 88 [4 -10 PM (SIDNEY), 2-8 PM (MACAU)]. PRESENTES RAMOS-HORTA E ROQUE RODRIGUES PELA FRETILIN, JOÃO CARRASCALÃO E FAUSTO SOARES PELA UDT, CÔNSUL E EMBAIXADOR PORTUGUÊS. SESSÃO À PORTA FECHADA, ÚNICO ÓRGÃO DA COMUNICAÇÃO SOCIAL PRESENTE LUSA.

65. 5 OUTUBRO 1988 THE AGE

66. 8 OUTUBRO 1988 EXPRESSO

67. DIPLOMATA PORTUGUÊS REÚNE-SE COM COMUNIDADE TIMORENSE ⁸¹

SIDNEY, 14 OUT.º 1988 LUSA) Teve ontem à noite lugar o primeiro encontro em 13 anos, entre um diplomata português e as comunidades timorenses e seus representantes políticos. No termo da sua visita oficial de uma semana às comunidades de expressão portuguesa neste estado de Nova Gales do Sul, o embaixador de Portugal, Dr. José Luís Gomes acompanhado do cônsul geral Dr. Alexandre Vassalo, deslocou-se a Cabramatta, subúrbio de Sidney, para um encontro com a comunidade de Timor-Leste.

O encontro foi promovido pela Convergência Nacionalista de Timor, movimento de unidade popular que congrega as duas principais forças políticas: a "UDT" e a "Fretilin".

Tratou-se de um encontro histórico, dado que no passado nenhum embaixador havia visitado especificamente a

81 LUSA 14 OUTUBRO 1988 DESPACHO_{1,35/88}

comunidade timorense para auscultar os seus problemas e tentar resolver os seus anseios.

Estiveram presentes à reunião pública cerca de duas centenas de pessoas. A sessão foi presidida pelos dois diplomatas portugueses, pelo Eng.º João Carrascalão (UDT), Dr. José Ramos-Horta e Dr. Roque Rodrigues (Fretilin).

A abrir os trabalhos, Carrascalão diria:

“Portugal conquistava com a espada numa mão e a Cruz na outra. Timor nunca foi conquistado dado que os portugueses quando ali chegaram há mais de 450 anos, apenas levavam a Cruz. Há treze anos virou-nos as costas e atirou-nos para as garras dos indonésios. Nós somos os estrangeiros na nossa própria terra. Tivemos de fugir para rejeitar a Indonésia”

“Esta é a primeira vez que um embaixador vem visitar a nossa comunidade, e com ela também a primeira vez que na Austrália a Convergência Nacionalista se apresenta numa sessão pública.

“Depois da invasão Indonésia lutamos (UDT e Fretilin) por caminhos separados mas paralelos, mas agora há apenas uma prioridade: a libertação de Timor. Devemos esquecer ideologias e lutar para voltarmos a ter a nossa própria casa, depois então poderemos preocuparmo-nos com ideologias e formas de gerirmos a nossa casa, a nossa pátria Timor. Sem esta união prioritária não podemos pensar em ter a nossa própria casa”.

Seguidamente Ramos-Horta reiterando o tom de unidade essencial para a libertação de Timor, apelaria para incrementar os laços entre os timorenses e as outras comunidades de expressão portuguesa, fazendo a seguir a apresentação do embaixador Dr. Luís Gomes:

"Há muitos anos que conheço e tenho convivido com o senhor embaixador, e sei o interesse pessoal que ele tem em relação ao caso de Timor"

"Para aqueles que não saibam, em 1982, durante o governo do primeiro-ministro Pinto Balsemão, era o Dr. José Luís Gomes seu conselheiro, muito tendo contribuído para a ofensiva diplomática de Portugal através do MNE Futscher Pereira nas Nações Unidas e outros fóruns, sem a qual o caso de Timor não estaria ainda hoje a ser debatido."

"A nossa união como Convergência Nacionalista é vital para a sobrevivência do povo de Timor, e para isso é preciso que os nossos jovens estudem e tirem cursos, façam aquilo que os judeus no pós guerra e os palestinianos têm feito: estudar. Assim se desenvolve um povo e poderá manter viva a sua cultura e valores."

O Dr. Luís Gomes agradecendo a introdução começaria por declarar:

"É de facto verdade que Portugal virou as costas a Timor, tal como o MNE disse há dias na ONU, mas de facto agora Portugal pode tomar uma ou outra

posições dado que fazemos parte do influente órgão que é o comité dos direitos humanos."

"Quero que todos vocês – como timorenses – se sintam em nossa casa, enquanto não tiverem a vossa casa a nossa casa será vossa também."

"Conto nos meus contactos na Austrália alertar quer as autoridades, quer a comunicação social, para tentar quebrar a apatia deles em relação a Timor."

Adiante o embaixador alertaria para a falta de cobertura da comunicação social australiana em relação a Timor, dizendo *"é preciso trabalhar em conjunto com a Convergência Nacionalista"*.

"Como homens e irmãos, portugueses e timorenses têm de trabalhar unidos, para que se atinja o vosso objectivo final que é a autodeterminação, impedida pela ocupação Indonésia." 82

Seguidamente, houve um período de perguntas e respostas entre a assistência e a mesa, nas quais foram

82 14 OUTUBRO 1988 DESPACHO 35/88 20 LUSA RECTIFICAÇÃO - ACABO DE CONSTATAR QUE NA TRANSMISSÃO DO TELEX FOI OMITIDA UMA LINHA DE TEXTO, QUE PODE TER IMPLICAÇÕES GRAVES. APARENTEMENTE O OPERADOR COMEU UMA LINHA E VOLTOU ATRÁS AO TEXTO ORIGINAL, DETURPANDO AS DECLARAÇÕES DO EMBAIXADOR. ASSIM, A LINHAS 65 DEVERÁ LER-SE : "COMO HOMENS E IRMÃOS, PORTUGUESES E TIMORENSES TÊM DE TRABALHAR UNIDOS, PARA QUE SE ATINJA O VOSSO OBJECTIVO FINAL QUE É A AUTODETERMINAÇÃO, IMPEDIDA PELA OCUPAÇÃO INDONÉSIA".

SEGUIDAMENTE, HOUVE UM PERÍODO DE PERGUNTAS E RESPOSTAS, ENTRE A ASSISTÊNCIA E A MESA, NAS QUAIS FORAM DEBATIDOS PROBLEMAS VÁRIOS, AFFECTANDO OS TIMORENSES, INCLUINDO A POSSIBILIDADE DE EXPULSÃO DA INDONÉSIA."

AGRADEÇO IMEDIATA RECTIFICAÇÃO. 182

debatidos problemas vários, afectando os timorenses, incluindo a possibilidade de expulsão da Indonésia.

O facto de o consulado geral apenas emitir passaportes por um ou dois anos para os timorenses, mereceu por parte do cônsul Dr. Vassalo a promessa de que os timorenses não seriam discriminados e todos os timorenses teriam direito a passaporte por cinco anos, salvo casos de manifesto interesse em obterem a nacionalidade australiana ou casos de dificuldade de comprovação de identificação.

Foi também assegurado a todos os presentes que "não perderiam a nacionalidade portuguesa ao adquirirem a nacionalidade australiana".

Este ponto foi acesamente debatido, dado os timorenses temerem perder a cidadania ao expirar a validade dos seus passaportes. O embaixador prometeu tentar interceder junto do ministério da imigração australiano para a reintrodução por um período de um ano do sistema acelerado de processamento de refugiados de Timor, que foi cancelado pelo governo de Camberra.

Segundo aquele sistema, o governo australiano facilitava e acelerava a vinda de todos os timorenses ainda em Portugal, que se quisessem radicar na Austrália.

Houve quem aventasse várias hipóteses sobre a eventual visita de parlamentares portugueses a Timor, integrados numa missão da ONU, tendo sido esclarecidos alguns pontos sobre o assunto, nomeadamente as condições postas pela delegação portuguesa, seus termos de referência, a aceitação de uma plataforma pelos

representantes do povo de Timor, e a necessidade de haver liberdade de movimentos para avaliar a actual situação no território.

Algumas das perguntas porém diziam respeito à falta de visibilidade diplomática de Portugal quer na região do Pacífico quer no Sudeste Asiático, sendo igualmente prometido pelo embaixador que iria estudar em conjugação com o MNE a hipótese de alargar o âmbito da sua acção. Aliás, disse o Dr. José Luís Gomes:

“Incluí já menção específica ao problema de Timor nos meus discursos de tomada de posse quer perante o governo australiano, quer perante o governo da Nova Zelândia, onde também estou acreditado como embaixador de Portugal”

A sessão teve a duração de mais de três horas com activa participação dos presentes. Presente o presidente do conselho das comunidades portuguesas na Austrália, Sr. Firmino Belo, que pôs à disposição dos timorenses os esforços conjuntos da comunidade.

Foi divulgada também a preparação de uma marcha de timorenses sobre Camberra, para se manifestarem contra a passagem em 7 de Dezembro do 13º aniversário da invasão de Timor-Leste pela Indonésia.

A sessão pública que havia sido antecedida de um jantar com pratos típicos de Timor, terminou cerca das dez da noite, tendo sido seguida de uma reunião à porta fechada na qual estiveram presentes os representantes diplomáticos portugueses, e os líderes da Convergência Nacionalista.

Nessa sessão – com a duração de cerca de duas horas – foram debatidos assuntos de ordem política, incluindo a activa campanha de desinformação que vem sendo feita pela Indonésia, e a preocupação dos líderes timorenses face à presumível visita da delegação parlamentar portuguesa.

Quer Ramos-Horta, como Roque Rodrigues e João Carrascalão irão iniciar dentro de dias uma extensa campanha de visitas aos vários núcleos timorenses espalhados pela Austrália, estando previstos encontros com personalidades influentes da vida política australiana

68. BALIBÓ, 15 ANOS DEPOIS ⁸³

SIDNEY, 17 OUT.º 88 LUSA) Completam-se esta semana 15 anos sobre as mortes de cinco jornalistas da TV australiana, ocorridas na vila fronteiriça de Balibó, em Timor-Leste.

A morte nunca foi totalmente esclarecida, com os indonésios a declararem que os australianos haviam sido vítimas de confrontos entre a Fretilin e a UDT-APODETI.

Testemunhos timorenses posteriormente vieram a declarar que eles haviam sido mortos quando faziam a cobertura de recontros de forças avançadas da Indonésia em território de Timor.

A Indonésia atacou e invadiu Timor em 7 de Dezembro de 75, mas pelotões de vanguarda estavam já em Balibó a

83 17 OUT.º 88 LUSA 42/88

desalojar a Fretilin em Outubro, e a morte dos jornalistas tinha de ocorrer pois a Indonésia ainda negava na altura que tivesse planos de intervir militarmente em Timor-Leste.

As filmagens dos últimos dias dos jornalistas mostrando já tropas Indonésias acabariam por chegar à Austrália.

A viúva do jornalista do canal sete, Shirley Shackleton, desde então não parou de publicitar a causa do povo maubere enquanto deparava com a inexistência de inquéritos oficiais australianos sobre a morte dos cinco jornalistas.

Shirley Shackleton concordou esta semana em que se celebram 15 anos sobre a morte do seu marido e sobre o começo da invasão Indonésia, em dar uma entrevista à agência Lusa.

"A minha vida tem sido de tristeza pois Greg era talentoso e tinha apenas 29 anos, mas depois senti que se ele tivesse voltado teria feito de Timor um lugar especial na sua vida jornalística. Eu estive recentemente em Díli e a Fretilin tinha-me avisado que era mais seguro deslocar-me durante a visita do Papa e eu decidi ou ia dessa vez ou então teria de esperar até os timorenses terem o direito à autodeterminação.

Díli estava irritantemente demasiado limpa, haviam [os indonésios] feito dela uma cidade da Disneylândia, cheia de bandeiras Indonésias numa atmosfera de carnaval para turista ver e irritou-me ver nomes indonésios nas ruas. Depois, saí de Díli e vi o outro lado da imagem e como os militares indonésios se comportavam para com os

mauberes, e em Timor a vida está bem para os indonésios, não é má para os colaboracionistas mas é muito difícil para uma pessoa se ela é timorense.

Toda a ajuda económica estrangeira que vai para Timor serve para dar uma vida boa aos indonésios, mas parece-me injusta pois nada beneficia os timorenses que continuam sem ter direitos na sua própria terra.

Sente-se o medo nas pessoas e havia quem se aproximasse furtivamente e perguntasse se eu podia levar uma carta já com selos para Bali e tal como apreciam desapareciam. Muitos foram os que sub-repticiamente se aproximaram com cartas e eu disfarçadamente punha uma mão à espera da carta. Tornei-me activa e vocal em relação a Timor mesmo antes do meu marido ser morto, e depois decidi não ser uma viúva chorosa pois pode dar grandes cabeçalhos nos jornais mas é uma coisa passageira.

Decidi então como cidadã australiana só fazer declarações em relação a Timor nessa qualidade, e assim tenho escrito inúmeras cartas à redacção dos jornais, gravei dezenas de entrevistas para a rádio e TV e escrevi dois livros, um deles a aguardar publicação.

Antes do meu marido ir a Timor eu só sabia onde era e como professora de têxteis sabia que tipos de tecidos fabricavam, nada mais. Eu faço tudo o que for preciso por Timor desde que isso possa ajudar os mauberes.

“Foi-nos dito por três governos australianos que Timor não podia sobreviver economicamente, e agora vemos a partilha das riquezas de Timor, o petróleo, que os poderia tornar tão ricos como são os habitantes do Brunei e isso

envergonha-me como australiana. Dá-me vontade de vender tudo e deixar de viver neste país.

Os governos australianos têm sido e continuam muito generosos para com a Indonésia. Não nos surpreendamos com o envio de duas fragatas australianas para o conflito no golfo, honestamente a maior parte dos governos utiliza critérios de duplicidade.

É uma desgraça e eu sinto-me envergonhada de ser australiana e dos governos deste país, embora haja pessoas no governo que têm tentado fazer algo por Timor mas são uma minoria. Mas eu não acredito que a questão de Timor esteja acabada.

Quando eu fui a Timor estava convencida de que o que havia a fazer era tirar o Xanana Gusmão e outros membros da resistência para fora de Timor, mas depois de falar com os mauberes eu entendi que mesmo que se um dia Xanana for apanhado ou morto haverá outro para o substituir.

Eu soube disto através de jovens que apanhavam conchas nas praias, através de estudantes e de velhos timorenses, e há uma geração inteira de homens timorenses desaparecida. Esse é o sentimento da maioria das pessoas com quem estive, eu vou lutar pela resistência, eu vou lutar por Xanana.

Em Timor-Leste os bispos, os governadores, a polícia secreta, os torturadores vão e vêm outros mas o Xanana continua.

Os indonésios dizem que as últimas manifestações de estudantes revelam apenas o seu descontentamento pelo desemprego. Não, não se trata disso, mas caso se

tratasse então isso explica bem o que acontece ao povo Timor

Não há nem haverá empregos para os timorenses. Eu conheci indonésios e nem todos são torturadores, que me disseram esperar problemas dentro dos próximos 4 a 5 anos, com a falta de empregos para os timorenses, mas passado um ano sobre a minha estadia isso já está a acontecer.

Os timorenses são um dos povos mais extraordinários do mundo e apesar de os mass média não poderem cobrir o que se passa, as histórias sobre aquilo que se passa continuam a chegar até nós, sobre massacres e demonstrações. Mas isto é apenas a ponta do icebergue.

O exército indonésio está descontrolado e desde roubar terras a roubar tudo o que há de valor cultural no país e é por isso que eles recebem mais dinheiro em Timor do que noutros locais porque ali é perigoso estar.

Eu penso que o governo português está à espera de ir a Timor para ver por si mesmo com os seus próprios olhos o que se está a passar e não irá para o tribunal internacional sem antes poder dizer nós estivemos lá e vimos o que se passa, e por isso é que os problemas estão a aumentar em Timor hoje porque o exército está a tentar eliminar todas as formas de dissidência para que quando os portugueses [a delegação parlamentar] chegarem já não existir ninguém para protestar.

Por outro lado recebemos tantas notícias de Timor que não podemos publicar porque não pudemos comprovar e

como jornalistas responsáveis temos de as confirmar e daí que 9 em cada dez notícias de Timor não seja publicada.

A minha mensagem para os timorenses que ainda estão em Portugal impossibilitados de regressar à sua pátria, incapazes de virem para a Austrália reunirem-se às suas famílias, é a de que enquanto a resistência se mantiver não temos o direito de desistir, e creio que cada vez serão mais fortes.

Eu vejo nas reuniões da associação timorense do estado de Vitória que jovens de há 15 anos são adultos hoje, outros como eu estão na meia-idade e alguns são australianos e nenhum deles desistiu ao longo dos últimos 15 anos e isso é porque Xanana e os mauberes não desistiram e nós também não podemos desistir da causa. Todos os que acreditam no direito ao voto universal e individual têm de apoiar o direito dos timorenses se autodeterminarem."

Esta foi a primeira entrevista dada por Shirley Shackleton a um órgão de informação português.

69. 17 OUTUBRO 1988 O PORTUGUÊS, SIDNEY:

70. 20 OUTUBRO 1988 COMÉRCIO DO PORTO

71. 25 OUTUBRO 1988 RDP

72. 26 OUTUBRO 1988 SMH

73. 27 OUTUBRO 1988 SMH (SYDNEY MORNING HERALD)

74. 28 OUTUBRO 1988 THE AUSTRALIAN

75. A COMUNICAÇÃO SOCIAL AUSTRALIANA MANTÉM ACESO O DEBATE SOBRE TIMOR-LESTE ⁸⁴

SIDNEY, 28 OUT.º 88 LUSA) O jornal diário "The Sidney Morning Herald" dedica hoje parte da sua primeira página a uma entrevista feita ao correspondente da Lusa na Austrália, J. Chrys Chrystello, relativamente ao problema de Timor-Leste.

A cadeia nacional de rádio "ABC" dedicou parte de dois dos seus mais importantes programas ao mesmo assunto.

O "Herald" é o primeiro órgão a mencionar a eventual visita a Timor, de uma delegação parlamentar portuguesa, integrada numa missão da ONU.

Para aquele jornal, alguns dos casos que deverão necessariamente ser analisados por tal missão são a utilização da droga esterilizante "Depo Provera" como meio forçado de contracepção para as mulheres timorenses, e a recente morte inexplicada de pelo menos duzentas crianças, alegadamente vítimas de medicamentos falsificados.

Na entrevista com o correspondente da Lusa são focadas as dificuldades de acordo relativamente aos termos de referência da visita, e a necessidade de haver liberdade de movimentos da delegação parlamentar portuguesa para se evitar a repetição de anteriores visitas "*guiadas*."

Chrys Chrystello acrescentou ainda ser esta a oportunidade de "*o mundo ter uma oportunidade de ver Timor-Leste por dentro*", confirmando com base em notícias que têm chegado ao seu conhecimento, as alegações feitas esta semana pelos parlamentares australianos Tony Lamb, e Warren Snowdon.

O "Herald" confirma ainda ter recebido detalhes de uma publicação indonésia, a revista "Tempo", datada de Maio, na qual se dava conta da proliferação de drogas e medicamentos falsificados.

Por seu turno a cadeia nacional (governamental) de rádio "ABC" entrevistou Abílio Araújo em Lisboa e Carmel Budiardjo da Tapol (a campanha britânica para a defesa dos prisioneiros políticos e para a defesa dos direitos humanos na Indonésia).

Ambos referiram a dificuldade de concessão, por parte da Indonésia de liberdade de movimentos a uma delegação

da ONU, integrando parlamentares portugueses, alertando para o facto de a anunciada visita do presidente Suharto a Timor-Leste dentro de dias, para tomar parte num "Jamboree" não passar de uma manifesta provocação.

A "ABC" entrevistaria ainda, Pat Walsh, do ACFOA (comité australiano para a ajuda económica ao exterior), o qual reiteraria as alegadas mortes e as campanhas de esterilização do povo de Timor-Leste.

João Carrascalão da Convergência Nacionalista de Timor-Leste disse esta tarde à Lusa que se mostrava "admirado por ao fim de tantos anos ser esta a primeira vez que uma campanha concertada da comunicação social australiana, se mostrar interessada pelo problema de Timor-Leste".

Com efeito esta semana Timor figurou quatro vezes na primeira página do "Sidney Morning Herald" e outras tantas nos principais programas da rádio "ABC": "AM", "PM" e "The World Today".

Num outro campo também parece haver impacto nas relações australo-indonésias, com a divulgação hoje de que o governo de Camberra estava a considerar a possibilidade de conceder asilo a cinco membros de um grupo musical anti-governamental indonésio, e os quais se encontram actualmente na república de Vanuatu.

76. 30 OUTUBRO 1988 COMÉRCIO DO PORTO

77. SUNDAY TERRITORIAN, 30 OUT88 (NORTHERN TERRITORY, DARWIN)

78. 01 NOVEMBRO 1988 RDP

79. EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA DE ARTE DE TIMOR-LESTE ⁸⁵

SIDNEY, 01 NOV.º 88 LUSA) Tem início amanhã quarta-feira dia 3, uma exposição de pintura contemporânea, sob o tema de Timor-Leste, e apresentada por Margaret King Boyes, numa galeria de arte de Adelaide, na Austrália do Sul, e promovida pela real sociedade de arte da Austrália meridional.

Margaret King Boyes esteve durante prolongados períodos em Timor nas décadas de sessenta e setenta e dessas estadias guardou em tela preciosos momentos que ora vão ser divulgados ao público. A exposição intitulada "Do Éden ao Paraíso" terá a honra de ser oficialmente inaugurada por um membro representante da Convergência Nacionalista de Timor-Leste, João Carrascalão, que propositadamente se desloca à capital da Austrália do Sul.

Será a primeira vez que um elemento representativo da comunidade timorense estabelecida na Austrália inaugura uma exposição de pintura relativa a Timor-Leste. A iniciativa tem o apoio da embaixada de Portugal em Camberra e deverá criar um maior interesse sobre Timor-Leste, na comunidade australiana.

80. REFUGIADO ECOA RECENTES ABUSOS E TORTURAS EM TIMOR-LESTE ⁸⁶

85 LUSA DESPACHO 47/88 01 NOVEMBRO 1988

86 LUSA DESPACHO 46/88, 01 NOVEMBRO 1988

SIDNEY, 01 NOV.º 1988 LUSA) Em 16 de Setembro passado cinco jovens estudantes do colégio agrícola de Natarbora, a sudoeste de Díli, foram violadas e mortas por soldados indonésios. Estas as declarações hoje prestadas à Lusa por Aires de Almeida, de 39 anos de idade. As famílias das vítimas apresentaram queixa às autoridades Indonésias, mas sem resultado.

No dia 17 de Setembro em retaliação as forças de guerrilha armada que operam em Timor-Leste, capturaram 30 estudantes indonésios, os quais foram levados para o mato, a fim de verem como os guerrilheiros vivem.

"Esta prática é comum às forças da resistência" acrescentou Almeida, "ao passo que os indonésios matam logo."

Aires de Almeida que se formou em engenharia eléctrica no início da década de setenta em Portugal, tem estado envolvido no movimento nacionalista de Timor embora não se considere filiado em qualquer grupo político. Na Austrália é funcionário dos correios e estuda em tempo parcial para obter a equivalência das suas habilitações académicas.

Citando idênticos casos passados, Aires de Almeida citou que em 1982 "três miúdas de uma família amiga haviam-se queixado de dores de estômago. Levadas para o hospital e diagnosticadas com apendicite foram submetidas a uma operação para a extracção dos ovários. Elas tinham apenas idades compreendidas entre os 8 (oito) e os 10 (dez) anos."

Estas alegações vêm na sequência de idênticas alegações prestadas pelos parlamentares australianos Warren Snowdon e Tony Lamb, na passada semana, relativamente às mortes de cerca de 200 crianças timorenses em hospitais, e à administração da droga esterilizadora "Depo Provera."

Aires de Almeida afirmou ainda "só na minha família em idênticos casos de hospitalização já morreram em circunstâncias suspeitas, três pessoas. Quanto à administração da "Depo Provera" tive conhecimento directo, através de uma prima minha, que antes de vir como refugiada, era enfermeira e era obrigada a utilizar aquela droga."

Estas alegações foram publicadas também pelo diário "Sidney Morning Herald" que – tal como o correspondente da Lusa – não conseguiu entrar em contacto nem com o embaixador indonésio em Camberra, nem com o embaixador australiano em Jacarta, a fim de transmitir tais alegações.

Entretanto de Darwin (no Território Norte australiano) uma refugiada cuja identidade não pode ser revelada, em virtude de temer represálias em familiares seus ainda residentes em Timor, fez declarações relativas ao envenenamento de sobrinhos seus num hospital de Díli. Este caso teria ocorrido no passado mês de Janeiro.

Roque Rodrigues, embaixador de Timor-Leste em Angola e representante da Fretilin que se encontra actualmente de passagem por Darwin declarou que:

"O objectivo da Indonésia é eliminar a nossa gente e torná-la minoritária na nossa pátria. De acordo com as estatísticas oficiais Indonésias, apenas dois por cento das mulheres Indonésias tomam "Depo Provera," mas em Timor-Leste as estatísticas apontam para 57 por cento das timorenses."

"Isto" acrescenta Roque "não é senão uma deliberada política de genocídio das forças Indonésias, que mantêm milhares de timorenses em campos de concentração".

Roque Rodrigues queixou-se ainda de "o governo australiano mantém-se obstinado em ignorar toda a evidência da existência de opressão em Timor-Leste".

Curiosamente, o senador Gareth Evans, MNE australiano que se encontra de visita à Papua Nova-Guiné, prometeu hoje àquela ex-colónia australiana o envio de uma companhia de engenharia militar. Este destacamento que deverá ficar localizado em Vanimo, província de Sepik ocidental, junto à fronteira da PNG com a Irian Jaya (Papua Ocidental Indonésia) ficaria encarregue da construção de estradas, e melhoria dos meios de comunicação.

O MNE australiano sugeriu também como forma de despoletar a tensão fronteiriça existente entre a Indonésia e a PNG, a criação de uma linha vermelha de comunicação entre as duas nações.

81. SUHARTO VISITA TIMOR-LESTE E ANUNCIA LIBERDADE DE MOVIMENTOS. BOB HAWKE REJEITA AMEAÇA PORTUGUESA. ⁸⁷

SIDNEY, 01 NOV.º 88 LUSA) O presidente Suharto da Indonésia chega hoje a Timor-Leste para as cerimónias finais do Jamboree mundial de escuteiros que tem tido lugar em Timor-Leste.

A visita que foi oficialmente divulgada pela Lusa há cerca de 3 semanas terá como ponto alto uma declaração sobre "Timor-Leste", sendo aguardada com alguma expectativa pelas comunidades timorenses radicadas na Austrália.

Para João Carrascalão, da Convergência Nacionalista e irmão do actual governador, Mário Carrascalão, esta visita deverá ser apenas *“mais uma forma da Indonésia propagandear a estabilidade da situação em Timor-Leste”*.

Contactado há momentos, o Dr. Roque Rodrigues da Fretilin e representante da Convergência Nacionalista reiterou que: "a ida de Suharto não passa de um elaborado exercício de publicidade destinado a mostrar que é possível à Indonésia conduzir um Jamboree de escuteiros em Timor-Leste, sem quaisquer problemas de guerrilha."

Roque disse que Suharto "iria assinalar uma nova fase na vida de Timor-Leste, anunciando a liberdade de movimentos nalgumas zonas de Timor, tal como pedido pelo embaixador australiano, Bill Morrison na passada semana."

Com efeito na madrugada de hoje, uma fonte próxima da resistência timorense informou o correspondente da Lusa que cinco centros provinciais de Timor-Leste iriam deixar de estar sob o controlo directo das forças militares.

As zonas a libertar do controlo militar não eram indicadas, mas frisava-se que as restantes áreas territoriais se manteriam sob a lei militar. Desconhece-se se tais zonas seriam abertas à visita por cidadãos estrangeiros.

Para alguns observadores australianos esta decisão pretende despoletar recentes críticas de que Timor era ainda uma sociedade prisioneira de si mesma, reafirmando simultaneamente o total controlo que as autoridades Indonésias têm sobre o território.

A agência France Press, citando fontes próximas da presidência indonésia reiterava esta informação umas horas mais tarde.

Por seu turno, pelas oito horas da manhã de hoje (hora australiana), nove da noite de Lisboa, o primeiro-ministro Bob Hawke declarou à rádio nacional "ABC" que "*Portugal nada poderia fazer relativamente à assinatura do acordo de exploração conjunta da zona do mar de Timor conhecida como "Timor Gap."*

Hawke diria "de acordo com as leis internacionais Portugal nada pode fazer e as ameaças do governo de Lisboa são infundadas".

Não foi possível à Lusa contactar o embaixador português que se encontra de visita à Austrália Ocidental.

82. A LUTA CONTINUA EM TIMOR-LESTE ⁸⁸

SIDNEY, 02 NOV.º 1988 LUSA) Notícias hoje chegadas de Timor-Leste ao correspondente da Lusa dão conta de que 250 estudantes timorenses de unidades escolares na zona de Natarbora, Same, se juntaram às forças de resistência nacionalista, como medida de represália contra o assassinato de cinco estudantes violadas pelos militares indonésios em Agosto 1988.

Em Leorema, Ermera um jovem de nome António da Silva, foi aprisionado na noite da sua boda nupcial e acusado de manter contactos com a resistência. Em 31 Agosto um professor do posto escolar de Santus Yosef em Díli tentou assaltar uma madre timorense de nome Floriana, tendo sido encerrado pelos estudantes. O bispo Carlos Belo advertido para o sucedido não fez comentários.

Segundo as mesmas fontes, 300 estudantes timorenses de Ainaro renderam-se às forças nacionalistas em Setembro.

Em 8 Setembro passado um professor da escola técnica de Fatumaca, de nome Agostinho foi torturado depois de ter sido aprisionado pelos militares indonésios, em Balide, Díli. Apesar de ter sido solicitada a intervenção de monsenhor Carlos Belo, este manteve-se alheio ao assunto.

Na vila de Aileu um jovem timorense de nome Damião Pereira viu-se envolvido num choque de autocarros, por

esse motivo foi espancado tendo recolhido ao hospital de Aileu.

O bispo deslocou-se com um grupo de cristãos a Ainaro a fim de ordenar o padre Norberto do Amaral tendo a sua comitiva sido sujeita a revista por parte das entidades Indonésias. Nesta expedição católica estava também o padre António Gonçalves de Viqueque. Em 18 Setembro o padre Amaral entoou canções típicas no dialecto "Mambae" e em "Tétum."

Entretanto em Díli, dois diáconos timorenses foram ordenados. Trata-se de Filomeno Jacob Simões Belo da Sociedade de Jesus e de Filomeno de Jesus Barreto.

83.. 2 NOVEMBRO 1988 RDP

84. 3 NOVEMBRO 1988 O COMÉRCIO DO PORTO

85. 5 NOVEMBRO 1988 EXPRESSO

86. 6 NOVEMBRO 1988 RDP

87. 8 NOVEMBRO 1988 CORREIO PORTUGUÊS

88. REFUGIADO DE TIMOR ESCAPA INDONÉSIOS ⁸⁹

SIDNEY, 06 NOV.^o 88 LUSA) João Maria dos Reis, de 36 anos de idade era um dos chefes dos serviços de informação e propaganda da Indonésia em Timor-Leste até há dias, quando conseguiu escapar para Macau, deixando a sua família a salvo na Austrália.

89 LUSA DESPACHO 51/88, 06 NOVEMBRO 1988

João Reis relatou à agência Lusa como se vive em Timor-Leste, reforçando as notícias que diariamente nos chegam daquela ex-colónia portuguesa.

Dando conta das atrocidades e torturas a que são submetidos os timorenses, João Reis disse à Lusa através de um porta-voz em Darwin, no Território Norte australiano, que a recente abertura de Timor aos indonésios não passa de uma manobra da propaganda oficial Indonésia.

A família de Reis que se encontra em lugar seguro em Darwin contactou já as forças locais de resistência nacionalista de Timor-Leste às quais deu conta das condições de vida em Timor, declarando que a ida dentro de dias de equipas jornalísticas australiana a Timor não passava de uma manobra das forças Indonésias para demonstrar a abertura do território ao exterior.

Entretanto o Dr. Almeida Ribeiro ex-bastonário da ordem dos advogados e Provedor de Justiça da República Portuguesa, que se encontrava na Austrália em visita semioficial regressou a Lisboa.

A visita do Dr. Almeida Ribeiro, actual membro do conselho de estado, à comunidade timorense, além dos órgãos diplomáticos e consulares aqui acreditados, revestiu-se de interesse dada a sua activa participação no passado como líder da comissão dos direitos do homem.

89. 9 NOVEMBRO 1988 PORTUGUÊS NA AUSTRÁLIA

90. DESPACHO LUSA EM 09 NOV.º 88 (TRANSCRITO

PELO COMÉRCIO DO PORTO 10 nov.º 88)

91. 9 NOVEMBRO 1988 RDP

92. 9 NOVEMBRO 1988 PORTUGUÊS NA AUSTRÁLIA

93. REFUGIADO DE TIMOR DENUNCIA INDONÉSIOS ⁹⁰

SIDNEY, 11 NOV.º 88 LUSA) "Felizmente as autoridades portuguesas têm sido compreensivas e dentro de dias terei a documentação necessária para ir a Portugal" declarou João Maria dos Reis, de 36 anos.

Reis, era um dos chefes dos serviços de informação e propaganda da Indonésia em Timor-Leste até há dias, quando conseguiu escapar para Macau. Trata-se do segundo alto funcionário de Timor-Leste a fugir este ano, depois de Inácio de Moura ter escapado em Janeiro último.

Falando por telefone com o correspondente da Lusa na Austrália, Reis declarou que "pretende ir a Portugal, contar o que se passa na ex-colónia, antes de tentar radicar-se na Austrália onde seus pais já se encontram há uns anos."

João Reis relatou que "a recente morte de cerca de duzentas crianças, a continuada esterilização forçada das mulheres, haviam sido dois factores que o levaram a aproveitar a ida a Jacarta para escapar."

"A visita de Suharto a Timor não passou de uma manobra de propaganda orquestrada para a comunidade internacional" disse Reis.

"A actual visita de 4 dias de uma delegação do governo do Território Norte australiano com duas famílias de Timor será mais um exemplo de visita guiada, para publicitar a pseudo abertura de Timor ao exterior."

A sua mulher Fátima Belo e os seus cinco filhos estão em Darwin tentando obter das autoridades australianas autorização para aqui fixarem residência. Reis disseram ainda à Lusa que da sua família ficou um irmão com dois filhos em Díli e uma irmã casada em Bali.

Em Portugal, Reis irá alertar os parlamentares portugueses para a situação de Timor, e para os preparativos já efectuados pelas autoridades Indonésias.

94. GOVERNADOR DE TIMOR CONFIRMA QUE AS GUERRILHAS AINDA ESTÃO ACTIVAS ⁹¹

SIDNEY, 11 NOV.º 88 (EUROPEU) Mário Viegas Carrascalão, governador de Timor-Leste concedeu esta manhã uma conferência de imprensa para os doze jornalistas australianos que acompanham a delegação do governo do Território Norte australiano.

Carrascalão diria que "três áreas de Timor-Leste não poderão ainda ser abertas ao mundo exterior, por nelas se registar actividade de guerrilha da Fretilin, mas que era

provável que no fim deste ano o resto do território pudesse ser visitado por estrangeiros".

Classificando as guerrilhas como bandos armados de desesperados, que roubam e matam, muitas vezes apenas para obter mantimentos, Carrascalão acrescentaria que *"o povo de Timor-Leste está solidário comigo, não dando apoio às guerrilhas, e estando satisfeito com os progressos verificados depois da integração"*.

A delegação australiana que se encontra em visita a Timor é chefiada pelo ministro plenipotenciário do Território Norte, Marshall Perron, e inclui senadores e membros do legislativo do território. Da delegação fazem parte duas famílias de timorenses, que não voltavam a Timor desde 1975. Trata-se da família Mascarenhas Inglês, de Ermera, e da família Nunes, de Díli, que foram convidadas para tomar nesta viagem conjuntamente organizada pela Indonésia e pelo Território Norte.

Curiosamente foram incluídos na comitiva doze jornalistas australianos. Os jornalistas australianos têm no passado sido excluídos de qualquer visita oficial do governo do Território Norte, por serem demasiado vocais face à Indonésia.

Esta comitiva da comunicação social é a maior a visitar Timor-Leste, desde que em Outubro 1975 cinco colegas seus foram abatidos em Balibó, na zona fronteiriça com Timor Ocidental, pelas forças invasoras indonésias. A delegação que deverá regressar à Austrália amanhã, não teve acesso a nenhuma região de Timor além da capital, Díli.

Os representantes da Convergência Nacionalista timorense, Dr. Roque Rodrigues (Fretilin) em Darwin, e o engenheiro João Carrascalão (UDT) em Sidney declaravam esta manhã depois de terem conhecimento da conferência de imprensa, que *"A maioria dos timorenses radicados na Austrália repudiavam a visita, por se tratar de uma mera manobra de propaganda Indonésia."*

Recentes alegações sobre a morte de mais de duzentas crianças vítimas de medicamentos falsificados, e sobre a continuada esterilização das mulheres de Timor, contra sua vontade, obteve imensa cobertura nos, normalmente, silenciosos órgãos de comunicação australiana.

Esta visita insere-se numa cada vez maior aproximação comercial entre o Território Norte australiano e a Indonésia, não obstante recentes incidentes em que um cada vez maior número de pesqueiros indonésios têm sido apanhados ilegalmente a pescar junto à costa australiana. Nestes pesqueiros têm sido detectados oficiais das forças armadas Indonésias que foram treinados na academia militar australiana de Duntroon.

95. CARRASCALÃO ADMITE QUE A FRETILIN AINDA NÃO ESTÁ EXTINTA ⁹²

Darwin 12 NOV.^o 88 LUSA) – O governador de Timor, Mário Viegas Carrascalão declarou hoje à cadeia de rádio australiana "ABC" que *"se demitiria caso alguém conseguisse provar a recente morte de mais de 200*

92 LUSA DESPACHO 54/88, 12 NOVEMBRO 1988

crianças e da continuação da esterilização das mulheres timorenses.”

Falando numa conferência de imprensa de despedida à delegação do governo do Território Norte australiano, Carrascalão disse que *“era provável que Timor fosse aberto aos países estrangeiros a partir do fim deste ano.”*

Carrascalão disse ainda que *“as forças de guerrilha não estão extintas, e se bem que não passem de um grupo diminuto havia ainda três zonas na Ponta Leste que não poderiam ser abertas ao mundo exterior.”*

Citando que a maioria da população de Timor o apoia, Mário Viegas Carrascalão disse que os guerrilheiros eram apenas *“bandos armados de desesperados em busca de mantimentos, e que a população estava feliz com a integração na Indonésia.”*

96. A MESMA NOTÍCIA TRANSCRITA POR “O COMÉRCIO DO PORTO”

97. 12 NOVEMBRO 1988 NORTHERN TERRITORY NEWS

98. TIMORENSES VÃO PROTESTAR JUNTO DAS REPRESENTAÇÕES DIPLOMÁTICAS E CONSULARES INDONÉSIAS ⁹³

SIDNEY, 12 NOV.^o 88 LUSA) Os diversos grupos de timorenses radicados na Austrália decidiram assinalar a passagem do décimo terceiro aniversário da invasão

93 LUSA DESPACHO 55/88, 12 NOVEMBRO 1988

indonésia com protestos nacionais junto das representações diplomáticas e consulares.

Reunidos neste fim-de-semana em Sidney, os timorenses decidiram assinalar a passagem da data da invasão, manifestando-se junto às delegações oficiais indonésias como forma de protesto e repúdio à invasão e ocupação Indonésia.

Apelando a que todos os timorenses se envolvam nesta campanha, os organizadores, João Soares e C. Silva, pretendem mobilizar os timorenses para denunciarem as continuadas violações dos direitos humanos, e para apoiarem os esforços de Portugal para a resolução do conflito.

A iniciativa dos timorenses é apoiada por diversos grupos de solidariedade australianos, e visa, segundo os organizadores, pressionar a comunidade e opinião pública internacionais a pressionar a Indonésia para aceitar uma proposta de solução justa para o conflito de Timor-Leste. Esta manifestação é totalmente apoiada pela Convergência Nacionalista de Timor, que integra as cúpulas políticas da UDT e da Fretilin radicadas na Austrália.

99. 13 – 14 NOVEMBRO 1988 NORTHERN TERRITORY NEWS

100. 14 NOVEMBRO 1988 THE AUSTRALIAN

101. SECRETÁRIO DE ESTADO DA SAÚDE CONVIDADO A VISITAR A AUSTRÁLIA ⁹⁴

SIDNEY, 14 NOV.º 88 LUSA) Os timorenses estão a preparar um convite formal ao Dr. Joaquim Faria e Almeida, actual secretário de estado da saúde português para visitar a Austrália. A notícia foi divulgada ontem à Lusa por João Carrascalão, da Convergência Nacionalista de Timor-Leste.

Faria de Almeida cumpriu o serviço militar de 1973 a 1975 em Díli, Timor-Leste. Segundo Carrascalão, a razão porque se torna importante a sua vinda:

"É para analisar os problemas dos timorenses que aqui estão, muitas vezes impedidos de se juntarem aos familiares que se encontram em Portugal. De facto muitos timorenses são recusados pelas autoridades australianas devido a problemas de saúde. Se existisse um acordo de cooperação talvez que esse problema fosse ultrapassado".

"A razão porque iremos fazer este convite, é porque o Dr. Faria de Almeida esteve em Timor, conhece bem o nosso povo e os nossos problemas. Até agora o governo português tem-se alheado dos problemas dos timorenses na Austrália, mas chegou a altura de lembrarmos que é preciso resolver esses problemas, e que necessitamos de dialogar com as autoridades, e o Dr. Faria de Almeida é a pessoa indicada", concluiu Carrascalão.

A iniciativa do convite tem o apoio da Convergência Nacionalista de Timor, movimento que agrupa as forças da UDT e Fretilin.

102. 15 NOV.º 1988: COMUNICADO DA CONVERGÊNCIA NACIONALISTA

103. TIMORENSES QUEREM OUVIR A “EMISSORA NACIONAL”⁹⁵

SIDNEY, 15 NOV.º 88 EUROPEU) Notícias provenientes do interior de Timor-Leste e hoje chegadas ao correspondente do "Europeu" dão conta de que os timorenses no interior da antiga colónia, estão sedentos de ouvir a Emissora Nacional.

Desconhecendo que a E.N. se chama agora "RDP" os timorenses pedem para que sejam reatadas as comunicações de Portugal para Timor, na antiga onda curta dos 13 metros, utilizada até 1976.

Segundo as mesmas notícias, os timorenses aguardam com expectativa os resultados conjuntos que a Fretilin e UDT, agora sob a égide comum da Convergência Nacionalista possam vir a alcançar.

104. A INDONÉSIA TENTA CONTRABALANÇAR A ACTIVIDADE DO NOVO EMBAIXADOR PORTUGUÊS EM CAMBERRA⁹⁶

95 EUROPEU DESPACHO 03/88 15 NOVEMBRO 88

96 EUROPEU DESPACHO 03/88 15 NOVEMBRO 88

SIDNEY, 15 NOV.º 88 EUROPEU) Ainda, segundo as mesmas fontes, a Indonésia estaria a tentar colocar um funcionário na embaixada em Camberra – sob funções semelhantes às de um adido de imprensa – para contrabalançar a recente tomada de posição activa, do embaixador português Dr. José Luís Gomes.

105. A TV AUSTRALIANA FOCA O DESLEIXO DE PORTUGAL EM TIMOR E CONGRATULA O "PROGRESSO" INDONÉSIO ⁹⁷

SIDNEY, 15 NOV.º 88 EUROPEU) [Por seu turno]... Causou consternação na comunidade timorense em geral, o tom altamente pró-indonésio de um mini documentário de reportagem de 5 minutos, no principal programa da direcção de informação da cadeia nacional de televisão "ABC".

Aquele segmento transmitido ontem à noite focava cenas do quotidiano da vida em Díli, entrevistando, alegados prisioneiros políticos gabando a administração indonésia, focando cenas de jovens estudantes entoando hinos pró-indonésios.

Imagens tiradas do monte Dare que se impõe sobre a baía de Díli, e outras imagens de aldeamentos perto de Taibesse e do antigo hospital militar, mostravam que a vida no "mato" (a 5 km de Díli) era ainda primitiva em cabanas de colmo, as "palapas" típicas, e que embora o rendimento médio per capita tivesse melhorado de 48 para 198 dólares por cabeça (de seis para 26 contos) com

os indonésios, era ainda inferior ao rendimento médio da maior parte das ilhas da República Indonésia.

Tratava-se da primeira peça transmitida pela TV, da visita efectuada na semana passada por 12 jornalistas australianos, pelo ministro chefe do Território Norte e por um grupo de 12 pessoas de Timor, radicadas em Darwin, que pela primeira vez regressavam a Timor desde 1975.

As famílias Nunes e Mascarenhas, bastante circunspectas nas suas declarações à TV, apenas diziam que "Timor estava mudado, e que Díli parecia ter progredido, havendo mais prédios e estradas," esclarecendo que "era ainda cedo para se aperceberem de outras mudanças."

Há já dois anos que os indonésios tentavam organizar a ida a Timor-Leste de refugiados radicados na Austrália, mas agora apenas as famílias Nunes e Mascarenhas Inglês acederam àquilo que muitos consideram uma traição

Entretanto as câmaras mostravam um mercado amplamente recheado de víveres, um trânsito buliçoso, e citavam estatísticas que apontavam para o aumento da escolaridade de 8 para 48 por cento.

O tom geral do documentário apontava para a incúria e desleixo dos portugueses durante 450 anos e empolava o "*progresso*" desenvolvido pelos indonésios ao longo de 13 anos.

No documentário via-se um pelotão indonésio marchando em pleno centro de Díli, o que motivou do jornalista

australiano o comentário de essa *"ser uma imagem já hoje rara em Díli."*

Mário Viegas Carrascalão, governador provincial citava naquele documentário que "as forças de guerrilha estavam limitadas a três zonas onde a sua actividade se limitava a incursões esporádicas em busca de alimentos, e que por enquanto essas seriam as únicas zonas que não seriam abertas ao estrangeiro."

106. OS LÍDERES DA CONVERGÊNCIA NACIONALISTA ACUSAM A AUSTRÁLIA DE SER SERVIL E FAZER O JOGO DA PROPAGANDA INDONÉSIA ⁹⁸

SIDNEY 15 NOV.^o 88 EUROPEU) Contactado João Carrascalão, irmão do governador de Timor-Leste, este apressou-se a comentar que o documentário se limitava a fazer o jogo da propaganda Indonésia e a repetir o tom de anteriores alegações de progresso indonésio.

Carrascalão irá pedir à cadeia nacional "ABC" para ver na totalidade o filme obtido em Timor-Leste e que em contacto com os seus colegas da Convergência Nacionalista iria tomar as medidas necessárias.

Em Perth onde se encontra há dias, o Dr. Roque Rodrigues (Fretilin) da Convergência Nacionalista estava entretanto a ser entrevistado pela cadeia nacional de TV "ABC", a propósito da passagem do documentário.

Rodrigues declarou que "a Austrália se mantinha profundamente servil à Indonésia, e que se a tão

propalada abertura de Timor ao mundo exterior era idêntica à verificada para esta visita do ministro plenipotenciário do Território Norte, não se entendia porque apenas abraçava Díli.

Roque Rodrigues perguntou também "porque é que o presidente Suharto na sua visita há duas semanas se limitara a estar Díli e não se deslocara às restantes áreas alegadamente livres de guerrilheiros, que apenas atacam para obter mantimentos?"

O MNE indonésio, Ali Alatas, deverá deslocar-se à Austrália dentro das próximas semanas., por outro lado, os meios de comunicação social australianos continuam a sua campanha de desinformação pró-indonésia, numa altura em que se sabe que vão ser reatados os laços de cooperação militar entre a Indonésia e a Austrália. Isto foi anunciado há dias pelo próprio chefe do estado-maior das forças armadas Indonésias, Try Sutrisno, numa recepção dada ao seu homólogo australiano general Peter Gration.

Um comunicado da Convergência Nacionalista de Timor, divulgado ontem em Darwin, no Território Norte australiano, convida a Indonésia a abrir totalmente o território a entidades estrangeiras, negando qualquer importância ao exercício de propaganda que o ministro plenipotenciário ali efectuou na passada semana.

De acordo com aquele comunicado, os timorenses radicados na Austrália "apelam para a realização de um acto de auto determinação, com a retirada das forças armadas Indonésias".

Citando a actual posição política de Portugal, Nações Unidas e Parlamento Europeu, o comunicado termina pedindo “*a saída das tropas Indonésias e a possibilidade de os timorenses escolherem o seu futuro.*”

Um dos jornalistas recentemente incluídos na comitiva que do Território Norte se deslocou a Timor-Leste, declarou ao "Europeu" que a falta de liberdade de movimentos e as ameaças veladas de represália, o haviam impedido de visitar membros do clero ou de se deslocar à Ponta Leste (Viqueque).

A entrevista com Roque Rodrigues teve a duração de 2 minutos e meio e apenas foi transmitida pelo canal regional da “ABC” no estado da Austrália Ocidental. Aquele segmento transmitido ontem à noite focava cenas do quotidiano da vida em Díli, entrevistando alegados prisioneiros políticos gabando a administração indonésia, focando cenas de jovens estudantes entoando hinos pró-indonésios.

Tratava-se da 1ª peça transmitida pela TV, da visita efectuada na semana passada por 12 jornalistas australianos, pelo ministro chefe do Território Norte e por um grupo de 12 pessoas de Timor, radicadas em Darwin, que pela primeira vez regressavam a Timor desde 1975.

107. INDONÉSIOS REVELAM MANOBRAS MILITARES SECRETAS COM AUSTRALIANOS ⁹⁹

SIDNEY, 15 NOV.º 88 EUROPEU) Foi hoje revelado em Jacarta pelo influente chefe do estado-maior general das

forças armadas Indonésias, general Try Sutrisno, que a força aérea e a marinha Indonésia têm conduzido exercícios conjuntos com os seus homólogos australianos.

Esta revelação que apanhou de surpresa não só observadores da cena política indonésia, como peritos militares, foi feita durante o primeiro dia de visita oficial que o chefe do estado-maior general das FA's australianas, general Peter Gration, está a efectuar à Indonésia.

Os exercícios que terão tido lugar desde 1986, foram efectuados em segredo, pois que em Julho desse ano, o jornalista do conceituado diário "The Sidney Morning Herald", David Jenkins, havia escrito um artigo de fundo comparando Suharto e as suas manobras ao deposto presidente Marcos das Filipinas.

A posição oficial indonésia foi a de proibir todas as visitas de jornalistas australianos, e de embarcar em várias outras manobras de retaliação.

Há um mês atrás, a Indonésia decidiu autorizar a ida de 17 jornalistas fazer a cobertura da visita oficial do novo MNE australiano, senador Gareth Evans a Jacarta, e na semana passada autorizou 12 jornalistas do Território Norte australiano a acompanharem a visita que o ministro chefe fez a Timor-Leste.

Durante uma entrevista hoje concedida à cadeia governamental "ABC", Try Sutrisno revelou também que a Austrália iria resumir o programa de intercâmbio e treino militar com a Indonésia. O seu homólogo australiano mostrou-se feliz por ter podido legitimar as manobras

navais e aéreas efectuadas e de poder anunciar que a Austrália iria subsidiar vários programas militares indonésios.

Estas declarações vêm na sequência da controversa visita do ministro dos estrangeiros senador Gareth Evans e do ministro plenipotenciário do Território Norte, Marshall Perron, as quais têm motivado profundos protestos e acusações das comunidades timorenses aqui radicadas.

Porta-vozes da Convergência Nacionalista de Timor, tais como João Carrascalão (UDT, Sidney), Dr. Roque Rodrigues (Fretilin) em visita à Austrália Ocidental (Perth), e Alfredo Borges Ferreira (Fretilin, Darwin) declaravam esta manhã em exclusivo ao "Europeu" que *"é urgente que Portugal actue de forma decisiva para contrabalançar o servilismo australiano face à Indonésia!"*

Para aqueles líderes timorenses, Portugal deveria já ter retomado as suas transmissões via rádio para Timor-Leste, em onda curta, para além das diligências políticas dentro do âmbito da CEE, ONU e parlamento Europeu.

O Dr. Roque Rodrigues esclarecia que "o exemplo da orquestração Indonésia nesta visita do ministro chefe do Território Norte será sem dúvida um elemento a ter em conta, se efectivar a visita de parlamentares portugueses, incluídos numa missão da ONU."

"A total falta de movimentos da recente delegação australiana, para além de um reduzido raio de 40 km à volta de Díli, demonstra contrariamente ao que o governador de Timor, Mário Viegas Carrascalão diz,

que a pseudo abertura de Timor ao exterior não passa de uma manobra de propaganda."

Por seu turno, João Carrascalão acrescentava:

"É imperioso que os deputados portugueses tenham acesso livre e ilimitado – sem ameaças – a todos os pontos de Timor, e que se não deixem enganar por manifestações de jovens estudantes cantando hinos à Indonésia, ou por visitas a hospitais e comparações fáceis com as estradas, ruas e número de edifícios construídos em 13 anos".

"Se Timor está livre das guerrilhas e estas não representam mais do que 300 homens, famintos, que só saem à noite para roubar mantimentos, e apenas operam numa restrita área em três regiões a sudoeste de Díli, como se explica que a Indonésia esteja em vésperas de enviar um batalhão a acrescentar aos 10 mil homens que ali tem, para tentarem – uma vez mais – aniquilar tais grupos de "bandidos famintos?" perguntava ontem Alfredo Borges Ferreira numa entrevista a uma rádio comercial em Darwin.

Esse batalhão é comandado pelo filho de Suharto, segundo Borges Ferreira, o que indica *"o alto nível que a próxima operação militar reveste"*.

"Se Timor está tão mudado para melhor e os portugueses nada fizeram em 450 anos, como é que os indonésios tiveram que investir mais em Timor durante 13 anos do que na maior parte das outras ilhas todas à excepção de Java, Sumatra e Bornéu – Kalimantan?" interroga-se Ferreira.

CHRYS CHRYSTELLO COMENTA:

De facto, poderemos concluir, como observadores da cena timorense desde que saímos de lá em 1975, que a actual campanha de desinformação da Indonésia está a merecer a melhor cobertura possível por parte da comunicação social australiana.

Será necessário garantir termos de referência sólidos para a eventual visita da delegação parlamentar portuguesa, a fim de evitar que ela se torne numa repetição de "*visitas guiadas*" tais como esta recente visita do governo do Território Norte australiano.

Nela deverão ser incluídos antropólogos e pessoas com conhecimentos profundos, para evitar cenas como as que ontem presenciamos no pequeno ecrã, de vermos "indonésios" de feições inequivocamente não timorenses a serem entrevistados como se de timorenses se tratasse.

Se tal como parece, não for possível incluir timorenses na delegação portuguesa, é imperioso incluir pessoas com um conhecimento profundo de Timor e das suas gentes, que possam relatar a visita, sem se influenciarem pelo tradicional e consumado teatro de marionetas indonésio. Esta é sem sombra de dúvida a grande preocupação da vasta maioria dos refugiados de Timor que se radicaram na Austrália, e dos seus representantes políticos.

108. 16 NOVEMBRO 1988 CORREIO PORTUGUÊS,
PORTUGUÊS NA AUSTRÁLIA, PORTUGUÊS [SYDNEY]

109. 17 NOVEMBRO 1988 THE ADVERTISER,
ADELAIDE, AUSTRÁLIA MERIDIONAL

110. 18 DEZEMBRO 1988 THE GUARDIAN

111. PERITOS MILITARES NORTE-AMERICANOS EM
TIMOR ¹⁰⁰

SIDNEY, 18 NOV.º 88 EUROPEU) Segundo notícias que hoje nos chegaram de Darwin, de fontes fidedignas estão neste momento em Timor-Leste peritos norte-americanos, encarregues de coordenar manobras militares com aviões e helicópteros de fabrico americano. A presença de norte-americanos em Díli não ocorria desde 1975, quando a ex-colónia portuguesa estava prestes a enfrentar a invasão indonésia.

De acordo com as mesmas fontes, a sua presença seria justificada pela chegada de um novo batalhão de forças especiais, que irá estar envolvido numa vasta manobra de "*limpeza*" de Timor, na tentativa de capturar o comandante das forças de guerrilha, Kay Rala Xanana Gusmão ainda segundo as mesmas fontes.

Por outro lado, os meios de comunicação social australianos continuam a sua campanha de desinformação pró-indonésia, numa altura em que se sabe que vão ser reatados os laços de cooperação militar entre a Indonésia e a Austrália. Isto foi anunciado há dias pelo próprio chefe do estado-maior das forças armadas Indonésias, Try Sutrisno, numa recepção dada ao seu homólogo australiano general Peter Gratton.

Um comunicado da Convergência Nacionalista de Timor, divulgado ontem em Darwin, no Território Norte australiano, convida a Indonésia a abrir totalmente o território a entidades estrangeiras, negando qualquer importância ao exercício de propaganda que o ministro plenipotenciário ali efectuou na passada semana.

De acordo com aquele comunicado, os timorenses radicados na Austrália apelam para a realização de um acto de autodeterminação, com a retirada das forças armadas indonésias. Citando a actual posição política de Portugal, Nações Unidas e Parlamento Europeu, o comunicado termina pedindo *“a saída das tropas indonésias e a possibilidade de os timorenses escolherem o seu futuro.”*

Um dos jornalistas recentemente incluídos na comitiva que do Território Norte se deslocou a Timor-Leste, declarou ao "Europeu" que *“a falta de liberdade de movimentos e as ameaças veladas de represália, o haviam impedido de visitar membros do clero ou de se deslocar à Ponta Leste (Viqueque).”*

112. REFUGIADO DE TIMOR ACUSA INDONÉSIA ¹⁰¹

SIDNEY, 18 NOV.º 88 EUROPEU) João Maria dos Reis, 36 anos, natural de Timor-Leste e até há dias um dos chefes dos serviços de informação e propaganda da Indonésia em Timor-Leste, está em liberdade em Macau. A sua mulher – Fátima Belo dos Reis de 30 anos – e os seus cinco filhos, encontram-se a salvo em Darwin, no

101 EUROPEU DESPACHO 06/88 18 NOVEMBRO 88®

Território Norte australiano com os seus pais, aguardando autorização australiana para fixarem residência neste país.

Como assistente de Mariano Lopes na informação e propaganda da Indonésia em Díli, João Reis acompanhou a visita há semanas do presidente Suharto, tendo-se deslocado a Jacarta donde posteriormente viria a conseguir escapar-se juntamente com outra pessoa cuja identidade não pode ainda ser revelada.

Em Macau, onde se encontra desde há quase duas semanas, Reis declarou que tem tido “o apoio das autoridades portuguesas e que em breve espera poder partir para Portugal, onde irá relatar e confirmar o que se passa em Timor-Leste.”

Reis declarou ao “Europeu” que: “a recente visita de Suharto e do ministro chefe do Território Norte australiano se inseriam numa campanha de desinformação e propaganda do governo de Jacarta perante a opinião pública mundial”

Reis mostrou-se preocupado com as autoridades australianas, a quem foi já solicitada autorização de permanência no país, declarando que *“de momento, não pretende publicitar a sua causa junto do governo de Camberra, temendo que não venha a ser aceite o seu pedido de reunião familiar com os seus pais que há 12 anos se radicaram em Darwin.”*

Reticente em falar com os meios de comunicação social portugueses – e esta é a segunda entrevista exclusiva que Reis concede ao jornalista português radicado na

Austrália, José Chrys Chrystello, correspondente do “Europeu” – aquele funcionário do governo indonésio declarou que:

"Tem conhecimento próprio da recente morte de mais de 200 crianças vítimas de medicação falsificada, e que as mulheres mauberes continuam a ser vítimas de esterilização involuntária através do método "Depo Provera".

Reis mostrou-se ainda preocupado com o futuro de seu irmão casado com dois filhos residente em Díli e de sua irmã casada residente em Bali, temendo que possam ser exercidas represálias sobre eles. João Reis declarou que *“até agora não tem encontrado problemas com a administração portuguesa relativamente às facilidades postas ao seu regresso a Portugal, mas que está ansioso por poder perante o povo português desmascarar aquilo que se passa em Timor-Leste.”*

Reis é o segundo mais alto funcionário de Timor a conseguir escapar à Indonésia no corrente ano, depois que Inácio de Moura saiu em fins de Janeiro passado.

113. ASIAWATCH PUBLICA RELATÓRIO SOBRE VIOLAÇÕES EM TIMOR – PARTE PRIMEIRA – ¹⁰²

113.1. AS CONTINUADAS VIOLAÇÕES EM TIMOR-LESTE E NA INDONÉSIA

SIDNEY, 20 NOV.º 88 EUROPEU) Aquela organização, baseada em Washington, salienta que o governo norte-

102 EUROPEU, DESPACHO 10/88, 20 NOVEMBRO 88

americano não tem promovido a sua política externa na Indonésia no tocante aos direitos humanos.

Para além da recente manifestação de cerca de duas centenas de senadores e congressistas norte-americanos, o problema de Timor-Leste não tem sido devidamente submetido ao escrutínio dos políticos norte-americanos. A seguir se citam as principais conclusões do relatório que focam:

Torturas, morte de prisioneiros em detenção, e uso excessivo de força na efectivação de prisões; a violência física sobre detidos tem sido responsável por inúmeras mortes, incluindo casos de *"atirar para ferir"* os quais provocam a morte de suspeitos. Liberdade de expressão e de associação; restrições quase totais impedem o desenvolvimento de instituições independentes para uma genuína democracia.

Os meios de comunicação social estão submetidos a rígidos controlos e à permanente ameaça de serem oficialmente encerrados. Personalidades da oposição pacífica ao regime que critiquem as políticas governamentais são sujeitos a julgamento sob a acusação de serem subversivos, ou a penas extra judiciais tais como a impossibilidade de obterem empréstimos e a automática perda de empregos.

113.2. SISTEMA JURÍDICO

Os tribunais não são independentes e o sistema jurídico-judicial tem sido utilizado para silenciar as vozes discordantes. Para o governo qualquer voz discordante é tida como "subversiva", o que leva os tribunais a agirem

rapidamente a actuar em julgamentos apressados dos "subversivos."

Perseguição aos activistas muçulmanos; embora observadores independentes declarem não haver perigo imediato de uma revolta fundamentalista, a política governamental continua a duvidar das intenções políticas do movimento islâmico.

Na última década centenas de julgamentos de muçulmanos basearam-se apenas na oposição pacífica de opiniões políticas divergentes do governo de Jacarta. Noutros casos a acusação centrou-se na intenção da criação de um estado fundamentalista islâmico.

113.3. RESTRIÇÕES DOS DIREITOS DOS EX-PRISIONEIROS POLÍTICOS

Centenas de milhar de pessoas suspeitas de terem pertencido ao extinto PKI (Partai Komunis Indonesia, o partido comunista indonésio, pró-chinês) continuam a viver sob enorme restrição aos seus direitos humanos básicos. Isto, não obstante, tais suspeitas datam de meados da década de sessenta, quando o PKI era uma organização política legal. Algumas das restrições respeitam a emprego, liberdade de movimentos e de expressão, de residência e de actividade política. Estas restrições são em inúmeros casos extensivas aos descendentes mesmo que ainda não tivessem nascido à data da sua alegada participação no PKI.

113.4. O SISTEMA ELEITORAL INDONÉSIO

O sistema indonésio está de tal forma organizado que as eleições servem apenas para legitimar o governo. Os candidatos não podem criticar o governo, que entretanto utiliza o poder coercivo da sua estrutura militar para legitimar o partido governamental "Golkar".

113.5. TIMOR-LESTE TREZE ANOS DEPOIS DA SANGRENTA INVASÃO

Alguns dos maiores excessos da ocupação indonésia foram visivelmente mais reduzidos, mas o povo de Timor continua a sofrer as violações diárias dos seus direitos fundamentais. O direito à liberdade de expressão, de associação e de movimentos mantêm-se submetidos às mais severas restrições. As populações constantemente se referem ao clima de medo instituído pelo totalitário aparelho de estado e de segurança. Não obstante haver severas limitações no acesso ao território e à obtenção de informação sobre o mesmo, a evidência existente continua a apontar para as prisões arbitrárias, e maltratamento de detidos.

Com a exceção de uma dúzia de casos que o governo indonésio esclareceu perante as Nações Unidas, o governo ainda não explicou o que se passou com os "*desaparecidos*" desde 1975. Naquela dúzia de casos explicados pela Indonésia, todos os desaparecidos estavam ainda "*vivos*". Não houve ainda nenhuma explicação para as centenas de milhar de desaparecidos, suspeitos de terem sido mortos, enquanto detidos pelas tropas indonésias. Embora tenha recentemente havido notícias relativas ao levantamento das restrições de visita ao território, delegados das organizações de direitos humanos não foram ainda autorizados a visitar Timor.

113.6. POLÍTICA NORTE AMERICANA

Embora o embaixador Paul Wolfowitz seja considerado um eficiente emissário, nem a embaixada norte-americana nem o departamento de estado consideram a defesa dos direitos humanos, como um ponto alto da sua agenda de trabalhos. O silêncio e inacção norte-americana em relação às violações dos direitos humanos na Indonésia contrastam violentamente com o interesse de estabelecimento democrático na região.

114. 21 NOVEMBRO 1988 O COMÉRCIO DO PORTO

115. ASIAWATCH PUBLICA RELATÓRIO SOBRE VIOLAÇÕES EM TIMOR – PARTE SEGUNDA – ¹⁰³

SIDNEY, 21 NOV.º 88 EUROPEU) O relatório do "ASIAWATCH"¹⁰⁴ dedica 32 das suas 348 páginas a Timor-Leste comparando aquele território ao Camboja de Pol Pot e ao Uganda de Idi Amin. Segundo aquele relatório: *"O grau de violência utilizado pela Indonésia durante a invasão de Dezembro de 1975, e os continuados episódios de tortura, execuções sumárias, desaparecimentos têm desde então caracterizado os esforços da Indonésia para eliminar a resistência do povo de Timor à sua ocupação."*

Treze anos depois da invasão alguns dos excessos da ocupação Indonésia foram reduzidos, mas a população continua a sofrer diariamente as violações dos seus

103 EUROPEU, DESPACHO 10/88, 20 NOVEMBRO 88

104 EMBARGADO ATÉ ÀS 00.00 HORAS DE DIA 21 NOVEMBRO "ASIAWATCH"

PARTE SEGUNDA

direitos fundamentais. Os direitos de expressão, de associação e de movimentos continuam sujeitos às mais severas restrições. Habitantes de Timor continuamente referem o clima de medo em que vivem, aliado a um aparelho de segurança do estado onnipotente.

Nos últimos anos, aparentemente tem havido menos casos documentados de desaparecimentos, torturas execuções extra judiciais, mas a continuada impossibilidade de acesso a Timor-Leste por equipas independentes de investigação tem limitado os esforços de obtenção de informações e de confirmação de alegadas violações de direitos humanos. Por seu turno, a Indonésia continua a não prestar contas do desaparecimento de milhares de timorenses, o que em si mesmo é uma afronta à lei.

No ano passado mais de cem prisioneiros políticos foram libertados pelas autoridades Indonésias, depois de submetidos a processos judiciais sem semelhança alguma com um julgamento justo. Todos os prisioneiros e suas famílias descrevem como habituais cenas de violência e de abuso físico, durante os primeiros tempos de detenção. Características de detenção arbitrária são evidentes em prisões feitas em Timor-Leste, fora da capital, Díli. As visitas do Comité Internacional da Cruz Vermelha, e recentes visitas de diplomatas e jornalistas estrangeiros são a excepção à regra de falta de acesso a Timor-Leste.

O relatório dá depois uma explicação sumária das circunstâncias que precederam a actual situação em Timor-Leste citando que de Abril a Setembro 1981: *"Durante a "Operasi Keamanan" milhares de timorenses de idades compreendidas entre os 15 e os 55 (de acordo*

com fontes militares Indonésias) foram utilizados como barreiras humanas durante ataques a posições militarmente dominadas pelas forças da Fretilin, tal como foi confirmado pela Amnistia Internacional. Simpatizantes da Fretilin e outros que escaparam para o mato a fim de escapar à invasão Indonésia morreram de fome, tal como aqueles que foram aprisionados ou detidos em campos de concentração. Em Novembro 1979 o ministro dos estrangeiros indonésio admitia que a situação alimentar em Timor-Leste era "pior que no Biafra ou no Camboja."

Os timorenses morriam maciçamente de fome naquela época. Outra operação militar "Operasi sapu bersih (operação limpeza total)" teve lugar entre Agosto e Setembro 1983, depois de um abortado cessar-fogo entre a Fretilin e os indonésios. As forças da Fretilin aliadas a alguns membros da milícia civil "hansip" que haviam desertado atacaram as tropas Indonésias na povoação de Kraras perto de Viqueque. A retaliação indonésia não se fez esperar causando a morte de pelo menos mil habitantes, na sua maioria homens de idades compreendidas entre os 15 e os 50 anos de idade. Um massacre semelhante teve lugar em Luca. Estas mortes acrescentam-se a um total de cem a duzentas mil mortes causadas pela invasão Indonésia, ou seja um terço da população territorial antes da invasão... A atitude indonésia durante a primeira década de ocupação parece ter mudado de uma política de intimidação total para uma política de aliciamento, baseada no desenvolvimento económico. Esta estratégia de Jacarta tem um objectivo duplo, o de ganhar a confiança da população de Timor-Leste que ainda resiste à ocupação e o de reduzir a oposição de outras nações face à posição Indonésia em relação ao território.

“A mais recente manifestação desta mudança política tem sido a libertação de prisioneiros políticos nos últimos anos. Desde Agosto 1987 mais de 150 prisioneiros foram libertados das prisões de Díli. Em Fevereiro de 1988, segundo a agência noticiosa oficial "Antara" a libertação de mais 52 prisioneiros baixou o total destes para 11, em Díli. Na maior parte dos casos estes prisioneiros cumpriram já as suas sentenças, mas parece ser legítimo admitir que a libertação antecipada de alguns se deve a uma tentativa da Indonésia melhorar a sua imagem internacional, que lhe custou já a presidência do grupo dos "não alinhados.”

De qualquer forma para a "ASIAWATCH" a arbitrariedade de detenções e libertação de prisioneiros demonstra apenas a falta de obediência aos padrões internacionais de justiça.

116. ASIAWATCH PUBLICA RELATÓRIO SOBRE VIOLAÇÕES EM TIMOR – PARTE TERCEIRA – ¹⁰⁵

SIDNEY, 20 NOV.º 88 EUROPEU EMBARGADO ATÉ ÀS 00.00 HORAS DE DIA 21 NOVEMBRO 106) O relatório do "ASIAWATCH" dedica 32 das suas 348 páginas a Timor-Leste comparando aquele território ao Camboja de Pol Pot e ao Uganda de Idi Amin. Segundo aquele relatório: *"Os prisioneiros foram detidos nos distritos e sub distritos militares, antes de serem transferidos para a prisão da Comarca em Díli, onde foram mantidos incomunicáveis e*

105 EUROPEU, DESPACHO 10/88, 20 NOVEMBRO 88

106 EMBARGADO ATÉ ÀS 00.00 HORAS DE DIA 21 NOVEMBRO *PARTE TERCEIRA*

torturados. Muitos deles "desapareceram." Em 27 Abril 1985, 50 deles foram libertados sem terem sido acusados ou julgados. Entre 1983 e 1987, pelo menos 350 foram julgados e condenados no tribunal distrital de Díli, com base em confissões, obtidas durante as interrogações policiais, no antigo clube Benfica em Díli."

Baseando-se em depoimentos de prisioneiros e seus familiares, o "ASIAWATCH" apurou que: "Duas formas de tratamento dos prisioneiros eram vulgares. Nenhum prisioneiro estava autorizado a ser visitado por familiares até ao seu julgamento/libertação. Os interrogadores militares afirmavam aos detidos que não tinham o direito de ver as suas famílias a menos que confessassem."

Cristiano Costa foi preso em Baucau em 28 Agosto 1983 e transferido cinco dias depois para a prisão da Comarca em Díli, sendo libertado em Abril 1987 sem ter sido formalmente acusado ou julgado. Outro dos métodos utilizados consiste em ter dois outros detidos da mesma naturalidade (cidade, vila, povoação) os quais atestam a "confissão" que servirá de base para o julgamento. Este método inicialmente denunciado pelo "Far Eastern Economic Review" em 1985 foi posteriormente confirmado pela "Amnistia Internacional." De acordo com esta última organização, Carlos e Jacinto Freitas, ambos de Uailili testemunharam contra Sebastião Sarmiento. Foram todos condenados em Fevereiro 1985. José Belo, José Freitas e José Ximenes de Gari-uai testemunharam contra Rafael Xavier, tendo todos eles sido condenados. Tratava-se de camponeses sem educação, incapazes de entenderem as consequências dos seus actos durante o interrogatório e julgamento. Estes julgamentos violam as leis de direito

internacionais pois não permitem acesso e tempo de preparação ao advogado de defesa.

Recentemente uma centena de detidos declarou-se culpada pois segundo o parecer dos seus advogados de defesa, originários do Cupão (Kupang) – capital de Timor Ocidental, a declaração de culpa poupava tempo e implicava sentenças menores. O juiz do tribunal distrital, L. P. Sirigar declarou na altura ao jornal "Sinar Harapan" que se todos os julgamentos fossem como este, o exercício da profissão seria fácil e rápido, pois nenhum julgamento demorava sequer uma semana. Nenhum destes acusados tentou alguma vez apelar contra a decisão do tribunal, o que aquele juiz atribui à "*honestidade*" dos timorenses. Alguns familiares dos acusados porém adiantam uma explicação diferente: "*Se alguém tentar apelar ou declarar-se inocente merecerá uma pena muito maior, ou será confrontado entre a escolha de uma caneta para confessar-se culpado ou de uma arma apontada à sua cabeça se quiser declarar-se inocente.*"

A natureza arbitrária das detenções e julgamentos entre 1983 e 1985, porém não se manteve desde aquela data, só existindo a versão oficial indonésia e declarações não confirmadas de timorenses sobre o actual status quo. Nota-se no entanto que a prisão do Ataúro, que chegou a albergar mais de quatro mil prisioneiros em 1982, foi encerrada pelas autoridades. Em Março 1985 a Cruz Vermelha foi autorizada a visitar prisioneiros nos centros de detenção da Comarca e de Bécora [Díli], e as prisões de Cipinang e Tangerang em Jacarta.

Continua porém a saber-se da existência de centros de detenção de timorenses onde os prisioneiros são mantidos sem julgamento nem acusações formais de culpa, tal facto foi recentemente revelado por dois timorenses em Lisboa, que trabalhavam para o Comité Internacional da Cruz Vermelha. O esquema de repressão funciona a nível de aldeamento local, através da "Babinsa" que detém timorenses e eventualmente os remete aos distritos judiciais "Kodim" ou sub distritos "Koramil."

Cristiano Costa atesta que em 17 Agosto 1987 depois de ataques de forças da Fretilin, forças do batalhão de comandos de boinas vermelhas detiveram dezenas de suspeitos das aldeias de Laisoro-Lai ou LAISORULAI e Seical no Hotel Flamboyant onde foram torturados. O relatório do "ASIAWATCH" conclui dizendo ser certo que os timorenses continuam a ser detidos sem julgamento ou acusação por vários meses em instalações militares e para militares.

117. LÍDER CHINÊS PEDE APOIO AUSTRALIANO ¹⁰⁷

SIDNEY, 20 NOV.º 88 EUROPEU) O primeiro-ministro chinês, Li Peng, que há uma semana se encontra em visita oficial à Austrália pediu ao seu homólogo australiano para tentar mediar com Jacarta para o restabelecimento de relações diplomáticas. A notícia que não foi divulgada pelos órgãos de comunicação social, veio hoje a lume numa conferência de imprensa do primeiro-ministro australiano, Bob Hawke.

Hawke, confirmou que Li Peng lhe havia pedido para servir de intermediário junto do governo indonésio, para restabelecer relações diplomáticas com a Indonésia, as quais foram interrompidas em 1965.

A Indonésia ainda hoje considera que a RPC esteve por trás do abortado golpe de estado de Sukarno em 65, o qual teve então o apoio do PKI (Partido Comunista Indonésio), hoje ilegal. Embora nos últimos três anos as relações comerciais entre os dois países tenham incrementado, Suharto mostra-se reticente em negociar com os chineses. A população indonésia tem uma percentagem de 10 por cento de chineses, a maioria dos quais ocupam lugares de destaque na economia do país.

Para a República Popular da China (RPC) o restabelecimento de relações com a Indonésia favorecerá o desenvolvimento económico nesta área geopolítica, dado abranger as duas nações mais populosas da área. Afastando-se do envolvimento da RPC no PKI, Li Peng declarou pretender o estabelecimento de relações construtivas entre as duas potências, para o que a Austrália poderia servir de ponte.

Bob Hawke, declarou que embora não esteja em posição de influenciar o governo de Jacarta, as boas relações entre os dois países poderiam permitir uma aproximação entre a RPC e a Indonésia.

118. 22 NOVEMBRO 1988 CORREIO PORTUGUÊS

119. FUTURO DAS BASES NORTE-AMERICANAS NA AUSTRÁLIA ¹⁰⁸

SIDNEY, 24 NOV.º 88 LUSA) A notícia quase passou despercebida nos meios de comunicação social australianos: as secretíssimas bases norte-americanas de "Pine Gap" (perto de Alice Springs no centro australiano), Nurrungah na Austrália do Sul e no cabo noroeste da Austrália Ocidental, foram objecto de um novo acordo entre os EUA e a Austrália.

Segundo a limitada informação que foi tornada pública pelo ministro da defesa, Kim Beazley, o novo contrato é válido por um período de dez anos, com um prazo mínimo de três anos de pré-aviso. Igualmente ficou acordado que as bases veriam um incremento entre 20 a 40 por cento de pessoal australiano, nos próximos anos.

As bases, são directamente administradas de Washington pela "CIA", desde a sua instalação em 1969, e a primeira fotografia oficial de "Pine Gap" só foi revelada em 1986. A sua acção, que tem sido vagamente descrita como sendo a de estações de rastreio de satélites e de operações espaciais ligadas à "NASA", é bem distinta segundo alguns analistas e membros do movimento anti nuclear.

Segundo o Dr. Desmond Ball, do centro de defesa e estudos estratégicos em Camberra, as bases teriam capacidade de descodificar sinais enviados por satélites norte-americanos, cobrindo áreas tão distintas como a Sibéria, China (RPC), Oceanos Índico e Pacífico.

As imagens obtidas poderiam ser instantaneamente retransmitidas e abarcariam uma cobertura total de sinais de radar, e de outros meios de comunicação electrónica, constituindo um dos primeiros alvos na eventualidade de uma confrontação nuclear.

Numa altura em que os norte-americanos são forçados a transferir parte das suas bases em Espanha, tendo grandes dificuldades em manter as suas bases na Grécia, e sobretudo dada a instabilidade futura das suas bases nas Filipinas, o novo acordo com a Austrália assume uma importância excepcional.

Dada a crescente penetração e influência da marinha soviética no Pacífico Sul, a crescente acção da marinha da União Indiana no Índico, e a falta de opções imediatas para localização de bases norte-americanas, a Austrália consolida assim a sua ligação aos interesses de defesa norte-americanos.

Os países do fórum do Pacífico Sul continuam a aguardar que os EUA, França e Grã-bretanha subscrevam o tratado de não proliferação nuclear no Pacífico Sul, tal como a União Soviética e a RPC já fizeram.

Por seu turno, a Nova Zelândia, desde que o seu actual primeiro-ministro trabalhista – David Lange – subiu ao poder há cerca de cinco anos, vetou a entrada de navios equipados nuclearmente, e abandonou o pacto tripartido de defesa "ANZUS" com a Austrália e EUA.

Esta decisão australiana de estabelecer um contrato de dez anos para as bases norte-americanas, foi explicada pelo ministro da defesa Kim Beazley, dentro dos

interesses mundiais de redução do perigo nuclear. Até agora os EUA podiam notificar a Austrália com um pré-aviso de um ano, relativamente às bases. A extensão desse prazo para três anos, e a promessa de admissão de centenas de australianos para trabalharem nas bases são motivo de especulação.

Sabendo-se que a base de Nurrungah pode detectar o lançamento de qualquer míssil balístico chinês ou soviético, que a base de escuta naval do cabo noroeste abarca todo o Oceano Índico, e que a base de "Pine Gap" recentemente foi objecto de ampliação de seis para oito cúpulas albergando antenas de escuta e detecção, presumidamente relacionadas com a expansão do programa de exploração espacial da "NASA", não é difícil entender a preocupação do movimento anti nuclear em relação às mesmas.

O segredo envolvendo as bases, a quase total ausência de documentos de arquivo ou consulta, o silêncio quase total que o governo australiano impõe sobre o assunto, ao ponto de não se saber exactamente quantas pessoas, norte-americanas ou australianas, trabalham nas mesmas, e a falta de coragem da comunicação social permitem inúmeras especulações.

O espectro actual sobre as bases é o de que se houvesse um início de guerra nuclear, detectado por aquelas bases, dada a ausência de australianos, a nível da cadeia de comando era provável que o governo australiano nem sequer fosse notificado.

A sensibilidade política, em relação a este e outros assuntos de defesa nacional, atinge neste momento o

paroxismo paranóico, semelhante ao do governo de Margaret Thatcher, relativamente ao livro de Peter Wright "Spycatcher", recentemente publicado por aquele ex-membro superior dos serviços secretos do "MI-5."

Esta semana por exemplo, o governo de Camberra solicitou ao supremo tribunal de justiça que o conceituado jornalista, Brian Toohey, fosse permanentemente proibido de publicar qualquer notícia relativa aos serviços secretos e de inteligência australiana no Sudeste Asiático. Isto, apenas porque "suspeita" que aquele jornalista estivesse a preparar um artigo relativo ao assunto...

Num país em que a comunicação social é menos livre do que nalguns regimes totalitários, dado estar quase totalmente monopolizada, e havendo uma subserviência cada vez maior aos interesses imperialistas norte-americanos, poderá explicar a falta de cobertura da renovação do contrato das bases por dez anos.

Nenhum outro país no mundo ocidental detém uma comunicação social, controlada por três grandes grupos, dos quais o grupo Murdoch detém mais de 65 por cento do total dos mass média.

Entretanto o coronel Peter Dunn, comandante da primeira divisão de artilharia, declarava ontem ao diário "Daily Telegraph" que se um exército estrangeiro invadissem a Austrália teria de ser vencido durante as primeiras seis semanas, antes de as tropas australianas entrarem em colapso por exaustão e falta de reservas humanas e militares.

120. JORNALISTAS AUSTRALIANOS NARRAM VISITA A TIMOR-LESTE ¹⁰⁹

SIDNEY, 26 NOV.º 88 LUSA) Lentamente a extensão do exercício de propaganda da indonésia recentemente levado a cabo com a visita de uma delegação do governo territorial norte australiano, começa a ser conhecida.

Este o relatório publicado no diário "Northern Territory News" de Darwin pelo jornalista Paul Jackson:

"O grupo de guerrilhas da Fretilin parece estar extinto em Timor-Leste. Assim o afirmou o governador Mário Viegas Carrascalão numa conferência de imprensa. Assim o pude comprovar nos meus três dias de estadia, que abarcaram uma área de 50 km ao redor da capital, Díli."

"Embora haja 14 mil soldados indonésios em Timor, eles não dominam o território, mas sim eu" – declarou Carrascalão, negando algum incidente grave com as guerrilhas da Fretilin nos últimos anos.

Declarando que viaja frequentemente para as áreas supostamente controladas pela Fretilin, Carrascalão, acrescentou *"nunca tivemos nenhum problema, e frequentemente dormimos em aldeias nessas zonas"*.

Paul Jackson narra a seguir a viagem até à propriedade de "Caitekclus" onde se encontrou com o governador, sua mulher Ana, seus filhos (Mário 7 anos, e Maria 9 anos), e o irmão do governador Manuel Carrascalão.

“Foi uma viagem que mais parecia um desafio à morte por uma estreita estrada de montanha escarpada até chegarmos à plantação, localizada a cerca de 40 km sudoeste de Díli.

A propriedade foi arrasada pela Fretilin em 1976 embora Manuel não estivesse lá, e mais de 80 dos seus trabalhadores foram mortos. Hoje, Manuel, que é um deputado ao parlamento indonésio tem mais de 150 timorenses trabalhando na plantação de café que produz mais de 4 toneladas de café por ano.

Nas redondezas vivem pelo menos dez mil pessoas, as quais se dedicam ao cultivo do chá e café. Essas pessoas perderam grande parte dos seus familiares durante a guerra civil em 1975, e embora hoje ganhem apenas quatro dólares ao dia (escudos 500) pelas longas horas de trabalho, parecem felizes, saudáveis e sorridentes. Não se vislumbrava nas suas faces qualquer sinal de medo.

Os indonésios parecem terem mudado Timor-Leste. Em 1975 havia apenas 20 km de estradas alcatroadas, hoje existem mais de 700 km e é possível viajar em qualquer estação do ano os 900 km entre Díli e Cupão (capital de Timor ocidental). Em 1975 havia apenas 70 escolas, quatro centros do ciclo preparatório e um liceu. Hoje existem 560 escolas primárias, 80 de ciclo, e 20 liceus, tendo uma universidade sido inaugurada no ano passado.

92 por cento da população era analfabeta, havendo apenas doze diplomados universitários na história de 450 anos de domínio colonial português. Hoje apenas 48 por cento são analfabetos, havendo 124 diplomados

universitários. Em 1975 produziam-se 16 mil toneladas de milho, a base da dieta da população, no ano passado a produção foi de 57 mil toneladas. Então havia apenas 15 médicos, incluindo os médicos militares, hoje existem 100."

Esta a imagem de Timor dada pelo jornalista australiano e a qual se assemelha aos panfletos indonésios que há vários anos nos exultam as vantagens de Timor-Leste sob domínio do governo de Jacarta.

121. JORNALISTAS VISITARAM TIMOR-LESTE ¹¹⁰

SIDNEY, 26 NOV.º 88 EUROPEU) Duas semanas depois de voltarem de Timor-Leste, os jornalistas australianos que ali se deslocaram continuam a descrever em vários órgãos de comunicação as suas impressões. Paul Jackson do "Northern Territory News" de Darwin escrevia há dias que:

"Os próximos cinco anos serão os mais importantes da vida dos timorenses. A província fechada ao exterior durante os últimos treze anos deverá ser aberta ao mundo ocidental em Janeiro próximo e ainda há muito para fazer até lá. Com os olhos do mundo postos na idílica ilha, o passado horripilante de terror e mortandade ficou para trás."

Assim o confirmou o governador Mário Carrascalão, que desde 1982, data em que tomou posse, muito tem feito para melhorar a sorte dos seus compatriotas. *"Isto é especialmente visível em Díli, a capital, onde não há*

110 EUROPEU, 26/11/88 DESPACHO 17/88.

bichas, nem pobres, nem agitação civil. Mini autocarros de fabrico japonês, táxis e motorizadas, circulam a toda a hora pela cidade, indicando o seu grau de vitalidade."

[Curiosamente uma das imagens que acompanha este artigo, mostrando Díli às nove da manhã ilustra a Rua Comercial central focada no antigo "San Tai Ho", com três jipes militares e um automóvel e umas escassas vinte pessoas...]

"O trânsito é rápido, as pessoas nas ruas estão bem e modernamente vestidas e aparentam boa saúde. Não se vê prostituição nesta província predominantemente católica, e nos mercados não faltam os alimentos básicos, arroz, milho e vegetais. Aliás a província está prestes a exportar milho" segundo afirma Carrascalão, acrescentando: "estamos a construir mais estradas, pontes e escolas. Díli cresceu da pequena capital colonial de 14 mil almas para uma cidade vibrante de 104 mil pessoas."

Entretanto o ministro do interior indonésio confirmou há dias a abertura de Timor ao exterior, esperando-se a assinatura de um decreto presidencial ainda antes do Natal. Nessa altura os timorenses passarão a ter os mesmos direitos que os outros indonésios, e inúmeros timorenses residentes em Darwin poderão visitar a ilha, ao abrigo do *"esquema de visita familiar."*

O governador Carrascalão afirmou que "este esquema era uma ideia positiva para a melhoria das relações entre a Indonésia e a Austrália, contando estabelecer planos turísticos para a idílica província."

Estas declarações feitas pelo governador à missão oficial do ministro plenipotenciário do Território Norte, Marshall Perron a Díli, foram seguidas do convite formal para Carrascalão visitar o Território Norte australiano. O convite, que já havia sido feito pelo seu antecessor, não pode então ser aceite em virtude da então deterioração das relações bilaterais. O jornalista Paul Jackson continua descrevendo pormenores da sua visita:

"Não nasci para herói. Gosto de me sentir são e salvo. Quando na quinta-feira dia dez de Novembro nos preparávamos para a visita oficial ao distrito de Maubara, 50 km a oeste de Díli, admito que me senti bem colado ao assento do jipe que nos transportava. Afinal não havia motivo para preocupações. Era o Dia Nacional dos Heróis de Timor.

"As forças de segurança estavam lá, nem sempre visíveis, mas de facto em toda a parte. Uns numa árvore, outros num poste, ou cabana ou sob a vegetação rasteira. A cada momento uma sombra se deslocava furtivamente, mantendo vigilância sobre nós. Aliás o mesmo se passava no nosso hotel - o novo Hotel Resende - onde os homens dos "walkie-talkies" apareciam vindos do nada e da mesma forma desapareciam a todo o momento, quando menos se esperava.

Obviamente tinham recebido instruções do governador Carrascalão para tomar conta de nós. Tentei aproximar-me deles, mas desapareciam sempre antes de os poder contactar.

Pensei que devia haver um exército escondido nas árvores, entre as paredes, dentro dos carros, mas de facto não podíamos estar mais seguros. O quartel-general da polícia nacional era mesmo em frente ao

hotel. Nunca soubemos se eram da polícia, militares ou da segurança de estado. Fossem quem fossem, cumpriram bem a sua missão, pois ninguém nos raptou à noite para nos levar para as montanhas onde a Fretilin se esconde.

Rapidamente me habituei à sua presença, mas houve uma face, e bastante dura que jamais apagarei da minha memória. Estávamos no mercado de Maubara, quando surgiu vindo não se sabe donde, com largos óculos de sol, fita de ténis na testa, casaco de camuflado e o boné típico indonésio.

Parecia um general indonésio, observou-me bem e manteve-me sob vigilância durante a visita ao mercado. Durante a viagem de regresso a Díli, manteve-se sempre a curta distância e em Díli desapareceu tal como havia surgido. Inspirava medo."

As contradições descritivas do jornalista australiano são curiosas, mas levantam uma série de questões:

Se Timor-Leste está pacificado e as guerrilhas da Fretilin, são umas escassas três centenas, como Carrascalão garante, qual o motivo de todo o aparato militar e protecção a esta visita? Se elas se confinam a três regiões junto de Baucau, Viqueque e Lospalos, a cerca de 400 km leste donde a visita teve lugar, qual a necessidade de tal aparato? Se a vida é tão normal em Díli, como Paul Jackson nos descreve, porquê toda a segurança e os pequenos homens equipados de "walkie-talkies" a surgirem do nada e a esfumarem-se quando ele se aproximava?

Nenhum dos jornalistas da comitiva de doze que acompanhou o ministro plenipotenciário falava Tétum

ou Português, e apenas um sabia umas escassas palavras em indonésio, insuficientes para manter conversação, pelo que todos os contactos foram efectuados com intérpretes oficiais indonésios.

O ministro Marshall Perron disse à sua chegada que “a comunidade timorense de Darwin estava embaraçada pela sua visita a Timor, pois que se havia provado que a Fretilin não detinha o apoio popular”.

Alfredo Ferreira da Fretilin, em Darwin, considerou que “a visita serviu apenas para alimentar a máquina de propaganda indonésia, a qual se aproveitou da ingenuidade dos jornalistas e os conduziu numa visita guiada.”

122. JORNALISTA AUSTRALIANO NARRA VISITA ¹¹¹

SIDNEY, 27 NOV.º 88 EUROPEU) Durante uma entrevista telefónica de cerca de uma hora, o jornalista australiano da AAP (Australian Associated Press), Warwick Stanley narrou para o “Europeu” as suas impressões da visita feita há duas semanas a Díli:

“A resistência da Fretilin – que a Indonésia afirma estar a desintegrar-se – parece estar a ser vitimada por meios não militares ou políticos. A atenção indonésia dedica-se, sobretudo em Díli, à construção e ao aumento dos serviços.

“O governador, Mário Viegas Carrascalão, continua a mostrar inúmeras estatísticas que demonstram as melhoras nos campos da educação, saúde, produção

de géneros e crescimento da construção civil, anunciando – orgulhosamente – que já ninguém morre à fome em Timor-Leste.

"Embora seja fácil comparar estatísticas para comprovar um aumento do rendimento anual, com a pobreza verificada durante o regime colonial português, não é fácil decifrar factos relativos à guerra de guerrilha."

123. NUNCA MORRERAM 200 OU 300 MIL TIMORENSES 112

SIDNEY, 27 NOV.º 88 EUROPEU) Carrascalão negou veementemente que tivessem perecido entre 200 a 300 mil timorenses durante e depois da invasão Indonésia.

"Havia" – disse Carrascalão – "649 mil timorenses hoje, comparados com os 600 mil existentes no tempo dos portugueses, se descontarmos os 10 mil que foram para a Austrália, os 5 mil para Portugal, e um número indeterminado que fugiu para Timor ocidental será fácil calcular o real decréscimo da nossa população."

Carrascalão diria ainda desconhecer o número real de guerrilhas, e que hoje não passavam de um grupo de bandidos da floresta atacando para obter mantimentos e sobreviver: *"Este ano verificou-se apenas um ataque a tropas Indonésias e um; ataque a um aldeamento."*

De acordo com Warwick Stanley, estas declarações foram confirmadas pelo comandante em chefe das tropas indonésias em Timor-Leste, coronel Marouf, que

acrescentou: "eles não deverão ter mais de umas três centenas de homens".

"Durante toda a visita de quatro dias (incompletos) apesar da falta de à vontade das autoridades locais em falarem livremente com os jornalistas australianos, sobre abusos e violações de direitos humanos ao longo dos últimos treze anos, foi-nos assegurado por diversas vezes que podíamos ir aonde quiséssemos."

"Um pedido para visitar Balibó, onde cinco jornalistas australianos morreram imediatamente antes da invasão, deparou com a desculpa de que todos os helicópteros estavam ocupados com uma visita de serviço de uma delegação oficial de membros do Departamento de Estado norte-americano."

"Embora as pessoas de Díli aparentemente estar felizes com a vida que levam, não se pode ignorar o enorme contingente de forças para militares de milícia que constantemente se vêem nas ruas. A julgar por aquilo que comigo se passou, não duvido que eles (timorenses) terão de ter muito cuidado com quem falam e o que dizem."

"Quando perdi o autocarro que nos iria levar de visita à cadeia, decidi ir atrás dele e apanhei um táxi à porta do hotel ("Novo Hotel Resende", junto ao quartel general da polícia). Antes do táxi arrancar, dois polícias à paisana, que se encontravam no passeio junto à entrada do hotel, dirigiram algumas palavras ao motorista e sentaram-se no banco de trás."

"Os meus pedidos para ir à cadeia foram ignorados e em contrapartida, levaram-me ao palácio residencial do governador, a alguns quilómetros de distância."

"Ali chegados, o chefe da segurança indonésia no Palácio, deu-me autorização para ir à cadeia tal como

com a minha primeira chamada telefónica para fora de Díli, esta viagem de táxi, também teve de ser autorizada pela mais alta autoridade da segurança governamental. Ou deverei considerá-la como uma forma amigável de me protegerem (contra quê?). Pode parecer uma questão trivial, mas as perguntas sem resposta e as dúvidas, mantêm-se."

Outros jornalistas com quem o "Europeu" falou e que estiveram em Díli, contam cenas semelhantes. Um deles ao tentar ir a Viqueque na Ponta Leste, e onde alegadamente as forças da Fretilin ainda se mantêm activas, deparou com uma curiosa explicação por um membro da segurança indonésia:

"Você vai, e se for atingido por uma bala? Quem vai saber se não foi a Fretilin quem atirou, e depois logo começa uma nova campanha contra nós por termos deixado morrer um jornalista australiano."

Outro tentando avistar-se com dois membros do clero, cujos nomes lhe tinham sido antecipadamente fornecidos por membros das forças de resistência timorense na Austrália, deparou com guarda armada à porta de uma instituição religiosa. Perguntando se poderia entrar e falar com alguém, foi-lhe dito que os padres haviam pedido protecção militar para não serem incomodados pelos jornalistas.

Embora houvesse uma ampla liberdade de movimentos em Díli para os jornalistas australianos, todas as deslocações feitas para fora da capital, eram em cortejos militares, amplamente guardados e protegidos militarmente. Será conveniente não esquecer que a

distância máxima das deslocações jamais excedeu os cinquenta quilómetros. De qualquer forma no seu regresso à Austrália, a maioria dos doze jornalistas não se coibiu de falar no progresso e desenvolvimento de Timor (leia-se Díli) em relação à época colonial portuguesa.

124. PARLAMENTARES AUSTRALIANOS IMPEDIDOS DE VISITAR A INDONÉSIA ¹¹³

SIDNEY, 27 NOV.^o 88 (EUROPEU) Os deputados trabalhistas, Warren Snowdon e Bob Collins foram há três semanas impedidos de visitar a Indonésia, segundo declarou ontem ao "Europeu" o próprio Warren Snowdon.

Falando de Alice Springs, no Território Norte, Snowdon prestou as seguintes declarações:

"É inacreditável que a Indonésia nos tenha impedido de visitar a cidade de Ambon, acompanhando a delegação do município de Darwin, que ali se deslocava."

"Tratava-se de uma visita oficial, destinada a celebrar Ambon como cidade gémea de Darwin, e iríamos como representantes do governo australiano."

A embaixada indonésia apenas nos disse que fazíamos parte da lista existente em todas as embaixadas indonésias, de pessoas que não podiam ser autorizadas a visitar o país. Aparentemente isto deve-se ao facto de em várias ocasiões termos feito declarações de apoio ao povo de Timor-Leste, cuja pátria foi invadida e depois ocupada pelas tropas indonésias em 1975."

Depois de Bob Collins ter discutido o assunto com o primeiro-ministro (Bob Hawke), com o ministério dos estrangeiros e com a embaixada indonésia, foi-nos dito para tentar de novo obter um visto que seria autorizada a nossa deslocação.

Infelizmente era já demasiado tarde e o avião "charter" estava cheio pelo que não pudemos ir a Ambon. [Ambon é a capital do arquipélago das Molucas, localizada a 600 km norte de Díli]. Este incidente lamentável nada abona a favor da melhoria de relações com os nossos vizinhos (indonésios).

Apesar disto, não retiro nada do que alguma vez disse em relação à Indonésia e a Timor-Leste, e reitero o meu apoio a todos aqueles que combatem pela justiça e pelos mais elementares direitos humanos e políticos naquele país."

Este mês celebra-se o décimo terceiro ano da inicial invasão indonésia. Desde então pelo menos 200 mil pessoas, ou seja, um terço da população pereceu. As fronteiras de Timor continuam fechadas, a censura e restrições à informação mantêm-se. No meu círculo parlamentar vive uma enorme comunidade timorense que regularmente me envia queixas contra abusos e violações aos direitos do homem em Timor. Acredito que seria no interesse de todas as partes envolvidas (na questão de Timor), que a Indonésia reconheça que o interesse mundial por Timor só abrandará quando as agências internacionais de apoio humanitário tenham acesso ao território e haja liberdade de movimentos dentro do território e através das suas fronteiras.

"Isto tem de acontecer sem medo de retaliação ou intimidação sobre os timorenses."

125. TORTURAS EM TIMOR-LESTE E A CADA VEZ + REDUZIDA LIBERDADE DE IMPRENSA NA AUSTRÁLIA

114

SIDNEY, 30 NOV.º 88 EUROPEU) Alguns casos de tortura ocorridos em Timor-Leste, e noticiados por organismos internacionais tais como a Amnistia Internacional e Asiawatch, salientam que desde 1983 tem sido difícil verificar tais casos, devido à falta de visitas do Comité Internacional da Cruz Vermelha. O CICV em 1985 e 86 visitou as prisões da Comarca e Bécora, mas desconheceu-se se tentou visitar outros centros de detidos políticos.

Estas visitas são em inúmeros casos a única forma de comprovar as alegações dos refugiados e das organizações partidárias pró-independentistas de Timor.

Alguns dos casos mais flagrantes de torturas, que foram mencionados por diversos órgãos de informação, e por organismos internacionais são os de:

Cristiano Costa, detido em Baucau em 28 Agosto 1983, tendo declarado a fontes fidedignas que havia sido violentamente espancado por três militares indonésios, dos quais um capitão Haryanto, e um sargento Sukadi.

"Na segunda noite bateram-me e partiram-me os dois dentes da frente, pois quando tinha a minha cabeça no chão, pisaram-me com as botas. Na noite seguinte aplicaram-me choques eléctricos com um aparelho que parecia um daqueles telefones manuais antigos. Dois fios daquele aparelho estavam ligados a partes

do meu corpo, e senti choques eléctricos. Ao fim de cinco dias transferiram-me para a prisão da Comarca em Díli."

Albino Lourdes ainda está hoje na prisão de Cipinang em Jacarta, tendo sido detido duas vezes em 1983, durante as quais foi violentamente agredido. Albino era enfermeiro (do hospital militar de Díli), tendo sido detido da primeira vez em Janeiro 83 durante 15 dias, sob a acusação de ter contactado os guerrilheiros no mato.

Posteriormente foi libertado, e pode contar a alguém (depois entrevistado por organismos internacionais) que lhe haviam colocado uma mesa em cima do corpo com quatro soldados sentados na mesma. Foi então levado, nu e de mãos amarradas atrás das costas para o mar, onde o atiravam e retiravam das águas, sob a promessa de o tratarem pior se ele contasse a alguém o que lhe fizeram. Albino foi de novo detido em 12 Agosto 83, submetido a choques eléctricos e coronhadas de espingarda. Nessa mesma noite transferiram-no para Bali.

Em Novembro desse ano, a sua família soube que estava detido na prisão da Comarca em Díli, mas não conseguiram vê-lo até ao seu julgamento em Março 84, data em que foi sentenciado a 17 anos de prisão, por ter fornecido roupas e medicamentos às forças de guerrilha."

Dadas as restrições de acesso ao território, detalhes referentes aos casos de tortura apenas chegam ao mundo exterior meses depois de terem tido lugar.

126. É DIFÍCIL INFORMAR ¹¹⁵

SIDNEY, 30 NOV.º 88 EUROPEU) Embora o correspondente do “Europeu” disponha normalmente de várias fontes alternativas de informação, nem sempre as notícias podem ser transmitidas, sem serem verificadas pelo menos por uma segunda fonte. A manutenção de uma rede de contactos capaz de informar sobre um país isolado do mundo exterior, nem sempre é fácil. Há redes de escuta, violação de correspondência, limitações várias, para além dos serviços secretos australianos, sempre interessados em protegerem o bom-nome dos seus vizinhos indonésios.

Desde políticos a refugiados, membros do clero, exilados indonésios, jornalistas e turistas, muitos têm sido os canais utilizados ao longo dos últimos treze anos para obter informações sobre o recluso território de Timor-Leste. Os esquemas de filtragem de notícias verídicas das de mera propaganda são por vezes deficientes. O raríssimo acesso a Timor por organismos internacionais ou individualidades torna Timor no mais difícil país do mundo, em termos de cobertura jornalística.

Neste contexto, é preocupante uma recente decisão do supremo tribunal de justiça australiano. Um veterano jornalista especialista em assuntos indonésios, Peter Hastings, e um homem cujas necessidades pessoais muitas vezes o têm levado a pender extremamente a favor da Indonésia, foi recentemente intimado judicialmente a fornecer dados sobre a origem de uma notícia sua.

Outro jornalista (Brian Toohey) altamente controverso tinha um livro sobre os serviços secretos australianos e a sua acção na Ásia e Pacífico. O governo australiano apreendeu-lhe o livro, as disquetes computadorizadas e mais material, tendo-o proibido de prosseguir na elaboração do livro. Em ambos os casos trata-se de uma violação do direito universal à informação, e do direito à liberdade de expressão, em situações controversas como na ex-colónia de Timor-Leste.

Dada esta situação de protecção em relação à Indonésia, a solução foi a de salvar documentação vital fora do alcance da alçada judicial australiana, para que os leitores em Portugal possam continuar a saber o que se passa. Ao longo das últimas semanas o “Europeu” tem tido acesso a uma vasta de notícias sobre Timor-Leste, conseguidas muitas vezes em precárias circunstâncias. Colegas australianos da informação que recentemente visitaram Timor têm sido uma fonte inestimável.

Como as notícias não são publicadas na Austrália, tem-lhes sido possível fazer chegar a outras partes do mundo relatórios sobre a vida quotidiana em Timor que de outra forma seriam silenciados. Os meios de comunicação social australianos estão de uma forma geral monopolizados em três grandes grupos, cujos interesses económicos e financeiros na Indonésia não permitem grandes voos.

127. ASIAWATCH: RELATÓRIO SOBRE VIOLAÇÕES EM TIMOR ¹¹⁶

SIDNEY, 21 NOV.º 88 EMBARGADO ATÉ ÀS 00:00 HORAS, EUROPEU) Num relatório de 348 páginas hoje tornado público, a “ASIAWATCH” – organismo de defesa dos direitos humanos na Ásia cita um dos mais recentes casos comprovados de tortura em Timor-Leste.

Um deles respeita a Aleixo Guterres, detido em finais de 1986 sob a acusação de colaboração com a Fretilin. Tendo sido detido pela "Kotis" (o sector da inteligência do comando militar regional) foi severamente agredido e queimado com pontas de cigarros, e de acordo com a Amnistia Internacional foi condenado em 1987 a sete anos de prisão.

Outro caso é o de Vicente de Sousa, enfermeiro reformado, detido em 14 Fevereiro 1987 e acusado de ter destruído uma estátua de N.^a Sr.^a em Díli. Durante a sua detenção, Sousa foi submetido a espancamentos e submerso num tanque com água.

Celestino de Freitas, chefe de suco de Samalari, Baucau, foi preso em 12 Outubro 1986 pelos comandos especiais indonésios e acusado de estar ligado à Fretilin, depois de um miliciano ter sido morto alegadamente por forças das guerrilhas. Suspeita-se de denúncia neste caso. Durante a sua detenção, Freitas foi submetido a choques eléctricos, tendo acabado por implicar mais duas pessoas – Egídio Freitas e patrício da luz -, os quais mais tarde foram também detidos e torturados.

Outros casos de tortura dizem respeito a: Domingos Guterres de Liabala (Uatu-Haku), Domingos Guterres de Lua Ili (Waila), Tito Guterres de Uatu-Haku, Amaro Bosco

e Joaquim Sarmiento de Baucau, torturados pelo "Kodim" de Baucau. Ata Kauk, Domingos, Mau Nàak, Rubi Lekik, Sussu Kaik e Sussu Nana foram igualmente vítimas de torturas em Julho de 86 pela polícia secreta militar de Klalerek Mutin.

Também igualmente vítimas de tortura citam-se os nomes de Adriano Côrte-Real, Calisto Côrte-Real e Henrique Falcão, de Aileu.

Embora o número de vítimas se tenha reduzido substancialmente nestes últimos anos, tal política ainda não chegou às vilas e aldeias mais isoladas, tal como a Amnistia Internacional reporta no seu relatório de 12 Agosto 88 para o comité de descolonização da ONU. O número de pessoas desaparecidas desde 1975 continua a ser desconhecido, mas crê-se ser de vários milhares. O governo de Jacarta apenas forneceu dados sobre cerca de uma dúzia – os quais porém estavam todos vivos-, sobre os restantes acredita-se que tenham perecido nas cadeias ou submetidos a torturas.

Por exemplo, dentre os desaparecidos, cinco naturais de Baucau, António Fraga, António Espírito Santo, Benjamim Guterres, Isidoro Ximenes e Carlos Alves, foram vistos por Cristiano da Costa (antes da sua detenção), de mãos atadas atrás das costas sendo levados por um jipe militar, primeiramente para Díli donde depois foram transferidos para o Cupão (Timor Ocidental). Outros prisioneiros então no Cupão, declaram que eles saíram da prisão uma noite sob escolta e nunca mais foram vistos.

O mesmo destino parece ter sido o de Paulo Mesquita, Afonso Lourenço Pereira, Paulo Rodrigues, Feliciano Mau

Siri, Júlio Maia, Marcelino Pinto, Hélder Araújo, e João Carvalho.

Mais recentemente, Domingos de Castro [da Repartição dos Serviços de Economia e Planeamento de Aileu] desapareceu em Dezembro 87, depois de ter confessado às autoridades indonésias que favorecia negociações com a Fretilin, para o fim das hostilidades. Convidado pelos indonésios a escrever ao líder da Fretilin, Kay Rala Xanana Gusmão, a pedir que se rendesse, as autoridades consideraram a sua carta insatisfatória, nunca mais tendo sido visto.

128. 28 NOVEMBRO 1988, PUBLICADO EM O PORTUGUÊS, SIDNEY

129. AS TORTURAS EM TIMOR CONTINUAM ¹¹⁷

SIDNEY, 30 NOV.º 88 EUROPEU) Na sequência do relatório da conceituada organização internacional de direitos humanos “ASIAWATCH” dedicado a Timor e Indonésia, várias notícias têm sido confirmadas por membros das comunidades timorenses na Austrália, as quais relatam o sofrimento do povo de Timor-Leste sob o jugo indonésio.

As execuções sumárias dos timorenses por membros das FA’s Indonésias têm sido menos frequentes nos últimos anos, mas continuam a verificar-se, embora seja difícil comprová-las.

Membros da comunidade timorense em Darwin contactaram o correspondente do “Europeu” reiterando casos que foram inicialmente apresentados pela Amnistia Internacional ao comité de descolonização da ONU em Agosto de 1988:

23 Fevereiro 86, um preso em Ossú (Viqueque) de nome Armando foi esfaqueado por um oficial indonésio e por um miliciano "hansip";

Em 3 Março 86, Vatxu Tani foi assassinado por elementos do primeiro batalhão naval indonésio.

Tani – liurai (chefe tribal) de Maluro, Loré, Viqueque – havia-se oposto aos fuzileiros navais indonésios, que queriam destruir as plantações de mandioca (base alimentar dos timorenses), sob a alegação de que as plantações providenciavam abrigo aos guerrilheiros da Fretilin.

Júlio Sarmiento, foi capturado durante um ataque da Fretilin a Holarua (Same) na Costa Sul, tendo sido levado para o quartel das forças especiais em Ainaro, onde depois de ter sido torturado foi executado a tiro em 4 Setembro 86;

Domingos da Costa e Gaspar, ambos milicianos "hansip" foram abatidos a tiro em 24 Fevereiro de 88 pelo batalhão 721 indonésio na zona de Cumuoli, Venilale.

Embora todos estes casos tenham sido apresentados ao governo indonésio pela Amnistia Internacional, desde 1975 até hoje ninguém foi julgado em Timor-Leste, por

violação de direitos humanos, apesar de as autoridades terem admitido alguns "*enganos*."

Alguns dos familiares e amigos daqueles timorenses, encontram-se hoje na Austrália, onde – sem poderem revelar a sua identidade – podem confirmar que apesar da campanha de desinformação internacional promovida pela Indonésia, tais casos continuam a suceder-se.

Pedidos apresentados às autoridades australianas, e em especial ao MNE senador Gareth Evans e ao ministro chefe do Território Norte, Marshall Perron, que recentemente se deslocaram à Indonésia e a Timor, depararam com o silêncio total e a apatia dos políticos australianos.

130. RAMOS-HORTA OBTÉM RESIDÊNCIA NA AUSTRÁLIA ¹¹⁸

SIDNEY, 30 NOV.º 88 LUSA) Foi hoje anunciado que José Ramos-Horta havia sido autorizado pelo ministério dos negócios estrangeiros australiano, a fixar residência na Austrália.

A autorização que é válida até Março de 1989 foi concedida dentro do âmbito normal da política de imigração australiana. Horta não requereu nem o estatuto de refugiado, nem o de asilo político, nem o de reunião familiar.

A decisão, que surpreendeu alguns observadores da cena política australiana, foi divulgada oficialmente pela Rádio

Austrália (rádio nacional australiana em ondas curtas) esta noite.

Já há uns anos que Ramos-Horta vinha estudando a eventualidade de fixar residência aqui, onde se radicaram cerca de 15 mil timorenses, sendo hoje o país com maior concentração de timorenses fora de Timor.

Horta poderá terminar aqui o seu doutoramento em Ciências Políticas, com a transferência da sua actual bolsa de estudos e intervir activamente no debate sobre Timor-Leste.

131. RAMOS-HORTA AUTORIZADO A RESIDIR ¹¹⁹

SIDNEY, 01 DEZ.^o 88 EUROPEU) O MNE australiano autorizou hoje que José Ramos-Horta, embaixador da Fretilin nas Nações Unidas fixasse residência permanente na Austrália. Há já dois anos, Horta havia expressado a sua intenção de se fixar neste país, para poder continuar a luta pela autodeterminação de Timor-Leste.

Durante os últimos treze anos, após a invasão de Timor pela Indonésia, Horta tem vivido a maior parte do tempo em Portugal e nos Estados Unidos.

A concessão da autorização de fixar residência que é válida até Março 1989, foi concedida dentro das categorias normais de emigração.

Horta não pediu asilo político, nem pediu para ser considerado como refugiado de Timor-Leste, nem para se reunir à sua família aqui radicada.

Uma notícia divulgada hoje na Rádio Austrália (ondas curtas) e na cadeia nacional de rádio “ABC” salientava que a decisão de a Austrália aceitar a residência de Ramos-Horta poderia criar alguma tensão na Indonésia.

Não foi possível obter qualquer comentário quer do consulado geral, quer da embaixada Indonésia na Austrália relativa ao assunto.

Ainda há cerca de dois meses quando Ramos-Horta aqui esteve em reuniões da Convergência Nacionalista timorense com o corpo diplomático e consular português, havia expressado a sua intenção de aqui residir e terminar o seu doutoramento.

No passado Ramos-Horta foi por diversas vezes impedido de visitar a Austrália, dado que a concessão de um visto lhe havia sido recusado por motivos políticos.

A radicar-se na Austrália, Ramos-Horta decerto poderá contribuir de forma efectiva para manter aceso o debate sobre a situação em Timor-Leste, e catalizar a comunidade timorense.

Entretanto neste fim-de-semana, regressa a Sidney, depois de um mês de visita às comunidades timorenses por todos os estados australianos, o Dr. Roque Rodrigues, do comité central da Fretilin, e embaixador em Luanda.

Na próxima semana haverá reuniões da Convergência Nacionalista e encontros com os órgãos diplomáticos portugueses.

Espera-se – nalguns círculos – que a manifestação deste fim-de-semana em frente à embaixada indonésia em Camberra reúna várias centenas de timorenses manifestando-se contra o décimo terceiro aniversário da invasão Indonésia.

Face aos recentes acontecimentos sangrentos, provocados por uma manifestação de independentistas croatas em frente ao consulado geral jugoslavo em Sidney, e do qual resultou um ferido grave, as forças policiais estarão presentes em força para evitar quaisquer "excessos" dos manifestantes, não se espera no entanto que os indonésios disparem sobre os manifestantes, tal como os jugoslavos fizeram no domingo passado.

A MESMA NOTÍCIA TAL COMO SAIU NO C.P.:

132. 2 DEZEMBRO 1988 COMÉRCIO DO PORTO

133. A LIBERDADE DE MOVIMENTOS, DE EXPRESSÃO E DE ASSOCIAÇÃO EM TIMOR ¹²⁰

SIDNEY, 01 DEZ.º 88 EUROPEU) De acordo com todas as fontes de informação que irregularmente vão chegando ao correspondente do "Europeu", os residentes de Timor-Leste sofrem diariamente violações dos seus direitos fundamentais. Um observador da cena de Timor descrevia recentemente a situação como "*sendo inimaginável a*

liberdade de expressão, de associação ou de movimentos."

Os controles legais são estabelecidos a nível regional pela institucionalização do "*surat jalan (livre trânsito)*", o qual tem de ser simultaneamente aprovado pelas autoridades civis e militares. Mesmo depois de concedido o livre-trânsito, as pessoas têm de se apresentar às autoridades militares locais do ponto de destino.

Nas zonas controladas pela Fretilin estes controles são estabelecidos para qualquer movimento, por mais pequena que a distância seja. Os contactos entre a Indonésia e Timor-Leste estão severamente limitados.

As chamadas telefónicas estão sujeitas a escuta permanente. O mesmo se passa com as comunicações postais. Timor-Leste está isolado do resto do mundo e ninguém entra ou sai do território sem autorização especial.

Nenhum organismo de direitos humanos foi autorizado a visitar Timor-Leste e as visitas de jornalistas são ainda mais limitadas. Recentemente todas as visitas de jornalistas e diplomatas foram estritamente regulamentadas.

Inácio de Moura, o mais alto funcionário colonial escapou do território em Janeiro passado. Em entrevista concedida há tempos, ao correspondente do "Europeu", Inácio de Moura declarou que como tradutor e chefe da repartição de turismo acompanhou quase todas as delegações diplomáticas e de jornalistas estrangeiras, as quais "*eram*

programadas até ao pormenor mais ínfimo, sem nada ser deixado ao acaso".

De acordo com Moura, todos os visitantes eram acompanhados de agentes da segurança trajando à civil que se asseguravam que nenhuma zona proibida – mesmo em Díli – era visitada.

A "KOPSCAM" o braço do centro de inteligência das forças estratégicas (BADAN INTELIJEN STRATEJIS - "BAIS") mantém uma extensa rede de informadores locais, sobre os quais se baseia o provérbio *"quando mais de dois ou três timorenses se juntam, pelo menos um deles é um "bufo."* Isto provoca o medo e o silêncio entre os timorenses e mesmo entre os amigos.

Oficialmente não é proibido escutar transmissões estrangeiras de rádio ou mesmo falar português, mas a maior parte evita fazê-lo, para não ser considerado anti-indonésio. Todos os timorenses suspeitos de simpatia pró-Fretilin (como por exemplo ex-prisioneiros), e familiares de guerrilheiros são regularmente chamados a prestar declarações perante as autoridades militares e polícia secreta.

Um refugiado de Timor-Leste recentemente chegado à Austrália contava, que nas estradas jamais se ultrapassa um veículo militar indonésio, e que qualquer encontro com as autoridades é para ser tido numa posição subalterna. Daí os timorenses chamarem aos carros militares os *"carros de Maromác (carros de Deus)."*

Outros refugiados contaram um encontro entre Pedro Carrascalão, filho do governador Mário Viegas

Carrascalão, e o comandante militar de Díli Ocidental. O carro de Carrascalão começou a atravessar a ponte da ribeira de Cômoro, cuja largura apenas dá para uma viatura, quando o comandante militar de Díli Ocidental tentou fazer o mesmo. Como Pedro se recusasse a recuar, o comandante mandou dois soldados guarda-costas espancar o "*atrevido*." Só que os guarda-costas de Pedro fizeram o mesmo e o comandante teve de fazer marcha à ré.

Outros relatos que nos chegam dizem respeito à violação das mulheres de timorenses detidos pelos indonésios. No entanto nem um só refugiado de Timor com quem contactamos nos últimos seis anos na Austrália autorizou a sua identificação, com medo de retaliação sobre familiares e amigos ainda em Timor. Este facto foi recentemente comprovado pelo relatório da organização "ASIAWATCH" de Washington.

Quando em Junho deste ano, Mário Carrascalão pediu ao presidente Suharto "*a abertura de Timor ao mundo exterior*," secundado pelo ministro do interior Rudini, foi-lhe dito que depois não se queixasse do ministério de defesa e segurança de estado nem das forças armadas.

Mais recentemente, depois da visita de Suharto a Timor-Leste há um mês atrás, quando foi anunciada a possível abertura de Timor ao exterior em Dezembro/Janeiro, o chefe de estado-maior general das forças armadas, Try Sutrisno declarou "*não se opor a tal, dado que Timor nunca esteve fechado, sempre esteve aberto mas de uma forma controlada*"

Há três semanas quando a primeira delegação de jornalistas australianos (desde 1975) visitou Díli na comitiva do ministro chefe do Território Norte australiano, foi possível a todos os analistas da situação em Timor verificar o significado da abertura. Embora os jornalistas tivessem propagandeado a melhoria da situação em Timor-Leste (leia-se Díli), fácil foi constatar a falta de liberdade de movimentos, mesmo dentro da capital e a constante vigilância a que estavam sujeitos.

A concretizar-se em breve a visita de uma delegação parlamentar portuguesa dentro do âmbito das negociações da ONU, será de esperar a orquestração de uma visita bem guiada, aos hospitais, liceus, prisões, etc.

Não se deverá esperar que os timorenses acorram em força a declarar que estão oprimidos, que não podem falar português, ou que têm saudades da potência colonial. Pode até acontecer que a maior parte dos timorenses com que tal delegação se venha eventualmente a encontrar sejam indonésios...

Sem jamais duvidar da competência profissional dos parlamentares portugueses, saliente-se a vantagem da delegação incluir timorenses. Se isto for inaceitável pelos indonésios e para não impedir a visita, lembra-se a necessidade da delegação incluir antropólogos e pessoas que tenham estado em Timor ou que tenham um conhecimento detalhado da Indonésia e/ou Timor, para que o relatório final da visita seja imparcial e realista.

134. 1 DEZEMBRO 1988 LUSA

135. 5 DEZEMBRO 88 LUSA

136. 5 DEZEMBRO 1988 O PORTUGUÊS

137. TIMOR-LESTE: 13 ANOS DEPOIS ¹²¹

SIDNEY, 05 DEZ.^o 88 EUROPEU) 7 Dezembro 1941, os japoneses atacam Pearl Harbor, três dias depois atacam Díli em Timor-Leste, para aquilo que viria a ser mais uma sangrenta missão do império do sol nascente. Em Timor, os japoneses viram-se confrontados com uma inesperada resistência local a qual por falta de apoio militar de Portugal se uniria às forças aliadas australianas. Os aliados haviam de sobreviver este incidente histórico e Timor continuaria sob a bandeira portuguesa até 34 anos mais tarde.

7 de Dezembro 1975, depois de várias acções militares os indonésios, resolveram por termo a nove dias de independência da república democrática de Timor-Leste. Utilizando a mesma táctica dos japoneses trinta e quatro antes, os indonésios invadiram utilizando a bacia da ribeira Cômoro onde se localiza o aeroporto e o "quartier" muçulmano de Díli. Na baía de Díli as barcaças desembarcavam os fuzileiros indonésios.

Horas mais tarde o jornal da "CIA" noticiava que "tropas Indonésias haviam capturado Díli utilizando forças marítimas e aéreas equipadas com armamento americano numa escalada total contra a cidade".

Operadores de rádio em Darwin, no Território Norte australiano receberam a notícia incredulamente: "cada vez

mais pára-quedistas são lançados do ar. As pessoas são mortas indiscriminadamente...S.O.S. pedimos a vossa ajuda.”

O ataque começara às duas da manhã, menos de 24 horas depois da partida do Dr. Henry Kissinger e do presidente Gerald Ford terem deixado Jacarta...

Bombardeamentos a oeste e leste da cidade apontavam para um profundo conhecimento das baterias de defesa da Fretilin. Tratou-se da maior operação militar indonésia desde a independência em 1949, e visava excluir uma independência do regime colonial tal como a Indonésia havia conseguido umas décadas atrás. Pelo menos 2000 pessoas, das quais 700 de origem chinesa foram mortas nos primeiros dias da invasão.

Pelas 18.30 de dia oito os portugueses embarcaram do seu auto exílio na ilha do Ataúro, a bordo das fragatas João Roby e Afonso Cerqueira, ao fim de 40 anos de presença em Timor. O resto é história, e dela se ocuparão os vindouros.

138. TIMORENSES PROTESTAM CONTRA A OCUPAÇÃO INDONÉSIA ¹²²

SIDNEY 06 DEZEMBRO 88 – LUSA) – mais de três centenas de timorenses provenientes de todas as partes do continente manifestaram-se ontem em Camberra em frente à embaixada Indonésia.

122 LUSA DESPACHO 68/88, 06 DEZEMBRO 1988

Presentes também representações sindicais australianas, alguns senadores, membros do partido para a libertação nuclear do Pacífico (NFIP) e o Dr. Roque Rodrigues, embaixador da Fretilin em Luanda, actualmente em visita à Austrália.

Esta foi a maior manifestação contra a violenta ocupação de Timor-Leste pela Indonésia, em treze anos. Os meios de comunicação social ainda ocupados com a expulsão do consulado jugoslavo, casos de corrupção governamental na Queenslândia e a nova campanha pré eleitoral do partido liberal, não deram cobertura à manifestação.

Roque Rodrigues contactado telefonicamente ao fim da noite de ontem expressou ao correspondente da Lusa a sua satisfação pelo elevado número de manifestantes presentes num dia normal de trabalho.

Rodrigues disse ainda estar “satisfeito com as actividades culturais desenvolvidas pelos manifestantes, que apresentaram peças de dança e de teatro tradicionais de Timor-Leste.”

Entretanto foi anunciado em Darwin, no Território Norte, que o ministro plenipotenciário, Marshall Perron iria visitar de novo a Indonésia no início do próximo ano.

Perron deslocou-se a Timor-Leste em meados de Novembro, com a primeira grande delegação de jornalistas australianos a visitar o território desde 1975, bem como uma dúzia de timorenses radicados na Austrália. Não foi divulgado o motivo da visita, que se supõe estar relacionada com o incremento das relações

comerciais bilaterais entre a Indonésia e o Território Norte.

Esta semana decorrerão encontros entre Roque Rodrigues e João Carrascalão, relacionados com a convergência unitária de Timor-Leste.

139. 6 DEZEMBRO 1988 LUSA

140. 7 DEZEMBRO 1988 COMÉRCIO DO PORTO

141. 7 DEZEMBRO 1988 O PORTUGUÊS NA AUSTRÁLIA

142. TIMOR-LESTE: 13 ANOS DEPOIS EM DARWIN ¹²³

SIDNEY, 07 DEZ.^o 88 EUROPEU) Há exactamente treze anos o mundo acordou estupefacto perante aquilo que alguns haviam prenunciado, mas pouco acreditado: a Indonésia invadira Timor-Leste. Eram duas da manhã em Díli, meio-dia em Lisboa. Sabia-se da situação tensa na ex-colónia portuguesa que os portugueses haviam abandonado no seu autoproclamado exílio para a ilha do Ataúro.

Havia rumores que cinco jornalistas da TV australiana tinham sido mortos por forças avançadas indonésias, mas a contra informação Indonésia era mais potente do que as notícias dos jornalistas australianos.

Portugal sofria os rigores do gonçalvismo e do 11 de Novembro, tentando como jovem e núbil democracia adaptar-se aos rigores da recém-adquirida liberdade.

123 EUROPEU DESPACHO 30/88 07 DEZEMBRO 88

Tudo se passava demasiado célere, as colónias de África tornando-se independentes em condições que muitos não entendiam, havia o ressentimento dos colonialistas e dos outros. Timor estava - esteve sempre - demasiado longe e silencioso do grande palco da tragicomédia da revolução dos cravos.

Morria-se em Díli, numa repetição mais sangrenta do que durante a ocupação japonesa do território neutral de Timor na Segunda Grande Guerra. Os australianos preocupados com a sua maior crise constitucional desde a federação de 1901, estavam-se nas tintas para os não-brancos do território vizinho. Aliás eles tinham o apoio dos "comunistas" chineses e russos e eram um incómodo vizinho. Assim o disseram os primeiros-ministros Gough Whitlam (trabalhista deposto) e o neo-nomeado pelo representante da rainha Isabel II, o liberal Malcolm Fraser.

O mundo estava preocupado com a crise do petróleo. Ninguém prestou atenção à visita do então presidente Gerald Ford e seu secretário de estado Henry Kissinger a Jacarta apenas umas horas antes.

Mas os timorenses que haviam morrido aos milhares para preservarem a sombra da bandeira portuguesa, para preservarem os ideais ocidentais durante a Segunda Grande Guerra, desta vez estavam sozinhos.

Os veteranos australianos da guerra eram minoritários e a sua voz mal se fazia ouvir nos corredores do poder em Camberra. Os outros, como bons políticos estavam mais interessados em alicerçar a sua recente vitória sobre o governo democraticamente eleito, que havia sido deposto

por um representante da rainha da Austrália que ninguém elegera.

Em Díli morriam timorenses e australianos, houve S.O.S., mensagens desesperadas, que o mundo não quis escutar.

Alguns líderes da recém declarada República Democrática de Timor-Leste estavam então em diferentes partes do mundo congregando esforços para viabilizar um país que indonésios, australianos, norte-americanos e outros haviam já condenado à nascença. José Ramos-Horta, um dos mais hábeis políticos de Timor estava então em viagem de Darwin, no território australiano rumo a Lisboa, aonde chegou 3 horas depois da invasão, acompanhado de Mari Alkatiri e Rogério Lobato.

Hoje, treze anos mais tarde, Horta acaba de receber a notícia de que a Austrália havia finalmente aceite a sua candidatura a residente permanente, a qual terá de ser aceite até Março de 1989. Horta visitou há apenas dois meses Darwin, onde manteve contacto com os cerca de seis mil timorenses ali residentes.

Hoje em Darwin, os mais vocais porta-vozes timorenses são Ágio Pereira e Alfredo Borges Ferreira, membros da Fretilin, na actual frente comum, a chamada Convergência Unitária de Timor-Leste. De Darwin, nesta noite de trágicas lembranças, eles estão celebrando a memória de, entre 100 a 200 mil, timorenses vitimados pela invasão Indonésia ao longo dos últimos treze anos.

Numa manifestação passiva, de centenas de pessoas eles desfilaram perante a residência do cônsul indonésio, Dr. Joseph Halim, após uma missa por alma dos compatriotas

abatidos. A procissão de velas, silenciosa passou em frente à residência do cônsul indonésio, onde panfletos exigindo a saída dos indonésios de Timor-Leste, e o fim do genocídio maubere, foram distribuídos. A procissão seguiu-se a uma missa em memória dos familiares e compatriotas mortos.

Já na segunda-feira passada em Camberra, centenas de timorenses se haviam manifestado em frente à embaixada Indonésia exigindo a autodeterminação do povo maubere, e a retirada do exército de ocupação indonésio. Os meios de comunicação social australianos, de uma forma geral, ignoraram ambas as manifestações, embora nelas tivessem tomado parte senadores, deputados e australianos veteranos da segunda Grande Guerra.

143. AUSTRÁLIA AMEAÇADA POR ALATAS ¹²⁴

SIDNEY 08 DEZ.^o 88 EUROPEU) O MNE indonésio, Ali Alatas ameaçou hoje a Austrália de que não seria possível manter boas relações bilaterais, se alguns sectores dos mass media persistissem em fomentar a animosidade australiana contra o governo de Jacarta.

Alatas, falando numa entrevista para a cadeia de rádio nacional "ABC" disse "é inútil tentarmos manter uma cooperação amigável entre os dois países, quando sectores da informação australiana, se recusam a aceitar a realidade da vida política indonésia."

Alatas diria ainda que "aqueles sectores, irresponsáveis, aproveitam todas as oportunidades para utilizarem a sua

ignorância do regime indonésio, e tentarem aplicar critérios de valor ocidental à Indonésia"

"Se a Austrália quer de facto manter um regime de cooperação amigável com a Indonésia então talvez seja melhor trazer a Jacarta alguns dos redactores-chefes australianos, para in loco observarem como funciona o nosso regime"

"A tendência de os australianos adoptarem uma posição de superioridade face às diferenças dos nossos países é condenável e só quando eles virem como o nosso sistema funciona, poderão entender as diferenças."

"Já no passado, tentamos (eu e o meu antecessor) por diversas vezes clarificar estas diferenças, mas verifica-se a insistência dos jornalistas australianos em ignorarem com o seu desprezo e pseudo superioridade a realidade das nossas estruturas"

"Resta-me apenas oferecer esta hipótese de os convidar a virem estagiar entre nos para se aperceberem da realidade."

CHRYS CHRYSTELLO COMENTA PARA O EUROPEU.
125

SIDNEY 08 DEZ.^o 88 EUROPEU) Numa altura em que os jornalistas australianos estão mais comedidos do que nunca nos seus apontamentos críticos face à Indonésia, estas declarações indonésias são insultuosas.

Representam uma forma directa de interferência na independência jornalística, inconcebível quer pela ASSOCIAÇÃO DOS JORNALISTAS AUSTRALIANAS, quer pela própria FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DOS JORNALISTAS. Alguns colegas irão tentar obter por consenso uma condenação desta tentativa indonésia de ditar as leis do jogo da informação aos profissionais australianos.

Pessoalmente, poderei afirmar que a campanha desenvolvida por alguns jornalistas relativamente às recentes visitas de jornalistas a Timor e à Indonésia, estará na base deste ataque de Ali Alatas. Não obstante tais jornalistas defenderem a Indonésia, alguns puseram questões pertinentes relativas a Timor-Leste.

O MNE indonésio, uma vez mais incapaz de assimilar a noção de liberdade de imprensa num país democrático, usa a ameaça velada de deterioração das relações bilaterais, entre a Austrália e a Indonésia, para tentar censurar os jornalistas australianos.

O paternalismo do convite aos redactores australianos de irem à Indonésia aprender a realidade das relações entre o poder central e os meios de comunicação social, é patético.

144. 8 DEZEMBRO RDP

145. 8 DEZEMBRO 1988 COMÉRCIO DO PORTO

146. A CAÇA ÀS BRUXAS NA INDONÉSIA ¹²⁶

SIDNEY, 10 DEZ.º 1988 EUROPEU) Notícias ora chegadas de Jacarta dão-nos conta de uma vasta caça às bruxas comunistas. Os ministérios, departamentos governamentais e órgãos de comunicação social recomeçaram a investigar o passado dos seus funcionários.

Inúmeras pessoas perderam já os seus empregos por terem estado, de alguma forma, ligadas aos movimentos comunistas, há mais de 20 anos atrás.

Em 30 Setembro 1965, um golpe de estado falhado foi imputado ao PKI (Partido Comunista Indonésio) e na sua sequência foram eliminados milhares de chineses e indonésios. Embora não haja números exactos pensa-se que cerca de um milhão de pessoas terão perecido.

As relações com a R.P.C. (República Popular da China) foram suspensas em 1967, depois de a embaixada chinesa em Jacarta ter sido queimada. Isto num ano recheado de visitas de dignitários de Jacarta e Beijing (Pequim), incluindo o presidente Sukarno, o MNE Subandrio, o primeiro-ministro chinês, Chu en Lai, o MNE Chen Yie, e membros do PKI indonésio.

A perseguição política que então se gerou foi extrema e ter estado envolvido no golpe de 65 era o beijo da morte política. Isto tem um novo significado na Indonésia hoje, quando as forças armadas tentam assinalar o envolvimento do vice-presidente Sudharmono, desta forma negando as suas hipóteses de suceder a Suharto em 1993. Para além dele, líderes do partido governamental "Golkar" e membros da associação dos

jornalistas (incluindo o seu presidente) foram já substituídos, dadas as suas ligações ao golpe de 65.

Os militares jamais gostaram do actual vice-presidente Sudharmono, que foi nomeado em Março passado, não obstante ter-lhe sido retirada a presidência do partido.

Embora alguns analistas pensem que esta caça às bruxas comunistas se destina apenas a eliminar o vice-presidente, no passado tem sido vulgar que tais campanhas fiquem rapidamente descontroladas. Os ministérios e os milhares de jornalistas estão a ser interrogados sobre o local onde se encontravam em 1965 e como reagiram às notícias do golpe de estado.

Entretanto não obstante ter-se verificado nos últimos dois ou três anos, uma aproximação comercial entre a RPC e a república Indonésia, certo é que o dia do restabelecimento de relações diplomáticas está ainda muito longínquo. Até lá todos os que eram simpatizantes ou estavam de uma forma ou outra ligados aos chineses, ao PKI, e ao comunismo continuarão a ser perseguidos e a perder os seus empregos.

147. JORNALISTAS NA INDONÉSIA ¹²⁷

SIDNEY, 11 DEZ.^o 88 EUROPEU) Há apenas uns dias o MNE indonésio, Ali Alatas propunha a ida de jornalistas australianos para a Indonésia a fim de aprenderem a conviver melhor com os vizinhos. Ontem foi a vez do embaixador australiano em Jacarta, Bill Morrison fazer idêntica proposta.

Morrison cujo mandato terminou em três de Dezembro passado, está prestes a ser substituído por um diplomata de carreira, Phillip Flood. Numa entrevista ao Jakarta Post, Morrison disse que: *"mais membros de departamentos oficiais indonésios deveriam visitar a Austrália e enfrentar o escrutínio dos meios de comunicação locais, como forma de melhorar as relações constantemente tensas entre a Indonésia e a Austrália"*.

Entretanto, circulam rumores na comunidade timorense de Darwin de que a Indonésia estaria a pensar substituir Mário Carrascalão por Xico Lopes (Francisco Lopes) da Cruz em futuro próximo. Na origem de tais rumores estariam manobras internas Indonésias relativas à luta pelo controlo do monopólio do café. Já em Fevereiro passado tais rumores surgiram. A PT Bakri é uma das maiores empresas Indonésias a operar em Timor e pertence ao general Try Sutrisno, actual chefe do estado-maior general das forças armadas Indonésias. Dedicase à exploração do café e de transportes, sendo gerida em Timor-Leste por Sebastiana Lopes da Cruz (mulher de Xico Lopes). Esta empresa surgida em meados de 1987, entrou em directa concorrência para a exploração do monopólio estatal do café com a P.T. Denok, dominada pelo general Benny Murdani (ex-chefe supremo das FA's Indonésias).

Com a saída de Murdani da cena, a P.T. Bakri tentaria assim impor-se, tanto mais que Sigit Suharto, filho do presidente é também um dos donos da mesma, em comandita com Try Sutrisno. Aliás foi Sigit que conseguiu que a companhia há pouco mais de um ano se dedicasse à exploração do café. A teoria por trás destes rumores

tem um certo fundamento lógico, se bem que seja difícil à distância apurar-se a realidade.

Mário Carrascalão tem sido utilizado ao longo dos últimos anos pelos indonésios para legitimar uma fachada local de controlo do território, a qual tem sido vital nos encontros com personalidades estrangeiras. Agora que a guerra de guerrilha, a acreditar nos indonésios está reduzida a apenas três concelhos, Carrascalão poderia presidir à próxima abertura de Timor ao exterior programada para ocorrer a qualquer momento

Depois, Francisco Lopes da Cruz, um homem respeitado nalguns sectores timorenses poderia representar a transição, o render da guarda. O "Europeu" contactou em Sidney, o irmão do governador, engenheiro João Carrascalão, o qual declarou que:

"Tal como das anteriores vezes em que tal rumor foi posto a circular, a sua origem não é identificada. Admito a possibilidade de tal ocorrer, mas temo que tais rumores sejam lançados pelos próprios indonésios como forma de tentarem dividir a comunidade radicada no exterior."

"A luta intestina das facções militares de Benny Murdani – agora em declínio – e de Try Sutrisno ora ascendente, concedem credibilidade à hipótese.

"Não convém esquecermos a importância do café como principal produto na balança económica de Timor-Leste."

"Sei que o meu irmão no passado se opôs veementemente à política de monopólio seguida pela P.T. Denok, pelo que a sua substituição por um

monopólio concorrente como a P.T. BAKRI decerto teria encontrado oposição da sua parte."

Outros timorenses com quem o "Europeu" dialogou exprimiram também a ideia de divergências profundas entre Mário Carrascalão e Xico Lopes da Cruz, pelo que a própria luta faccional timorense poderia ter também a ver com estes rumores.

Mário Carrascalão tem-se revelado adepto de propugnar uma timorização dos quadros médios da administração, política essa que não seria totalmente do agrado de Lopes da Cruz. Durante os próximos dias haverá encontros de alto nível entre o Dr. Roque Rodrigues, (Fretilin) e o engenheiro João Carrascalão (UDT), ambos representando a Convergência Nacionalista timorense, relativos à estratégia a seguir pela comunidade timorense radicada na Austrália.

148. 13 DEZEMBRO 1988 LUSA

149. 13 DEZEMBRO 1988 O CORREIO PORTUGUÊS
SYDNEY

150. A VISITA DO MINISTRO PLENIPOTENCIÁRIO DO
TERRITÓRIO NORTE A TIMOR ¹²⁸

SIDNEY, 13 DEZ.^o 88 EUROPEU) Marshall Perron está de novo na Indonésia, depois de ter chefiado uma delegação de timorenses e jornalistas a Timor-Leste há apenas um mês atrás.

Perron que se encontra desde o dia sete em Jacarta foi recebido pelo presidente Suharto, pelo MNE Ali Alatas, pelo ministro do interior Rudini, tendo oficialmente pedido informação sobre a data oficial de abertura de Timor-Leste ao exterior.

Perron foi informado de que a abertura se processaria nas próximas semanas, a fim de ainda possibilitar o acesso durante a época do Natal. Da comitiva oficial do Território Norte australiano, que acompanha Perron, salientam-se sete líderes de grupos comerciais interessados em estabelecer ligações com Timor-Leste.

Fontes próximas de Timor-Leste dizem ser impossível que seja aberto ao exterior ainda este ano tal como prometido há semanas.

Contactados líderes da comunidade timorense na Austrália, em Darwin, Perth e Sidney, todos afirmaram desconhecer a existência do alegado grupo nacionalista sob o nome de "Congregação Nacionalista de Santo António," que segundo a agência France Press agrupava dissidentes da Apodeti.

Ainda ontem o correspondente do Europeu esteve em contacto com um timorense acabado de chegar de Timor que negou a possibilidade de existência de tal grupo. Embora haja um grupo de descontentes entre antigos membros da Apodeti, de facto não existe em Díli ou no resto de Timor nenhum grupo como aquele que a agência France Press relatou.

151. 16 DEZEMBRO 1988 LUSA

152. 17 DEZEMBRO 1988 LUSA

153. TIMORENSES NA AUSTRÁLIA DESMENTEM
FRANCE PRESS ¹²⁹

SIDNEY, 20 DEZ.º 88 EUROPEU) Há alguns dias atrás a agência France Press noticiara a existência em Timor-Leste de uma congregação nacionalista de Santo António. Tal organização seria integrada por ex-elementos do partido Apodeti (pró-integração Indonésia).

Contactados os representantes políticos da Convergência Nacionalista Unitária de Timor-Leste e bem assim como membros da comunidade aqui radicada todos afirmaram desconhecer a existência de tal organização.

Foi possível ao “Europeu” apurar junto de timorenses acabados de chegar de Díli que de facto existe alguma insatisfação e desilusão dentre os membros do ex-partido Apodeti, mas eles não formaram nenhum grupo com tal designação. A existir tal grupo ele seria tão diminuto e limitado que não teria qualquer representatividade, dado todos desconhecerem a sua existência

João Carrascalão (UDT) e Roque Rodrigues (Fretilin) falando em nome da Convergência declararam hoje ao “Europeu” que *“a notícia da AFP carecia de qualquer fundamento, não obstante saber-se do descontentamento dentro dos quadros da Apodeti”*.

154. NOVO FILME SOBRE TIMOR ¹³⁰

129 20 DEZEMBRO 88 DESPACHO 39/88 EUROPEU
130 LUSA DESPACHO 72/88 20/12/88

SIDNEY (TERÇA 20 DEZEMBRO 88- LUSA) – após três anos de pesquisa e filmagem está prestes a ser lançado no mercado internacional um novo filme sobre Timor-Leste. A notícia foi hoje divulgada à Lusa pelo seu produtor, Gil Scrine, um jornalista e cinematógrafo independente que desde 1985 se interessou sobre o problema de Timor-Leste.

Scrine disse à Lusa:

"Estando Timor tão perto da Austrália, não se compreende o silêncio e a apatia da Austrália face a Timor-Leste."

"Há três anos conheci Ramos-Horta e surgiu a ideia de fazer o filme.

Não obstante a falta de apoios financeiros o filme está concluído, estamos na última fase de montagem gráfica e dobragem sonora. Espero poder lançar o filme em finais de Fevereiro"

Nenhum canal comercial de TV australiano adquiriu direitos sobre o filme, pois temem repercussões por parte dos magnatas que detêm o monopólio da TV neste país.

Estive em Portugal, onde felizmente obtive bastante apoio de jornalistas e de refugiados, essenciais para a filmagem e narração.

Aqui na Austrália a convergência unitária quer através de (João) Carrascalão, quer de Ramos-Horta e outros foram indispensáveis para a concretização do projecto"

Não só os portugueses, mas todos os povos podem beneficiar dos 60 minutos de filmagem retratando o fim do império colonial e a tentativa falhada de um povo se auto determinar"-concluiu Gil Scrine.

155. O FIM DA ERA SUHARTO – MURDANI REFORMADO¹³¹

SIDNEY, 20 DEZ.^o 88 EUROPEU) A notícia era esperada nalguns sectores mais atentos da cena política Indonésia: o "*render da guarda*" dos militares que acompanharam o presidente Suharto ao longo dos últimos 26 anos.

Benny Murdani, general, ex-chefe do estado-maior general das FA's Indonésias, e estratega que liderou a "Operasi Komodo" (invasão de Timor-Leste) era a estrela decadente de um regime.

As notícias chegavam de Jacarta e de Díli. A perda da influência de Murdani no monopólio do café em Timor, a ascendência de uma nova camada de generais, e a falta de poder de Murdani junto de Suharto.

Em Março passado, Murdani ainda era chefe supremo do "KOPKAMTIB" (comando operacional para a restauração da ordem e segurança de estado), deixaria em Abril o comando das FA's Indonésias para assumir a pasta da defesa. Suharto reduziu então a presença dos militares de 15 para 11 no executivo.

131 DESPACHO 41/88 20 DEZEMBRO 1988 EUROPEU

A grande luta interna para a sucessão de Suharto centrou-se nestes últimos 18 meses entre Murdani e Sudharmono, actual vice-presidente, e ex-secretário do partido no poder "Golkar", depois que o influente ministro dos estrangeiros Dr. Mochtar Kusumaatmadja saiu da cena política.

Murdani que há apenas um ano atingiu a idade de reforma militar dos 55 anos, face aos seus prestimosos serviços quer a nível de serviços secretos, quer a nível militar era apontado então como um possível sucessor de Suharto. Conseguindo uma extensão da data de afastamento de serviço, Murdani, sobreviveu as eleições de 88 bastante diminuído no seu prestígio e influência.

Uma das primeiras referências a Murdani como comandante militar da "Operasi Komodo" surge em Abril 1975 através de José Hermenegildo Martins, no jornal "The Australian", no qual se noticiava que havia contactado missões diplomáticas australianas em Genebra e Lisboa. Martins era então um dos líderes do partido trabalhista KOTA e trabalhava como espião dos serviços secretos indonésios "Bakkim".

Os portugueses pouco sabiam da "Operasi Komodo" engendrada por Ali Murtopo no Conselho de Segurança Indonésia de Outubro 1974, e a qual se destinava inicialmente a obter a integração de Timor-Leste na Indonésia por meios subversivos, manobras diplomáticas e campanhas de desinformação.

Em 18 Fevereiro 1975 o exército indonésio havia efectuado exercícios de treino de invasão em Lampung, Sumatra do Sul. A notícia foi divulgada pela comunicação social australiana. O chefe militar de tal operação era o

mesmo que haveria de comandar a invasão Indonésia sobre Díli em 7 Dezembro 1975.

Em 16 Agosto 1983, o general Leonardus Benjamin Moerdani (Murdani) declarava ao diário indonésio "Sinar Harapan" (suspensa indefinidamente desde 87) que a nova operação militar contra as guerrilhas da Fretilin "*iria eliminar totalmente a resistência nacionalista.*" Esta operação sob o nome de "limpeza total" não resultou, mas o prestígio de Murdani manter-se-ia.

Murdani desde 1975 que é um dos donos da P.T. Denok, companhia exploradora do monopólio de café tendo recentemente perdido parte daquele a favor da P.T. Bakri propriedade da filha de Suharto – Sigit - e gerida pela mulher de Francisco Lopes da Cruz.

Lopes da Cruz foi recentemente indicado nalguns meios como potencial sucessor de Mário Viegas Carrascalão, para o lugar de governador provincial de Timor-Leste.

A saída de Murdani da cena política confirma até certo ponto a possibilidade de esta mudança na cúpula política local de Timor vir a acontecer.

Ainda há algumas horas atrás a rádio Austrália em onda curta noticiava que era esperada para hoje a abertura de Timor ao mundo exterior, conforme anteriormente prometido, pelo ministro do interior, Rudini, pelo governador de Timor, Carrascalão e pelo próprio Suharto.

156. 21 DEZEMBRO 1988 LUSA

157. ANALISANDO O FIM DA ERA SUHARTO ¹³²

SIDNEY 22 DEZ.^o 88 EUROPEU) Suharto ascendeu ao poder em 1965 na sequência de um falhado golpe de estado liderado pelo então presidente Sukarno, e alegadamente apoiado pelos chineses da RPC.

Uma das primeiras tarefas de Suharto foi a de se estabelecer politicamente e não obstante as centenas de milhares de chineses mortos, a sua base de apoio estava dividida entre militares e cidadãos de origem chinesa.

Nos últimos quinze anos um dos homens fortes do regime foi o general Benny Murdani, responsável pela operação militar de invasão de Timor-Leste em Dezembro 1975, pela operação "vassourada" em 1983 e pela operação "KIKIS" (águias/extinção) em 1987.

Suharto enfrentou a oposição ao seu regime de forma brutal, tal como pode ser atestado pelas revoltas de estudantes em 1974 (aquando da visita do primeiro ministro japonês Kakuei Tanaka) e pela revolta de 1987, em que centenas perderam a vida.

A clique dominante da cena política Indonésia centrou-se durante cerca de duas décadas à volta dos '3 M': Murtopo, Malik e Murdani. Apesar da extrema importância e relevância dos dois primeiros, apenas um sobreviveu mais de duas décadas: o general Leonardus Benjamin Moerdani.

132 EXCLUSIVO MUNDIAL PARA O EUROPEU DESPACHO 41/88, 20 DEZEMBRO 88

A queda do petrodólar, o aumento da corrupção, e a esperança de Timor-Leste conter vastíssimas reservas de petróleo e poder ser rapidamente pacificada são algumas das razões da queda da elite política dominante.

A dependência extrema da produção económica primária, o desgaste florestal agravado pela política de transmigração, bem como o extremo desgaste político das personalidades que mantiveram o regime de Suharto, servem apenas para explicar a sua queda. Nestes últimos anos assiste-se à mudança da guarda caracterizada por uma nova elite tecnocrata e militar ligada a Suharto e não crítica.

Daqui se percebe como a nomeação de Sudharmono para vice-presidente não representa nada de perigoso. Ele não é apoiado nem pelos militares nem pelos restantes parceiros políticos, mas vai conseguir afastar os críticos do regime, tais como Murdani. Existe uma nova camada de ministros tais como Yusuf Habibie ministro dos recursos naturais, minerais, tecnologia e pesquisa científica ansiosos de poderem provar a sua ligação ao regime.

Habibie foi o homem que em Setembro 1985 ratificou com a Austrália o acordo de exploração conjunta do mar de Timor e da sua pasta constavam então a aeronáutica civil, tecnologia militar e equipamento naval... Em Fevereiro deste ano Murdani anunciava precocemente a sua demissão e substituição por Try Sutrisno.

158. 24 DEZEMBRO 1988 EXPRESSO

159. 26 DEZEMBRO 88 LUSA

160. A CONVERGÊNCIA NACIONALISTA PLANEIA 1989

133

SIDNEY, 26 DEZ.º 88 LUSA) – Em reunião tida neste fim-de-semana os dirigentes da Convergência Nacionalista de Timor, Dr. Roque Rodrigues (Fretilin) e Eng.º João Carrascalão (UDT) delinearão os planos de acção para 1989.

Em declarações prestadas à Lusa, aqueles dois dirigentes declararam que "a Convergência é ainda abstracta para a maior parte das pessoas, que se identificam quer com a Fretilin quer com a UDT".

"Para sermos efectivos é preciso que os timorenses nos vejam unidos e trabalhando lado a lado".

Roque Rodrigues em relação à sua visita de mais de três meses às comunidades timorenses na Austrália disse:

"Sinto que as pessoas querem participar no processo de discussão de viabilidade futura de Timor, mas creio que sem elas não conseguiremos garantir a cultura e a língua da nossa pátria".

Muitos jovens tentam saber sobre Timor, e aprender mas nem sempre dispõem do apoio que nós timorenses temos por obrigação dar-lhes".

Ainda hoje a maior parte da nossa história e cultura está por escrever, estamos a preparar planos para

termos uma acção mais activa junto da comunicação social não só da Austrália, como dos países do Pacífico.

Iremos também tentar estudar o problema de doenças mentais que parecem atingir mais timorenses do que outros grupos" adiantou aquele líder timorense.

161. 27 DEZEMBRO 1988 LUSA

162. REFUGIADA DE TIMOR FALA DE TORTURAS ¹³⁴

SIDNEY, 28 DEZ.^o 88 EUROPEU) Filomena de Fátima e Silva Belo Amaral de 30 anos de idade, casada com cinco filhos está na Austrália há apenas três meses. Seu marido, João Maria do Rosário Neves dos Reis era um dos mais altos funcionários dos serviços de informação e propaganda Indonésia em Timor-Leste, até ter fugido – primeiro para Macau e depois para Portugal.

Filomena era também uma alta funcionária da administração civil em Díli, onde completou os seus estudos secundários (7^o ano liceus) em 1975. Actualmente na Austrália onde pretende radicar-se Filomena declarou ao “Europeu” que o seu pai, irmão e marido foram membros da Fretilin desde 1974, embora ela pessoalmente nunca se tivesse envolvido com qualquer agrupamento político.

Com um cunhado e outros membros da família agora mortos, Filomena depende do governo australiano para sobreviver. O seu pai foi preso e torturado (incluindo

134 28 DEZEMBRO 88 DESPACHO 49/88, EUROPEU
290

espancamento, choques eléctricos e queimaduras de cigarros) por diversas vezes até falecer em 1983.

Filomena narrou ainda – através de um porta-voz seu em Darwin, no Território Norte australiano – como a sua casa era regularmente vistoriada pelas forças secretas indonésias, sempre que alguma delegação estrangeira ia visitar Timor-Leste, mas nunca encontraram material anti-indonésio que a pudesse incriminar.

Negando ter conhecimento da intenção de seu marido desertar, Filomena declarou ver-se agora impossibilitada de regressar, ou de poder sequer aspirar a trabalhar de novo em Timor-Leste, ela confirmou os relatórios da “ASIAWATCH”, da comissão dos direitos humanos da ONU, de organizações católicas de apoio a Timor e da “Amnistia Internacional”, relativos a Timor.

Filomena pretende agora radicar-se com os seus sogros e demais familiares em Darwin, aguardando uma decisão das autoridades australianas para lhe concederem o estatuto de refugiada. Alfredo Borges Ferreira da Convergência Nacionalista timorense em Darwin está também a diligenciar junto de parlamentares australianos para um rápido processamento do seu caso.

(adiante se transcrevem as declarações confidenciais prestadas por Filomena aquando do seu pedido para o estatuto de refugiada:)

163. 29 DEZEMBRO 1988 LUSA

164. 30 DEZEMBRO 1988 LUSA

165. 30 DEZEMBRO 1988 RDP

166. 31 DEZEMBRO 1988 LUSA

167. 31 DEZEMBRO 1988 LUSA

168. DEZEMBRO 1988 INSIDE INDONESIA

CAPÍTULO 6: 1989

1. 3 JANEIRO 1989 COMÉRCIO DO PORTO
2. 4 JANEIRO 1989 NT NEWS (NORTHERN TERRITORY NEWS)
3. 12 JANEIRO 1989 DIÁRIO DE NOTÍCIAS
4. INFORMAÇÃO FRETILIN JANEIRO 1989
5. COMISSÃO PARA OS DIREITOS DO POVO MAUBERE (CPDPM)
6. 17 JANEIRO 1989 CORREIO PORTUGUÊS SYDNEY
7. EXPLOSÃO EM DÍLI ¹³⁵

SIDNEY, 21 JANEIRO 1989 EUROPEU) Um timorense acabado de chegar de Díli em visita a familiares declarou à Lusa em Sidney que de facto houve uma violenta explosão em três armazéns na zona do antigo paiol do quartel-general português em Taibesse, Díli.

A Lusa havia noticiado em 11 de Janeiro uma explosão ocorrida na passagem do ano em Díli, presumidamente no quartel-general indonésio e da qual teriam sido vitimados 84 soldados indonésios.

De acordo com a informação ora obtida morreu pelo menos um timorense e vários indonésios no atentado.

135 EUROPEU, DESPACHO 28/89 21.1.89₂₉₃

Ainda de acordo com as mesmas fontes, o governador do território, Mário Carrascalão, teria regressado ao seu posto em 11 de Janeiro, mantendo-se ainda nas suas funções.

A abertura do território ao exterior que era esperada para o primeiro dia de Janeiro ainda se não efectuou, mas Mário Carrascalão teria afirmado num discurso logo após o seu regresso *“contínuo a lutar para que Timor-Leste seja aberto ao mundo.”*

Entretanto esta semana um diário de Darwin (N. T. News) noticiava que de acordo com depoimentos de Álvaro Mascarenhas Inglês (um timorense convidado pela Indonésia a visitar o território em Novembro passado) *“a vida estava calma em Timor e as guerrilhas não detinham nenhuma parcela da ex-colónia”*.

Segundo o mesmo jornal, *“não teria havido nenhuma explosão em Díli na noite da passagem do ano.”*

8. CONFIRMADA VIOLENTA EXPLOSÃO EM DÍLI NA PASSAGEM DO ANO ¹³⁶

SIDNEY, 21 JAN.^o 1989 LUSA) De acordo com alguns timorenses que estão de visita a familiares na Austrália, e acabados de chegar daquele território houve de facto uma explosão violenta que assolou Díli na passagem do ano.

Tal explosão teria ocorrido no subúrbio de Taibesse, onde se situava o antigo quartel-general das tropas

portuguesas e atingiu o antigo paiol das tropas que actualmente estava convertido em armazém.

De acordo com as mesmas fontes, teriam sido feitos explodir três armazéns naquela zona de Díli, havendo um número indeterminado de vítimas Indonésias e pelo menos um morto timorense.

Esta informação obtida por fontes independentes confirma de uma forma geral notícias postas a circular pela fretenia em Darwin, de que teria havido na primeira noite do ano uma violenta explosão em Díli.

Nos últimos dias fontes próximas do governo de Jacarta haviam tentado negar que algo de anormal se tivesse passado no território, revelando tratar-se de falsas alegações da comunidade timorense na Austrália.

9. 21 JANEIRO 1989 SMH

10. O GOVERNADOR DE TIMOR-LESTE REGRESSOU AO TERRITÓRIO.¹³⁷

SIDNEY, 21 JAN.^o 89 EUROPEU) Mário Carrascalão, governador-geral de Timor-Leste, que havia deixado o território em férias em meados de Dezembro passado, tendo-se deslocado a Espanha, França e Estados Unidos em visita particular, regressou a Díli em 11 de Janeiro.

A especulação durante a sua ausência foi de que Carrascalão não regressaria ao território depois desta sua visita e que seria provavelmente substituído no seu cargo.

¹³⁷ EUROPEU DESPACHO 25/89 21/01/89

Foi possível ao “Europeu” apurar que não obstante haver certas forças interessadas em obter a sua substituição naquele cargo, Mário Carrascalão regressou ao território e continua a exercer as funções governativas da ex-colónia portuguesa e a tentar obter a abertura das suas fronteiras ao mundo exterior.

11. REFUGIADOS TIMORENSES VISITAM TIMOR-LESTE ¹³⁸

SIDNEY, 21 JAN.^o 89 (EUROPEU) As famílias Mascarenhas Inglês, Alves e Nunes, que se haviam deslocado a Timor-Leste em Novembro a convite do governo indonésio e do governo do Território Norte australiano, para visitar familiares, estão a ser utilizadas pela contra informação Indonésia.

Esta semana o diário Northern Territory News de Darwin, publicava um artigo no qual Álvaro Mascarenhas Inglês elogiava o desenvolvimento de Timor-Leste e negava a existência de forças de guerrilha.

No mesmo artigo citava como “*fruto da fértil imaginação*” da Fretilin a explosão ocorrida em Díli na passagem do ano.

Esta campanha destinada a dividir a comunidade timorense na Austrália é, segundo, João Carrascalão da Convergência Nacionalista timorense, “*mais uma tentativa Indonésia de desacreditar as comunidades de refugiados de Timor e as forças da resistência nacionalista e destina-*

138 EUROPEU DESPACHO 27/89 21/JAN.^o/89
296

se a negar a insatisfação dos timorenses sob domínio indonésio”.

12. A GUERRA DA CONTRA INFORMAÇÃO INDONÉSIA

139

SIDNEY, 21 JAN.^o 89 EUROPEU) Conheci António Belo em 1973 quando tomei posse do lugar de redactor-chefe do semanário A Voz de Timor, o único então publicado em "*A terra que o sol em nascendo vê primeiro.*"

Tony era um jovem dos seus 18 anos, que trabalhava na Rádio Marconi e funcionava como ajudante da redacção do jornal, um misto de moço de recados e secretário particular, cheio de entusiasmo e vontade de aprender mundos longínquos e distintos.

Um dia em finais de 1974, Tony – a quem devo muitas chamadas de borla para Portugal - aparece-me em casa no seu jipe e diz-me "*Parto amanhã para a Austrália, queres ficar com o meu jipe?*"

Claro que acedi, naquela terra em que o Fiat 128 e a minha Honda 125 eram dos poucos veículos civis existentes... esse dia já longínquo de Outubro 1974 foi a última vez que vi o Tony Belo. Ele nunca mais regressou a Timor-Leste (até 1985) e eu lá deixei o seu jipe Wills.

Em 1983 quando cheguei à Austrália perguntei por ele e disseram-me que vivia em Perth, depois de ter estado uns

139 EUROPEU DESPACHO 33/89 28/JAN.^o/89. ARTIGO DE FUNDO PROJECTO ESPECIAL (DIREITOS DE AUTOR RESERVADOS POR JOSÉ CHRYS CHRYSTELLO, COMO PARTE DE UM LIVRO A PUBLICAR EM FUTURO PRÓXIMO, CEDIDOS AO "EUROPEU" PARA ESTE ARTIGO)

tempos em Darwin. A vastidão deste continente jamais me proporcionaria a hipótese de o rever.

Em Outubro de 1988, numa reunião em Sidney com José Ramos-Horta, Roque Rodrigues, e João Carrascalão, perguntei por ele e disseram-me que fora durante muitos anos membro activo da Fretilin, mas que...

Entendi estar a penetrar em território virgem e não adiantei mais. António Belo era um nome mítico de um personagem que passara na minha vida e que aparentemente a havia de tornar a cruzar em circunstâncias menos míticas.

Hoje, mais de treze anos e meio o nome de António Belo surge de novo à baila como convidado especial do governo indonésio a visitar Timor-Leste em finais de Dezembro.

António Belo que ali se encontra há quase um mês, teve à sua disposição um helicóptero indonésio para visitar as áreas mais afectadas pela guerrilha nacionalista da Fretilin, em especial as cidades de Viqueque e Lospalos.

Tratado como VIP, António Belo telefonou ontem à noite para amigos seus na Austrália declarando que "Já não havia guerrilha em Timor-Leste, que ele mesmo havia visitado a Ponta Leste do território (Baucau, Viqueque e Lospalos) e que encontrara a população feliz com o seu destino sob ocupação Indonésia".

De repente vi a imagem toda desenvolver-se à minha frente, António Belo que era esperado esta semana no seu regresso de Timor havia decidido ficar mais uma

semana, a convite das autoridades indonésias, para no seu regresso dentro de dias poder falar da nova imagem de Timor.

Mais um mito acabara de cair com os seus pés de barro, um timorense que decidira sob a capa de poder voltar uma segunda vez a Timor-Leste (havia lá estado em 1985) fazer aquilo que os invasores da sua pátria lhe haviam imposto.

A contra informação indonésia estava finalmente a colher frutos da sua campanha de liberalização face a Timor-Leste. Dentro de dias ao regressar Belo poderá declarar a jornais como o Northern Territory News, de Darwin a sua versão da vida em Timor-Leste e vai haver quem acredite, ele afinal até havia sido durante tantos anos um fiel membro da Fretilin. Então percebi porquê o silêncio quando perguntei pelo meu amigo Belo...

13. A AUSTRÁLIA VAI MONTAR UMA BASE NAVAL PARA PROTECÇÃO DOS PESCADORES ILEGAIS INDONÉSIOS ¹⁴⁰

SIDNEY, 21 JAN.º 89 EUROPEU) O ministro australiano da defesa, Kim Beazley declarou hoje que a luta para evitar a penetração das frotas pesqueiras ilegais Indonésias vai ser incrementada com a criação de uma base naval em Port Hedland, na costa ocidental a cerca de 2 mil km a norte de Perth.

Esta base, declarou Kim Beazley *"poderá a qualquer momento ser utilizada para ter submarinos e navios*

detectores de minas, esperando-se a curto prazo a utilização de seis barcos de patrulha naval".

As declarações foram feitas pelo ministro que efectua uma visita oficial àquele importante centro industrial e mineiro da Austrália Ocidental, em vésperas das eleições estaduais, mas o ministro declarou que "*a decisão já há muito havia sido tomada, estando programada para ter efeito a partir das maiores manobras militares australianas deste ano, a operação canguru 89" que deverá ter início em Abril próximo*".

A base que deverá demorar apenas três meses a montar estará então operacional. Relembre-se que no ano passado foram apreendidos mais de uma centena de barcos indonésios, alguns dos quais equipados por membros das forças militares Indonésias que haviam obtido o seu treino militar na academia militar australiana.

No período de Setembro até agora um pequeno destacamento naval australiano havia interceptado 35 barcos ilegais, os quais são expropriados pelas autoridades australianas.

14. DECANO DOS PADRES TIMORENSES VAI PARA MACAU ¹⁴¹

SIDNEY, 22 JAN.º 89 LUSA) O padre Xico Fernandes que escapou do jugo indonésio em 1975 através de Atambua (Indonésia) para Lisboa e acabou por fixar-se em Perth regressará este ano a Macau onde irá cumprir uma comissão de dois anos.

O padre Fernandes tem sido um dos mais vocais defensores da autonomia de Timor-Leste na Austrália e tomou parte em filmes pró-independentistas tais como "A Shadow Over East Timor (uma sombra sobre Timor-Leste)."

Acerbo crítico da invasão Indonésia o padre Xico Fernandes tem sido um bastião das comunidades timorenses na Austrália em virtude de não estar ligado a nenhum grupo político, e tem desenvolvido inúmeras acções junto dos mass media australianos para divulgar a guerra do povo de Timor-Leste.

Como nacionalista timorense – o padre Xico – como é afectivamente conhecido, resolveu aproveitar a oportunidade e ir por um período de dois anos para Macau para exercer a sua acção missionária naquele território chinês.

Altamente respeitado por todos os timorenses aqui radicados o padre Francisco Fernandes pertence mais à nova igreja católica do que qualquer outro membro do clero português, disposto a combater as injustiças e o direito à autodeterminação do povo maubere deixando atrás de si uma missão católica desenvolvida ao longo de 14 anos, que mudou a face da população portuguesa na Austrália.

15. 21 JANEIRO 1989 LUSA

16. 23 JANEIRO 1989 RDP

17. 24 JANEIRO 1989 RDP

18. UMA ILHA AUSTRALIANA COBIÇADA PELA INDONÉSIA ¹⁴²

SIDNEY, 28 JAN.º 89 EUROPEU) Recente documentação a que o “Europeu” teve acesso na Austrália revelam um interesse crescente por parte da Indonésia na possessão ultramarina das ilhas do Natal (Christmas Island).

Aqueles documentos revelam também que o ex-primeiro ministro australiano, Gough Whitlam (à data da invasão de Timor-Leste) estava preparado a entregar aquelas ilhas a Singapura.

Estas e outras declarações surgem num relatório secreto preparado para o primeiro-ministro (australiano) Bob Hawke, pelo "Office of National Assessments" – o mais secreto departamento de defesa australiano. Este departamento (ONA) é a principal fonte de inteligência governamental e o estudo citado, serviu de base para a política de defesa nacional adoptada pelos trabalhistas australianos.

De acordo com os documentos a que foi possível obter acesso (parcial) uma alta individualidade Indonésia teria expressado interesse pelas ilhas do Natal (Christmas Island) face ao sucedido nas ilhas Malvinas (Falkland).

O relatório Dibb sobre a defesa da Austrália, preparado em 1986 por James Dibb acabaria por servir de base à

142 EUROPEU DESPACHO 33/89 28/JAN.º/89 ARTIGO DE FUNDO PROJECTO ESPECIAL (DIREITOS DE AUTOR RESERVADOS POR JOSÉ CHRYS CHRYSTELLO, COMO PARTE DE UM LIVRO A PUBLICAR EM FUTURO PRÓXIMO, CEDIDOS AO “EUROPEU” PARA ESTE ARTIGO)

política oficial australiana. A questão das ilhas do Natal teria surgido informalmente durante as regulares sessões conjuntas entre a "ONA" e a "Bakkim (serviços secretos indonésios)" no ano de 1982.

Tal questão teria sido posta pelo coronel Soedibyo (Sudibyo) então assistente do general Benny Murdani num encontro social em Junho de 1982. Murdani era então não só o chefe de estado-maior general das Forças Armadas como também o director da Bakkim, cargo que apenas abandonou em 1988 ao tornar-se ministro da defesa.

Sudibyo teria então pedido ao director da "ONA" (Michael Cook) a sua opinião sobre a relação legal entre a Austrália e as ilhas do natal.

Outro alto funcionário dos serviços secretos, o brigadeiro australiano Kirkland, teria sido questionado sobre a composição étnica da população das ilhas.

Um mês depois em 30 de Julho de 1982, Sudibyo teria levantado o problema uma vez mais durante uma visita diplomática australiana, durante a qual teria sido perguntado sob que passaporte viajavam os cidadãos das ilhas, qual o estatuto constitucional das ilhas, a distância a que estava da Austrália e da Indonésia.

[N. DO A.: *As ilhas do Natal, que conjuntamente com as ilhas Cocos constituem as possessões ultramarinas mais afastadas do continente australiano, estão a 1 400 km de distância da costa da Austrália Ocidental e a apenas 400 km sudeste de Java, ocupando 135 km² e com uma população de 3 300 pessoas.*]

O coronel Sudibyo mostrou-se interessado naquelas ilhas pois elas estavam dentro do raio de interesse da Indonésia, tal como a Papua Nova-Guiné, a Malásia e a Austrália, e declarou que tal interesse se baseava na experiência das Malvinas (Falkland).

Os direitos legais de possessão australiana das ilhas baseiam-se na compra feita em meados da década de 50. As ilhas eram originalmente uma possessão britânica anexada em 1888, depois incorporadas em 1900 no acordo do estreito malaio sobre as quais as leis de Singapura eram directamente aplicáveis.

Em plena década de 50 houve inúmeras tentativas de dar autonomia às ilhas e decorreu da hostilidade de Singapura face à Austrália. Era então a posição oficial de que aqueles territórios singapurinos foram obtidos sem consideração do valor económico e estratégico dos mesmos para a Austrália.

Antes da independência de Singapura, não se registou nenhuma oposição à aquisição das ilhas, mas o então líder da oposição, Lee Kwan Yew (considerado pelos australianos como perigoso esquerdista e anti australiano) insurgiu-se contra a aquisição dizendo: *"Há poucos anos demos as ilhas Cocos, agora são as ilhas do Natal, ainda não somos independentes e já estamos a vender a nossa pátria."*

O interesse australiano pelas ilhas data de 1956 em que o governo australiano de Menzies e do primeiro-ministro britânico Anthony Eden, não quiseram ser vistos como liquidatários do império britânico.

Depois viria a crise do canal do Suez em 1957 e o Reino Unido venderia as ilhas à Austrália por 3 milhões de libras (escudos: 780 mil contos) em vez de as deixar na posse de Singapura após a independência desta em 1959.

Nos arquivos federais de Camberra existem documentos que indicam que este valor era uma fracção mínima do valor de exploração das ricas jazidas de fosfato existentes nas ilhas.

Gough Whitlam, o mais idealista de todos os primeiros-ministros australianos mostrou-se sensível à forma como as ilhas haviam sido adquiridas e quando visitou Singapura – em Fevereiro de 1974 – discutiu com Lee Kwan Yew o problema.

Embora não tenha sido possível um relatório correcto da conversa, o então embaixador australiano na Indonésia, Bob Furlonger, prometeu *"investigar a questão das ilhas."*

Posteriormente um chefe de gabinete de Gough Whitlam estudou em detalhe a aquisição das ilhas, incluindo toda a troca de documentação entre Camberra, Londres, Kuala Lumpur, Singapura e Jacarta.

Alguns membros do gabinete de Lee Kwan Yew afirmavam depois do encontro de Fevereiro de 1974 que o primeiro-ministro trabalhista Whitlam havia concordado com a transferência das ilhas para Singapura.

Quando os chefes dos serviços secretos indonésios souberam destes planos – o então chefe supremo da segurança de estado, general Yoga, informou o seu homólogo australiano Gordon Jockel (então chefe dos

serviços secretos australianos) de que a Indonésia iria preparar uma reivindicação formal das ilhas, consideradas como parte integrante do arquipélago indonésio.

Nesse mesmo ano de 1974 quando Whitlam visitou Jacarta em Setembro, o presidente Suharto informou-o de que *"a transferência das ilhas do natal para a soberania singapurina iriam destruir as bases de cooperação estabelecida sob a organização dos países do Sudeste Asiático (ASEAN) e poderia afectar de forma irrevogável as relações tensas entre a Malásia, Singapura e Indonésia (ainda hoje tensas)."*

Embora durante negociações para a exploração das riquezas do mar de Timor em 1979, os australianos tenham confirmado o seu direito à soberania sobre as ilhas, o chefe da delegação Indonésia, Haysim Jalal, teria declarado que *"a Indonésia não estava bem certa dos direitos de soberania australiana sobre as ilhas, tanto mais que a população era maioritariamente malaia e chinesa."*

Estas declarações Indonésias baseavam-se na administração das ilhas por Singapura entre 1900 e 1959, e nas alegadas pressões que o governo de Singapura estaria fazendo para as reter. A representação Indonésia reafirmaria a sua preocupação pelas *"acusações de colonialismo levantadas pelos habitantes das ilhas"* pedindo um *"esclarecimento"* do governo de Camberra.

Claro que ingenuamente os governantes australianos não entenderiam o sarcasmo do coronel Sudibyo ao comparar as ilhas do Natal às ilhas Malvinas (Falkland).

Vários trabalhos têm sido dedicados ao tema do "*interesse*" indonésio por partes do Pacífico, incluindo as ilhas Cocos, Natal e até mesmo a Papua Nova-Guiné, sem que no entanto o governo de Camberra tenha a coragem de assumir uma posição firme em relação ao assunto.

Em 1983, o correspondente do "Europeu" preparou uma curta monografia sobre o assunto, mas nenhuma organização da comunicação social australiana teve coragem de a publicar, sob a desculpa de "*ser uma peça alarmista e infundada.*"

Curiosamente em 1985 o relatório (livro branco) da defesa preparado por James Dobb serviu-se de cenários semelhantes para alertar sobre "*a potencial ameaça do norte*" (Indonésia). Infelizmente em termos de liberdade de imprensa aquele relatório nunca foi tornado público no tocante ao perigo indonésio.

19. 31 JANEIRO 1989 RDP

20. GOVERNADOR DE TIMOR-LESTE NA RÁDIO AUSTRÁLIA ¹⁴³

SIDNEY, 31 JAN.º 89 EUROPEU) O governador de Timor-Leste, Mário Viegas Carrascalão, declarou esta noite numa entrevista à Rádio Austrália (emissão de onda curta para a Ásia e Pacífico) que a alegada explosão dum paiol em Díli, na noite da passagem do ano "*não foi devida a nenhum acto de guerrilha da Fretilin.*"

143 EUROPEU DESPACHO 34/89 31 JANEIRO 1989

De acordo com aquela emissora, a *"explosão deveu-se a um curto-circuito eléctrico. A Fretilin não dispõe de poderio nas zonas próximas de Díli, concentrando-se apenas perto de Viqueque e Lospalos."*

Carrascalão acrescentaria *"estar chocado com as alegações de que timorenses haviam sido detidos e torturados no Verão passado durante a visita do presidente Suharto ao território, tal como alegado numa carta pastoral de monsenhor Carlos Belo."*

A carta que recentemente foi divulgada na Austrália e em Portugal apelava *"para que os timorenses se unissem contra os abusos dos direitos humanos"*.

Interrogado sobre *"o movimento de Santo António,"* Carrascalão diria tratar-se de um grupo que surgira em finais de 1983, e que agrupava pessoas mais ligadas com a igreja do que actos terroristas, pelo que também eles não poderiam ter sido os autores da alegada explosão na primeira noite do ano.

A entrevista que teve a duração de cerca de cinco minutos foi transmitida pela Rádio Austrália apenas num boletim noticioso alargado, não voltando a ser repetida – ou sequer mencionada – nos boletins noticiosos normais.

Durante a mesma, Carrascalão declararia ainda *"estar esperançado que a prometida abertura de Timor-Leste ao mundo exterior ser concretizada a breve trecho, mas não adiantou uma data provável."*

Os indonésios, em especial o ministro do interior, senhor Rudini, haviam prometido tal abertura para dia 1 de

Janeiro. Várias pessoas de nacionalidade australiana e francesa além de timorenses haviam tentado embarcar em aviões destinados ao território, mas foram proibidos pelas autoridades em virtude de não disporem dos vistos especiais de entrada na ex-colónia portuguesa.

Estas declarações de Mário Viegas Carrascalão surgem na sequência de especulação nalguns sectores de que depois da sua inesperada saída em Dezembro passado para uma visita a Espanha e aos E.U.A., Carrascalão não retomaria as suas funções e seria substituído no seu cargo, e confirmam ainda que ele se encontra à frente do governo de Díli.

A reportagem da rádio Austrália dava bastante ênfase à carta pastoral de monsenhor Belo citando que *“esta era das suas mais acerbas críticas ao regime indonésio”* desde que fora nomeado bispo de Díli pelo Vaticano.

Fontes não identificadas, em Jacarta, e citadas pela rádio Austrália acrescentavam em relação à explosão do passado dia 1 de Janeiro que ela *“poderia não se dever à Fretilin, mas que jamais poderiam ser atribuídas a um curto-circuito”*.

Recorde-se que na altura da alegada explosão, Mário Carrascalão se não encontrava no território e que o porta-voz da Fretilin em Darwin, Alfredo Borges Ferreira, reivindicara em nome daquele movimento independentista a autoria do ataque, citando então que *“tal atentado das forças de resistência obrigara os indonésios a adiarem a sua prometida abertura de Timor-Leste ao exterior”*.

21. JULGAMENTO NA INDONÉSIA ¹⁴⁴

SIDNEY, 01 FEV.^o 89 EUROPEU) Notícias hoje chegadas de Jacarta, de fontes afectas aos meios diplomáticos australianos indicam que um terceiro secretário da embaixada australiana irá estar presente ao julgamento de um civil e um polícia indonésio, acusados de terem assassinado um velejador australiano em Agosto último.

David Blenkinsop, um anglo-australiano estava a bordo do seu veleiro numa viagem da Tailândia para a Austrália, quando foi atingido por uma tempestade em Serui (uma das ilhas do arquipélago das Molucas).

As autoridades policiais Indonésias teriam tentado desviar a sua embarcação para Biak (outra ilha do mesmo arquipélago) e durante uma discussão entre os polícias indonésios e o jovem australiano, resultaria a morte deste e ferimentos graves na sua noiva, grávida, que sobreviveria.

Embora os órgãos da comunicação social australiana tenham ignorado o assunto até Novembro, registaram-se inúmeros protestos, os quais levariam o primeiro-ministro Bob Hawke a enviar uma forte nota formal de protesto às autoridades Indonésias.

O assunto ameaçou então a melhoria de relações bilaterais entre a Indonésia e a Austrália, e motivaria exigências australianas de que os culpados fossem identificados e julgados. Ontem soube-se que Abdul Malik, um cidadão indonésio, e o sargento da polícia costeira,

Jaffar Alwi, seriam submetidos a julgamento. Embora as autoridades Indonésias se recusassem a revelar quais as acusações que impendem sobre aqueles sabe-se que eles foram detidos logo após o ministro dos estrangeiros australiano senador Gareth Evans, se ter avistado em Jacarta, com o seu homólogo indonésio, Ali Alatas em Novembro passado.

O “Europeu” conseguiu ainda apurar que quando Blenkinsop tentou arribar em Serui, perto da costa da Papua ocidental Indonésia (Irian Jaya), o barco foi invadido por dois polícias indonésios e pelo civil Malik, sendo alegado pelas autoridades que *“uma arma de fogo se disparara acidentalmente”*.

O corpo do malogrado jovem jamais foi recuperado, tendo a sua noiva, Joanne Mist, declarado que ele havia sido propositadamente lançado às águas. Joanne felizmente recuperaria dos ferimentos e deu à luz uma criança há apenas duas semanas.

O caso tem sido apontado como um exemplo típico das atitudes Indonésias face aos australianos, embora posteriormente fontes Indonésias tenham tentado alegar que Blenkinsop tentou fugir pois o seu barco estava carregado de droga. Tais alegações não seriam comprovadas.

22. CONFERÊNCIA DE IMPRENSA DO EX-EMBAIXADOR ¹⁴⁵

CAMBERRA 8 FEV.º 89 EUROPEU) “*As guerrilhas da Fretilin deixaram de ser uma ameaça*” afirmou esta tarde numa conferência de imprensa em Camberra o ex-embaixador australiano em Jacarta.

Bill Morrison, um professor universitário promovido a diplomata pelo governo trabalhista de Bob Hawke, esteve três anos como representante da Austrália na Indonésia. Durante esse período a Austrália enfrentou algumas crises graves com o seu vizinho do norte.

Delas contam-se a proibição de jornalistas australianos cobrirem a visita que o presidente Reagan fez a Bali, acompanhada da expulsão de todos os jornalistas australianos acreditados na Indonésia, só recentemente levantada.

No mesmo período vários incidentes diplomáticos tiveram lugar, nomeadamente o assassinato em Agosto último de um velejador australiano por forças policiais indonésias, bem como o ilegal encerramento dos canais de navegação internacional no estreito da Sunda em Setembro passado.

O número de incidentes provocaria nestes últimos anos um fluxo de ministros e membros governamentais australianos tentando apaziguar os indonésios. Um dos actos principais do governo de Camberra foi a formalização do acordo de exploração conjunta das riquezas do mar de Timor (gás e petróleo) celebrado em Novembro passado.

O ministro plenipotenciário do Território Norte australiano chegou ao ponto de organizar reuniões familiares de

refugiados timorenses numa das suas várias visitas à Indonésia e a Timor-Leste.

Não obstante este quadro, esta tarde, o embaixador Bill Morrison, que passa a ocupar o lugar de conselheiro para a área do Pacífico e Sudeste Asiático [para além das suas funções docentes na universidade nacional em Camberra], afirmaria perante cerca de meia centena de jornalistas políticos (entre os quais o correspondente do “Europeu”) que *"graças à sua acção as relações bilaterais haviam melhorado substancialmente nos últimos três anos"*.

Morrison deslocou-se mais de uma vez por ano a Timor-Leste. Durante uma dessas visitas em 1985 as forças nacionalistas timorenses estabeleceram contacto com ele, mas nem uma só vez esteve disposto a ofender os seus anfitriões indonésios e falar abertamente sobre as violações de direitos humanos ali verificadas. Por várias vezes também Morrison desmentiu a existência de uma força nacionalista em Timor-Leste e na Irian Jaya (Nova-Guiné, ocidental).

Na tarde de hoje interrogado por alguns dos nossos colegas do canal nacional de rádio e TV "ABC" e pelo canal multicultural "SBS" uma vez mais negou *"a existência de qualquer ameaça militar Indonésia à Austrália"* salientando que *"a importância estratégica de ambos os países favorece um cada vez maior incremento de relações amistosas, inclusive, no campo de exercícios militares conjuntos"*.

Criticando vivamente os órgãos de comunicação social pelo seu *"exagerado sensacionalismo"*, apelou a que *"os jornalistas aprendessem e compreendessem as diferenças*

culturais entre as duas nações antes de fazerem juízos de valor".

23. A ERA SUHARTO – MAIS DE VINTE SÉCULOS DE OPRESSÃO E EXPANSÃO ¹⁴⁶

SIDNEY, 09 FEV.º 89 EUROPEU) Muito se tem escrito em Portugal nos últimos 14 anos sobre a Indonésia e o seu regime mas raramente se tentou ver a era do presidente Suharto numa perspectiva histórica javanesa e secular.

Na Austrália onde existe um temor obsessivo mas secreto sobre aquele país e regime, a ignorância ainda é mais pronunciada. Adiante tentaremos dar uma imagem de como a Indonésia atingiu com Suharto o apogeu da sua história de mais de vinte séculos.

Na madrugada de 30 de Setembro de 1965, um grupo de conspiradores do exército raptaram e executaram seis generais, tomando as rédeas do poder para “*evitar um golpe de estado*” contra o presidente que havia introduzido o conceito de “*democracia guiada*”.

Em 6 de Dezembro de 1975 os tanques rolaram silenciosos com o apoio de vários batalhões para de madrugada invadirem a colónia portuguesa de Timor-Leste, depois de a administração portuguesa se ter auto-exilado na ilha do Ataúro e a Fretilin ter proclamado uma república democrática independente em 28 de Novembro desse ano. Em 17 de Julho de 1976, contra os protestos

¹⁴⁶ EUROPEU DESPACHO 42/89 09 FEVEREIRO 1989 [DIREITOS DE AUTOR PARA TODO O MUNDO CEDIDOS PARA ESTE ARTIGO AO “EUROPEU”]

de inúmeros países, Timor-Timur foi oficialmente declarada a 27ª província Indonésia.

A sua origem foi traçada desde os confins da Ásia e a sua história conhecida data desde o ano 500 aC.

A sua população excede 172 milhões, dos quais 84% professam cultos islâmicos mesclados com hinduísmo e budismo, distribuídos por mais de 13 700 ilhas.

Ao longo dos séculos foram sucessiva – e parcialmente – colonizados por chineses, mongóis, portugueses, holandeses, ingleses e franceses, os quais porém nunca conseguiram nenhum domínio vasto ou permanente.

Durante a 2ª Grande Guerra aliaram-se aos invasores japoneses para conseguirem em 1945 tornar-se independentes.

Desde o século X em diante, vários reinos e chefes tribais exerceram o seu poder a um número variável de ilhas, mas sendo incapazes de homogenia, acabariam por lutar internicinamente em Sumatra e Java, donde depois expandiam a sua influência para leste.

No campo religioso porém a homogeneidade foi mais rápida e consistente que no campo militar. Entre os séculos X e XIV vários reinos poderosos atingiram um certo grau de unidade, utilizando-se de alianças com o império chinês.

Os poderosíssimos mongóis tentaram subjugar-los em finais do século XIII, mas o seu enviado, o famoso Kublai Khan foi de tal forma humilhado que os mongóis enviariam

uma expedição punitiva para castigar os ousados javaneses.

Expulsos os mongóis, os javaneses expandiram então – sem obstáculos – a sua acção para os ricos reinos de Bali, Sumatra, Bornéu e outros mais pequenos. A sua acção expansionista não tem paralelo com nenhuma outra potência daquela época.

Pouco depois porém as grandes potências europeias (Portugal, Espanha, Holanda, França e Grã Bretanha) iniciavam o seu período de exploração, descoberta e colonização. Durante esta fase todos os colonizadores tentaram não só explorar as riquezas mas também dominar os nativos sob um controlo comum e coeso, o que não conseguiriam em nenhuma das 13 700 ilhas que hoje constituem a Indonésia.

O seu império ficou conhecido nos anais da história como as Índias orientais, e compreendia uma vasta área das Celebes às Molucas, a Bornéu, ao arquipélago das Sunda e à Nova-Guiné.

Quando os holandeses tentaram consolidar o seu poder decadente, apenas exacerbaram e precipitaram os primeiros indícios de nacionalismo, permeado de noções embriónicas de independência e acompanhado de um retorno aos padrões tradicionais do autoritarismo islâmico.

Entre 1908 e 1920 vários partidos e associações políticas foram criados sob um ideal comum de nacionalismo. Devido a tácticas divergentes e fins não conciliáveis, os dois principais grupos – islâmico e comunista – separaram-se criando violentas confrontações armadas na ilha de Java (1926) e em Sumatra (1927).

A administração colonial holandesa utilizou pesadas formas de retaliação militar para debelar os nacionalistas, quase conseguindo aniquilar por completo os partidos islâmicos e comunista.

Foi nesta fase que se formou, aquilo que viria a ser conhecido como o “clube de Bandung” (ou grupo de Bandung), e o qual era constituído por estudantes universitários e liderado por um deles, de nome Sukarno, que posteriormente viria a ser deportado por crime de sedição contra a Holanda.

Os japoneses foram inicialmente acarinhados e tratados como “libertadores” dos indonésios, mas rapidamente se tornaram em subjugadores implacáveis. Sukarno entretanto tornara-se numa formidável figura nacional, capaz de mobilizar enormes massas de javaneses sedentos de revolta.

Logo que os japoneses se renderam às forças aliadas, Sukarno proclamou a independência. Os holandeses inicialmente recusaram-se a aceitar a perda do seu vasto império colonial das índias orientais, e finalmente depois de vários confrontos armados acabariam por ratificar a independência em 1949 dos Estados Unidos da Indonésia.

As primeiras eleições apenas tiveram lugar em 1955, mas a rápida sucessão de governos interinos criaram a desilusão das massas face aos frutos da independência, o que provocou o aparecimento de movimentos dissidentes de secessão na Sumatra ocidental, Celebes do norte e noutras ilhas. Confrontado com o perigo de desagregação da Indonésia, Sukarno lançou então a sua política de

“**democracia guiada**” baseada em consenso tradicional e agrupando os principais partidos políticos.

Uma enorme revolta ocorreu em 1957 com um governo autónomo sendo decretado em Padang (Sumatra ocidental), Sukarno serviu-se da sua crescente aliança com o cada vez mais poderoso exército para aniquilar os dissidentes. Em 1959 por decreto presidencial foi institucionalizada a “**democracia guiada**” como política oficial do governo.

Nos anos seguintes, preocupado com o poderio e influência dos militares após debelarem o motim de Padang, Sukarno aproximou-se imenso do PKI (partido comunista indonésio) como forma de obter um certo equilíbrio governamental.

No campo da política externa, as grandes nações ocidentais acabariam por permitir em 1962 a anexação da Nova-Guiné Ocidental (Irian Jaya). Noutra frente de política externa os indonésios que se haviam oposto à independência da Malásia em 1963, abandonaram em protesto as Nações Unidas e o Conselho de Segurança em 1965 quando a ONU aceitou a Malásia.

Na madrugada de 30 de Setembro 1965, um grupo de conspiradores militares raptou e executou seis generais tomando controlo do país alegadamente para “*evitar um golpe de estado contra o presidente.*”

Entretanto um jovem e ambicioso general Suharto das forças de reserva militar antecipou-se numa hábil manobra aos conspiradores, assumindo o comando da nação. Subsequentemente os militares acusaram o PKI (partido

comunista) de estar por detrás da “alegada” conspiração e os comunistas diziam estar a ser vítimas de lutas internas pelo poder dentre os militares.

Nos meses que se seguiram – pelo menos – um milhão de pessoas foram executadas e assassinadas por serem simpatizantes, ou suspeitos de pertencerem aos comunistas. Este genocídio incidiu sobretudo sobre a etnia chinesa, em relação à qual ainda hoje – 24 anos mais tarde – existe um pronunciado ódio nacional. Com o PKI eliminado, Sukarno havia perdido um dos poderosos pilares do seu poder e o outro – os militares – obrigou-o a ceder extensos poderes a Suharto.

Todos os partidos foram ilegalizados e todas as actividades políticas banidas. Os comunistas ficaram sem direitos políticos até à morte, 15 ministros foram detidos e centenas de militares aprisionados sem julgamento (a maior parte seria executada ao longo dos anos, mas ainda existem umas dezenas no cativeiro 24 anos mais tarde).

Em Março de 1968 Suharto promoveu-se de presidente interino a presidente e deteve Sukarno em prisão domiciliária (onde ficaria até à sua morte em 1970). O novo presidente alterou inúmeras das decisões do seu antecessor, normalizando relações diplomáticas com a Malásia, aderindo de novo às Nações Unidas e criando uma imagem aparente de democracia.

Os órgãos de segurança e inteligência militar criados depois do golpe de estado mantiveram-se como suporte do regime autoritário que viria a dominar a Indonésia no último quarto de século.

O PNI (partido nacionalista indonésio) criado por Sukarno foi assimilado pelo Golkar um secretariado-geral dos principais partidos, que haveria de obter 236 dos 360 deputados nas eleições gerais de 1971. Pouco depois destas, houve uma “racionalização” política que apenas veria sobreviver dois partidos: o partido de desenvolvimento unido (amalgamando os quatro partidos muçulmanos) e o partido democrático indonésio agrupando os cinco partidos não muçulmanos).

Apesar destas medidas políticas em 1973 não eliminou a oposição interna ao regime, em especial nas ilhas exteriores que ressentem a centralização excessiva de poderes em Java.

Em Bandung, na própria ilha de Java registaram-se violentos confrontos em finais de 1973, culminando com manifestações anti-chinesas. Em Janeiro de 1974 estudantes em Jacarta manifestaram-se com milhares de populares contra a visita do primeiro-ministro japonês. Dentro do seio das forças armadas a luta pelo poder tem continuado até hoje, com os militares opondo-se ao vice-presidente Sudharmono.

Através de alianças, promoções, demissões, corrupção e outras formas de exercitar o seu vasto poder, Suharto consolidou de tal forma a nação Indonésia que ao fim de 24 anos no poder, a quase única forma dissidente nas 13 700 ilhas se regista em Timor-Leste e na Nova-Guiné ocidental (Irian Jaya).

A questão da sua sucessão que tem sofrido inúmeras alterações ao longo dos anos, implicou já uma redução dos poderes dos militares, que no entanto são a única

força além de Suharto a poder manter este apogeu hegemónico indonésio para o século XXI.

Embora implicitando que o seu abandono do poder está próximo, Suharto tem apenas 69 anos e o seu mandato só termina em 1993. Até lá muito pode acontecer e a Austrália embora afirmando publicamente que nada há a temer do seu vizinho do norte, permanecerá na incómoda posição de “sentir” a ameaça Indonésia sobre as suas ilhas Cocos (Keating), do Natal (Christmas) e em especial sobre a sua ex-colónia da Papua Nova-Guiné.

24. 10 FEVEREIRO 1989 O COMÉRCIO DO PORTO

25. CONFRONTOS EM SUMATRA ¹⁴⁷

SIDNEY, 12/FEV.^o 89 EUROPEU) Os confrontos que na quinta-feira passada tiveram lugar entre fundamentalistas islâmicos e forças militares em Palembang, na Sumatra do Sul, provocaram pelo menos 27 mortos e dezenas de feridos. O assunto que passou quase despercebido à comunicação social internacional, deixa mais perguntas sem resposta do que se poderá pensar numa primeira análise.

Muitos analistas têm previsto que o desencadear de conflitos religiosos na Indonésia poderia alterar toda uma política sucessória engendrada pelo general Suharto. Nos últimos quatro anos esta foi a maior manifestação anti-governamental verificada e a rapidez e eficácia da intervenção militar deixam prever que os militares não querem de forma alguma perder o comando das

147 EUROPEU DESPACHO 46/89 12 FEVEREIRO 1989

operações. Numa população com 176 milhões de almas, das quais mais de 85% são de religião islâmica, estes incidentes que foram descritos como um conflito entre militares e um grupo militante islâmico, deixam antever um vácuo cada vez maior entre governantes e governados.

Embora nada mais tenha sido noticiado desde quinta-feira, a rádio Austrália em onda curta, adiantava esta tarde que *“um recolher obrigatório se mantinha em Palembang”* cortando praticamente os contactos entre aquela cidade e o mundo exterior. De acordo com a mesma fonte, *“a situação mantinha-se tensa e decorriam negociações entre os líderes tradicionais locais e forças militares”*. O perigo de eclosão de conflitos com fundamentalistas islâmicos preocupa enormemente os países vizinhos da Indonésia, dada a possibilidade de tais confrontos extrapolarem a sua dimensão para além das fronteiras Indonésias. Para alguns analistas militares australianos este é o cenário mais temido, pois que para debelar tensões internas os militares podem decidir-se a incursões expansionistas na região (significando ataques militares à Papua Nova-Guiné ou até mesmo à Austrália).

26. TRANSCRIÇÃO ARTIGO ENVIADO EUROPEU A 14
FEVEREIRO 89

27. 16 FEVEREIRO 1989 JORNAL DE NOTÍCIAS

28. GOVERNADOR DE TIMOR-LESTE NEGA ACÇÃO DA
FRETILIN ¹⁴⁸

SIDNEY, 15 FEV.º. 89 LUSA) De acordo com um documentário radiofónico hoje transmitido pela Rádio Austrália (onda curta) o governador de Timor-Leste, Mário Viegas Carrascalão teria afirmado há dias em entrevista àquela estação que *"a alegada explosão em Díli, na passagem do ano, não fora devida a nenhum atentado guerrilheiro, mas a um mero curto-circuito eléctrico"*.

Negando a possibilidade de a Fretilin, actuar fora de Viqueque e Lospalos (na Ponta Leste do território), Carrascalão acrescentaria que *"estava chocado com as recentes alegações de que timorenses haviam sido detidos e torturados durante a visita em Julho/Agosto passado do presidente Suharto a Timor"*.

Refutando as alegações de monsenhor Carlos Belo, divulgadas em Portugal há cerca de um mês, Mário Carrascalão afirmou-se esperançado *"de que a abertura de Timor-Leste ao mundo exterior fosse possível em breve,"* não especificando porém a data daquilo que estava previsto acontecer em 1 de Janeiro passado.

De acordo ainda com a Rádio Austrália, Carrascalão negou boatos postos a circular durante a sua ausência em

Espanha e EUA, de que em breve seria substituído na liderança de Timor-Leste.

Dando especial ênfase à carta pastoral de Mons. Belo o documentário da Rádio Austrália afirmava que "estas críticas do líder católico de Timor-Leste. Eram as mais acerbas desde que fora nomeado bispo de Díli".

Outras fontes estrangeiras mencionadas, mas não identificadas pela Rádio Austrália, assinalavam que de acordo com pessoas presentes em Díli, na passagem do ano, *"as explosões não podiam ser o resultado de curto circuitos, mas apenas de explosivos"*.

Os três armazéns na zona do antigo paiol português em Taibesse teriam causado mortos e feridos cujo número não foi possível obter, embora um porta-voz da Fretilin em Darwin afirmasse *"terem perecido pelo menos 87 soldados indonésios"*.

O mesmo porta-voz, Alfredo Ferreira, afirmaria que a explosão havia impedido os indonésios de *"abrirem as portas ao mundo"*.

Para João Carrascalão, irmão do governador e dirigente da Convergência Nacionalista de Timor na Austrália, as *"explosões teriam de facto ocorrido segundo notícias de fontes independentes"*.

O seu irmão, Mário, interrogado pela rádio Austrália declararia ainda que "o movimento de santo António surgira em finais de 1983 e agrupava membros do clero local e leigos mais interessados na propagação da fé

católica do que em actos terroristas, pelo que não podiam ser autores de qualquer acto de guerrilha."

29. 18 FEV 1989 A MESMA TRANSCRITA PELO
COMÉRCIO DO PORTO

30. 19 FEVEREIRO 1989 COMÉRCIO DO PORTO

31. A MORTE DO DR. MOISÉS DO AMARAL CAUSOU
DOR NA COMUNIDADE TIMORENSE RADICADA NA
AUSTRÁLIA ¹⁴⁹

SIDNEY, 23 FEV.^o. 89 LUSA) Para João Carrascalão presidente do comité de relações externas da UDT e vice-presidente daquele grupo, *“a morte do Dr. Moisés do Amaral é uma perda gravíssima para a causa do povo de Timor-Leste quando se aproxima a oportunidade da primeira delegação parlamentar portuguesa se deslocar a Timor”*.

Segundo Carrascalão disse à Lusa, “os recentes encontros do Dr. Moisés do Amaral com João de Deus Pinheiro MNE português e com outras altas individualidades haviam estabelecido um diálogo frutuoso para os timorenses, e a sua morte surge num momento crucial e cria um vácuo difícil de preencher, no entanto os timorenses terão de continuar com a sua luta”.

Ainda segundo Carrascalão “os timorenses da Austrália enviarão o secretário-geral do partido, domingos de Oliveira para representar esta comunidade nas exéquias, e entretanto estamos já a contactar com várias

149 LUSA DESPACHO 35/89 23/2/89

personalidades com vista à imediata nomeação de um membro da UDT para desempenhar as funções que tão capazmente o Dr. Moisés desempenhava. Embora seja cedo para adiantar nomes parece numa primeira análise que o jovem Guterres reúne condições para o cargo e para as suas responsabilidades”.

Por outro lado em Darwin, o porta-voz da Fretilin, que integra com a UDT a Convergência Nacionalista, Alfredo Ferreira lamentou a morte deste líder timorense *“tão empenhado em obter o justo reconhecimento das aspirações do povo maubere junto do governo português.”*

Reafirmando à Lusa que “só unidos os timorenses vencerão “ Ferreira disse que “o progresso obtido até agora dentro da convergência tem de ser continuado, se bem que seja de lamentar a perda do Dr. Moisés do Amaral que estabelecera uma boa relação de trabalho com o Dr. Abílio Araújo, para a consecução do objectivo comum que é a independência do povo de Timor”.

32. 8 MARÇO 1989 PNA

33. 23 FEVEREIRO 1989 RDP

34. BOLETIM INFORMAÇÃO FRETILIN N.º 7, FEV.º – MARÇO 1989:

35. THE JOURNALIST, AJA (AUSTRALIAN JOURNALISTS' ASSOCIATION) FEVEREIRO 89

36. 22 FEVEREIRO 1989 COMÉRCIO DO PORTO

37. 23 FEVEREIRO 1989 COMÉRCIO DO PORTO

38. A VIDA DE UM BRANCO NA INDONÉSIA NEM VALE 400 ESCUDOS ¹⁵⁰

SIDNEY, 25 FEV.º. 89 EUROPEU) O sargento Jaffar Alwi da polícia naval indonésia foi condenado a 16 meses de cadeia e à multa de 5 mil rupias (aprox. 400 escudos) depois de ter sido absolvido da acusação de ter morto o velejador australiano David Blenkinsop em 14 de Agosto passado. O caso que veio a lume em Novembro provocou inúmeros protestos do governo trabalhista australiano, mas a sentença deparou com o mutismo do primeiro-ministro Bob Hawke. O tribunal militar indonésio, presidido pelo coronel Lieu Sudarno em Biak, Irian Jaya (Nova-Guiné ocidental) considerou que aquele sargento *“havia causado ferimentos a Blenkinsop e a sua noiva (então grávida) Joanne Mist, mas que não havia sido culpado de homicídio”*.

Os incidentes ocorreram quando Blenkinsop regressava no seu veleiro de uma estadia na Tailândia e, sendo apanhado por uma tempestade buscou abrigo junto da ilha Yapen. A polícia naval decidiu então escoltar o veleiro para Biak, e na sequência de um argumento a arma de Jaffar e de um civil que o acompanhava ter-se-iam disparado ferindo acidentalmente o australiano e a sua noiva. Blenkinsop cairia à água nunca mais tendo sido visto. As autoridades indonésias alegaram que o australiano *“era uma pessoa da mau carácter, entrando ilegalmente em território indonésio, alegadamente*

150 EUROPEU DESPACHO 65/8925 FEV.º. 89 J. CHRYS CHRYSTELLO EM SIDNEY/AUSTRÁLIA E AUSTRALIAN ASSOCIATED PRESS EM BIAK, IRIAN JAYA.

envolvido em tráfico de drogas e um provocador das autoridades”.

Os pais de Blenkinsop irão apelar da decisão, dizendo que o julgamento foi uma *“farsa”* apenas para calar os protestos australianos. O juiz considerou ainda que *“não há razão para o julgamento por homicídio – voluntário ou involuntário – visto que a única pessoa a alegar os factos de forma diferente das outras testemunhas era a noiva do velejador”.*

Assim se assassina uma pessoa de nacionalidade australiana, se fere gravemente a sua noiva grávida, pela módica quantia de 5 mil rupias (400\$00) e dezasseis meses de cadeia. Daqui fica o aviso a todos os velejadores que se aproximarem de Irian Jaya – a partir de Abril 1990 tomem cuidado com o sargento Jaffar Alwi.

39. ALATAS VISITA AUSTRÁLIA ¹⁵¹

SIDNEY, 27 Fev.^o. 89 LUSA) O MNE indonésio Ali Alatas declarou ontem à noite à Rádio Austrália que espera obter bons resultados na visita que esta quarta feira inicia à Austrália. Alatas que é o primeiro-ministro indonésio dos estrangeiros a visitar a Austrália desde 1985, declarou que *“espera melhorar as relações bilaterais no tocante a defesa, à cooperação militar”*, salientando que as relações bilaterais são hoje bastante amistosas dados *“os esforços que ambos os países têm posto numa convivência mútua”*.

Alatas que se deslocará a Sidney, Melbourne e Camberra deverá ainda discutir o problema dos pescadores ilegais

151 EUROPEU DESPACHO 63/89 27/2/89₃₂₈

que periodicamente pescam na costa australiana norte e ocidental, bem como acordos de cooperação económica e militar entre os dois países.

Por outro lado está prevista mais uma visita de timorenses a Díli no próximo mês de Abril, para efectuarem jogos amigáveis de futebol, naquilo que um porta-voz da Convergência Nacionalista classificou de *“alta traição aos interesses do povo de Timor”*. Desconhece-se ainda se os timorenses prepararão manifestações de desagrado à visita de Ali Alatas.

40. CONSULTAS BILATERAIS AUSTRÁLIA – INDONÉSIA 152

SIDNEY, 28 FEV.º. 89 EUROPEU) A Austrália e a Indonésia deverão reatar consultas bilaterais de uma forma regular, pela primeira vez em quase duas décadas *“para evitar que pequenos problemas se tornem em grandes problemas”*, declarou hoje (terça-feira) em Jacarta, o MNE indonésio, Ali Alatas à sua partida para uma visita oficial à Austrália.

Durante a sua visita de quatro dias a Sidney, Camberra e Melbourne, Alatas irá *“investigar meios práticos de melhorar as delicadas relações entre as duas nações vizinhas”*. Esta é a primeira visita de um ministro dos estrangeiros indonésio à Austrália, desde que o conceituado jornal diário *“The Sidney Morning Herald”* publicou em 1986 um extenso artigo de fundo expondo a corrupção do regime e da família Suharto. Esse artigo

152 EUROPEU DESPACHO 65/89 28 FEV.º. 89 [NOTA VER ARTIGO SEPARADO EM ECONOMIA E NEGÓCIOS, EM SEPARADO SOB O N.º 66/89 DESTA DATA].

resultaria numa imediata proibição à presença na Indonésia de jornalistas australianos, e o governo de Camberra considera esta visita vital para reparar os conturbados laços bilaterais. Os contactos regulares entre os dois países foram interrompidos no início da década de 70, embora muitos progressos tenham sido feitos relativamente à exploração conjunta das riquezas do mar de Timor.

Alatas descreveu as relações entre os dois povos como “muito boas”, mas criticou aquilo que descreveu como *“uma campanha em sectores da comunicação social australiana para vilificar a Indonésia. Quando as primeiras páginas dos jornais da Austrália [Novembro 88] acusavam os bárbaros indonésios de terem chacinado duzentas crianças [em Timor-Leste], a pergunta que pomos a nós mesmos, como é que eles australianos nos vêem a nós”* acrescentou Ali Alatas, referindo-se às acusações no jornal “The Sidney Morning Herald” relativos às continuadas violações de direitos humanos em Timor-Leste.

“Nós não queremos elogios da Austrália, mas por vezes os factos são totalmente distorcidos, por aqueles que nós pensamos estão de facto a efectuar uma campanha contra nós”, adiantou Alatas.

Durante a sua visita Ali Alatas disse que iria tentar saber *“quem está por detrás desta campanha, que não podemos ignorar, pois a comunicação social australiana criou uma imagem e influencia as opiniões contra a Indonésia”.*

Os meios de comunicação social continuam uma fonte de suspeita e de desconfiança no âmbito das relações

bilaterais, mas Alatas foi mais longe ao afirmar que *"as diferenças culturais entre a Indonésia e a Austrália são responsáveis por grande parte das tensões existentes entre ambos os países. Muitas vezes, os australianos, julgam-nos utilizando os seus próprios padrões, esquecendo tais diferenças culturais, e o que pretendemos é que exista uma maior sensibilidade para as nossas diferenças, e uma maior boa vontade para entender a política de desenvolvimento e a própria política interna em termos indonésios e da nossa cultura"*, adiantou Alatas.

Se bem que uma das prioridades do ministro dos estrangeiros indonésio (desde que tomou posse no ano passado) tenha sido a melhoria das relações esta é também prioritária para o seu homólogo australiano, senador Gareth Evans que pretende *"despolitizar esse relacionamento bilateral e promover assuntos práticos tais como relações comerciais e de intercâmbio"*.

Durante a sua estadia na Austrália até ao fim desta semana, Ali Alatas avistar-se-á com o senador Evans, ministros, jornalistas e académicos, esperando ter a oportunidade de se avistar com o primeiro-ministro Bob Hawke para discutir algumas recentes iniciativas australianas para a cooperação económica regional, embora se saiba que a Indonésia se opõe à constituição de blocos comerciais rígidos

41. NOVO EMBAIXADOR AUSTRALIANO REÚNE COM COMUNIDADE PORTUGUESA – PARTE I – ¹⁵³

27/02/89 Um novo embaixador australiano está prestes a partir para Lisboa e resolveu auscultar a comunidade portuguesa aqui radicada. Deslocou-se a Sidney na segunda-feira dia 27 onde pensava ir ter um encontro com dezenas de representantes dos cerca de 25 mil portugueses radicados neste estado de Nova Gales do Sul. Os resultados porém foram desanimadores pois só estavam três pessoas à sua espera.

Uma segunda parte da reunião estava reservada aos representantes da comunidade timorense, que a Austrália insiste em tratar como distinta da portuguesa. Nesta, duas pessoas estiveram presentes. Se não fosse o correspondente do “Europeu”, o novo embaixador designado, Stuart Hughes, quase não teria tido reunião nenhuma. Para além dos pontos focados na reunião, é mais importante saber como é que tão importante encontro pode deparar com a ausência de membros da comunidade. Sim, porque o “Europeu” estava lá a convite de um dos participantes, o Sr. José Firmino Belo, activo presidente do conselho das comunidades portuguesas na Austrália.

Afinal desta vez, a apatia, tão típica para nos servirmos dela como desculpa não era culpada, mas sim as entidades portuguesas que haviam sido contactadas pelo ministério dos estrangeiros australianos para organizarem a reunião. Desta vez, nem o cônsul geral Dr. Alexandre Vassalo, nem o embaixador Dr. José Luís Gomes sabiam dela. O contacto fora feito para o Sr. Eduardo Oliveira, digno representante da secretaria de estado da imigração neste país, adstrito ao consulado geral de Portugal em Sidney, com a categoria de cônsul que havia de facto sido

informado da reunião e oferecera dois ou três nomes que em sua opinião deveriam estar presentes à mesma.

“*Esqueceu-se*” dos representantes dos órgãos de comunicação social locais (bons ou maus para o caso não importa), esqueceu-se do correspondente do “Europeu”, do representante da agência noticiosa “Lusa”, do representante da “RDP”, do porta-voz da comunidade timorense e líder da Convergência Democrática de Timor (João Carrascalão), esqueceu-se do representante da “Fretilin”, e esqueceu-se de clubes e associações, para além de membros destacados da comunidade que pertencem a vários departamentos e ministérios governamentais e diariamente lidam com portugueses e novos imigrados.

Chamemos-lhe um “*esquecimento*”, e se errar todos o fazem quem ficou a perder com isto foi não só a comunidade portuguesa e timorense mas Portugal. Isto deu ao senhor embaixador uma boa ideia de como lidar connosco. Decerto estará agora a pensar para que se deslocou a Sidney para falar com quatro pessoas. Se bem que durante os dois encontros tenham sido levantados problemas altamente pertinentes relativos à comunidade portuguesa e timorense, a oportunidade de dialogar foi perdida.

Repita-se que estávamos lá a convite de um dos participantes. Se por um lado, o consulado e a embaixada estão dinamicamente empenhados em mudar a triste imagem que temos neste país, e de facto têm tomado inúmeras iniciativas destinadas a combater tal imagem, hoje perdeu-se imenso em termos de oportunidade. Sabemos que alguns sectores da comunidade se queixam imenso da falta de apoio que o país e seus governantes

dão aos que para aqui imigraram, e se tal queixa não pode ser extensiva nem ao cônsul geral nem ao embaixador, decerto ela hoje ficou reforçada pelos “esquecimentos” do Sr. Eduardo de Oliveira. Claro que há sempre um amanhã e esperemos que cenas tristes destas se não repitam, pois não dignificam nem a comunidade de gente honesta e trabalhadora, nem a imagem do país que queremos manter.

Ah! Já me esquecia falou-se dos problemas dos imigrantes que aqui chegam com informações deficientes – quando não erradas – relativas ao país, falou-se da necessidade de criar um serviço de apoio ao imigrante antes de ele partir para cá e de saber que género de auxílios pode obter. Falou-se ainda da revolta dos timorenses perante o recente acordo de exploração conjunta das riquezas do mar de Timor (e do “Timor Gap”) e das dificuldades que encontram para imigrarem para cá. Mas havia tanta coisa de que falar se ao menos tivéssemos tido uma reunião com uma larga representação dos vastos sectores comunitários....

42. 1 MARÇO 1989 RDP

43. 2 MARÇO 1989 RDP

44. NOVO EMBAIXADOR AUSTRALIANO – PARTE II – ¹⁵⁴

SIDNEY, 03/03/89 EUROPEU) O novo embaixador da Austrália em Portugal Stuart Hughes teve na passada segunda feira um encontro com representantes da comunidade portuguesa aqui radicada, conforme o “Europeu” noticiou em 27/2/89¹⁵⁵. Dentre as suas afirmações naquela data constava uma de que a sua posição era a *“de implementar a política do governo de Camberra e que o problema de Timor-Leste havia sido criado por Portugal e que devia ser Portugal a tratar dos problemas dos timorenses”*.

O embaixador através do gabinete de relações públicas do ministério dos estrangeiros havia prometido uma entrevista ao correspondente do “Europeu” antes da sua partida. Terça-feira de manhã o senhor embaixador partiu, *“esquecendo-se”* da entrevista. Consultado de novo o MNE australiano, ficamos a aguardar uma resposta o que até hoje – quatro dias passados – não sucedeu.

Entretanto fontes várias, próximas do MNE português mostraram-se deveras preocupadas com as afirmações do embaixador relativamente a Timor-Leste, estabelecendo contacto com as autoridades diplomáticas e consulares aqui acreditadas. Para evitar mal entendidos ou pressagiar um mau início da sua carreira em Lisboa, o que de forma alguma se pretende, cumpre ao “Europeu”,

154 EUROPEU DESPACHO 69/89 03/03/89

155 EUROPEU DESPACHO 64/89

clarificar o contexto em que aquelas foram feitas. Aquela resposta surgiu na sequência duma pergunta da assistente social Rosângela Aranibar, de origem brasileira, trabalhadora junto da comunidade timorense em Sidney.

Aquela trabalhadora havia sido indicada pelo senhor delegado da secretaria de estado da imigração para representar os timorenses na reunião... o que no mínimo se poderá considerar insólito. Felizmente à última hora o “Europeu” pediu a João Carrascalão da Convergência Nacionalista de Timor que se fizesse representar para um “bate papo” com o embaixador. A pergunta de Rosângela teria sido *"que é que a Austrália poderá fazer para auxiliar os timorenses que ainda estão em Lisboa para emigrarem para a Austrália?"*

A resposta é a que acima transcrevemos. Não cremos que possa ter sido mencionada fora de contexto, mas para evitar que o novo embaixador tenha problemas aqui repetimos o texto original da notícia divulgada em Portugal:

"O problema dos timorenses foi debatido na segunda hora da reunião, à qual esteve presente João Carrascalão da Convergência Nacionalista.

Nesta reunião foi reafirmado que:

"Os timorenses são ainda portugueses e dão todo o apoio a iniciativas do governo de Lisboa para resolver o seu problema, negando-se a aceitar a legitimidade dos acordos da Austrália e Indonésia para a

exploração do “Timor Gap” e esperando um maior apoio da Austrália para a solução do seu problema”.

Em relação a este ponto o embaixador declarou que a sua posição era a “de implementar a política do governo de Camberra e que o problema de Timor-Leste havia sido criado por Portugal e que devia ser Portugal a tratar dos problemas dos timorenses”.

45. A INVASÃO DA AUSTRÁLIA PELA INDONÉSIA NECESSITA APENAS DE METADE DOS HOMENS NECESSÁRIOS PARA INVADIR TIMOR-LESTE ¹⁵⁶

SIDNEY, 03/03/89 EUROPEU) Enquanto Ali Alatas MNE indonésio encantava a comunicação social australiana e o governo trabalhista de Bob Hawke, uma equipa do conceituado programa de assuntos de interesse público "Page One" transmitia ontem um excelente documentário sobre a defesa da Austrália.

Naquele documentário focado na península de Arnhem, no Território Norte australiano encontra-se localizada a única força de defesa contra uma invasão do norte. Sigamos o teor do documentário para nos apercebermos bem do porquê desta fobia, deste medo não declarado e mantido ao mais alto nível do secretismo pelos responsáveis da defesa australiana, face a uma ameaça indonésia. Arnhem é uma das zonas mais remotas da Austrália e situa-se mais a norte do que qualquer outra zona deste continente, à parte, claro a Indonésia. Trata-se de uma zona virtualmente desabitada. A menos que alguém vá até Arnhem Land é difícil imaginar como a

Austrália está vulnerável a ataques externos. Se o impensável um dia acontecer – uma invasão – as tropas que aqui estão serão as primeiras a saber.

Elas são os olhos e os ouvidos da defesa australiana, e fazem parte da “NORFORCE”, o comando de defesa do norte da Austrália. Elas são aqui no meio desta terra de ninguém, um elo vital na cadeia de defesa. Das suas actividades fazem parte, claro a tarefa de vigilância costeira, capaz de detectar sem ser detectado, em zonas onde a sobrevivência não tem ligação com quaisquer cadeias de comando logístico, e onde no mínimo se passam três semanas sem ter acesso a rações frescas. Os exercícios regulares durando 3 ou 4 semanas que estas tropas fazem iniciam-se com rações para um dia, ao fim de duas semanas estas são as semanas mais duras que qualquer soldado australiano alguma vez enfrentará. A sobrevivência é feita através do recurso à natureza, e se não fosse a presença nesta força permanente de cerca de 100 soldados aborígenes, decerto eles não sobreviveriam ao exercício.

Os aborígenes conhecem esta vastíssima área melhor do que ninguém, ou não a tivessem habitado por mais de 40 mil anos. No entanto, mesmo com a presença dos aborígenes, a "NORFORCE" em caso de ataque seria tão efectiva como um pelotão de escuteiros mirins. O seu próprio comandante, o ex-coronel Reg Whitehead é o primeiro a afirmar *"para acções de reconhecimento, ou para enfrentarmos pequenas forças de desembarque até 30 ou 40 pessoas somos capazes de ter uma acção eficaz e imediata, mas para nos defrontarmos com uma força móvel de 5 mil tropas, duvido que fôssemos capazes de os confrontar"*.

Reg Whitehead sabe bem com a sua vasta experiência, o que o exército pode ou não fazer e ajudou a planejar uma estratégia contra tais ataques. O que o assusta a ele, e a outros peritos militares é uma simples realidade geográfica: *“demasiado terreno e falta de gente”*. Trata-se de todo o Território Norte australiano e parte da Austrália Ocidental, dois milhões de quilómetros quadrados, ou seja aproximadamente a mesma área que a Indonésia... com cerca de 200 milhões de habitantes.

P: Quantos milhares de soldados tem a Austrália protegendo esta área, que é a área mais vulnerável de toda a Austrália?

R: Apenas 400 soldados dos quais a maior parte em regime de part-time.

O medo de uma invasão do norte tem sido uma constante da vida australiana desde que os japoneses bombardearam Darwin em 1942. Mas hoje em dia está fora de moda e é até perigoso, manifestar este temor em público ou mesmo escrever sobre ele. A defesa deste continente deixou de estar na agenda política do governo.

Diz Reg Whitehead: *“basta lançar um ataque aéreo a Darwin e esta parte do país fica isolada, depois é só utilizar as infra estruturas, um porto de águas profundas e um aeroporto para garantir forças de apoio à invasão e eu não acredito que pudéssemos ser suficientemente rápidos para os repelir”*. A resposta australiana, numa eventualidade destas seria mobilizar forças terrestres, navais e aéreas localizadas no Sul.

A "NORFORCE" pode comunicar dados sobre as forças invasoras, capacidade de armamento, localização e quantidade, mas não é uma força de combate directo. Trata-se mais de uma força de espionagem e vigilância. Dentre os problemas que as tropas enfrentam, contam-se todas as formas de dermatose e outras doenças próprias de climas quentes, tropicais e húmidos, o que por vezes pode imobilizar totalmente os mais preparados combatentes. Muitas vezes, as tropas no decurso das suas patrulhas têm de passar 24 ou 36 horas sem alimentos.

Aqui onde a alimentação não é digna de constar de nenhum hotel que se preze, as tropas têm um lema: "*tudo o que mexer é comestível*" seja *goanna* (uma espécie local de iguana) ou *catatua*. Encontrar comida pode ser muito mais difícil do que algum pode imaginar, especialmente quando há "inimigos" na sombra com sete metros de comprimento e sem bons modos de comer à mesa (os crocodilos). Para além de ser difícil arranjar comida, pode-se terminar o dia sendo-se comido... o que convenhamos não é de si mesmo aliciante. Um aborígine depois de passado a vau mais um regato cheio de crocodilos, diz para pararem e perante aquilo que todos julgariam ser uma palmeira, extrai com a sua *catana* o miolo da palmeira, uma substância visualmente pouco apetecível, mas nutriente e refrescante. Mais adiante, é a vez de comer os "camarões"¹⁵⁷ aborígenes, uma especialidade de verme que cresce dentro da casca de alguns tipos de acácia.

O mais importante porém é que se a Indonésia alguma vez decidir invadir a Austrália apenas precisará de cerca de cinco mil homens, ou seja menos de metade do que necessitaram em Timor-Leste para tomar conta do Território Norte e parte da Austrália Ocidental, ou seja uma área igual à das suas 13700 ilhas... Mas em Camberra os políticos pensam que o melhor a fazer é enterrar a cabeça na areia como a avestruz e pensar que isto nunca irá acontecer. Porque se acontecer, existem apenas 400 homens, a maior parte deles em regime militar a tempo parcial, dos quais apenas 100 podem sobreviver na região e esses são aborígenes.

46. 3 MARÇO 1989 RDP

47. 5 MARÇO 1989 THE GUARDIAN FALA DA
PRETENSÃO ABERTURA DE TIMOR

48. 6 MARÇO 1989 RDP

49. A POLÉMICA BIOGRAFIA DE SUHARTO ¹⁵⁸

SIDNEY, 07/03/89 EUROPEU) Em Jacarta o livro que está a dominar as atenções gerais na Indonésia não é o controverso livro de Salman Rushdie "Os Versos Satânicos", mas sim a biografia do presidente Suharto que ainda não foi publicada. O presidente, um dos mais duradouros líderes mundiais decidiu não aguardar pela sua reforma para publicar as suas memórias, tendo nas últimas semanas sido publicados extractos daquelas os quais causaram enorme polémica, em especial entre as forças armadas Indonésias.

Inicialmente previsto para sair a público na última semana de Fevereiro, notícias que ora nos chegam de Jacarta dão conta da não publicação do mesmo, que está a cargo da filha de Suharto. Observadores da cena Indonésia interrogam-se se não teria havido pressões internas do próprio regime para explicar este atraso.

Dentre as notas mais curiosas dos extractos já publicados daquele livro de 544 páginas intitulado *"pensamentos, ditos e feitos"*, um dos mais reveladores diz respeito à admissão do presidente de que *"os misteriosos assassinatos ocorridos entre 1982 e 1985 foram de facto uma campanha governamental para extirpar a nação de elementos criminosos"*. Segundo aqueles extractos os corpos baleados que serviram de alvo a forças militares e policiais destinavam-se a servir de *"exemplo"* – uma espécie de terapia de choque contra aqueles elementos criminosos que actuavam – segundo o livro – *"para além de qualquer sentido humano"*.

De acordo com alguns diplomatas acreditados em Jacarta, citados pela fonte Indonésia a que o "Europeu" teve acesso alguns sectores militares teriam achado *"desnecessárias as revelações"*. O ministério dos estrangeiros entretanto (e isto passou-se quando o ministro Ali Alatas se encontrava na passada semana em visita oficial à Austrália) emitiu um desmentido destinado àquelas entidades diplomáticas no qual se afirmava que *"os extractos que eles tinham lido provinham de publicações ilegais"*.

A pergunta que se pode por, para além de saber quando é que o livro irá ser publicado, será porque é que Suharto,

que muitas vezes tem sido apontado como um déspota, uma espécie de monarca absoluto que raras vezes afirma em público aquilo que pensa ou sente, se teria decidido a publicar uma autobiografia?

50. 8 MARÇO 1989 RDP

51. AINDA O NOVO EMBAIXADOR AUSTRALIANO ¹⁵⁹

SIDNEY, 09/03/89 EUROPEU) O novo embaixador da Austrália em Portugal Stuart Hume teve na passada semana um encontro com representantes da comunidade portuguesa aqui radicada. O “Europeu” pediu a João Carrascalão da Convergência Nacionalista de Timor que se avistasse com o embaixador, durante o seu encontro com a comunidade portuguesa.

Dentre as afirmações do Sr. Stuart Hume sobressaía uma de que *“a sua posição era a de implementar a política do governo de Camberra e que o problema de Timor-Leste havia sido criado por Portugal e que devia ser Portugal a tratar dos problemas dos timorenses”*.

O “DN” na sua edição de 7/3/89 a páginas 3 declara que *“as afirmações atribuídas ao novo embaixador da Austrália em Lisboa, Stuart Hume, segundo as quais o diplomata teria responsabilizado Portugal pela questão de Timor-Leste”*, segundo o “DN” apurou por canais oficiais foram desmentidas. *“Fonte oficial (de que país?) garantiu ao “DN” que Stuart Hume não emitiu aquela declaração”*. O “Europeu” através do seu correspondente na Austrália confirma que aquela resposta do Sr. Embaixador surgiu

na sequência dum pergunta da assistente social Rosângela Aranibar, de origem brasileira, trabalhadora junto da comunidade timorense em Sidney.

À pergunta de Rosângela *"que é que a Austrália poderá fazer para auxiliar os timorenses que ainda estão em Lisboa para emigrarem para a Austrália?"* o senhor embaixador Hume respondeu que *"a sua posição era a de implementar a política do governo de Camberra e que o problema de Timor-Leste havia sido criado por Portugal e que devia ser Portugal a tratar dos problemas dos timorenses"*.

O problema dos timorenses havia sido debatido na segunda hora da reunião à qual esteve presente João Carrascalão da Convergência Nacionalista que reafirmou que *"os timorenses são ainda portugueses e dão todo o apoio a iniciativas do governo de Lisboa para resolver o seu problema, negando-se a aceitar a legitimidade dos acordos da Austrália e Indonésia para a exploração do "Timor Gap" e esperando um maior apoio da Austrália para a solução do seu problema"*.

Em contacto com o embaixador português em Camberra o "Europeu" esclareceu o conteúdo das afirmações de Stuart Hume e o contexto em que elas foram proferidas. João Carrascalão, contactado há momentos para confirmação das afirmações que lhe foram prestadas pelo embaixador, manteve que as mesmas tiveram lugar face à pergunta da assistente social brasileira, e que *"as mesmas diziam respeito de uma forma geral ao problema de Timor"*.

José Ramos-Horta que concedeu entrevista ao “DN” sobre o assunto na véspera da sua partida para a Austrália, onde já se encontra, manifestou hoje ao “Europeu” o seu desagrado pelas mesmas. O “Europeu”¹⁶⁰ detém transcrição de uma gravação áudio na qual João Carrascalão confirma as afirmações do Sr. Embaixador e afirma ter dado conta ao consulado geral de Portugal em Sidney do conteúdo da notícia.

52. 13/3/1989 DESPACHO LUSA PUBLICADO N’ O PORTUGUÊS, SIDNEY E REPUBLICADO NO BOLETIM DE INFORMAÇÃO DA FRETILIN MARÇO – ABRIL 89

53. 9 MARÇO 1989 RDP

54. TIMORENSES MOSTRAM-SE SURPREENDIDOS COM VISITA PARLAMENTAR BRITÂNICA ¹⁶¹

SIDNEY, 14/03/89 EUROPEU) A reacção dos líderes comunitários timorenses na Austrália, foi de incredulidade face às declarações prestadas pelos parlamentares britânicos que ontem terminaram uma visita oficial a Timor-Leste. Uma delegação de sete deputados britânicos terminou ontem uma visita de uma semana a Timor-Leste durante a qual lhes foi concedido acesso à prisão da Comarca em Díli onde puderam trocar impressões com prisioneiros ali detidos. De momento desconhecem-se mais detalhes sobre a visita, a forma como os prisioneiros foram interrogados, se na realidade eram timorenses, ou

160 PS = O ASSUNTO ESTÁ QUENTE, FUI SUSPENSO PELA LUSA (MAS O EUROPEU NÃO PODE NOTICIÁ-LO) PORQUE O “DN” EXIGIU A INSTAURAÇÃO DE UM INQUÉRITO À NOTÍCIA “FALSA” VEICULADA PELA “LUSA”... PARA MAIS INFORMAÇÕES TELEFONEM-ME JÁ [3 DA MATINA]

161 EUROPEU DESPACHO 87/89 14/03/89

quem serviu de intérprete. De acordo com notícias hoje obtidas junto da capital Indonésia, aquela delegação ter-se-ia avistado com dezenas dos detidos na prisão política da Comarca, os quais teriam afirmado que *"foram torturados, espancados, submetidos a choques eléctricos até 1987, mas que desde então até agora não mais se verificaram torturas"*.

Anne Clywd declarou em Jacarta, à sua chegada de Díli, *"ter-se mostrado surpreendida com a boa vontade dos indonésios em deixá-los visitar a prisão"*. A maior parte dos prisioneiros que ali se encontravam, acrescentou Anne Clywd, *"eram acusados de pertencerem à Fretilin que se opõe à colonização Indonésia"*. De acordo com as mesmas fontes as guerrilhas oscilam entre 500 e 1000 homens, o que contraria recentes estimativas Indonésias que declaravam que o potencial das guerrilhas não excederia os 300 homens, famintos, mais vocacionados para a prática do banditismo do que a guerra de guerrilha.

José Ramos-Horta que há dias se radicou na Austrália e João Carrascalão declararam esta noite ao "Europeu" que *"as declarações da delegação parlamentar britânica não surpreendem. Se a situação em Díli pode ter melhorado graças à acção de Portugal e de organismos internacionais tais como a Amnistia Int'l, a verdade porém é que as notícias que nos continuam a chegar de Timor confirmam que as torturas se mantêm em vários outros pontos do território, aonde normalmente não chegam missões internacionais."*

A propósito convirá acrescentar que a prisão da Comarca nem sequer é já a maior de Díli, dado existir outra em Fatohai, nos arrabaldes orientais de Díli muito maior. Para

aqueles dirigentes da Convergência Nacionalista de Timor-Leste *"se por um lado é louvável que a Indonésia tenha facilitado o acesso à prisão da Comarca, certo é que as torturas indiscriminadas se mantêm contra o povo de Timor e que por a situação aparentar ser melhor agora na Comarca, isso não significa que no resto do território a situação se tenha alterado"*.

55. 14 MARÇO 1989: A NOTÍCIA VISTA PELO THE AUSTRALIAN

56. ARTIGO 93/89 ENVIADO PARA O EUROPEU COM BASE EM THE EYE ABR-MAI 89

57. SUNDAY TERRITORIAN (DARWIN) 26 MARÇO 1989

58. FUTEBOL EM TIMOR ¹⁶²

SIDNEY, 04/04/89 EUROPEU) De acordo com notícias a que o "Europeu" teve acesso em Darwin, parte amanhã (dia 5) para Díli, uma equipa de futebol constituída por timorenses. A visita que havia sido anunciada em Novembro passado tem o beneplácito do governo liberal do Território Norte australiano e do governo de Jacarta.

A ida de uma equipa de futebol timorense era de há muito esperada, não obstante as inúmeras vozes discordantes na comunidade timorense radicada na Austrália, e fica a dever-se em parte a Fernando Mascarenhas Inglês e Jorge Soares, em colaboração com Mariano Lopes da Cruz (chefe dos serviços de propaganda e informação Indonésia em Timor-Leste e ... dos escoteiros)

A família Mascarenhas Inglês foi considerada como “**traidora**” à causa de Timor-Leste pelos elementos da Convergência Nacionalista (UDT e Fretilin) por terem aceite em Novembro passado, o convite indonésio de se deslocarem a Díli, para depois servirem a contra propaganda Indonésia, contando “*as maravilhas da vida em Timor*”.

A acompanhar a equipa de futebol irão dois elementos da direcção do Portuguese & Timorese Social Club (de Darwin): Francisco Mouzinho e Victor Godinho, que têm utilizado o clube para propaganda pró-indonésia, o qual em muitos casos beneficia de apoios financeiros do partido conservador no poder no Território Norte australiano... e o qual através do seu Premier tem implementado inúmeros laços comerciais com a Indonésia e organizado reuniões de timorenses interessados a deslocarem-se a Díli...

O mesmo “Premier” Marshall Perron passou em Novembro último quatro dias em Timor-Leste, acompanhado de jornalistas australianos que deram óptima cobertura à sua visita “guiada”. O rápido crescimento económico do Território Norte, o facto de ser controlado pela oposição federal australiana (o que evita que o governo de Camberra autorize a sua “promoção” a Estado Federal) e os interesses comerciais comuns que sempre manteve com a Indonésia em geral e Timor em particular, ajudarão a entender a actual política de Marshall Perron.

Depois de repetidas vezes ter afirmado a sua frontal oposição às forças nacionalistas da Fretilin que naquele território têm milhares de simpatizantes, o governo local empenhou-se em através de uma bem orquestrada

campanha com o apoio indonésio em obter autorizações especiais para personalidades timorenses interessadas em deslocarem-se a Díli. A corrente deslocação da equipa de futebol timorense, é disso um exemplo flagrante, estando porém prevista uma mais ambiciosa deslocação da equipa oficial de futebol do território, abarcando uma comitiva de 56 pessoas e a qual irá jogar a Kupang (Cupão, capital de Timor Ocidental) e a Díli no próximo mês de Junho.

59. 31 MARÇO 1989 RDP

60. COMUNICADO DA FRETILIN

61. 7 ABRIL 1989 RDP

62. 8 ABRIL 1989 RDP

63. 10 ABRIL 89 RDP

64. TIMOR E AUSTRÁLIA ¹⁶³

SIDNEY, 10/4/89 EUROPEU) O representante da convergência democrática timorense (Fretilin) em Darwin, Alfredo Ferreira informou hoje o “Europeu” de que neste fim-de-semana a campanha anti Timor no Território Norte australiano, se tinha intensificado.

De acordo com as mesmas fontes, o senador conservador do partido nacionalista Grant Tambling acusou o governo federal de ter proporcionado fundos para as comunidades timorenses, acusando estas de terem feito manifestações

163 EUROPEU DESPACHO 96/89 10/4/ 89₃₄₉

no aeroporto à partida de uma equipa de futebol timorense para Díli, e de terem implantado bombas nalguns edifícios citadinos de Darwin.

As acusações que foram veementemente negadas por Alfredo Ferreira estão a ser alvo de um inquérito por parte do ministro da justiça, senador Tate. Aquele senador do Território Norte acusou ainda os timorenses de se aproveitarem das benévolas leis australianas para se tornarem cidadãos e de serem apenas um grupo de fanáticos obcecados pelo seu ódio contra a Indonésia.

Entretanto em Sidney, João Carrascalão da Convergência Democrática Timorense (UDT) negou a autenticidade dos factos alegando que os membros da *“equipa de futebol que se desloca a Díli é considerada traidora pela maioria da comunidade timorense aqui radicada”*.

Ramos-Horta (Fretilin) afirmou ao “Europeu” que *“esta visita só serve os interesses da Indonésia.”*

Entretanto a marinha real australiana apreendeu ontem mais seis barcos de pesca indonésios apanhados a pescar em águas territoriais australianas. Os pescadores, em mau estado e infestados de baratas e ratos são acusados de pescarem ilicitamente em águas australianas, de utilizarem navios não legais para a pesca e de terem apanhado peixe dentro dos limites territoriais australianos.

Pescando com redes de uma extensão superior a dois quilómetros, os indonésios estavam a tentar obter barbatanas de tubarão avaliadas em 200 dólares o quilo (25000 escudos) e capazes de representarem o

vencimento anual da maior dos pescadores. A tripulação constituída por Papuas de Irian Jaya (Nova-Guiné ocidental) oscilava entre os 8 e os 20 em cada barco...

Gary Caldow da real marinha australiana declarou ao “Europeu” que a apreensão dos barcos se deveu mais a um acto de sorte do que a um plano australiano, dadas as limitações de pessoal e de meios com que a marinha se debate. Aqueles pesqueiros serão desinfestados e se não houver compradores serão queimados pela marinha.

Relativamente à visita de João Paulo II a Díli em 13 de Outubro próximo, a Convergência Timorense está a tentar incluir o correspondente do “Europeu” na lista das personalidades autorizadas a visitar a ex-colónia portuguesa, ao mesmo tempo que continua a manifestar o seu desagrado pela inépcia do ministério dos estrangeiros de Lisboa face às declarações do novo embaixador australiano em Lisboa, Stuart Hume, relativamente a Timor-Leste, aquando da sua partida.

Carrascalão e Ramos-Horta – ambos da Convergência Nacionalista timorense – são da opinião de que o governo português deveria ter agido mais severamente face às suas declarações em Sidney de que *“o problema dos timorenses é um problema de Portugal”*. Sabe-se entretanto que várias formas de pressão têm sido exercidas por diversas fontes portuguesas para tentar despoletar o caso.

Pat Walsh do ACFOA (Australian Council for Overseas Aid) que esteve em Genebra na semana passada semana declarou ao “Europeu” que aquelas declarações do novo embaixador haviam surpreendido fontes diplomáticas

naquela cidade suíça e que aguardava uma tomada de posição oficial antes de se pronunciar sobre o acontecimento.

Pat Walsh no seu regresso passou por Jacarta onde se avistou com os três estudantes timorenses ainda ali detidos, depois de Abílio Sereno ter “escapado” em Março passado, e onde lhe foi possível obter diversas informações de valor relativamente a Timor-Leste.

65. 11 ABRIL 89 RDP RÁDIO COMERCIAL

66. NOVAS DESCOBERTAS DE PETRÓLEO NO MAR DE TIMOR¹⁶⁴

66.1. A EXPLORAÇÃO

SIDNEY, 14/4/89 EUROPEU) A exploração de petróleo no mar de Timor agitou hoje as páginas económicas dos “mass média” australianos, com a divulgação de duas novas importantes jazidas na região.

A maior empresa australiana “BHP” anunciou que estava a obter uma produção diária de 9 600 barris na zona denominada “Jabiru 8 B”. Ao mesmo tempo indicava que outra das principais áreas de exploração no mar de Timor, a “Challis” tinha uma coluna de petróleo de 77 metros, ou seja a maior até hoje obtida na região.

Estas notícias reafirmam as potencialidades da zona abrangida pelos acordos entre a Austrália e a Indonésia em Setembro passado, e dão valor às perspectivas de a

164 EUROPEU DESPACHO 100/89 14/4/89 EXCLUSIVO “EUROPEU”

região vir a resolver o problema da redução das reservas de petróleo australianas.

As jazidas “Challis” até hoje provaram ser ricas em sete dos oito pontos de exploração, ao passo que as jazidas Jabiru provaram ter enormes reservas em cada um dos oito pontos de exploração. O custo deste investimento orça para a zona “Challis” em mais de 230 milhões de dólares (28 750 000 000\$00 Esc.) tendo uma capacidade de produção de 65 mil barris/dia. A zona Jabiru que já produz 42 mil barris/dia representa neste momento dez por cento (10%) da produção total australianas.

Os segredos da riqueza das jazidas do mar de Timor – cuidadosamente mantidos pela BHP, Santos e outras companhias petrolíferas só agora começam a ser revelados dado estarem integrados na zona de exploração australianas.

Os especialistas continuam a acreditar que um máximo de 1 bilião de barris de petróleo pode existir na região, com um adicional de sete biliões na zona denominada “Timor Gap”. A euforia oficial e a dos investidores petrolíferos em relação aos recentes acordos de exploração das riquezas do mar de Timor não devem obscurecer os potenciais problemas nos campos legal, técnico e do meio ambiente.

Se por um lado o acordo resolveu alguns problemas para a Austrália, decerto criou outros deveras imprevisíveis. Os acordos terão por efeito obrigar Portugal a reafirmar o estatuto de potência administradora, sob risco de vir a ser totalmente posto de parte no futuro se não o fizer. As fronteiras marítimas entre a Austrália e a Indonésia foram estabelecidas num acordo em 18 de Maio 1971, que fixou

a fronteira no mar de Arafura, e no acordo de 9 de Outubro 1972, ambos ratificados em Novembro 73.

A fronteira não era uma linha equidistante entre os dois países, mas antes um compromisso entre a posição Indonésia que mantém a existência de uma única plataforma marinha entre os dois países e a posição australiana que dizia haver duas plataformas, sendo a australiana uma plataforma profunda de mais de 3 km de profundidade nalguns pontos orientada de leste para oeste.

A área conhecida como "Timor Gap" foi negociada entre a Austrália e Portugal em 1971-1972, quando Timor-Leste não era ainda um problema para Portugal, que aguardava as conclusões sobre a 3ª conferência das Nações Unidas sobre as leis dos mares. A Austrália ficou favorecida ao reter cerca de 70% do subsolo marítimo entre os dois países, talvez por a Indonésia não se ter apercebido do potencial da área.

66.2. A LEI DO MAR

A 1ª conferência da ONU relativa à Lei do Mar em 1958, adoptou tratados que constituíam os princípios básicos da legislação, havendo alguns pontos contenciosos que ficaram por resolver durante a 2ª conferência. A falta de generosidade de Portugal ao negociar então com a Austrália foi inteligente, embora ninguém pudesse prever que a 3ª conferência durasse de 1973 a 1982!

Nas negociações indo-austrais de 71/72, o governo de Camberra adoptou a definição proposta na convenção de Genebra de 1958 que define a plataforma continental

marítima como a *“área submersa, seu subsolo adjacente à costa mas fora da área territorial, com uma profundidade até 200 metros ou para além deste limite quando a profundidade das águas adjacentes permita a exploração dos recursos naturais”*.

Em 1982 a nova lei em especial o artigo 76º não são suficientemente específicos para a delimitação de fronteiras mas dão à Austrália o direito de exercer jurisdição sobre o subsolo mesmo se a plataforma continental não atingir as 200 milhas náuticas.

66.3. RECONHECIMENTO DA SOBERANIA INDONÉSIA SOBRE TIMOR-LESTE

Para além do problema da delimitação das fronteiras marinhas entre os dois países um outro existia relativamente à soberania Indonésia sobre Timor-Leste. A Austrália está minoritária no mundo das nações, dado poucas terem reconhecido a soberania da Indonésia sobre Timor-Leste.

O reconhecimento é fundamental nas relações internacionais pois nomeia quem é responsável perante a legislação internacional. Em 20 de Julho 1976, o então MNE Andrew Peacock afirmava que *"a Austrália mantinha a posição de que o processo de descolonização de Timor-Leste deveria ser feito de acordo com um acto de autodeterminação sob a observação e participação da ONU"*.

Contudo em 20 de Janeiro 78 o governo de Camberra decidiu *“aceitar Timor-Leste como parte da Indonésia, embora mantendo-se crítico sobre os meios que haviam*

sido seguidos para a integração, seria irrealístico continuar a recusar o reconhecimento “de facto” de que Timor era parte da Indonésia.” Por outras palavras em 1978 Camberra aceitava – pelo menos – temporariamente que Timor estava sob controlo indonésio.

Em Fevereiro 1979 a Austrália iniciou negociações com Jacarta para delimitar a fronteira marítima no "Timor Gap". Ao decidir negociar com Jacarta, em vez de o fazer com Portugal – potência administrante de Timor-Leste – Camberra indicava considerar a Indonésia como potência governante do território. As negociações entre as duas nações terminaram em 5 de Setembro 1988 quando foi anunciado que a área em questão havia sido dividida em três partes num total aproximado de 2/3 da área de Portugal continental.

A comunicação social australiana entrou numa fase de euforia aplaudindo a visão dos seus líderes que haviam garantido a sobrevivência energética da Austrália para o próximo século, para além de criarem condições para uma fase de tolerância e compreensão entre a Austrália e Indonésia. Contudo, tal euforia não deve obscurecer os problemas de ordem legal que advirão do acordo caso (e quando) Portugal decidir levar o caso à consideração do tribunal internacional de justiça da Haia.

A ONU ainda considera Portugal como potência administrante, Portugal ainda se considera como legal administrador do território (embora não o ocupe desde 1975), e este acordo pode finalmente fazer explodir inúmeras questões. Para tal é vital que Portugal não continue com o seu sentimentalismo inoperante em relação a Timor, e faça algo para evitar que a Indonésia e

Austrália dividam algo que faz parte das riquezas de Portugal: Timor. Se não o fizer a Indonésia servir-se-á deste acordo para apresentar perante a ONU mais uma prova evidente do seu domínio total e absoluto sobre o território, com a exigência de que o problema de Timor-Leste saia de vez da agenda da ONU. A única opção em termos reais que resta a Portugal é levar o caso ao supremo tribunal de justiça internacional na Haia por esta *“interferência nos assuntos internos do país”*.

Isto causará embaraços políticos e diplomáticos à Indonésia e Austrália se tiverem que se apresentar como acusados naquele tribunal. No caso do TIJ de Haia dar razão ao protesto português, resta à Austrália e Indonésia decidir se vão ou não desobedecer à decisão do tribunal, com todas as consequências daí advenientes.

66.4. VIOLAÇÃO DAS LEIS DA ONU

Para complicar ainda mais a questão existe um outro ponto que necessita de clarificação e que diz respeito à Lei do Mar de 1982 na qual se defendem os direitos dos povos que ainda não atingiram a autodeterminação.

Segundo está estipulado aqueles povos não podem perder os seus legítimos direitos só porque ainda não dispõem de autodeterminação ou independência total e que nesse caso terão validade as resoluções da ONU para tais territórios – no caso de Timor-Leste – a ONU continua a opor-se ao controlo indonésio sobre o território e a exigir que seja exercido o direito à autodeterminação. Por outras palavras a Austrália está a agir contrariamente àquela resolução. Depois há ainda a considerar a

dificuldade de aplicar leis australianas àquela porção do mar de Timor.

Por último, a pressão dos defensores do meio ambiente na Austrália poderão vir a opor-se à exploração das reservas, criando problemas profundos à Indonésia nas bases do tratado de exploração conjunta. Se o acordo de Setembro resolveu alguns problemas para a Austrália e Indonésia, decerto criou outros maiores, logo que e quando Portugal se decida a actuar de forma activa e levar o caso a julgamento internacional.

67. O BISPO DE TIMOR PEDE A INTERVENÇÃO DE PEREZ DE CUELLAR ¹⁶⁵ urgente

SIDNEY, 15/04/89 EUROPEU) De acordo com uma cópia da carta a que o “Europeu” teve hoje acesso, o bispo de Lorum e administrador apostólico de Díli, dom Carlos Filipe Ximenes Belo escreveu em 6 de Fevereiro passado, uma carta ao Secretário-geral da ONU, Perez de Cuellar. A carta que só agora saiu de Timor apela para que o secretário-geral *“não deixe no esquecimento o processo de descolonização de Timor português ainda não resolvido pelas Nações Unidas”*.

Monsenhor Belo como *“responsável pela igreja católica e como cidadão de Timor”* pede ainda a Javier Perez de Cuellar que *“inicie em Timor o processo de descolonização mais normal e democrático que é a realização de um referendo”* para que o *“povo seja ouvido através de plebiscito quanto ao seu futuro”*.

Citando que *"até agora o povo não foi consultado"* o bispo escreve ainda que *"são os outros que falam em nome do povo. É a Indonésia que diz que o povo de Timor Timur já escolheu a integração, mas o próprio povo de Timor nunca disse isso. Portugal quer deixar ao tempo a resolução do problema. E nós vamos morrendo como povo e como nação."*

A carta termina pedindo ao secretário-geral que *"demonstre com factos o respeito pelo espírito e letra da carta das Nações Unidas que concede a todos os povos deste planeta o direito de escolherem o próprio destino, livre, consciente e responsabilmente... E não há modo mais democrático de saber a vontade suprema do povo timorense, a não ser a realização de um referendo"*.

Esta carta a que o "Europeu" teve acesso teria sido enviada a coberto de uma outra também datada de 6 de Fevereiro a D. Manuel Martins, bispo de Setúbal, a quem D. Ximenes Belo pede para fazer chegar às mãos de Perez de Cuellar a sua carta pessoal.

Em Sidney, os líderes da Convergência Democrática de Timor-Leste, João Carrascalão e José Ramos-Horta manifestaram veementemente o seu repúdio pela acusação de Mons. Belo de que *"Portugal está a deixar ao tempo a resolução do problema de Timor-Leste"* pois segundo afirmaram, *"em especial nos últimos anos tem sido notório o envolvimento das autoridades de Lisboa com a ONU, países do mercado comum e outros, numa tentativa de resolução do problema."*

Tanto para Carrascalão como para Horta *"é curioso notar que desde que tomou posse do lugar de administrador*

apostólico de Díli, esta é a primeira vez que Mons. Belo vem a terreiro manifestar-se tão preocupado com a realização de um referendo.”

Para aqueles líderes da Convergência Timorense "o pedido de realização de um referendo é uma nota positiva da carta de Belo, mas o ataque a Portugal e ao seu envolvimento é descabido e injusto, tanto mais que se sabe bem o esforço que está a ser desenvolvido na organização de uma eventual visita de uma delegação parlamentar portuguesa".

68. ADIANTE SE TRANSCREVE O TELEX ENVIADO PARA O EUROPEU.

69. BISPO DE DÍLI DENUNCIA O GRUPO DE S.TO ANTÓNIO ¹⁶⁶

SIDNEY, 16/04/89 EUROPEU) De acordo com uma carta datada de 16 de Fevereiro passado, de Mons. Belo ao núncio apostólico de Jacarta, a que o "Europeu" teve hoje acesso (e da qual se remete cópia) o grupo de S.^{to} António é uma organização secreta. Da mesma carta em que se revelam abusos dos direitos humanos constam também os casos e nomes de detidos políticos pelas autoridades Indonésias.

Esta carta é em resposta a um pedido de esclarecimento da nunciatura apostólica de Jacarta. Vejamos o seu conteúdo:

"Devo dizer que na minha carta (ou nota) pastoral de 5 de Dezembro já expliquei sobre o Yayasan Santo

António. Em primeiro lugar não é um Yayasan propriamente dito dado não ter corpos gerentes nem regulamento aprovado pelo notário. É uma organização secreta. O seu fundador é um tal Ananias do Carmo, natural do Oé-cusse, professor na escola católica de Balide (Díli). Conforme diz desapareceu quando tinha sete anos e voltou a aparecer aos nove anos. Desde então não sofre doenças nem fica ferido. O seu corpo tem um poder especial e não é susceptível de ser penetrado pelas balas. Têm especial devoção a S.^{to} António, rezam terço diante de oratórios acendendo velas e como sinal de reconhecimento marcam na pele ou na palma da mão ou no braço uma Cruz com ferro em brasa. Esta prática espalhou-se de Díli a Lospalos (Ponta Leste) e começou as suas actividades em 1984."

Paralelamente ia surgindo outra associação denominada "partido clandestino" mais de teor político e reunia os timorenses descontentes com a situação [ocupação Indonésia]. Entre os chefes destacava-se Afonso Pinto, chamado Lafaek [crocodilo]. Alguns membros eram militares timorenses, polícias, funcionários do estado e alunos. A finalidade da organização era combater a "corrupção". Nos finais de 1987 esta organização foi descoberta e o "Lafaek" em 1988 mandado para Viqueque para combater os guerrilheiros da frente."

Em 1988 estas duas organizações fundiram-se e tiveram como objectivo matar o presidente Suharto quando este fosse visitar Timor. Por causa de desentendimentos em Uato-Lari houve denúncias mútuas... Seguiu-se uma onda de prisões e interrogatórios. Houve abusos contra mulheres e raparigas... Estas cenas provocaram reacção entre o

próprio povo e daí a tomada de posição da igreja através da nota pastoral de 5 de Dezembro de 1988.” Alguns dos líderes continuam presos... Não sabemos se foi fundado só por timorenses ou há formas ocultas por trás. O pior de tudo foi que todo aquele carnaval de prisões e interrogatórios foi montado por alguns oficiais que queriam obter prémios de Suharto”.

Mais adiante a carta revela os abusos aos direitos humanos:

O facto de a Indonésia invadir e ocupar militarmente Timor não dando sequer a possibilidade ao povo de Timor de manifestar aquilo que sente, já é de per se um abuso contra os direitos humanos, contra a carta das Nações Unidas,

É proibido falar de política, são proibidas as associações, as reuniões, circular de noite, falar de autonomia e falar de referendo. Todos são obrigados a falar de Pancasila [as cinco leis fundamentais que regem o estado indonésio]. No campo da religião não há direito a ficar areligioso, ateu, animista. Todos têm de escolher uma religião.

Em Dilor, Lacluta, os elementos do batalhão 726 mataram Carlos Mendes da Silva, de 22 anos de idade, a 31 de Outubro 1988, com 18 balas no corpo; Luís da Cruz, de 20 anos de idade, com 18 balas no corpo. Foram mortos publicamente diante de 15 pessoas (tenho os nomes). Pessoas civis espancadas: Araújo Fernandes Desa Ahic, Dilor; Agostinho Lóio, Francisco Parada Martins, Dilor; Luís Ximenes, Dilor; Loi Ouela (cabeça rachada); Alarico Martins, Moisés Ximenes. No dia 5 de Novembro de 1988 o comandante de sector mandou o Sr. Afonso

Lafaek dizer ao povo que o assassinato foi praticado pela Fretilin. No dia 7 do mesmo mês o comandante sector e as autoridades de Viqueque foram fazer o esclarecimento em Lacluta à população dizendo que os actos foram da Fretilin.

Houve mais mortos pelos militares em Ossú (4 pessoas), Lacluta (5 pessoas), Viqueque (2 pessoas), Garivai, Baucau (2 pessoas) e Luro (1 pessoa).

Ameaças e pressão psicológica contra os funcionários para não divulgarem esses assassinatos, por que se não perdem o cargo, e são também mortos. Enfim já vivemos nisto desde 1976

“Desde 1983, no ano em que fui nomeado administrador apostólico todos os anos assistimos sempre aos mesmos abusos. Já e sempre falamos com as autoridades mas o resultado é sempre o mesmo. É o povo que sofre. Por isso é urgente a realização de um referendo. Em Timor vivemos sob a pressão psicológica da ditadura. A última notícia: os militares já treinam e pagam a antigos prisioneiros do Yayasan Santo António para vigiarem os padres nas paróquias. Com isto se pode perguntar: desde quando é que não existiu o abuso dos direitos humanos em Timor oriental?”

(assinado - Mons. Belo).

A carta termina com a lista de 36 pessoas do grupo de S.^{to} António e do partido clandestino acusados de tentarem assassinar o presidente Suharto, e os quais têm sido submetidos a castigos corporais, choques eléctricos e tortura mental. Esta carta que chegou à Austrália através de organismos humanitários desde há muito ligados a

Timor, e cuja identidade por motivos óbvios, o “Europeu” não pode revelar vem apenas reafirmar notícias que aqui à Austrália vão chegando de diversas outras fontes.

A tortura e a continuada violação de direitos humanos mantém-se em Timor-Leste, não obstante as bem-montadas campanhas de desinformação Indonésia e o colaboracionismo de alguns timorenses que a cada passo são tentados a regressar para rever famílias ou para jogar futebol como foi o caso de um grupo de Darwin que se deslocou a Díli para jogar futebol com grupos locais.

70. REFUGIADOS DE TIMOR ¹⁶⁷

SIDNEY, 18/4/89 EUROPEU) Até há poucos meses a Indonésia ignorava o potencial político do aproveitamento dos refugiados de Timor-Leste aqui residentes. Nos últimos meses porém tem-se assistido a uma vasta e bem elaborada campanha destinada a conquistar o coração de parte da comunidade com ofertas generosas de visitas a Díli. Foi a visita em Novembro passado de uma delegação australiana do Território Norte com a participação de refugiados, foi a recente deslocação a Díli de uma equipa de futebol, para além da utilização dos “mass média”.

Todas estas atitudes visam a propagação do mito do desenvolvimento económico de Timor, o qual – dizem os indonésios – jamais teria sido possível sob a independência ou sob o regime colonial português. O número de timorenses que se desloca agora a Díli está a aumentar, e conseqüentemente os líderes nacionalistas consideram tais visitas como sendo do interesse único da

Indonésia com um certo sabor a traição pela emancipação do povo maubere.

Pode haver mais água potável, mais electricidade, mais estradas e escolas, mas as prisões continuam. Pode haver televisão a cores mas a miséria do povo subjugado tem o mesmo tom branco e preto. No campo da saúde os grandes melhoramentos vão para a esterilização maciça das mulheres, a fim de que dentro de uma geração haja mais transmigrados do que Timores. A resistência armada e pacífica continua, com mais do que um grupo a reivindicar o sucesso operacional das suas acções. Até o silencioso bispo, Mons. Carlos Belo veio a terreiro com uma carta apelo ao secretário-geral da ONU, deixando para trás anos de silêncio e compromisso.

Xanana Gusmão é ainda o líder das forças organizadas de guerrilha interna, mas compete agora com grupos de autodefesa que ao mesmo tempo fazem o jeito aos “amigos” indonésios que os deixam visitar as famílias. Para trás ficaram já os mais de 200 mil mortos e as suas consciências.

Com um bom aproveitamento da dependência (leia-se subserviência) australiana face à Indonésia utilizam-se os clubes de futebol, as associações de timorenses de Darwin para criar a impressão da liberdade dos timorenses. Sim, porque a Indonésia está preocupada, primeiro eram só os parlamentares portugueses e europeus com exigências inaceitáveis, agora, o próprio Papa que ali quer ir a 13 de Outubro. Todos aqueles que de lá regressam ou que aqui se deslocam em férias contam o ambiente de terror e de opressão ali vivido. Se mais não dizem é porque temem o regresso e suas

consequências. Se a visita a familiares é um direito, quando essa visitação passa a ser útil na propagação das mentiras da máquina do estado aí atinge-se o ponto que alguns consideram de traição. Foi o próprio João Carrascalão da Convergência Nacionalista que o disse.

Esperemos apenas que um dia as pessoas sejam livres de visitar Timor-Leste, de rever familiares e amigos, de ver por seus próprios olhos o que tem sido feito e assim lutar para que o povo de Timor-Leste se pronuncie quanto ao seu futuro. Aos órgãos da comunicação social em Portugal compete lutar para que pessoas com conhecimento de causa da situação acompanhem os parlamentares, se e quando, ali se deslocarem. A eles compete também que S.S. o Papa tenha uma visita livre e que o mundo dela tenha conhecimento. Quer na Austrália quer em Portugal as notícias que dali nos chegam são truncadas, censuradas, escamoteadas. Temos o direito à informação.

71. ESTE ERA O COMUNICADO DA FRETILIN DATADO DE 29 MARÇO ACIMA TRANSCRITO

72. NA INDONÉSIA, SUHARTO LUTA CONTRA A SUBVERSÃO ¹⁶⁸

SIDNEY 19/4/89 EUROPEU) O presidente indonésio Suharto, de acordo com notícias hoje chegadas à Austrália, mostra-se preocupado com a existência de problemas sociais capazes de causar subversão. Num discurso ontem proferido na comemoração da fundação das forças especiais de comando (KOPASSUS), Suharto

afirmou: *"os problemas sociais que ainda hoje ocorrem na pluralista sociedade Indonésia podem ser utilizados por forças subversivas."*

Segundo Suharto "as forças especiais "KOPASSUS" deverão manter-se alerta e defender o estado e a sua segurança. Uma série de problemas ligados ao desenvolvimento económico têm sido divulgados por estudantes nas principais cidades do país...."

Suharto disse que existem ainda restos do partido ilegal comunista pró-chinês os quais eram responsáveis pela recusa de cidadãos rurais na ilha de Java se terem oposto à construção de uma barragem subsidiada pelo Banco Mundial.

Um parlamentar indonésio, Marzuki Darussman, do partido no poder (Golkar) declarou publicamente que *"o governo deveria incentivar um clima político capaz de tolerar as diferenças de opinião"*.

73. 21 ABRIL 1989 JORNAL O CLARIM, MACAU

74. JACARTA, A PROSPERIDADE INDONÉSIA NO SÉCULO 21¹⁶⁹

74.1. JACARTA A RICA

SIDNEY, 22/04/89 EUROPEU) Os australianos – mais do que qualquer outra nação – sempre mostraram a sua preocupação com as intenções militares e políticas Indonésias, ao ponto de ignorarem totalmente as

169 EUROPEU DESPACHO 112/89 22/04/89

dramáticas mudanças que estão a ocorrer na economia daquele país.

O único interesse que as companhias australianas demonstraram pelo principal vizinho australiano, foi para fazer buracos no solo e subsolo em busca de minerais e petróleo.

O facto de os 170 milhões de indonésios representarem o mais largo mercado interno no Sudeste Asiático tem sido esquecido.

Se bem que por um lado, até recentemente existiram enormes barreiras proteccionistas Indonésias relativas a investimentos estrangeiros, por outro as análises económicas mostram que o rendimento anual per capita é de apenas \$617 dólares (Esc. 74 657\$00).

O Banco Mundial prevê para o corrente ano, uma taxa de crescimento económico de 5%, com algumas medidas internas destinadas a reduzir a corrupção e a inflação já está abaixo dos 10%.

O investimento estrangeiro começa a entrar finalmente, liderado pelos alemães que passarão a produzir electrodomésticos na Indonésia.

O director do programa de comércio e desenvolvimento para o Sudeste Asiático na universidade de Nova Gales do Sul, John Zerby, está convencido de que nos próximos 20 anos a Indonésia terá a supremacia económica da região. Segundo, aquele perito, a vantagem da Indonésia face aos seus vizinhos, recentemente industrializados como o Japão, Coreia do Sul, província de Taiwan

(Formosa), é dispor de enormes recursos naturais e matérias-primas, incluindo carvão, petróleo, e potencial para adoptar a energia geotérmica.

Isto é contrabalançado por alguns factores negativos: o petróleo que constituía a maior fonte de divisas baixou para metade do seu valor há três anos com a queda mundial do seu preço, e demorará alguns anos para atingir o seu anterior valor (por exemplo este ano o petróleo representará ainda menos do valor total das exportações, que nos anos anteriores).

Outro facto é o do crescimento populacional, cada ano entram no mercado de trabalho 1,8 milhões de jovens dos quais mais de 60% não obterão emprego. Mais preocupante ainda é que enorme percentagem destes tem uma educação escolar completa.

O professor Iwan Aziz da universidade de Jacarta afirmou recentemente num simpósio em Manila que:

"Havia sem dúvida uma disparidade entre a qualidade da oferta de trabalho e da procura, em especial a nível dos mais altos graus de ensino secundário e a nível da baixa absorção das mulheres no mercado de trabalho".

O total do débito externo ronda os 50 mil milhões de dólares americanos, dos quais 40% terão de ser pagos em ienes (Yen ¥), e o pagamento da dívida absorve correntemente 35% do PNB, mas as indicações de Jacarta apontam para um aumento dos créditos externos, como solução apresentada pelo presidente Suharto para manter a taxa de crescimento da economia produtiva interna.

As mudanças nos campos financeiros, cambiais e estruturais da economia são vitais para o crescimento do país. Ainda recentemente o governo contratou uma companhia suíça para controlar o sector alfandegário e reduzir o alarmante nível de corrupção tradicional, que se aproveitava dos subsídios de incentivo à exportação.

A actual política fiscal reformista data de 1983 quando os vencimentos dos sectores públicos foram congelados, os subsídios agrícolas reduzidos para bens fundamentais tais como fertilizantes, pesticidas e petróleo.

Em 1986 a rupia, sofreu devido à queda do valor das ramas de petróleo uma desvalorização de 31% para reduzir as importações e acelerar a exportação de outros produtos e bens. No ano seguinte a economia reagira e foi finalmente autorizado a firmas estrangeiras que comprassem acções de companhias locais.

Um quarto das importações deixou de estar sujeito aos burocráticos controlos estatais, e houve um relaxamento das restrições à exportação, reduzindo-se a burocracia e a corrupção. Nesse mesmo ano de 1987 o sector de manufacturas aumentou 33% seu valor de exportações, mas ainda empregava apenas 10% da população laboral total de 59 milhões. Madeira, borracha, óleo de palma e zinco continuam a ser depois do petróleo as maiores exportações, mas o sector têxtil é já a maior exportação de produtos manufacturados.

74.2. A ECONOMIA SOBREPÕE-SE À ECOLOGIA

Recentemente companhias norte-americanas “descobriram” a existência de vastas regiões densamente

arborizadas que irão ser convertidas para exportação de madeira e produção de pasta de papel. Isto levantou já problemas entre os “Verdes” que começam finalmente a ter uma voz diminuta na cena política Indonésia.

Dez ONG's ["NGO's" - organizações não governamentais] indonésias levantaram na imprensa diária Indonésia questões relativas ao contrato de concessão firmado entre a Indonésia e a firma norte-americana P.T. Astra-Scott Cellulosa a quem foi permitido explorar as ricas florestas de Merauke, na Irian Jaya (Papua Ocidental) e montar uma fábrica de pasta de papel.

A concessão abarca uma área de 790 mil hectares, no valor de 654 milhões de dólares, e terá uma capacidade de produção de quatro mil toneladas diárias de pasta de papel e mais de uma tonelada de madeira descascada para processamento. Nenhum estudo de viabilidade ambiental foi efectuado, e a região tem um valor histórico por ter sido para aqui que foram deportados os nacionalistas Papuas que lutaram contra as tropas coloniais holandesas.

Esta região povoada pela tribo Auya, depende da floresta para obter a sua alimentação, e todos os seus direitos à terra foram cilindrados pelos interesses económicos em jogo. As florestas da região são florestas tropicais, das melhores no mundo, e nelas cresce a Melaleuca (ou Malaluca) utilizada para a produção de óleo de madeira branca.

Os interesses económicos são visíveis para os norte-americanos que preferem investir aqui do que instalar-se em regiões bem mais necessitadas como Nusatenggara,

Kalimantan ou Celebes, onde poderiam aproveitar a mão-de-obra local e desenvolver as economias regionais sem afectarem o meio ambiente. Mas é destes projectos que o regime necessita para expandir a sua economia para enfrentar o século XXI.

75. JAZIDAS DE PETRÓLEO DE TIMOR ENRIQUECEM A BHP ¹⁷⁰

SIDNEY, 24/04/89 EUROPEU) As plataformas de exploração de petróleo no mar de Timor aumentaram a sua capacidade produtiva em cerca de 60% no mês de Março, atingindo uma produção diária de mais de 20 mil barris dia.

Até Setembro novo aumento é esperado pela BHP nos campos Challis, outra das plataformas do mar de Timor. No mar de Bass que separa a Austrália da Tasmânia e onde até agora residiam as maiores reservas naturais de petróleo a produção baixou para 155 mil barris/dia em vez dos habituais 211 mil.

A produção nas minas de Mt. Newman na Austrália Ocidental entretanto aumentou 8% produzindo apenas 22 milhões de toneladas em vez das habituais 28 milhões.

A BHP acusa também aumentos na sua produção de ouro de 12 mil para 20 mil onças mensais, no entanto foi no campo do petróleo que ela registou maiores aumentos. Até agora a BHP tinha-se recusado a indicar quais os valores de exploração obtidos nas suas plataformas do mar de Timor.

170 EUROPEU DESPACHO 114/89 24/04/89

76. NEGOCIAÇÕES LISBOA JACARTA¹⁷¹

SIDNEY, 24/4/89 LUSA) A notícia de que os governos de Lisboa e Jacarta iriam conduzir negociações conjuntas em relação ao problema de Timor-Leste, tem estado afastada das páginas dos jornais locais. Hoje porém o diário nacional “The Australian” referia que de acordo com decisão do primeiro-ministro cavaco e Silva tais negociações seriam encetadas em Nova Iorque dentro do âmbito das Nações Unidas.

A notícia cita que Portugal continua a ser considerado pela ONU como administrador do território e que de momento o governo português luta pela autonomia daquela ex-colónia. Citando que embora nenhuma data tenha sido marcada para o início das conversações destinadas a obter a facilidade de visita de uma delegação parlamentar portuguesa o “Australian” citava que Portugal requer livre acesso e direito de passagem aos parlamentares portugueses. Nenhum outro órgão da comunicação social australiana citou a notícia e fontes próximas da comunidade timorense mostraram o seu desconhecimento da mesma.

O embaixador de Portugal em Camberra José Luís Gomes mostrou-se satisfeito com o desenrolar da situação e citou que os recentes contactos tidos com personalidades influentes da vida australiana a nível dos principais partidos prometiam um desenvolvimento do interesse do governo de Camberra.

77. 23 abril 1989 comércio do porto

171 LUSA DESPACHO/MACAU 50/89 24/4/89

78. EXPOSIÇÃO TIMORENSE¹⁷²

SIDNEY, 25/04/89 LUSA) O museu de Darwin, no Território Norte australiano está a promover uma exposição até ao próximo dia 29 da arte maubere de tecelagem, com a colaboração de Verónica Pereira e Helena Maia. A exposição que tem a colaboração das comunidades timorenses locais tem por finalidade dar a conhecer os métodos de tecelagem utilizados em Timor-Leste e os quais não têm paralelo na região.

“Embora o equipamento mecânico (teares) seja semelhante ao utilizado pelos indonésios para a confecção de “batiks”, a forma de pintar os tecidos e a sua fiação para as garridas “lipas” timorenses não têm semelhança”, declarou à Lusa Alfredo Borges Ferreira, porta-voz da associação Timor Lafaek (“crocodilo”) naquela cidade.

“A associação está também a elaborar para o dia do trabalhador em 1 de Maio próximo uma exposição de livros e gravuras sob o tema **“a luta dos deserdados”** que focará as semelhanças entre a luta dos aborígenes australianos e do povo maubere para manterem a sua identidade cultural e obterem a sua independência”, segundo afirmou aquele dirigente local.

79. REVOLTA ESTUDANTIL NA INDONÉSIA¹⁷³

172 LUSA/ÁSIA DESPACHO 51/89 25/04/89

173 EUROPEU DESPACHO 116/89 25/04/89

SIDNEY, 25/04/89: EUROPEU) Notícias provenientes de Jacarta e ora chegadas à Austrália dão conta de manifestações estudantis e confrontos com as forças de segurança na capital de Java ocidental, Bandung. Os confrontos que teriam tido lugar há mais de 3 semanas, e dos quais a imprensa Indonésia nada publicou, teriam causado ferimentos em 3 estudantes e a detenção de umas dezenas de outros, naquilo que se pensa serem as maiores manifestações estudantis em mais de dez anos. Os estudantes manifestavam-se em frente à residência do ministro do interior, Rudini, e apelavam para combates mais duros contra a corrupção. Manifestações semelhantes tiveram lugar em frente ao monumento dos heróis em Jacarta. Uns dias mais tarde (em 29 de Março) mais de 2000 estudantes protestaram contra a utilização abusiva de armas de fogo pela polícia nos confrontos com os estudantes.

Os estudantes que desde então têm tomado parte em várias outras manifestações de rua, afirmam a sua solidariedade com os pobres, recusando a ditadura estadual que reina nos “campus” universitários, parecendo estarem preocupados com os graves problemas sociais que afectam a sociedade Indonésia contemporânea. Posteriormente o jornal Northern Territory News de Darwin dava conta de mais incidentes na ilha Sumbawa, a oriente de Bali. O general Rudini, ministro do interior teria afirmado em Jacarta, que alguns dos incidentes estariam ligados à morte de 31 radicais islâmicos em Lampung na parte Sul da ilha de Sumatra. O ministro porém classificou os incidentes de meras “*disputas étnicas*”.

Algumas fontes ligadas aos direitos humanos clamam no entanto que as mortes excederam uma centena. O chefe

do estado-maior general das forças armadas, general Try Sutrisno, declarou *“tratar-se de um problema delicado e que havia factores de segurança de estado a considerar”*.

Embora as manifestações estudantis estejam proibidas por lei desde 1978, e não haja o direito de ninguém se manifestar contra o governo, alguns observadores pensam que isto poderia ser um “teste” à resposta do governo antes de haver mais profundas manifestações anti governamentais. O almirante Sudomo, ministro coordenador dos assuntos de segurança e política interna negou que o governo temesse novas manifestações populares. Algumas fontes locais indicaram que os conflitos em Lampung se devem em parte a medidas governamentais que expropriaram terrenos de pequenos agricultores para os darem a grandes produtores de Jacarta para os converterem em plantações de borracha e chá, capazes de produzirem enormes lucros.

Uma destas disputas diz respeito a um projecto do Banco Mundial: a barragem de "KEDUNG OMBO" no valor de 344 milhões de dólares (42 milhões de contos), que causou inúmeras inundações, e fez desalojar mais de 5 mil famílias, para as quais foi concedida uma compensação monetária ridícula. Fontes locais afirmam que autoridades regionais se aproveitaram de vastos montantes de fundos de compensação para proveito próprio.

O descontentamento popular na Indonésia está crescente e nele embarcam agora sem o medo que caracterizou os 23 anos do regime de Suharto, taxistas, estudantes, pequenas personalidades do mundo de negócios, ex-líderes militares, académicos e bancários que exigem a

demissão do presidente Suharto de 68 anos recentemente reeleito para um quinto mandato. A luta pela sucessão presidencial continua sem resposta, dado muitos considerarem o vice-presidente Sudharmono inaceitável, e só serve para aumentar ainda mais a crise interna do regime.

Para a Austrália a estabilidade Indonésia é fundamental, face às ameaças que a nação vizinha poderiam representar para o futuro deste vasto continente. Fontes parlamentares australianas comentam em privado que a registar-se um aumento de tensão interna contra o regime de Suharto, poderiam repetir-se cenas sangrentas como as que assinalaram o golpe de estado que depôs Sukarno em 1966, quando centenas de milhar de pessoas foram assassinadas e abatidas por suspeita de pertencerem ao partido comunista. Aquele incidente mostra bem o que acontece quando o ressentimento popular atinge níveis incontroláveis.

80. TIMORENSE DESMENTE ACUSAÇÕES ¹⁷⁴

SIDNEY, 29/04/89 EUROPEU) Em carta dirigida ao semanário local "O Português," o timorense de Darwin, Victor Godinho desmente uma notícia que aqui publicamos em primeira-mão¹⁷⁵, relativa à deslocação de uma equipa de futebol a Díli.

A missiva de duas páginas salienta as seguintes citações:

"A equipa que se deslocou a Díli nada tem a ver com a situação política de Timor-Leste... Confraternizar e

174 EUROPEU DESPACHO 117/89 29/04/89

175 DESPACHO EUROPEU 94/89 DE 4/4/89

visitar familiares que lá deixaram há mais de 13 anos. ... A maneira entusiástica e fraterna com que toda a caravana desportiva foi recebida pelo povo timorense e as atenções dispensadas durante os dez dias da nossa permanência, por parte daquele bom povo, foi um inequívoco testemunho de que toda a caravana foi bem-vinda a Timor, e os factos falaram por si".

Mais adiante aquele senhor que fez parte da comitiva desportiva diz que:

"O Portuguese & Timorese Social Club nada teve ou tem a ver com a deslocação a Díli. Nem tampouco a sede do mesmo é usada para efeitos de propaganda pró-indonésia... A caravana que se deslocou a Díli era composta por jogadores da Associação Timorense de Darwin, do Portuguese & Timorese Social Club e de outros clubes, mas nenhuma destas organizações estiveram envolvidas na ida a Timor..."

"Se têm ido a Timor pessoas de várias nacionalidades, porque razão não poderá lá ir um timorense ou um amigo dos timorenses?.. Que mal existe na visita de um timorense à sua própria terra aonde deixou parentes e amigos?" interroga o autor da missiva para terminar em grande estilo citando o tenente-coronel Maggiolo ao mencionar a frase "é pecado amar Timor?", para dizer que "titularem de traidores, aqueles que a pedido dos que residem em Timor, se deslocaram a Díli, a fim de com eles conviverem e matarem saudades. É de lamentar o comentário pois...traidores são os grandes patriotas que fugiram da sua própria gente e venderam a terra que dizem tanto amar."

Esta carta de Victor Godinho era esperada e fizera-se anunciar por várias fontes. Não merecem comentários os pontos que ela expressa. O Sr. Godinho pode ir a Timor jogar futebol e ver a família. Bem-haja. Mas há que pensar nos milhares de timorenses espalhados entre Portugal e a Austrália, que lá deixaram tudo ou nada, famílias ou amigos e que ainda hoje não podem regressar, não podem visitar. Deixei lá tudo o que materialmente possuía em meados de 1975 e ainda não pude regressar. Bem sei que não jogo futebol, nem tenho ali família mas quero e tenho o direito a regressar, só que os indonésios não me autorizariam.

O colaboracionismo com o exército de ocupação ilegal de Timor-Leste pode permitir visitas intituladas de *“familiares”* a alguns conhecidos pelas suas posições contra os movimentos que reivindicam o direito do povo de Timor ter a sua autonomia. Ainda recentemente o bispo titular de Timor pediu a realização de um referendo para que o povo, livremente se pudesse manifestar.

A esse direito universalmente consagrado na carta das Nações Unidas, a Indonésia tem consistentemente respondido com a afirmação de *“que o povo de Timor escolheu a integração”* e por isso facilita a ida de pessoas como o Sr. Victor Godinho, que ao negar qualquer ligação política com o problema de Timor alegando ali ter ido apenas para promover o desporto, se esquece que ao promover o desporto, está automaticamente a *“promover e a legalizar a ilegal ocupação de Timor pela Indonésia”*.

Não admira assim que os dirigentes da Convergência Nacionalista de Timor-Leste os considerem *“traidores”* à causa de um Timor-Leste independente. Não é com

ameaças judiciais nem com vinagre que se caçam moscas como o correspondente do “Europeu” na Austrália. O inimigo é outro, é o regime indonésio que me não permite regressar e dá a todos os Victor Godinho deste mundo a chance de regressar e jogar futebol.

81. 30 ABRIL 1989 A PAZ É POSSÍVEL EM TIMOR-LESTE

82. DESPACHO LUSA 204/89 SIDNEY 30 ABRIL 1898

83. A VISITA DO VICE-PRESIDENTE NORTE-AMERICANO À AUSTRÁLIA ¹⁷⁶

SIDNEY, 30/04/89, EUROPEU) Dan Quayle termina hoje a sua visita de 5 dias à Austrália tendo percorrido os circuitos de Camberra, Melbourne e Sidney. Depois de se avistar com o 1º ministro Bob Hawke, Quayle teve um encontro com os mass media no clube da imprensa de Camberra na quinta-feira, que hoje se repetiu em Sidney. Isto não obstou a que os australianos criticassem a administração norte-americana pelo seu proteccionismo agrícola que tanto tem prejudicado a Austrália, mas por seu turno o vice-presidente norte-americano alegou que a luta era contra a CEE e que os EUA e Austrália deveriam estar unidos nesta luta comum.

O primeiro-ministro australiano terá tido acesa discussão com o vice-presidente norte-americano, tendo recusado as suas explicações sobre os subsídios dados aos produtores americanos. A diferença entre os dois países resulta mais da luta pela supremacia mundial nas exportações de trigo do que políticas separadas e opostas podem prever. Embora o vice-presidente tenha negado durante esta sua visita que a política agrícola norte-americana era dirigida aos australianos, estes têm sido os mais afectados pela mesma enquanto a R P. China,

176 EUROPEU DESPACHO 121/89, 30/04/89

Iémene (Yemen), URSS, Egipto, Iraque, México, Sri Lanka e a CEE se riem das tentativas norte-americanas.

As exportações australianas baixaram 91% para a URSS e 21% para a R. P. China ou seja de 18,66 milhões de toneladas para 12,5 enquanto as exportações americanas aumentaram no mesmo período. Durante o mesmo as exportações norte-americanas aumentaram de 25 para 43 milhões de toneladas.

Interrompendo as suas conferências de imprensa com anedotas e piadas inesperadas, Quayle conquistou porém a alma dos jornalistas presentes se bem, que tenha mostrado a sua veia liberal capitalista e ocidental. Hoje em Sidney, na Opera House Dan Quayle foi vaiado pela sua defesa da política agrícola e uma vez mais os jornalistas presentes não puderam submeter nem metade das perguntas agendadas. O correspondente do “Europeu” nem em Camberra nem em Sidney teve a chance de perguntar a sua posição face ao problema da Indonésia que Quayle visitará a partir de amanhã.

Os guarda-costas e demais membros da segurança pessoal do vice-presidente foram pouco conspícuos nesta visita e deram à Austrália uma imagem mais apropriada de um episódio de “Hill Street Blues”.

84. AS BASES NORTE-AMERICANAS NA AUSTRÁLIA SERVEM DE LABORATÓRIO DE ENSAIO À GUERRA DAS ESTRELAS ¹⁷⁷

SIDNEY, 30/04/89 EUROPEU) Foram tornadas públicas esta semana as alterações às bases norte-americanas em Pine Gap no Território Norte australiano. Para a maior parte dos membros do congresso trabalhista australiano as novas funções da base de Pine Gap não alteram a política externa australiana nem tampouco a política partidária sobre as bases.

Um novo satélite da classe “*mentor*” será instalado naquela base, facilitando aos norte-americanos a contagem dos mísseis soviéticos, e proporcionando uma “*escuta*” aos postos de comando de lançamento de mísseis móveis em caso de uma guerra nuclear.

Um porta-voz do ministro da defesa, Kim Beazley, afirmou ser política governamental “*não comentar sobre as bases nem sobre as operações das mesmas*”. Um porta-voz do partido trabalhista declarou que a “*instalação do novo satélite não contraria a política governamental e contribui para a não efectivação de um confronto nuclear*”.

Em Novembro passado o governo australiano anunciou que os acordos para a exploração das bases norte-americanas na Austrália seria prorrogado por mais dez anos, e se destinava a manter a “*verificação do controlo de armamento e desarmamento nuclear*” havendo um período de três anos para denúncia do mesmo acordo.

85. INFORMAÇÃO N.º 8 DARWIN FRETILIN MARÇO
ABRIL 1989

86. INSIDE INDONESIA ABRIL 1989

87. 1 MAIO 1989 RDP

88. CLERO DE TIMOR DESCONTENTE COM A VISITA PAPAL ¹⁷⁸

SIDNEY, 01/05/89 EUROPEU) Notícias provenientes de Timor e a que o “Europeu” teve hoje acesso, provindo de pessoas que recentemente ali estiveram, dão conta de que em Março passado um enviado papal, o jesuíta padre Roberto Tussi, teve vários encontros com o clero em Díli.

De acordo com as mesmas fontes, naquelas reuniões membros do clero teriam manifestado quatro pontos discordantes em relação à visita de Sua Santidade.

Tal visita é considerada como um acto formal de reconhecimento da integração forçada de Timor na Indonésia;

A notícia da visita foi recebida com mágoa e tristeza pelo povo;

O povo de Timor estima muito o Santo Padre, mas esta visita trará desventura, e descrédito ao Santo Padre e à cristandade de Timor;

O clero timorense não aceita as declarações do reverendo padre Tussi de que a missa campal a celebrar por Sua Santidade seja em Tassitolo, – local de massacre e assassinato de timorenses pelos indonésios – e que tal missa não seja celebrada no idioma local, tétum.

O “Europeu” está a tentar por outras fontes recolher dados sobre esta visita do delegado papal, que teria ocorrido em Março último, mas entretanto teve acesso a uma curiosa

178 EUROPEU DESPACHO 127/89 01/05/89

entrevista telefónica dada por monsenhor Carlos Ximenes Belo, administrador apostólico de Timor e bispo titular de Díli.

Esta entrevista foi concedida em 23 de Abril ao jornal católico de Brisbane "*Catholic Leader*" ao jornalista Ray Owen e na qual o bispo ter-se-ia manifestado satisfeito pela anunciada visita papal que contava poder "*confirmar dentro de duas semanas*" e que o "*povo estava satisfeito por ver pela primeira vez na sua terra o representante do apóstolo S. Pedro*", mas que "*de momento ainda se não fizeram quaisquer preparativos para a visita programada para 13 de Outubro*".

89. 1 MAIO 1989 RDP

90. O FIM DE UMA ERA EMPRESARIAL NA
INDONÉSIA ¹⁷⁹

SIDNEY, 01/05/89 EUROPEU) O táxi dos pobres como é carinhosamente designado em Jacarta, o "becak" (pronunciado bétchaque) enfrenta um futuro sombrio dado que as autoridades estão empenhadas em ver-se livres daquele popular meio de transporte.

Até há poucos anos bem visíveis em qualquer ponto da cidade os "becaks" passaram para as vias secundárias. Eles são não só um meio popular e económico de transporte, mas também o ganha-pão de muitos milhares de pessoas, que atraídas pela grande metrópole se viram impossibilitadas de assegurar um emprego.

179 EUROPEU DESPACHO 125/89, 01/05/89

O governador de Jacarta, Wijoyo Atmodarminto anunciou recentemente um plano para se ver livre daqueles veículos de três rodas até 1993. As autoridades dispõem de cerca de 1,7 milhões de dólares (2057 mil contos) para treinar os seus motoristas de “becak” em profissões tais como barbeiros, vendedores de frutas e vegetais.

As forças policiais que patrulham Jacarta regularmente efectuam rusgas às zonas mais pobres onde apreendem aqueles meios de locomoção para os enterrarem numa vasta área perto do porto em Tanjung Priok. Só no passado mês de Fevereiro e Março eles apreenderam 11 mil veículos de um total de 61 mil desde que a campanha foi iniciada em 1985.

Por trás da decisão de banir aquele meio de transporte estão considerandos tais como *“forma degradante de emprego”* e *“meios de congestão do tráfego”*, segundo declarou o governador de Jacarta.

Muitos dos ex-condutores de “becaks” foram transmigrados para regiões mais remotas em vias de desenvolvimento, como forma de aliviar as pressões do excesso de crescimento populacional em Jacarta, mas as fracas condições de cultivo das áreas de Sumatra para onde foram enviados fez com que muitos regressassem à capital, onde anualmente são necessários mais de dois milhões de novos empregos para contrabalançar o crescimento demográfico.

91. ALIANÇA EUA – AUSTRÁLIA ¹⁸⁰

180 EUROPEU DESPACHO 126/89, 1/5/89₃₈₇

SIDNEY, 01/5/89 EUROPEU) Em caso de ameaça de soberania, os EUA poderão defender a Austrália contra a Indonésia – esta a mensagem que ficou com um travo amargo da visita de cinco dias que o vice-presidente norte-americano, Dan Quayle efectuou à Austrália.

“Os EUA não deverão providenciar qualquer assistência militar à Austrália no caso de haver um conflito armado com a Indonésia, sob a capa do tratado do Pacífico Sul "ANZUS" entre os EUA, Austrália e Nova Zelândia”, declarou ontem o ministro da defesa – Kim Beazley – num programa televisivo.

Estas afirmações que coincidiram com a partida do vice-presidente norte-americano chamam a atenção para o facto de “qualquer intervenção militar norte-americana se limitar a casos em que a soberania australiana – como nação – esteja ameaçada”.

Tais declarações ontem proferidas na TV, só hoje foram divulgadas na sua totalidade num extenso comunicado de Kim Beazley aos órgãos de comunicação social, e os quais servem para clarificar vagas declarações proferidas por Dan Quayle ao longo dos seus cinco dias de visita à Austrália.

Quayle havia afirmado que em “caso de conflito armado os EUA se serviriam inicialmente de meios diplomáticos para a resolução do contencioso”.

O ministro australiano reafirmou que o conteúdo do acordo ANZUS prosseguiria não obstante a Nova Zelândia se ter retirado unilateralmente de parte das suas obrigações face ao mesmo tratado, e de ter anunciado

pelo primeiro-ministro David Lange (pronunciado longui) na semana passada que estava disposta a abdicar totalmente das suas obrigações face ao mesmo.

Negando a eventualidade de um conflito militar com a Indonésia, Kim Beazley declarou ainda que "as bases norte-americanas na Austrália não serviriam para negociações com os EUA no conflito sobre protecção e barreiras proteccionistas comerciais".

Dan Quayle que ontem à noite chegou a Jacarta teve hoje reuniões de trabalho com o presidente Suharto da Indonésia, tendo declarado que os "*EUA são amigos da Austrália e da Indonésia e não prevêem qualquer conflito entre ambas as partes*". Decorre à hora de encerrarmos esta edição uma conferência entre os dois líderes, da qual porém se não espera faça parte qualquer alusão ao problema de Timor-Leste.

Entretanto depois de três dias de negociações em Jacarta, autoridades Indonésias e australianas chegaram a acordo quanto aos meios de reduzir as incursões ilegais de barcos de pesca em águas australianas.

O acordo divulgado pelo ministro dos estrangeiros, senador Gareth Evans, foca os seguintes pontos:

Os dois países tentarão desenvolver meios de subsistência económica para os pescadores indonésios da região;

Estabelecerão contactos sobre as espécies marítimas que estejam a ser pescadas em demasia;

Renegociarão em breve um novo acordo pesqueiro;

Expandirão as áreas de pesca entre as ilhas australianas Ashmore Cartier (400 km a Sul de Jacarta) para as quais os pescadores indonésios têm tido tradicionalmente acesso e;

Manterão uma campanha de informação para os pescadores evitarem a incursão em águas territoriais australianas.

Este acordo segue-se à continuada incursão de pesqueiros indonésios em águas australianas que este ano levou já à apreensão de sete barcos e à deportação de uma centena de pescadores.

92. 2 MAIO 1989 CORREIO PORTUGUÊS

93.1. A INDONÉSIA ENCENA A VISITA PAPAL A TIMOR¹⁸¹

SIDNEY, 04/05/89 EUROPEU) Notícias provenientes de Timor e a que o “Europeu” teve hoje acesso, dão conta de que estariam a ser recrutados cerca de 50 mil católicos da região de Timor Ocidental de Atambua e da ilha das Flores (onde os portugueses deixaram uma forte tradição católica).

O exercício destina-se a proporcionar àqueles cidadãos indonésios uma forte base de apoio à anunciada visita de Sua Santidade o Papa João Paulo II em Outubro próximo. A notícia que é proveniente das zonas interiores de Timor

181 EUROPEU DESPACHO 131/89 04/05/89

(Zumalai) vem confirmar idênticas notícias chegadas por outras vias à Austrália.

De acordo com as mesmas fontes, a missa campal a celebrar pelo Santo Padre será em “Bahasa Indonesia” (língua oficial indonésia) e deverá ter lugar (tal como o “Europeu” noticiava na sua edição de 2 de Maio ver meu despacho 127/89 daquela data) em Tassitolo, – local de massacre e assassinato de timorenses pelos indonésios.

O “Europeu” pode entretanto confirmar uma curiosa entrevista telefónica dada por monsenhor Carlos Ximenes Belo, administrador apostólico de Timor e bispo titular de Díli. Esta entrevista foi concedida em 23 de Abril ao jornal católico de Brisbane “Catholic Leader” ao jornalista Ray Owen e na qual o bispo ter-se-ia manifestado satisfeito pela anunciada visita papal que contava poder *“confirmar dentro de duas semanas”* e que o *“povo estava satisfeito por ver pela primeira vez na sua terra o representante do apóstolo S. Pedro”*, mas que *“de momento ainda se não fizeram quaisquer preparativos para a visita programada para 13 de Outubro”*.

De acordo com fontes timorenses (e provenientes daquele território) o povo mostra-se pelo contrário *“desapontado por o Papa sancionar o regime indonésio e a integração de Timor-Leste”*. O porta-voz da Convergência Nacionalista Timorense em Sidney, João Carrascalão, declarou hoje ao “Europeu” que: *“é necessário que o Vaticano imponha condições condignas para a ida de S. Santidade a Timor, para que esta visita não seja utilizada – como aliás se espera – como mais uma vitória da propaganda Indonésia, para justificar a sua ocupação de Timor-Leste”*.

Entretanto parte no próximo dia 18 para Darwin o cônsul geral de Portugal em Sidney, Alexandre Vassalo que ali irá efectuar a sua primeira visita à comunidade portuguesa e timorense local. O líder da Convergência Nacionalista, José Ramos-Horta acompanhará aquela entidade portuguesa na visita, durante a qual terá várias sessões de trabalho com representantes da comunidade timorense ali radicada.

93.2. QUE PAZ POSSÍVEL PARA O CAMBOJA?¹⁸²

SIDNEY, 04/05/89, EUROPEU) A semana tem sido activa para as forças políticas e diplomáticas em Jacarta. Depois da curta visita de dois dias do vice-presidente norte-americano, Dan Quayle, as notícias provenientes daquela capital respeitam apenas às negociações sobre o futuro da Campuchea, agora de novo denominada Camboja.

A visita de Quayle pouco destaque mereceu, embora uma fonte da missão norte-americana tenha declarado a algumas agências noticiosas que o vice-presidente norte-americano havia abordado o problema de Timor-Leste e dos direitos humanos, com o presidente Suharto. Três dias passados ainda não foi possível ao “Europeu” averiguar em detalhe quais teriam sido os termos de referência utilizados por Dan Quayle relativamente a Timor e aos direitos humanos. Os meios de comunicação social australianos nada dizem de específico e as nossas fontes na capital Indonésia também não dispõem de mais dados.

182 EUROPEU DESPACHO 130/89 04/05/89

Mais importante porém para os mass media internacionais tem sido a visita do príncipe Sihanouk, e os seus encontros com Quayle, com Hun Sen (1º ministro cambojano) e com outros diplomatas. Hoje antes da sua partida para Bangucoque, o príncipe Sihanouk ventilou a hipótese de a Austrália tomar parte numa conferência internacional para presidir à vigilância da retirada das tropas vietnamitas do seu país, depois de dez anos de ocupação militar.

A notícia confirmada pelo embaixador australiano em Jacarta, Phillip Flood, acrescenta que deverão tomar parte em tal conferência membros de países tais como o Canadá, Índia e Polónia. Norodom Sihanouk mostrava-se optimista, declarando-se pronto a abandonar a sua coligação militar com o famigerado regime genocida dos Khmer Rouge (Khmer Vermelhos) e partilhar o poder com as forças que têm liderado o país ao longo destes anos de ocupação e resistência. As forças não comunistas de Sihanouk, e a facção de Hun Sen são dois dos três principais grupos de resistência, mas falta ainda ver até que ponto os 30 mil guerrilheiros do regime de Pol Pot (Khmer Vermelhos) não estarão envolvidos no regresso ao Camboja.

O Vietname havia anunciado em Abril que o resto das suas tropas abandonaria aquele país até finais de Setembro, e durante esta sessão de conversações hoje terminadas em Jacarta, o regime de Hun Sen fez inúmeras concessões à oposição. Em Bangucoque ontem à noite, o ministro dos estrangeiros vietnamita Nguyen Co Tach, confirmou que a última fase da retirada das tropas vietnamitas ainda no Camboja se iniciaria agora.

O governo de Hun Sen estabeleceu alterações à constituição e introduziu reformas destinadas a libertar o país dos seus laços socialistas, dando lugar a medidas que prevêm o mercado livre e a propriedade privada, além de aceitarem o budismo como religião cambojana. Tais medidas culminaram na introdução de uma nova bandeira.

Para Sihanouk a reintrodução do sistema multipartidário é vital para a sobrevivência do novo regime, que se espera seja por si liderado. Sihanouk, o último rei divino do Camboja e ex-chefe do estado declarava aos jornalistas à sua partida *"eu sou o chefe e pai de todos os cambojanos. Hun Sen é um filho que tem sido um mau filho, mas pode ser que ele não seja tão mau, e que seja 50% bom e 50% mau."*

Segundo os acordos ora estabelecidos em Jacarta entre os vários participantes o governo de Hun Sen prosseguirá no poder como regime de transição, a fim de manter a ordem social, e será automaticamente dissolvido com a criação de nova assembleia multipartidária. Observadores da cena política norte-americana pensam que a posição do governo de George Bush não teve a coragem de exigir a não participação daquilo que muitos consideram ainda ser a maior força política cambojana: os Khmer Vermelhos da facção Pol Pot.

O encontro com Quayle e Sihanouk poderá ter mantido essa linha, embora dele não tenha transpirado mais do que as agências internacionais divulgaram. Ou seja os EUA poderão aceitar qualquer novo governo cambojano, mesmo incluindo a facção de Pol Pot, desde que com isso

a influência soviética e vietnamita no país se reduza. Poderão no entanto esquecer que o regresso dos Khmer Vermelhos pode representar também o regresso sangrento que caracterizou os seus 3 anos e meio no poder, com pelo menos dois milhões de pessoas assassinadas e torturas infindas.

Sihanouk declarava ontem à noite que no fim-de-semana ao avistar-se com Khieu Samphan – líder dos Khmer Vermelhos – antes da sua partida para Jacarta tentara obter concessões daquela facção da resistência anti-vietnamita. Como nada obtivera, Sihanouk disse *“estar disposto a abandonar totalmente os Khmer Vermelhos, se estes não aceitassem os compromissos dos acordos firmados em Jacarta”*.

Os Khmer dispõem ainda de forte apoio da R. P. da China e da Tailândia, para além de bases civis e militares dentro das fronteiras tailandesas. A única solução é o fim de todo o apoio militar e económico aos Khmer Vermelhos, a fim de isolar este grupo da população e de o levar ao seu fim político e militar. Sem tal solução estes compromissos auguram apenas uma prolongada guerra civil no país.

Vejamos sumariamente a triste história das cinco bandeiras e dos cinco regimes do Camboja durante os últimos vinte anos. Quando o príncipe Sihanouk reinava a calma região indochinesa, a bandeira era constituída de três painéis horizontais (azul marinho, vermelho e azul marinho) com três torres brancas em forma de lótus, simbolizando os templos de Angkor Vat, e a grandeza do passado (uma torre para a nação, outra para a monarquia e outra para o budismo). O reinado de Angkor atingiu o

seu zénite entre 1000 e 1200 da nossa era e tem feito parte do estandarte nacional desde então.

Em 1970, o ministro da defesa de Sihanouk tomou conta do poder num golpe de estado, proclamou uma república e empenhou-se numa guerra contra o Vietname. Lon Nol manteve o azul e encarnado, mas as três torres foram relegadas para o canto superior esquerdo, e acrescentadas três estrelas (representando o povo, e os dois povos Khmer *cativos* no Vietname do Sul e Tailândia). Esta bandeira durou cinco anos, tendo sido substituída em 1976 pelo regime Khmer Vermelho de Pol Pot, que manteve um fundo vermelho, centrado por três torres estilizadas em amarelo.

Três anos depois os vietnamitas ao assumirem as rédeas do poder (1979) instalaram o governo de Hun Sen e a bandeira anticolonial de Khmer Issarak (Camboja Livre) – o movimento que lutou contra a dominação colonial francesa. A bandeira encarnada continha cinco torres amarelas, que representavam as cinco partes do reino colonial francês da Indochina (Tonquim [Tonkin], Ainão [Annam], Cochinchina, Laos e Cambodja). Representava este símbolo a era em que aqueles povos lutavam unidos sob Ho Chi Minh (e o partido comunista indochinês) pela sua independência.

Em Jacarta, porém Hun Sen trazia uma nova bandeira num fundo metade vermelho e azul, com cinco torres amarelas. Apesar do compromisso, Sihanouk não pode aceitar cinco torres, ele quer à força reviver a bandeira sob a qual dominou o país por 17 anos. Mas será impossível reviver o passado depois dos 20 anos de pesadelo que o Cambodja sofreu.

Em entrevista hoje concedida pelo ministro dos estrangeiros da Indonésia, Ali Alatas, este congratulava-se com os resultados diplomáticos obtidos pelo seu país para a resolução do conflito. Esquecido da comunicação social mundial estava o problema de Timor-Leste, onde morreram 30% dos seus habitantes (200 mil) e se bem que nisto de guerras as estatísticas sejam variáveis, os dois milhões mortos por Pol Pot representam apenas um quinto da sua população, mas o interesse das grandes potências como a URSS, EUA e R. P. China jamais fez desaparecer o caso das páginas dos jornais.

Em Timor era apenas um povo sem um passado milenário que tentou ser independente, e no qual não estavam interessadas as grandes potências e cuja importância regional era reduzida. O exemplo aqui fica e com ele a esperança de que os cambojanos possam beneficiar dos acordos firmados esta semana em Jacarta.

94. ACORDO DE PESCAS ENTRE A AUSTRÁLIA E A INDONÉSIA¹⁸³

SIDNEY, 06/05/89 EUROPEU) A Austrália e a Indonésia concluíram há dias uma sessão de negociações sobre os direitos de pesca de navios indonésios em águas australianas. Os pontos altos do acordo focam quatro áreas principais de actividade.

A cooperação no desenvolvimento dos meios alternativos de rendimento para os pescadores da

183 EUROPEU DESPACHO 132/89 06/05/89

*Indonésia, a fim de evitar a sua dependência económica dos mares australianos,
A troca de informações sobre os meios pesqueiros e a riqueza marinha a fim de evitar os excessos da pesca Indonésia nas águas australianas,
O estabelecimento de acordos recíprocos de pesca entre os dois países,
A expansão da área entre as ilhas Cartier Ashmore à qual os pescadores indonésios têm tradicionalmente tido acesso. A notícia veiculada ontem pelo ministro dos estrangeiros australiano senador Gareth Evans visa reduzir o número de incursões ilegais nas áreas marítimas australianas.*

No corrente ano mais de 17 embarcações foram aprisionadas pelas autoridades costeiras em virtude de pescarem ilegalmente neste país.

95. MAIS DETENÇÕES EM TIMOR-LESTE ¹⁸⁴

SIDNEY, 11/05/89 EUROPEU) Em contacto telefónico directo com Díli, capital de Timor-Leste, ontem à noite foi possível apurar que as forças Indonésias estão a exercer uma grande pressão sobre a população, devido às recentes notícias que o “Europeu” fez circular em 1ª mão.

Conforme noticiámos em 2 de Maio, o clero timorense estava descontente com os preparativos e outros aspectos da anunciada visita papal ao território em 13 de Outubro próximo. De acordo com a conversa telefónica de ontem à noite, o “Europeu”, apurou que a pessoa que havia conseguido “passar” a notícia para a Austrália, foi

184 EUROPEU DESPACHO 141/89 11/05/89

detida há dias pelas autoridades militares Indonésias e se encontra “incomunicável”.

A acreditar nas informações obtidas os indonésios estariam a pressionar as autoridades timorenses locais, inclusive o governador, Mário Viegas Carrascalão face às recentes “*fugas de informações*” verificadas. O “Europeu” noticiou também recentemente a deslocação de equipas de futebol timorenses e australianas ao território, “*desmascarando*” o carácter de “*visita a familiares*” que alguns dos membros de tais deslocações pretendiam dar à visita, e em especial uma carta de monsenhor Carlos Belo, no qual este apelava ao Secretário-geral da ONU para realizar um referendo em Timor. De acordo com as mesmas fontes, esta cobertura estaria a prejudicar as negociações na ONU entre o embaixador indonésio, Nana Sutresna e o seu homólogo português, Fernando Reino, relativamente à eventual visita de parlamentares ao território.

Curiosamente apenas o jornal nacional “The Australian” noticiava hoje o início formal das negociações em Nova Iorque. De acordo com o mesmo jornal, o general Try Sutrisno, chefe supremo dos militares indonésios manifestava-se satisfeito com a liberdade de movimentos em Timor, capaz de “*dinamizar a vida dos timorenses depois de 400 anos de sofrimento sob colonialismo português*”.

96. 11 MAIO 1989 THE AUSTRALIAN

97. 11 MAIO 1989 COMÉRCIO DO PORTO

98. DESPACHO LUSA 64/89 13/5/1989

99. SUHARTO – CONTROVERSO CHEFE INDONÉSIO ¹⁸⁵
100.1. A QUESTÃO POLÍTICA MAIS QUENTE DOS
ÚLTIMOS MESES TEM SIDO A SUA AUTOBIOGRAFIA

SIDNEY, 13/5/89 EUROPEU) Embora Suharto tenha governado a Indonésia durante mais de 20 anos, pouco se sabe sobre a sua vida pessoal, para além do que foi revelado na obra de Roeder (1969) "*O general sorridente*".

Nas suas raras aparições em público, o presidente tem assumido um aspecto calmo, sério e desligado, seja a inspeccionar tropas, a cortar fitas, a receber delegações estrangeiras ou a ler longos discursos. Nos últimos anos porém uma imagem mais quente e paternalista tem emergido acompanhada do título "*bapak pembagunan*" (pai do desenvolvimento) como justificação do tom grisalho dos seus cabelos.

Em Janeiro 1972 quando os estudantes se manifestavam contra o projecto de "*uma Indonésia em miniatura*" Suharto prometeu eliminá-los se persistissem em atacar o projecto que era ideia da sua mulher madame Tien. Noutras ocasiões Suharto teve explosões temperamentais inexplicadas, quando lhe perguntaram porquê se agarrava ao poder. Assim causou surpresa a sua autobiografia: "*Suharto: os meus pensamentos, feitos e ditos*", um retrato revelador do ditador de 67 anos e dos seus mais de 25 anos no poder. Uma das mais controversas secções do livro "*Petrus*" lida com as mortes de mais de cinco mil suspeitos criminosos entre 1984 e 1989.

185 EUROPEU DESPACHO 143/89 13/5/89

"Estes acontecimentos" – de acordo com a revista "Inside Indonesia" publicada na Austrália por dissidentes do regime indonésio – "não têm nada de misterioso. Eles sucedem-se a uma vaga de medo do povo, por parte de criminosos, assassinos e outros elementos hostis. A acção de tais criminosos excedeu os limites da humanidade e da lei."

Referindo-se a casos de ataques a pessoas em que o roubo, não era o móbil do crime, e a casos em que a violação era sucedânea do assalto, aquele capítulo do livro de Suharto, alega que *"a violência tinha de ser combatida coma violência"*.

Referindo-se ao facto de em tais atentados "as vítimas terem de ser abatidas" o livro a que o "Europeu" teve acesso proclama que "as mesmas tinham de ficar em exposição pública, como numa terapia de choque."

Que Suharto havia aprovado este tratamento dos criminosos nunca esteve em dúvida, mas é espantoso que ele agora venha a terreiro identificar-se com aqueles actos terroristas de forças policiais e para-policiais. Tais acções incrementaram a popularidade do regime com pessoas fartas de terem de lidar com crimes, se bem que tenham prejudicado a imagem que o mundo exterior tinha da Indonésia. Curioso porém que esta revelação do apoio presidencial esteja em contradição com a explicação oficial dada por Benny Murdani em Janeiro 198, aquando da visita do ministro dos negócios estrangeiros holandês van der Broeck, de que *"o governo nada tinha a ver com aquelas mortes"*.

O livro prossegue dando crédito pessoal a Suharto por inúmeras ocasiões e acontecimentos o que revela um narcisismo até então não revelado. De acordo com a "Inside Indonesia" um dos aspectos mais relevantes do livro respeita à ingratidão revelada por Suharto para com os seus ministros.

"Antes da morte de Ali Murtopo muita gente pensava que ele era uma figura central. Talvez por ser eloquente e ousado e parte do pequeno grupo de assistentes pessoais [de Suharto, o grupo ASPRI] Murtopo era tido como indispensável sem o qual o governo não existiria. Mas depois da sua morte o governo manteve-se e eu fui capaz de me manter no poder."

Em relação a Sudjono Humardani, tido como conselheiro espiritual de Suharto: "as pessoas consideravam-no como sabendo mais sobre o misticismo javanês (**kebatinan**) do que eu mesmo, mas na verdade ele era o primeiro a dizer que eu sabia mais sobre o assunto e por várias vezes me pediu a minha interpretação dos factos, como se eu fosse o professor dele".

Outras personalidades da vida política Indonésia, tais como Sudharmono (actual vice-presidente), Murdani, Moerdiono, e Ginandjar são citadas não como tendo prestado relevantes serviços, mas apenas como bons auxiliares do governo de Suharto.

100.2. DISSIDENTES

O livro autobiográfico cobre também o caso Dharsono e a petição do grupo dos 50, revelando um regime autocrático e a sua intolerância por qualquer forma de crítica.

"Parece que Dharsono pensava que o regime não teria coragem de tomar qualquer acção contra ele, em virtude de ter sido um comandante militar. Ele pensava ser muito influente. Mas este país baseia-se na regra da lei e aqueles que não a cumprem têm de sofrer as consequências.

Em 1980, um grupo auto intitulado "A Petição dos 50" emergiu e eu senti-me deliciado por ter oposição, desde que ela seja leal. Mas não gostei da forma como o fizeram, considerando-se como "lutadores pró-independência".

*Em javanês, grupos destes são considerados como **"sabedores de tudo, mas incapazes de saber o que se passa à volta deles"**. Era quase como se sentissem detentores da verdade universal e todos nós desviados da imagem inicial da Pancasila e da constituição de 1945. Mas eles fracassaram e o governo mantém-se."*

100.3. A CORRUPÇÃO DO REGIME

No tocante à corrupção Suharto aparece na defensiva:

"Quer eu quer a minha mulher já francamente explicamos ao comandante em chefe das forças armadas e aos chefes de estado-maior da polícia e das forças armadas que não estamos envolvidos em negócios. Recebemos apoios financeiros da direita e da esquerda, como cidadão e líder deste país recebi tais contribuições as quais destinei a fundos

humanitários destinados às viúvas e órfãos dos soldados da campanha em Irian Jaya (Papua Ocidental), à campanha da Malásia e a Timor-Leste.”

Tal como acontecera com a autobiografia de Sukarno, Suharto serviu-se de ajuda externa para a publicação. O poeta Ramadhan K. H. durante três anos escreveu perguntas que eram passadas ao secretário de estado Dwipayana, que além de as passar ao presidente, gravava as respostas e passava a Ramadhan para editorializar, os textos finais eram corrigidos pelo próprio presidente.

O que Suharto não esperava era talvez que o público leitor indonésio fosse inteligente, e em vez de ser imortalizado pelas suas obras e feitos, tivesse sido considerado na autobiografia como uma pessoa insensível, intolerante e orgulhosa.

Isto levou a que o livro fosse retirado do mercado por “razões tipográficas” desconhecendo-se quando será reeditado. As suas fotocópias estão no entanto com elevada procura, a acreditar no “Inside Indonesia”.

Suharto tem consciência das suas origens humildes e da sua falta de educação formal, mas sabe que teme falar em público de improviso, ao contrário de Sukarno que era um orador de improviso. Embora apoiando o caso “*Petrus*” na altura em que este ocorreu, Suharto não teve coragem de se identificar com os acontecimentos. Da mesma forma o seu cometimento à causa mística javanesa “*kebatinan*” só agora é revelada pois que no passado ele poderia sentir-se inferiorizado ao ofender os muçulmanos.

Esta visão da presidência é consistente com o controverso livro do jornalista australiano David Jenkins, "*Suharto e os seus generais 1975-1983*" e o qual causou inúmeros problemas à Austrália. Neste livro – que provocou a expulsão de todos os jornalistas australianos da Indonésia – Jenkins diz que “ao longo de vinte anos Suharto se tornou mais rígido, autoritário, feudal, místico, cínico, corrupto e menos capaz de ouvir críticas contra o seu regime”.

O único motivo pelo qual se pode aceitar a publicação desta autobiografia baseia-se no medo do futuro e da falta de sucessor. Existem poucos exemplos no terceiro mundo em que ex-líderes tenham sido capazes de manterem o controlo imperial das suas finanças derivadas de anos no poder, e seria simples para qualquer sucessor de Suharto explorar o descontentamento público sobre tal assunto.

Mesmo que escolhido por Suharto o seu sucessor poderia não resistir à tentação de expor a riqueza ilícita de Suharto e da sua família para granjear a admiração dos mais de 172 milhões de súbditos.

101. 16 MAIO 1989 COMÉRCIO DO PORTO

102. 16 MAIO 1989 CORREIO PORTUGUÊS, SIDNEY.
HISTÓRIA SOBRE PETRÓLEO DE JOSÉ RICARDO QUE
NÃO FOI APROVEITADA PELA LUSA

103.1. NOVO GRUPO DE APOIO A TIMOR-LESTE ¹⁸⁶

Sidney, 18 Maio 89 LUSA) Com o patrocínio do “Comité Para Um Pacífico Independente E Não Nuclear”, foi criado *"um grupo de apoio à causa da independência de Timor-Leste e da Papua ocidental"*, segundo declarou hoje à Lusa, Anthony Bourke, coordenador daquele movimento.

"A reunião preliminar para a formalização de tal grupo terá lugar em Sidney no próximo sábado" acrescentou aquele porta-voz do grupo e "terá a participação de representantes dos movimentos independentistas daqueles territórios".

“A criação deste grupo visa colmatar a falta de conhecimento na Austrália pela luta armada que na Papua existe desde 1962 e em Timor desde 1975”, disse Bourke, salientando que "os casos mais brutais de colonialismo no Sudeste Asiático são os perpetrados pela Indonésia".

103.2. FILME SOBRE TIMOR NA TV AUSTRALIANA ¹⁸⁷

Sidney, 18 Maio 89 LUSA) Um filme documentário sobre Timor-Leste será transmitido pelo canal multicultural de TV australiana "SBS" no próximo domingo.

O documentário que demorou cerca de dois anos a produzir é da autoria de Colin South e John Tatsoullis e tem o título **Companhia Independente** e evoca os acontecimentos sangrentos durante a segunda Grande Guerra quando os timorenses e um punhado de australianos lutaram contra a ocupação japonesa.

A campanha de guerra da *Companhia Independente* também conhecida como “O esquadrão de Comandos de Cavalaria 2/2” centrou-se numa área de menos de 100 (cem) km onde se distribuía cerca de três centenas de soldados australianos.

A sua sobrevivência só foi possível graças à abnegação dos timorenses, que foram mortos aos milhares pelos japoneses que não conseguiram o domínio da metade de Timor-Leste como haviam conseguido da então metade holandesa da ilha.

O documentário abarca o período de 1941 a 1943, e cita não só a heróica acção dos australianos, como a dos timorenses, incluindo o então jovem radiotelegrafista Patrício Guterres, hoje radicado na Austrália.

Trata-se do primeiro documentário produzido sobre aquele período da guerra, se bem que existam já vários livros sobre o tema, o mais notável dos quais da autoria do (então) capitão Bernard J. Callinan, e do qual existem edições de 1953, 1954 e 1984, as quais serviram de base ao filme.

104. OS INSTRUMENTOS DA POLÍCIA SECRETA INDONÉSIA¹⁸⁸

SIDNEY, 18 Maio 89 EUROPEU) Em Setembro de 1988, o presidente Suharto anunciou a abolição da temida “KOPKAMTIB” (comando operacional para a restauração da ordem e segurança) e em sua substituição criou a

188 EUROPEU DESPACHO 144/89, 18/05/89

"BAKORSTANA" (agência coordenadora da manutenção da estabilidade nacional).

Se bem que esperado o fim da KOPKAMTIB que há 22 anos vinha mantendo o poder, desde que o general Benny Murdani fora sucedido por Try Sutrisno, as razões da abolição daquele instrumento de implementação do poder marcial na Indonésia revelam-se pouco claras. Se por um lado as pressões internacionais contra os instrumentos de repressão podem explicar a decisão, por outro a declarada obsessão de Suharto ascender ao pódio do poder no movimento dos países não alinhados pode ajudar à sua compreensão.

A decisão de qualquer forma representa uma simbólica liberalização adoptada pelo governo de Jacarta. O novo organismo herdou porém toda a legislação posta em vigor para o funcionamento do KOPKAMTIB e um mês depois da sua substituição dois sargentos eram executados ao abrigo da mesma, depois de 20 anos de detenção na famigerada prisão de Cipinang.

Observemos em detalhe uma análise dos meios repressivos em vigor na Indonésia, de acordo com um recente artigo na "Inside Indonesia" do centro de informação e recursos indonésios na Austrália, conotado com dissidentes do país.

104.1. KOPKAMTIB/BAKORSTANA

O KOPKAMTIB agora abolido, não era de per si, um movimento autónomo mas sim uma extensão do comando das forças armadas, sem limites à sua acção mais

parecendo um instrumento de aplicação da lei marcial do que outro órgão regulador do poder militar.

A organização central daquele órgão era feita através de membros do comité, central das forças armadas. A nível regional tal controlo era feito através dos KODAM, Korem. Kodim e Koramil, comandos militares regionais e locais até à aldeia mais pequena.

Desta forma as forças militares controlavam operacional, social e politicamente todas as situações. Nos últimos anos porém infiltraram-se também no ministério do trabalho, para suprimirem disputas laborais e o aparecimento de sindicatos.

Como uma agência coordenadora, o BAKORSTANA não deveria ter uma acção operacional, mas antes uma posição de conselheira presidencial, mas sabendo-se a importância do conceito de "*estabilidade nacional*" a sua acção deverá manter-se vasta e servirá para controlar todos os problemas de origem social e de trabalho.

104.2. BAIS (AGÊNCIA DE INTELIGÊNCIA ESTRATÉGICA)

Fundada em 1983 a BAIS (BADAN INTELIJEN STRATEJIS), sem sombra de dúvida uma agência secreta de recolha de inteligência e é constituída por altas patentes militares directamente sob o comando do chefe de estado-maior general das forças armadas.

A BAIS substituiu o centro de estudos estratégicos que foi durante seis anos liderado por Benny Murdani. A sua importância é notável, pois sobrepõe-se a todos os

restantes órgãos de inteligência militar, operando a nível militar e político quer no país quer no estrangeiro. Recebe informações a todos níveis por via de uma ligação directa ao KOPKAMTIB do exército, que lhe permite receber informações de todos os KODAM, KOREM, KODIM, Koramil e Babinsa.

104.3. BAKKIM

Anteriormente a Bakkim era a mais importante agência secreta, mas Murdani fê-la relegar para uma posição secundária. Criada em 1968 tem sido chefiada desde 1974 por um mais leais colaboradores de Suharto, o tenente general Yoga Sugama. Durante as décadas de 60 e 70 excedeu largamente o papel de qualquer agência secreta.

Nesse período em que era seu vice-chefe o general Ali Murtopo, a Bakkim desenvolveu muitas operações secretas, operações especiais, mais próprias da ficção dos Rambos do que da normal acção de agências semelhantes.

A Bakkim é nominalmente uma agência civil e emprega a nível médio e inferior vários civis, mas altas patentes militares controlam os lugares de chefia. Embora tenha perdido a capacidade operacional interna ainda opera no estrangeiro, e quase todos os seus directores estão a aproximar-se da idade de reforma, sendo previsível que num futuro venha a ser totalmente assimilada à BAIS.

104.4. INTEL PAMPOL (POLÍCIA DE INTELIGÊNCIA NACIONAL)

Cada um dos quatro braços das forças armadas dispõe das suas organizações próprias de inteligência, mas o directorado da polícia de inteligência nacional) é importante dada a vaga definição de criminalidade na Indonésia. Da sua acção realça-se a vigilância política e intervenção, esperando-se agora que a KOPKAMTIB foi abolida, este órgão passe a dedicar-se mais aos casos de *"ameaças e obstruções à estabilidade nacional e ao desenvolvimento"*.

104.5. DIRECTÓRIO GERAL DOS ASSUNTOS POLÍTICOS E SOCIAIS (MINISTÉRIO DO INTERIOR)

Aparte as estruturas militares, o sector mais importante do controlo dos 172 milhões de indonésios reside no ministério dos interiores, liderado por Rudini, ex-chefe do estado-maior do exército, e o qual é secundado pelo major general Nugroho, que também é um dos directores do BAIS.

Este organismo é responsável, de acordo com o almanaque estatal, de promover "a condução política no país, desenvolver a unidade nacional e a aplicação dos cinco princípios de estado, [conhecidos como] Pancasila".

Em termos práticos porém procede à supervisão de mais de meio milhão de presos políticos, garante a condução dos exercícios eleitorais e está ligado a todos os níveis de governo e administração local.

104.6 PROCURADOR-GERAL ADJUNTO (SERVIÇOS DE INTELIGÊNCIA)

Este departamento é chefiado actualmente pelo brigadeiro general Sukarno (sem parentesco com o ex-Presidente e fundador da República), um oficial com um longo passado nos serviços secretos em especial KOPKAMTIB.

A sua acção prende-se mais com os aspectos legais do regime e da implantação das suas estruturas de recolha de dados de inteligência.

104.7. INSTITUTO DE CRIPTOGRAFIA

Este organismo é responsável por todo o serviço de codificação e descodificação de cifras, em especial as do pelouro dos serviços de inteligência. Actualmente liderado pelo contra-almirante Subardo depende directa e exclusivamente do presidente Suharto.

Conforme o organigrama mostra, a pesada máquina secreta Indonésia depende do presidente e permeia todos os níveis da actividade dos cidadãos. Não obstante o apoio militar constante que os EUA, França, e Reino Unido têm prestado à Indonésia, alegando tratar-se de um país amigo e totalmente democrático, não é difícil inferir que as suas estruturas secretas são mais típicas de uma qualquer ditadura do que de uma democracia.

Casos de usurpação territorial, inicialmente por invasão armada e seguida de pseudo actos de autodeterminação popular devem ser tidos em memória:

*A invasão de pára-quedistas na Papua Ocidental (Irian Jaya) em 1962, e
O pseudo acto integracionista de 1969, e*

A invasão de Timor-Leste em Dezembro 1975, seguida sete meses mais tarde de outro pseudo acto de integração voluntária.

É no contexto de um poder militar como este que devem ser tidas em consideração as lutas pró-independentistas em Timor-Leste e na Papua Ocidental. Sabendo-se que quer num caso como noutro, ambos os principais grupos de guerrilhas, da Fretilin em Timor e da OPM (organização de libertação da Papua) não dispõem de apoios militares exteriores, e dada a estrutura dos serviços secretos e de controlo da Indonésia, só a profunda determinação dos seus povos de se não deixarem subjugar pode explicar a sua sobrevivência ao fim de 14 e 27 anos, respectivamente.

Será interessante referir que o activo grupo para um Pacífico Independente Livre da Proliferação Nuclear, baseado na Austrália, organizou agora um comité de apoio a Timor-Leste e à Papua Nova-Guiné,, a fim de tentar contribuir para a autonomia dos seus povos e o fim do colonialismo indonésio na região.

"Atendendo à continuação da violenta repressão exercida contra aqueles povos o novo comité de luta ora formado, pretende despertar a apatia da opinião pública australiana, para a luta pela independência", segundo declarou hoje ao "Europeu", Peter Cronin daquele comité.

Curiosamente porém a primeira reunião deste grupo no sábado (dia 20/5) não terá a presença de José Ramos-Horta e de João Carrascalão dois dos mais importantes líderes da Convergência Nacionalista de Timor-Leste na Austrália, os quais se encontram em visita de trabalho às

comunidades timorenses de Darwin, no Território Norte. Para lá partiu também hoje quinta-feira, o cônsul geral de Portugal em Sidney, Alexandre Vassalo, na sua primeira visita oficial às comunidades de expressão portuguesa no território, onde deverá ter encontros vários com representantes locais.

105. AS IDAS DE TIMORENSES A TIMOR ¹⁸⁹

SIDNEY, 19 MAIO 89 EUROPEU) João Carrascalão debate em comunicado distribuído à imprensa local australiana a sua posição face às idas de timorenses, em viagens patrocinadas pelos governos da Indonésia e do Território Norte australiano.

Em nome da Convergência Nacionalista, João Carrascalão escreveu um longo comunicado que visa o problema das idas de timorenses à pátria ocupada. O comunicado vem na sequência de um desmentido de um membro de uma equipa desportiva de futebol que se deslocou a Timor-Leste, conforme o “Europeu” noticiou na sua edição de 30 de Abril. Aquele desmentido parece ter causado grande agitação nalguns sectores da comunidade timorense, em especial em Darwin, razão ora invocada por Carrascalão para esclarecer a comunidade em geral.

O comunicado começa por contestar:

"A forma insultuosa e ofensiva como tratou o jornalista que divulgou através do “Europeu”, de que é correspondente, as informações de fontes que até

vêm indicadas... Profissional que me tem merecido o maior respeito e consideração... Na minha capacidade de vice-presidente do comité, central e presidente do comité, de relações externas da UDT, auscultada a opinião dos seus militantes e simpatizantes. A mensagem é clara: **"não aprovamos a ida de grupos de timorenses a Timor, seja a que título for, quaisquer que sejam as razões invocadas, e muito menos em nome dos que se encontram na diáspora"**.

Somos pela ida de indivíduos, timorenses ou não, por razões familiares ou outras. Timor tinha de deixar de ser a ilha prisão que foi e em parte ainda é. Pugnamos sempre pela "abertura das portas"... Mas quanto à deslocação de caravanas de timorenses a convite de entidades oficiais ou oficiosas as directrizes continuam fortemente negativas".

Não só não queremos que essas deslocações sejam uma indicação de conformação com o status quo, como pretendemos evitar... Manipulações, arte em que os indonésios são mestres. ... Ainda ninguém se esqueceu das mentiras propaladas para encobrir a invasão de Timor por "voluntários"... E a farsa da petição de integração?

E a declaração da integração redigida em Jacarta, assinada em Bali e dada a conhecer como tendo sido elaborada e assinada em Balibó? E a assembleia popular formada à última hora com indivíduos transportados para Jacarta como representantes do povo de Timor para pedir ao presidente Suharto que aceitasse a integração?"

Perante o que ficou dito reafirmo a posição clara da convergência: encorajamos a ida a Timor em visita a familiares ou por outras razões de indivíduos. Quanto à deslocação de caravanas, até que ao povo seja dada a liberdade de escolher o seu destino, definitivamente não!"

A propósito o rapaz que confiada e corajosamente entregou em Díli a um dos membros da caravana desportiva uma carta de certa importância, foi preso há dias pelas autoridades Indonésias. Este é apenas um dos resultados da chamada "visita turística" a Timor... Turistas na nossa própria terra, autorizados e a convite de quem pela força das armas dela se apropriou."

Depois deste comunicado e sabendo-se de alguns sérios problemas e divisões existentes na comunidade timorense de Darwin, João Carrascalão para ali se deslocou esta semana. A ele se juntaram em idênticas digressões José Ramos-Horta e Alexandre Vassalo, cônsul geral de Portugal em Sidney que ali efectua a sua primeira visita oficial.

Trata-se de uma das primeiras visitas de um cônsul geral português em vários anos a visitar um dos mais importantes centros das comunidades de expressão portuguesa. Estão previstos vários encontros oficiais para os próximos dias e reuniões de trabalho com membros das comunidades portuguesa e timorense em Darwin, das quais daremos conta oportunamente.

106. A DIÁSPORA DOS TIMORENSES NA AUSTRÁLIA 14 ANOS DEPOIS ¹⁹⁰

SIDNEY, 20/05/89 EUROPEU) Catorze anos depois da invasão de Timor pela Indonésia a maioria dos timorenses radicados na Austrália acredita que Portugal e Austrália, depois de silenciosamente assistirem e consentirem na destruição da ex-colónia portuguesa, ignoram os problemas sociais que avassaladoramente se acumulam e são quotidianamente enfrentados pelos timorenses. As dúvidas, mais a distância e o tempo não ajudam a sarar as feridas de que enfermam os timorenses aqui residentes. O futuro pode ser ainda mais sombrio do que o passado e o presente.

Para a maioria daqueles que para este país emigram, o choque inicial caracteriza-se pelas barreiras culturais com que deparam à sua chegada à Austrália. Para aqueles que de Timor vieram tais barreiras são incomensuravelmente maiores do que para outros emigrados, para além daqueles que vieram do Laos, Camboja, Sri Lanka ou outros países afligidos por uma invasão de potências estrangeiras.

A diferença para os timorenses assenta antes de mais na estratificação socioeconómica característica de Timor, herança da presença colonial portuguesa. Esta era primeiramente baseada nos estratos locais existentes durante séculos. Porém depois da Segunda Guerra houve, por razões políticas ditadas pela gerontocracia salazarista, que colocar nas posições de liderança pessoas da confiança do regime.

Foi assim que se assistiu à substituição de chefes de suco, chefes-de-posto, de liurais e régulos, aliados aos ideais da época. Lentamente as famílias reais, os chefes tribais passaram a ser substituídos por personagens menos reais e menos tribais impostas pelo colonizador baseado na sua lealdade ao regime, que não na sua ligação ancestral ao povo.

Se a situação porém não se alterou substancialmente nas águas calmas em que Timor vivia nessa época durante o fim da década de 40 até ao fim da década de 50, a revolta popular de Uato-Lari no Natal de 1959 veio modificar mais a paisagem socioeconómica.

Embora caiba aos historiadores futuros a verdadeira explicação da “Revolta de 59”, por alguns considerada como um primeiro acto independentista, por outros considerada como uma mera manifestação de descontentamento, certo é que é a partir dessa data que as coisas se começam lentamente a modificar.

Em meados da década de 60, depois dos sangrentos incidentes na Indonésia, e da caça aos chineses e pretensos comunistas, Timor viu incrementar rapidamente a sua população de origem chinesa, proveniente da Indonésia e em especial da província de Taiwan (Formosa). Em poucos anos esta nova camada minoritária dominava quase na totalidade os meios comerciais e industriais do território. Eles haviam superado os poucos empreendedores locais de origem timorense e competiam já, se não abertamente, com alguns portugueses ali radicados.

A sociedade timorense manter-se-ia assim estruturada até à década de 70 em quatro camadas:

*Os colonizadores e forças armadas,
Os radicados e os timorenses urbanos,
Os de ascendência chinesa dominando os meios de
produção
Os timorenses não urbanos, dominados por estruturas
de comando impostas pelo colonizador.*

Estas noções são fundamentais para se entenderem os problemas com que se deparam hoje os timorenses, seja em Portugal ou na Austrália.

Em termos demográficos a maioria da população, originária de um estrato socioeconómico de base rural – colonial com um muito baixo nível educacional – nalguns casos grassando o mero analfabetismo na sua língua natal "Tétum" – e o muito reduzido contacto com a cultura “dita ocidental”, que é comum aos timorenses provenientes das zonas mais recônditas da antiga colónia portuguesa.

Depois há que ter em conta o estrato sociocultural de origem tribal, regulado anteriormente por uma hierarquia estabelecida sob os poderes dos régulos, liurais e chefes-de-suco, em que as ordens emanavam directamente do topo sem lugar a contestação ou sequer diálogo.

Sabendo-se que a reintrodução hierárquica data do pós-guerra e se deve a factores coloniais de simpatia com a potência colonizadora [Portugal] em vez dos tradicionais laços de sangue e família que dominavam a estrutura timorense até à primeira metade deste século, a receita

estava feita para um coquetel (cocktail para os anglicizados) explosivo.

Consideremos a seguir, que em termos quantitativos a comunidade timorense hoje estabelecida na Austrália numa forma geral e em Sidney em particular, é aritmeticamente irrelevante. Os timorenses representam aproximadamente 0,23% da população desta grande metrópole, e 0,11% da população deste continente-ilha.

Todos estes factores permitem a manutenção de divisões naturais entre os vários núcleos timorenses, excluindo à partida as divisões faccionais políticas entre os simpatizantes da UDT e Fretilin (ora unidas na Convergência Nacionalista) e de uma minoria de pró-indonésios da Apodeti.

Existe ainda uma outra diferenciação, a étnica entre os timorenses melanésios, os de origem chinesa e os mistos destes e outros grupos étnicos. Em Sidney dos cerca de 6 500 timorenses aproximadamente $\frac{1}{4}$ são de origem chinesa, facto que se deverá talvez identificar com razões de ordem económica [já em Timor eles eram minoritários mas desfrutavam de uma superioridade económica em relação aos restantes grupos].

Para os chineses de Timor a integração no *modus vivendi* australiano não foi feita através de uniões de solidariedade com os restantes timorenses, mas sobretudo com as restantes comunidades étnicas chinesas já aqui radicadas.

Dos restantes timorenses, consideremos dois subgrupos principais: os mais ligados à língua e cultura de Camões e

os restantes, servindo-se sobretudo do dialecto Tétum predominante em termos de unificação das mesclas variegadas da população da metade oriental da ilha de Timor.

Outras divisões existiram no passado, baseadas em relações sociopolíticas que dicotomizaram a população entre Fretilin e UDT. Hoje com a união destes dois grupos sob a "Convergência Nacionalista" e a necessidade cada vez mais urgente de se resolver o problema do futuro de Timor, tais divisões esfumaram-se de forma geral.

Na Austrália existem alguns líderes da comunidade timorense, dos quais salientaremos João Carrascalão (UDT) em Sidney, Ágio Pereira [Alves] e Alfredo Borges Ferreira em Darwin, representando a Fretilin.

Carrascalão considera que: "Timor era conservador e calmo antes da saída portuguesa e que a política havia sido uma invenção recente a que parte da população não prestava a atenção devida. A UDT queria então a independência num período dilatado de 10 a 15 anos. Na Austrália a Fretilin tem sido mais vocal e aliada a organizações de esquerda... Mas actualmente fazemos todos parte da Convergência Nacionalista, [e estamos] unidos num interesse comum e único: a libertação do jugo indonésio".

Desde há muito distanciado de seu irmão, Mário Carrascalão, actual governador da 27ª província indonésia de Timor-Timur acredita que ainda há motivo para esperança. A timorização limitada dos quadros locais e a pressão internacional, além da pressão das guerrilhas que ainda operam no território poderão resolver o problema.

João Carrascalão foi bastante vocal na ONU, no comité de descolonização em 1987 e em 1988 confrontando directamente a posição oficial indonésia. Para este timorense com estudos feitos na Suíça, durante a era salazarista, a Fretilin teve alguns excessos pelos quais parte da comunidade se ressentiu, mas admite que se não fosse a presença militar, a resistência passiva, civil e eclesiástica não seria suficiente para alterar a situação.

Por seu turno, quer para Ágio como para Alfredo Ferreira, a acção da Fretilin nos anos passados (antes da Convergência Nacionalista) foi uma acção que visou criar uma certa imagem junto dos países da região, tendo estabelecido muitos contactos com dirigentes de Vanuatu, Papua Nova-Guiné, Nova Caledónia, ilhas Salomão, etc., já que a imprensa australiana se tem virado cada vez mais para a Indonésia nos últimos anos. Para estes timorenses, a continuação de acções de guerrilha e as pressões diplomáticas internacionais terá de forçar a Indonésia a modificar a sua atitude em relação a Timor-Leste.

A comunidade timorense de origem chinesa não dispõe nem de porta-vozes nem de associações específicas, estando mais unida em torno de grupos ligados por vínculos fraternais familiares os quais se reúnem quer em Chinatown, na baixa de Sidney, quer em Cabramatta (a mini Chinatown dos subúrbios limítrofes).

Uma coisa porém continua a unir os timorenses de qualquer conotação política: trata-se dessa herança inegável do jugo colonial – o futebol – o qual é jogado com uma paixão e entusiasmo que fariam inveja a qualquer adepto do desporto.

Ainda recentemente a deslocação de uma caravana desportiva de futebol de timorenses de Darwin provocou a rejeição de amplos meios timorenses, que consideraram tal ida como uma traição tanto mais que foi patrocinada por entidades oficiais e oficiais indonésias e australianas.

Para Ágio Pereira, em Darwin, onde se localiza a outra metade da comunidade timorense, e um homem bem activo nos meios políticos e na comunicação social, a *"luta continua e os relatórios que nos chegam de Timor-Leste dão conta da vontade de um povo que quer ser independente"*.

De facto os relatórios que chegam quer de Timor quer de refugiados, quer mesmo por outras fontes dão-nos conta da aguerrida acção dos timorenses que se recusam a aceitar o jugo e a supremacia militar Indonésia. Apenas o silêncio da maioria dos mass média internacionais impedem a divulgação das guerrilhas, as únicas no mundo sem poderem dispor de apoios do exterior.

Tanto para Carrascalão como para Ágio e Alfredo, a sociedade timorense na Austrália defronta-se com a intolerância australiana, a sua falta de conhecimento dos problemas específicos da comunidade, a falta de apoio das entidades governamentais a níveis de subsídios e estruturas sociais de apoio, e até há bem poucos meses a falta de suporte das entidades consulares e da embaixada portuguesa.

Há quem cite casos de doenças mentais, mas estas também são comuns a outros grupos étnicos e não se

restringem aos refugiados de Timor. Até agora a Austrália tem aceitado refugiados até um determinado montante ou quota, para obter reconhecimento político mundial, mas depois alheia-se das consequências e traumas que essa vinda de refugiados provoca.

Se bem que o caso de Timor seja praticamente tabu nos meios de comunicação social locais, é praticamente um "*crime de estado*" atacar a Indonésia ou expor algumas das suas irregularidades.

Nalguns jornais na secção de "*cartas à redacção*" é vulgar deparar-se com depoimentos de australianos, veteranos da 2ª Grande Guerra, indignados com o pouco que o país está a fazer em relação a Timor-Leste, muitos deles citando a bravura e valentia dos timorenses, que defenderam os ideais ocidentais e australianos durante a sangrenta ocupação da ilha de Timor durante a guerra.

Ao longo dos últimos seis anos lidamos com vários timorenses, desde aqueles que jamais haviam visto um "*patas-de-aço*" ou "*cacatua-bote*" [avião] àqueles que foram educados no sistema educacional português terminando (ou não) os seus estudos em Portugal e àqueles que apenas estudaram aqui.

Nota-se uma erosão do poder e cultura tradicional que ameaça degenerar numa erosão futura daqueles valores ancestrais. Nos mais idosos e nos da minha geração de meia-idade nota-se de uma forma geral a nostalgia, a tristeza de jamais poderem regressar, a saudade e o amor àquela terra. Nuns casos esse amor saudosista reveste-se de características e valores bem portugueses próprios daqueles que culturalmente mais próximo estavam de tais

valores e/ou faziam parte das suas estruturas administrativas durante a era colonial.

Noutros casos, porém, Timor é a nação que deixou de o ser antes de realmente o ser em plenitude, mas que não obstante perdurará como pátria enquanto uma gota de sangue, suor e lágrimas puder continuar a ser derramada pelos antepassados mauberes.

Para um terceiro grupo, Timor representa uma etapa na conquista material, fortunas amealhadas do nada e reduzidas ao nada, recomeçadas de novo. Etapa essa marcada por fugazes mas recompensadoras amizades com portugueses das quatro partidas do mundo, sempre prontos a regressar ao oriente exótico dos Macaus e Austrálias deste mundo.

Nos refugiados de Timor, nalguns de lá emigrados quando ainda era tempo, noutros recém chegados depois de uma experiência de anos sob dominação indonésia, algumas noções basilares se podem aprender.

Uma delas poderá ser: "*faça-se o que se fizer – catorze anos se passaram já –*", muitos dos mais jovens eram demasiado novos para se recordarem e não mantêm já nem o dialecto Tétum nem a língua portuguesa, para além do empirismo quotidiano dos diálogos em família, antes preferindo o Inglês que os poderá alcandorar a posições de futuro neste país onde agora vivem.

Outra noção é a de que ao "*sairmos*" [detesto esta palavra neste contexto, antes prefiro dizer ao "*desertarmos*"], Timor tinha 16 quilómetros de estradas asfaltadas e pouco

mais das outras, a rádio era um luxo para pouco mais além da messe militar ou do Q.G. em Taibesse.

Jornais? Havia o conturbado e único "*A Voz de Timor*" feita de muito esforço e boa vontade mas sem meios técnicos, humanos ou financeiros capazes. O autor, o Cristóvão Santos e o alferes Martinho foram alguns dos que tentaram converter a VT num jornal.

A televisão ainda não havia sido inventada naquelas paragens, aviões e barcos eram quase meteóricos dada a sua frequente ausência e/ou falta de capacidade de transporte.

Hoje Timor-Timur tem mais de 250 km de estradas asfaltadas, várias estações de rádio, televisão a cores (um luxo em muitas outras ilhas Indonésias), em vez das 47 escolas primárias que os portugueses ali deixaram tem hoje mais de 500, o analfabetismo baixou [segundo dizem] de 92 para 40%, existem hospitais regionais e um centro médico em Díli, além de paramédicos nas aldeias.

Há quem diga que apesar da invasão Timor foi mais desenvolvido em 14 anos pela Indonésia do que em 450 anos de ocupação portuguesa. Este factor decerto irá afectar os que descontentes ou não, ali têm vivido estes anos.

Como conceber assim neste cenário o regresso daqueles que aqui na Austrália, em Portugal ou Macau se radicaram depois de 1975? Qual o vínculo que os seus filhos têm com Timor, com os familiares e amigos dos pais que sobreviveram a estes anos de guerra e de ocupação?

Mesmo que a Indonésia [e nada nos fará sequer imaginar essa hipótese] abandonasse a ex-colónia tal regresso seria marcado por profundas diferenças. Os refugiados da Austrália aceitariam de forma pacífica os colaboracionistas que ali permaneceram, voluntária ou involuntariamente?

Os filhos desses, que colaborando ou forçosamente, ali ficaram que conexão têm com os que falam apenas português ou inglês? Nenhuma, pois provavelmente apenas são capazes de comunicar em "Bahasa Indonésia".

Neste contexto e partindo do princípio de que as guerrilhas conseguiram libertar o país do invasor javanês, seriam poupados os milhares de pessoas que coabitaram com os indonésios, como forma de sobreviver? Estariam estes dispostos a aceitar o regresso dos que partiram em vez de continuarem em Timor a lutar passiva ou activamente contra a ocupação?

Por outro lado, pondo questões morais de parte, temos um "*fait accompli*" na presença indonésia – por voluntária ausência dos portugueses e lutas internicinas locais. Famílias separadas por três continentes sem hipótese de reunião devem esperar o futuro confiantes de que o bom senso e um pouco de realismo prevaleçam, para permitir àqueles que de Timor-Timur quiserem sair, a hipótese de se poderem reunir aos que labutam em Portugal ou na Austrália.

Para os outros há que tentar em conjunto com organismos internacionais tornar a situação menos dolorosa e injusta.

A alternativa da guerrilha prolongada e sem nenhuma das partes poder clamar vitória absoluta continuará até lá a ser a realidade do dia a dia dos timorenses.

Não esqueçamos que pode haver estradas, escolas, TV, rádio e outros confortos materiais que os portugueses ali não plantaram, mas a continuada política de transmigração ameaça tornar os Timores numa minoria dentro do seu próprio país.

Para além disso vastos sectores da população timorense foram – segundo várias fontes – esterilizados para não procriarem mais timorenses. Isto e a aniquilação de entre 100 a 200 mil pessoas nos últimos catorze anos, faz prever que dentro de uma geração o problema de Timor-Leste possa ser menos focado do que o genocídio dos arménios há mais de 70 anos...

Regressar parece difícil, não obstante recentes aberturas a potenciais missões diplomáticas e parlamentares. Como jornalista e cidadão australiano as minhas hipóteses são ainda mais remotas do que as de poder regressar como cidadão português, mas gostaria de tentar.... Quanto mais não fosse para descrever a beleza paradisíaca duma terra que há muito considero como pátria adoptiva. Rever as praias, o som dos “tokés” e as faces amigas dos mauberes que ainda sobrevivem.

Timor, a "*terra que em nascendo, o sol vê primeiro*" tal como me ensinaram nos velhos compêndios de geografia colonial, os mesmos que teimavam em chamar Vila Salazar à Baucau que sempre foi Baucau.

Aqui na Austrália, os timorenses repetem o ciclo natural da luta pela sobrevivência tal como o fizeram durante séculos marcados por fome, guerras tribais, por uma colonização portuguesa semibenevolente, uma violenta e sangrenta invasão japonesa e mais recentemente pela ameaça de aniquilação total provocada pela presença Indonésia.

A sobrevivência do povo maubere depende apenas dele e da sua adaptação, do seu querer, do seu saber manter a cultura tradicional em atmosferas humanas modernísticas e ocidentais, como as de Portugal e Austrália, para os restantes é a lei da sobrevivência de um povo católico e animista num meio islâmico indonésio.

Entretanto aqui em Sidney, catorze anos depois, os timorenses de uma forma geral começam a sentir-se integrados no panorama humano e social, mas falando da sua pátria ainda com o mesmo tom de orgulho com que eu cito a descoberta de novas plagas e mundos pelos valorosos aventureiros portugueses dos séculos XV e XVI.

Enquanto isto, novas guerras, guerrilhas e outros problemas mundiais relegam cada vez mais para o olvido a causa e a brava saga do povo de Timor-Leste.

107. OS TIMORENSES DE DARWIN VISITADOS POR UMA AVALANCHE DE REPRESENTANTES ¹⁹¹

SIDNEY, 22/05/89 EUROPEU) Desde a semana passada que a comunidade timorense de Darwin tem sido palco de

191 DESPACHO EUROPEU 151/89 22/05/89

uma verdadeira peregrinação de personalidades influentes.

Tudo começou na segunda-feira passada com a visita do presidente do comité de relações externas da UDT e vice-presidente do comité central daquele movimento, e o mais alto representante da Convergência Nacionalista na Austrália. Depois na sexta foi a chegada simultânea do cônsul geral de Portugal em Sidney, Alexandre Vassalo e de José Ramos-Horta da Fretilin e ora radicado na Austrália.

Durante a passada semana houve inúmeras reuniões de trabalho entre aquelas três personalidades e membros influentes da comunidade.

Neste fim-de-semana registou-se a visita do cônsul geral às duas mais importantes associações timorenses, o "Lafaek" (crocodilo) e o "Portuguese Timorese Club" aonde foram debatidos problemas da comunidade em geral e em particular os problemas dos timorenses.

Prevista para a reunião no Portuguese Timorese Club, a presença de personalidades afectas ao regime indonésio, esta ameaça foi afastada à última hora e a reunião decorreu sem incidentes de maior.

Por seu turno, José Ramos-Horta na sua primeira visita, em muitos anos, ao Território Norte espera auscultar as opiniões das bases partidárias dos timorenses, tendo até ao momento recusado qualquer encontro com os mass média.

Numa óptica diferente decorreu neste fim-de-semana a primeira sessão pública do novo grupo de apoio à causa de Timor, um grupo que assenta no comité para a independência do Pacífico e para a desnuclearização da região.

Nesta sessão a que estiveram presentes dezenas de pessoas, ficou acordado o reforço do apoio às iniciativas das Nações Unidas, a criação de um comité de trabalho para alertar os mass media australianos, e a realização de uma sessão plenária em 1 de Julho com a presença de José Ramos-Horta durante a qual será passado o filme recentemente concluído de Gil Scrine "*Enterrados Vivos*" que dá uma panorâmica da vida em Timor durante os dias da independência e depois da anexação Indonésia. Tony Lamb, parlamentar trabalhista australiano, desde há muitos anos envolvido na questão de Timor será um dos convidados de honra àquela sessão.

A reunião contou com a presença de cinco representantes dos movimentos políticos timorenses na Austrália, representantes do movimento OPM (Organisi Papua Merdeka = Organização de Libertação da Papua) representando os interesses da população de Irian Jaya (Papua Ocidental) e outras personalidades.

108. BARCOS PARA A TRAVESSIA DARWIN – INDONÉSIA¹⁹²

SIDNEY, 24/5/89 LUSA) Um serviço de ferry-boats de Darwin para a Indonésia faz parte do plano do Território Norte australiano de atrair 2 milhões de pessoas por ano e

192 LUSA DESPACHO #73/89, 24/5/89

mais de mil milhões de dólares. O plano recentemente revelado e a que o “Europeu” teve acesso prevê que mais de 2 mil pessoas estejam empregadas na indústria do turismo no ano 2000, sendo Darwin conhecido então como a capital natural da Austrália, criando um elo de ligação com a Ásia.

Nessa altura esperam-se ligações aéreas directas com a Tailândia, Japão, Hong-Kong e Los Angeles. Previsto também um serviço de ferry-boats para a Indonésia a operar duas vezes por dia, com ligações para Singapura, Guam, Denpasar (Bali) e Kupang (Timor). Ao mesmo tempo deverá estar operacional um serviço de comboio com ar condicionado, casino, e um serviço aéreo para a reserva natural do Parque Kakadu, onde os turistas poderão observar as quedas de água e os pântanos num confortável monorail (mono carril).

Com uma taxa de crescimento turística de mais de 1000% ao ano, e uma taxa de 2000% prevista para este ano, os habitantes do Território Norte preparam-se para este influxo do exterior que promete mudar substancialmente o seu modo de vida.

109. CÔNSUL PORTUGUÊS VISITA DARWIN¹⁹³

SIDNEY, 28/5/89 EUROPEU) O cônsul geral de Portugal em Sidney, Alexandre Vassalo, regressou ontem de uma visita de cinco dias ao Território Norte australiano, onde em Darwin tomou contacto com os problemas da comunidade de expressão portuguesa ali residente. Trata-se da primeira visita de um cônsul português àquele

193 DESPACHO EUROPEU 163/89 28/5/89

território em quase uma dezena de anos, onde vivem actualmente mais de 6 mil pessoas de descendência lusófona.

Durante a sua visita o cônsul, segundo declarações prestadas esta noite à Lusa, visitou os dois mais importantes clubes da cidade, o "Lafaek" e o "Clube Português e Timorense de Casuarina", onde debateu assuntos de interesse para as comunidades timorenses.

De acordo com as suas declarações, Alexandre Vassalo tentou ainda estudar o problema da falta de cônsul honorário de Portugal naquela capital territorial, o que como é lógico causa sérios problemas aos residentes. De uma forma geral mostrando-se satisfeito com a visita, Alexandre Vassalo comentou ter sido possível estabelecer uma comissão encarregada de preparar a visita do secretário de estado da emigração Correia de Jesus que ali se desloca dentro de dez dias.

Durante a sua estadia estiveram também presentes João Carrascalão e José Ramos-Horta, representantes da convergência unitária de Timor-Leste, os quais mantiveram contactos com a vasta comunidade timorense ali radicada, representando mais de 75% de todos os habitantes de expressão lusófona.

110. 30 MAIO 1989 CORREIO PORTUGUÊS

111. 31 MAIO 1989 PORTUGUÊS NA AUSTRÁLIA

112. 4 JUNHO 89 EUROPEU

113. 13 JUNHO 1989 CORREIO PORTUGUÊS

114. 14 JUNHO 1989 O PORTUGUÊS NA AUSTRÁLIA

115. NOVO LIVRO SOBRE TIMOR¹⁹⁴

SIDNEY, 16/6/89 LUSA) Partiu esta manhã para Lisboa a fim de estar presente ao lançamento do seu próximo livro, José Ramos-Horta, dirigente nacionalista timorense.

O livro editado pela "Perspectivas e Realidades" de João Soares trata-se segundo Horta declarou à Lusa, no aeroporto de Sidney, de *"uma versão actualizada do livro "Funu" – (a saga inacabada do povo de Timor) inicialmente lançado em Janeiro de 1987 nos Estados Unidos."*

A versão portuguesa bastante actualizada e modificada tem o título de "Timor: amanhã em Díli" e segundo Horta *"baseia-se no slogan judeu de esperança "No próximo ano em Jerusalém".*

"Para o lançamento a ocorrer antes do fim do mês em Lisboa estarão presentes personalidades políticas de todo mundo desde o parlamentar australiano Ken Fry, a representantes norte-americanos, ingleses e japoneses dos grupos de apoio à causa timorense" acrescentou Horta.

Aquele dirigente timorense efectuará depois do lançamento do livro visitas a Paris e Genebra onde terá contactos com a ONU, UNESCO e OIT (ILO), regressando em Julho à Austrália, onde iniciará funções como director executivo do programa de estudos diplomáticos da

194 LUSA DESPACHO #88/89 16/6/89 MAÇAU

faculdade de direito da universidade de Nova Gales do Sul.

Aquele programa, declarou ainda à Lusa Ramos-Horta, destina-se a "*oferecer preparação e treino em diplomacia e política internacional aos povos indígenas da região do Pacífico Sul, às minorias étnicas e como é óbvio aos timorenses, focando direito internacional, direitos humanos, prática diplomática e de negociações.*"

Horta que é licenciado em relações internacionais especializado em direito internacional público pela universidade de Colúmbia, EUA, foi durante 1988 investigador/conferencista na universidade de Oxford, tendo sido leitor visitante do Instituto Superior de Relações Internacionais do Maputo, estando a preparar o seu doutoramento para a universidade de Colúmbia.

116. 16 JUNHO 89 EUROPEU

117. 19 JUNHO 89 RDP

118. ESTUDANTES TIMORENSES PEDEM ASILO
POLÍTICO EM JACARTA ¹⁹⁵

SIDNEY, 19/6/89 LUSA) De acordo com notícias recebidas hoje de Pat Walsh, director da secção de direitos humanos do ACFOA (Australian Council on Overseas Aid = comité australiano para o auxílio económico ao exterior) sete estudantes timorenses teriam pedido asilo político em embaixadas estrangeiras em Jacarta.

195 DESPACHO 90/89 LUSA 19/6/89

De acordo com a mesma fonte, dois estudantes teriam pedido asilo à embaixada japonesa e cinco outros estariam na embaixada do Vaticano. Pat Walsh que regressou há dias de uma visita relâmpago a Díli, afirmou à Lusa que dos sete estudantes três haviam tentado obter asilo na embaixada australiana mas que devido ao forte aparato de segurança teriam sido obrigados a recorrer à embaixada do Vaticano.

Os estudantes, na sua maioria radicados em Bali, teriam sido alertados por colegas de que sobre eles impendiam penas de detenção devido a actividades “*ilegais*”, na sequência da detenção em 6 de Junho de Elias Pereira Moniz por forças paramilitares à paisana ligadas ao coronel Prabowo dos serviços secretos. Foi possível através de contacto telefónico esta tarde de confirmar a presença de estudantes timorenses na embaixada do Japão, mas porta-vozes da embaixada do Vaticano em Jacarta e em Camberra recusaram a pronunciar-se sobre o assunto.

A Lusa contactou ainda diversas fontes afectas à resistência timorense, tendo apurado que esta manhã sete estudantes tentaram dirigir-se às embaixadas da Austrália, Japão e Vaticano em Jacarta.

De acordo com Pat Walsh a identidade dos estudantes é a seguinte:

Embaixada Japonesa: Fernando de Araújo e Carlos da Silva Lopes.

Embaixada do Vaticano: Agapito Cardoso, Mariano Garcia da Silva, Lucas da Costa (estudante de Díli em trânsito

em Bali), Avelino Coelho da Silva, e João dos Reis (estudante em Jacarta).

Num contacto posterior com a embaixada do Vaticano em Camberra, um porta-voz do bispo Franco Brambilla disse ter *“tentado confirmar a presença dos estudantes em Jacarta” mas não podia comentar sobre o assunto*. Em contacto esta tarde (hora de Jacarta) com aquela embaixada a informação dada à Lusa foi de que *“nada havia a declarar”*.

Pat Walsh que acabara de regressar de uma visita à Indonésia e Díli declarou à Lusa que nos dias 21 e 22 de Maio ali havia permanecido tendo assistido a maciças concentrações de pessoal militar devido a *“acontecimentos”* em Maubisse, cidade a 100 km de Díli. Durante a sua curta estadia em Díli Pat Walsh pode observar ainda a presença de mais de 900 pessoas assistindo à missa na sé em Motael, Díli, sendo as missas proferidas em português, tétum e Bahasa Indonésia.

119.1. TIMORENSES NA EMBAIXADA ¹⁹⁶

SIDNEY, 21 JUNHO 89 LUSA) Pat Walsh do ACFOA (comité australiano para o auxílio económico ao exterior) confirmou à Lusa que *“ao meio-dia de hoje (hora de Jacarta, 6 AM Lisboa) os quatro estudantes timorenses se mantinham na embaixada do Vaticano e outros dois na do Japão em Jacarta.”*

A presença deles foi confirmada por Mons. Carbonnel que visitou hoje o núncio em Jacarta, acrescentou Pat Walsh

196 LUSA MACAU DESPACHO #92/89 21 JUNHO, 17 HORAS

citando um jornalista baseado em Jacarta, cuja identidade não pode ser divulgada de momento.

Dez membros do parlamento japonês (dieta) liderados por Shozu Akiyama e Satsuki Eda, em conferência de imprensa apelaram ao primeiro-ministro Uno e ao MNE japonês para "*que seja concedida protecção humanitária aos dois estudantes que pediram asilo político, dado temerem pela suas vidas*" apurou a Lusa da mesma fonte.

"Um sétimo estudante que se presumia estivesse na embaixada do Vaticano, foi detido na manhã de quinta-feira em Jacarta, e não Bali como anteriormente noticiado", segundo declarou ainda Pat Walsh.

Há mais de duas horas que a Lusa não consegue estabelecer contacto telefónico com a embaixada do Japão em Jacarta.

119.2. OS ESTUDANTES TIMORENSES CONTINUAM NA EMBAIXADA DO JAPÃO ¹⁹⁷

SIDNEY. 21 JUNHO 89, LUSA) Por contacto telefónico às 17 horas Sidney (8 horas Lisboa/13 Macau) o adido de imprensa da embaixada, senhor Ennetsu informou a Lusa de que "*os dois estudantes estão ainda dentro da embaixada japonesa em Jacarta.*"

Perguntado sobre se "seria concedido o asilo político aos mesmos," aquele porta-voz da embaixada declarou "de qualquer forma, eu não posso comentar, nada mais posso

197 LUSA DESPACHO 91/89 15 HORAS (13 MACAU) 21/6/89.

dizer". Instado a responder acrescentou "nenhuma decisão foi ainda tomada, mas eles ainda estão cá."

Entretanto a Lusa teve acesso ao texto de um comunicado do vice-presidente da maioria parlamentar australiana, Tony Lamb, difundido para as embaixadas do Vaticano e do Japão e para os membros do parlamento.

No mesmo "pede-se que toda assistência seja dada aos estudantes para obterem um salvo-conduto para viajarem para Portugal" acrescentando "seria trágico se os estudantes fossem entregues às autoridades Indonésias, sendo-lhes negados os seus direitos políticos".

O comunicado menciona ainda que "recentemente as tropas Indonésias em Timor, comandadas pelo genro do presidente Suharto, coronel Prabowo efectuaram mais de 40 detenções em Baucau e 56 em Díli."

Na Austrália dos meios de comunicação apenas o programa "PM" da cadeia nacional de rádio ABC dedicou um pequeno segmento aos recentes acontecimentos em Jacarta.

120. ENVIADO PARA A LUSA DESPACHO 82 EM 10 JUNHO PUBLICADO EM 21 JUNHO 1989 O PORTUGUÊS NA AUSTRÁLIA

121. 22 JUNHO 1989 SMH 122. 23 junho 1989 smh

123. 22 JUNHO 1989 RDP

124. 23 JUNHO 1989 RDP

125. 27 JUNHO 1989 CORREIO PORTUGUÊS SYDNEY
27 JUNHO 1989

126. 27 JUNHO 1989 CORREIO PORTUGUÊS SYDNEY
27 JUNHO 1989

127. 29 JUNHO 1989 RDP

128. PAPA EM TIMOR ¹⁹⁸

SIDNEY, 5/7/89 LUSA) O arcebispo Cassidy, assessor do secretário de estado do Vaticano, Mons. Casarolli que desde ontem se encontra na Austrália declarou hoje que *"a ida do Santo Padre a Timor não representava uma endosse papal do regime indonésio"* acrescentando *"o Papa não podia ir à Indonésia sem visitar Timor, mas até agora não recebemos qualquer pedido formal da Fretilin ou das forças de resistência para se encontrarem conosco, se o tivermos faremos o mesmo que já fizemos nos países da América do Sul e América Latina."*

As declarações vêm na sequência de reportagens a que a Lusa teve acesso de Jacarta que indicam que os seis estudantes que pediram asilo político nas embaixadas do Vaticano e do Japão estão em vias de ser expulsos.

Contactada a residência em Jacarta de Francisco Lopes da Cruz, há momentos foi dito à Lusa que aquele membro do conselho do presidente Suharto se não encontrava em casa, não sendo possível estabelecer a permanência ali dos estudantes.

Contactadas outras fontes em Jacarta, Melbourne, Sidney e Perth a Lusa não conseguiu apurar se as notícias que ontem chegaram dos mesmos se concretizaram.

De acordo com um telefonema de um dos estudantes ontem à noite para a Austrália, para fontes que preferem manter o anonimato, eles estariam prestes a ser retornados à sua base para prosseguirem os estudos.

Os outros dois estudantes que haviam buscado refúgio na embaixada nipónica estão ainda à guarda de Salvador Ximenes, deputado à assembleia parlamentar Indonésia.

129. 20 JULHO 1989 COMÉRCIO DO PORTO

130. 21 JULHO 1989 COMÉRCIO DO PORTO

131. 6 JULHO 1989 RDP

132. 9 JULHO 1989 RDP

133. 13 JULHO 1989 RDP

134. 7 AGOSTO 1989 RDP

135. 16 AGOSTO 1989 RDP

136. 18 AGOSTO 89 RDP

137. NFIPCC

138. DELEGAÇÃO JAPONESA NO COMITÉ DOS 24 ¹⁹⁹

Sidney, 11 AGOSTO LUSA) – notícias hoje recebidas do Japão pela Lusa confirmam a deslocação de uma delegação japonesa à próxima reunião do Comité dos 24 (Comité de Descolonização da ONU) a ter lugar em Nova Iorque na segunda-feira 14 Agosto.

Da delegação fazem parte o bispo Aloysius Soma, presidente do comité católico japonês para a justiça, o bispo de Nagoya (Tamako Yakamishi) e um membro do senado em representação do “Fórum de Timor” da Dieta (Parlamento) nipónica.

De acordo com a notícia a que a Lusa teve acesso, estarão presentes nesta reunião do comité dos 24, três representantes do Japão, um do Reino Unido, um do Canadá e de Portugal.

Todos estes representantes parlamentares fazem parte do grupo dos parlamentares internacionais para Timor-Leste, grupo esse formado o ano passado pelo deputado trabalhista australiano Tony Lamb, lorde Avebury da Grã-bretanha e pela parlamentar Eda do Japão.

José Ramos-Horta declarou hoje à Lusa em Sidney, *"estar muito satisfeito com esta delegação, tanto mais que o bispo Soma, portador de uma petição contendo mais de mil assinaturas, subscrita por prelados do Japão, Hong-Kong, Índia e Filipinas, dando o seu apoio à causa de autodeterminação do povo de Timor"*.

Para Horta esta representação pode estar ligada *"ao apoio que a líder da oposição japonesa senhora Takako Doi tem dado ao caso de Timor-Leste"*.

139. 21 AGOSTO 1989 O PORTUGUÊS

140. 26 AGOSTO 1989 EXPRESSO

141. FILME SOBRE TIMOR NO PARLAMENTO
AUSTRALIANO²⁰⁰

SIDNEY, 18 AGOSTO 89 LUSA) Ontem e hoje em Camberra realizaram-se sessões especiais com a exibição do filme de Gil Scrine "*Enterrados Vivos – a história de Timor-Leste*". As sessões foram apresentadas pelo deputado trabalhista Tony Lamb, tendo estado presentes deputados, senadores e o embaixador português José Luís Gomes.

Durante estes dois dias os meios de comunicação australiana fizeram diversas entrevistas ao realizador do filme, Gil Scrine e a José Ramos-Horta da Convergência Nacionalista.

Naquelas entrevistas foi focada a autocensura imposta pelo governo australiano e pelos órgãos de comunicação social australianos ao assunto de Timor, e ao contraste dessa atitude face a outros focos de violações de direitos humanos no mundo.

No filme "*Enterrados Vivos*" são focados aspectos da diplomacia internacional, das pressões das grandes potências para não discutir o problema de Timor, da apatia diplomática da Austrália e da contra informação Indonésia.

200 LUSA DESPACHO 120/89, 18 AGOSTO 89 LUSA ÁSIA PACÍFICO

A Lusa tentou entrevistar os principais porta-vozes da oposição para a diplomacia e negócios estrangeiros e estes bem como os do governo escusaram-se alegando que "*o problema de Timor já não é assunto*". Esta é também a opinião de alguns órgãos de informação, os quais no entanto revelaram desconhecer a próxima visita do Papa e a carta que monsenhor Belo enviou a Javier Perez de Cuellar secretário-geral da ONU.

Um total de seis entrevistas para a rádio e TV – nacionais e estaduais, o balanço da acção de Ramos-Horta e Gil Scrine depois de dois dias de intenso lobbying nos corredores do poder em Camberra.

Como nota curiosa numa sessão na galeria de imprensa do parlamento, o primeiro-ministro Bob Hawke, o ex-líder da oposição e outros políticos do governo e oposição foram presenteados com um bolo representando os 9 biliões de dólares que representa o superavit governamental dos últimos doze meses.

A recebê-los estavam não os habituais cronistas da TV e rádio mas Gil Scrine, Ramos-Horta, Jim Dunn (ex-cônsul da Austrália em Timor), o autor e outras personagens afectas à causa de Timor.

Hawke mostrando-se surpreendido perguntou: "*caras novas?*" tendo-lhe sido dito que se tratava apenas das pessoas que não queriam deixar morrer em silêncio o problema de "*Timor enterrado vivo*". Hawke sorrindo afastou-se calmamente, recusando-se a confirmar se tinha estado presente na celebração do dia nacional da Indonésia que ontem se celebrou em Camberra.

142. ENTERRADOS VIVOS – NOVO FILME SOBRE A SAGA DE TIMOR-LESTE ²⁰¹

SIDNEY AGOSTO 89, GCS REVISTA MACAU) Em Junho 1989, em Sidney teve lugar mais um festival internacional do filme com a apresentação de cerca de 300 películas de toda a parte do mundo. Filmes ocidentais de estúdio, filmes experimentais da Polónia, URSS e outros países do leste, filmes africanos, Sul-americanos e asiáticos, foram apresentados perante uma audiência diária de mais de duas mil pessoas durante os vinte e oito dias da mostra.

Se bem que não estivessem presentes peças portuguesas, um tema bem querido a Portugal foi focado numa produção de Gil Scrine dedicada a Timor-Leste com o título de "Buried Alive (Enterrados Vivos)".

A película iniciou a sua distribuição pelos circuitos comerciais normais, tendo já sido adquirida pela cadeia nacional de TV australiana "ABC", e pela cadeia de TV independente inglesa "ITV-4", e trata-se de um filme a não perder.

As primeiras imagens dão um retrato da Lisboa dos anos 50, com percursos pela baixa citadina e curtas incursões às cenas tipicamente terceiro-mundistas do bairro alto, contrastando com o ar imponente das estátuas da Baixa e do marechal Carmona, sob o olhar aquilino e atento de Salazar.

201 EXCLUSIVO PARA O GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DE MACAU (REVISTA MACAU) AGOSTO 1989.

Entremeado de discursos narrativos de jornalistas, políticos e sob a potente dialéctica de Noam Chomski que perdura ao longo dos sessenta minutos, passa-se então para o mapa da Europa com o império colonial português sobreposto, dando a noção da vastidão do império.

Cenas de uma África negra dominada pelos colonos brancos sucedem-se até ao dealbar das lutas nacionalistas, cenas do mato, soldados portugueses feridos e mortos sendo evacuados, os discursos patéticos do velho regime, acompanhados de discursos condenadores da velha política colonial portuguesa, na ONU e noutros órgãos.

Uma passagem suave a uma ilha aparentemente desabitada, praticamente virgem de uma beleza inenarrável, dá-nos conta de que existia algures perdida no tempo e no espaço uma parcela colonial esquecida. Sim, era de facto Timor-Leste. A pompa da guarda nativa ao Palácio do Governo, o ritmo lento das ruas vazias centradas no núcleo comercial de Díli, dois quarteirões rodeados de ruas asfaltadas.

Danças tradicionais e a rica cor das “lipas” (panos tipo “sari” indiano enrolados à cintura) perde-se no branco e preto das imagens do ecrã. Cenas do mercado municipal de Díli, da célebre luta de galos e a película passa a ser colorida.

Um aparte curioso de um filme turístico dedicado ao mercado australiano, incitando-o a visitar um dos últimos paraísos do Pacífico, descrevendo Timor como uma terra onde há sempre alguém que fale Inglês, onde as mulheres são de uma extrema beleza e o povo afável.

Uma paródia superficial, descritiva de um Timor que só existia na mente dos produtores do anúncio turístico, da qual perduram na retina as brancas areias das praias e o colorido das lipas.

A narrativa assume agora um corte abrupto, ao passar do idílico Timor para o som e o visual das cenas sangrentas da resistência australiana e timorense contra a ocupação japonesa da 2ª Grande Guerra.

O comentário oportuno surge de veteranos australianos de que a Austrália talvez hoje fosse japonesa, não tivessem morrido mais de vinte mil timorenses a auxiliar os australianos.

Uma dívida de gratidão totalmente esquecida porque incômoda – alguém comentava.

Cenas pungentes de um documentário australiano da época (1943) mostrando a resistência anti-nipónica. Desta sequência passamos de uma guerra esquecida para uma revolução inesquecível com a emocionada voz de um locutor de rádio, narrando os acontecimentos do 25 de Abril, algures na baixa lisboeta.

O filme segue então o percurso da revolução dos cravos, dos seus ideais e dos seus imediatos resultados.

O “gonçalvismo” é visitado sumariamente para nos explicar como do dia para a noite, os maiores anseios de independência das colónias foram oferecidos de mão beijada a Moçambique e às outras colónias. Os africanos nas ruas celebrando a sua independência e o comentador

a acrescentar que foram momentos de pouca dura, dado o período conturbado que se viria a seguir.

Como nota positiva apenas o facto de a bandeira colonial ter sido substituída por um estandarte de povos independentes.

De novo a câmara se volta para o oriente exótico, lembrando que algo ficara por fazer. Timor havia sido esquecido. As imagens acompanham a formação dos principais partidos políticos em Timor, as manifs de rua, a primeira campanha de alfabetização na Ponta Leste e a primeira eleição democrática para um chefe de suco.

Curiosamente é mostrado o detalhe da urna de voto, um saco de palha de um metro de altura, dentro do qual estão outros dois mais pequenos, os quais porém não podem ser vistos senão pelos votantes, que se aproximam e deitam no respectivo saco a pedrinha de voto. Resultado da eleição: o chefe tradicional desde 1959 é substituído por outro de maior apoio popular.

João Carrascalão faz a sua análise da situação, então a partir deste momento o filme passa a centrar-se em torno de José Ramos-Horta que relata as aspirações dos timorenses naquela altura.

É a partir desta altura que o filme muda uma vez mais de velocidade. Passa-se para as cenas da guerra civil, os bombardeamentos no cais durante a tentativa de evacuação dos civis, seguida pela evacuação do governo de Lemos Pires o qual é, posteriormente entrevistado no Ataúro.

As imagens sucedem-se, Carrascalão conta a sua visita a Jacarta e as falsas declarações dos indonésios. As tropas da Fretilin preparam-se então com as armas deixadas pelos portugueses.

A vacuidade dos pedidos de auxílio internacional, a hipocrisia dos australianos, com a visita do então primeiro-ministro Gough Whitlam a Suharto, a promessa de que a Indonésia jamais interviria no processo de Timor, os americanos a aumentarem as suas vendas de armamento ao regime indonésio.

As imagens mostram que já não há guerra civil, trata-se já de escaramuças nítidas das forças da Fretilin contra milícias indonésias. Os preparativos da invasão, a preparação para a defesa, os votos de luta até à morte contra o invasor indonésio.

O filme percorre as manchetes dos jornais, as declarações políticas em várias capitais do mundo, depoimentos vários de testemunhas ainda em Timor à data. A inoperância do regime português, a indiferença cúmplice australiana, a campanha denegridora dos timorenses como perigosos comunistas, os últimos preparativos para a invasão até à morte dos jornalistas australianos que testemunhavam em reportagem televisiva as forças invasoras antes de elas terem oficialmente declarado a sua intervenção.

A declaração fugaz da independência a 28 de Novembro (1975) para o que seriam nove dias de libertação do jugo colonial.

O hastear da bandeira colonial, pela primeira vez em mais de 460 anos de colonização.

Passa-se depois para a visita do (então) presidente Ford a Suharto, em plena véspera da invasão, documentos secretos mostrando o conhecimento e o “aval” dado pelos americanos àquela.

A película percorre depois as imagens terríveis da invasão, da mortandade, as campanhas no estrangeiro dos líderes nacionalistas tentando alertar o mundo para o que se estava a passar, sem que o mundo quisesse ouvir.

Entrevistas com diplomatas e governantes tentando agora depois destes anos todos, explicar que as suas atitudes de então eram justificadas face aos dados existentes à data.

Depoimentos vários de sobreviventes, a outra face da miséria no Jamor, e os percursos infindáveis de Ramos-Horta nas Nações Unidas e no comité de descolonização em Nova Iorque.

As forças nacionalistas a tentarem com o apoio dos países lusófonos africanos (Palop's) manterem a sua voz ouvida no deserto dos corredores do poder mundial.

Do outro lado da imagem, o da segunda colonização mostrando Suharto a inaugurar a televisão em Timor, a pompa militarista e opressora dos novos colonos, dispostos a tudo destruir e matar para justificar a sua injustificável invasão.

As imagens mostram as cerimónias de rua com mais bandeiras indonésias do que povo, caras indonésias e não timorenses aclamando o opressor.

A pretensa melhoria de condições de vida proclamada por Jacarta. As câmaras confrontando políticos, nacionalistas e diplomatas em Nova Iorque, Lisboa, Genebra, Camberra, Harare e Maputo. A falta de meios humanos e materiais para os nacionalistas manterem a sua pressão para que o problema não caia no esquecimento.

As comparações da cobertura jornalística mundial ao Camboja e a quase ignorância total sobre Timor. A incongruência do presidente Carter por se ter momentaneamente esquecido dos direitos humanos para aprovar nova venda de armamentos à Indonésia, para que esta pudesse aumentar a sua repressão em Timor.

As votações na ONU, as pressões sobre pequenos países para não votarem contra a Indonésia sob ameaças de cortes de apoio económico. Horta perambulando entre a ONU e o seu humilde apartamento em Nova Iorque.

Imagens potentes entremeadas de entrevistas e depoimentos de dezenas de personalidades. O filme termina com Ramos-Horta a sair ainda uma vez mais em busca de nova missão para que a voz do povo de Timor-Leste possa ser ouvida e não caia no esquecimento fácil dos fazedores de notícias.

As imagens bem entrelaçadas com depoimentos de inúmeras personalidades mostram bem o porquê do título: "**Enterrados Vivos**". Um povo traído, que se recusou a ser vencido mas que jamais deixa de lutar e que quer a sua voz – apesar de enterrada – forte para que a ouçam.

Falamos com Gil Scrine relativamente a este documentário narrativo da saga dos timorenses. Gil apaixonou-se pela causa de Timor quando há cerca de quatro anos atrás se encontrou com Ramos-Horta nas Nações Unidas e daí surgiu a ideia deste filme, mais do que um documentário.

Depois, sem apoios financeiros foi a luta constante e o gasto de várias dezenas de milhar de dólares (milhares de contos) para concretizar o projecto de filmagens decorrendo de Lisboa, a Nova Iorque, Genebra, Sidney, Harare, Washington, Camberra, Perth e Darwin.

A apatia das autoridades portuguesas que até ao último momento não haviam autorizado a utilização de "Grândola vila morena" para tema da revolução, foram alguns dos milhentos obstáculos encontrados por Gil.

Para ele "não se compreende o silêncio e a apatia dos australianos face a Timor-Leste, salientando no entanto que obteve bastante apoio de jornalistas portugueses e de refugiados timorenses para a filmagem e narração."

"Todos os povos podem beneficiar desta lição exemplar que o filme retrata, pois ela simboliza não só o termo do grande império colonial português, como a invasão e as manipulações das grandes potências contra a vontade soberana de um povo".

José Ramos-Horta mostrou-se "satisfeito com o filme" acrescentando que está agora a ter início uma nova meta da sua carreira dado ter sido nomeado "director executivo do programa de estudos diplomáticos da faculdade de direito de Nova Gales do Sul".

Nesta nova posição assumida oficialmente a partir de 1 de Julho passado, Ramos-Horta pretende oferecer preparação e treino em diplomacia e política internacional aos povos indígenas da região, às minorias étnicas, e aos timorenses em áreas tão distintas como o direito internacional, direitos humanos, prática diplomática e de negociações.

O programa que recebeu o apoio unânime da academia estadual visa perspectivar os âmbitos de acção daqueles grupos nos meandros da política internacional.

Ramos-Horta é licenciado em relações internacionais com especialização em direito internacional público pela universidade de Colúmbia, onde espera completar o seu doutoramento dentro dos próximos anos. Anteriormente, foi investigador e conferencista na universidade de Oxford em 1988, tendo sido leitor/visitante do instituto superior de relações internacionais do Maputo, especializando-se em política externa desde 1980.

Está prevista para Outubro a publicação do seu livro "*Timor – amanhã em Díli*", que é, uma versão actualizada do livro em Inglês "*Funu – a saga inacabada do povo de Timor-Leste*" publicado em Nova Jersey, EUA, em Janeiro de 1987.

Prevê-se a presença para o lançamento deste livro de representantes políticos e diplomáticos da Austrália, Reino Unido, EUA, Japão e outros países.

Para Ramos-Horta este projecto fílmico de Gil Scrine não pode nem deve ser considerado como uma autobiografia

inacabada, mas antes como um retrato incompleto que só estará completo quando os timorenses puderem regressar à sua pátria.

Até lá e como nos confirmava João Carrascalão recentemente *"a luta continua e o inimigo é só um: a Indonésia"*.

Recentemente o secretário de estado da imigração e das comunidades portuguesas, Dr. Correia de Jesus declarava em unísono com o embaixador de Portugal, Dr. José Luís Gomes, *"a minha casa é a vossa casa até que possam regressar à vossa"*.

A data é incerta mas a vontade dos portugueses é a de os timorenses terem direito ao seu lar. Essa também uma das fortes imagens do filme, o segundo sobre a saga dos timorenses. Ambos realizados por australianos e nenhum ainda exibido em Portugal. O que motiva a questão de falta de interesse dos cineastas e produtores portugueses naquela saga? A outra questão é porque é que nenhum deles foi exibido em Portugal?

Será que tal como na Austrália onde "Timor já não é assunto", Portugal e em especial a RTP pensam que *"Timor mais vale esquecido do que lembrado?"*

142.1. APONTAMENTOS SOBRE O FILME BURIED ALIVE ²⁰²

202 EXCLUSIVO GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DE MACAU (REVISTA MACAU) AGOSTO 1989.

SIDNEY AGOSTO 89, GCS REVISTA MACAU) *“Enterrados Vivos”* é um título bem apropriado para um filme relativo a um país onde a população tem estado fechada do contacto com o mundo exterior há mais de 13 anos. Com efeito passaram-se já quase 14 desde a invasão de Timor-Leste e ainda se sabe muito pouco sobre o que ali se passou quando as forças Indonésias invadiram em Dezembro de 1975.

Até 1979/80 praticamente ninguém dos meios de comunicação social foi autorizado a penetrar no território, e desde então os poucos que foram autorizados fizeram-no debaixo de um rigoroso escrutínio das forças indonésias. Este embargo significa antes de mais que pouco material de ordem visual existe de Timor desde 1975, o que facilita os desmentidos da invasão e de subsequentes violações de direitos humanos.

A igreja católica em Timor-Leste considera que cerca de 200 mil pessoas pereceram desde a invasão Indonésia, quer directamente como resultado da guerra quer indirectamente vitimadas pela fome e doenças. Em 1985 a Amnistia Internacional considerava que existiam 50 mil casos de desaparecimento de pessoas em Timor-Leste sem que para eles houvesse explicação.

A política indonésia de deslocar os habitantes de Timor das suas localidades tradicionais conduziu a um desmembramento dos laços rurais timorenses. As Nações Unidas continuam a recusar reconhecer a administração indonésia, dado que aos timorenses não foi concedido o direito à autodeterminação.

Pelo contrário, desde a era de Gough Whitlam sucessivos governos australianos apoiaram tacitamente os direitos da Indonésia sobre Timor-Leste, os quais culminaram em Agosto de 1985 com o reconhecimento oficial pelo governo de Bob Hawke da soberania indonésia.

"Enterrados Vivos" é um importante novo filme, um dos primeiros que tenta de forma correcta contar a história de Timor-Leste. Dividido em duas partes, o filme traça primeiro a história de Timor-Leste e depois segue a luta continuada das guerrilhas da Fretilin em busca da independência de Timor-Leste.

A Fretilin (Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente) era o mais popular dos três embrionários movimentos independentistas em 1975, à data da invasão indonésia e detinha o controlo da maior parte do país.

A segunda parte de *"Enterrados Vivos"* foca os esforços de José Ramos-Horta, que durante mais de dez anos foi o representante da Fretilin nas Nações Unidas, para trazer a saga do seu país às ribaltas mundiais.

142.2. CITAÇÕES, EXTRACTOS DE DEPOIMENTOS DO FILME ²⁰³

SIDNEY AGOSTO 89, GCS REVISTA MACAU)

"Uma coisa que me chocou deveras foi quando a bandeira portuguesa atingiu o solo pela primeira vez em mais de quatrocentos anos, porque então eu percebi que era o fim colonial de Timor... Eles

203 EXCLUSIVO GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DE MACAU (REVISTA MACAU) AGOSTO 1989.

estavam expostos a todos, de forma que alguém podia vir e tomá-los, dado não existir nunca o chamado vácuo de poder em nenhuma parte do mundo"

Major Sam Kruger (na reserva) residente em Díli, 28 Nov.º 1975.

"Nós fomos a Jacarta para nos encontrarmos com o presidente Suharto, mas claro que isso era impossível e acabamos por nos encontrar com o general Murtopo. Tivemos uma longa conversa com ele e ele foi peremptório ao afirmar que Jacarta jamais permitiria um governo de esquerda em Timor... E então perguntamos-lhe "o que aconteceria se limpássemos a nossa casa?" E ele disse "estaremos a observar com muita atenção e pôs as mãos sobre a cara"..."

João Carrascalão porta-voz da UDT (União Democrática Timorense)

"Nós estávamos sob uma intensa barragem de perguntas de homens que sabem que podem perecer amanhã e não conseguem entender porque é que o resto do mundo não se importa... E nós éramos aplaudidos por sermos australianos. Tudo o que eles querem é que as Nações Unidas saibam aquilo que aqui se está a passar..."

Greg Shackleton (HSV-7) na sua última reportagem em Outubro 1975. No dia seguinte seria executado pelos

indonésios em Balibó com mais outros quatro jornalistas australianos.

"... Quando eu ouvi "fogo" atirei-me para o chão e senti corpos a caírem em cima de mim, assim como se fossem folhas. Ouvi muitos gritos, pessoas a chamarem pela mulher e pela mãe, foi horrível"

Carlos Alfonso²⁰⁴, sobrevivente do massacre durante a invasão Indonésia em 7 Dezembro 1975.

"A história montou para nós observarmos uma experiência controlada neste caso. O massacre timorense ocorreu aproximadamente ao mesmo tempo que os massacres de Pol Pot. Em 1975 quando os Khmer Vermelhos mataram talvez uns milhares de pessoas, o jornal The New York Times, acusou-os de genocídio. Um grande ultraje público sobre os massacres de Pol Pot e para os quais ninguém tinha soluções nem podia intervir. Por outro lado, um silêncio total se abateu por entre inúmeras mentiras sobre as atrocidades praticadas em Timor e para as quais muito poderia ter sido feito, dado sermos responsáveis por elas. Tudo o que era preciso fazer era mandar parar os algozes..."

"Mais de 40 mil timorenses pereceram tentando proteger umas centenas de comandos australianos durante a segunda Grande Guerra e a Austrália

204 NO GUIÃO SURGE ALFONSO EM VEZ DE AFONSO.

respondeu apoiando a agressão e os massacres [da Indonésia] em Timor".

Professor Noam Chomski, Massachusetts Institute of Technology, USA

"No seu livro "A dangerous place," Patrick Daniel Moynihan diz quase que com orgulho quão efectiva foi a sua função de inactivar a acção da ONU em relação a Timor...ele confessa naquele livro ter tido instruções do departamento de estado para tornar ineficiente a acção da ONU em relação a tudo o que pretendesse fazer sobre a questão de Timor."

José Ramos-Horta, representante de Timor-Leste nas Nações Unidas.

"José Ramos-Horta ex-jornalista timorense, e membro do comité central da Fretilin, como delegado para as relações internacionais, foi Secretário-geral da Fretilin em 1975 e na última década tem sido o representante daquele movimento nas Nações Unidas.

Actualmente é residente em Sidney onde está a estabelecer um curso de diplomacia internacional para os povos indígenas na universidade de Nova Gales do Sul. Ramos-Horta é um dos mais hábeis representantes de um movimento de libertação dentre todos os que já passaram pelos corredores da ONU, sendo capaz de demonstrar de forma vívida algumas das formas sob as quais aquela organização funciona de facto."

Roger S. Clark, professor de direito, Universidade de direito de Rutgers em Camdem.

142.3. PORQUE É QUE FIZEMOS O FILME “ENTERRADOS VIVOS” UMA EXPLICAÇÃO DOS CINEASTAS.²⁰⁵

SIDNEY AGOSTO 89, GCS REVISTA MACAU)

A Austrália tem as mãos manchadas de sangue timorense desde que as nossas guerrilhas saíram do (então) Timor português durante a segunda Grande Guerra. Cerca de 40 mil timorenses morreram às mãos dos japoneses como recompensa de terem apoiado os australianos.

Quando os portugueses abandonaram a sua mais remota colónia durante a guerra civil de 1975, os timorenses como era óbvio voltaram-se para a Austrália em busca de apoio. Nós traímos-los então e continuamos a fazê-lo agora.

A Austrália apoia a Indonésia a tentar retirar o assunto de Timor da agenda das Nações Unidas. Diplomatas australianos mantêm a mentira de que os indonésios estão a fazer maravilhas para os timorenses. A Austrália oficialmente reconhece Timor-Leste como sendo a 27ª província Indonésia. As Nações Unidas reconhecem Portugal como o administrador legal do território.

205 EXCLUSIVO GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DE MACAU (REVISTA MACAU) AGOSTO 1989.

A Amnistia Internacional além de inúmeros e crescentes organismos internacionais de opinião pública condena a ocupação Indonésia de Timor-Leste. Democracias ocidentais tentaram esquecer e enterrar o assunto a fim de manterem as suas relações com o regime de Jacarta. Isto além de absurdo , uma hipocrisia na qual os EUA e a Austrália estão particularmente envolvidos.

Juntamente com Fábio Cavadini, cinematógrafo e o redactor Rod Hibberd tentei apresentar esta história numa perspectiva histórica e política, antes que o que aconteceu e continua a acontecer desapareça no orwelliano “buraco negro da história”.

Gil Scrine (produtor e co-director)

142.4. NOTAS BIBLIOGRÁFICAS ²⁰⁶

SIDNEY AGOSTO 89, GCS REVISTA MACAU)

Gil Scrine: produtor, co-director e narrador. Como cineasta independente há catorze anos Gil trabalhou em Sidney e Melbourne, tendo realizado os projectos seguintes:

"The bad society" – documentário sobre o ex-tesoureiro federal Dr. Jim Cairns e vice-primeiro-ministro, e a sua filosofia de estilos de vida alternativos, culminando no festival do rio Cotter em 1976.

"Home on The Range" – documentário sobre as bases norte-americanas na Austrália e particularmente o papel

206 EXCLUSIVO GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DE MACAU (REVISTA MACAU) AGOSTO 1989.

da CIA na base de Pine Gap. O filme centra-se na queda do governo de Whitlam e nas alegações do espião norte-americano Chris Boyce. Este filme obteve o prémio de documentários no festival do filme, em Sidney 1982, categoria de documentários, e o "Boomerang" de prata do festival de Melbourne em 1982.

Gil colaborou ainda noutros filmes, tendo completado recentemente o filme "*Estranhos no Paraíso (Strangers in Paradise)*" como co-produtor, co-director e editor.

O filme "*Enterrados Vivos*" mereceu esta ano uma nomeação para o melhor documentário pelo Instituto do Filme Australiano.

143. CRONOLOGIA SUMÁRIA DA SITUAÇÃO DE TIMOR-LESTE ²⁰⁷

143.1. INDEPENDÊNCIA E INVASÃO

Abril 74 O MFA destrona a ditadura em Lisboa e o processo de descolonização inicia-se

Maior 74 A ANP, partido oficial único do velho regime reorganiza-se como UDT.

A ASDT forma-se com base no grupo clandestino "core"
--

Set.º 74 A ASDT passa a Fretilin (frente revolucionaria para um Timor livre e independente)

Out.º. 74 A Indonésia lança a operação "Komodo" para desestabilizar Timor

207 EXCLUSIVO GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DE MACAU (REVISTA MACAU) AGOSTO 1989.

Dez 74	A Fretilin inicia campanhas de alfabetização e estabelece cooperativas no interior
Jan.º 75	Fretilin e UDT iniciam uma coligação pró-independente
Maio 75	A UDT abandona a coligação e sofre pressões da Indonésia para se opor à Fretilin
Jun.º 75	Portugal efectua negociações em Macau com a UDT e Apodeti (partido criado pelos serviços secretos da Indonésia), a Fretilin recusa participar em virtude de ser considerada como possível na agenda a integração com a Indonésia
Ago. 75	A UDT lança um golpe de estado destinado a eliminar a Fretilin.
	A Fretilin recupera o controlo da situação e pede a Portugal (sem sucesso) que termine o processo de descolonização
Set.º Nov.	As tropas Indonésias efectuam inúmeras incursões nas regiões fronteiriças
Out.º. 75	Cinco jornalistas australianos são executados pelas tropas avançadas Indonésias
28 Nov.º	A Fretilin declara unilateralmente independência
7 Dez.º	A Indonésia invade Timor-Leste

143.2. APOIO DAS NAÇÕES UNIDAS E LUTA INTERNA

Dez 75	A Assembleia-geral da ONU exige a retirada Indonésia
	Os quatro mini partidos pró integracionistas formam um governo provisório
	O Conselho de Segurança condena unanimemente a invasão e instrui o Secretário-geral para enviar um representante especial a Timor

Jan.º – Fev.º.	O enviado especial da ONU visita apenas três cidades e nenhuma área dominada pela Fretilin
Abril 76	O Conselho de Segurança apela uma vez mais para a retirada das tropas Indonésias
Set.º – Out.º.	Milhares de timorenses em campos de concentração
Nov.º 76	um relatório da igreja católica de Timor estima em 100 mil as vítimas da invasão
Dez 76	a Assembleia-geral recusa a integração e exige um acto de autodeterminação
Dez 77	a Amnistia Internacional acusa a Indonésia de não deixar a Cruz Vermelha actuar dentro de Timor-Leste

143.3. TRAIÇÃO INTERNACIONAL

Jan.º 78	a Austrália reconhece “de jure” a integração de Timor
Fev.º. 78	o congresso norte-americano condena o incremento Indonésia
Abr. 78	o Reino Unido vende oito aviões Hawke Aerospace de at
Jun.º 78	a Austrália fornece aviões de reconhecimento “Nomad” à
Set.º 78	jornalistas e embaixadores visitam Timor e mostram-se alta taxa de mortalidade em Timor-Leste
Nov.º 78	cai a última grande base militar da Fretilin em Mateb
Jan.º – Mar.º	mais campos de concentração estabelecidos em
Mai 79	grande encontro de solidariedade mundial para com Timor
Out.º. 79	a Cruz Vermelha é autorizada a reentrar em Timor e efectuado para transportar alimentos e medicamentos
Nov.º 80	documentos secretos da defesa e negócios estrangeiros período de 1968-1975 mostrando o grande apoio ocidental dado secretamente em meados de 1975 de Timor-Leste. Os documentos passam a ser proibidos pelo governo australiano.

Mar 81	conferência nacional organizada pela Fretilin elege presidente da Fretilin
Maio 81	A Indonésia lança a operação “Segurança”
	O tribunal permanente dos povos em Lisboa condena a ter violado o estatuto da ONU em relação aos direitos dos povos
Jun.º 81	a nomeada assembleia regional de Timor-Leste queixa exploração, corrupção e flagrantes violações dos direitos humanos
Set.º 81	centenas de pessoas massacradas em Lacluta durante enviados para um exílio forçado na ilha do Ataúro.
Set.º 81	O partido trabalhista australiano adota uma política de de Timor-Leste
Julho 83	a Amnistia Internacional expõe manuais e ordens Leste
	Um grupo de 170 parlamentares europeus apela para a a
Set.º 83	uma delegação parlamentar australiana a Timor-Leste a relatório do Senado rejeita a mesma
Jan.º 84	a agência France Press em Jacarta revela a existência Timor-Leste
Fev.º. 84	a comissão dos direitos humanos da ONU acusa a humanos em Timor-Leste
Mar 84	o presidente Eanes de Portugal convoca o Conselho de justa para o problema de Timor
Jan.º 85	contacto via rádio estabelecido entre forças da Fretilin e
Mar 86	a UDT e a Fretilin reagrupam-se para nova campanha pa
Jul.º 86	o Parlamento Europeu exige à Indonésia que ces autodeterminação de Timor-Leste
	O parlamento português denuncia actos de genocídio em Tim
Abr. 87	primeira eleição para a assembleia provincial de Timor-L
Ago. 87	o comité de descolonização da ONU debate Timor-Leste
Set.º 87	o assunto de Timor-Leste volta à agenda da comissão de
Mar 88	o parlamento Europeu apoia negociações entre Portug solução que assegure os direitos dos timorenses e da sua identid
Ago. 88	o comité de descolonização da ONU debate de novo o pr

Set.º 88	a Austrália e a Indonésia assinam um acordo para a e mar de Timor
Out.º. 88	senadores e congressistas norte-americanos env estado George Schultz na qual manifestam a sua preocupação er
Nov.º 88	Suharto visita Timor-Leste. Centenas de timorenses
Dez 88	a Indonésia concede estatuto total de província a Timor-l

143.4. 1989 - A LUTA CONTINUA

Jan.º	explosão num paiol em Díli
	Padre Fernandes depois de 14 anos na Austrália anuncia o seu regresso a Macau
Fev.º.	Ex-embaixador australiano Bill Morrison demonstra a sua solidariedade com as tropas indonésias
	Gov. de Timor, Mário Carrascalão desmentiu atentado bombista em Díli e ameaças de que estaria prestes a ser substituído.
	A Austrália e a Indonésia anunciam melhoria das relações diplomáticas bilaterais
	Morte de Moisés do Amaral presidente da comissão política da UDT
	Stuart Hume, novo embaixador australiano em Lisboa declara que o assunto de Timor está encerrado e que cabe aos portugueses a responsabilidade de o resolver
Mar 89	Ali Alatas visita a Austrália e enterra o problema de Timor sem oposição dos jornalistas australianos
Maio 89	criado sub grupo de apoio a Timor-Leste dentro do âmbito do comité para um Pacífico independente e não nuclear
	Documentário sobre australianos na segunda guerra em Timor passado na TV australiana
	Bispo de Díli pede intervenção de Perez de

Cuellar sobre situação em Timor
Jun.º 89 estreia particular do filme “Enterrados Vivos”
Estudantes timorenses pedem asilo nas embaixadas do Vaticano e do Japão em Jacarta
Jul.º. 89 nova antestreia do filme “Enterrados Vivos” na Universidade de Tecnologia de Nova Gales do Sul
Try Sutrisno comandante-chefe das FA’s Indonésias visita Austrália
Ago. 89 estreia de “Enterrados Vivos” em Melbourne
Comité dos 24 reúne sobre Timor com presença de timorenses, japoneses e parlamentares de todo o mundo

144. CAMBERRA VÊ FILME SOBRE TIMOR-LESTE ²⁰⁸

144.1. APRESENTAÇÃO NO PARLAMENTO ²⁰⁹

SIDNEY AGOSTO 89, ORIGINAL PUBLICADO PELO GCS – GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DE MACAU - REVISTA MACAU)

144.2. TONY LAMB, MHR, MP, PARTIDO TRABALHISTA

—

"Antes de mais quero agradecer a presença aqui de Gil Scrine, produtor do filme, de José Ramos-Horta e de Chrys Chrystello, vindos de Sidney para esta apresentação aqui no parlamento australiano. Aproveito para lembrar que existe um paralelo entre a situação da Estónia, Lituânia e Látvia e a de Timor-Leste, é a de que há dois anos atrás ninguém pensava ser possível falar de autonomia.

Poderemos imediatamente considerar como duvidosas quaisquer declarações indonésias sobre a forma de plebiscito ocorrido naquele território. Ainda recentemente numa carta enviada ao Secretário-geral da ONU, Perez de Cuellar, o bispo de Díli, monsenhor Belo declara que como chefe da igreja católica e responsável pelas almas de Timor declara-se adepto

208 EXCLUSIVO GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DE MACAU (REVISTA MACAU) AGOSTO 1989.

209 INTRODUÇÃO AO FILME "ENTERRADOS VIVOS" NO PARLAMENTO AUSTRALIANO.

APRESENTAÇÃO DO VICE-PRESIDENTE TONY LAMB, PERANTE A PRESENÇA DE SENADORES E PARLAMENTARES, EMBAIXADOR PORTUGUÊS E OUTRAS PERSONALIDADES. [DIA NACIONAL DA INDONÉSIA 17 DE AGOSTO 1989)

de um processo de descolonização de Timor-Leste a realizar através de um referendo nacional sob os auspícios da ONU, a fim de que o povo de Timor possa ser ouvido em relação ao seu futuro.

Até agora esse povo não foi consultado, apenas a Indonésia declara que o povo já escolheu livremente a sua opção como sendo a da integração.

Portugal por seu lado quer resolver o problema mas entretanto as pessoas continuam a morrer como cidadãos e como nação.

É sobre isto que o filme se debate e por isso sendo esta a primeira razão vos aconselho a ver bem este filme. Uma segunda razão será a de existir uma profunda relação australiana com os acontecimentos, a nossa proximidade, a nossa relação geopolítica para com o país mais perto de nós, sem podermos esquecer as dívidas da segunda Grande Guerra para com os timorenses, que constituíram a segunda linha de defesa deste país, e sem a qual teríamos sucumbido.

Temos agora 60 parlamentares e senadores no grupo de apoio a Timor-Leste o que continua a ser menos dos que os 200 senadores e congressistas norte-americanos que expressaram recentemente a sua preocupação sobre o território.

Eu já vi este filme e estou desapontado com alguns críticos que disseram que isto não passa de uma tentativa de fazer de José um herói. Como José vos dirá ele pode ser a figura central porque lhe dá

continuidade desde o tempo anterior à invasão até hoje e eu presto-lhe a minha homenagem pelo papel complexo que ele desempenhou, mas recuso-me a considerar o filme como um empolamento do ego, e sinto-me triste por alguém ter tentado menosprezar o filme por essa razão. Trata-se de um filme inesquecível e memorável e tenho a certeza de que vão apreciar vê-lo.

Depois desta introdução, dou as boas-vindas a Gil que apresentará a figura principal deste filme José Ramos-Horta.

144.3. GIL SCRINE – PRODUTOR DO FILME:

Obrigado Tony, obrigado a todos por terem vindo, penso que devo dizer apenas algumas palavras sobre as razões porque fiz este filme, como aliás já hoje me perguntou um jornalista do “Camberra Times”. Devo dizer que acho a pergunta hipócrita e quero explicar porquê. Como sabem Timor-Leste está a 400 km a norte de Darwin, e trata-se de uma guerra escondida como este folheto que está à entrada vos pode explicar melhor. Timor está escondido dos olhos do mundo porque a Indonésia isolou o país nos últimos 14 anos.

No entanto jornalistas australianos, e produtores de cinema, comentadores e fabricantes de opinião pública escolheram porém a via mais fácil e continuam a esconder tal guerra. Tenho muitos colegas no mundo do cinema que passam a vida a correr para a América central para cobrir as guerras ali. É muito popular defender os direitos humanos em

outras partes do mundo, mas não é popular defendê-los na nossa região.

Gostaria de mencionar Shirley Shackleton [viúva de um dos seis jornalistas australianos abatidos pelos indonésios] que estava presente no lançamento deste filme em Melbourne e que me mostrou um artigo que ela escrevera para o “Sydney Morning Herald” sobre o massacre em Tian An Men e obviamente fazendo a comparação lógica, porque é que Bob Hawke não chorou por Timor. O editor dos artigos de fundo do Sydney Morning Herald evidentemente recusou-se a publicar o artigo, ela telefonou-lhe repetidas vezes a fim de saber porquê, e finalmente ele disse-lhe “bem, Shirley, dou-te 180 milhões de razões” [população Indonésia].

Parece-me a mim que a Austrália como nação tem sido subserviente por muito tempo. Creio que temos de ver bem a nossa psicologia nacional, para vermos porque é que continuamos a esconder esta guerra, porque trabalhamos com os indonésios e os ajudamos a esconder esta guerra, este crime contra a humanidade em Timor-Leste.

A resposta dada àquele jornalista do “Camberra Times” é auto-explicita: não há filmes nem documentários, logo parece normal que alguém fizesse tal filme. Outros produtores perguntaram-me “mas como é que vais fazer um filme sobre uma terra onde nem sequer podes ir?” Eu deparei com essa mesma questão quando comecei a pesquisar para fazer o filme e vi que havia toda uma intensa luta conduzida por pessoas como José Ramos-Horta nas

arenas internacionais. Foi então que me dediquei a mostrar a hipocrisia, o genocídio, a terrível tragédia de Timor-Leste através do trabalho diplomático das forças da Fretilin. Trata-se assim de um filme feito sobre a guerra do papel, a guerra da propaganda, não verão muita evidência no filme da guerra “quente” que ainda hoje decorre no terreno em Timor-Leste e isso é uma consequência de que já seis jornalistas morreram ali e seria muito perigoso para um produtor de cinema australiano, pegar nas suas câmaras e começar a passear por toda a parte, seríamos rapidamente detectados.

Sem mais introduções gostava de apresentar José, que foi a minha inspiração para o filme, e concordo com o comentário de Tony e José também concordará de que ele não quer ser visto como a personagem central do filme, mas como qualquer necessita de uma personagem central para conduzir o veio das ideias através do mesmo, e eu não podia desejar ninguém melhor do que José Ramos-Horta para representar o personagem central.

144.4 JOSÉ RAMOS-HORTA –

Obrigado a todos por terem vindo, concordo totalmente com o que Tony e Gil disseram de que eu não queria ser a personagem central. Quando há alguns anos atrás o Gil me abordou em Sidney para fazer o filme, eu tinha duas hipóteses dizer sim ou não. Acedi deixando-o filmar-me em Manhattan, em Nova Iorque, nos meus encontros nas Nações Unidas, etc. E daí algumas pessoas poderem dizer que se trata de um empolamento do ego. Não é e eu até nem

estava totalmente satisfeito com o filme, lembro-me até de que por vezes tive de usar alguns truques com o Gil para que ele me não filmasse.

Quando eu ia da 88ª rua para as Nações Unidas, normalmente ia de autocarro, pois não tinha meios de ir de táxi e Gil filmar-me no autocarro e eu disse-lhe não eu não vou de autocarro vou de táxi e ele não conseguiu filmar-me no autocarro porque eu estava envergonhado de ser filmado no autocarro com as câmaras a focarem-me.

Foi uma experiência dolorosa para mim ter sempre uma câmara atrás de mim a focar as minhas actividades, mas por outro lado era meu dever e obrigação utilizar todos os meios ao meu alcance para divulgar a luta do povo de Timor e a sua tragédia.

Penso que Gil fez um óptimo trabalho em especial na frente diplomática. Algumas pessoas podem assumir conclusões negativas sobre a mensagem do filme de que se trata de uma causa perdida depois de 13 ou 14 anos nas Nações Unidas, o que atingimos? Se entendermos que os processos diplomáticos nunca são nem fáceis nem rápidos eu assumiria que muito se conseguiu.

Os militares quando invadiram Timor em 1975 pensavam que tudo estaria resolvido numa questão de semanas. O general Benny Murdani e Ali Murtopo pensaram que a resistência estaria aniquilada dentro de semanas e que no máximo dentro de um ou dois anos nas Nações Unidas o assunto deixaria de estar na agenda. Em Julho deste ano quando eu estava em

Lisboa o Secretário-geral da ONU voou para Lisboa para conversações de alto nível com o governo português. O vice-presidente Dan Quayle na sua recente visita à Indonésia discutiu o problema dos direitos humanos em Timor-Leste com o presidente Suharto.

O Papa vai a Timor-Leste em Outubro deste ano, há quem pense que ele vai ali para encerrar o assunto de Timor-Leste. O facto da sua ida a Timor representa que o assunto não se desvaneceu da sua agenda. Quando o Papa foi convidado pelos indonésios para visitar a Indonésia ele insistiu em que só iria se uma visita a Timor-Leste fosse incluída. O Parlamento Europeu adoptou recentemente resoluções em relação ao problema de Timor-Leste por maioria absoluta, o congresso norte-americano, mais de metade do congresso adoptou resoluções em relação a Timor-Leste e assinaram petições para o presidente dos EUA em relação ao problema de Timor-Leste.

O Parlamento Europeu adoptou resoluções em relação a Timor-Leste, o embaixador norte-americano Vernon Walters ainda tão recentemente como Fevereiro deste ano numa análise das mais completas dos EUA sobre o assunto declarou que os EUA apoiariam uma solução política para o problema. Isto para mim significa que o assunto de Timor-Leste está bem vivo na agenda mundial.

Nós conseguimos-lo depois de muitos e muitos anos de luta, mas não fui só eu nem só a Fretilin e os seus representantes, tratou-se também do esforço de muitas outras pessoas, tais como Jim Dunn, Tony

Lamb, o congressista Tony Horne, o senador Dave Durhenberger (republicano) e tantos outros na Europa e no resto do mundo.

Uma coisa porém devo dizer e dar ênfase, tal como já fiz com muitos australianos que encontrei ao longo dos anos "não menosprezem a nossa determinação ou a determinação dos portugueses". Portugal é uma nação com mais de 800 anos, com uma grande história e sentido da história e um grande sentido de responsabilidade para com Timor-Leste."

Eu avistei-me recentemente com o presidente português, Mário Soares em Fevereiro deste ano tivemos uma longa discussão e eu perguntei-lhe "Sr. Presidente acredita naquilo que está a fazer para Timor-Leste ou está a fazê-lo apenas por formalidade?" E a sua resposta foi a melhor que já ouvi de alguém e veio do coração, ele disse-me "eu estive exilado 30 anos e sei o representa lutar por uma causa".

O presidente Mário Soares é altamente considerado na Europa e em Washington, como o é o primeiro-ministro Cavaco e Silva. Portugal é um membro da CEE, da NATO e pelas minhas discussões em Portugal, acredito que os portugueses estejam a considerar o assunto muito seriamente.

A Austrália não deve menosprezar Portugal em relação ao "Timor Gap", tal como os americanos não menosprezam e é por isso que Dan Quayle levantou a questão de Timor-Leste em Jacarta, os europeus também não menosprezam e eu penso que será nos

melhores interesses da Austrália utilizar os seus bons ofícios discreta e subtilmente para persuadir a Indonésia para trabalhar seriamente com o Secretário-geral da ONU para a realização de eleições gerais em Timor-Leste.

Tudo o que pedimos é que se realizem eleições gerais em Timor-Leste supervisionadas pela ONU. O que estamos a pedir [será demasiado?], já alguém disse à Austrália que não deveria ter eleições na Austrália? Será que as eleições são antidemocráticas, inaturais? Não deverá haver eleições na União Soviética, ou na África do Sul? Porque é que a Austrália exige eleições para a África do Sul e inclusive até impõe sanções e não pede algo que é apenas natural: “eleições para que o povo de Timor-Leste possa decidir”.

Eu apelo aos amigos da Indonésia, hoje é o dia nacional da Indonésia, aqueles que apoiam a Indonésia por uma ou outra razão deviam dizer-lhe: nós apoiamos a Indonésia e acreditamos que estão certos e esse tal de José Ramos-Horta e a Fretilin não significam nada, a independência não passa de um falso projecto da Fretilin, vocês não têm nada a temer, vamos fazer eleições em Timor-Leste, supervisionadas pela ONU, pelos países da Commonwealth, parlamento australiano ou norte-americano e decerto que 100% das pessoas de Timor-Leste – a acreditarmos na propaganda indonésia – decidiriam votar a favor da integração e este problema seria resolvido de uma vez por todas.

Porque será que a Austrália adopta sanções contra a África do Sul relativamente ao apartheid e parece ter

dificuldades em relação a Timor-Leste? É isto que eu não entendo. Se alguém no ministério dos estrangeiros – tenho grande respeito pelo meu amigo Dick Woolcott e digo-o sem cinismo, tenho um imenso respeito pelo seu intelecto e por muitas outras pessoas no MNE, mas queria que eles ou alguém nos mass média ou nos meios académicos me convencessem que a nossa exigência para eleições é uma exigência desmesurada ou inatural e nessa altura eu desistirei, mas antes convençam-me de que aquilo que pedimos está errado.

Isto é tudo o que tenho para dizer, e uma vez mais não nos subestimem, tais como aos Polacos, Húngaros, Alemães do leste, os povos do Báltico, e os chilenos e sul-africanos.

145. TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE JOSÉ RAMOS-HORTA COM PRU GOWARD DA RÁDIO ABC CAMBERRA

CAMBERRA dia 18 Agosto 89

PG – Então vocês pretendem recuperar a vossa terra?

JRH – Eles [indonésios] apossaram-se de todas as terras, tal como estão a fazer agora, ocupando os melhores talhões, apossando-se dos locais de culto dos timorenses que viveram ali nas montanhas durante séculos e séculos e isto são questões muito básicas, para além da questão de independência ou outras.

PG – Porque é que não podem negociar um acordo com eles para a recuperação das terras, pois como disse isso

é quase tão importante como a independência? Assim negociam com eles o direito a viverem onde sempre viveram e aceitam viver em território indonésio?

JRH – Nós não estamos em busca disso, estamos apenas a pedir o direito a conduzir eleições livres, não é nada fora deste mundo pedir a realização de eleições.

PG – Essas eleições seriam independentes de existir ou não um governo local?

JRH – Isso permitiria ao povo de Timor-Leste decidir se quer a integração na Indonésia e permanecer nessa situação, ou se preferiam a independência ou alguma forma de ligação a Portugal.

PG – Preferia ir então para Portugal?

JRH – Não, eu preferia poder regressar a um Timor independente.

PG – Claro, mas se tivesse a opção?

JRH – Se tivesse de escolher entre Portugal e a Indonésia depois de 14 anos de ocupação brutal da Indonésia, claro que terei de dizer que preferia um milhão de vezes mais ir para Portugal.

PG – O que é que os portugueses dizem?

JRH – Têm sentimentos bem fortes em relação a Timor-Leste, ainda recentemente me encontrei com o presidente Mário Soares, uma pessoa de tremenda integridade e respeito na Europa e nos EUA e algo que ele me disse

durante a conversação: *“eu estive exilado mais de 30 anos, lutei contra a ditadura em Portugal sei quão importante é lutar por uma causa e nunca deixaremos de lutar por Timor-Leste”*.

PG – Quão português é Timor-Leste, quanto sangue português existe lá?

JRH – Muito pouco, de facto a presença portuguesa em Timor-Leste era mínima, talvez mil portugueses. Ao contrário de Angola e Moçambique [em África] onde a presença portuguesa era mais repressiva, os portugueses em Timor-Leste se de alguma os podemos acusar é de negligência.

PG – Quão português é você?

JRH – Sou parte timorense e parte português, nasci em Timor, a minha mãe é de Timor e o meu pai era de Portugal, um dissidente que foi deportado para Timor-Leste e na segunda Grande Guerra juntou-se às forças australianas aliadas para lutar contra os japoneses em Timor. Ele fez parte do exército australiano tal como o meu avô, juntando-se aos australianos para lutarem contra os japoneses

PG – Cresceu em Timor-Leste mas viveu em Portugal?

JRH – Nunca vivi em Portugal, cresci em Timor e vivi nas montanhas até terminar o ensino secundário quando vim viver para Díli, a capital, de resto vivi sempre nas montanhas e estava em contacto permanente com as gentes.

PG – Pratica a religião hindu?

JRH – Não e a maioria da população de Timor é católica, hoje em dia rondando entre os 75 e 80%.

PG – Nas vilas e montanhas mantêm-se?

JRH – Animistas, não há hinduísmo ou islamismo em Timor excepto uma ou duas centenas de pessoas que ali se fixaram há duzentos anos.

PG – Então de acordo com o que disse existe uma preferência por Portugal, mas então como é que estou errada a sugerir que isto é equivalente à Queenslândia pedir a secessão do resto da Austrália, e dizer não queremos manter-nos unidos, queremos preservar a nossa cultura e identidade, não gostamos do resto da Austrália. Como é que isso é diferente?

JRH – Bem, eu consigo entender que o resto da Austrália queira ver-se livre e obter a secessão da Queenslândia, mas no caso de Timor-Leste e Indonésia, o que se passa é que Timor-Leste nunca foi parte da Indonésia. O mesmo se passa na Papua Nova-Guiné. Seguindo esta lógica, porque é que a PNG quereria ter a secessão do resto da Indonésia? O resto da ilha, a outra metade é já indonésio. Mas podemos dizer o oposto, a Papua Ocidental (Irian Ocidental) é parte da PNG porque é que a Irian Ocidental há-de ser parte da Indonésia em vez de ser da PNG? Faria mais sentido porque a Papua e a PNG são muito semelhantes.

PG – Mas de certo modo a Indonésia como país não existe, é uma colecção de ilhas todas com certas

diferenças, mas é um país por razões estratégicas e de eficiência.

JRH – Claro, tem toda a razão ao dizer que a Indonésia é um estado artificial e não uma nação estado, nascida das chamadas Índias Holandesas, e aquilo que a Indonésia hoje é uma criação dos holandeses. Por esta mesma razão existem imensos movimentos separatistas na Indonésia, na Sumatra do Norte, na Irian Ocidental, nas Molucas e Celebes que não gostam do monopólio de poder e da economia pelos povos de Java. Timor-Leste nunca foi parte das Índias Holandesas, foi sempre português por mais de 500 anos e antes disso nunca fez parte da Indonésia, e dos reinos e impérios de Java, existentes entre o século VII e X. De facto se formos até antes do período colonial, Timor-Leste nunca fez parte daquilo que hoje se chama a República Indonésia. Nunca teve nenhuma forma de associação com o resto da Indonésia.

PG – Qual é a densidade populacional de Timor hoje?

JRH – Agora mesmo de acordo com as estatísticas Indonésias – e sinto-me grato por me ter feito esta pergunta.

PG – Sei a que ela conduz...

JRH – 640 mil de acordo com estatísticas indonésias, em 1975 de acordo com estatísticas portuguesas aproximadamente 680 mil. A taxa de crescimento de Timor-Leste foi de cerca de 2%, seguindo uma evolução normal a população de Timor hoje deveria ser de 900 mil,

em vez disso e de acordo com as estatísticas indonésias é de 630 mil

PG – Então pensa que os indonésios estão a declarar menos do que existem na realidade?

JRH – Não o que digo é que isso confirma que dezenas de milhar de timorenses morreram, foram mortos, morreram como resultado da guerra, das evacuações forçadas do mato, como resultado da falta de cuidados médicos e de execuções sumarias. Tudo isto está bem documentado pela Amnistia Internacional e por centenas de testemunhas oculares quer na Austrália quer em Portugal.

PG – Então que evidência tem que a administração central indonésia pretende inundar Timor-Leste com indonésios de outras ilhas?

JRH – A minha evidência baseia-se no governador de Timor-Leste, Mário Carrascalão o qual declarou que a população de Díli, a capital, é de cem mil pessoas. No tempo dos portugueses a população era de menos de 30 mil, desses 100 mil metade é indonésia. A maior parte das posições nos serviços públicos em Timor hoje são preenchidas por indonésios quer em Baucau e em Lospalos onde os militares comandam. Há colonos em sítios tais como na Maliana vindos da Sumatra e de Bali. Se formos ao mercado [municipal] de Díli, claro que para um jornalista australiano todos parecem timorenses ou indonésios, dado serem todos parecidos. Os mercados que impressionam qualquer jornalista que ali vá estão monopolizados por negociantes de Sumatra, Bali e outras partes da Indonésia não por timorenses.

PG – Então já há uma invasão de indonésios e haverá muitos que são mortos pelos habitantes locais?

JRH – Tem havido casos de violência em Díli, na capital, em protesto contra a ocupação indonésia.

PG – Mas você não vai ganhar isto, trata-se mais de uma cruzada pessoal que não irá ter resultados?

JRH – Hoje estou muito mais confiante do que antes.

PG – De facto...?

JRH – Decerto e posso assegurar que nos próximos anos as coisas se modificarão.

PG – Como?

JRH – Quem acreditava que a União Soviética pudesse mudar, quem imaginava que Lech Walesa pudesse tomar as rédeas do poder? Quem o podia imaginar há 5 ou 2 anos atrás? Nas Filipinas, Ferdinand Marcos está hoje em Honolulu em vez de estar em Manila, a Coreia do Sul mudou...

PG – Mas o que mudou em Timor-Leste ou na Indonésia que possa mudar isto?

JRH – As ditaduras da esquerda e da direita entram em colapso face ao povo que exige democracia. Um novo regime democrático na Indonésia semelhante ao da Coreia do Sul e das Filipinas...

PG – Então a sua função é a de assegurar a instituição de uma democracia em Java..?

JRH – Não, o que pretendo é manter o assunto nas manchetes falar com os líderes da oposição indonésia e democratas, para ter a certeza de que o regime do país muda naquele arquipélago.

PG –E manter a certeza de que estão fora do vosso alcance?

JRH – Claro

PG – Ramos-Horta obrigado pela sua presença aqui e estamos certos de que é bem-vindo o filme “Buried Alive” agora chegado a Camberra.

146. 18 AGOSTO 1989 RDP (COMENTÁRIO SOBRE AS CENAS ATRÁS DOS BASTIDORES)

147. ENTREVISTA DE GIL SCRINE (GS) E JOSÉ RAMOS-HORTA (JRH) COM A RÁDIO 2XXX (X)

CAMBERRA 18 AGOSTO 1989)

X – Temos hoje connosco Gil Scrine produtor, co-director, narrador, sonoplasta e editor do filme “Enterrados Vivos” e José Ramos-Horta, o representante da Fretilin nas Nações Unidas. Boa tarde a ambos. Para começar com Gil, que fez tanta coisa neste filme, o que me baralha sempre sem saber como foi possível obter tanta energia, como é que ficaste envolvido na produção e na ideia de fazer este filme?

GS – *O meu maior ímpeto como australiano deriva da leitura do livro de Jim Dunn [“Timor, um povo traído”] e senti esta sensação profunda de vergonha como australiano de que tínhamos vendido os timorenses. Se estudarmos a história do passado vemos que os esforços australianos na segunda Grande Guerra, em que basicamente ocupamos a sua ilha e como resultado mais de 40 mil timorenses morreram como recompensa japonesa de o haverem feito.*

Mas não foi só isso, quando chegou a altura de haver autodeterminação neste pequeno território pouco desenvolvido do império português, parecia lógico que justiça seria possível para este povo, e que tivesse o direito à autodeterminação e todos nós no início da década de 70 apoiávamos Gough Whitlam e pensávamos que a história faria justiça aos timorenses. Parecia então que o governo australiano poderia apoiar os timorenses. Embora ele sempre dissesse no parlamento seria melhor que eles se integrassem na Indonésia mas tal só se deveria passar depois de ter havido um acto de autodeterminação, o que soava como uma contradição mas todos fomos na cantiga pois Gough era um grande líder para a justiça social e causas semelhantes.

Mas quando chegou a altura a Austrália abdicou totalmente dos timorenses tal como eu mostro no filme com uma pergunta a Richard Woolcott [então embaixador australiano em Jacarta] que basicamente diz num despacho para Gough **“Se e quando a Indonésia invadir nós deveremos fazer o melhor**

possível para publicamente mostrarmos a nossa compreensão pela atitude indonésia”.

Penso ser muito claro que isso indica uma relação entre o governo e os meios de comunicação social, pois de outra forma não seria possível reduzir o interesse público na Austrália a menos que haja um entendimento entre o governo e a comunicação social?

Isto também mostra que as pessoas no ministério dos estrangeiros tinham uma agenda secreta relativa aos interesses nacionais australianos de que a Austrália seria melhor servida se fosse ao encontro desta invasão brutal e creio que há muita gente hoje em dia no parlamento capaz de dizer que os timorenses foram abandonados, mas a maior parte deles não está disposta a vir a público e dizê-lo. Tudo isto combinado põe um ónus moral nos produtores de cinema independentes que não se sentem constrangidos por superiores hierárquicos.

Muitos outros produtores independentes têm-se concentrado na situação da América Central ou nas Filipinas, por que não ver uma situação que se passa tão perto de nós? As guerrilhas da Fretilin até são fisicamente parecidas aos sandinistas com os seus longos cabelos e insígnias: é impossível esquecer esta semelhança que nas suas dramáticas conotações deveria levar-nos a olhar naquela direcção e estudar a luta ali existente.

Eu deparei com um vácuo total em relação a Timor-Leste. O próprio José Ramos-Horta fez um mini filme penso que em 1977 do qual eu utilizei algum material de arquivo para

o meu filme. Até eu fazer o meu filme isso era tudo o que havia em relação a Timor.

X – Que dificuldades houveram e estamos certos de que as financeiras foram as maiores, mas por exemplo a apatia e isso é demonstrado no filme em relação a Timor-Leste. Que dificuldades houve, as pessoas perguntavam que filme, porquê e para quê?

GS – Claro que houve disso, mas quando por exemplo eu telefonava para os sindicatos deparava com esta espécie de memória esquecida de Timor e pelo telefone davam-me bastante apoio. Claro que no fim muito pouco dinheiro veio dos sindicatos mas senti este sentimento de culpa que estava lá e veio à tona quando se falava no assunto. As pessoas devem ter dito este tipo é louco mas merece algum apoio. Por outro lado o que interessava também para fazer este filme era descobrir porquê esta apatia em relação a Timor. Será ele fruto da nossa maneira de ser humana que tem de esquecer isto ou foi de alguma forma manipulada? Foi depois de ler Noam Chomski em relação ao assunto que comecei a encontrar algumas respostas.

X – Chomski atinge um ponto alto ao demonstrar como a comunicação social é manipulada por estes enormes interesses e corporações. Isto sem ter visto o filme mas baseado nas notas de apresentação demonstra que não só na Austrália, mas na América e na Inglaterra e no resto do mundo o assunto de Timor foi enterrado.

GS – Penso que ninguém tem de ter um alto nível intelectual para entender isto como Chomski me disse a certa altura numa entrevista que não está no filme, claro que muita gente dirá “para entender isto é preciso ser-se

um académico ou ter estudos em comunicação social para se entender este assunto tão complexo”, mas pelo contrário qualquer pessoa pode pensar que um grande jornal do grupo Fairfax ou Murdoch tem contactos estreitos com o governo a toda a hora e muitas vezes dependem do governo para obterem as suas vendas de anúncios. Claro que a nível mundial o mesmo se passa e os donos de meios de comunicação social estão em contacto íntimo com departamentos de estado, ministérios de estrangeiros e outros.

Trata-se de uma relação simbiótica e isto é importante entender-se para depois termos uma janela sobre a qual olhar para o assunto de Timor. Posso recordar uma experiência recente em que um jornalista do grupo Murdoch incluiu um tema na lista diária sobre Timor-Leste. Quando o redactor devolveu a lista dos artigos a tratar nesse dia o assunto sobre Timor tinha sido assinalado com o comentário “isto já não é notícia”. Isto é um bom exemplo da forma como o assunto de Timor é gerido pelas pessoas que dominam a comunicação social. São os redactores que são capazes de manipular as notícias dessa forma.

X – Isto é espantoso, aliás pode-se ver sentando-se no clube de imprensa em especial em Camberra e ouvi-los falar sobre as notícias que não saem ... esta censura selectiva e redactorial que foi bem demonstrada no filme. A este respeito gostaria de falar com José Ramos-Horta, para as pessoas que nada sabem da Fretilin, que nada sabem do passado, pode-nos exemplificar o seu envolvimento e narrar os factos?

JRH – Primeiro, Timor-Leste era uma colônia portuguesa durante cerca de 500 anos até 1975 quando foi invadida pela Indonésia. Em 1974, depois de 50 anos de ditadura em Portugal o Movimento das Forças Armadas depôs a ditadura e começou um processo de descolonização que traria a independência de Moçambique, Angola e outras colônias africanas. Pela mesma lógica Timor-Leste iria ser independente no verão de 77 ou 78, data para a qual se previa a realização de eleições em Outubro 1976. Dos três maiores partidos a maior parte [a Fretilin e a UDT] queria a independência e havia um mini-partido, chamado Apodeti que queria a integração com a Indonésia, mas a Apodeti não dispunha de mais de uma centena de elementos em todo o país. Era óbvio que uma maioria do povo de Timor-Leste, totalizando 680 mil à data queria a independência.

Depois de 500 anos de dependência colonial era apenas lógico e natural que o povo de Timor-Leste que não tinha qualquer relação com a Indonésia ao longo dos séculos, não quisesse ser colonizado por outra potência estrangeira. É um insulto à inteligência e à dignidade de um povo dizer “Bem agora que os portugueses saíram, vamos enviar-vos para serem escravizados e colonizados por outra potência”. É uma visão condescendente, paternalista e racista típica da Austrália, quando alguns jornalistas e políticos decidem que já que os portugueses vos não querem depois de 500 anos, os 670 mil timorenses devem ir para a Indonésia.

A propósito quem são os indonésios? São os javaneses, serão eles superiores aos timorenses, aos Papuas Ocidentais. Nós não pensamos assim, temos centenas de anos, milhares de anos de história, uma cultura

impressionantemente rica, bem como uma história e rituais e era lógico que os timorenses de uma forma geral quisessem a independência e a Fretilin nada mais representava do que uma expressão deste desejo de liberdade e independência.

Claro que não foi a Fretilin quem inventou a palavra independência, ela esteve sempre na mente das gentes, não numa forma moderna de estado soberano, mas durante séculos eles controlaram e governaram o interior, nas vilas e aldeias, com uma relação de respeito mútuo pelos portugueses.

De facto se algo pode ser dito em relação aos portugueses é de que o seu regime colonial foi um regime benigno. O pior que poderemos dizer é que se tratou de um regime negligente, mas esta negligência de séculos foi extremamente útil para os timorenses que viviam nas montanhas.

Noventa por cento dos que viviam nas montanhas foram deixados à sua sorte, sem serem tocados ou afectados pelos portugueses. Os portugueses por exemplo não foram para o mato e liquidaram todos, ao contrário do que os primeiros colonos fizeram na Austrália. Eu lembro-me dum francês, não tenho a certeza se era o presidente Mitterrand ou o primeiro-ministro quando houve um debate com a Austrália em relação à Nova Caledónia, disse “se tivéssemos feito como os australianos não haveria hoje problemas na Nova Caledónia”.

O mesmo se passa em relação a Timor, quando ouvimos racistas como Gough Whitlam e Peter Hastings tentando culpar os portugueses, bem deixemo-nos disso, não creio

que os portugueses precisem de lições em relação a harmonia racial por parte da Austrália. Se virmos o Brasil em que cerca de 80% da população é mestiça, se virmos Cabo Verde na África Ocidental onde 80% são de raça mista, vejamos Angola e Moçambique, bem creio que os portugueses não precisam de conselhos.

Claro que não estou aqui a defender o poder colonial português, mas acho hipócrita, quando ouvimos jornalistas australianos, académicos e políticos culparem os portugueses sobre o que se passou em Timor-Leste, porque é a Indonésia que está a ocupar Timor-Leste há 15 anos. Resumidamente, a maioria esmagadora das pessoas de Timor ainda hoje apoiam a independência e se eles tivessem de escolher entre a Indonésia e Portugal, penso que não erro se disser que a esmagadora maioria preferiria um milhão de vezes Portugal aos “ditos irmãos” da Indonésia.

X – José, isto é uma versão que aqui não ouvimos muito nos mass média. A explicação indonésia daquilo que se passou é que de facto todos os mortos desde 76 e 77 foram vítimas da guerra civil entre timorenses.

JRH – Não posso crer que quer membros do governo quer membros da comunicação social possam acreditar nessa propaganda indonésia. Talvez o admitam em público mas creio ser exagerado esperar que alguém acredite nisso. O que se passa em Timor hoje é uma guerra, basta falar com algum das centenas de refugiados na Austrália e em Portugal, alguns deles chegados há apenas algumas semanas, que podem testemunhar que 99,9% da população se opõe à Indonésia. Entidades timorenses que no passado em 1974 e 75 pensavam que a integração

com a Indonésia era a melhor opção estão hoje escondidos nas montanhas e alguns foram até assassinados pelos indonésios. João Martins um líder proeminente da Apodeti, um professor primário, foi envenenado há apenas alguns meses e ele era um dos intelectuais que propugnava a integração na Indonésia. Nos últimos anos porém mudou e tornou-se bastante vocal e foi envenenado. O mesmo aconteceu com outros, assassinados pelos indonésios.

Quem em Timor hoje quer a integração com a Indonésia? Contam-se pelos dedos, sabemos quem são e onde vivem. Meia dúzia deles e é tudo. Por essa razão a Indonésia não aceita um acto de autodeterminação ou eleições livres. Se é verdade aquilo que a Indonésia diz que aquilo que se passa em Timor é o resultado de uma luta de guerrilhas instigada pela Fretilin, e se é verdade que a maioria da população prefere os indonésios, então pareceria lógico que a Indonésia aceitasse eleições livres para Timor-Leste.

A Austrália exige eleições livres na África do Sul, ainda há semanas ouvi um debate sobre sanções contra a África do Sul e no qual o senador Gareth Evans e outras pessoas exigiam o poder para a maioria na África do Sul e a realização de eleições, sanções, etc. por causa do apartheid, então porque não [pedir o mesmo para] Timor-Leste? É como Gil disse, as pessoas estão excitadas sobre o que se passa na América Central, centenas de milhares de quilómetros de distância, mas não estão interessados naquilo que se passa em Timor a apenas 400 milhas a norte de Darwin. Porque não exigir a realização de eleições na Indonésia?

X – Isto parece típico do governo australiano sempre a tentar ser visto como se estivesse a proceder correctamente, mas em relação a Timor-Leste é como se esperassem que todos se esquecessem que está ali.

JRH – Deixe-me também dizer-lhe que tendo lidado com membros governamentais australianos por mais de 15 anos, porque a primeira vez que vim à Austrália tentar obter apoio para a causa de Timor foi em 1974, sem um avo nos meus bolsos quando cheguei a Darwin, e era o começo da nossa campanha. Eu basicamente já desisti da Austrália. Claro que compete ao público australiano estimular um debate e impor mudanças em relação a Timor. Para mim a Austrália tornou-se irrelevante no caso de Timor-Leste. Depois de terem reconhecido a integração de facto e de jure na República Indonésia, a Austrália perdeu a oportunidade de preencher seja que papel for em relação a Timor-Leste. O que quer que Gareth Evans diga ou queira. Se ele tentar fazer algo de bom será apreciado, doutra forma será esquecido.

O assunto de Timor-Leste está já na agenda do congresso norte-americano, no parlamento Europeu em Estrasburgo, na CEE em Bruxelas e se bem que pareça um assunto morto e enterrado na Austrália não o foi no resto do mundo. Algumas vezes fico impressionado com os sentimentos patrióticos de jornalistas australianos e académicos que de facto pensam que a Austrália é o centro do universo. Que se nada se passar em Camberra nada se passa na Europa ou nos EUA. Aprecio isso e creio que toda a gente deveria ser patriótica, mas o facto é que geograficamente a Austrália está numa posição infeliz, pois tanto quanto se tente mudar o globo não conseguirão colocar a Austrália no centro do universo.

Podem por os EUA no centro, depende como se olhar para o mapa, se virarmos o mapa de pernas para o ar teremos a África no centro em vez da Europa e vice-versa. A Austrália será muito mais difícil, exige muita imaginação para tal.

O facto de os australianos serem ignorantes, apáticos, os chamados académicos e peritos da universidade nacional australiana [ANU] que se fazem passar por académicos neutrais e independentes, embora muitos sejam consultores da Bakkim [serviços secretos indonésios] e do governo indonésio, mas de facto o assunto de Timor-Leste está bem vivo no resto do mundo. No congresso norte-americano, o vice-presidente dos EUA, Dan Quayle levantou a questão de Timor-Leste com o presidente Suharto da Indonésia. Fê-lo porque existe pressão do congresso norte-americano, do papel cada vez maior que Portugal está a desempenhar, e os EUA têm de tomar em consideração a posição de Portugal, como membro da NATO (OTAN), da CEE.

O Papa irá visitar Timor-Leste em Outubro e vai lá porque Timor é um assunto importante. Quando os indonésios o convidaram [o Papa] a visitar a Indonésia em 1986 ele recusou, por causa de Timor. Eles convidaram-no de novo e desta vez resolveu aceitar desde que a visita seja extensiva a Timor-Leste. Claro que aguardámos para ver o que ele fará ali. Mas o simples facto de ter incluído Timor na visita mostra a extrema importância que Timor tem. Isto prova que o assunto não está esquecido, mesmo que os negócios estrangeiros [australianos] não queiram falar do assunto, mesmo que o Canberra Times ou outros meios de comunicação social não queiram falar disto e nós estamos bem confiantes de que o assunto será

mantido nas manchetes e teremos mais apoio internacional.

X – José, o seu passado profissional cremos ter sido como jornalista.

JRH – Comecei muito novo a ter de ganhar a vida como jornalista num fraco jornal em Timor, depois fui deportado para Moçambique na África Oriental onde trabalhei como correspondente de um jornal local, cobrindo a guerra entre os portugueses e os guerrilheiros em Moçambique e era correspondente para a TV em Timor [onde não havia televisão].

X – A razão pela qual fiz esta pergunta é que através do filme há uma ênfase muito especial na percepção dos factos e em especial dos meios de comunicação social. O filme está dividido em duas partes, uma primeira que leva até aos acontecimentos de 1975, e os australianos estavam preocupados então com a morte dos jornalistas, depois a forma como a imprensa relata – ou melhor – não relata os acontecimentos em Timor deixou-me uma impressão muito forte.

GS – Penso que uma das razões porque eu quis fazer disso um dos temas centrais do filme e do título deve-se a esta apatia de que falávamos há pouco. Não acredito que os australianos tenham esquecido Timor-Leste, penso antes que lhes foi dito para esquecerem pela sua omissão dos meios de imprensa e da televisão. Como resultado fico francamente espantado com a ignorância de alguns comentadores australianos. Ainda esta manhã uma jornalista perguntou ao José sobre o seu budismo ou hinduísmo. Esta mesma comentadora deve saber segundo

presumo – que a Solidariedade na Polónia é altamente católica, ela sabe isso mas desconhece tudo sobre os timorenses. É extraordinário quando se pensa no assunto. Faz parte da nossa história e da nossa percepção na Austrália como parte da Europa, o que é pelo menos insólito, considerarmo-nos um enclave colonial da Inglaterra.

X – Parece também existir uma componente racial que pode ser manipulada na comunidade em relação ao que se passa em Timor-Leste. Essa pequena ilha com todos aqueles estranhos seres de cor. Isso leva ao facto de só ser relevante o que se passa no parlamento em Camberra ou talvez até mesmo em Washington. O outro lado da medalha será o daquelas pessoas que não têm à sua disposição uma estação de rádio ou um jornal ainda sentem profundamente o problema de Timor-Leste. O José tinha razão há momentos, porque todos os governos de Fraser, Whitlam, Hawke negligenciaram totalmente o assunto em troca da ligação com a Indonésia e EUA. Existe uma restrição profunda a nível político e geopolítico, Gil qual o seu comentário?

GS – Penso que é verdade, obviamente a Indonésia é um amigo da confiança dos Estados Unidos no Sudeste Asiático e depois da derrota no Vietname do Sul – e aquela imagem do helicóptero tentando levantar do telhado da embaixada americana em Saigão está bem gravada na mente de todos como sendo a pior hora da América, a ignominiosa derrota da América no Vietname do Sul provavelmente implicou que a Indonésia teria de ser protegida a todo o custo, e como o José diz no filme, Timor-Leste não era relevante nem para russos nem para americanos, mas o importante era essa percepção de ser

a Indonésia o último bastião contra o comunismo no Sudeste Asiático, uma espécie de último dominó.

Depois do golpe [1965] que depôs Sukarno e instalou Suharto, pelo menos 500 mil indonésios no arquipélago foram massacrados numa guerra fratricida, em que velhas dívidas foram saldadas. Como se pode admitir que os indonésios venham depois acusar os timorenses de fazer o mesmo? É abominável. Contudo isso provou aos americanos que a nova clique de generais que iria reger Jacarta daí para a frente eram brutais e ditatoriais logo eram de confiança.

Estive na Indonésia em 1984/85 estudando o idioma e tentando fazer um filme sobre a Papua Ocidental além do de Timor e falei com tantos indonésios quanto possível e achei incrível encontrar nos mercados de Satiga [Java Central] grandes posters de indonésios membros do PKI [Partido Comunista Indonésio] e alertando a população de que aqueles eram perigosos assassinos e que se fossem vistos deveriam ser executados de imediato. Esta mentalidade brutal contra o comunismo é histórica na Indonésia.

Ao mencionar Timor de novo surge a histeria pois a Fretilin é conotada como sendo comunista e a qual se fosse deixada em liberdade tomaria de assalto toda a Indonésia e permitiria que o PKI tomasse de novo as rédeas do poder na Indonésia, e claro que isto tem todo o apoio do departamento de estado [norte-americano] e todos sabemos a subserviência da Austrália, historicamente subserviente, primeiro pela Grã-bretanha e depois pela América do Norte e agora ao que parece pela Indonésia. Porque somos tão subservientes? Creio que

teremos de prestar atenção a isto pois no fundo pode representar a nossa queda final.

X – Todo este assunto de subserviência manifesta-se nas mais variadas formas. José como representante tantos anos nas Nações Unidas decerto observou toda uma vasta gama de jogos e complots e eu estou a recordar-me da cena em que Moynihan [embaixador dos EUA na ONU] se mostra satisfeito por ter apagado o entusiasmo na discussão do assunto de Timor e garantindo que alguns países do terceiro mundo votassem de acordo com os interesses americanos. Será isto, com base na sua experiência aquilo que frequentemente se passa com países do terceiro mundo cujos representantes deveriam apoiar a Fretilin e Timor e são forçados a abster-se ou votar contra?

JRH – Claro que sim, por exemplo no caso do Vanuatu, o governo de Walter Lini foi sempre bastante apoiante de Timor, em 1982 houve um debate crucial, Vanuatu era um dos principais proponentes da resolução de Timor na Assembleia-Geral e a meio dos debates o embaixador australiano Lance Joseph, o assistente de Dick Woolcott, disse abertamente que se Vanuatu continuasse a apoiar a questão de Timor a Austrália cortaria o auxílio económico ao Vanuatu. Primeiro este tipo de ameaça nunca é feito desta forma directa, dado que Lance Joseph excedeu o seu papel, e Vanuatu não mudou o seu voto. Debatido depois este problema com Dick Woolcott, e se Lance Joseph parece mais um adepto de futebol do Liverpool em Inglaterra sempre pronto para uma cena de pancadaria depois de umas cervejas, ao contrário Dick Woolcott é um diplomata refinado, e apesar das enormes diferenças que nos separam trata-se de uma pessoa razoável e urbana,

extremamente inteligente. Eu costumava dizer-lhe que ele era um pragmático artístico que deveria ter vivido no século XVIII e ser o tutor do príncipe em vez de Maquiavel. Isto digo-o não como uma ofensa mas em reconhecimento do seu pragmatismo como diplomata de carreira.

Enquanto Lance Joseph é uma personagem rude e crua que em frente de um embaixador de outro país ameaça um pequeno país em relação a Timor. Não vejo a necessidade de a Austrália ter de recorrer a isto. Nós não pedimos à Austrália que nos apoie dado que não quer, se a Austrália se quiser manter afastada do assunto tudo bem, no caso de 1982 a Austrália foi deveras destruidora indo de país em país, fazendo lobbying nalguns países em favor da Indonésia. Isto não me agrava muito porque a Austrália não tem grande influência na ONU, os países africanos e da América Latina e da Europa estão-se nas tintas para a Austrália, mas os pequenos países da região são influenciados.

Existe ainda um outro factor, acho muito pouco dignificante para a Austrália este tipo de atitude. Imagine por exemplo o embaixador norte-americano na ONU à caça de votos para apoiar as Honduras... É indigno e prova como a Austrália é capaz de descer a esse ponto envolvendo-se no assunto e tentando obter votos a favor da Indonésia e se calhar a Indonésia nem lhes pediu nada! Mas querem ser vistos como bons e amigos, para que os generais fiquem amigos dos diplomatas australianos, uma posição mais típica dos servos nos séculos XVIII e XIX na China, fazendo vénias e quase partindo a espinha diante do imperador chinês.

X – Trata-se quase de uma criança que está desesperada por agradar em todas as ocasiões...

GS – Lamento mas nós somos um bocado assim

X – José, no filme menciona que no seu papel na ONU é importante manter uma certa visibilidade, ser visto e falar com diferentes representantes, e para si quando há votações ganhar uma moção pode não representar muito, mas perdê-la é terrível.

JRH – Bem o que eu disse é que ganhar uma moção pode não trazer grandes alterações em relação à situação no terreno mas perdê-la é muito triste. Para qualquer país seja para Timor ou para a Indonésia. Abertamente eles podem afirmar que não faz mal, mas depois de terem lançado centenas de diplomatas muitos meses antes da votação e delegações de alto nível para todas as partes do mundo, delegações militares, de negócios, diplomáticas para lutarem contra a nossa resolução, é embaraçoso perder, os estados nação são altamente sensíveis em relação a resoluções que os aponte em relação a um determinado assunto, seja abusos de direitos humanos ou outros. Há prestígio e orgulho nacional envolvidos ao oporem-se a serem criticados nas Nações Unidas, desta forma qualquer resolução na ONU é importante por estas razões. Perder é neste caso um importante recuo na nossa luta.

X – Qual a situação agora na ONU em relação a Timor-Leste, já mencionou a CEE e o congresso americano, outras entidades que dão apoio a uma resolução do problema, infelizmente que ainda não se passa o mesmo na Austrália, mas em relação à ONU o que se passa?

JRH – O assunto esteve na agenda desde 1975, em 1982 uma resolução crucial foi adoptada a resolução 37/30 que apelava para a intervenção do Secretário-geral para iniciar conversações intervindo pessoalmente neste assunto. Em consequência o Secretário-geral tem tentado encontrar soluções e aproximar as partes envolvidas, os portugueses, nós e os indonésios. Trata-se de uma tarefa extremamente difícil, um processo doloroso e lento.

Os indonésios aceitaram conduzir negociações. Um ponto que talvez tenha passado despercebido ao público em geral: os indonésios sempre disseram que Timor-Leste era parte da república da Indonésia como 27^a província, pelo que se tratava de um assunto interno que estava fora do mandato das Nações Unidas. Contudo, ao aceitarem sentarem-se à mesa das negociações com os portugueses em frente da ONU, isto significa que eles retrocederam e pelo menos parcialmente ab-rogaram parte da sua soberania sobre Timor-Leste para as Nações Unidas, aceitando que as Nações Unidas tinham de facto um papel a desempenhar em relação a Timor-Leste. Isto foi uma vitória para nós. Eles podem dizer que Timor-Leste é parte da Indonésia, mas de facto ao concederem sentar-se e debater o assunto eles abdicaram daquela afirmação reconhecendo que Timor é ainda um assunto sob a responsabilidade da ONU.

Em Julho quando me encontrava em Lisboa, o Secretário-geral deslocou-se a Lisboa para discutir com o presidente português. As negociações têm-se mantido em Nova Iorque e em Genebra com vista a levar a Timor uma larga delegação parlamentar portuguesa, cerca de 50 pessoas incluindo

parlamentares jornalistas e técnicos para estudar a situação no território. Tudo isto faz parte de um esforço genérico com vista à realização de eleições em Timor.

X – Entretanto a Fretilin continua a lutar de várias formas, e embora não seja conhecida e publicitada a luta diplomática ela mantém-se.

JRH – Voltemos atrás e ao papel dos meios de comunicação social australianos. Tem havido inúmeras notícias provenientes de Timor-Leste, de fontes altamente credíveis e fiáveis. O bispo católico de Timor, monsenhor Belo, que vive em Díli, viaja através do país e tem conhecimento da situação, enviou recentemente uma carta ao Secretário-geral das Nações Unidas apelando para a intervenção do Secretário-geral para interceder junto da Indonésia para a realização de um referendo em Timor. Duramente criticou as violações de direitos humanos em Timor.

Essa carta foi altamente publicitada na Europa, no New York Times a cinco ou seis colunas. Eu posso referir Chrys Chrystello, que está aqui connosco hoje, ele é um jornalista português baseado em Sidney, e correspondente para a maior agência dos serviços noticiosos portugueses neste país, ele contactou a maior parte dos jornais australianos com esta carta. De facto ele obteve a carta antes do Secretário-geral da ONU, e antes que qualquer outra pessoa em Lisboa e seria um “scoop” (uma caixa, um furo) para os jornais, mas ninguém se mostrou interessado. O “New York Times”, o “Washington Post” aceitaram-na,

a carta faz parte dos registos do congresso norte-americano.

É por isso que o público na Austrália não sabe. Quando eu vi Bob Hawke a chorar na TV em relação à China, eu não fui cínico e considerei-o muito sensível, seria bom que todos os outros países tivessem líderes capazes de chorar por tragédias como aquela, mas ele chorou porque viu nos ecrãs da televisão o massacre de estudantes e crianças em Tian An Men, se os meios de comunicação social australianos fossem mais investigativos para preencherem o seu papel de revelar a verdade perante o público, quebrando o bloqueio indonésio, creio que o governo talvez mudasse de atitude.

Eu culpo mais a comunicação social do que o governo. É fácil para os mass media convidarem-me a criticar o governo australiano mas eu culpo-os mais a eles do que ao governo. Outro exemplo que ainda ontem Jim Dunn narrou. Jim Dunn um ex-cônsul em Timor e uma autoridade em relação a Timor, recentemente foi convidado a apresentar um programa na rádio ABC sobre direitos humanos em geral, o director da ABC suspendeu o programa depois de Jim Dunn ter dito que era obrigado a mencionar Timor naquele programa e isso afectaria as relações com a Indonésia. Não é isto muito pior do que a censura na URSS de Brezhnev e Estaline?

GS – Uma vez mais a subserviência...

X – Falando do filme “Enterrados Vivos” e esta entrevista está quase tão longa como o filme, uma imagem que me

impressionou do filme é a do camião do The New York Times com o slogan **“todas as notícias que são apropriadas para publicação”**... Parece-me que os jornais e camiões australianos também deveriam ter uma daquelas frases.

GS – Penso que o New York Times é vítima de um anacronismo daquele slogan, que têm utilizado desde há 120 anos e nessa altura representava a rectidão moral, o que quereria dizer então não publicamos nenhuma porcaria ou imoralidade...

X – Outra cena é uma reconstrução em que a mulher de alguém *210* vai à porta e vê um ombro largo e pensam que é a polícia. Porque decidiu reencenar essa imagem?

GS – Porque era importante para dar ênfase à dramática mudança do fim da era colonial, tal como ocorreu em Lisboa numa certa data. O fim do fascismo, o fim de repórteres tais como Adelino Gomes sendo molestados, e o recomeço da sua vida profissional. Durante o fascismo ele estava proibido de trabalhar. Queríamos mostrar como esse dia histórico começou.

X – Antes de terminar devo dizer que me parece uma luta muito solitária, José?

JRH – Toda a gente me diz isso, mas de facto a minha vida é tudo menos solitária, e nunca fui um mártir. A minha vida em Nova Iorque nunca foi solitária, onde tenho imensos amigos e dos bons, tenho amigos nos EUA e na

210 TRATA-SE DA MULHER DE ADELINO GOMES, ÚLTIMO JORNALISTA PORTUGUÊS EM TIMOR ANTES DE 7 DEZ.^o 1975.

Europa e ao longo desta luta por Timor encontrei centenas de pessoas maravilhosas, de crianças a adultos em todas as partes do mundo e ensinaram-me muito em termos de solidariedade humana. Mas não! Não é uma vida solitária. Eu não sou como Henry Kissinger que disse “**eu sou o cowboy solitário**” e isso causou um escândalo nos EUA, porque ele via-se como o único arquitecto da política externa dos Estados Unidos. Eu não sou o único arquitecto da luta de Timor, há inúmeros outros envolvidos de uma forma ou outra. O que se passou é que quando o Gil foi a Nova Iorque fazer o filme eu estava sozinho naquela altura.

GS – O filme era para ser bem diferente e centrado na resolução da Assembleia-geral em que haveria 4 ou 5 timorenses vivendo num pequeno apartamento em Nova Iorque e cada um indo em diferentes direcções em busca de apoios para a luta de Timor, uma espécie de *cinema vérité*, essa a intenção original que eu planeava e ainda penso que deva ser feito um dia, o que se passou é que a resolução foi adiada em 1985 e 86 e não pude fazer o filme todo duma vez. Penso que se houver uma decisão em 1990 talvez então seja a altura de fazer esse filme.

X – Obrigado foi ótimo falar convosco hoje.

148. GIL SCRINE INTRODUCES HIS MOVIE

CAMBERRA 18 AGOSTO 1989) This movie is about a hidden war on Australia's backyard, 400 km north of Darwin. It could have been on our own backyard, a few metres away from us and yet we would not have known about it.

Like in George Orwell's "1984": "***what we do not know or hear about won't hurt us.***"

There are people in this country and in the govt interested in keeping you from knowing about this. You might even be interested but they do not want you to.

Of course we live in a democracy otherwise this might have been called censorship.

The people who control the mass media in Australia, in collusion with the govt from Gough to Fraser to Hawke decided it was in our national interest to silence this war and concentrate instead in faraway events, like the Tian an Men square event, the Chinese occupation of Tibet or the South African occupation of Namibia. All foreign and far-flung occupations but no mention of the closest of them all:

The Indonesian brutal occupation of East Timor: a country only freed from colonialism for nine days, between their declaration of independence from the Portuguese and the murderous invasion by the Indonesians.

Unbeknown to some of you there is a guerrilla war being fought by a whole nation who refuses to be colonized over again. It is only 400 km away from Darwin; it has been going on for 14 years now.

Six Australian journalists were killed there, but as we heard so many times, the Indonesians say it was their own fault. Maybe they were indeed reporting the truthful events that nobody wanted to hear about.

Likewise, 46 years ago there were 300 hundred Australian commando guerrillas supported by the east Timorese, fighting the Japanese invaders who wanted to take over Australia.

Most of those commandos were lucky, they survived together with Australia but not so lucky were the 40,000 Timorese who died then, and the 200,000 who died there since 1975. A third of a nation is gone and we cry tears over 2,000 of 1.8 billion people killed in Tian An Men.

Why are we being selective against massacres and genocides?

Next time Bob Hawke goes to television with tears in his eyes watch carefully and think about East Timor.

Even if you are totally brainwashed by our media, even if you read the lies that Gough -our best pm ever we keep on saying- wrote about East Timor, you still have plenty to think about after watching this movie.

You could go out and ask your MP's why they haven't joined the group of parliamentarians for East Timor. You could start writing to the papers and never seeing your letters published, but that is the minimum you the Timorese to live in an independent country today.

All they are asking is what you take for granted and do not even think about "free elections so that they can determine what to do with their lives and their future.

I, for myself, feel ashamed that we have done so little. That is one of the reasons why this movie had to be made. Enjoy it.

149. FILME SOBRE TIMOR NA TV AUSTRALIANA²¹¹

CAMBERRA, 28 AGOSTO, LUSA) José Ramos-Horta e Gil Scline produtor do filme sobre Timor-Leste “*Enterrados Vivos [Buried Alive]*” conseguiram hoje pôr a situação de Timor num dos principais programas de TV nacional.

Durante a última semana em várias entrevistas a órgãos de comunicação social escrita, rádio e TV o filme e a saga de Timor-Leste tem sido despertados da apatia nacional australiana, segundo declarava há momentos Gil Scline à Lusa.

"Com mais de dez entrevistas em menos de uma semana, em Camberra, Sidney e Melbourne, a saga dos timorenses e o filme puseram Timor na lista dos assuntos que as pessoas queriam esquecer mas não podem" *confirmou Horta, que se mostrou extremamente crítico em relação aos mass media.*

"Ao longo destas entrevistas conseguimos expor porque é que as autoridades governamentais australianas e os meios de comunicação social tentam evitar o assunto, e felizmente temos obtido uma cobertura óptima para a apresentação ao público no próximo domingo do filme “Enterrados Vivos” que terá lugar em Sidney e no qual contaremos com a presença do cônsul geral de Portugal Alexandre Vassalo.

“Várias pessoas com quem contactamos nos últimos dias têm-nos dito que há muito se não focava Timor como agora e que era bom saber que o assunto não estava morto no resto do mundo”

“Na estreia pública do filme estarão presentes entidades importantes ligadas ao problema de Timor além de mim e do João Carrascalão teremos o novo presidente da UDT, Dr. Paulo Pires que se desloca propositadamente à Austrália para incrementar a participação da população timorense na nova fase diplomática da Convergência Nacionalista ” *disse Horta a finalizar.*

150. ESTREIA DO FILME ²¹²

SIDNEY 27 Agosto 89 LUSA) Mais de 500 pessoas aplaudiram esta noite em pé, a estreia pública do filme “*Enterrados Vivos – a história de Timor-Leste*” que se centra à volta de José Ramos-Horta. O filme que nas últimas semanas tem estado a ser lançado nas diversas capitais australianas tem merecido boas críticas por parte dos órgãos de comunicação social.

Esta semana por exemplo o único jornal nacional The Australian publicava um artigo a 3 colunas relativo ao mesmo, e a TV e outros meios da comunicação social davam relevo ao esquecimento que o caso de Timor tem tido na imprensa australiana.

Na sessão inaugural de hoje estiveram presentes: o cônsul geral de Portugal Dr. Alexandre Vassalo, o cônsul

para os assuntos da imigração e comunidades portuguesas, Eduardo Oliveira, José Ramos-Horta embaixador de Timor na ONU, e o corpo dirigente da UDT (União Democrática Timorense) constituído pelo Dr. Paulo Pires expressamente vindo de Lisboa para o efeito, João Carrascalão, Domingos Oliveira e outros membros do comité central da UDT. Tratou-se da primeira vez desde há muitos anos que as cúpulas da convergência unitária timorense se encontravam tão altamente representadas.

Com uma presença superior a 500 pessoas, nas quais, segundo a Lusa apurou, se encontravam veteranos australianos da 2ª Grande Guerra, a senadora australiana Irina Dunn do partido anti-nuclear para o desarmamento do Pacífico, inúmeros membros da comunidade timorense aqui radicada, intelectuais, jornalistas australianos e apenas um representando os semanários portugueses locais: José Almada, director do “Português”, propriedade do Clube Portugal Madeira.

No final da sessão que por várias vezes foi interrompida por ovações do público, houve um cocktail, durante o qual o cônsul geral de Portugal Dr. Alexandre Vassalo declarou à Lusa *"este filme devia ser visto em Portugal"*.

Eduardo Oliveira da secretaria de estado da imigração e comunidades adiantou que *"estava disposto a interceder junto das autoridades portuguesas e em especial da RTP para que a passagem deste filme em Portugal fosse possível, dado tratar-se de um documento extraordinário, do qual o governo português se não devia dissociar"*.

O sucesso desta primeira exibição pública vem culminar uma crescente ofensiva nos órgãos de informação

australianos para o problema de Timor, que nas últimas semanas pode ler doze entrevistas e vários programas de TV e rádio dedicados a Timor-Leste.

De acordo com o que Ramos-Horta disse à Lusa: *“não deve ser menosprezada a vontade dos portugueses e timorenses em resolver o problema e tal como me foi assegurado aquando da minha visita em Fevereiro a Portugal pelo próprio presidente Dr. Mário Soares, este quer ver encontrada uma solução para o problema da mesma forma que o Prof. Cavaco e Silva a tenta”*.

O filme *“Enterrados Vivos”* de Gil Scrine manter-se-á em exibição em Sidney por várias semanas depois da sua apresentação na passada semana em Camberra e em Adelaide e Melbourne.

O semanário *“O Português”* que na sua última edição dedicava a 1ª e a 17ª página ao filme, irá apresentar esta semana um suplemento especial de 4 páginas dedicado ao mesmo e ao problema de Timor-Leste.

151. DESPACHO LUSA 127/89 28 AGOSTO 1989
SYDNEY MORNING HERALD

152. 28 AGOSTO 1989 RDP

153. DESPACHO LUSA 127/89 28 AGOSTO 1989 THE
AGE, MELBOURNE

154. A ENTREVISTA DE MONS. BELO ²¹³

SIDNEY, 28 AGOSTO 80, LUSA) A entrevista dada por Mons. Belo a jornalistas australianos ontem noticiada pela Australian Associated Press foi hoje confirmada pela Lusa junto de fontes ligadas a Timor-Leste.

Naquela entrevista monsenhor Belo apelava para **“o direito do povo timorense decidir em referendo sobre o seu futuro,”** salientando que os *“timorenses como povo continuam a morrer e que sob o regime indonésio não há lugar para diferenças dado que tudo tem de ser indonésio”*.

O bispo queixava-se ainda de se manterem as detenções e perseguições e de que oito missionários não haviam sido autorizados a irem para Timor. Segundo as mesmas fontes, Mário Carrascalão governador do território teria negado que a população quisesse um referendo pois *“temia um retorno à violência”*.

Entretanto o comité central da UDT, constituído por Dr. Paulo Pires, João Carrascalão e Domingos Oliveira declarava há momentos à Lusa em Sidney que *“a situação em Timor atingiu tal ponto que o referendo será apenas útil para confirmar aquilo que todos querem que é a libertação do jugo indonésio”*.

Um porta-voz daquele movimento declarava ainda à Lusa que ainda hoje havia sido recebida notícia de que mais cinco estudantes haviam sido detidos em Bali, e que as declarações de Mário Carrascalão não representavam a vontade da maioria da população.

Também José Ramos-Horta da Fretilin e que actualmente com a UDT constitui a Convergência Democrática de

Timor, declarou à Lusa que *"as afirmações de monsenhor Belo vêm na sequência do que os nacionalistas têm repetidas vezes afirmado que o povo quer um referendo para definir o seu futuro, face à ocupação Indonésia"*.

Ramos-Horta que nas últimas semanas conseguiu através de entrevistas na TV e rádio australianas recolocar o problema de Timor na consciência pública australiana declarou ainda que *"Mons. Belo vive em Timor, viaja lá e conhece bem os problemas do seu povo e que o seu alerta representava mais uma confirmação de que a população não quer os invasores indonésios"*.

Os jornais australianos noticiavam hoje as declarações do bispo, em contraste com o silêncio que dedicaram à sua carta em Maio ao sec.º geral da ONU, Perez de Cuellar.

155. CONVERGÊNCIA APELA A PORTUGAL ²¹⁴

SIDNEY, 31 AGOSTO 89 LUSA) Os líderes da Convergência Nacionalista timorense na Austrália apelaram hoje para que Portugal aja junto dos fóruns internacionais face ao recente incremento da opressão Indonésia em Timor-Leste.

De Darwin, José Ramos-Horta apelou em declarações prestadas à Lusa, para que *"Portugal interceda junto do sec.º geral da ONU, Perez de Cuellar, que recentemente galardoou o presidente Suharto, para que quebre o silêncio face às recentes declarações de monsenhor Carlos Belo, bispo Belo, sobre novas torturas e detenções em Timor e à necessidade de se efectuar um referendo"*.

Em relação ao desmentido que a cúpula militar Indonésia fez publicar nos jornais diários em Jacarta de que *"o bispo devia falar sobre assuntos eclesiais e não se imiscuir na política da qual nada sabe"*, Paulo Pires e João Carrascalão declararam esta tarde à Lusa em Sidney que *"as declarações de monsenhor Belo apenas confirmam aquilo que a resistência timorese tem vindo a divulgar nos últimos meses"*.

A Lusa tem estado desde há 24 horas a tentar estabelecer contacto telefónico com o bispo em Díli, mas os operadores internacionais em Jacarta repetidamente dizem que não conseguem obter ligação para Timor-Leste. Vários jornais australianos e programas de rádio hoje davam relevo às declarações dos generais indonésios que desmentiam os depoimentos do bispo de Díli.

156. TIMOR COM LIBERDADE CONDICIONADA ²¹⁵

SIDNEY, 31 AGOSTO 89 LUSA) Turistas australianos e refugiados de Timor-Leste chegados nos últimos dias de Timor-Leste declararam a jornalistas da Associated Press em Darwin que *"a liberdade de movimentos em Timor está bastante condicionada não sendo possível irem para além de Manatuto, cidade a meia distância na costa norte entre Díli e Baucau, e que observaram grandes movimentações de tropas equipadas para combate a saírem de Díli"*.

De acordo com as mesmas fontes o acesso a vastas regiões da Costa Sul e na Costa leste está totalmente

215 LUSA #129/89 31 AGOSTO 9 31 AGOSTO 89 TAKE TWO

interdito aos timorenses e estrangeiros. Os refugiados declararam ainda à Associated Press e ao jornalista Keith Loveard da cadeia nacional de rádio "ABC" que na semana passada foram abatidos a tiro pelas tropas de ocupação indonésia dois timorenses em Díli no subúrbio de Vila Verde, e mais de uma dezena em Baucau.

Outro jornalista da AAP, Tom Hyland escrevia hoje no "Northern Territory News" de Darwin, que o governador Mário Carrascalão lhe havia afirmado "*se bem que haja alguns sectores da população que se opõem à integração, preferindo antes ou o regresso dos portugueses ou a independência, uma nova camada jovem e mais educada sente-se conscientemente Indonésia*".

Para este jornalista citando um comandante militar indonésio, as forças da Fretilin nas cidades não "*dispõem de armas pelo que servem dos boatos e da contra informação para semear a discórdia entre o povo*".

Tom Hyland declara ainda que "*não obstante maciças injeções de dinheiro, para tentar ganhar o coração dos timorenses, os indonésios ao fim de 14 anos vêm-se a braços com uma força de guerrilha que ainda domina sectores regiões nas montanhas centrais, leste e Sul, não obstante as constantes declarações Indonésias de que a **"Fretilin não passa de um grupo de cerca de 200 bandidos armados e famintos"***". As mesmas fontes militares admitem terem pelo menos 18 mil soldados no território".

157. A CONVERGÊNCIA E O PAPA²¹⁶

SIDNEY, 31 AGOSTO 89, LUSA) A Convergência Nacionalista de Timor na Austrália declarou hoje em entrevista à Lusa que *"a próxima visita de Sua Santidade o Papa a Timor em 13 de Outubro é, apoiada pelos timorenses aqui residentes e aguardada com expectativa, dado que permitirá que a atenção do mundo se concentre sobre Timor e que o Papa ouça, se bem que brevemente, a voz dos timorenses"*.

Os líderes da convergência José Ramos-Horta, Dr. Paulo Pires e João Carrascalão declararam esta tarde à Lusa que *"as recentes declarações de monsenhor Belo, reflectem apenas aquilo que a resistência tem estado a divulgar ao mundo e confirmam um agravamento da situação político militar em Timor-Leste."*

[aqueles líderes da Convergência mostraram-se interessados em apoiar a ida de jornalistas portugueses a Timor acompanhando a visita papal desde que os mesmos tenham um conhecimento profundo da situação e a confiança dos timorenses, citando por exemplo que o jornalista português radicado na Austrália, José Chrys Chrystello merecia toda a confiança da cúpula da Convergência, dado o seu permanente envolvimento na questão de Timor e o facto de ali ter vivido. No entanto um pedido a Roma para o incluir em nome da RDP na comitiva papal foi recusado.]

Em relação ao bispo monsenhor Carlos Belo, aqueles dirigentes *"reiteraram a sua confiança no mesmo por ter tido a coragem de abertamente pedir a intervenção das Nações Unidas para a realização de um referendo a fim de determinar o futuro dos timorenses. Se as forças de*

resistência são tão poucas e ineficazes não se entende que medo a Indonésia possa ter de um referendo que consolide a vontade popular a uma integração” acrescentou Ramos-Horta.

Para aqueles dirigentes timorenses a “actual campanha de descrédito intentada pela Indonésia e por Mário Carrascalão – governador de Timor-Leste – contra o bispo Ximenes Belo é uma atitude premeditada da Indonésia para desacreditar as forças vivas da resistência nacionalista timorense em vésperas da visita papal.”

158. TELEX DIRECTOR RÁDIO COMERCIAL

159. 30 AGOSTO 1989 NTNEWS (NORTHERN TERRITORY NEWS)

160. 31 AGOSTO 1989 RDP

161. 31 AGOSTO 1989 NTNEWS (NORTHERN TERRITORY NEWS)

162. 1 SETEMBRO 1989

163. 1 SETEMBRO 1989 CARTA DE ESTUDANTES TIMORENSES AO SECRETÁRIO-GERAL DA ONU, UTILIZADA EM VÁRIOS ARTIGOS

SEGUEM-SE DEZENAS DE ASSINATURAS...

164. BISPO BELO ²¹⁷

SIDNEY, 01 SETEMBRO 89, LUSA) Depois de várias horas perdidas entre as telecomunicações da Austrália e Jacarta, a Lusa conseguiu finalmente estabelecer contacto com a residência do bispo de Timor, Mons. Carlos Belo.

Para além de informar Mons. Belo sobre os resultados do subcomité, de direitos humanos da ONU em Genebra pretendia-se auscultar a opinião daquele prelado face às notícias controversas que têm chegado de Timor nas últimas 48 horas.

Infelizmente porém um porta-voz bispal declarou da sua residência em Díli que Mons. Carlos Belo se havia deslocado a Malang, na Java do Sul, a fim de fazer uma visita de 3 dias aos seminaristas timorenses que ali estudam.

Porta-vozes da Convergência Nacionalista timorense na Austrália declararam à Lusa que *“as decisões do sub comité, dos direitos humanos representam uma vitória para as aspirações do povo de Timor e vêm por pressão sobre o Vaticano para que este abandone o seu silêncio em relação às últimas declarações de Mons. Belo, relativas a torturas e à necessidade de efectuar um referendo para decidir o futuro do povo de Timor.”*

Por outro lado, Pat Walsh, que dirige o departamento de direitos humanos do ACFOA (Comité australiano de auxilio económico ao exterior) declarou em Melbourne à Lusa que:

“Se tratava da maior vitória diplomática a favor dos direitos do povo de Timor desde 1982, e que era aguardada com expectativa a reunião plenária do

comité dos direitos humanos da ONU em Fevereiro próximo”.

“O facto de pela primeira vez haver um destacado líder dos direitos humanos indonésios, Hadji J. Princen que estava disposto a depor no subcomité de Genebra e foi impedido de sair do país, vem dar ainda mais força à questão dos abusos e torturas em Timor-Leste” acrescentou Walsh.

Para José Ramos-Horta *“qualquer derrota na ONU, mesmo em comités como este representam uma condenação pública da Indonésia e por mais que a Indonésia diga que não se importa isto vem apenas uma vez mais comprovar que a máquina de propaganda do regime se não sobrepõe à opinião pública mundial”.*

165. 04 SETEMBRO 1989 PNA (O PORTUGUÊS NA AUSTRÁLIA)

166. DR. PAULO PIRES VISITA AUSTRÁLIA ²¹⁸

SIDNEY 5 SETEMBRO 89 LUSA) O Dr. Paulo Pires presidente do comité político da UDT, que desde há pouco mais de uma semana se encontra na Austrália concedeu ao semanário “O Português na Austrália” uma extensa entrevista publicada na sua última edição e da qual se transcrevem alguns excertos:

PP. - "Há quem afirme que desde a ocupação, a Indonésia se tem esforçado bastante para contribuir para o desenvolvimento de Timor. Quem assim o afirma não é a

218 LUSA, DESPACHO #132/89 1 SET.º 89

favor de Timor nem defende a sua causa pois acreditamos que nada nem ninguém pode justificar a morte de cerca de 200 mil pessoas. Apesar de partilharmos a mesma ilha não temos quaisquer afinidades nem nada nos une ao povo indonésio".

PP – "Em relação à visita do Papa, a UDT como partido personalista cristão defende que o Papa deve ir a Timor... João Paulo II tem sido um Papa que tem desempenhado um papel importante e que se tem pronunciado sobre diversos conflitos mundiais como o caso dos Sandinistas na Nicarágua, o problema da África do Sul e os conflitos no seu próprio país de origem, a Polónia."

"É claro que ao proibir a realização da missa em tétum e a liberdade de movimentos a Indonésia vai tentar tudo para tirar dividendos políticos e ao mesmo tempo mostrar que tudo corre bem na "sua província de Timor"... O Papa sendo uma pessoa bastante interessada e alertada para este tipo de problemas não se deixará iludir e procurará através dos contactos com as autoridades religiosas locais, nomeadamente o bispo de Díli saber a verdade da situação que ali se vive".

[Quanto ao filme "Enterrados Vivos"] A minha opinião não é 100% favorável. Por um lado o filme tem um papel positivo na chamada de atenção para a causa de Timor... Mas por outro lado peca por dois aspectos negativos:

Um é o facto de reflectir uma visão bastante tendenciosa da verdade. Dá uma visão distorcida da realidade. No

filme quase que só existe a Fretilin, a Fretilin é que é a verdadeira representante do povo e tem a solução para todos os problemas. Ora a realidade não é essa, pois se assim fosse como se justificaria que a Fretilin se tivesse querido aliar à UDT numa frente nacional, a Convergência Nacionalista?

O segundo ponto é a não referência ao papel de Portugal... Mas aquilo que é importante que é o enorme esforço e o papel que Portugal tem vindo a desempenhar a vários níveis em defesa de Timor e do seu povo, o filme pura e simplesmente ignora".

Em relação a esta entrevista alguns timorenses com quem a Lusa contactou exprimiram o *"seu desgosto pelo partidarismo das declarações divisivas do Dr. Paulo Pires"*, as quais foram feitas sempre em nome da UDT esquecendo a realidade do *"acordo entre a UDT e Fretilin para a Convergência Nacionalista."*

Segundo aqueles timorenses o Dr. Paulo Pires "perdeu uma oportunidade de unir em torno da convergência todos os milhares de timorenses aqui residentes, remetendo-os para linhas partidárias que anteriormente haviam sido adoptadas pelas cúpulas políticas dos dois movimentos nacionalistas".

167. 6 SETEMBRO 1989 RDP NÃO ENTREVISTA O BISPO DE DÍLI

168. 6 SETEMBRO 1989 THE AUSTRALIAN

169. A TENTAR CONTACTAR MONS. BELO ²¹⁹

SIDNEY, 6 SET. 89 LUSA) Desde quinta-feira passada que a Lusa tem estado em média três horas por dia ao telefone com Jacarta e Díli tentando obter contacto com monsenhor Carlos Belo, administrador apostólico em Timor.

As desculpas dadas pelas autoridades indonésias têm sido diversas e mudam de minuto para minuto: hoje mesmo Mons. Belo não estava em casa mas numa reunião, logo que terminou a reunião Mons. Belo não estava em casa e havia partido numa visita ao interior do território voltando no próximo domingo...

Na semana passada as desculpas variavam de "*não está aqui, está em Malang*" [Java Sul], a visitar os seminaristas timorenses que ali estudam.

Contactado o seminário, foi-nos dito que Mons. Belo não estava ali nem sequer era esperada a sua visita. Da sua residência bispal em Díli há sempre uma solícita personagem que atende em indonésio e fluente Inglês dizendo que ele não está.

A Lusa contactou entidades religiosas ligadas a Timor, deixou recados e pediu a marcação de uma audiência telefónica com Mons. Belo, mas ao fim de sete dias e mais de 24 horas perdidas ao telefone, ainda não conseguimos estabelecer contacto.

Sempre que conseguimos estabelecer ligação – o que já em si é um acto heróico para os brilhantes operadores da Telecom australiana – quer em Inglês quer em português, quer em indonésio – há sempre uma desculpa para não conseguirmos falar com o administrador apostólico dos timorenses.

Tentando nomes diferentes para identificar a origem da chamada exigida pelos operadores indonésios, ou tentando a ligação directa continuamos sem conseguir estabelecer contacto com monsenhor Belo.

Fontes timorenses na Austrália diziam esta tarde à reportagem da Lusa que pode haver mais estradas e escolas, mas falar com Timor é hoje bem mais difícil do que no tempo dos portugueses, que não dispunham senão de um canal marítimo via Marconi e Macau.

170. RAMOS-HORTA NA SBS²²⁰

SIDNEY, 6 SETEMBRO 89, LUSA) Esta noite o canal nacional de TV multicultural “SBS” transmitiu entrevistas de cerca de dez minutos com José Ramos-Horta e Gil Scrine, produtor do filme “*Enterrados Vivos, a história de Timor-Leste*”.

Naquelas entrevistas foi posta em causa a atitude silenciosa da Austrália face às recentes decisões do comité dos direitos humanos da ONU em Genebra e da próxima visita de S. Santidade o Papa João Paulo II a Timor.

220 LUSA ÁSIA/PACÍFICO #139/89 6 SET 89

Aquele canal de TV transmitiu várias cenas do filme entremeadas de comentários entre os quais os de Noam Chomski que fazem parte integrante daquele filme.

Noutros estados australianos onde o filme tem sido exibido também a TV e os restantes mass média têm dado cobertura inusitada ao problema de Timor que continua a ser restritamente censurado dados os interesses australianos em jogo relativamente ao “Timor Gap” e ao incremento de relações com a Indonésia.

O filme “*Enterrados Vivos*” tem a sua estreia prevista dentro de dias no festival internacional de cinema da Figueira da Foz segundo confirmou esta tarde à Lusa, o seu produtor Gil Scrine.

171. EXECUÇÕES EM TIMOR-LESTE²²¹

SIDNEY, 6 SETEMBRO 89, LUSA) Notícias provenientes de Timor-Leste e hoje recebidas na Austrália 222 dão conta de que as execuções extrajudiciais se mantêm naquele território com mais dez vítimas executadas pelos batalhões indonésios número 315 e 328 nos meses de Julho e Agosto em Venilale, perto de Baucau.

Depois da publicidade mundial dada à carta de Mons. Carlos Belo as pressões indonésias sobre a igreja católica recrudesceram, de acordo com as mesmas fontes, ligadas à resistência nacionalista. Em Ermera, concelho próximo da fronteira indonésia e principal área de cultivo de café, as autoridades ameaçaram destruir todas as igrejas e

221 LUSA DESPACHO #141/89 6 SET. 89

222 CARTA ANÓNIMA RECEBIDA DA HOLANDA PELA ACFOA EM 28/8/89 ADIANTE TRANSCRITA.

objectos de culto, caso a população manifestasse o seu apoio ao bispo Mons. Belo.

Na região de Venilale uma nova estação de rádio de propaganda nacionalista indonésia acusou o bispo de Timor, e os padres Locatelli, João de Deus, Cunha e Leão da Costa (estes últimos actualmente nos Estados Unidos e com quem a Lusa estabeleceu contacto telefónico há dias) de terem amantes e filhos espalhados pelo território, alertando os timorenses para evitarem a sua presença próximo daqueles prelados.

A mesma estação de rádio apelava para a expulsão dos padres timorenses formados na Europa e a sua substituição imediata por aqueles cuja formação religiosa foi feita na Indonésia, incluindo o administrador apostólico Carlos Belo que foi considerado traidor do povo de Timor-Leste pela mesma estação.

As fontes de informação a que a Lusa teve acesso citam ainda que as regiões de Baucau (aeródromo internacional actualmente fechado ao tráfego internacional e interno), de Sae Lare (perto de Bagueia), Laga, no “San Tai Ho” antigo supermercado de Díli, e no bairro do farol em Díli, estão cheias de detidos timorenses que são considerados como ameaças à próxima visita papal em Outubro próximo.

Aquelas fontes apelam ainda para que os órgãos internacionais de comunicação social alertem a opinião pública para os recentes acontecimentos e para as pressões a que o clero de Timor está a ser submetido.

172. CARTA RECEBIDA POR JOSÉ RAMOS-HORTA EM 4-9-89 SIDNEY.

173. CARTA DE H. J. PRINCEN, DIRECTOR DA ORGANIZAÇÃO DE DIREITOS HUMANOS INDONÉSIA: PRESOS TIMORENSES (23 JUNHO 1989):

174. 7 SETEMBRO 1989 COMÉRCIO DO PORTO

175. FILME NO FESTIVAL DA FIGUEIRA ²²³

SIDNEY, 06 SETEMBRO 89, LUSA) Depois de uma semana em Darwin onde José Ramos-Horta ajudou a lançar o filme produzido por Gil Scrine, “*Enterrados Vivos*” a Lusa obteve hoje directamente do produtor, em Brisbane na Queenslândia, a confirmação de que o festival internacional do filme da Figueira da Foz quer passar o mesmo para as audiências portuguesas.

Em Brisbane onde o filme foi esta noite apresentado a uma audiência de mais de 300 pessoas, depois de várias entrevistas para a rádio e TV, Gil Scrine mostrou-se satisfeito por ter finalmente recebido uma proposta portuguesa de exibição do mesmo.

Actualmente, com a greve dos pilotos australianos desde há duas semanas, existe no entanto a dificuldade de fazer chegar a cópia mestra do filme a Portugal a tempo, dado que o festival da Figueira se inicia amanhã.

Entretanto em Sidney a UDT e a Fretilin vão ter reuniões nas próximas horas tendentes a resolver problemas relativos à acção conjunta daquelas entidades da Convergência Unitária Democrática de Timor.

176. FILME SOBRE TIMOR NO FESTIVAL DA FIGUEIRA DA FOZ ²²⁴

SIDNEY, AUSTRÁLIA, 11 SET. (LUSA) – Gil Scrine produtor do filme “*Enterrados Vivos – a história de Timor [Buried Alive]*” declarou à Lusa em Sidney que hoje mesmo havia seguido para a Figueira da Foz a bobine original do seu filme a fim de ser apresentado ainda esta semana no Festival Internacional de Cinema que ali decorre desde o passado dia 7.

O filme declarou Scrine, foi já exibido em todas as capitais australianas e os seus direitos de exibição comprados pela ITV – canal 4 da Grã-bretanha, Holanda, Japão e pelo canal nacional de TV australiana ABC, tendo a direcção do festival da Figueira da Foz confirmado o seu extremo interesse em apresentá-lo pela primeira vez ao público português.

Gil Scrine disse ainda à agência noticiosa Lusa que "o filme havia despertado o interesse em vastas camadas da população australiana que se puderam aperceber das manipulações de bastidores diplomáticos sobre a questão de Timor-Leste, em especial graças à boa cobertura dada pelos órgãos de comunicação australianos e portugueses."

177. BISPO DE TIMOR ENTREVISTADO PELA RÁDIO COMERCIAL ²²⁵

224 LUSA DESPACHO #144/89 11 SET. 89

225 LUSA DESPACHO 145/89 11 SET.89₅₂₇

SIDNEY/AUSTRÁLIA, 11 SET. (LUSA) – uma teleconferência entre Díli, Sidney e Lisboa estabeleceu hoje contacto entre Mons. Carlos Belo e os meios de comunicação portuguesa, depois de mais de 12 dias de tentativas frustradas.

Durante uma entrevista de cerca de dez minutos, Mons. Belo afirmou "que a razão pela qual havia decidido finalmente apelar para a realização de um referendo se devia à necessidade de terminar com o impasse da situação em Timor".

Falando da possibilidade de uma audiência [com o autor] jornalista da Rádio Comercial aquando da próxima visita do Papa, Mons. Belo disse *"é preciso é ter cuidado com as perguntas pertinentes, pois é com essas que nós, clero e os timorenses mais sofrem depois"*.

O administrador apostólico afirmou ainda "ter uma relativa liberdade de movimentos dentro e fora de Timor" e disse que se os parlamentares portugueses ali fossem "deviam visitar todos os pontos de Ataúro a Oé-cusse, de Same a Suai, a Viqueque e Baucau."

Nesta primeira entrevista dada ao jornalista australiano Chrys Chrystello da Rádio Comercial, Mons. Belo esclareceu que "ultimamente não tem havido problemas com a próxima visita do Papa, e que a missa seria em latim com a homilia e eucaristia em Tétum [língua franca de Timor], terminando por apelar para que os timorenses e portugueses rezem pelo povo de Timor e pelo seu futuro".

178. 11 SETEMBRO 1989 RDP ENTREVISTA PELA 1ª VEZ O BISPO BELO

179. VISITA DO PAPA À INDONÉSIA E TIMOR²²⁶

SIDNEY, 11 SETEMBRO 89, LUSA) Alguns meios de comunicação social australiana noticiaram a entrevista que Mons. Belo concedeu anteontem à Rádio Comercial, a qual entretanto foi já debatida pelo grupo parlamentar australiano de apoio a Timor.

Entretanto Pat Walsh do comité de auxílio económico australiano ao exterior afirmou hoje à Lusa que estava já confirmado – de acordo com fontes geralmente bem informadas do clero australiano – o plano de visita de João Paulo II à Indonésia.

Sua Santidade partirá dia 9 de Outubro de Seul, Coreia do Sul em avião da “KAL (Korean Airlines)” rumo ao aeroporto militar de Halim em Jacarta, visitando Jogyakarta [Java] no dia 10, deslocando-se à ilha das Flores dia 11 e a Díli, Timor em 12 de Outubro. A visita será feita em aviões militares da República Indonésia e as missas – de acordo com as mesmas fontes serão todas celebradas em Bahasa, o que contrasta com as declarações de Mons. Belo de que em Timor a missa seria em Latim e Tétum.

Dia 13 de regresso a Jacarta o Papa preside à abertura da conferência episcopal indonésia, na qual serão debatidos “os problemas do papel dos padres laicos e da

necessidade de maior apoio aos pobres em especial nas ilhas mais remotas do arquipélago."

Ainda de acordo com as mesmas fontes um elevado número de cristãos de Timor Ocidental estaria a ser convidado para estar presente durante a visita de João Paulo II a Díli. Pat Walsh declarou ainda à Lusa que os membros do clero lhe haviam garantido que Sua Santidade não procederia ao habitual "*beijar do solo*" à sua chegada a Díli.

180. 11 SETEMBRO 1989 LUSA

181. TIMOR BISHOP GIVES INTERVIEW TO PORTUGUESE NATIONAL RADIO ²²⁷

SYDNEY, 11 SEP 89 (LUSA PORTUGUESE NEWS AGENCY) for the first time since he took office, Monsignor Carlos Belo, bishop of Dili, East Timor gave this evening a live interview to the Portuguese National Radio correspondent based in Sydney. It is only the second time the bishop has been interviewed by Portuguese media.

During the interview mons Belo stated that the "*need for a referendum was urgent to end up with the stalemate of the East Timorese.*" Mons Belo said that in case Portuguese journalists wanted to talk to him during the next visit of Pope John Paul II in October 13 to Dili, the journalist had to be "*careful with pertinent questions, because these could harm the Timorese and me.*"

227 11 SEP 89 LUSA, PORTUGUESE NEWS AGENCY, SYDNEY, PUBLICADO NA IMPRENSA AUSTRALIANA

Stating that both him and the clergy have a certain freedom of movements to travel in the territory, mons Belo said "if there was a Portuguese parliamentarian visit to the territory the MP's should attempt to visit all cities and villages from Baucau to Ataúro Is., Oé-cusse, Lospalos, Same and Viqueque, so that they would not be misled by the Indonesians".

Mons Belo also finally cleared the question of which language would be used during papal mass on Oct 13; the mass will be celebrated in Latin with the homily in Tetum.

Mons Belo also said that there have been a certain number of intimidating threats to his life and the promise that he soon would be ambushed for speaking out in behalf of the Timorese and sending his request for referendum to the UN secretary Perez de Cuellar.

Finally, the bishop asked all people to pray for the East Timorese and its future, which is being eroded by the Indonesian presence.

182. LUSA DESPACHO 139/89 DE 6 SET.º 1989
PUBLICADO NO PORTUGUÊS EM 11/9/89

183. LÍDER NACIONALISTA TIMORENSE PARTE PARA
A ASSEMBLEIA-GERAL DA ONU ²²⁸

SIDNEY, 11 SETEMBRO 89, LUSA) Partiu esta manhã de Sidney, rumo à assembleia-geral da ONU, com escalas em Genebra e Lisboa, José Ramos-Horta dirigente da Convergência Nacionalista timorense.

À sua partida no aeroporto, aquele dirigente declarou à Lusa "ser excelente a acção do embaixador de Portugal em Camberra para melhorar as relações bilaterais entre a Austrália e Portugal, não obstante de acordo com fontes diplomáticas indonésias a sua acção estar a ser vista de outro modo."

De acordo com tais fontes os indonésios pensam que a acção de José Luís Gomes poderia deteriorar as relações entre a Austrália e Indonésia, mas segundo Horta acrescentou à Lusa:

"Deve-se ao embaixador português e às suas visitas às capitais australianas, a discussão do problema de Timor no parlamento australiano e uma maior cobertura do problema por parte dos órgãos de comunicação social australianos".

Horta depois da A. G. da ONU deslocar-se-á ao Canadá a convite da universidade de Carlton para um seminário internacional sobre Timor, devendo regressar a Lisboa no fim de Outubro para o lançamento do seu livro *"Timor: amanhã em Díli"* a publicar pela editora Perspectivas e Realidades.

PS – José Ramos-Horta da Convergência Timorese e impossibilitado de acesso a fax, solicita por este meio audiência com a direcção de informação da Lusa urgente dia 19 data da sua chegada a Lisboa rumo à A. G. da ONU, nesse dia ou seguinte. Confirmem dia 19 para Lisboa tel. 9327770 (casa) ou Lisboa Fundação Borja da Costa 8055192.

184. 13 SETEMBRO 1989 RDP

185. 13 SETEMBRO 1989 COMÉRCIO DO PORTO

186. 17 SETEMBRO 1989 COMÉRCIO DO PORTO

187. 18 SETEMBRO 1989 COMÉRCIO DO PORTO

188. 19 SETEMBRO 1989 RDP

189. PAPA NÃO VAI A TIMOR? ²²⁹

SIDNEY, 19 SETEMBRO 89 LUSA) A não inclusão de Timor no itinerário do Papa da visita oficial de S. Santidade João Paulo II ontem divulgado em Lisboa apanhou de surpresa quer a comunidade timorense na Austrália, quer entidades apoiantes da causa de Timor.

Contactada a embaixada do Vaticano em Camberra foi-nos dito "não ser conhecido o itinerário da visita dado não afectar a Austrália, mas sim a Coreia do Sul e Indonésia"

Não foi possível estabelecer contacto com a embaixada da Santa Sé, em Jacarta. João Carrascalão da Convergência Democrática mostrou-se surpreendido pela não inclusão atribuindo tal facto a uma tentativa do Vaticano de não hostilizar a Indonésia.

Pat Walsh do comité dos direitos humanos do comité, de auxílio económico ao exterior, ACFOA, normalmente bem informado sobre questões de Timor, adiantou desconhecer o facto, salientando que tal como

anteriormente noticiado o itinerário da visita que lhe havia sido proporcionado por fontes eclesiásticas incluía uma visita a Timor no dia 12 de Outubro. A comunicação social australiana não fez qualquer menção ao facto.

190.1. TURISTA EM TIMOR ²³⁰

SIDNEY, 19 SETEMBRO 89 LUSA) Um extenso relatório de nove páginas hoje recebido do gabinete de direitos humanos do comité de auxílio económico ao estrangeiro – ACFOA – relata uma visita turística efectuada em finais de Agosto a Timor-Leste por uma pessoa cuja identidade não pode ser revelada, e a qual confirma recentes informações recebidas de Timor-Leste.

O relatório menciona recentes mortes de nacionalistas timorenses, a posição da Igreja Católica no território, a forte presença militar indonésia e a transmigração de mais de 25 mil famílias indonésias durante o corrente ano e as quais criaram pressões sobre os locais.

De acordo com as mesmas fontes, que tiveram acesso a várias zonas do território utilizando os seus conhecimentos do idioma local tétum e de português, o regime de opressão é agora nesta fase de alegada abertura de Timor aos estrangeiros bem visível.

Ainda de acordo com aquelas fontes, parece não terem justificação as alegações de inseminação da droga contraceptiva Depo Provera e da morte de duzentas crianças no final do ano passado.

230 LUSA DESPACHO 153/89 19 SET. 89.⁵³⁴

Se por um lado foi possível apurar que as forças da resistência não estão extintas, por outro salienta-se haver apoio popular quer para com o governador Mário Carrascalão quer para com o bispo de Lorium Mons. Carlos Belo.

A presença militar dos indonésios e a exploração económica dos timorenses são dois dos pontos mais detalhadamente focados pelo turista holandês que visitou Timor durante várias semanas e que agora anonimamente decidiu dar a conhecer ao mundo as suas impressões.

190.2. VER ARTIGO NA TOTALIDADE:

carta anónima da Holanda recebida por Pat Walsh da ACFOA e divulgada em artigos vários para a Lusa.

191. 20 SETEMBRO 1989 COMÉRCIO DO PORTO

192. VISITA DO PAPA A TIMOR ²³¹

SIDNEY, 19 SETEMBRO 89 LUSA) O facto de a visita do Papa mencionar apenas a sua visita a dois países asiáticos – Coreia do Sul e Indonésia – mereceu hoje a crítica dos timorenses na Austrália.

João Carrascalão da Convergência Timorese declarou em Sidney à Lusa que "a omissão de Timor do itinerário e o facto de o Vaticano mencionar apenas a visita à Indonésia sem especificar Timor-Leste era um mau indício para os timorenses do tom da visita"

A comunidade de timorenses em Melbourne enviou hoje uma mensagem a Sua Santidade João Paulo II, na qual expressava, por um lado, *"a satisfação pela visita a Timor, dada a importância de que ela se reveste para os que ainda lá vivem,"* mas por outro, *"preocupados sobre se a visita não representará um endosse papal da anexação do território"*.

Outros dirigentes da Convergência Democrática Timorense contactados pela Lusa declararam que *"esta atitude do Vaticano representa uma ameaça ao direito do povo timorense se autodeterminar"*.

Lola Reis representante da Fretilin na Convergência declarou também que *"a atitude do Vaticano contradiz a anterior promessa feita há duas semanas por Mons. Casarolli em Roma, à delegação da Convergência que ali se deslocou, de que Timor iria ser tratado pela Papa como uma entidade distinta da Indonésia"*.

Pat Walsh do gabinete de direitos humanos do comité australiano de auxílio económico australiano declarou à Lusa esta tarde em Melbourne *"a sua preocupação pela forma como a Santa Sé, estava agora a frustrar as aspirações dos timorenses e a contrariar o pedido do bispo residente de Timor, Mons. Belo, para a realização de um referendo"*

Walsh disse ainda à agência que *"o facto da viagem em território indonésio ser feita em aviões militares indonésios punha em perigo a tradicional independência da igreja, e poderia servir para endossar a anexação de Timor-Leste pela Indonésia"*.

Outros timorenses manifestaram à Lusa a "sua esperança de que o governo português mantenha pressão para que o caso de Timor não fique esquecido mesmo que a igreja retire o apoio ao clero timorense".

A embaixada do Vaticano em Jacarta confirmou que o Papa iria a Timor por umas horas durante a sua visita não tendo feito mais comentários sobre o itinerário.

193. 23 SETEMBRO 1989 RDP

194. PETRÓLEO NO MAR DE TIMOR ²³²

SIDNEY, 23 SETEMBRO 89 LUSA) A "BHP" maior para além de ser a maior empresa australiana tem elevados interesses na exploração do mar de Timor e acaba de anunciar nova descoberta daquele importante fluido numa nova jazida subaquática "Discorbis 1".

A jazida, 160 km a Sul da maior até agora descoberta [Jabiru] localiza-se 700 km a oeste de Darwin em pleno centro do "Timor Gap". Segundo declarou à Lusa John Froning director de explorações da área esta jazida prometia ser pelo menos o triplo das outras que já produziram mais de 30 milhões de barris de petróleo.

Embora até agora as prospecções só tenham atingido 3 km de profundidade esperam-se elevados resultados a 4 km de profundidade, acrescentou Froning, que disse ser este o maior investimento singelo da BHP no mar de Timor, onde detém 40% dos direitos de exploração.

195. MENSAGEM DO POVO TIMORENSE AO PAPA ²³³

SIDNEY, 23 SET.º LUSA) – as comunidades timorenses espalhadas pela Austrália enviaram esta semana uma carta aberta a Sua Santidade por ocasião da sua visita a Timor-Leste, a que a Lusa teve hoje acesso e na qual manifestam *"a sua preocupação pela potencial manipulação da visita comprometendo o seu carácter pastoral"*.

De acordo com o mesmo documento, que é subscrito por quatro líderes da Convergência Nacionalista em tantos outros estados australianos *"a imprensa internacional já decidiu, erradamente ou não, que se o Papa não beijar o chão de Timor isso será por considerá-lo parte integrante da Indonésia"*.

O mesmo documento cita ainda não se entender porque *"a missa irá ser celebrada em latim, e não na língua do nosso povo, em tétum, que seria mais lógico considerando os seus apelos de 1984 e 1986 para a defesa da identidade étnica e cultural dos timorenses"*.

Mais adiante de acordo com o documento a que a Lusa teve acesso pode ler-se *"as circunstâncias históricas da conversão em massa dos timorenses ao catolicismo não podem ser ignoradas, pois que se devem à necessidade de protecção e defesa dos nossos direitos. Quando Sua Santidade celebrar a missa em Tassitolo (Tacitolu), um dos mais notórios campos de morte de Timor, pedimos que se lembre dos nossos 200 mil mortos, e que a sua visita seja um símbolo de esperança, de unidade e força*

para o nosso povo, um símbolo de retribuição da nossa confiança em deus e na igreja”.

Embora este documento tenha sido distribuído pela agência noticiosa australiana, e principais meios de comunicação social australiana nas últimas 48 horas até ao momento não foi transmitido ou publicado em qualquer órgão de informação.

196. 29 SETEMBRO 1989 COMÉRCIO DO PORTO

197. FILME DE TIMOR NA TV

SIDNEY, 2 OUTUBRO 89 LUSA) Entretanto a cadeia nacional australiana de televisão “ABC” transmitirá na próxima quinta feira o filme documentário de Gil Scrine *“Enterrados Vivos – a história de Timor-Leste”*, o qual tem sido aclamado por alguns sectores políticos australianos como *“uma obra importante para a compreensão da atitude diplomática da Austrália e dos EUA em relação ao problema de Timor.”*

O filme foi já exibido em todas as capitais estaduais australianas, e os seus direitos vendidos a canais de TV no Japão, Filipinas, Holanda e Grã-bretanha (ITV - canal 4) para além de outros países.

O filme retrata a evolução colonial portuguesa até ao 25 de Abril e os acontecimentos que precederam e sucederam à invasão Indonésia de Timor-Leste.

O equivalente australiano da Tv-Guia publicava hoje um comentário especial de uma página relativo ao filme considerando que o mesmo provoca nos espectadores, o

sentimento de vergonha face à atitude australiana em relação ao problema de Timor-Leste.

198. 2 OUTUBRO 1989 PORTUGUÊS

199. O MNE AUSTRALIANO CANDIDATO À ONU ²³⁴

SIDNEY, 02 OUT.º LUSA) – o governo federal australiano anunciou hoje que iria propor a candidatura do seu ministro dos estrangeiros, senador Gareth Evans, para presidente da assembleia-geral da ONU.

Caso se venha a verificar a sua nomeação, será a primeira vez que um australiano ascende àquela posição desde que o ex-primeiro ministro Dr. Evatt assumiu tal posição há mais de 40 anos atrás.

A Austrália faz parte do Grupo Ocidental das Nações Unidas e compete a este grupo eleger um presidente para o próximo ano, acontecimento que se verifica de cinco em cinco anos. O Grupo Ocidental abarca os países europeus, EUA e Canadá, mas a decisão sobre qual será o candidato não será tomada antes do fim do ano.

A importância daquela posição centra-se em volta dos três meses de reuniões da assembleia-geral da ONU de Setembro a Dezembro em cada ano.

Um porta-voz de uma das organizações oficiais de apoio económico australiano ao estrangeiro manifestou à Lusa a sua preocupação sobre esta proposta declarando que *“a mesma era contrária aos interesses de Timor-Leste e da*

234 LUSA DESPACHO #158/89 2 OUT.º 89
540

Papua” acrescentando que “não era “provável que os países europeus aceitassem a mesma dado o envolvimento da Austrália e Indonésia contrário aos interesses da CEE”.

Entretanto a cadeia nacional australiana de televisão “ABC” transmitirá na próxima quinta feira o filme documentário de Gil Scrine “*Enterrados Vivos – a história de Timor-Leste*”, o qual tem sido aclamado por alguns sectores políticos australianos como uma obra importante para a compreensão da atitude diplomática dos EUA e Austrália em relação ao problema de Timor.

O filme foi já exibido em todas as capitais estaduais australianas, e os seus direitos vendidos a canais de TV no Japão, Filipinas, Holanda e Grã-bretanha (ITV canal 4) para além de outros países. O filme retrata a evolução colonial portuguesa até ao 25 de Abril e os acontecimentos que precederam e sucederam a invasão Indonésia de Timor-Leste.

O equivalente australiano da “Tv-guia” publica hoje um comentário especial de uma página relativa ao filme, considerando que o mesmo provoca nos espectadores “*o sentimento de vergonha face à atitude australiana em relação ao problema de Timor-Leste*”.

200. 3 OUTUBRO 1989 COMÉRCIO DO PORTO

201. 4 OUTUBRO 1989 RDP

202. 4 OUTUBRO 1989 PORTUGUÊS NA AUSTRÁLIA –
CARTA DE JOÃO V. CARRASCALÃO

203. 4 OUTUBRO 1989 PNA (PORTUGUÊS NA AUSTRÁLIA)

204. 4 OUTUBRO 1989 COMÉRCIO DO PORTO

205. 04 OUTUBRO 1989 PORTUGUÊS NA AUSTRÁLIA

206. FILME NA TV ²³⁵

SIDNEY, 5 OUTUBRO 89 LUSA) O jornal nacional The Australian indica na sua página televisiva de hoje o filme de Gil Scline "*Enterrados Vivos – a história de Timor-Leste*" como a melhor escolha dos cinco canais nacionais de TV para esta noite.

Outros jornais estaduais também indicam a sua transmissão pelas 22 locais (11 h Lisboa) como uma das escolhas favoritas para esta noite, tanto mais que o outro filme mais interessante é "Dirty Harry", um filme de 1971 com Clint Eastwood que já foi transmitido pelo menos 50 vezes.

Embora a cadeia nacional de TV "ABC" tenha menos espectadores do que os três principais canais comerciais, tem estado a transmitir uma série sobre o falecido Anwar Sadat do Egipto, série essa cujo final será esta noite imediatamente antes do filme sobre Timor.

O filme documentário de Gil Scline "*Enterrados Vivos*", com a duração de uma hora foi recentemente exibido pela primeira vez em Portugal no passado mês de Setembro no Festival de Cinema da Figueira da Foz, e será transmitido

na Grã-bretanha pelo canal ITV – canal 4 no próximo dia 23.

Alguns sectores políticos australianos e em especial Tony Lamb, vice-presidente do parlamento australiano consideram o filme como *“uma obra importante para a compreensão da atitude de hipocrisia diplomática da Austrália e dos EUA em relação ao problema de Timor, face à defesa dos interesses indonésios.”*

O filme foi já exibido em todas as capitais estaduais australianas, e os seus direitos vendidos a canais de TV no Japão, Filipinas, Holanda, e retrata a evolução colonial portuguesa até ao 25 de Abril e os acontecimentos que precederam e sucederam à invasão Indonésia de Timor-Leste, com inúmeros depoimentos de refugiados.

Revistas especializadas de TV afirmam que: "o filme provoca nos espectadores, o sentimento de vergonha face à atitude australiana em relação ao problema de Timor-Leste.

207. 6 OUTUBRO 1989 RDP

208. VISITA DO PAPA A TIMOR – DECLARAÇÕES
INDONÉSIAS ²³⁶

SIDNEY, 6 OUT.º – LUSA – um porta-voz do embaixador indonésio em Camberra declarou esta tarde (8 da manhã em Lisboa) aos serviços de onda curta da rádio Austrália que *"a visita do Papa era uma visita de estado e uma visita pastoral, incluindo várias ilhas além de Timor-Leste"*.

Interrogado sobre se a celebração da missa em Tassitolo, nos arredores de Díli e considerado pelos timorenses como um lugar de alegados massacres, constituía um problema, aquele porta-voz declarou à Rádio Austrália que *"não era um assunto sensível politicamente porque Timor era território indonésio"*.

Aquele diplomata indonésio declarou ainda que "esta semana o embaixador da Santa Sé, em Lisboa havia declarado que o Vaticano não reconhece a anexação de Timor, mas que tal problema nunca fora focado nas conversações entre o Papa e o governo de Jacarta em relação à visita".

O Dr. Michael Costigan, porta-voz do conselho de justiça social do clero australiano entrevistado também pela Rádio Austrália declarou *"esperar que a visita se não tornasse num assunto político, criticando alguns membros da comunicação social e pessoas com intenções políticas de tentarem politizar a visita"*.

Aquele membro do clero australiano citou ainda que em relação à missa em Tassitolo e ao uso de Bahasa Indonésia como idioma da mesma *"a celebração da eucaristia e o local de celebração eram partes sagradas do exercício do culto, e que não deveriam ser utilizadas para fins políticos"*.

A terminar Michael Costigan diria à Rádio Austrália que "a igreja australiana mantinha um certo interesse nas alegadas violações de direitos humanos, mas que não achava importante que Sua Santidade se manifestasse em relação as mesmas durante a sua curta estadia em Timor".

O resto da comunicação social australiana não tem dado qualquer cobertura à visita papal, sendo este apontamento da Rádio Austrália apenas o segundo sobre Timor desde Agosto passado.

Na Coreia do Sul, o correspondente da Rádio Austrália afirmava esta noite, que as autoridades de Seul haviam negado a possibilidade de o Papa celebrar missa ou se deslocar à zona desmilitarizada com a Coreia do Norte, durante a estadia de dois dias que o Papa terá antes de chegar a Jacarta na manhã de 9 de Outubro.

Entretanto um jornalista australiano de ascendência portuguesa [o autor] viu hoje recusado o seu pedido de visto para acompanhar a visita papal. O cônsul da imigração indonésia em Sidney declarou que a única razão apresentada pelos serviços de segurança do estado indonésio em Jacarta para negar o visto era *"a de que já não havia lugar para mais jornalistas"*.

Dado que apenas dois jornalistas australianos estarão presentes na Indonésia durante a visita papal, sendo um deles residente em Jacarta, aquele cônsul declarou *"não saber se na origem da negação do visto estaria a naturalidade portuguesa daquele jornalista"*.

Em Díli um porta-voz do governador Mário Carrascalão recusou-se a aceitar uma chamada de um jornalista australiano sob a alegação ao funcionário da "Telecom australiana" de que o governador não estava interessado em conceder entrevistas durante os próximos dias.

(Ver documento seguinte)

209. VISITA DO PAPA A TIMOR ²³⁷

SIDNEY, 9 OUTUBRO 89 LUSA) Os jornais australianos dão hoje grande relevo à visita papal a Timor que ocorrerá esta semana. O Sydney Morning Herald publica hoje uma entrevista com o correspondente da Lusa referindo que um jornalista australiano viu recusado o direito de cobrir a visita papal, ao mesmo tempo que uma jornalista da Rádio Comercial radicada em Roma, e convidada a integrar a comitiva havia visto recusado o seu direito de cobrir a visita.

Duas estações de rádio hoje transmitiam entrevistas com o correspondente da Lusa face à recusa dos indonésios em concederem-lhe um visto, tendo um porta-voz do governo indonésio declarado que *“a recusa não se devia a assuntos políticos, embora estivesse consciente das actividades jornalísticas e do facto de que o correspondente da Lusa foi o primeiro a divulgar a carta de monsenhor Belo para o sec.º geral da ONU, Perez de Cuellar”*.

Os jornais “The Australian” (nacional) e “Age” (Melbourne) focavam que a visita papal era um campo minado e que se esperava em Jacarta que a visita representasse um reconhecimento formal do Vaticano da soberania Indonésia sobre Timor-Leste.

O Papa na sua viagem entre Seul [Coreia do Sul] e Jacarta declarou que “era preciso manter equilíbrio entre a acção dos padres e missionários e a questão dos direitos

humanos, se bem que o Vaticano não aprovasse a atitude expressa na carta de Mons. Belo." O Papa afirmou que "tinha de ir a Timor-Leste, mas que devíamos deixar os problemas políticos para os políticos".

A resistência nacionalista entretanto em Darwin fazia saber através da rádio nacional "ABC" que na última semana mais de 1500 pessoas foram presas e que os jovens timorenses haviam sido desencorajados de comungar, a fim de evitarem que passassem mensagens da resistência ao Santo Padre. Os indonésios alertaram ainda para o facto de que qualquer atitude errada poderia prejudicar o futuro dos timorenses, e admitiram que milhares de tropas haviam sido enviadas para Timor-Leste para evitar problemas, a fim de aumentarem os 13 mil efectivos já existentes no território.

Em Jacarta esta tarde (hora local, 8 da manhã em Lisboa) o ministro dos estrangeiros indonésio, Ali Alatas declarava ao correspondente da Rádio Austrália, Brian de Bell que a visita papal correria tal como esperado, e que as portas de Timor estavam abertas aos 200 jornalistas acreditados para a sua cobertura.

Alatas negou que tivesse havido perseguições a timorenses nas últimas semanas, admitindo apenas a detenção de 17 pessoas em Díli, mas reforçou a posição do presidente Suharto de *"que não deveria haver grandes manifestações de apoio papal, dado que a Indonésia era um país basicamente muçulmano"*.

Algumas estações de rádio focavam hoje também a recusa de visto aos jornalistas Chrys Chrystello e Manuela Paixão, manifestando a sua preocupação de que os

indonésios esperavam que o Papa não focasse as violações dos direitos humanos em Timor, referindo que embora a Indonésia esteja nervosa face à visita espera que ela possa ser aproveitada a seu favor implicando o reconhecimento do Vaticano sobre a soberania Indonésia em relação a Timor-Leste.

Mais de 300 mil pessoas deverão estar presentes à missa na quinta-feira em Tassitolo.

210. 09 OUTUBRO 89 - 1ª PÁGINA DO JORNAL SYDNEY MORNING HERALD

211. 9 OUTUBRO 1989 RDP

212. 9 OUTUBRO 1989 COMÉRCIO DO PORTO

213. O PAPA E A VISITA ²³⁸

SIDNEY, 9 OUTUBRO 89 LUSA) O ministro dos estrangeiros indonésio, Ali Alatas acaba de declarar que *“a visita do Papa servirá para demonstrar a harmonia política e religiosa dos timorenses na maior nação muçulmana do mundo”* segundo acaba de noticiar Graham de Bell da onda curta da rádio nacional australiana.

Segundo a mesma fonte “o Papa poderá ver por si mesmo os progressos registados em Timor-Leste e descobrir a verdade sobre as acusações de violações de direitos humanos e conversão forçada de católicos ao islamismo”.

Mais de 400 mil timorenses, ou seja 60% da população deverão estar presentes na missa de quinta-feira, quando o Papa visitar Díli entre as 9 e as 2 da tarde. O Papa mantém que a “sua visita a Timor é uma visita pastoral e não altera a posição do Vaticano tal como a das Nações Unidas de que não é reconhecida a posição de anexação do território” e esta visita é a primeira de um líder internacional a Timor desde 1975, o que é interpretado por alguns como um reconhecimento de “facto” da anexação.

Todos os 200 jornalistas estrangeiros acreditados para a cobertura da visita papal receberam um libreto chamado “*Factos Sobre Timor-Leste*” preparado pela câmara dos representantes indonésios, e no qual se cita: “*a 27^a província indonésia luta para erradicar o estigma de atraso económico herdado dos portugueses*”.

O libreto cita “*a perda de mais de 70 mil vidas devido à guerra e à malnutrição que se seguiu à saída dos portugueses em 75*”, mas a mensagem final é a de uma província totalmente integrada no seio da comunidade indonésia, com melhores estradas, escolas e serviços de saúde.

Ali Alatas há momentos desafiava os representantes dos mass média portugueses a viajarem com o Papa para “*terem a coragem de relatar a realidade da vida em Timor*”.

O instituto indonésio de defesa dos direitos humanos fala de execuções, prisões e torturas daqueles que não apoiam a causa da integração de Timor na Indonésia.

A mensagem final desta visita de seis dias emerge da mensagem do presidente Suharto de que “*existe uma harmonia religiosa e cultural de Timor com a Indonésia que é 90% islâmica*”. Os católicos têm projecção em Jacarta a nível do proeminente ministro da defesa general Benny Murdani.

Em Fevereiro o bispo Mons. Belo escreveu ao sec.º geral da ONU pedindo a realização de um referendo, e os membros da Convergência Nacionalista de Timor na Austrália esperam que o Papa apoie esse pedido. Mas, como Alfredo Ferreira porta-voz da Fretilin em Darwin, referia há momentos aos órgãos de comunicação social, os indonésios prepararam uma limpeza a fim de evitar problemas durante a visita papal durante a qual mais de 1500 pessoas foram detidas.

“O perigo” disse Ferreira “era de que tais pessoas pudessem dizer a verdade dos factos aos jornalistas estrangeiros que acompanham a visita papal”.

“Os detidos eram de Baucau e Díli na sua maioria”, disse Ferreira, que acrescentou que “os jovens não deviam comungar para não darem nenhuma mensagem da resistência ao Papa”.

Mais de 50 mil pessoas de outras províncias foram levadas para Díli, e o bispo apelou para que os timorenses não se manifestassem a fim de que o Papa ouvisse apenas os gritos de apoio dos indonésios e pudesse confrontar esse facto com o número de presentes.

215. 11 OUTUBRO 1989 RDP

216. PARLAMENTARES AUSTRALIANOS APOIAM
TIMOR-LESTE ²³⁹

SIDNEY, 11 OUT.º LUSA) – um comunicado do parlamento federal australiano hoje divulgado à Lusa dá a conhecer o apoio que um grupo de 33 parlamentares decidiram dar à questão do referendo pedida pelo bispo de Timor, Mons. Carlos Belo.

O comunicado assinado pelo vice-presidente parlamentar Tony Lamb, foca que "é necessário que Mons. Belo tome conhecimento dos apoios que o seu pedido teve no exterior, face à continuada violação dos direitos humanos em Timor, e esperamos que este apelo seja mencionado nas conversações que amanhã terá com o Papa".

Tony Lamb exprimiu ainda a sua preocupação pelo "estado de virtual residência vigiada, com intercepção de correspondência e controlo de chamadas telefónicas a que o bispo tem estado sujeito desde que enviou a sua carta de apelo ao sec.º geral da ONU, Perez de Cuellar".

No comunicado recebido pela Lusa citam-se ainda "as recentes detenções em Baucau e Díli, como consequência dos apelos do bispo para a efectivação de um referendo", terminando por exprimir que a atitude de Mons. Belo "**era um acto de coragem** num país onde não existem os mais basilares direitos humanos e de expressão política."

Contactado telefonicamente esta tarde pela agência Lusa na Austrália, Tony Lamb, declarou "que restava agora aguardar até amanhã para ver se o Papa apoiará o pedido do prelado para deixar que o povo de Timor decida o seu próprio futuro".

217. VISITA DO PAPA A TIMOR ²⁴⁰

SIDNEY, 12 OUT.º LUSA – a Australian Associated Press acaba de noticiar que o Papa apelou em Díli, na sua curta estadia de quatro horas “*para o respeito pelos direitos humanos, e para uma justa e pacífica solução para os problemas do povo de Timor*”. Citando o desemprego e a necessidade de melhorar as condições de vida dos timorenses num clima de harmonia e compreensão, Sua Santidade exortou “*os timorenses a atingirem a realização das suas legítimas aspirações*”, mas pediu para que elas fossem realistas, utilizando a metáfora bíblica de “*perdoa e serás perdoado*”.

Presentes à missa campal em Tassitolo, menos de cem mil pessoas, em vez das 400 mil que os indonésios haviam previsto. Ainda segundo a Australian Associated Press, na estrada do aeroporto onde chegou num avião Hércules da força aérea Indonésia, para Tassitolo, viam-se milhares de bandeiras indonésias, alguns arcos de flores e vários cartazes proclamando as boas vindas do Papa à 27ª província indonésia de Timor-Leste.

PS ESTA NOTÍCIA AINDA NÃO FOI DIVULGADA AQUI NA AUSTRÁLIA, MAS RECEBI-A DIRECTAMENTE DO AUTOR E PODE SER JÁ PUBLICADA EM PORTUGAL

218. 12 OUTUBRO 1989 RDP

219. 12 OUTUBRO 1989

220. 12 OUTUBRO 1898 RTP CANAL UM

221. 14 OUTUBRO 1989 RDP

222. AUSTRALIANOS APELAM PARA TIMORENSES ²⁴¹

SIDNEY/AUSTRÁLIA, 14 OUT.º – LUSA) – a coligação australiana para Timor-Leste emitiu hoje um comunicado no qual apela ao ministro dos estrangeiros senador Gareth Evans, para que este *“exprima a sua preocupação ao governo indonésio relativamente à prisão de dezenas de jovens timorenses que se manifestaram durante a visita do Papa, contra a ocupação Indonésia”*

Um porta-voz da coligação, Dr. Michael Wagner, declarava há momentos em Camberra ao correspondente da Lusa que "a comunidade timorense na Austrália e organizações ligadas à defesa dos direitos do homem se haviam manifestado extremamente preocupadas pelo destino de dezenas de timorenses que na passada quinta feira haviam exibido placards nacionalistas e pró-independência durante a missa papal".

O Dr. Wagner disse ainda que no passado "todos os timorenses dissidentes que se manifestaram contra a dominação indonésia haviam sido invariavelmente

241 LUSA DESPACHO #167/89
INFO LUSA/LISBOA

14 OUT.º 89 16 HRS (6 LISBOA)TAKE ONE

torturados e executados pelo regime indonésio, e que a sua única protecção seria através de uma campanha concertada da comunidade internacional".

"Tal campanha" disse o Dr. Wagner, "para ter sucesso deverá ser imediata e defender o direito de manifestações pacíficas dos timorenses para o seu direito à autodeterminação, a qual terá necessariamente de ter o apoio dos meios de comunicação social. Esta atenção dos mass média para com os timorenses tem de ser tratada da mesma forma como os meios de comunicação social focam a sua atenção sobre dissidentes em países tais como a África do Sul e República Popular da China" acrescentou Michael Wagner.

223. REUNIÃO DE APOIO AO POVO DE TIMOR ²⁴²

SIDNEY, 14 OUTUBRO 89 LUSA) Teve lugar esta tarde em Sidney, na sede do Grupo de Apoio a Timor-Leste e Papua Ocidental, do movimento para um Pacífico Livre, Independente e Anti Nuclear, uma reunião na qual foram debatidos a visita do Papa, recentes acontecimentos em Timor e a revelação de que forças dos serviços secretos australianos estavam envolvidas na Papua Nova-Guiné.

Esta reunião é a terceira desde que aquele grupo foi fundado em Maio passado, tendo a presença de representantes da resistência nacionalista de Timor e de cerca de duas dezenas de pessoas.

242 LUSA DESPACHO #167/89 14 OUT.º 89 16 HRS (6 LISBOA) TAKE TWO INFO LUSA/LISBOA

Entretanto notícias acabadas de chegar de Darwin citando fontes de Timor e Jacarta, ainda não confirmadas por outras fontes, dão conta de que o Papa e o Núncio Apostólico em Jacarta, Mons. Casaroli teriam intercedido junto das autoridades indonésias com pedidos de clemência para os jovens que se manifestaram durante a missa.

Os meios de comunicação social australianos, em especial imprensa e rádio têm dado nas últimas 48 horas relevo aos acontecimentos de Díli, com entrevistas gravadas durante a sua estadia em Timor. Uma das mais chocantes entrevistas foi com Shirley Shackleton, viúva de um dos seis jornalistas australianos abatidos pelos indonésios em 1975.

Nessa entrevista, Shirley que nunca tinha visitado Timor, percorreu todos os locais onde Greg Shackleton havia estado e disse "a propaganda indonésia pode dizer que os timorenses vivem hoje melhor do que no tempo dos portugueses, no entanto eu não vi nenhuma casa decente que não fosse habitada por javaneses, e leio no rosto dos timorenses o medo".

Monsenhor Belo concedeu várias entrevistas depois da visita papal na qual manifesta o seu desapontamento pela falta de apoio dada pelo Vaticano, mas num acto típico da mentalidade cristã diz que ele e os timorenses "*continuarão a lutar para que o direito do povo decidir sobre o seu futuro seja alcançado*". A comunicação social australiana aliás dá grande relevo às posições de monsenhor Carlos Belo e de Hadji Princen, director do instituto indonésio dos direitos humanos pela "*frontalidade*

das suas posições assumida mesmo sem o apoio da igreja de Cristo na Indonésia e do Papa".

224. 15 OUTUBRO 1989 COMÉRCIO DO PORTO

225. BISPO DE DÍLI CONFIRMA DETENÇÕES E TORTURAS ²⁴³

SIDNEY 15 OUT.º. 89 – LUSA) – O bispo de Díli monsenhor Carlos Belo afirmou esta manhã à Lusa que *“os 40 manifestantes que haviam exibido placards e cantado slogans independentistas estavam detidos e torturados”*. Monsenhor Belo disse ainda que *“mais cinco manifestantes haviam buscado asilo na sua residência”* e apenas um manifestante havia sido libertado até agora.

Mons. Belo afirmou ainda à agência Lusa que *“estudantes do colégio católico de Fatumaca, 110 km a Sul de Díli haviam sido espancados e obrigados a assinar uma confissão falsa na qual diziam que tinham sido recrutados em 2 de Outubro por Mons. Locatelli para se manifestarem durante a visita papal”*. O bispo timorense mostrou-se indignado com aquilo que classificou de *“calúnia e que havia sido transmitida pela rádio em Jacarta e por um jornal holandês, relativamente a uma notícia não confirmada de ontem (sábado) proveniente de Díli que indicava que oito manifestantes haviam sido executados publicamente.”*

Mons. Belo disse *“não ter conhecimento de nenhuma execução e que se mantinha em contacto com as famílias dos 40 detidos”*, adiantando também que era *“provável*

243 LUSA DESPACHO #168/89 15 OUT. ^º 89 16 HRS (6 AM LISBOA)

que mais pessoas estivessem detidas mas que só tinha confirmação de 40 detenções”.

O bispo declarou ainda à Lusa que havia – durante um minuto na sacristia – *“pedido ao Papa para que intercedesse junto dos indonésios pelo destino dos manifestantes”, que acrescentou “se limitaram a exprimir o seu sofrimento e descontentamento com a situação em Timor”.*

Entretanto em Washington José Ramos-Horta manifestou-se *“chocado com as notícias provenientes de Timor e exortou o Vaticano a condenar a acção das autoridades Indonésias”.* Horta pediu ainda que Portugal convocasse uma reunião do Conselho de Segurança das Nações Unidas para discutir a situação em Timor, e espera amanhã (segunda-feira) avistar-se com as delegações de Portugal e dos PALOP’s para entregar uma nota de protesto ao secretário-geral da ONU, Perez de Cuellar.

Ramos-Horta disse ainda *“que Portugal deveria suspender de imediato as negociações com a Indonésia para a visita de uma delegação parlamentar, pois era óbvio que os indonésios não admitirão nenhuma liberdade de expressão em Timor-Leste”.*

A comunidade timorense na Austrália e a coligação australiana para Timor-Leste apelaram ao ministro dos estrangeiros senador Gareth Evans para manifestar a sua preocupação com o destino dos timorenses detidos, dado que no passado *“todos os que exprimiram a sua insatisfação pelo domínio indonésio depararam invariavelmente com a tortura e morte”.*

A carta da coligação cita ainda que "só uma pronta intervenção internacional pode salvar a vida dos timorenses que nada mais fizeram do que manifestar-se pacificamente a favor do direito do seu povo à autodeterminação".

226. 15 OUTUBRO 1989

227. 16 OUTUBRO 1989 RDP

228. BISPO DE DÍLI CONFIRMA DETENÇÕES E TORTURAS²⁴⁴

SIDNEY -16 OUT.º. 89 – LUSA) – a agência Australian Associated Press e o diário “The Financial Review” anunciaram hoje ter estabelecido contacto com o bispo de Timor a fim de confirmarem a entrevista que Mons Carlos Belo ontem concedera à Lusa.

A rádio nacional “ABC” citava também as detenções de timorenses por se manifestarem durante a visita papal, e mencionava as declarações de Ramos-Horta ontem em Washington de que Portugal deveria romper de imediato as negociações para a visita de parlamentares portugueses e convocar uma reunião do Conselho de Segurança.

Entretanto João Carrascalão da UDT em Sidney afirmou ontem à Lusa não ter confirmação da notícia anteriormente divulgada no sábado de que oito manifestantes timorenses tivessem sido executados em Díli, mas um porta-voz da UDT (*ver comunicado seguinte*)

244 LUSA DESPACHO #169/89 16 OUT.º 89 20 HRS (10 AM LISBOA)

em Darwin declarou esta tarde à "ABC" que oito jovens haviam sido executados. Esta notícia não foi confirmada nem pelo bispo de Timor, nem pela Fretilin, nem pela coligação australiana para Timor-Leste.

Por seu turno o jornal diário "The Sydney Morning Herald" publicava hoje um editorial do seu veterano jornalista especialista em assuntos indonésios, Peter Hastings, um artigo altamente crítico dos portugueses, citando atrocidades cometidas pelos portugueses na Segunda Grande Guerra. Aquele articulista citando a política colonial de dividir para reinar praticada pelo colonialismo português, cita que em Maubisse em 1942 os portugueses foram muito mais violentos e sangrentos do que os japoneses.

O embaixador português em Camberra declarou à Lusa, estar "chocado com todo o artigo de Peter Hastings," o qual termina dizendo que "não podem ter morrido 200 mil pessoas desde a ocupação Indonésia e que se houve um aumento da fé católica em Timor desde a saída dos portugueses, isso talvez justifique a nomeação próxima de um bispo indonésio".

229. COMUNICADO DA UDT:

230. MANIF EM CAMBERRA ²⁴⁵

SIDNEY -16 OUT.º. 89 – LUSA) Esta tarde (madrugada em Lisboa) a coligação australiana para Timor-Leste manifestou-se para a libertação imediata dos 40 jovens ainda detidos e torturados pelas autoridades Indonésias

245 LUSA DESPACHO #169/89 16 OUT.º 89 20 HRS (10 LX)

em Timor por se manifestarem durante a missa papal. A manifestação pacífica em Camberra que reuniu mais de quatro dezenas de pessoas terminou com o pedido para a restauração dos direitos humanos em Timor-Leste e em especial o da autodeterminação, tendo os manifestantes entregue uma petição às autoridades diplomáticas Indonésias. Os manifestantes entoaram cânticos ao fim do *“colonialismo indonésio e ao fim da guerra em Timor”*.

231. INSIDE INDONÉSIA DEZEMBRO 1989

232. 17 OUTUBRO 1989 RDP

233. EMBAIXADOR AUSTRALIANO VISITA TIMOR²⁴⁶

SIDNEY 17 OUT.º 89 LUSA) – o embaixador australiano Phillip Flood inicia na próxima quinta feira dia 19 uma visita de 3 dias a Timor-Leste, segundo anunciou hoje a Rádio Austrália. A visita foi confirmada esta tarde (manhã Lisboa) pelo ministério dos estrangeiros e comércio externo australiano.

Entretanto o Dr. Michael Wagner da coligação australiana para Timor-Leste recebeu uma chamada de João Carrascalão da UDT em Sidney na qual este informou que de acordo com quatro fontes – não passíveis de identificação, teriam sido executadas entre 9 a 15 pessoas na sequência das manifestações pró-independentistas durante a recente visita do Papa a Timor. Esta notícia não pode ser confirmada nem pela coligação, nem pela Fretilin, nem por outras fontes geralmente bem informadas

246 LUSA DESPACHO #171/89 17 OUT.º 89 23 HRS (13 LISBOA) INFO LUSA/LISBOA

em relação a Timor, e havia sido desmentida no domingo passado pelo bispo de Díli, Mons. Carlos Belo em entrevista telefónica com a Lusa na Austrália.

Em Jacarta o governador de Timor, Mário Carrascalão declarou à Associated Press australiana que haviam sido detidas nove pessoas fruto das demonstrações durante a missa papal, acrescentando que haviam já sido libertadas, e em Darwin, a UDT tornou hoje público um comunicado no qual citava as mortes dos nacionalistas timorenses executados pelos indonésios, mas até ao momento não foi possível confirmar tais notícias, parte das quais surgiram de novo publicadas no influente diário "The Financial Review" na sua edição de hoje.

Entretanto de Washington na madrugada de hoje (segunda à tarde em Lisboa) José Ramos-Horta dizia à Lusa que: "As únicas notícias confirmadas diziam respeito às declarações do bispo Mons. Carlos Belo, as quais negavam conhecimento de quaisquer execuções". Esta tarde o senador McKiernan da Austrália Ocidental exigiu do governo um esclarecimento sobre os manifestantes timorenses detidos após se terem manifestado durante a visita do Papa na passada quinta feira a Díli.

234. SENADO AUSTRALIANO EXTRACTO DO HANSARD
17 OUTUBRO 1989

234. 18 OUTUBRO 1989 A MESMA NOTÍCIA em o
COMÉRCIO DO PORTO

235. NOVAS ACUSAÇÕES DE TORTURA EM TIMOR²⁴⁷

SIDNEY, 18 OUT.º 89 QUARTA – LUSA) – declarações prestadas ontem em Díli por Mons. Carlos Belo, bispo de Timor à correspondente do diário australiano “Sydney Morning Herald” confirmam declarações anteriores de que estudantes católicos teriam sido detidos e torturados pelos indonésios.

De acordo com aquela fonte quinze estudantes do colégio católico de Fatumaca (110 km Sul de Díli) e três de Díli foram detidos, apesar das garantias indonésias de não exercerem represálias sobre os estudantes que se manifestaram durante a missa papal na passada quinta feira. À excepção de dois, todos os restantes teriam sido libertados porque fotos do incidente provavam que eles não haviam estado envolvidos no mesmo. Os estudantes teriam afirmado a membros do clero local que os indonésios tentaram obter confissões falsas incriminando a Igreja Católica de ter planeado o incidente no qual alguns manifestantes desfraldaram um dístico dizendo “Viva a Fretilin”.

Uma alta entidade militar Indonésia declarou à jornalista australiana que de facto *"apenas nove e não dezoito estudantes haviam sido detidos e que apenas um estava detido em Díli"*. Aquela entidade declarou também ser *"convicção dos serviços de inteligência militar em Díli que membros do clero estavam envolvidos nos incidentes da missa"*, negando no entanto *"que tivesse havido torturas, pois tais métodos não eram utilizados"*. O bispo Belo teria

247 LUSA DESPACHO #172/89 18 OUT.º 89 20 HRS (10 HRS AM LISBOA) INFO LUSA/LISBOA

ainda declarado que "*as torturas foram muito humilhantes e piores do que a pancada*" mas não quis especificar o tipo de tortura.

236. 18 OUTUBRO 1989 RDP

237. 24 OUTUBRO 1989 COMUNICADO DA FRETILIN

Entretanto a Amnistia Internacional de Londres, contactou esta tarde a coligação australiana para Timor-Leste, grupo de apoio à autodeterminação do povo maubere, a dizer que havia decidido iniciar uma campanha a favor dos estudantes.

Amanhã parte para Díli na sua primeira visita ao território o embaixador australiano em Jacarta, Phillip Flood, que em Janeiro do corrente ano tomou posse do importante cargo de embaixador na Indonésia.

Um porta-voz do ministério dos estrangeiros australiano declarou esta tarde à Lusa que "*ainda não tinha reagido à carta de protesto enviada pela coligação australiana exigindo que a "Austrália manifestasse a sua preocupação às autoridades Indonésias pela detenção dos manifestantes"*.

Este facto devia-se – disse aquele porta-voz – "*à ausência de Camberra do ministro e do secretário dos estrangeiros, ambos actualmente no estrangeiro*".

238. 19 OUTUBRO 1989 O COMÉRCIO DO PORTO

239. 20 OUTUBRO 1989 RDP

240. 22 OUTUBRO 1989 RDP

241. 22 OUTUBRO 1989 COMÉRCIO DO PORTO

242. 22 OUTUBRO 1989 CARTA DA ESCRITORA
MICHELE TURNER AO SMH

243. 27 OUTUBRO 1989 RDP

244. 27 OUTUBRO 1989 RDP

245. BISPO DE DÍLI COM PARADEIRO INCERTO²⁴⁸

SIDNEY, 27 OUT.º SEXTA LUSA – desde o passado sábado que a Lusa tem estado a tentar entrar em contacto com o bispo de Timor, Mons. Carlos Ximenes Belo sem no entanto o conseguir. Para além da Lusa, uma jornalista australiana, Bronwyn Young do conceituado diário The Financial Review tem tentado mas as chamadas ou são interceptadas directamente em Jacarta, ou quando se consegue estabelecer contacto, é sempre com um dos dois padres goeses, padres Brito e Monteiro ou com o padre italiano salesiano que dá apoio ao bispado de Díli.

Até este momento depois de seis dias de tentativas infrutíferas de entrar em contacto com o bispo começam a circular notícias de que ele ou estará detido pelas autoridades Indonésias ou estará sob a protecção do embaixador australiano em Jacarta, Phillip Flood. Na base destes rumores que não podem ser confirmados de momento, em outras fontes de informação, reside o facto

248 LUSA DESPACHO #175/89-27 OUT.º 21 HRS (11 HRS - LISBOA) INFO
LUSA/LISBOA

de Phil Flood se ter avistado com Carlos Belo no passado domingo no decurso de uma visita de quatro dias a Timor-Leste.

Entretanto os mass média australianos continuam a votar ao esquecimento a visita do embaixador de Jacarta, e a qual se deve a pressões dos timorenses e em especial da coligação australiana para Timor-Leste “ACET” a fim de se discutir o futuro dos jovens manifestantes que em 12 de Outubro desfraldaram um placard saudando a Fretilin e prontamente foram presos pelas autoridades Indonésias.

Contactado o MNE australiano esta tarde nada foi possível saber sobre os resultados da visita de Phil Flood. Os representantes da resistência nacionalista timorense na Austrália apelam através da Lusa para que ninguém tente entrar em contacto directo com o bispado de Díli, pois que isso só pode prejudicar o futuro de Mons. Carlos Belo.

Os órgãos da informação australiana foram já alertados para o perigo de se tentarem entrar contacto com Mons. Belo poderem estar a decidir sobre o seu futuro, e sobre o silenciamento da última voz livre em Timor.

As chamadas telefónicas feitas da Austrália para o bispado ou são interceptadas em Jacarta, o que é facilmente comprovado pela diferença do tom de chamada, ou são atendidas por pessoas que dizem ignorar o paradeiro do bispo. Esta noite (tarde em Lisboa) a coligação australiana para Timor-Leste e alguns parlamentares do grupo de apoio a Timor interrogavam-se sobre o paradeiro de Carlos Belo.

A última pessoa a falar com Belo foi o correspondente da Lusa no domingo 15 de Outubro, embora depois dessa data tenham surgido alegadas conversas com ele as quais carecem de autenticidade.

246. 28 OUTUBRO 1989 RECEPÇÃO DE MISSIVA DE XANANA GUSMÃO DATADA DE 5 OUTUBRO 1989, RELATIVAMENTE A DILIGÊNCIAS DIPLOMÁTICAS PORTUGUESAS)

247. OUT.º - NOV.º 89 THE EYE

248. NOVA ENTREVISTA COM BISPO DE DÍLI ²⁴⁹

SIDNEY SEXTA NOV.º 3 LUSA) – a Lusa conseguiu há poucas horas estabelecer contacto telefónico com monsenhor Carlos Belo, bispo de Díli, depois de duas semanas de tentativas.

Mons. Belo disse não "*ter conhecimento concreto de alguma morte*" relacionada com os manifestantes da missa papal em 12 de Outubro passado. Declarando "*haverem muitas notícias confusas,*" Mons. Belo disse à Lusa "*não saber quantos ou quem está detido*" na sequência das manifestações durante a missa papal, declarando ainda que "*o paradeiro de três alunos [da escola secundária católica] de Fatumaca ser ainda desconhecido*".

O padre Locatelli, director daquela escola tem estado em contacto com os pais daqueles alunos, segundo adiantou aquele membro do clero.

249 LUSA DESPACHO #177/89 4 NOV.º 89 – 4 PM (5 AM LISBOA)

Monsenhor Belo disse ainda que "não entra na cabeça de ninguém que um padre seja instigador dos acontecimentos na missa do Santo Padre. Como é que em Timor um padre faz isso, eu não creio que um padre faça isso, talvez na Holanda e noutras partes mas aqui em Timor não acredito que um padre faça isso" foram as palavras de Carlos Belo em relação a recentes acusações das autoridades Indonésias de que a igreja estaria por trás dos acontecimentos.

Monsenhor Belo que disse ter-se despedido de um padre da rádio Vaticano no dia 14, tendo depois partido para o interior, desmentiu ter falado com outros jornalistas além do correspondente da Lusa e de uma jornalista do semanário independente no passado dia 2 de Novembro.

Monsenhor Belo disse ainda à agência ter em sua casa 28 refugiados, alguns desde dia 14 e outros em dias seguintes durante a sua ausência para o interior do território. O bispo de Díli disse ainda não "*ter notícias nem saber de nada*" quanto à alegada possibilidade de os indonésios estarem a tentar verem-se livres dele e fazer com que ele deixe Timor.

249. 4 NOVEMBRO 1989 REVISTA SÁBADO

250. INSIDE INDONÉSIA OUTUBRO 1989 (A CARTA REVELADA EM 1ª MÃO PELO AUTOR)

250. CORREIO PORTUGUÊS 28 NOVEMBRO 1989

251. 1 DEZEMBRO 1989 O PRIMEIRO DE JANEIRO, PORTO

252. 9 DEZEMBRO 1989 SMH (SYDNEY MORNING HERALD)

253. 13 NOVEMBRO 1989 RDP

254. 1 DEZEMBRO 1989 RDP

255. 5 DEZEMBRO 1989 CORREIO PORTUGUÊS

256. ASSINATURA DO ACORDO DE EXPLORAÇÃO DO MAR DE TIMOR ²⁵⁰

SIDNEY, 11 DEZ 89 LUSA – Dentro de poucas horas o ministro dos estrangeiros australiano, senador Gareth Evans e o seu homólogo indonésio Ali Alatas, a bordo de uma aeronave em pleno centro da região conhecida como Timor Gap, celebrarão o acordo de exploração conjunta das riquezas daquela área.

O acordo que há mais de dez anos estava em preparação, foi concluído em Novembro do ano passado e finalizado para ratificação há seis meses, completando o ciclo de uma maior aproximação entre a Indonésia e a Austrália, marcada por interesses económicos comuns.

O acordo ora assinado subdivide a área do Timor Gap em três, e a qual representa aproximadamente três quartas parte de Portugal continental.

Domingo à noite em Darwin os dois ministros tiveram uma conferência de imprensa a qual foi interrompida por cerca

250 LUSA DESPACHO #181/89 11 DEZ 89 4 PM
568

de uma centena de manifestantes timorenses protestando contra o acordo que rege uma riqueza natural que consideram sua.

Ali Alatas respondeu aos manifestantes dizendo que “eles eram apenas uma minoria e que a maioria dos timorenses estava satisfeita com a integração na Indonésia”.

Algumas estimativas oficiais para a riqueza da área apontam para um bilião de barris de petróleo mas fontes privadas acreditam que este valor possa ser sete vezes maior, segundo declarou recentemente o Dr. Jaap Poll do consórcio holandês Petroz NL.

Entretanto no fim-de-semana houve em Sidney um concerto a favor de Timor-Leste patrocinado pelos grupos timorenses locais e pelo Comité para um Pacífico Independente e Não Nuclear. No sábado teve lugar uma reunião dedicada à luta pelos direitos humanos na região na qual tomaram parte representantes dos aborígenes australianos, da Fretilin, da OPM (Organização de Libertação da Papua) e do movimento pró-democrático das ilhas Fiji, tendo estado presente como convidado de honra o juiz Marcus Enfield, Presidente do Comité dos Direitos Humanos Australiano.

Mapa da autoria do DFAT (Dept. Foreign Affairs & Trade) em INSIDE INDONESIA Março 90

257. 11 DEZEMBRO 1989 RDP

258. 11 DEZEMBRO 1989 RDP

259. 12 DEZEMBRO 1989 CARTA DO PÚBLICO,
ADELINO GOMES PARA JOSÉ RAMOS HORTA

260. RÁDIO AUSTRALIANA FAZ PROGRAMA ESPECIAL
SOBRE TIMOR GAP²⁵¹

SIDNEY 13 DEZEMBRO 89 – LUSA) A cadeia nacional de rádio australiana ABC transmitiu há momentos um programa especial de meia hora dedicado à assinatura na passada segunda-feira do acordo de exploração conjunta do Timor Gap pela Austrália e Indonésia. Naquele programa foi focada a posição de Portugal e das forças simpatizantes pró-independência de Timor, especulando-se sobre se Portugal realmente concretizaria a sua ameaça de entregar a resolução do caso ao Tribunal Internacional de Justiça da Haia.

Esta tarde, o conselheiro da embaixada de Portugal em Camberra, Dr. Deslandes, tem um encontro com um representante do ministro dos estrangeiros australiano, senador Gareth Evans a fim de explicar a posição portuguesa e a retenção do embaixador português Dr. José Luís Gomes em Lisboa.

Outro programa da rádio nacional ABC, no canal JJJ FM, acaba de informar a agência Lusa em Sidney que se especula neste momento que Portugal poderá baixar o nível da sua representação diplomática em Camberra e manter indefinidamente o embaixador português em Lisboa. Este canal está a preparar para hoje um outro programa de meia hora com entrevistas a representantes da Fretilin e UDT (Convergência Nacionalista Timorense),

251 LUSA DESPACHO #184/89 13 DEZ 3₅₇₀PM (4 AM LISBOA) URGENTE

com o Prof. Keith Sutter da universidade da Austrália Ocidental, especialista em lei internacional e na Convenção da Lei do Mar, e com personalidades diversas ligadas à causa de Timor, as quais contrastarão com a actual australiana que parece ser de surpresa pelo endurecimento da posição portuguesa após a assinatura do acordo na segunda-feira.

O Dr. Deslandes contactado pela Lusa em Camberra há momentos afirmou não poder prestar de momento qualquer declaração sem se ter avistado com o representante do ministro dos estrangeiros australiano, o que faria esta tarde (hora australiana, madrugada em Lisboa).

Outras fontes da indústria petrolífera tais como representantes dos grandes grupos BHP e Woodside Burmah tentam entretanto montar uma campanha que cita potenciais resultados da prospecção de petróleo sendo mais conservadores do que os oficialmente anunciados mil milhões de barris/ano, ou seja cinco mil/dia.

261. RÁDIO AUSTRALIANA FAZ PROGRAMA ESPECIAL SOBRE TIMOR GAP²⁵²

SIDNEY 13 DEZEMBRO 89 – 6 PM LUSA) Outro programa da rádio nacional australiana ABC dedicado à crise diplomática entre Portugal e a Austrália citava há momentos que nas últimas horas se tinha acentuado a possibilidade de Portugal retirar o seu embaixador em Camberra que actualmente está retido em Lisboa.

252 LUSA DESPACHO #185/89 13 DEZ 6 PM (7 AM LISBOA) URGENTE CONTINUAÇÃO DESPACHO #184/89 3 PM (4 AM LISBOA)

Por seu turno, o Dr. Deslandes conselheiro da embaixada portuguesa em Camberra não teve esta tarde (madrugada em Lisboa) o encontro previsto com representantes do ministério dos estrangeiros australiano. Aquele encontro está agora previsto para quinta-feira de manhã (quarta à noite em Lisboa), não tendo sido possível apurar junto daquele diplomata qual o teor da mensagem que vai entregar ao governo australiano.

Um especialista em direito internacional e direito marítimo, o professor Keith Sutter, declarava em entrevista à cadeia ABC que *"Portugal está a jogar a sua última cartada no problema de Timor, e que deveria dar entrada imediata de um processo contra a Austrália e Indonésia no Tribunal Internacional da Haia"*.

Segundo aquele catedrático da universidade da Austrália Ocidental, *"a opinião da maior parte dos juristas internacionais é que de facto a Austrália celebrou o acordo de exploração das riquezas do mar de Timor com o país errado, dado que a ONU e a maior parte dos países reconhecem ainda Portugal como potência administrante"*.

Keith Sutter disse ainda que *"a assinatura do acordo é ilegal quer em termos de direito internacional quer mesmo à luz da convenção da Lei do Mar de 1982"*.

262. 13 DEZEMBRO 89 RDP

263. 13 DEZEMBRO 1989 O PORTUGUÊS NA AUSTRÁLIA

264. PROTESTO OFICIAL PORTUGUÊS ENTREGUE AO GOVERNO AUSTRALIANO²⁵³

SIDNEY 14 DEZEMBRO 89 – LUSA) Foi há apenas meia hora atrás que o conselheiro da embaixada de Portugal em Camberra Dr. Deslandes fez entrega ao ministério dos estrangeiros australiano de uma nota formal de protesto. A nota de protesto que reafirma a posição portuguesa já anteriormente expressa face ao recém assinado acordo de exploração das riquezas do mar de Timor e do Timor Gap, cita apenas que o embaixador português em Camberra ficará retido em Lisboa para consultas até nova decisão, mas não especifica quais as entidades jurídicas internacionais de que o governo português se pretende servir.

O Dr. Deslandes declarou à Lusa que a nota de protesto não fazia referência à possibilidade de Portugal se servir do Tribunal Internacional da Haia ou da ONU, se bem que tal possibilidade tenha sido mencionada num boletim informativo do MNE português recebido em Camberra. O Dr. Deslandes considerou ainda que *"não se pode falar de endurecimento da posição oficial portuguesa mas sim de um reafirmar de posições anteriores, reeditando argumentos jurídicos em que se baseia a posição portuguesa de que o acordo assinado pela Austrália foi feito com uma potência a quem falta legitimidade, que há atropelos às resoluções da ONU, e ao direito internacional, e de que Portugal não desiste e vai prosseguir com a sua posição"*. O Dr. Deslandes afirmou ainda à Lusa que *"há um atropelo no direito à autodeterminação do povo de Timor, e que Portugal*

253 LUSA DESPACHO #186/89 14 DEZ 6₅₇₃PM(7 AM LISBOA)

considera o acordo como uma violação do direito do povo de Timor aos recursos naturais que fazem parte do território". Até este momento não foi possível obter opiniões de nenhum líder da comunidade timorense local quanto a nota de protesto do governo português.

265. 14 DEZEMBRO 1989 RDP

266. TIMORENSES CONTRA NOTA DE PROTESTO DE PORTUGAL²⁵⁴

SIDNEY 14 DEZEMBRO 89 – LUSA) Esta noite na Austrália (tarde em Lisboa) os líderes timorenses, João Carrascalão da UDT em Sidney, Alfredo Ferreira (Fretilin) em Darwin e Lola Reis (Fretilin) em Sidney manifestaram-se contra a vaga ameaça do governo de Lisboa de reter o embaixador português em Camberra.

Para aqueles dirigentes timorenses a única solução que Portugal tem é “de nas próximas horas iniciar o processo contra a Austrália e Indonésia no tribunal internacional de justiça da Haia, salvo o que corre o risco de se tornar irrelevante na defesa dos interesses do povo de Timor”.

Aqueles dirigentes nacionalistas dizem que “a assinatura do acordo de exploração conjunta das riquezas do mar de Timor entre a Austrália e a Indonésia não passa de um acto de pirataria internacional que tem de ser denunciado, e que a Portugal só resta de imediato submeter o caso ao tribunal internacional de Haia”.

254 LUSA DESPACHO #187/89 14 DEZ 23 HRS(12 LISBOA)

Os timorenses contactados pela agência disseram ainda que *“esperavam uma posição bem mais forte do governo de Lisboa e que se mostram surpreendidos por Portugal não ter ainda iniciado uma acção quer na ONU quer em Haia para que o acto de pirataria da Austrália e da Indonésia seja pública e mundialmente repudiado”*.

Os líderes locais na Austrália da comunidade timorense declararam à Lusa estarem dispostos a remeter ao governo de Lisboa moções de protesto contra a indecisão da posição portuguesa.

Infelizmente não foi possível contactar ainda o embaixador de Portugal em Camberra, Dr. José Luís Gomes, que se encontra a caminho de Lisboa, mas o conselheiro da embaixada em Camberra Dr. Deslandes foi peremptório ao afirmar que Portugal *“se havia limitado a reiterar a sua posição anterior, sem ameaçar intervir no tribunal internacional da Haia”*

267. FRETILIN ACUSA INDONÉSIA²⁵⁵

SIDNEY, DOMINGO, 17 DEZ LUSA) de acordo com o porta-voz da Fretilin em Darwin, e segundo notícias não confirmadas de outras fontes, tropas Indonésias teriam na passada semana invadido a residência episcopal e apreendido os 28 manifestantes que ali se encontravam.

De acordo com Alfredo Ferreira porta-voz da Fretilin em Darwin, as notícias ora chegadas de Timor indicam que as tropas Indonésias detiveram os 28 manifestantes que ali

se encontravam desde a visita papal em 12 de Outubro passado.

O bispo de Díli monsenhor Carlos Ximenes Belo teria, segundo as mesmas fontes alertado para que não se entrasse em contacto telefónico com ele por temer mais retaliação por parte da Indonésia. Até hoje não foi possível obter a identidade dos manifestantes que se encontravam no paço episcopal.

Outras fontes contactadas pela Lusa na Austrália alegaram não terem conhecimento do relatado por outros meios.

268. SEMANÁRIO (PORTUGAL) N.º 56 15 DEZEMBRO 1989

269. JURISTA AUSTRALIANO COMENTA TRATADO DO TIMOR GAP²⁵⁶

SIDNEY AUSTRÁLIA, DOMINGO, 17 DEZ LUSA) – o jurista australiano professor Dr. Keith Sutter em entrevista hoje concedida ao correspondente da Lusa, criticou o acordo do Timor Gap e fez sérios considerandos à actual posição do governo de Lisboa.

Keith Sutter é especializado em direito internacional e foi entrevistado esta manhã (Austrália/noite de sábado Lisboa) telefonicamente para a sua residência em Darwin.

256 LUSA DESPACHO #189/89 17 DEZ 12 HRS 1 AM LISBOA U R G E N T E ***
SCOOP *CAXA

Começando por declarar que "a Austrália e a Indonésia têm uma fronteira marítima que se sobrepõe nalguns pontos, e daí a necessidade de negociarem um acordo sobre os limites da mesma, Timor Gap" acrescentou Sutter, "é uma área ou vácuo não coberta pelas fronteiras marítimas da Austrália e Indonésia e que se coloca como fronteira marítima de Timor-Leste, uma zona da placa continental marítima que provavelmente é muito rica em gás natural e petróleo".

"Com a assinatura deste acordo a Austrália e Indonésia fecharam aquele vácuo, dividindo a placa continental entre a Austrália e a Indonésia. Qual é a posição de Portugal em relação a isto?" interroga-se Sutter, "Portugal continua a reclamar a soberania sobre Timor-Leste, embora o assunto pareça não estar na cimeira das suas preocupações políticas".

"Este novo acordo, força Portugal a tomar uma posição: ou deixa de admitir que tem um papel a desempenhar para o futuro de Timor-Leste, ou pode contestar a validade e legalidade do acordo, se não resiste à partilha ora feita entre a Austrália e Indonésia, Portugal deixará de ser um parceiro interessado nos assuntos de Timor-Leste".

Por outro lado adianta o Prof. Sutter, "Portugal pode levar o caso ao tribunal internacional de justiça [da Haia] e é impossível prever como aquele tribunal irá" decidir neste assunto, mas a Austrália corre o perigo de perder o caso."

"Se perder o caso, a Austrália seria então obrigada a ignorar totalmente a decisão do tribunal internacional – o que até hoje nunca fez – ou a aceitá-lo e

reconhecer que o seu reconhecimento do direito indonésio sobre o controlo de Timor-Leste estava errado" concluiu o Prof. Sutter.

A entrevista foi aproveitada pela cadeia nacional de rádio australiana "ABC" que a transmitiu como o comentário político da semana.

270. 17 DEZ.^o 1989 AS NOTÍCIAS ANTERIORES NO COMÉRCIO DO PORTO

271. 18 DEZEMBRO 1989 THE AUSTRALIAN

272. 19 DEZEMBRO 1989 CORREIO PORTUGUÊS

273. FUNDAÇÃO AUSTRONÉSIA

274. LUSA DESPACHO 196/89 20 DEZEMBRO 89

275. CARTA ABERTA DE RAMOS-HORTA AOS TIMORENSES ²⁵⁷

SIDNEY AUSTRÁLIA 20 DEZ LUSA – quando em 27 de Outubro 1989 José Ramos-Horta se demitiu da direcção da Fretilin, alguns observadores consideraram tratar-se de um acto intempestivo numa fase inconveniente dada a então proximidade da assinatura do acordo entre a Austrália e Indonésia para o Timor Gap, além de que acharam impróprio trazer quezílias internas de catorze anos ao conhecimento público.

257 LUSA DESPACHO #195/89 20 DEZ 89 7 AM (20 HRS 19 DEZ LISBOA DIR. INFO LUSA/LISBOA

Ramos-Horta escreveu entretanto uma carta aberta aos membros, militantes e simpatizantes da Fretilin, datada de 23 de Novembro, mas a que só agora tivemos acesso. Nessa missiva de quinze páginas ele explica as razões porque saiu da Fretilin, a necessidade de revitalizar a mesma, a necessidade de realizar eleições e planear actividades futuras.

Naquela carta, intitulada “*PORQUÊ EU RESIGNEI DA DIRECÇÃO DA FRETILIN*”, Horta alega que sem eleições entre os membros da Fretilin no exterior, o movimento carece de credibilidade e legitimidade para representar o povo de Timor em diálogo com Portugal, com a UDT, os PALOP’s e a ONU.

Declarando que Abílio de Araújo considera as eleições uma palhaçada e de não ver ninguém além dos seis membros da actual direcção capaz de ser presidente, Ramos-Horta apela depois a todos os membros da comunidade timorense que leiam a sua proposta de reestruturação – recusada pela actual direcção política da Fretilin - e vai mais longe ao propor um secretariado para Timor-Leste, independente dos partidos políticos (UDT e Fretilin), mas tendo representação destes e das comunidades timorenses espalhadas pelo exterior. Esse secretariado com delegações em Portugal, Austrália e Nações Unidas entre outros lugares, serviria de interlocutor representativo do povo de Timor junto dos fóruns internacionais. Estes documentos foram agora enviados para o interior de Timor esperando Ramos-Horta que as massas de timorenses espalhadas pelo mundo apoiem a sua proposta.

Adiante se transcrevem as declarações de Ramos-Horta:

276. RAMOS-HORTA ESCREVE À COMUNICAÇÃO SOCIAL SOBRE A ACÇÃO A TOMAR SOBRE O TIMOR GAP²⁵⁸

SIDNEY, AUSTRÁLIA, 21 DEZ 89 LUSA) – Ramos-Horta, ex-dirigente da Fretilin na ONU, enviou aos meios de comunicação social de expressão portuguesa na Austrália, uma longa carta a que a Lusa teve hoje acesso e na qual considera as opções que Portugal deverá tomar em relação ao caso do Timor Gap. Para Horta, no plano jurídico restam duas opções: *“o recurso a uma opinião consultiva ou a apresentação de uma queixa no campo da jurisdição compulsiva.”*

“Qualquer daquelas opções,” acrescenta Horta “acarreta riscos” mas “o parecer do tribunal internacional jurídico da Haia, requer uma votação por maioria simples, sendo a contagem dos votos actuais difícil, mas Portugal se seguir um script (guião) bem estudado pode desencadear uma ofensiva diplomática à semelhança de Pinto Balsemão em 1982. Neste caso poderia assegurar o voto dos parceiros na CEE, Finlândia, Suécia, Áustria e os países da América Latina se o Brasil o apoiar. Portugal teria então de usar todos os meios ao seu alcance para convencer os parceiros da CEE e os EUA e tentar ganhar o voto das nascentes democracias do leste “Europeu”.

O governo australiano” acrescenta Horta, “alega que não existe em direito internacional proibição de reconhecimento por parte de outros estados de um

*território anexado pela força, sendo este argumento válido para o período anterior à carta das Nações Unidas. A Austrália e os outros membros da ONU apoiaram a “**definição de agressão**”, cujo artigo 50º, parágrafo 3º explicitamente proíbe a ameaça ou o uso da força em relações internacionais e o reconhecimento da aquisição, pela força do território de outros estados.*

“No plano da autodeterminação é o povo de Timor-Leste o recipiente do direito [àquela] conforme as resoluções 1514 (XV) e 1541 (XV) da Assembleia-geral. O parecer do tribunal internacional da Haia de 1970 sobre a Namíbia é totalmente aplicável à situação de Timor”.

“Se Portugal pedir a intervenção do TIJ no campo da jurisdição compulsiva, a Austrália – que sempre reconheceu a competência do TIJ em contenciosos entre estados – pode suspender o reconhecimento da competência do tribunal com um pré-aviso de seis meses.”

“Paralelamente,” diz Ramos-Horta, “às iniciativas de ordem legal, Portugal deve ponderar medidas de pressão sobre a Indonésia e Austrália no quadro da CEE. Por exemplo a Austrália é vulnerável na exportação de carne, e outros produtos alimentares em que a CEE , superabundante”.

“No quadro das agências multilaterais as missões portuguesas deverão investigar as áreas em que Portugal possa fazer sentir o seu forte desagrado em relação às posições australianas, que umas vezes se

considera com o estatuto de “país ocidental” e outras como “potência asiática”.

Ramos-Horta termina dizendo “não serei ingénuo nem sonhador esperando que o primeiro-ministro Cavaco e Silva assuma as posições de firmeza e coragem de Salazar (sic) frente ao jovem presidente americano John F. Kennedy nos princípios dos anos 60 em relação a Angola. Face à ameaça de Salazar em renegociar o Acordo das Lajes os americanos rapidamente recuaram no apoio à independência de Angola. Os tempos são outros e os homens também. Mas o incidente serve para ilustrar que restam a Portugal algumas alternativas se é que a questão de Timor-Leste se trata realmente de uma questão que toca a dignidade nacional portuguesa”.

(Ramos-Horta é, correntemente o director executivo do programa de estudos diplomáticos na faculdade de direito da uni da Nova Gales do Sul em Sidney).

277. 23 DEZEMBRO 1989 SÁBADO

278. 23 DEZEMBRO 1989 EXPRESSO

279. PREOCUPAÇÃO SOBRE PARADEIRO DO BISPO DE TIMOR²⁵⁹

SIDNEY, 23 DEZ 89 LUSA) existe alguma preocupação entre a comunidade timorense na Austrália sobre o paradeiro do bispo de Timor, na sequência da alegada

259 LUSA DESPACHO /#199/89 23 DEZ 89 5 PM(6 AM LISBOA)

detenção dos 28 estudantes que se encontravam detidos na sua residência episcopal.

Conforme a Lusa noticiou em 17 de Dezembro, segundo algumas fontes próximas da resistência de Timor, as forças militares Indonésias teriam invadido a residência do bispo Carlos Belo e detido os 28 manifestantes da missa papal que ali se encontravam.

A notícia não pode ser posteriormente confirmada por outras fontes, mas ontem e hoje em ligação telefónica com a residência de Mons. Belo fomos atendidos por uma voz indonésia que não falava nem português, nem inglês, nem tétum, e que se recusava a prestar informação sobre Mons. Belo.

Boatos nas últimas horas indicavam que algo se teria passado com Mons. Belo mas nenhum deles foi confirmado.

Entretanto em Jacarta, o núncio apostólico Mons. Canalini declarava à Lusa há momentos *"que era um absurdo que se dissesse que as tropas Indonésias teriam invadido a residência episcopal em Díli e que Mons. Belo estivesse detido."*

Mons. Canalini disse ainda à Lusa em italiano *"é absurdo, não se confirmam essas notícias porque não são verdade e devem ser deitadas ao lixo, há pessoas que em vez de esperarem um bom natal propagam essas mentiras"*.

Por seu turno Pat Walsh do comité de auxílio económico australiano ao exterior dizia há momentos que *"estava preocupado com algumas das desinformações*

ultimamente vindas a lume e que poderiam ser ou não implantadas por elementos indonésios, mas que de facto estavam a tornar ainda mais difíceis as comunicações com Timor-Leste e a obtenção de notícias daquele território”.

280. 24 DEZEMBRO 89 JORNAL DE NOTÍCIAS
REPUBLICA NOTÍCIAS ANTERIORES

281. 28 DEZEMBRO 1989 RDP

282. 29 DEZEMBRO 1989 COMÉRCIO DO PORTO

283. FRETILIN ALEGA CENTENAS DE ESTUDANTES
DETIDOS ²⁶⁰

SIDNEY 30 DEZEMBRO 89 – LUSA) O representante da Fretilin em Darwin, Alfredo Ferreira comunicou há momentos em exclusivo para a Lusa, que de acordo com mensagem acabada de chegar da resistência timorense, proveniente de Bali, no passado dia 26 de Dezembro estudantes timorenses haviam sido detidos.

De acordo com a mesma fonte o incidente teria ocorrido na terça-feira à noite numa festa de Natal e as tropas indonésias teriam atacado os estudantes que estavam a celebrar a época festiva. Dos 276 estudantes presentes três teriam sido gravemente feridos (Marito Amaral, José Bentes e Horácio Gonçalves). Ainda de acordo com a mesma fonte, um dos estudantes conseguiu desarmar um soldado indonésio e abatê-lo a tiro. Todos os estudantes segundo a Lusa apurou estariam detidos na ilha de Bali,

260 LUSA DESPACHO #204/89 30 DEZ 89 5 PM (6 AM LISBOA) TAKE ONE DIR.
INFO LUSA/LISBOA

na Indonésia. Foi impossível até ao momento obter confirmação destas alegações junto de outras fontes ligadas a Timor-Leste.

284. 30 DEZEMBRO 1989 REVISTA SÁBADO

285. A COLIGAÇÃO AUSTRALIANA PARA TIMOR-LESTE DIVULGA APOIO A TIMOR²⁶¹

SIDNEY 30 DEZEMBRO 89 – LUSA) Um extenso comunicado de sete páginas da coligação australiana para Timor-Leste, hoje recebida pela agência na Austrália, dá conta da tradução de um debate parlamentar da república federal alemã ocorrido em 30 de Outubro passado no Bundestag.

As perguntas num total de 25 questionam a posição do governo federal alemão e da sua duplicidade de critérios aplicada ao problema de Timor-Leste, e foram originárias da deputada fundadora do grupo ecológico “Verdes” Petra Kelly.

As perguntas examinam em detalhe todas as questões desde o auxílio económico ao problema dos direitos humanos e à visita em Julho deste ano de uma delegação parlamentar a Timor. As respostas vagas do governo federal alemão revelam entre outras coisas que a ajuda económica da RFA à Indonésia totaliza de (1975 a 1987) 2 337 milhões de marcos e no último ano cifrou-se em mais de 174 milhões de marcos, dos quais apenas um projecto se sabe ser relacionado com a construção de uma central diesel de produção de energia eléctrica em

Díli. O governo da RFA diz apoiar – de acordo com a tradução do mesmo documento da autoria do Dr. Michael Wagner, leitor universitário em Camberra –, as negociações directas entre Portugal e Indonésia e manter-se em contactos com representantes do povo maubere.

286. INSIDE INDONÉSIA DEZEMBRO 1989

CAPÍTULO 7: 1990

1. 3 JANEIRO 1990 COMUNICADO DA FRETILIN

2. 3 JANEIRO 1990 REVISTA SÁBADO

3. 4 JANEIRO 1990 RDP

4. 1. A QUESTÃO DO MAR DE TIMOR OU DE COMO A AUSTRÁLIA E A INDONÉSIA DIVIDEM AQUELA RIQUEZA 262

[EM 1985 A AUSTRÁLIA DECIDIU DIVIDIR AS RIQUEZAS DO MAR DE TIMOR COM A INDONÉSIA TENDO EM NOVEMBRO DE 1988 CONFIRMADO TAL ACORDO, QUE REGULA UMA ÁREA CONHECIDA COMO TIMOR GAP. HOJE - QUATRO ANOS MAIS TARDE - O MUNDO ASSISTE À FORMALIZAÇÃO DESSE ACORDO]

SIDNEY, JANEIRO 90, REVISTA SÁBADO) 10 de Dezembro 1989: o ministro dos estrangeiros australiano, senador Gareth Evans e o seu homólogo indonésio Ali Alatas celebraram oficialmente a bordo de um avião sobrevoando a zona denominada Timor Gap a assinatura do acordo de exploração conjunta das riquezas minerais da região

As negociações haviam sido iniciadas em 1979. A área em questão tem o tamanho da Tasmânia, ou seja, $\frac{2}{3}$ –

dois terços – do tamanho de Portugal continental (68 380 km quadrados). A Austrália, Portugal e Indonésia haviam negociado em 1972, conduzirem trabalhos prévios de exploração daquela área.

O espectáculo da Austrália e da Indonésia em confrontos verbais, constante desde 1985, deu lugar recentemente a uma mais pública manifestação de interesses comuns, conjuntamente com uma quase total subserviência de Camberra aos interesses de Jacarta.

18 Setembro de 1985 foi a data em que o conselheiro da embaixada portuguesa em Camberra – Dr. Venâncio Deslandes entregou ao MNE australiano uma nota formal de protesto contra as conversações entre o governo australiano e a Indonésia para a exploração do mar de Timor, na zona conhecida como Timor Gap.

Foi nessa data que veio à Austrália, o então ministro da energia e recursos minerais indonésio, general Subroto, para as negociações e assinatura de um pré-acordo entre os dois países. O facto desde aquela data foi obnubilado pelos órgãos da comunicação social australiana, que apenas referiu a ida a Portugal do então embaixador português, Dr. Inácio Rebello de Andrade.

O protesto apresentado pela embaixada portuguesa baseava-se no facto de ser ainda Portugal a potência administradora de Timor-Leste e portanto o acordo entre a Austrália e a Indonésia carecia de legalidade internacional. Desde 1979 que as negociações prosseguiam por vezes a passo de tartaruga sendo o resultado de um pré-acordo entre a Austrália, Portugal e Indonésia que data de 1972.

Quatro anos mais tarde, o anúncio público e oficial da assinatura formal e final do acordo sobre a zona conjunta de exploração das riquezas do mar de Timor, havia sido preparado cuidadosamente ao longo dos últimos meses, depois de inúmeras visitas oficiais de ambas nações, não apanhando os observadores e analistas políticos de surpresa.

O acordo ora assinado divide a área em questão em três zonas, a, b, e c, das quais a mais rica, c, será administrada pela Austrália.

A zona A (a) será administrada conjuntamente pelas duas nações. A zona B (b) administrada pela Austrália proverá 16 por cento de rendimentos à Indonésia e a zona C (c) administrada pela Indonésia proverá à Austrália com 10 por cento dos rendimentos.

As estimativas oficiais apontam para um bilhão de barris de petróleo, mas fontes privadas apontam para um total de sete bilhões de barris de petróleo cru e um bilhão de petróleo condensado (ligeiro). Estas estimativas apontam para uma Austrália independente de problemas de fornecimento de energia até meados do século XXI. A acreditar nos valores apontados isto representaria mais do que os 3,8 bilhões de barris esperados das vastas riquezas do estreito de Bass que separa a Austrália da Tasmânia.

Em 1985, o país (Austrália) produzia 100% das suas necessidades, estimando-se que tal valor passe para 60% no ano de 1990 e 35% no ano 2000. No ano passado, na Austrália, os impostos sobre o petróleo bruto valiam dois bilhões e 56 milhões (Esc. 257 mil contos) recebidos das

companhias petrolíferas, e 4800 milhões (730 mil contos) em taxas sobre gasolina...

Se a produção diária aumentar em 80 mil barris diários, a Austrália necessitará de importar 320 mil barris/dia em 1993, de acordo com um estudo recente do ministério da indústria primária e energia. Isso custaria ao valor actual (1989) 3 biliões de dólares/ano.

A enorme baía de Bass – que separa a Austrália da Tasmânia – tem sido a maior fonte de petróleo do século, poderá ainda produzir 3,8 biliões de barris, mas estará totalmente esgotada até ao fim do ano 2000. Algumas fontes da diplomacia da Austrália não escondem o seu contentamento pela assinatura do acordo que providenciará à Austrália uma riqueza maior do que qualquer outra até hoje anunciada.

Embora já haja algumas torres de exploração *offshore* que tenham dado resultados altamente positivos na região, desde 1971 que a existência de petróleo se revela a apenas 3,7 km de profundidade.

O Dr. Jaap Poll da companhia Petroz NL (holandesa) que detém um terço dos direitos de exploração e que em 1979 completou um estudo sísmico da região num total de mais de 5 mil km, declarou há uns meses atrás que deveria demorar entre 5 a 10 anos para a zona ser economicamente rentável para o aproveitamento das reservas de gás e petróleo na camada subaquática.

A exploração na década de 70 foi dada a companhias como a Woodside Burmah Petroleum (subsidiária da BHP - a maior companhia australiana), a Petroz NL, Western

Mining Corporation Ltd. (um consorcio holandês australiano) e a ELF – Aquitaine (França), as quais gastaram mais de 50 milhões de dólares numa fase inicial de exploração prospectiva, durante a qual jazidas presumivelmente vastas como Jabiru e Challis foram descobertas.

O embaixador indonésio em Camberra, o vice-marechal do ar Roesman, foi rápido em afirmar que todas as explorações previamente feitas por companhias indonésias haviam demonstrado a existência de vastíssimos depósitos de gás e petróleo.

Nas águas calmas do mar de Timor, a única coisa que ameaça a exploração são os ciclones que assolam a zona entre Dezembro e Abril, já que as atitudes políticas não poderão influenciar uma das mais vastas jazidas do mundo. Alguns peritos afirmam que elas são uma das maiores 20 jazidas naturais até agora descobertas. As plataformas com cerca de 60 homens cada, apenas são abandonadas em caso de tufão.

A Austrália insatisfeita com o longo processo de negociações bilaterais entre a Indonésia e Portugal, sob os auspícios das Nações Unidas, pensava que a demora só poderia favorecer a Indonésia razão pela qual finalmente se decidiu a formalizar o acordo inicialmente estabelecido em Setembro 1985.

Para a Indonésia as pressões eram diversas, desde um baixo preço do petróleo nos mercados mundiais, que baixaram de \$28 dólares por barril de crude em Março 1985 para um mínimo de \$10 em Julho de 1986, à corrente crise do débito externo cifrado em mais de 50

bilhões de dólares, e ao facto de trinta (30) por cento do rendimento nacional indonésio ser dedicado ao pagamento da dívida externa.

Quarenta (40) por cento desse débito é em ienes (¥), e com a constante valorização da moeda japonesa face à rupia Indonésia, e sendo as receitas de petróleo aproximadamente trinta e sete (37) por cento do total do rendimento bruto, fácil é perceber a pressa dos dois países em instrumentalizar o acordo relativo aos 200 km de fronteira marítima comum.

A BHP que é o grande gigante da indústria petrolífera australiana é actualmente a 12^a companhia do ramo no mundo, logo a seguir à francesa ELF Aquitaine e imediatamente antes da norte-americana Conoco Inc.

A sua política de diversificação nos Estados Unidos e noutras partes do mundo fez com que pela primeira vez na sua história a exploração das reservas do estreito de Bass não atingisse 50% da produção total da companhia. Com uma actividade conduzida primariamente no Pacífico e exportada para a mesma região, a BHP muda os seus horizontes para a grande bacia do mar de Timor (Timor Gap) e para a Papua Nova-Guiné onde está correntemente a investir fundos sem fim.

As companhias mundiais encarregues da prospecção e exploração de petróleo, continuam a sua campanha de desinformação relativamente às necessidades futuras da Austrália, mas isso é facilmente explicável no actual mercado. Um barril custa actualmente apenas 15 dólares (Esc. 1 875\$00) dos quais 82% revertem a favor do governo em impostos directos sobre a exploração. Se o

valor mundial fosse – digamos de 35 dólares/barril – o governo poderia receber 90% em impostos, mas a superior margem de lucro para as companhias permitir-lhes-ia iniciar novas explorações e investir mais.

A importância política do acordo é excedida pela importância económica do mesmo, criando a base de cooperação económica necessária para o futuro das relações entre as duas nações. O governo português utilizando os meios diplomáticos ao seu alcance protestou contra o acordo em Novembro de 1988 mas depois quedou-se mudo no seu protesto, declarando-o ilegal no âmbito da resolução 37/80 das Nações Unidas, em manifesto e gravoso desrespeito pelo direito internacional. Teria sido apenas uma questão de não perder a face? Ou estaria de facto interessado no caso?

A comunidade timorense radicada na Austrália pensa que foi apenas *para Inglês ver* e mostra-se desiludida – uma vez mais – com a falta de interesse e de acção de Portugal com os assuntos relativos a Timor-Leste, mas demonstram estar activas nos seus contactos com a representação diplomática e consular do governo de Lisboa, face a mais esta ameaça de enterrar de vez as aspirações do povo de Timor-Leste de atingir a sua auto determinação.

A ilegalidade deste compromisso entre a Austrália e a Indonésia foi denunciada em comunicados quer do governo de Lisboa quer da embaixada portuguesa em Camberra. Se bem que o acordo para a exploração conjunta das ricas jazidas do mar de Timor e o acordo para as duas outras zonas tenha sido de uma forma geral documentado simplificada-mente pelos meios da

comunicação social australiana, certo é que promete estabelecer novas avenidas nas relações bilaterais, se bem que possa acentuar o fosso entre a Austrália e o mercado comum Europeu.

Dependia então e depende ainda agora da pressão portuguesa sobre a CEE, a iniciação de medidas de retaliação contra a tomada desta provocativa atitude australiana. Dir-se-ia que a política externa portuguesa está demasiado ocupada para se preocupar com questões como esta. A tese até agora avançada por meios indonésios e australianos de que Timor-Leste jamais poderia ser independente dada a falta de recursos naturais, cai por terra no momento em que as duas nações – Austrália e Indonésia – decidem explorar as reservas marítimas do mar de Timor. Lembre-se a propósito a existência de pequenas nações do Pacífico Sul, cuja área é semelhante ou menor do que Timor e para as quais não se pôs nenhum problema de independência.

Uma vez mais o futuro de um povo se decide não nas urnas democráticas das eleições, não nos fóruns das Nações Unidas, mas nas negociações secretas entre os países que cobiçam as suas riquezas. Desnecessário se torna lembrar que a Austrália é hoje independente graças ao apoio dado pelos timorenses aos australianos que durante a segunda Grande Guerra se opuseram ao domínio japonês. Mas falar em Timor-Leste a qualquer membro do governo trabalhista de Bob Hawke e à maior parte dos membros da oposição é inútil, pois que para eles o problema de Timor-Leste foi definitivamente enterrado.

Dizia-nos em pleno dia de Natal de 1988, James Douglas, que foi nomeado para chefiar no Banco Mundial em Washington, a área de investimentos da produção primária e agrícola dos países do Pacífico: *"Timor jamais poderia ser independente, e só nações como a Indonésia e a Austrália detêm os meios para exploração das riquezas do mar de Timor."*

4.2. PARA UM ESTUDO LEGAL DO PROBLEMA DA AUSTRÁLIA E A INDONÉSIA TEREM ASSINADO UM ACORDO SOBRE O "TIMOR GAP" – E QUAIS AS RESPONSABILIDADES DE PORTUGAL EM NEGÁ-LO. ²⁶³

SIDNEY, JANEIRO 90, REVISTA SÁBADO) A euforia oficial e a nível de investidores petrolíferos em relação ao acordo de exploração das riquezas do mar de Timor não deve obscurecer os potenciais problemas nos campos legal, técnico e do meio ambiente.

Se por um lado, o acordo ora firmado passado resolveu alguns problemas para a Austrália, decerto criou outros deveras imprevisíveis. Os acordos terão por efeito obrigar Portugal a reafirmar o estatuto de potência administradora, sob risco de vir a ser totalmente posto de parte no futuro, se não o fizer.

As fronteiras marítimas entre a Austrália e a Indonésia foram estabelecidas num acordo em 18 de Maio 1971, que fixou a fronteira no mar de Arafura, e no acordo de 9 de Outubro 1972, ambos ratificados em Novembro 73.

A fronteira não era uma linha equidistante entre os dois países, mas antes um compromisso entre a posição indonésia que mantém a existência de uma única plataforma marinha entre os dois países e a posição australiana que dizia haver duas plataformas, sendo a australiana uma plataforma profunda de mais de 3 km de profundidade nalguns pontos orientada de leste para oeste.

A área conhecida como "Timor Gap" foi negociada entre a Austrália e Portugal em 1971-1972, quando Timor-Leste não era ainda um problema para Portugal, que aguardava as conclusões sobre a 3ª conferência das Nações Unidas sobre as leis dos mares. A Austrália ficou favorecida ao reter cerca de 70% do subsolo marítimo entre os dois países, talvez por a Indonésia não se ter apercebido do potencial da área.

4.3. A LEI DO MAR²⁶⁴

SIDNEY, JANEIRO 90, REVISTA SÁBADO) A 1ª conferência da ONU relativa à Lei do Mar em 1958, adoptou tratados que constituíam os princípios básicos da legislação, havendo alguns pontos contenciosos que ficaram por resolver durante a 2ª conferência. A falta de generosidade de Portugal ao negociar então com a Austrália foi inteligente, embora ninguém pudesse prever que a 3ª conferência demorasse de 1973 a 1982!

Nas negociações indo-austrais de 71/72, o governo de Camberra adoptou a definição proposta na convenção de

264 SÁBADO 001/90 SÁBADO EM EXCLUSIVO DEZEMBRO/89.

Genebra de 1958 que define a plataforma continental marítima como a *área submersa, seu subsolo adjacente à costa mas fora da área territorial, com uma profundidade até 200 metros ou para além deste limite quando a profundidade das águas adjacentes permita a exploração dos recursos naturais*".

Em 1982, a nova lei e em especial o artigo 76º não são suficientemente específicos para a delimitação de fronteiras mas dão à Austrália o direito de exercer jurisdição sobre o subsolo mesmo se a plataforma continental não atingir as 200 milhas náuticas.

5. RECONHECIMENTO DA SOBERANIA INDONÉSIA SOBRE TIMOR-LESTE²⁶⁵

SIDNEY, JANEIRO 90, REVISTA SÁBADO) Para além do problema da delimitação das fronteiras marítimas entre os dois países, um outro existia relativamente à soberania Indonésia sobre Timor-Leste. A Austrália está minoritária no mundo das nações, dado poucas terem reconhecido a soberania da Indonésia sobre Timor-Leste. O reconhecimento é fundamental nas relações internacionais pois nomeia quem é responsável perante a legislação internacional.

Em 20 de Julho 1976, o então MNE Andrew Peacock afirmava que "a Austrália mantinha a posição de que o processo de descolonização de Timor-Leste deveria ser feito de acordo com um acto de autodeterminação sob a observação e participação da ONU". Contudo em 20 de Janeiro 78 o governo de Camberra decidiu aceitar Timor-

265 SÁBADO 001/90 SÁBADO EM EXCLUSIVO DEZEMBRO/89.

Leste como parte da Indonésia, embora mantendo-se crítico sobre os meios que haviam sido seguidos para a integração, seria irrealista continuar a recusar o reconhecimento "de facto" de que Timor era parte da Indonésia.

Por outras palavras em 1978 Camberra aceitava – pelo menos – temporariamente que Timor estava sob controlo indonésio. Em Fevereiro 1979, a Austrália iniciou negociações com Jacarta para delimitar a fronteira marítima no "Timor Gap".

Ao decidir negociar com Jacarta, em vez de o fazer com Portugal – potência administrante de Timor-Leste – Camberra indicava considerar a Indonésia como potência governante do território. As negociações entre as duas nações terminaram em 5 de Setembro 1988 quando foi anunciado que a área em questão havia sido dividida em três partes num total aproximado de 2/3 da área de Portugal continental.

A comunicação social australiana entrou numa fase de euforia aplaudindo a visão dos seus líderes que haviam garantido a sobrevivência energética da Austrália para o próximo século, para além de criarem condições para uma fase de tolerância e compreensão entre a Austrália e Indonésia.

Contudo, tal euforia não deve obscurecer os problemas de ordem legal que advirão do acordo caso (e quando) Portugal decidir levar o caso à consideração do Tribunal Internacional de justiça da Haia.

A ONU ainda considera Portugal como potência administrante, Portugal ainda se considera como legal administrador do território (embora não o ocupe desde 1975), e este acordo pode finalmente fazer explodir inúmeras questões. Para tal é vital que Portugal não continue com o seu sentimentalismo inoperante em relação a Timor, e faça algo para evitar que a Indonésia e Austrália dividam algo que faz parte das riquezas de Portugal: Timor.

Se não o fizer, a Indonésia servir-se-á deste acordo para apresentar perante a ONU mais uma prova evidente do seu domínio total e absoluto sobre o território, com a exigência de que o problema de Timor-Leste saia de vez da agenda da ONU.

A única opção em termos reais que resta a Portugal é levar o caso ao supremo Tribunal de Justiça Internacional na Haia por esta *"interferência nos assuntos internos do país"*. Isto causará embaraços políticos e diplomáticos à Indonésia e Austrália se tiverem que se apresentar como acusados naquele tribunal.

No caso do TIJ de Haia dar razão ao protesto português, resta à Austrália e Indonésia decidir se vão ou não desobedecer à decisão do tribunal, com todas as consequências daí advenientes.

6. VIOLAÇÃO DAS LEIS DA ONU²⁶⁶

SIDNEY, JANEIRO 90, REVISTA SÁBADO) Para complicar ainda mais a questão, existe um outro ponto

266 SÁBADO 001/90 SÁBADO EM EXCLUSIVO DEZEMBRO/89.

que necessita de clarificação e que diz respeito à Lei do Mar de 1982 na qual se defendem os direitos dos povos que ainda não atingiram a autodeterminação.

Segundo está estipulado, aqueles povos não podem perder os seus legítimos direitos só porque ainda não dispõem de autodeterminação ou independência total e que nesse caso terão validade as resoluções da ONU para tais territórios – no caso de Timor-Leste – a ONU continua a opor-se ao controlo indonésio sobre o território e a exigir que seja exercido o direito à autodeterminação.

Por outras palavras a Austrália está a agir contrariamente àquela resolução. Depois há ainda a considerar a dificuldade de aplicar leis australianas àquela porção do mar de Timor.

Por último, a pressão dos defensores do meio ambiente na Austrália poderão vir a opor-se à exploração das reservas, criando problemas profundos à Indonésia nas bases do tratado de exploração conjunta. Se o acordo resolveu alguns problemas para a Austrália e Indonésia, decerto criou outros maiores, logo que e quando Portugal se decida a actuar de forma activa e levar o caso a julgamento internacional.

Nota do autor: - agradecemos à revista trimestral "Inside Indonesia" e ao Prof. Dr. Keith Sutter os pareceres legais para a elaboração deste artigo.

6. ESPIONANDO A INDONÉSIA – "A OSTRALIA – A HISTÓRIA DO SERVIÇO SECRETO AUSTRALIANO" 267

SIDNEY, JANEIRO 90, REVISTA SÁBADO) Foi publicado em finais de 1989 um interessante livro, depois de várias tentativas infrutíferas do governo federal australiano para impedir nos tribunais a sua publicação. A paranóia governamental de evitar toda e qualquer discussão de assuntos relacionados com as agências secretas, obrigou os autores a fornecer ao governo toda e qualquer palavra existente no texto, incluindo o próprio índice.

Apesar da morosidade deste processo de censura prévia, que levou à exclusão de inúmeras passagens, Brian Toohey e William Pinwill conseguiram dar o primeiro relato detalhado sobre a ASIS [serviço australiano de segurança e inteligência] e sobre a ASIO, o seu equivalente para operações relacionadas com o exterior e modelado à imagem da CIA e do MI-6.

O ASIS atingiu existência legal em 1952 (embora já existisse desde 1945) por decreto secreto do governador-geral, e a sua existência só foi oficialmente confirmada pelo governo, 25 anos mais tarde (1977).

Gough Whitlam, então líder da oposição soube da sua existência através do ministro de defesa da Malásia que já sabia da sua existência desde 1964. O segredo e a duplicidade são a base da espionagem e a sua missão, a de infringir as leis que a tornam ilegal sem serem detectados, evitando assim terem de responder em parlamento, sem darem contas públicas das suas actividades.

Em 1981, o então líder trabalhista da oposição (Bill Hayden, governador geral em 1989, depois de ter sido

ministro dos estrangeiros de 1983 a 1988) *declarava "não estar satisfeito sobre as razões de existência da ASIS"*, e o seu adjunto Lionel Bowen (vice primeiro-ministro em 1989) ia mais longe ao propor *"a extinção desse anacronismo da guerra-fria"*.

Paradoxalmente, Bill Hayden, como MNE australiano e chefe supremo da ASIS autorizou a expansão das suas actividades em 1983, criando um directório de planeamento de emergência e acções secretas, o qual seria mais tarde desmantelado. O orçamento da agência cresceu 60 por cento entre 1983 e 1989, ao mesmo tempo que o auxílio económico da Austrália ao exterior baixava de 0,51% para 0,36% do PNB.

O sucessor de Hayden, o senador Gareth Evans logo após tomar posse em Setembro de 88 intentou uma acção judicial contra o autor desse livro [Brian Toohey] e produtor do mensário *"The Eye [O Olho]"* por alegadamente pôr em perigo a vida de agentes no exterior, caso fossem publicados detalhes sobre a agência secreta, dado que dois deles haviam já sido abatidos.

Foi neste clima que Toohey e Pinwill decidiram publicar o livro intitulado *"A Ostra – a história do serviço secreto australiano"*. Para todos os que seguem a situação na Indonésia com interesse particular, há de facto material inspirador e revelador nesta publicação.

A primeira acção oficial da ASIS foi a de enviar em 1945, Alfred Deakin Brookes para Batávia (actual Jacarta) como delegado político australiano para o comando do Sudeste Asiático. Brookes porém foi suficientemente inteligente para recomendar que a Austrália *não apoiasse a*

pretensão holandesa de recuperar a sua ex-colónia das Índias Orientais, mesmo apesar de tal posição ser contrária ao ministro dos estrangeiros e futuro primeiro-ministro Dr. H. V. Evatt.

As acções subsequentes da agência não tiveram o mesmo espírito progressista, verificando-se a instalação de uma agência da ASIS em Jacarta em 1954, a qual foi instrumental conjuntamente com a CIA a promover as rebeliões regionais de Sumatra [Samatra] e Celebes [Sulawesi] durante 1957-58.

O então ministro dos estrangeiros australiano Casey regista nas suas notas do encontro dos países do pacto ANZUS (Austrália, Nova Zelândia e EUA) ocorrido em Outubro de 1957 que o então secretário de estado norte-americano Allen Foster Dulles havia declarado que:

"A partilha da Indonésia não deveria ser tomada como um objectivo em si mesmo, mas antes como uma solução que terá de ser aceite como último recurso, para evitar uma Indonésia comunista, devendo ser dado todo o apoio aos líderes regionais anticomunistas para manterem a sua pressão sobre Sukarno (então presidente indonésio), tal como acontecia já dados os contactos entre a CIA e aqueles líderes".

Recorde-se a propósito a existência de enormes interesses petrolíferos norte-americanos na Sumatra, o que permitia a existência de uma velada chantagem de suspensão de operações sob a alegação de haver ameaças aos interesses norte-americanos na região. Em Maio de 1958 um avião da CIA sobrevoando

Ambon (a nordeste de Timor) foi abatido depois de bombardear um hospital, mas se a sua operação tivesse sido um sucesso, forças navais australianas estavam na região para dar apoio aos norte-americanos.

Mais tarde em 1962 as operações da ASIS em Jacarta passaram a dispor de quatro funcionários permanentes, e os quais foram responsáveis por um incremento das actividades confrontacionistas entre forças anticomunistas e forças pró-Sucarno.

A agência australiana esteve ainda envolvida na campanha contra a incorporação da Nova-Guiné, Ocidental ou Papua Ocidental (actual Irian Jaya) na Indonésia dando apoio à criação da OPM [Operasi Papua Merdeka = Frente de Libertação da Papua]. Este movimento pró-independente que ainda hoje opera, teve o apoio dos serviços secretos australianos até 1967.

O livro revela ainda que a Austrália esteve envolvida em pelo menos seis acções de destabilização ("*Dirty Tricks*" no jargão da secreta) para destronar o presidente Sukarno, em conluio com a CIA. O livro em relação a Timor-Leste narra o recrutamento de Frank Favaro dono do Hotel Tropical em Díli como agente secreto australiano em finais de 74 ou começo de 1975.

Favaro, já então conhecido como traficante de drogas entre outras coisas, dispunha de meios navais mais poderosos do que o exército colonial português e tinha o seu próprio avião que efectuava viagens regulares na região. Embora tenha sido suspenso em Setembro de 1975, o então primeiro-ministro Gough Whitlam – sempre

tão presto a assegurar à Indonésia a oposição australiana à independência de Timor-Leste, desconhecia a própria existência de um agente secreto australiano em Díli!

Em 1976 o governo australiano celebrou um acordo com os serviços secretos indonésios "Bakkim" (então a organização suprema de espionagem) declarando a identidade do chefe dos serviços secretos australianos na Indonésia embora na altura se suspeitasse de que a Bakkim estava infiltrada por agentes da KGB.

Mais tarde, este acordo permitiria aos indonésios exercer chantagem sobre aquele chefe da ASIS o qual em 1980 foi obrigado a revelar tudo o que a Austrália sabia sobre a Papua Nova-Guiné, Vanuatu e sobre o lobby pró-timorense nas Nações Unidas, além de outras informações sobre movimentos pró-independentistas como a Fretilin e a OPM (Frente de Libertação da Papua).

O livro revela ainda que as constantes trocas de informações entre a ASIS/ASIO sobre, por exemplo, estudantes indonésios na Austrália, pode não só provocar-lhe a perda das suas vidas mas também impedir que tenham um futuro profissional. Outro exemplo é o de a troca de informações respeitantes aos pró-independentistas da Papua ou sobre rebeldes nas Filipinas poderem causar a sua morte, mesmo não havendo qualquer interesse directo australiano sobre os mesmos ou as regiões em que operam.

No último número da revista de Brian Toohey "*The Eye*" foram publicados detalhes sobre acções militares secretas australianas na Papua Nova-Guiné, dirigidos contra o movimento pró-independentista OPM.

Analiseamos alguns dos aspectos destas operações secretas até porque elas completam o quadro de análise dos interesses australianos na região e da sua política subalternizada face à Indonésia, o que ajuda a explicar a recente assinatura do acordo para a exploração de petróleo no mar de Timor.

Parte destas acções secretas iniciadas em 1985 destinam-se a dar os meios técnicos suficientes às forças de segurança da PNG (Papua Nova-Guiné) para lidar com os rebeldes de Irian Jaya ("OPM") que se opõem à ocupação Indonésia e bem assim com oponentes do governo da PNG.

Não obstante este treino não ter dado resultados contra os rebeldes secessionistas das ilhas Buganvília a norte da PNG no arquipélago das ilhas Salomão, vejamos do que consta. Membros do corpo de elite do exército australiano (S.A.S.) e membros da ASIS, conjuntamente com tropas norte-americanas e da Nova Zelândia dedicam-se a preparar as tropas da PNG em técnicas de captura, interrogação e tortura, as quais são essenciais no caso da penetração constante da fronteira da PNG por membros da OPM. O treino envolve ainda acções de contra insurreição, as quais vão de simples intimidação à destruição de habitações. Quer o governo da PNG quer membros do governo australiano virulentamente negaram as acusações de Brian Toohey.

Neste seu artigo, Toohey alega que os métodos de interrogação utilizados consistem em despir os prisioneiros, cobrir-lhes a cabeça para que mais tarde não identifiquem os seus torturadores e apontar-lhes uma

arma para os obrigar a responder. A vantagem política destas acções é a de mostrar ao governo indonésio que a Austrália está a pressionar a PNG a tomar uma atitude mais dura para com os rebeldes pró-independentistas de Irian Jaya.

Na base destas acções estaria um documento aprovado em 27 de Setembro de 1983, no dia da euforia pela vitória australiana do "America's Cup" a primeira vez em 137 anos daquela prova de vela, que o troféu abandonou o continente americano. O documento aprovado intitulava-se "Bases Estratégicas da Política de Defesa Australiana" e nele se citava:

"A política australiana deve ser a de encorajar a PNG a suprimir actividades dissidentes anti-indonésias em Irian Jaya e aumentar a sua presença na zona fronteiriça da Papua Nova-Guiné com Irian Jaya.

A fronteira é uma zona sensível para as relações entre os dois países (PNG e Indonésia) e o movimento fronteiriço carece de qualquer forma de controlo, o que provoca de tempos a tempos incursões de membros da OPM e de tropas Indonésias em sua perseguição, o que pode provocar violentos confrontos entre as duas nações. A PNG deverá compreender a necessidade de assumir uma posição firme de controlo territorial fronteiriço, capaz de evitar incursões Indonésias, que poderiam a qualquer momento ser aumentadas e coordenadas [por Jacarta] para modificar a atitude política da PNG".

O documento vai mais longe ao afirmar que "a única solução para a PNG resta na supressão da OPM e na sua presença física bem visível em toda a área fronteiriça".

7. LORDE AVEBURY DE VISITA À AUSTRÁLIA CRITICA- A SOBRE TIMOR-LESTE ²⁶⁸

Sidney, 4 Jan.º 90 Lusa) – Lorde Avebury o presidente do grupo parlamentar britânico para os direitos humanos criticou hoje a política do governo australiano em relação a Timor-Leste.

Salientando que a "continuada ocupação de Timor contraria os actuais ventos democráticos que sopram pelo mundo" Lorde Avebury disse que "Timor infelizmente ainda não alcançou a fase de descolonização".

Falando perante um grupo de parlamentares (36) que apoiam a causa de Timor, aquele proeminente defensor dos direitos humanos declarou que:

"O tratado de Timor já celebrado pela Austrália e Indonésia, não passa de uma ilegalidade face às leis internacionais, que será embaraçoso para a Austrália e a Indonésia logo que seja levado ao Tribunal Internacional de Justiça da Haia, e que o mesmo ofuscava os esforços desenvolvidos por Perez de Cuellar para alcançar uma solução política para o problema."

Além de condenar a atitude australiana por "assinar um acordo com a Indonésia que não tem direitos sobre o subsolo marinho de Timor - sobre o qual não tem qualquer legítima pretensão", Lorde Avebury criticou ainda os meios de comunicação social australianos por "não darem

cobertura à guerra de guerrilhas que ali se desenvolve e nem mesmo terem noticiado os sangrentos confrontos da semana passada entre estudantes timorenses e forças de segurança Indonésias."

Mais tarde Lorde Avebury terá um encontro no Senado com personalidades políticas australianas e tentará avistar-se com o ministro dos estrangeiros em exercício.

8. TIMORENSE ENCONTRADO MORTO NA INDONÉSIA²⁶⁹

Sidney 4 Jan.º, Lusa) – um jovem timorense de 23 anos, José Carvalho, que havia estado envolvido nos violentos confrontos entre estudantes timorenses e forças de segurança indonésias em 26 de Dezembro em Denpasar, Bali (Indonésia) teria sido encontrado morto.

As notícias que chegaram à Lusa através de fontes próximas da resistência e da comunidade timorense aqui radicada indicam que Carvalho, estudante do sétimo semestre (terceiro ano) de Política Social foi encontrado na ribeira de Seliwang em Bogor. Segundo as mesmas fontes a autópsia revelou não o afogamento que constava do registo policial mas sim sufocação, tendo o seu corpo sido já enviado para Timor.

Segundo ainda declararam à Lusa fontes timorenses centenas de estudantes timorenses e membros policiais teriam estado envolvidos em confrontos sangrentos em 26 de Dezembro na sequência do espancamento de jovens

269 LUSA DESPACHO #03/90 4 JAN 90 7₆₀₉P.M. (8 AM LISBOA)

estudantes por forças Indonésias, que causaram depois vários feridos entre ambas as partes.

A notícia dos confrontos foi ignorada pela comunicação social australiana com excepção do serviço de onda curta da Rádio Austrália que a mencionou quer no seu programa em Inglês quer no programa em Bahasa Indonesia.

9. 5 JANEIRO 1990 COMÉRCIO DO PORTO REPRODUZ ESTE DESPACHO

10. LORDE AVEBURY NA AUSTRÁLIA²⁷⁰

Sidney, 5 Jan.^o Lusa) – Lorde Avebury, presidente do grupo parlamentar britânico para os direitos humanos que se encontra de visita a Austrália acusou este país de ter *"sido signatário de um acordo ilegal com a Indonésia relativamente ao mar de Timor-Leste"*. Falando perante um grupo de representantes de senadores e parlamentares australianos adstritos ao grupo de apoio internacional a Timor, e outras personalidades ligadas ao território, Lorde Avebury disse ainda que a *"Austrália seria obrigada a admitir o seu erro, quando fosse julgada pelo Tribunal Internacional de Justiça da Haia"*.

Manifestando-se disposto a apoiar a pretensão portuguesa de debater o caso naquele fórum, falando sem constrangimento e em nome do direito à autodeterminação do povo de Timor, Lorde Avebury criticou também a comunicação social e os vários políticos australianos que *"têm cedido as pressões da Indonésia,*

para ignorarem o que se passa em Timor e ao mesmo tempo embarcarem em ambiciosos planos de intervenção no Camboja e noutras partes do mundo, mas recusando-se a admitir que a guerrilha continua a norte da Austrália".

Não se tendo avistado com representantes do MNE australiano, Lorde Avebury foi porém alvo de uma boa cobertura por parte dos canais nacionais de TV ABC e do canal multicultural SBS. Por seu turno o ministro interino em exercício da pasta dos negócios estrangeiros australiano, senador Robert Ray afirmou à TV *"que a atitude de Lorde Avebury era hipócrita dada a forma como continuava a tratar os cidadãos de Hong-Kong como se fossem de segunda classe"*.

O senador disse ainda "haver nas prisões de Sua Majestade várias centenas de presos curdos e para os quais o Reino Unido nada havia feito a fim de conceder a autodeterminação àquele povo".

11. LORDE AVEBURY NA AUSTRÁLIA²⁷¹

Sidney – 6 Jan.^o – Lusa) Lorde Avebury, presidente do grupo parlamentar britânico para os direitos humanos está há 3 dias na Austrália onde se deslocou a fim de organizar a estratégia internacional do grupo de parlamentares de todo o mundo que apoiam a causa de Timor-Leste. Depois de dois dias em Camberra, onde numa sessão no Senado criticou o acordo do Timor Gap e a comunicação social australiana, Lorde Avebury tem recebido pouca atenção da imprensa escrita, havendo porém a salientar artigos do

²⁷¹ LUSA DESPACHO 07/90 6 JAN.^o 90 11^h 11^m PM (2 AM LISBOA)

jornal "The Age" em Melbourne e do "Canberra Times" em Camberra.

Em ambos se salientava o potencial para uma crise parlamentar quando o acordo do Timor Gap for apresentado ao parlamento para ratificação, dado existirem 36 deputados trabalhistas que se opõem ao mesmo, por ele constituir além do mais uma violação da plataforma do partido trabalhista de 1985 na qual se afirmava que *"a Austrália reconhecia "de jure" a incorporação de Timor-Leste na Indonésia, e aceitava tal como realidade, mas simultaneamente lamentava que um acto de autodeterminação não tivesse ocorrido, e que o governo australiano apoiava os esforços internacionais para resolver o "problema de Timor".*

Para o "The Age" a eventualidade de uma crise parlamentar sobre o acordo do Timor Gap poderia comprometer o governo trabalhista de Bob Hawke numa fase pré-eleitoral (este ano - em data ainda por anunciar - haverá eleições gerais), tanto mais que dos 36 parlamentares do grupo de apoio a Timor, fazem parte ministros do gabinete de Bob Hawke. Tony Lamb, vice-presidente do parlamento e presidente do grupo parlamentar de apoio a Timor-Leste declarou esta manhã à Lusa (madrugada em Lisboa) que *"40 deputados apoiam a questão de Timor, 36 do governo e os restantes democratas e independentes, os quais se opõem terminantemente ao acordo e ao reconhecimento do governo australiano pela soberania da Indonésia em relação a Timor".*

Lamb disse ainda à agência "os membros deste grupo, irão levar em consideração a atitude do governo quando o

assunto do tratado for posto a consideração do parlamento para ratificação". Recusando-se a admitir se aquele grupo parlamentar estava disposto a votar com a oposição contra o governo, Tony Lamb deixou porém antever que tal seria "uma possibilidade a ter em conta".

Lorde Avebury reiterava esta manhã (madrugada Lisboa) num comunicado da coligação australiana para Timor-Leste que "o tratado era uma violação flagrante das leis internacionais, dado que a Indonésia não tinha qualquer direito a assinar tratados relativos ao subsolo marinho de um território não indonésio (Timor-Leste) com um estado estrangeiro (Austrália)." Segundo aquele comunicado "as Nações Unidas não reconhecem a soberania Indonésia (sobre Timor) e quando há uma disputa está errado negociar a utilização dos recursos naturais sem que a mesma (disputa) esteja solucionada."

Lorde Avebury declarava ainda que "seria apropriado para uma delegação parlamentar internacional, na qual estariam incluídos australianos avistar-se com o Secretário-geral das Nações Unidas Perez de Cuellar a fim de pedir que seja votada uma moção para a autodeterminação do povo de Timor-Leste."

Lorde Avebury afirmava ainda que "acredito que os anos 90 irão ser os da autodeterminação - vimos como toda a Europa de Leste se está libertando das ditaduras e a redescobrir a democracia -. Eu pessoalmente penso que essas nações e outras nações deveriam contestar a pretensão da soberania Indonésia obtida através da força da invasão e anexação, pois foi por esse mesmo motivo que se lutou na segunda Grande Guerra".

12. 7 JANEIRO 1990 O COMÉRCIO DO PORTO REPRODUZ ESTES DESPACHOS

16. PROGRAMA DIPLOMÁTICO UNIVERSITÁRIO²⁷²

Sidney, Austrália, 6 Jan.º 90, Lusa) – tem início no próximo dia 8 (segunda-feira) o primeiro curso universitário de preparação diplomática para as regiões do Pacífico, minorias e grupos em luta pela autodeterminação.

O programa subsidiado por organismos privados será conduzido na Universidade de Nova Gales do Sul e dele é director executivo, José Ramos-Horta que tem sido o representante de Timor-Leste na ONU durante os passados 14 anos.

Para o curso foram recebidas propostas de candidatos de países tais como a Papua Nova-Guiné, Vanuatu, ilhas Salomão, de aborígenes australianos, timorenses, tibetanos e muitas outras nacionalidades e a comunicação social australiana tem dado boa cobertura ao mesmo apoiando o novel conceito. O curso que se destina a preparar a apresentação de casos em fóruns internacionais tais como a ONU, oferece ainda treino em diplomacia internacional, direitos humanos, gestão de negociações e conflitos internacionais, aproveitamento dos mass media para apresentação de reivindicações.

Dentre os oradores previstos para a sessão de abertura contam-se os professores catedráticos, A. Birt e Garth Nettheim, respectivamente vice-chanceler da universidade

272 LUSA DESPACHO #10/90 6 JAN.º 90₆₁₄ 6 PM(7 AM LISBOA)

e presidente do comité universitário dos direitos humanos em Nova Gales do Sul, além do procurador-geral estadual John Dowd, que é actualmente o presidente da comissão internacional de juristas australiana, esperando-se ainda a presença de Lorde Avebury, presidente do grupo parlamentar britânico para os direitos humanos e o qual esta de visita à Austrália.

José Ramos-Horta entretanto declarava há momentos à Lusa que espera como director executivo deste curso, *“poder até final de Janeiro organizar uma sessão dedicada ao problema de Timor e ao Timor Gap.”* Nessa sessão – acrescentou Horta – *irão ser convidados representantes do MNE australiano, do governo português e indonésio além de três conceituados juristas internacionais independentes para analisarem o problema do tratado.*

Aquela sessão tem o apoio de John Dowd, presidente da comissão internacional de juristas e Horta espera conseguir que um representante do governo português se desloque à Austrália dado que actualmente o embaixador português Dr. José Luís Gomes se encontra retido em Lisboa, em protesto contra a assinatura do acordo entre a Austrália e a Indonésia. Outras sessões previstas contarão com a presença de representantes da URSS, EUA e da CEE, OMT (Organização Mundial do Trabalho), Namíbia, grupo dos países não alinhados, representantes do fórum do Pacífico Sul, e nelas os alunos deste curso poderão aprender a como utilizar melhor e mais eficientemente órgãos tais como a ONU e outros fóruns internacionais.

17. CURSO DE DIPLOMACIA EM SIDNEY²⁷³

Sidney, 12 Jan.º 90, Lusa) – realizou-se hoje uma sessão aberta ao público do curso de diplomacia universitária para os países e minorias da região do Pacífico. Nela tomaram parte, representantes das Nações Unidas, URSS, EUA e CEE. Durante a reunião que decorreu durante mais de quatro horas tomaram parte membros das Nações Unidas representantes do grupo dos direitos humanos, além de representantes do corpo diplomático norte-americano, soviético e da CEE radicado na Austrália.

Durante a sessão que abordou problemas de violações dos direitos humanos desde o Camboja a Timor, passando pela R. P. China, América Latina e outras regiões do globo, houve intervenções várias de estudantes interessados em abordar o tratamento que os meios diplomáticos seguiam em relação a problemas de violação de direitos humanos. Seguidamente teve lugar uma sessão dedicada aos esforços da OMT (Organização Mundial do Trabalho - ILO) a qual se centrou nos direitos dos povos indígenas e a qual foi apresentada pelo representante daquele grupo da ONU, baseado em Bangucoque.

Houve ainda mais duas sessões nas quais foi discutido o problema da Namíbia apresentado por José Campino, delegado das Nações Unidas para o problema da Namíbia e o qual ali se encontra há meses como representante da ONU. Uma sessão dedicada ao grupo dos países não-alinhados teve a participação especial de Jim Dunn, ex-

273 LUSA DESPACHO #12/90 12 JAN.º 90, 21 HRS (10 AM LISBOA)

parlamentar australiano e último oficial de carreira diplomática australiano acreditado em Díli, Timor-Leste, para além de Renagi Lohia da Papua Nova-Guiné que é actualmente o representante daquele país na ONU.

À sessão à qual estiveram presentes os 35 participantes do curso de diplomacia internacional viam-se presentes representantes do governo estadual e federal e o director executivo do curso, José Ramos-Horta, ex-representante de Timor na ONU. Horta disse à Lusa estar satisfeito com a aceitação que o curso tem tido e manifestou o seu desejo de que o mesmo possa ser continuado no próximo ano com fundos da ONU e da universidade de Nova Gales do Sul a fim de dar oportunidade às minorias regionais, incluindo aborígenes australianos, de saberem como utilizar os meios existentes para se fazerem ouvir.

Amanhã a comunidade timorense de Sidney oferece um jantar de pratos típicos mauberes a todos os participantes do curso universitário de diplomacia internacional e a alguns membros da comunicação social.

18. 13 JANEIRO 1990 NTNEWS (NORTHERN TERRITORY NEWS, DARWIN)

19. EMPRESA AUSTRALIANA AUMENTA A EXPLORAÇÃO DE PETRÓLEO NO MAR DE TIMOR²⁷⁴

Sidney, 16 Jan.º 90, Lusa – a firma petrolífera australiana "Santos Ltd" anunciou ter aumentado os direitos de exploração na plataforma Sidney/Austrália por acordo com as suas associadas British Petroleum e Asisun Pty Ltd.

274 LUSA DESPACHO #14/90 16 JAN.º 90₁₇ 15.30 (4.30 AM LISBOA) TAKE ONE

O director geral de exploração, John Armstrong declarou aos meios de comunicação social que a Asisun explorará 15 por cento da rica jazida, o que permitirá à Santos deter neste momento 32 por cento do total a explorar.

A notícia segue-se à descoberta oficialmente notificada em finais de Dezembro de que a Santos havia obtido um fluxo de 4 300 barris diários da plataforma AC/p 10 no final de um teste de 18 horas de produção, e conta poder passar à exploração comercial dentro de um a dois meses.

Por outro lado, com a aquisição da quota atribuída à ELF Aquitaine (francesa), a Santos vê assim pela primeira vez uma das suas explorações petrolíferas no mar de Timor capaz de produzir resultados comerciais de vulto, durante os próximos dois anos até à renegociação da autorização de explorar naquela área, a oeste do Timor Gap.

20. VIOLENTA MANIFESTAÇÃO PRÓ-INDEPENDENTISTA EM DÍLI²⁷⁵

Sidney, sexta 19 Jan.^o 90, Lusa) – de acordo com a cadeia nacional de rádio australiana ABC ter-se-iam registado hoje (quinta feira 18 Jan.^o) violentos confrontos em Díli, Timor-Leste, entre manifestantes pró-independentistas e forças militares indonésias.

De acordo com a mesma fonte a razão das manifestações que tiveram lugar há poucas horas ocorreram em

²⁷⁵ LUSA DESPACHO #17/90 19 JAN.^o 90, 15.30 (4.30 AM LISBOA) TAKE TWO

Lecidere, em frente ao Hotel Turismo, onde se encontra hospedado o embaixador norte-americano em Jacarta que actualmente visita a ex-colónia portuguesa.

A rádio nacional australiana afirmava ainda através do seu correspondente em Jacarta que os manifestantes haviam sido rápida e severamente subjugados pelas forças de segurança indonésia, e que o próprio embaixador norte-americano se teria manifestado contra a violência da repressão aos manifestantes.

De momento não são conhecidos mais detalhes, e o representante da Fretilin em Darwin, Alfredo Ferreira nada mais sabia do facto além do que a Rádio havia transmitido.

Entretanto Alfredo Ferreira declarou à Lusa que de acordo com pessoas acabadas de chegar de Timor “teria ocorrido no passado dia 3 um ataque de forças da resistência contra um aquartelamento militar em Baucau, a segunda cidade de Timor, e no qual teriam perecido nove soldados indonésios”.

De acordo com a mesma fonte, o ataque teria ocorrido na madrugada de 3 de Janeiro em Baucau e na vila de Berecoli, na zona de Venilale a Sul de Baucau.

O porta-voz da Fretilin declarou ainda à Lusa que “um helicóptero havia sido atingido por fogo das guerrilhas em 3 de Janeiro em Venilale e outro se havia despenhado no dia seguinte em Larilame (Venilale) 1400 metros acima do nível do mar, explodindo contra uma montanha, tendo perecido nove oficiais superiores indonésios”.

As notícias não puderam ser ainda confirmadas por outras fontes.

21. 20 JANEIRO 1990 RDP

22. TESTEMUNHAS CONTAM REPRESSÃO EM TIMOR²⁷⁶

Sidney, 20 Jan.º 90, Lusa) testemunhas oculares da repressão militar Indonésia sobre os manifestantes que na tarde de quinta-feira se haviam concentrado para pedirem do embaixador norte-americano auxílio, afirmaram terem-se registado mortes e feridos. A notícia é hoje veiculada pelo diário Northern Territory News de Darwin que a acompanha de fotografias onde se vêem os manifestantes a serem agredidos pelas forças Indonésias.

Um mineiro do Território Norte e um fotógrafo amador estavam instalados no Hotel Turismo em Díli ao mesmo tempo que o embaixador norte-americano em Jacarta, John Monjo, quando na passada quinta feira mais de uma centena de jovens com slogans e cartazes em indonésio, inglês e português entrou no Hotel exigindo o apoio norte-americano na sua causa pela autodeterminação e independência da Indonésia. Diplomatas em Jacarta confirmaram os incidentes e pelo menos a morte de um dos manifestantes.

Embora Mons. Belo, bispo de Díli tenha declarado que ninguém pereceu existem duas testemunhas oculares que viram dois corpos inanimados e cobertos de sangue serem atirados para um camião das tropas Indonésias e

276 LUSA DESPACHO #19/90 20 JAN.º 90, 16 HRS (5 AM LISBOA)

fontes da Cruz Vermelha disseram que um jovem atingido a tiro pelas tropas Indonésias havia morrido ao tentar obter abrigo nas instalações da Cruz Vermelha.

Justin Winning, o mineiro, estava no Hotel quando os manifestantes chegaram e conseguiu do Hotel tirar fotografias à manifestação. Os placards dos manifestantes pediam auxílio ao embaixador para a causa da independência de Timor-Leste, tendo depois alguns estudantes atingido o primeiro andar do Hotel Turismo onde apresentaram as suas reivindicações ao diplomata norte-americano, pedindo-lhe que ele os não abandonasse. Logo que este se retirou, forças armadas indonésias carregariam armados de cassetetes e a coronhada das suas metralhadoras, não obstante a maior parte dos manifestantes estar sentada em posição de oração, sem opor nenhuma resistência a violência Indonésia.

De acordo com o mesmo jornal/fontes, os manifestantes foram selvaticamente agredidos. Segundo outros turistas que se encontravam em Díli na altura, outra centena de manifestantes ter-se-ia posteriormente manifestado em frente ao Palácio do governador Mário Carrascalão protestando contra a repressão das forças militares, mas desta vez não se verificou intervenção militar.

As fotografias do jornal N.T. News focam jovens pedindo o auxílio de turistas australianos, os jovens sendo espancados quando se encontravam rezando no solo, e um jovem ensanguentado perseguido pelas forças militares indonésias.

23. 20-21 JANEIRO 1990 THE AUSTRALIAN

24. 20 JANEIRO 1990 REVISTA SÁBADO

25. 21 JANEIRO 1990 A NOTÍCIA VEICULADA POR O COMÉRCIO DO PORTO

26. COMUNIDADES TIMORENSES NA AUSTRÁLIA
MANIFESTAM-SE²⁷⁷

Sidney, 21 Jan.º 90 Lusa) as comunidades timorenses na Austrália estão a preparar manifestações pacíficas de protesto contra os incidentes de passada quinta feira em Díli, quando centenas de manifestantes foram violentamente atacados por forças Indonésias.

Os manifestantes, estudantes na sua maioria, exigiam do embaixador norte-americano John Monjo que lhes fosse concedido o direito à independência e autodeterminação. Segundo diferentes meios de comunicação social australiana relatam o facto, o embaixador ter-se-ia mostrado "*chocado*" com a violência da intervenção das forças Indonésias.

Alfredo Ferreira, da Fretilin em Darwin, emitiu um comunicado no qual apela aos parlamentares australianos, em especial Warren Snowdon e Tony Lamb do grupo de apoio a Timor-Leste, para que estes pressionem o ministro dos estrangeiros senador Gareth Evans a enviar uma equipa de observadores para investigar as alegações de brutalidade.

277 LUSA DESPACHO #22/90 21 JAN.º 90, 19 HRS(8 AM LISBOA)

Por seu turno a comunidade timorense em Darwin e um grupo australiano de rock levam a efeito um concerto amanhã – (segunda feira) à hora de almoço, em protesto contra a repressão dos timorenses por tropas Indonésias.

Em Melbourne, a comunidade timorense decidiu também efectuar uma manifestação de protesto em frente à embaixada norte-americana. Pat Walsh do comité australiano de auxílio económico ao exterior declarou à Lusa, em telefonema de Melbourne, que "*era significativo que o embaixador norte-americano se tivesse mostrado chocado com a violência indonésia*" tanto mais que é já no próximo mês que o comité dos direitos humanos do grupo dos 24 se reúne em Genebra para apreciar o problema de Timor.

Michael Wagner da coligação australiana para Timor-Leste em Camberra declarava há momentos à agência Lusa que "era necessário que os parlamentares australianos fizessem pressão sobre o governo de Camberra – sempre tão interessado em apoiar causas distantes do Camboja à Roménia que se mostrasse interessado no que se passava mais perto do seu território em Timor-Leste".

O professor Wagner mostrou-se ainda "agastado com a forma como a rádio australiana se referiu aos incidentes como tendo acontecido na 27^a província Indonésia de Timor-Leste".

Foi impossível – dado ser fim-de-semana – contactar com os parlamentares Warren Snowdon e Tony Lamb a fim de saber que medidas contam tomar face a este sangrento episódio de repressão Indonésia em Timor-Leste.

Alfredo Ferreira da Fretilin disse ainda à Lusa que "havia já pedido o apoio dos parlamentares europeus e japoneses que tanto apoio têm dado a causa de Timor para manifestarem o seu repúdio pelos incidentes que mais não são – do que uma amostra da atitude assumida pela Indonésia desde 7 de Dezembro de 1975 para com o povo timorense".

27. COMUNICAÇÃO SOCIAL AUSTRALIANA VÊ MASSACRES DE DÍLI²⁷⁸

Sidney, 22 Jan.^o 90, Lusa) – a fotógrafa amadora australiana que foi uma das duas testemunhas australianas que se encontravam no Hotel Turismo em Díli, quando as tropas Indonésias carregaram sobre os manifestantes revelou finalmente a sua identidade.

Jenny Groves concedeu uma entrevista à Lusa da qual darei detalhes amanhã. Jenny Groves concedeu entretanto entrevistas exclusivas à cadeia nacional de Rádio e TV ABC na qual afirma "*mostrar-se chocada com declarações do MNE australiano que não estava interessado no seu depoimento sobre a violência que havia testemunhado em Díli no Hotel Turismo quando cerca de duas centenas de estudantes apresentaram uma petição ao embaixador australiano que ali se encontrava.*" Jenny disse ainda que "*a manifestação era pacífica e que a intervenção militar Indonésia logo após o embaixador se retirou era brutal, havendo pelo menos duas mortes testemunhadas por ela.*"

Entretanto, em entrevista esta tarde (madrugada Lisboa) concedida pelo vice-presidente parlamentar Tony Lamb, que é membro do comité parlamentar australiano para Timor-Leste declarou que estava a tentar avistar-se com o MNE senador Gareth Evans a fim de apresentar o seu *"protesto contra os incidentes e eventualmente pedir o envio de uma delegação a fim de averiguar os mesmos"*.

Tony Lamb disse à Lusa que se mostrava surpreendido com a declaração do embaixador americano, John Monjo, o qual disse "estar horrorizado com a violência da repressão Indonésia para uma manifestação calma e pacífica dos estudantes que lhe pediram apoio para a autodeterminação e independência da Indonésia".

Em relação ao problema do Tribunal Internacional da Haia, e ao acordo de Timor Gap, Tony Lamb disse esperar que formalmente Portugal apresentasse uma queixa no TIJ a fim de determinar a votação que o grupo dos 40 (36 parlamentares trabalhistas, 2 democratas e dois independentes) teria quando a ratificação do tratado fosse discutida entre 20 de Fevereiro e 1 de Março.

Tony Lamb disse ainda à agência que "uma decisão sobre a votação seria decidida de acordo com a firmeza da posição oficial do governo português".

Ramos-Horta contactado pela agência há momentos disse que esta posição de Tony Lamb, era diplomaticamente incorrecto dado *"que o protesto formal do governo português só se devia efectuar depois de o acordo sobre o Timor Gap ser ratificado"*.

Horta indicou também que "se os parlamentares europeus, japoneses e outros mostrassem a sua vontade de tomar uma atitude dura contra a Indonésia e a Austrália Portugal estaria em melhor posição para manter a dureza da sua posição no tribunal da Haia".

Hoje realizaram-se manifestações de protesto em Melbourne (estado de Vitória) e Darwin (Território Norte) de protesto por parte dos timorenses ali residentes contra os acontecimentos da passada quinta feira em Díli. Embora até ao momento não fosse possível apurar o número total de vítimas pelo menos duas foram confirmadas pelas testemunhas oculares dos acontecimentos, e o governo de Jacarta continua a recusar comentar o mesmo.

PS amanhã entrevisto Jenny Groves com um relato total dos acontecimentos em exclusivo para Portugal. Se quiserem fotos dos acontecimentos em Díli posso mandá-las via satélite.

28.1. 22 JANEIRO 1990 RDP

28.2. 22 JANEIRO 1990: DESPACHO DA LUSA
NOTICIADO POR O COMÉRCIO DO PORTO

29. 23 JANEIRO 1990 RDP

30. 23 JANEIRO 1990 O COMÉRCIO DO PORTO

31. ACONTECIMENTOS REPORTADOS PARA A LUSA
INCLUINDO PROTESTO DOS ESTUDANTES DIRIGIDO
AO P. REPÚBLICA DE PORTUGAL E PELO BOLETIM
DOS ESTUDANTES NÉON METIN JANEIRO 1990

32. MAIS INDONÉSIOS PARA A AUSTRÁLIA²⁷⁹

Sidney, 23 Jan.º 90, Lusa) no corrente ano espera-se um número recorde de mais de três mil estudantes indonésios iniciem os seus estudos na Austrália. Este número representa um aumento de mais mil estudantes do que no ano passado e foi hoje divulgado pelo embaixador australiano em Jacarta, Phillip Flood. Actualmente encontram-se já 3 500 estudantes indonésios a estudarem neste país, o segundo destino para estudantes indonésios, logo após os Estados Unidos.

33. MAIS PETRÓLEO DO MAR DE TIMOR²⁸⁰

Sidney, 23 Jan.º 90, Lusa) A maior companhia australiana "BHP" acaba de anunciar que no passado mês de Dezembro duplicou para um milhão de barris de petróleo a sua produção mensal de petróleo no mar de Timor em relação ao ano anterior.

As jazidas de Jabiru e Challis produziram em Dezembro, 102 mil barris diários metade dos quais em explorações da BHP, enquanto as principais jazidas australianas no estreito de Bass que separa a Tasmânia do continente apenas produziram 166 mil barris/dia e estarão exaustas dentro de dez anos.

34. TERCEIRO ESTUDANTE TIMORENSE CONFIRMADO MORTO²⁸¹

279 LUSA DESPACHO #24/90 23 JAN.º 90 20.00 (9 AM LISBOA) TAKE ONE

280 LUSA DESPACHO #24/90 23 JAN.º 90 20.00 (9 AM LISBOA) TAKE TWO

281 LUSA DESPACHO #26/90 24 JAN.º 90 20 HRS (9 AM)

Sidney, 24 Jan.º 90, Lusa) O Instituto para a Defesa dos Direitos Humanos em Jacarta, anunciou hoje que pelo menos três estudantes timorenses haviam sido mortos durante as manifestações da semana passada em Díli, capital de Timor-Leste. Outros seis estudantes que buscaram abrigo na residência do bispo monsenhor Carlos Belo haviam sido detidos estando agora à guarda das autoridades Indonésias.

O director do instituto dos direitos humanos, Hadji Princen, declarou ainda ter "pedido ao governo indonésio a realização de um inquérito público sobre a morte dos estudantes e para que os culpados fossem julgados".

O Dr. Michael Wagner da ACET (Coligação Australiana para Timor-Leste) anunciou esta tarde à Lusa que "uma carta pedindo a realização de um inquérito havia sido entregue hoje ao embaixador indonésio em Camberra marechal Roesman".

A carta, acrescentou Wagner "era acompanhada de dois testemunhos sob juramento de duas testemunhas oculares australianas que assistiram a morte de dois timorenses pelas tropas da Indonésia." A carta entregue ao embaixador indonésio citava ainda que "*a violência em Timor-Leste continuaria enquanto fosse negado aos timorenses o direito à autodeterminação e se mantivesse a ocupação da sua pátria pelos indonésios*".

A mesma missiva comparava a situação à do Camboja citando "que uma das formas de haver paz em Timor seria a instalação de uma administração interina das Nações Unidas até que se pudesse efectuar um referendo sobre Timor-Leste". Michael Wagner entregou também cópia

daqueles documentos ao ministério dos negócios estrangeiros australiano solicitando que "fosse apresentado um protesto formal ao governo indonésio sobre as mortes dos estudantes".

Por seu turno, os timorenses na Austrália saem amanhã – de novo – à rua numa manifestação de protesto em Sidney em frente ao consulado indonésio, segundo declarou à agência, Lola Reis porta-voz de um grupo timorense. A televisão e rádio australianas deram na passada segunda-feira ampla cobertura das manifestações dos timorenses em Melbourne e Darwin.

35. 24 JANEIRO 1990 RDP

36. TIMORENSES PRESOS POR SE MANIFESTAREM EM SIDNEY²⁸²

Sidney, 25 Jan.º 90, Lusa) – dezenas de timorenses, na sua maioria estudantes, manifestaram-se esta tarde (madrugada em Lisboa) em frente ao consulado geral indonésio em Sidney. A manifestação pacífica, que visava atrair as atenções para as manifestações dos estudantes em Díli, Timor na passada quinta feira e na qual morreram três jovens, foi inicialmente pacífica.

Quando os manifestantes decidiram entrar para as instalações consulares armados de recortes de jornais australianos com fotografias dos incidentes em Díli e pediram para entregar uma carta de protesto ao cônsul geral este decidiu chamar a polícia federal. Os estudantes sentaram-se no chão entoando cânticos pró-

282 LUSA DESPACHO #27/90 25 JAN.º 90, 20 HRS(9 AM LISBOA)

independência, distribuindo panfletos e cópias dos jornais até à chegada dos policiais. Depois foi a violência com os polícias e os estudantes envolvidos em lutas livres que acabaram por culminar meia hora mais tarde com a detenção de oito dos manifestantes.

Mesmo depois de retirados do consulado. os manifestantes. entre os quais havia inúmeras mulheres, continuaram o seu protesto, lutando contra os polícias. A cena – à qual assistimos – recebeu a cobertura dos canais nacionais de televisão ABC e do canal multicultural SBS os quais dedicaram três minutos do seu principal noticiário da tarde aos incidentes.

37. 25 JANEIRO 1990 RDP

38. 26 JANEIRO 1990 CORRESPONDÊNCIA P/ LUSA MACAU RELATIVAMENTE À CENSURA DAS NOTÍCIAS ENVIADAS

39. 29 JANEIRO 1990 RESPOSTA DA LUSA LISBOA

40. 30 JANEIRO 1990 RESPOSTA

41. 27 JANEIRO 1990 RDP

42. 27 JANEIRO 1990 REVISTA SÁBADO

43. 27 JANEIRO 1990 FRETILIN CONDENA JOSÉ RAMOS-HORTA

44. EMBAIXADOR INDONÉSIO RECEBE DELEGAÇÃO AUSTRALIANA²⁸³

Sidney, 29 Jan.^o, Lusa) o Dr. Michael Wagner da ACET (Coligação Australiana para Timor-Leste) foi esta tarde recebido em Camberra pelo vice marechal do ar Roesman, embaixador indonésio em Camberra. A reunião segue-se à entrega na passada quarta feira (24 Jan.^o) de uma carta pedindo a realização de um inquérito sobre as manifestações do passado dia 17 em Díli e nas quais tropas Indonésias teriam abatido a tiro três jovens timorenses.

A carta que era acompanhada de dois testemunhos sob juramento de duas testemunhas oculares australianas que assistiram à morte de dois timorenses pelas tropas Indonésias citava ainda que *"a violência em Timor-Leste continuaria enquanto fosse negado aos timorenses o direito à autodeterminação e se mantivesse a ocupação da sua pátria pelos indonésios"*.

O embaixador indonésio, disse Michael Wagner, negou a versão tornada pública dos factos, tendo admitido que *"ela teve lugar fruto da insatisfação de um jovem estudante incapaz de obter emprego, de nome Augusto Malsiri."*

Segundo o marechal Roesman, os manifestantes "haviam sido recebidos pelo embaixador norte-americano em Jacarta a pedido do governo provincial de Mário Carrascalão, e depois disto ter-se-iam registado confrontos com as forças de segurança, os quais resultaram em ferimentos nalguns manifestantes".

O embaixador indonésio disse ainda que alguns estudantes "havam tentado obter abrigo na residência do bispo Mons. Carlos Belo o qual havia sido recusado e os mesmos teriam escalado os portões de ferro na mesma". Posteriormente, acrescentou o embaixador, "o líder da manifestação havia pedido desculpa às forças de segurança pelos incidentes e alegou não ser movido por quaisquer instinto político".

Interrogado por Michael Wagner sobre as alegadas mortes de três estudantes o embaixador negou-as categoricamente dizendo que "as testemunhas da manifestação queriam apenas destabilizar as boas relações entre a Indonésia e Austrália, assegurando que todos os estudantes haviam sido libertados e que os feridos haviam sido tratados no hospital regional de Díli".

Estas declarações são as primeiras de um membro do governo indonésio admitindo que de facto as manifestações tiveram lugar embora não admitindo as alegações que foram veiculadas por diferentes órgãos dos meios de comunicação social.

45. INCIDENTES EM TIMOR²⁸⁴

Sidney, 29 Jan.º, LUSA) Entretanto hoje a agência noticiosa australiana AAP (Australian Associated Press) reiterava um despacho datado de ontem (domingo) de Jacarta na qual eram citados diplomatas que alegavam que os recentes incidentes "*eram de origem social e económica*" e que se bem que a imprensa se tenha

284 LUSA DESPACHO #29/90 29 JAN.º 90, 22 HRS (11 MANHÃ LISBOA)

concentrado na Fretilin os recentes acontecimentos "*mostravam a insatisfação da juventude perante o regime indonésio que alegadamente lhes havia proporcionado maiores oportunidades de ensino*".

Fontes Indonésias em Jacarta admitiram, de acordo com o último despacho da AAP que "*o perigo de instabilidade em Timor-Leste se mantinha*". Contactada pela agência Lusa há momentos, uma das testemunhas australianas presente aos incidentes, Jenny Groves, de Darwin no Território Norte australiano, reiterou que mantinha a versão do seu depoimento sob juramento e o qual foi entregue quer ao embaixador indonésio quer ao MNE australiano senador Gareth Evans. Michael Wagner que entregou também cópia daqueles documentos ao ministério dos negócios estrangeiros australiano solicitando que "*fosse apresentado um protesto formal ao governo indonésio sobre as mortes dos estudantes*" não recebeu até à data qualquer comunicação do governo australiano.

46. SEMINÁRIO SOBRE O TRATADO DO TIMOR GAP²⁸⁵

Sidney, 31 Jan.º 90, LUSA) a comissão internacional de juristas australianos realiza amanhã um seminário dedicado ao tema "O Tratado do Timor Gap" segundo declarou, há momentos à Lusa, John Scott Murphy, um dos directores do programa de treino de diplomacia para as minorias e países do Pacífico.

O seminário que foi vetado pelos representantes da Indonésia, de Portugal e da Austrália tem a participação

285 LUSA DESPACHO #30/90 31 JAN.º 90, 17 HRS (6 AM LISBOA)

de dois juristas internacionais, o professor Derrick Wilde do politécnico da Gold Coast [Queenslândia, Austrália], e do professor Ivan Shearer, decano da faculdade de direito da universidade de Nova Gales do Sul.

Segundo José Ramos-Horta, director executivo do programa, declarou à agência, foram enviados convites ao executivo português para enviar um representante a este seminário, mas devido à ausência do embaixador português em Camberra mas não foi recebida resposta. O mesmo se passou com os convites feitos ao governo indonésio e australiano para se fazerem representar e expressarem os seus pontos de vistas durante o seminário.

O tema a ser debatido amanhã com a presença de representantes dos órgãos de comunicação social e representantes dos grupos de apoio a Timor-Leste focará a sua atenção sobre o tratado do Timor Gap assinado entre a Austrália e a Indonésia em 11 de Dezembro passado para a exploração conjunta das riquezas do mar de Timor. Outros pontos a focar, segundo declarou Scott Murphy, serão relacionados com a legalidade do acordo, sobre os perigos de o Tribunal Internacional da Haia o julgar inválido e sobre as razões porque a Austrália pensa que a Indonésia é a entidade com direitos à exploração das riquezas do mar de Timor.

47. 31 JANEIRO 1990 O PORTUGUÊS NA AUSTRÁLIA

48. 30 JANEIRO 1990 CORREIO PORTUGUÊS, SIDNEY

49. FEVEREIRO 1990 DEPOIMENTOS ESCRITOS E VISUAIS DE JENNY GROVES E ANDREW MCMILLAN

50. 1 FEVEREIRO 1990 RDP

51. REUNIÃO DE GRUPO DE APOIO A TIMOR²⁸⁶

Sidney, 9 Fev.^o 1990, Lusa) – tem lugar no sábado dia 17 de Fevereiro em Sidney a próxima reunião do grupo de apoio a Timor-Leste e Papua Ocidental (Irian Jaya) do Comité para um Pacífico Independente e Não Nuclear, segundo declarou à Lusa Anthony Bourke, secretário daquele grupo.

“O grupo que apenas se formou há cerca de seis meses tem estado activo em actividades de lobbying junto das camadas intelectuais e políticas para manter acesa na Austrália a discussão sobre o direito à autodeterminação dos timorenses e dos Papuas Ocidentais, ambos invadidos e ocupados pela Indonésia” acrescentou o secretário do grupo.

Na próxima sessão, segundo a agência Lusa, apurou irão ser debatidos temas como "a morte de três estudantes timorenses nas manifestações em Díli, em 19 de Janeiro passado, o silêncio do governo australiano, a admissão Indonésia de que os incidentes tiveram lugar feita em 29 de Janeiro pelo embaixador indonésio em Camberra, e a próxima ratificação pelo parlamento australiano do tratado do Timor Gap.”

Anthony Bourke acrescentou que naquela sessão estava prevista a "participação de Abílio Araújo, presidente da Fretilin, mas que infelizmente este não estará presente

dado naquela data estar em Genebra na conferência do "Grupo dos 24 " (comissão da ONU para os direitos humanos)".

Na sessão será ainda apresentada uma nova brochura actualizada sobre Timor-Leste intitulada "*Timor-Leste, a guerra oculta*" preparada pelo Grupo de Apoio a Timor-Leste e Papua Ocidental, e o qual contem uma análise detalhada em 36 páginas dos acontecimentos mais relevantes para os mauberes nos últimos doze meses.

52. 3 FEVEREIRO 1990 REVISTA SÁBADO

53. FEV.º 90 NOTÍCIAS DO BOLETIM HADOMI, VITÓRIA, AUSTRÁLIA

54. 5 FEVEREIRO 1990 O PORTUGUÊS, SIDNEY

55. 6 FEVEREIRO 1990 DIÁRIO DE LISBOA

56. 6 FEVEREIRO 1990 CIDAC

57. CONVERSACÕES MILITARES ENTRE A AUSTRÁLIA E INDONÉSIA²⁸⁷

Sidney, 09 Fev.º 90, Lusa) – a rádio nacional australiana na sua emissão de onda curta acaba de noticiar (manhã Lisboa) que cinco (5) chefes militares australianos dentre os quais o vice-chefe das forças armadas australianas Alan Beaumont visitará a Indonésia no próximo mês. A notícia veiculada por aquela rádio nacional dizia ainda que a "*principal razão da visita era a de estabelecer um*

287 LUSA DESPACHO # 35/90 09 FEV.º 90

programa de exercícios militares comuns entre as duas nações."

O chefe do estado-maior general das forças armadas australianas, general Peter Gration declarou ainda à Rádio Austrália que "os exercícios conjuntos envolveriam voos da real força aérea australiana na Indonésia e da marinha real australiana, e os quais se destinavam a mostrar o nível de cooperação entre as duas nações". Durante os exercícios será ainda discutido "o problema estratégico da defesa da Austrália e meios de melhorar de forma prática a relação bilateral", segundo ainda a Rádio Austrália.

A visita foi citada como "sendo um resultado da melhoria das relações bilaterais proporcionada pela recente celebração do tratado de exploração conjunta do mar de Timor, entre a Indonésia e a Austrália e pela decisão de o governo australiano autorizar o aumento do número de estudantes militares indonésios de frequentarem as escolas militares neste país".

58. TIMOR VISTO NA AUSTRÁLIA 288

Sidney, terça dia 13 Fev.^o 90, Lusa) o jornal diário "Sydney Morning Herald" pública na sua edição de hoje um extenso despacho da sua correspondente em Lisboa (Jill Jolliffe) relativo ao problema de Timor-Leste. O despacho cita a *"tomada de posição crítica de monsenhor Manuel Martins, bispo de Setúbal, relativa ao problema de Timor-Leste e à carta recentemente recebida do bispo titular de Díli, monsenhor Carlos Belo"*.

Segundo a mesma notícia a que aquele diário dava grande cobertura na sua página internacional, monsenhor Belo "temia ter o mesmo destino que o bispo de El Salvador Carlos Romero, dado o isolamento a que ele e o povo de Timor estavam sujeitos, e urgia uma vez mais a que o Secretário-geral da ONU Javier Perez de Cuellar, deveria cumprir as responsabilidades daquela organização para com Timor-Leste".

O teor da carta datada de 7 de Junho 1989, havia sido recentemente divulgado aos meios de comunicação social australianos pela ACET (Coligação Australiana Para Timor-Leste), mas na altura não mereceu nenhuma cobertura. Michael Wagner, porta-voz da ACET em Camberra declarou à agência Lusa que *"estava satisfeito por finalmente o teor da carta de monsenhor Belo ser do conhecimento do povo australiano, que continua de uma forma geral a ignorar a guerrilha existente a apenas 400 km a norte de Darwin"*.

59. 13 FEVEREIRO 1990 SMH (SYDNEY MORNING HERALD)

60. FINALIZADO O ACORDO DO TIMOR GAP289

SIDNEY, 15 FEVEREIRO 1990 LUSA) Terminou hoje terça-feira a discussão das últimas alterações legais necessárias para a implementação do acordo do Timor Gap entre a Austrália e a Indonésia com apenas 8 votos contra (6 democratas e dois independentes).

Aquilo a que os portugueses obstinadamente chamavam a ratificação do tratado do Timor Gap está completa legalmente na Austrália.

Será que é desta vez que as autoridades de Lisboa finalmente se decidem a fazer levar o caso às instâncias do Tribunal Internacional da Haia? Dentre os oito opositores à passagem das alterações legais necessária saliente-se a intervenção do senador [democrata] Macklin da Queenslândia:

"Opomo-nos totalmente a este pedaço de legislação baseados em 25 anos de história e nos mais de 200 mil mortos resultantes da ocupação Indonésia. Para os democratas australianos este tratado é ilegal e viola o artigo 2º parágrafo 4 da carta das Nações Unidas que cita peremptoriamente que as nações se devem abster de conquistas territoriais e de exercer direitos sobre os territórios dessa forma adquiridos. O tratado viola ainda a decisão da assembleia-geral da ONU número 26225 de 24 Out.º 70."

"Estamos fartos de ouvir falar da crise dos países do Báltico e da tomada abusiva de poder dos soviéticos depois de 50 anos de dominação mas quando se trata de 15 anos de ocupação da vizinha Timor-Leste pela Indonésia diferentes critérios se aplicam... É como a história das trinta moedas de Prata de Judas e aqui nos ficamos debatendo a lírica do problema dos direitos humanos com medidas de apoio divergente conforme os países.

Relembro que países 3 vezes mais pequenos e economicamente inviáveis como Kiribati, Vanuatu e Nauru se tornaram independentes mas como a

Austrália tinha interesse no petróleo de Timor este não se pode tornar independente."

61. ELEIÇÕES GERAIS AUSTRALIANAS (3)290

Sidney, 16 Fev.^o 90, Lusa) "*As eleições gerais antecipadas na Austrália vão permitir que a ratificação do tratado de Timor Gap – que já não estava agendado para a sessão parlamentar de 26 de Fevereiro a 23 de Março – fique adiada*", declarou à Lusa o vice-presidente do parlamento, Tony Lamb, que é o líder do grupo parlamentar internacional para Timor-Leste.

"Estas eleições, vão atrasar a questão do Timor Gap" acrescentou Tony Lamb, salientando que "Portugal se mantinha intransigentemente legalista à espera da ratificação do acordo para tomar uma decisão sobre se iria ou não remeter o caso para o Tribunal Internacional da Haia".

O jornal "The Age" de Melbourne apenas há dois dias noticiava a recente intervenção pública de monsenhor Manuel Martins, bispo de Setúbal em favor de uma intervenção do secretário-geral da ONU, Javier Perez de Cuellar tal como solicitado em carta de Junho passado pelo bispo residente de Timor. Aquele jornal afirmava através de Lindsay Murdoch, que "*Portugal estava a perder tempo precioso sem tomar uma acção decisiva na questão de Timor-Leste*".

Líderes da Fretilin na Austrália, tais como Lola Reis e Alfredo Ferreira pensam que "para além de algumas

manobras da UDT e do ex-líder José Ramos-Horta, existe uma atitude concertada do governo de Cavaco e Silva para isolar a Fretilin"

Aqueles dirigentes acrescentaram hoje à Lusa que "Portugal devia actuar rapidamente em relação ao tratado do Timor Gap e de dar a possibilidade aos timorenses de se autodeterminarem" e que "a inacção demonstrada desde Dezembro passado não favorecia os interesses do povo maubere". O embaixador de Portugal em Camberra, José Luís Gomes, declarava há dias à Lusa que "estava convencido de que Portugal iria agir na altura mais apropriada politicamente em relação ao caso do acordo do Timor Gap".

62. 16 FEVEREIRO 1990 RDP

63. 16 FEVEREIRO 1990 O COMÉRCIO DO PORTO

64. 17 FEVEREIRO 1990 O COMÉRCIO DO PORTO

65. DESPACHO LUSA 33/90 17 FEVEREIRO 1990:

66. 18 FEVEREIRO 1990: O COMÉRCIO DO PORTO

67. SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE TIMOR-LESTE (1)291

Melbourne, 24 Fev.^o 90, Lusa) teve lugar no sábado dia 24 em Melbourne na sede da associação australiana de Timor-Leste (AETA), um seminário internacional no qual tomaram parte vários representantes de grupos

australianos de defesa dos direitos humanos, o embaixador de Portugal em Camberra, Dr. José Luís Gomes, representantes dos parlamentares australianos a favor de Timor e outras personalidades além de mais de uma centena e meia de convidados e timorenses.

Da agenda da sessão, [à qual a Lusa teve acesso juntamente com a cadeia nacional de Rádio ABC], que decorreu durante cerca de dez horas constava a apresentação pelo embaixador de Portugal da política relativa a Timor-Leste face ao recente tratado do Timor Gap, a reorganização da resistência no interior de Timor, o papel da igreja de Timor, os efeitos da abertura de Timor ao mundo, o recente plano de paz de Kay Rala Xanana Gusmão, líder militar da resistência em Timor, o tratado de Timor Gap, a posição dos parlamentares australianos em relação a Timor e a possibilidade do estabelecimento de um secretariado internacional para Timor-Leste.

O primeiro orador foi o embaixador de Portugal que declarou que "Portugal se mantinha firme desde 1982 no apoio à causa do povo de Timor-Leste, havendo no entanto que salientar que tem havido mudanças quer no ênfase quer na prioridade da questão de Timor-Leste". Salientando a importância do problema dos direitos humanos José Luís Gomes adiantou que tinha "havido melhoras nos problemas da reunificação familiar, com mais timorenses autorizados a juntarem-se aos seus familiares no exterior, e melhor possibilidade de acesso de entidades internacionais ao território".

Referindo-se à possível visita de parlamentares portugueses ao território, o embaixador de Portugal

acrescentou que Portugal queria manter um diálogo com os refugiados que de Timor continuam a chegar para se "*aperceber da situação que ali se vive*", e que "*embora o objectivo da política portuguesa seja o da autodeterminação dos timorenses, têm existido problemas de ordem logística nas conversações com os indonésios*".

Reiterando que a posição de Portugal em relação ao tratado indonésio-australiano do Timor Gap se "regia pela possibilidade de recurso aos fóruns internacionais, tais como o Tribunal Internacional de Haia, a posição de Portugal regia-se pelo máximo de eficácia face ao tipo e à responsabilidade da acção a tomar perante a assinatura do acordo".

Depois deste período inicial de debate seguiu-se um período de perguntas e respostas nos quais se debateu a possibilidade de Portugal tentar invalidar o acordo, o embaixador afirmou ainda que a posição de Portugal se regia pelo "*pragmatismo realístico tentando passo a passo obter algo em troca das nossas posições*", utilizando depois a alegoria da "*sopa de pedra*" para a qual todos eram convidados a contribuir algo, dado que Portugal por si mesmo não tinha os meios para resolver o problema sozinho.

68. SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE TIMOR-LESTE (2) **292**

Melbourne, 24 Fev.^o 90, Lusa) teve lugar no sábado dia 24 em Melbourne na sede da associação australiana de Timor-Leste (AETA), um seminário internacional no qual

tomaram parte vários representantes de grupos australianos de defesa dos direitos humanos, o embaixador de Portugal em Camberra, Dr. José Luís Gomes, representantes dos parlamentares australianos a favor de Timor e outras personalidades além de mais de uma centena e meia de convidados e timorenses.

Durante uma barragem de perguntas e respostas o embaixador português teve a oportunidade de esclarecer que "não competia ao governo de Lisboa reconhecer a Convergência Nacionalista, dado isso ser um problema interno dos timorenses", mostrando-se "esperançado que os recentes acontecimentos no leste pudessem afectar idêntica alteração na Indonésia" embora concedendo que "se o caso fosse levado para o Tribunal Internacional de Justiça "havia riscos envolvidos" se bem que muitos considerassem legalmente forte a posição de Portugal."

Nas longas horas de debate que se seguiram, José Ramos-Horta tentou convencer a audiência da validade do seu projecto de criação de um secretariado internacional para Timor-Leste apartidário e suprapartidário, declarando ter o apoio dos jovens que "*estavam fartos das lutas entre os dois partidos*".

Salientando que "não queria formar um terceiro partido e que pretendia a sobrevivência da Convergência Nacionalista, pois que "se ela acabar acaba a luta do povo de Timor", Horta declarou ter "*o apoio total de Xanana Gusmão*", chefe das FALINTIL que em 5 de Outubro passado alegadamente deixaram de fazer parte da Fretilin e de ter também "*o apoio de centenas de estudantes na Austrália, em Bali (Denpasar) e Jacarta, mostrando mais de 140 assinaturas de apoio ao seu projecto.*"

Salientando que nos últimos meses foram "os estudantes quem legitimou a resistência em Timor e na Austrália", Horta porém mostrou-se disposto a apoiar, se lhe fosse solicitado "qualquer iniciativa da Fretilin para apoiar a questão de Timor-Leste", adiantando que partia na terça-feira dia 27 de Fev.º para Lisboa, Genebra e Nova Iorque para ajudar a defender a causa de Timor.

Horta disse ainda que "o Secretariado que agora formalmente propunha aos timorenses e aos grupos australianos de solidariedade, deveria conter um conselho de pessoas eminentes (agrupando membros da UDT, clero e Fretilin), ao qual estariam adstritos um grupo de planeamento estratégico, e a criação de escritórios nacionais em Camberra, Tóquio, Bruxelas e Paris."

Depois seguiram-se esclarecimentos e depoimentos de especialistas que recentemente se deslocaram a Timor-Leste, com intervenções de Chris Dureau da Igreja Unitária, de Pat Walsh da ACFOA (o comité de auxílio económico australiano ao exterior), e de Sasha Stepan sobre os legalismos do acordo do Timor Gap.

Nesta sessão foi aventada a hipótese de as explorações e concessões dos portugueses à Austrália entre 1971 e 1973 terem dado a conhecer o potencial de jazidas de petróleo, daí a Austrália nunca ter apoiado a independência de Timor e ter concluído um acordo com a Indonésia para a sua exploração. Clare Woods em representação do grupo parlamentar australiano para Timor-Leste esclareceu os presentes sobre a campanha a efectuar logo após as eleições gerais australianas de 24 de Março próximo para a causa de Timor.

No debate final sobre as propostas apresentadas foi decidido aguardar a opinião da UDT sobre o plano de paz de Xanana e sobre o Secretariado. José Ramos-Horta acabou por conceder que havia "*cometido um erro ao não consultar com as bases antes de apresentar a sua proposta*", o que parece ter apaziguado os membros da Fretilin, mas não os elementos jovens da comunidade de Melbourne, que continuaram exigindo maior participação na luta pela autodeterminação dos timorenses. Melbourne.

69. 21 FEV.^o 90 COMUNICADO FINAL DA 1^a REUNIÃO DO CONSELHO CENTRAL DA DELEGAÇÃO EXTERNA DA FRETILIN EM LISBOA 29/1 A 7/2/90

70. 23 FEVEREIRO 1990 a título de mera curiosidade colecionadora nas próximas páginas transcrevo as notas que deram origem aos artigos anteriores

71. 24 FEVEREIRO 1990 AETA – AUSTRALIAN EAST TIMOR CONSULTATION ON EAST TIMOR, MELBOURNE

72. 26 FEVEREIRO 1990 DESPACHO LUSA DECLARAÇÕES DO EMBAIXADOR INDONÉSIO LOPES DA CRUZ NA ONU

73. 28 FEVEREIRO 1990 RDP

74. AS COMUNIDADES PORTUGUESAS DE MELBOURNE 293

MELBOURNE, FEVEREIRO 90, REVISTA SÁBADO) Nem todos os portugueses radicados na Austrália são milionários ao contrário do que muitos pensam.

A "Sábado" deslocou-se a Melbourne no fim-de-semana passado e viu como viviam as comunidades portuguesas e timorenses na capital estadual. Existem cerca de dez mil portugueses no estado dos quais cerca de três mil de origem timorense.

Os portugueses, segundo apuramos dispõem de dez entidades associativas portuguesas e quatro timorenses, quatro ranchos portugueses e um timorense. A comunidade em 1960 dispunha apenas de 20 portugueses e tem vindo a crescer desde então, com especial ênfase nos últimos cinco anos para especialistas em computadores e pessoas com cursos universitários.

O cônsul de Melbourne Carlos Lemos declarou à "Sábado" que existe de tudo "desde os que se encontram financeiramente em óptimas circunstâncias aos que vivem no limiar da pobreza."

Visitamos alguns no fim-de-semana passado, tendo deparado com situações de grande variação. Por exemplo um professor universitário australiano vivia numa casa independente com cinco quartos, ar condicionado e todos os requisitos modernos, representando um dos grupos de apoio a Timor-Leste. Outra pessoa vivia num bloco de habitação económica estadual, com onze andares de altura, 20 habitações em cada andar.

O lixo, os graffiti, a falta de privacidade, o ambiente depravado de milhares de pessoas viverem no mesmo

edifício era chocante e de per si explicava a alta taxa de crime e vandalismo existentes nestas construções onde se juntam pessoas de todas as nacionalidades e estratos sociais. A casa rudimentarmente mobilada, se bem que limpa, era um exemplo das condições de subsumindo a que as pessoas se têm de sujeitar para viverem no paraíso da Austrália.

Se bem que apenas uma minoria dos portugueses viva em ambientes degradados como este, a maioria dos timorenses não vive muito melhor.

Por último visitamos uma casa de jovens estudantes, bem decorada à moda portuguesa, com o mínimo de confortos típicos da habitação portuguesa.

Quer os portugueses, quer os timorenses têm as profissões mais diversas desde as laborais ...às de escritório e profissionais mais elevadas.

Notam-se porém grandes disparidades sociais e económicas, talvez maiores do que nos outros estados, uma coisa porém é constante, a divergência de atitudes face aos diversos grupos de portugueses e timorenses.

A existência de tantas associações, ranchos folclóricos e clubes é igual à de outros estados e define a característica bairrista dos portugueses, incapazes de se concentrarem em torno de projectos unitários.

No último fim-de-semana na inauguração do padrão dos descobrimentos da Austrália pelos portugueses em Warrnambool, os autocarros (15) eram o espelho da

diversidade portuguesa, estando distribuídos por subúrbios onde a concentração de portugueses é maior.

A existência de vários restaurantes portugueses, pelo menos cinco descobriu a nossa reportagem (o que é mais do que existe em Sidney) demonstra por outro lado a vitalidade dos portugueses em manterem-se aguerridos às suas tradições, mas ao mesmo tempo divididos.

De tudo o que vimos o que permanece para sempre na retina é a baixa qualidade de vida da maior parte dos timorenses, que vivem em condições deploráveis, se bem que haja outros que mantêm os seus níveis socioeconómicos ao longo dos padrões que detinham em Timor-Leste.

Mesmo em Melbourne, cidade nova de população portuguesa, as divisões mantêm-se e os divisionismos permanecem, impedindo que a comunidade se una em torno de projectos globais, não obstante os esforços do actual cônsul português Carlos Pereira de Lemos.

O cônsul que tem um restaurante no mesmo prédio onde o consulado funciona, é o primeiro a admitir que a comunidade necessita de se reorganizar em torno de objectivos solidários, e se mais não fosse o seu restaurante "Lisboa", se bem que não sendo dos mais baratos na vizinhança, consegue retratar uma bela imagem da culinária portuguesa, com um décor ambiental apropriado e o qual merece o apoio de australianos de vários pontos de Melbourne.

75. AUSTRÁLIA PROTESTA CONTRA EXECUÇÕES NA INDONÉSIA 294

Sidney, 27 Fev.^o 90, Lusa) – uma semana depois de terem sido executados quatro ex-guardas presidenciais indonésios, o ministro dos estrangeiros australianos decidiu-se finalmente a enviar uma nota formal de protesto ao governo de Jacarta.

O embaixador australiano em Jacarta, Phillip Flood, apresentou a sua nota de protesto aos ministros indonésios deplorando as execuções dos quatro soldados que se encontrava detidos há mais de vinte anos.

Outros países protestaram contra as mesmas, tendo o governo holandês, ex-potência colonial da Indonésia, suspenso a ajuda económica no valor de 17 milhões de dólares (2040 milhões de Escudos), e adiado um empréstimo de 130 milhões de dólares (15 600 milhões de Escudos).

O ministro dos estrangeiros, senador Gareth Evans, deverá protestar formalmente junto do seu homólogo Ali Alatas no fim da semana quando os dois se encontrarem para debater o plano de paz australiano para o Camboja.

Alguns observadores políticos em Jacarta adiantavam hoje à rádio nacional australiana que "as execuções podem ter sido levadas a cabo sob medo de que as recentes ondas democráticas na Europa de leste possam fazer reviver um sentimento de revivalismo de democracia socialista na Indonésia".

O ministro das finanças indonésio, J. B. Sumarlin entretanto declarou aos órgãos de comunicação social que *"as execuções eram um assunto interno do país"*.

Um porta-voz do senador Evans declarou hoje que o protesto australiano se baseava "na posição oficial australiana sobre os abusos aos direitos humanos e a oposição à pena capital".

Um porta-voz da comunidade timorense em Darwin, Alfredo Ferreira declarou que a "posição australiana era hipócrita dado nunca se terem manifestado protestos semelhantes sobre as violações de direitos humanos em Timor".

76. TIMORENSES NA AUSTRÁLIA: O DESAFIO DO FUTURO²⁹⁵

Sidney, Austrália, 4 Março 90, domingo, Lusa) – as comunidades timorenses na Austrália estão apreensivas quanto ao seu futuro, segundo declararam hoje à Lusa, fontes timorenses em Darwin, que pediram para ser mantido o anonimato.

A falta de decisão da Convergência Nacionalista face à proposta do plano de paz de Xanana Gusmão, líder das FALINTIL em Timor, a recentemente anunciada criação do Secretariado Internacional de Timor feita por Ramos-Horta, na sequência da sua demissão da Fretilin e a cada vez maior vocalidade dos jovens timorenses radicados na Austrália, que se recusam a fazer membros quer da

Fretilin, quer da UDT, levaram a que vários grupos de timorenses debatessem o seu futuro.

A falta de instruções dimanadas da Convergência Nacionalista em Lisboa, e manobras diplomáticas de Ramos-Horta junto do governo português preocupam os timorenses, segundo disseram as mesmas fontes a agência.

Por seu turno, Teresa Yap e Pam Chi Kong (Francisco) da Fretilin, em Melbourne, declararam à Lusa que "esperam poder realizar sessões conjuntas da Convergência Nacionalista e a elas atrair os jovens independentes que se não querem filiar em nenhum dos partidos."

Soube-se por exemplo, que a projectada visita de Abílio Araújo à Austrália foi adiada e esse facto segundo Lola Reis, em Sidney, disse à Lusa, "*serve para aumentar a especulação sobre o que se está a passar*".

A agência apurou também junto do Dr. Michael Wagner, da ACET (coligação australiana para Timor-Leste) que está já oficialmente constituída a "Fundação Timor" entidade apartidária que se destina a canalizar e centralizar todos os esforços das várias organizações de apoio a Timor-Leste.

Esta Fundação prevê a criação de um Secretariado em moldes semelhantes aos propostos por Horta, e a criação de uma agência noticiosa para Timor e Pacífico Sul, segundo adiantou Wagner, que disse estar a preparar o anúncio público da Fundação Timor-Leste para os próximos dias.

77. 4 MARÇO 1990 RDP

77. 03 MARÇO 1990 ENVIADO E PUBLICADO NA
REVISTA SÁBADO

78. 5 MARÇO 1990 O PORTUGUÊS, SIDNEY

79. CONVERSACÕES MILITARES DA AUSTRÁLIA COM
A INDONÉSIA E JAPÃO²⁹⁶.

Sidney, 06 Março 90, Público) – a rádio nacional australiana na sua emissão de onda curta acaba de noticiar (manhã Lisboa) que cinco (5) chefes militares australianos, dentre os quais o vice-chefe das forças armadas australianas Alan Beaumont, concluíram com sucesso visitas oficiais à Indonésia e ao Japão onde discutiram problemas relacionados com a defesa do Pacífico. A notícia veiculada por aquela rádio nacional dizia ainda que a *"principal razão da visita era a de estabelecer um programa de exercícios militares comuns entre as duas nações."*

O chefe do Estado-maior General das Forças Armadas Australianas, general Peter Gration declarou ainda à Rádio Austrália que "seriam aumentados em breve os exercícios conjuntos com voos da real força aérea australiana na Indonésia e da marinha real australiana, e os quais se destinavam a mostrar o nível de cooperação entre as duas nações".

Durante os exercícios será ainda discutido "o problema estratégico da defesa da Austrália e meios de melhorar de

forma prática a relação bilateral", segundo a Rádio Austrália. A notícia citava que isto se devia "à melhoria das relações bilaterais proporcionada pela recente celebração do tratado de exploração conjunta do mar de Timor, entre a Indonésia e a Austrália e pela decisão de o governo australiano autorizar o aumento do número de estudantes militares indonésios de frequentarem as escolas militares neste país".

Por outro lado foi também anunciado que a Indonésia autorizara aviões militares australianos a reabastecerem-se em aeroportos indonésios, o que aumentará bastante a capacidade de voo dos novos aviões de combate FA-18. Entretanto as conversações ocorridas em Tóquio na passada semana entre o número dois da defesa australiana, contra-almirante Alan Beaumont, o chefe da estratégia militar australiana Paul Dibb, e os seus homólogos japoneses, marcam o início de uma era.

Foi a primeira vez desde a 2ª Grande Guerra que houve contactos a nível de defesa ou militares entre a Austrália e o Japão. A necessidade de estabelecer uma relação entre os dois países foi provocada pelas rápidas alterações estratégicas na região, com a pressão norte-americana para que aqueles países contribuam mais para a defesa do Pacífico. Embora o Japão gaste apenas 1% do seu PNB no seu orçamento militar, isto representa a terceira maior despesa mundial em defesa. Recentemente, o presidente Bush sob pressão do Congresso, para reduzir a sua presença militar na área e sob a ameaça de perder as suas bases nas Filipinas, teria exercido pressões para que não se criasse um vácuo de poder na região.

Na próxima semana, o Chefe do Estado-maior da Armada, contra-almirante Michael Hudson visitará Tóquio, para estabelecer possíveis meios de troca de segredos militares, de espionagem marítima e de cooperação no campo da pesquisa científica militar. A Austrália, a Indonésia e o Japão por outro lado, estão preocupados com a rápida expansão da marinha de guerra da União Indiana que tem já capacidade de operar no Pacífico.

80. 6 MARÇO 1990 CORREIO PORTUGUÊS, SIDNEY

81. FILME SOBRE OS TIMORENSES NA AUSTRÁLIA²⁹⁷

Sidney, Austrália, 9 Março 90, Lusa) o realizador do filme "Enterrados Vivos" sobre Timor-Leste, Gil Scrine comunicou hoje à Lusa que estava em negociações com a cadeia nacional multicultural de televisão SBS para a produção de novo filme sobre Timor. Scrine disse à agência que a SBS tem todo o interesse no projecto e que estaria inclusive disposta a considerar a hipótese de fazer uma co-produção com a RTP.

"A ideia do projecto" acrescentou Gil Scrine "é mostrar como os timorenses de várias idades se adaptaram ou não a Austrália, quais são as suas preocupações, vantagens e desvantagens culturais e linguísticas de se terem radicado aqui".

A TV australiana estaria também interessada que o filme documentário fosse feito em paralelo com idêntico projecto em Portugal, o qual poderia ser produzido pela RTP e depois mostrado em conjunto nos dois países.

297 LUSA DESPACHO #61/90 27 FEV.º 90
855

O anterior filme de Gil Scrine que focava a hipocrisia da diplomacia internacional e a acção de Ramos-Horta na ONU, foi vendido a dezenas de países da Europa ao Japão, mas a RTP não se mostrou interessada na sua aquisição.

82. 9 MARÇO 1990 RDP

83. 9 MARÇO 1990 RDP

84. 11 MARÇO 1990 SMH

85. FESTIVAL CARNAVALESCO EM MELBOURNE
CONTA COM PORTUGUESES²⁹⁸

Sidney, 12 Março 1990, Lusa) – hoje teve lugar em Melbourne o 56º festival carnavalesco de Moomba no qual tomaram parte em cortejo mais de 90 carros alegóricos. Embora os portugueses não tenham tido um carro, segundo a Lusa apurou, os timorenses dispunham de um no qual se viam guerreiros vestidos à moda tradicional de Timor-Leste. Os portugueses que marcharam a pé, pelas ruas de Melbourne, por entre uma multidão avaliada em mais de 80 mil pessoas dispunham de cartazes dedicados ao tema "Correr é divertido (Run for Fun)" ostentando cartazes de Rosa Mota e Carlos Lopes.

Segundo o cônsul português em Melbourne, Carlos Lemos declarou há momentos à Lusa a representação portuguesa tem estado presente em anteriores edições do certame, que todos os anos coroa uma personalidade

como rei honorário de Moomba (Melbourne). No cortejo para além de vários grupos étnicos desfilaram personagens evocando a actual campanha para as eleições gerais em 24 de Março próximo e os habituais cortejos alegóricos de temas vários, incluindo gigantones.

86. CRIADA FUNDAÇÃO DE APOIO A TIMOR-LESTE²⁹⁹

Sidney, Austrália, 13 Março 1990, Lusa) foi hoje oficialmente anunciada em Camberra a formação da "Fundação para Timor-Leste", entidade não lucrativa com o objectivo de *"criar maior consciência sobre Timor, sua geografia, história, cultura e política"*.

Segundo declarou à Lusa o Dr. Michael Wagner fazem parte do comité executivo da Fundação o Dr. Ken Fry, historiador da universidade nacional australiana e ex-parlamentar, Robert Wesley-Smith, cientista do Território Norte australiano, Paul Matters secretário do comité sindical da Costa Sul, e o próprio Wagner, leitor de ciências de computação na universidade de Nova Gales do Sul, na academia militar australiana.

Michael Wagner acrescentou ainda à agência que outros objectivos da Fundação é o de "contribuir para aliviar a fome, pobreza e o sofrimento em Timor-Leste, o apoio aos refugiados timorenses e a interligação com outras entidades ligadas a Timor-Leste". "A Fundação propõe-se criar um gabinete de informação, chefiado por uma entidade representativa dos timorenses para compilar e divulgar os problemas vividos em Timor-Leste e pelos timorenses, além de pretender apoiar patrocinar a

presença de timorenses em fóruns internacionais" adiantou Wagner.

A agência teve ainda acesso a uma carta aberta ao primeiro-ministro australiano intitulada "*Irá a Austrália beneficiar do holocausto timorense?*".

Naquele documento a ser assinado por centenas de personalidades manifesta a Fundação de Timor-Leste "o seu repúdio pelo recente tratado do Timor Gap, por o mesmo ser uma flagrante violação das leis internacionais, e representar uma divisão de recursos roubados aos timorenses pela Indonésia". A carta será publicada nos principais órgãos de comunicação social depois das eleições gerais australianas de 24 de Março próximo.

87. 13 MARÇO 1990 RDP

88. PROTESTO CONTRA TIMOR GAP³⁰⁰

Sidney, Austrália, 13 Março 90, Lusa) segundo o Dr. Michael Wagner acaba de comunicar à Lusa, teve lugar neste fim-de-semana uma manifestação de protesto em Londres com o apoio da organização Tapol à qual estiveram presentes líderes da Convergência Nacionalista timorense e outros membros dos grupos internacionais de apoio a Timor-Leste.

A manifestação que teve lugar no Alto Comissariado australiano em Londres, com a presença de Paulo Pires da UDT e de Abílio Araújo da Fretilin, culminou com a apresentação duma moção de protesto ao alto-comissário,

300 LUSA DESPACHO #65/90 13 MARÇO 1990

tendo sido recebidos pelo Senhor Zola do Alto Comissariado australiano.

As propostas apresentadas criticavam a assinatura do tratado do Timor Gap reclamando que a exploração das riquezas do mar de Timor haviam sido roubadas aos timorenses. Na reunião apelou-se ainda para Portugal tomar uma posição firme como entidade administrante e levar o caso avante no Tribunal Internacional de Justiça de Haia.

Os manifestantes salientaram que a ONU recusa a incorporação – seu reconhecimento – de Timor na Indonésia. Aos manifestantes foi declarado que embora a incorporação de Timor-Leste seja aceite ilegalmente pela Austrália, esta havia decidido aceitar a realidade dos factos e dessa forma pressionar a Indonésia sobre os direitos humanos.

Abílio Araújo teria dito que “a destruição do povo de Timor, e a continuada resistência do povo demonstrava a atitude dos governos australianos desde 1975 de recusarem a possibilidade de Timor-Leste ser independente mas ao mesmo tempo aproveitarem para explorarem os seus recursos naturais em conluio com a Indonésia.”

Araújo pediu ainda aos dirigentes políticos australianos que continuassem a verificar a situação dos direitos humanos em Timor tal como propugnado pela Amnistia Internacional. Carmel Budiardjo, da Tapol, apelou ainda para a abertura de Timor à Amnistia Internacional apelando ao governo de Camberra para exercer pressão

para a verificação das violações aos direitos humanos em Timor.

89. 15 MARÇO 1990 COMÉRCIO DO PORTO

89. 11 MARÇO 1990 SMH

VER 31 MAIO 1990 E PROBLEMAS RELACIONADOS COM ESTA NOTÍCIA

90. MINISTRO INDONÉSIO AMEAÇA LIQUIDAR AS GUERRILHAS EM TIMOR 301

14 Março 90 Sidney, Austrália, Lusa) de acordo com o jornal "Herald" de Darwin, os militares indonésios ameaçaram aniquilar totalmente todas as forças de resistência timorenses, na sequência da vaga de protestos estudantis em Timor nos últimos quatro meses. O general Benny Murdani declarou no fim do mês passado, segundo aquele jornal, às forças timorenses em Díli que *"não admitirá mais violações da lei e ordem no território"*. De acordo com as mesmas fontes, Murdani terá dito que *"se alguém quiser manifestar-se a favor da independência as nossas (Indonésias) forças armadas destruirão tal tentativa."*

A gravação secreta das declarações feitas no mês de Fevereiro apenas chegou à Austrália no passado fim-de-semana, e na mesma aquele general, actual ministro da defesa acusa membros do governo local de *"serem traidores que activamente apoiar a luta de guerrilhas no interior de Timor-Leste"*.

Murdani, de acordo com as mesmas fontes declarara ainda que *“Timor-Leste nunca será independente, mas será sempre parte da nação Indonésia”* acrescentando que sabia quais eram os membros do governo local a favor da Fretilin e quais não eram.

“A assistência”, segundo o jornal Herald “foi incitada a esquecer o passado e só porque alguém da família morreu não era razão para se manter uma vingança contra os indonésios, e a Fretilin apenas tem 400 homens em armas e o apoio a Xanana Gusmão é reduzido”.

A agência Lusa contactou o representante da Fretilin na Austrália (Darwin), Alfredo Borges Ferreira que declarou que "os jovens timorenses estavam dispostos a continuar a luta, na sequência da morte de mais de 30 soldados indonésios no princípio de Março nos distritos de Viqueque, Lospalos, Baucau, Same e Manatuto.”

Ferreira disse à agência que "os estudantes timorenses pressentiam o perigo das declarações de Murdani, mas que estavam dispostos a continuar com a luta". Segundo a mesma fonte “as forças pró-timorenses apoiavam a posição de monsenhor Carlos Belo que se recusa "a ser subjugado pelos interesses indonésios”.

Amanhã (quinta-feira) uma representação do governo australiano, liderada pelo embaixador Phillip Flood avistar-se-á com elementos do ministério dos estrangeiros indonésio para protestar contra a anunciada execução de mais seis líderes do golpe de estado de 1966, segundo declarações do líder do instituto indonésio dos direitos humanos, Hadji (Johannes) Princen.

91. 18 MARÇO 1990 PÚBLICO

92. REUNIÃO TIMORENSE EM SIDNEY³⁰²

Sidney, 19 Março 90, Público) Teve lugar no sábado, dia 17 uma reunião em Sidney convocada pela UDT, e à qual estiveram presentes cerca de 30 pessoas, incluindo os membros do comité estadual da Fretilin. A reunião foi convocada por João Carrascalão vice-presidente, e Fausto Soares membro do comité central da UDT.

Segundo João Carrascalão declarou ao "Público" foi "oficialmente apresentado o comité estadual de Nova Gales do Sul, constituído por sete membros da UDT, além de se terem debatido as actividades da UDT, e a sua posição relativamente ao problema de Timor na arena nacional e internacional". Deste comité fazem também parte Célia Mártires, Milena Pires, Augusta Simões, António Viegas, Vítor Viegas, todos eles bastante jovens e com estudos feitos na Austrália.

Relativamente à proposta veiculada nos últimos meses por José Ramos-Horta de criar um Secretariado internacional, Carrascalão declarou: "*a posição da UDT é a de reconhecer que se trata de uma proposta da Fretilin e como tal não apoia o Secretariado de Horta*". Outros pontos focados foram "*a existência de cerca de 2600 membros da UDT em Timor, e a nova estrutura da UDT que prevê a existência de comités activos em cada estado e territórios australianos com vista ao reforço da*

302 PÚBLICO DESPACHO 01/90-19 MAR 90 PÚBLICO DESPACHO ATT. ADELINO GOMES

Convergência." Carrascalão reiterou ao "Público" que continua "a apoiar a ida de uma delegação parlamentar portuguesa a Timor-Leste, e que a Convergência sente a necessidade de tomar parte em conversações multipartidárias para o encontro de uma solução para o problema de Timor".

A questão da visita parlamentar portuguesa e de uma maior participação dos timorenses na procura de uma solução, conjuntamente com o governo de Lisboa, foram acesamente discutidas no dia 24 de Fevereiro em Melbourne num encontro com mais de uma centena de timorenses e representantes de várias organizações australianas de apoio a Timor. Nessa reunião, a que o correspondente do "Público" esteve presente, os jovens timorenses – na sua maioria crescidos e educados na Austrália manifestaram verbalmente ao embaixador português, Dr. José Luís Gomes, que esteve presente como convidado dos organizadores, a sua insatisfação pela acção do governo de Lisboa. O problema da visita dos parlamentares portugueses tem sido veementemente reivindicado pelos líderes políticos da resistência na Austrália, em especial os representantes da Fretilin, Alfredo Ferreira em Darwin, Lola Reis em Sidney e Teresa Yap em Melbourne.

A comunidade timorense em si segue os seus líderes políticos, havendo porém um cada vez mais vocal grupo, constituído por jovens, crescidos na Austrália e os quais não seguem a linha do respeito aos líderes tradicionais. Este facto é visível na formação do comité estadual da UDT onde todos os membros têm menos de 35 anos e a maioria tem pouco mais de vinte anos de idade.

Em Melbourne, onde o número de estudantes a nível secundário e terciário é grande, a Fretilin está sob enorme pressão para os aceitar como dialogantes sem exigir que sejam membros do partido para de tal forma ter uma maior penetração. Alguns australianos das organizações de apoio a Timor-Leste mostram-se já preocupados com esta nova geração que exige ser ouvida e não representa a Convergência democrática timorense, tradicionais porta-vozes dos timorenses.

Por outro lado, segundo todos os relatórios que de Timor chegam até à Austrália, constata-se que é essa mesma geração que ali no território ocupado pela Indonésia, se mostra mais activa e vocal. Notícias de fontes geralmente fidedignas, citando informações provenientes de estudantes timorenses em Bali, afirmam que o bispo residente estaria a adoptar um perfil menos visível face às enormes pressões de Jacarta. Desde que ele concedeu a sua última entrevista ao correspondente do Público em início de Fevereiro, apenas há conhecimento de três entrevistas, todas dadas a jornalistas australianos que estiveram em Díli e surgiram dúvidas sobre uma entrevista que teria dado à Rádio "TSF" há pouco mais de um mês... Todas as tentativas de o contactar nas últimas semanas têm resultado em vão e alguns membros da resistência têm mesmo chegado a aconselhar que durante uns tempos se não tente entrar em contacto com ele, até que a pressão sobre ele se reduza. As tentativas de o contactar em Díli feitas em Tétum, Inglês e Bahasa Indonésia têm resultado infrutíferas, quer pelos canais directos quer com a ajuda de operadores internacionais, deparando-se sempre ou com um dos padres goeses (Brito e Monteiro) que a resistência identifica como colaboradores dos indonésios ou por uma pessoa

Indonésia que embora perceba um pouco de Inglês nada fala quer de tétum quer de português.

93. 20 MARÇO 1990 PÚBLICO

94. 20 MARÇO 1990 CORREIO PORTUGUÊS, SIDNEY

95. AS NOTÍCIAS DA LUSA VISTAS POR OUTROS: 20 MARÇO 1990 CORREIO PORTUGUÊS, SIDNEY E 21 MARÇO 1990 PORTUGUÊS NA AUSTRÁLIA, SIDNEY

95. 20 MARÇO 1990 CORREIO PORTUGUÊS

96. A JOVEM FACE DO DESESPERO EM TIMOR³⁰³

Sidney, 21 Março 90, Sábado) Recentemente o jornalista australiano Mark Baker do "Sunday Herald" de Melbourne visitou Timor-Leste. Trata-se do primeiro jornalista estrangeiro a visitar o território depois dos sangrentos incidentes de 19 de Janeiro passado, em que três estudantes foram mortos ao manifestarem-se diante do embaixador norte-americano John Monjo.

Um jovem de 18 anos, aproximou-se do jornalista australiano em Díli e disse-lhe "não me interessa o que eles vão fazer, a minha vida já não é importante, o que é importante é a liberdade do nosso povo e é por isso que temos de lutar".

Embora possa soar a bravado de um jovem timorense as cicatrizes de golpes de baioneta nas suas costas

303 SÁBADO 07/90 21 MAR 90 /EXCL. PÚBLICO DESPACHO 14/90 23 MAR 90
PÚBLICO DESPACHO

indicavam a sua determinação e davam-lhe credenciais revolucionárias. Há 14 anos, ele assistiu à execução do seu tio e do seu irmão durante a purga de timorenses que atingiu entre 100 a 200 mil timorenses feita pelos soldados indonésios. Quando em Outubro passado S.S. o Papa visitou Timor-Leste este jovem e mais umas dezenas manifestaram-se publicamente com um cartaz pró-independência.

Mais de uma centena de pessoas foi detida na sequência da manifestação que causou um clamor de protestos internacionais por provar que a Indonésia continuava a dominar o território na base da força militar e da intimidação.

Este jovem estudante e mais 27 dirigiram-se depois para a residência episcopal onde se mantiveram em busca de santuário sob a protecção do bispo Mons. Carlos Ximenes Belo. Na noite de 3 de Novembro, depois de três semanas de asilo, as forças militares e de inteligência Indonésia assaltaram a residência bispal e detiveram os jovens. O comandante da operação, coronel Brimo Prejkarsa assegurou na altura que depois de interrogados, todos os estudantes seriam libertados.

Alguns deles depois de torturas mantiveram-se na cadeia mais de 3 meses depois da sua detenção. O jovem entrevistado declara que além de choques eléctricos, torturas e golpes de baioneta nas suas costas, foi obrigado a meter-se numa banheira cheia de excrementos por mais de 24 horas, sendo alimentado com comida própria para animais e a qual estava já em vias de decomposição.

"Fui libertado em Janeiro, mas as minhas costas e o meu corpo estavam cobertos de feridas, sofria de diarreia crónica e mal podia caminhar", acrescentou.

Outros detidos descreveram a sua situação detalhando que "foram suspensos do tecto, atacados nos órgãos genitais e que as suas mãos haviam sido esmagadas sob os pés das cadeiras onde eram interrogados". A sua detenção causou posteriormente uma vaga de revoltas estudantis em Díli que progressivamente escalou nos últimos 3 meses a outras cidades do território. Por exemplo, em 4 de Novembro, no dia a seguir à prisão dos estudantes asilados na residência episcopal, mais de mil jovens marcharam nas ruas de Díli e manifestaram-se em frente ao Palácio do Governo, destruindo viaturas militares. Na ocasião mais de 40 estudantes foram detidos.

Em 15 de Novembro passado, os militares assaltaram a escola secundária de S. José, com mais de quatro camiões cheios de tropas em equipamento de combate e detiveram mais jovens. Nessa altura outros 10 estudantes asilaram-se na residência de Mons Carlos Belo. Em Janeiro 17, mais de 150 estudantes e funcionários públicos demonstraram-se nas ruas de Díli com slogans e cartazes pró-independência, em frente ao Hotel Turismo onde se encontrava o embaixador norte-americano John Monjo, sendo rapidamente subjugados pelas forças militares, as quais forçaram a sua entrada na delegação da Cruz Vermelha Internacional onde acabaram por liquidar um dos manifestantes já então gravemente ferido.

Os líderes indonésios na sequência de violentos protestos diplomáticos e internacionais pediram desculpas pela

ocorrência e permitiram que protestos cívicos ocorressem durante uns dias em Díli. Oficialmente o ministro dos estrangeiros indonésio, Ali Alatas pediu desculpas oficiais à Cruz Vermelha em Jacarta. Em Díli porém, as forças militares aumentariam a sua campanha repressiva com intimidação de alegados activistas, suas famílias e estudantes. Em 2 de Fevereiro passado o general Benny Murdani voou para Díli como ministro da defesa, e acusou os representantes timorenses do governo local de apoiarem a Fretilin, ameaçando com demissão o governador Mário Carrascalão.

Murdani anunciou saber quais eram os membros da comunidade envolvidos na protecção dos timorenses e ameaçou liquidá-los a todos. No dia seguinte milhares de tropas especiais aterraram em Díli acompanhadas de dois porta-aviões e navios de guerra e Murdani anunciou que *"liquidaria toda a forma de secessão ou de manifestação dos locais contra a Indonésia"*.

Membros do clero declararam que "apesar dos pedidos do Papa para a reconciliação, a visita parece ter servido para um despertar da consciência nacionalista, contra a repressão militar e económica do povo. A maior parte dos manifestantes nem sequer nasceu durante os anos de extermínio indonésio e isto representa um falhanço total da Indonésia por não conseguir evitar que eles se manifestem contra a repressão física, psicológica e emocional que os atingiu no passado".

Embora a Indonésia manifeste que trouxe grandes melhorias económicas para Timor-Leste incluindo um aumento de 500% sobre o rendimento per capita, o dobro do alfabetismo da população, novas estradas, escolas, e

infra-estruturas administrativas em 15 anos, do que os portugueses em 450 anos, a realidade aponta para um território dominado política, económica e socialmente pela Indonésia como nunca o foi pelos colonizadores portugueses.

As forças armadas e colonos representam neste momento mais de cem mil pessoas, quando os portugueses nunca atingiram 3 mil. O PNB de Timor-Leste continua a ser metade do PNB indonésio, metade da população é ainda iletrada e existem nos centros urbanos mais de 40 mil desempregados, com centenas mais de milhares de desempregados nas zonas não urbanas. Milhares de pessoas continuam a nível de degradação e fome semelhantes às da Etiópia e Moçambique. Projectos civis nos quais labutam centenas de timorenses, tais como a construção de estradas, pontes e vilas e aldeias modelo, servem apenas para garantir a mobilidade das tropas Indonésias e o controlo da segurança nacional Indonésia.

"Para cada soldado num projecto civil existem pelo menos quatro para o proteger" este é o slogan dos timorenses.

A economia de Timor que era desaproveitada na era portuguesa serve agora para enriquecer os militares, com a colheita do café, tornada num monopólio militar que apenas paga metade do que é pago na outra metade da ilha. Os militares controlam os supermercados, construção civil, e meios de transporte enquanto que o mercado negro para álcool, cigarros e sobressalentes são controlados por firmas indonésias ligadas a Suharto e a Singapura. Os projectos de irrigação, construção de estradas e pontes controladas pelos militares servem ainda para arrebanhar terras aos locais.

O instituto para a defesa dos direitos humanos baseado em Jacarta e liderado por Hadji (Johannes) Princen declarou recentemente que *“pelo menos 49 civis foram executados no ano passado, além de oito civis em Díli, existindo a tortura, prisão e execução exagerada de civis, sem qualquer respeito pelos costumes, língua ou tradições locais”*, se bem que as entidades oficiais anunciem regularmente que as forças de guerrilha da Fretilin não existem, o certo é que vastas campanhas militares continuam a ser montadas nos últimos 3 meses, as quais têm sido confirmadas por fontes militares e diplomáticas em Jacarta.

A incapacidade dos militares indonésios de capturarem o líder dos guerrilheiros Xanana Gusmão que continua a dominar as regiões leste e sudoeste de Timor-Leste não obstou a que pelo menos 15 indonésios fossem abatidos nos últimos 3 meses. Embora a Fretilin tenha apenas 400 homens em armas, segundo os indonésios declaram, não se compreende porque necessitam de 20 mil homens em 12 batalhões de infantaria para dominarem um número tão pequeno de rebeldes.

Por outro lado nos últimos meses sinais de uma aliança entre guerrilheiros e civis, incluindo funcionários públicos e estudantes tem demonstrado a emergência de uma guerrilha urbana não afecta à Fretilin. Ao fim de 15 anos de guerra civil as pessoas deixaram de ter medo de se manifestarem e estão decididas a aceitar riscos, e se um dia finalmente os parlamentares portugueses conseguirem deslocar-se a Timor-Leste, meios do clero e refugiados garantem que irão ver milhares de pessoas manifestando-

se a seu favor e a pedirem a intervenção dos portugueses para um referendo.

Um padre católico dizia recentemente em Díli, que “se os parlamentares vierem, pode ser que eles vejam que isto é uma causa perdida, uma pequena ilha, com pouca gente mas pode ser que vejam também que este é o destino do nosso povo, e esse não pode ser esquecido nem enterrado.”

97. 22 MARÇO 1990 RDP

98. 22 MARÇO 1990 PÚBLICO

99. ELEIÇÕES³⁰⁴

Sidney, 23 Março, Público) Em Sidney, dentro de horas as estações de voto australianas estarão abertas para aquilo que é considerado como a mais difícil e equilibrada eleição desde sempre nos 89 anos da federação. Depois de uma semana de tentativas quer através do correspondente do Público, quer através de outras fontes finalmente foi possível localizar uma pessoa, candidata ao parlamento interessada em falar de Timor-Leste. Trata-se do senador Norm Saunders, da Tasmânia, representante dos Democratas (AD) que declarou que “*se for eleito se oporá à ratificação do tratado de Timor Gap entre a Austrália e a Indonésia*”.

O partido trabalhista – no poder – e a coligação liberal nacional de Andrew Peacock declararam ao Público que não tinham nenhuma plataforma em relação ao assunto,

dado o assunto de Timor-Leste estar decidido e encerrado no campo político australiano. Os democratas que segundo as últimas sondagens conseguirão os seus melhores resultados com cerca de 15% do eleitorado manifestaram-se a favor da realização de um referendo em Timor-Leste. O Dr. Michael Wagner da coligação australiana para Timor-Leste e membro fundador da "Fundação Timor-Leste" declarou ao Público que "*o único partido que tem uma posição definida em relação a Timor-Leste é o dos democratas*".

Com as sondagens à opinião pública a darem conta da leve vantagem dos liberais nacionais face aos trabalhistas pode acontecer que a balança do poder fique dependente dos democratas, verdes e independentes. Entretanto hoje (sábado) em Melbourne, quer a UDT quer a Fretilin organizam uma festa conjunta assinalando a criação dos dois partidos em 1974, a primeira vez que tal sucede na Austrália tendo a Fretilin enviado a sua representante neste estado de Nova Gales do Sul, Lola Reis, para representar a Convergência na festa nacional timorense. Brian Toohey, um controverso jornalista independente editor do bimensário "*The Eye (O olho)*" afirmava há momentos ao Público que a questão de Timor estava fora das preocupações do eleitorado australiano, apesar dos seus constantes artigos sobre o tema.

Entretanto, recentes notícias provindas de Lisboa sobre o encontro de João de Deus Pinheiro com representantes indonésios têm sido tratado com descrédito pela comunidade timorense que não acredita ainda na verticalidade da posição do governo de Lisboa face à próxima visita – eventual – de uma delegação de deputados portugueses.

100. 24 MARÇO 1990 RDP

101. 25 MARÇO 1990 PÚBLICO

102. 25 MARÇO 1990 PÚBLICO

103. 25 MARÇO 1990 O COMÉRCIO DO PORTO

104. 26 MARÇO 1990 PÚBLICO

105. AS ELEIÇÕES AUSTRALIANAS E A RATIFICAÇÃO DO TRATADO DE TIMOR GAP³⁰⁵

Sidney, Austrália, 27 Março, terça-feira, Público) – quatro dias depois das eleições gerais antecipadas na Austrália, quer o governo trabalhista quer a oposição liberal-nacional continuam a afirmar que irão governar.

Observadores e analistas australianos pensam que no entanto depois de todos os votos postais serem contados e de as preferências terem sido distribuídas pelos partidos, é provável que os trabalhistas acabem com 75 deputados contra 71 da coligação e dois independentes.

Uma maioria tão pequena criará toda a sorte de problemas pois bastará dois deputados estarem doentes ou ausentes para o governo perder a maioria. Este problema porém não deverá afectar de forma sensível a futura ratificação do acordo de exploração das vastas jazidas de petróleo e gás natural na região do Timor Gap, tratado que foi assinado em 10 de Dezembro passado.

305 PÚBLICO DESPACHO 16/90 27 MAR, 1990

A grande diferença é que os trabalhistas perderam o vice-presidente parlamentar, Tony Lamb, o qual era o presidente australiano da comissão internacional dos parlamentares para Timor-Leste, um grupo que detinha 36 deputados trabalhistas. Destes, pelo menos sete, perderam as eleições, e apenas em Darwin no Território Norte, Warren Snowdon conseguiu um aumento de 5% do eleitorado.

Snowdon que tem estado muito ligado à causa de Timor e dos timorenses na Austrália era conjuntamente com Tony Lamb o outro parlamentar mais activo dentro daquele grupo de apoio a Timor-Leste. Dos novos parlamentares, de momento espera-se poder contar com os dois independentes, os quais ainda se não manifestaram em relação ao assunto, segundo declarava ontem ao "Público" o Dr. Michael Wagner da "ACET" – (coligação australiana para Timor-Leste) – e recentemente criador da "Fundação Timor-Leste", organismo de cúpula das várias organizações na Austrália de apoio a Timor.

Dos outros parlamentares agora eleitos ainda não foi possível obter declarações relativa à sua posição, mas sabe-se que por exemplo no Senado haverá mais democratas, os quais sempre apoiaram a questão da autodeterminação de Timor, mas estas mudanças numéricas deverão ser insuficientes para evitar a ratificação do tratado.

A partir do começo da nova legislatura, a questão será mantida acesa através dos grupos de apoio a Timor-Leste, tais como a "Fundação Timor-Leste" que tem já uma carta preparada para ser publicada dentro de duas

semanas e a qual será subscrita por centenas de personalidades da vida política australiana.

No entanto, não cremos que seja de esperar que a ratificação do tratado de Timor Gap não seja aprovada, a menos que a pressão internacional ou a eventualidade de uma decisão ou mesmo um parecer do Tribunal Internacional de Haia forcem a Austrália a reconsiderar a sua decisão de assinar aquele acordo com a Indonésia em Dezembro último.

106. 26 MARÇO 1990 RDP

107. 28 MARÇO 1990 PNA (O PORTUGUÊS NA AUSTRÁLIA)

108. 29 MARÇO 1990 PÚBLICO

109. INSIDE INDONESIA MARÇO 1990

110. 1 ABRIL 1990 CARTA DE XANANA GUSMÃO utilizada em vários artigos para a LUSA/RDP E PÚBLICO

111. 2 ABRIL 1990 RDP

112. 3 ABRIL 1990 SMH

113. 3 ABRIL 1990 CORREIO PORTUGUÊS

114. 4 ABRIL 90 PÚBLICO

115. 5 ABRIL 1990 COMÉRCIO DO PORTO

116. 6 ABRIL 90 PÚBLICO

117. 6 ABRIL 1990 RDP

118. 9 ABRIL 1990 O PORTUGUÊS, SIDNEY

119. FUNDAÇÃO PARA TIMOR-LESTE306

Sidney, 9 Abril 90, Público) Apesar da grande publicidade rodeando a publicação de um anúncio da "Fundação Timor-Leste" nos jornais australianos certo é que a mesma não mereceu a atenção dos demais órgãos de comunicação social.

Até ao momento nenhum outro jornal ou programa de rádio mencionou que dentro de horas o parlamento australiano, hoje inaugurado pelo governador-geral deverá debater as alterações legais necessárias para a aprovação do tratado do Timor Gap. O silêncio a que o assunto está a ser votado mantém-se dentro da linha do governo de Camberra de que Timor é um assunto morto e enterrado.

Quando há pouco falamos com o embaixador português em Camberra, que se encontra de visita a Port Villa – Vanuatu para tomar parte na celebração dos 30 anos do comité dos 24 da ONU (vulgo comité da descolonização), ficamos a saber que se espera para amanhã quarta-feira a chegada do dissidente da Fretilin, José Ramos-Horta o qual irá abordar o problema de Timor-Leste

A reunião que se baseia na decisão 44/100 da ONU sobre a independência dos países do Pacífico e do direito à utilização dos seus recursos naturais poderá eventualmente vir a condenar a Austrália e a Indonésia pelo tratado assinado em Dezembro passado para a exploração conjunta das jazidas de gás natural e de petróleo no mar de Timor.

Um factor curioso na publicação do anúncio hoje nos jornais nacionais australianos sobre a carta aberta ao primeiro-ministro, patrocinada pela Fundação Timor, é a de apesar de todos os partidos verdes, anti-nucleares e outros apoiarem a mesma ela não ter a repercussão que se esperava.

O Dr. Michael Wagner – da Fundação Timor e membro da ACET (comissão australiana para Timor-Leste) em Camberra declarava ao Público há momentos que *"o véu de silêncio sobre Timor era mais importante que o desenvolvimento de um movimento independentista na Látvia ou Lituânia."*

120. JAPONESES EXPLORAM PETRÓLEO NO MAR DE TIMOR³⁰⁷

Sidney, 10 Abril, Lusa) – o jornal "Australian Financial Review" publica na sua edição de 10 de Abril pormenores da recente penetração do Japão como produtor de petróleo na Austrália, como forma de reduzir a sua dependência dado ser o terceiro maior consumidor mundial.

Citando fontes próximas do ministro nipónico do comércio e indústria, aquele diário citava *"haver um orçamento de dez mil milhões de dólares (120 mil milhões de Escudos) para ser devotado à exploração petrolífera."*

A primeira companhia japonesa na Austrália foi a "JNOC" [Japan National Oil Corporation] que há 3 anos tem efectuado prospecções na Austrália e estava envolvida nos projectos de exploração das ilhas adjacentes Cartier e Ashmore além de mais duas plataformas no mar de Timor.

Segundo o mesmo diário, o director geral da "JNOC" Takashi Kikuchi, "a penetração dos japoneses no mercado australiano e em especial no mar de Timor destinava-se a suprir as necessidades nipónicas desde a prospecção até à fase de produção."

121. ACORDO FRONTEIRIÇO ENTRE A INDONÉSIA E A PNG308

Sidney, 12 Abril 1990, Público) o ministro dos estrangeiros indonésio, Ali Alatas e o seu homólogo da Papua Nova-Guiné, assinaram na quarta-feira na capital, Port Moresby, um novo acordo de cooperação sobre a fronteira comum que a PNG tem com a anexada província de Irian Jaya (Papua Ocidental).

O novo acordo sucede um anteriormente firmado em 1979, garante maior cooperação no capítulo da segurança e inviolabilidade dos 800 km de fronteira comum e é válido para vinte anos, estipulando mecanismos para conversações urgentes de alto nível, em caso de

problemas fronteiriços, mas não chegou ao ponto proposto inicialmente pela Indonésia de acções militares conjuntas contra as guerrilhas da OPM (Frente de Libertação da Papua Ocidental).

Este novo acordo segue-se a um tratado de amizade firmado em 1988 e o qual resultou numa redução de refugiados da Papua Ocidental para a PNG. Até então mais de cem mil refugiados atravessaram a fronteira em busca de asilo na Papua Nova-Guiné, com cujos habitantes melanésios se identificam.

Desses, centenas morreram à fome, dada a incapacidade daquele país de providenciar auxílio humanitário e à relutância da Austrália ofender a Indonésia.

Posteriormente tropas indonésias fizeram centenas de raides fronteiriços matando civis e militares da PNG.

A situação então chegou a estar tão tensa que provocou deslocações do então primeiro-ministro da PNG a Jacarta, e o temor de que a Indonésia estivesse a ensaiar uma possível invasão. A desculpa indonésia foi sempre de *"estar a perseguir guerrilhas da OPM que haviam perpetrado actos de terrorismo em Irian Jaya"*.

122. OS INTERESSES SECRETOS DA INDONÉSIA NA PAPUA NOVA-GUINÉ³⁰⁹

Sidney, 12 Abril, Público) Em Novembro de 1988 os serviços nacionais de inteligência da Papua Nova-Guiné (NIO), acusaram o presidente Suharto da Indonésia de

estar envolvido num aparente caso de subversão do então ministro dos estrangeiros da PNG, Ted Diro.

Segundo as notícias provenientes de Port Moresby, capital da Nova-Guiné, aqueles serviços estão certos de que o presidente Suharto teria pessoalmente aprovado uma dádiva para a campanha eleitoral. Aquela dádiva no montante de mais de 20 mil contos, foi entregue pelo então Chefe do Estado-maior das F.A.'s Indonésias, general Benny Murdani, ao candidato a primeiro-ministro e líder do PAP (Partido de Acção Popular), Ted Diro.

O governo de Jacarta teria dado instruções à sua embaixada em Port Moresby para escolher um líder popular da PNG, que expressasse simpatia pela Indonésia, de acordo com o relatório secreto então vindo a público. O então primeiro-ministro da PNG, Paias Wingti, teria recebido uma garantia formal do próprio Suharto, aquando da sua visita oficial a Jacarta em Janeiro 1988, de que Suharto não tinha conhecimento da dádiva.

Mais tarde, Ted Diro [hoje vice-primeiro-ministro] foi chamado a depor perante uma comissão de inquérito sobre a corrupção na indústria de madeiras, tendo afirmado que a oferta havia sido uma dádiva pessoal do general Benny Murdani, de quem era amigo pessoal, negando estar comprometido pela mesma.

De acordo com os serviços secretos da Papua Nova-Guiné teria sido impossível que tão grandiosa oferta tivesse sido feita por Murdani, sem autorização prévia de Suharto.

Aquele montante, elevadíssimo para a PNG, acabou por ajudar a que Ted Diro mantivesse o seu lugar parlamentar e só não o levou a vice-primeiro-ministro, em virtude do inquérito à corrupção. A possibilidade de compromisso de Ted Diro, deu lugar a um cenário, já por vezes adiantado por alguns observadores políticos, de que a Indonésia estava a desenvolver actividades subversivas contra a Papua Nova-Guiné.

A eventualidade da Indonésia ter tentado alterar os resultados das eleições gerais de 1987, e a formação de governo, representa mais um perigo adicional à precária estabilidade das duas nações, que ainda recentemente ratificaram um acordo de paz e não interferência.

As relações bilaterais têm sido marcadas por constantes violações de fronteira, por parte do exército indonésio estacionado na província de Irian Jaya (Papua Ocidental), e a existência de um fluxo de refugiados desta província para a Papua Nova-Guiné. A existência do movimento OPM (Organisi Papua Merdeka - o movimento de libertação da Papua) que opera na zona fronteiriça tem sido apontada pelo governo de Jacarta como uma das razões para as suas frequentes incursões fronteiriças.

O ministro dos estrangeiros e ex-primeiro-ministro Michael Somare deslocou-se há um ano atrás a Jacarta para debater o ataque por soldados indonésios a uma povoação fronteiriça da PNG. Foi-lhe então garantido o estabelecimento de postos consulares para assegurar um pronto meio de comunicação entre as duas nações, a fim de evitar incidentes semelhantes.

Para os timorenses porém, estes incidentes retratam um cenário familiar ocorrido há 14 anos, quando a Indonésia repetidamente prometia não interferir nos assuntos de Timor-Leste, e secretamente preparava a invasão, que acabaria por retirar a hipótese de independência à ex-colónia portuguesa. A analogia tem sido por diversas vezes afluída quer pelo homem da Fretilin em Darwin (Alfredo Ferreira), quer por João Carrascalão (da UDT em Sydney).

Em Setembro 88 na primeira reunião conjunta da Convergência Nacionalista na Austrália (em Sidney), nessa altura Ramos-Horta, Roque Rodrigues e Carrascalão discutindo o apoio dos países do Pacífico Sul, afluíram a situação instável na PNG, declarando estar convencidos de que se tratava de uma situação instigada e subsidiada por Jacarta.

Um cândido editorial no diário Jacarta Post advertia a Austrália para evitar enviar tropas para a Papua Nova-Guiné, a fim de restaurar a perda de disciplina e baixo moral das tropas da ex-colónia australiana.

O editorial intitulado "Tensões internas aumentam na PNG" alertava para o facto de o envio de tropas australianas para a Papua Nova-Guiné poderem afectar seriamente as boas relações existentes entre os governos de Camberra e Jacarta, podendo criar situações de perigo, se tais tropas australianas fossem destacadas para zonas fronteiriças onde poderiam ser vítimas de confrontos directos com tropas Indonésias, motivados por movimentos dissidentes (leia-se OPM - Operasi Papua Merdeka, Frente de Libertação da Papua).

Aquele editorial que reflecte a posição oficial do governo indonésio, reagia assim a uma declaração do então ministro da defesa australiano, Kim Beazley, de que o *“envio de tropas australianas poderia auxiliar à melhoria do moral das tropas da Papua confrontadas com uma grave crise interna militar e constitucional”*.

Posteriormente, soldados da PNG atacaram e invadiram o Parlamento, exigindo aumentos salariais, tendo em resultado das suas demonstrações obtido aumentos da ordem dos 75%.

Depois, ameaçaram e cercaram a residência do então ministro do interior, padre Momis, exigindo mais respeito pelo comissário geral da polícia e obstando à sua demissão.

O editorial em tom capaz de levantar sérias questões em Camberra acrescentava "num sentido fundamental o problema não é um problema de moral das forças armadas da PNG, que possa ser melhorado com o envio de tropas australianas, ou com o treino de tropas da PNG na Austrália, para obterem um sentido de disciplina. O problema real é o de desenvolver um sistema político e cultural aceitável capaz de conduzir a Papua Nova-Guiné e desenvolver o país rumo ao futuro, libertando-o dos tribalismos que causam a sua actual crise."

Esta crítica – uma das mais graves da Indonésia à PNG – tem sido temida por muitos círculos que pensam que em caso de instabilidade política interna, a Indonésia poderia sentir-se tentada a intervir militarmente e anexar a PNG como fez com Timor-Leste. O aviso às tropas australianas

para não se deslocarem para lá é ainda mais temeroso em relação ao potencial de tal manobra.

123. CONFERÊNCIA DE IMPRENSA³¹⁰

Sidney, Austrália, 12 Abril 90 – Público) – esta tarde (quinta-feira) em Camberra teve lugar uma conferência de imprensa no clube dos jornalistas em que foi convidado de honra o embaixador australiano em Jacarta Phillip Flood.

Presentes dezenas de jornalistas além de pessoas ligadas à causa de Timor-Leste. Flood começou por dizer que havia "boatos sobre a situação em Timor que não correspondiam à realidade, dado haver pessoas que de facto se opunham à ocupação Indonésia fruto da falta de empregos para jovens".

Negando que timorenses tivessem sido mortos aquando da visita do Papa e da visita do embaixador norte-americano John Monjo, o representante diplomático australiano em Jacarta acrescentou que *"a haver descontentamento em Timor este se deve a factores económicos e falta de oportunidades de emprego, apenas"*.

Phillip Flood que se recusou a ser entrevistado por pessoas que não fossem jornalistas acreditados no clube de imprensa em Camberra reiterou que *"a situação em Timor era calma havendo apenas esporádicos confrontos com as guerrilhas, que não devem ultrapassar uma centena"*.

310 PÚBLICO DESPACHO 12/90 12/4/90⁶⁸⁴

Ao mesmo tempo era entrevistado na cadeia nacional de rádio ABC, o ministro dos estrangeiros senador Gareth Evans o qual citou a existência de *"agitadores e propagadores de mentiras na Austrália, mais interessados na promoção das suas ideias políticas do que naquilo que de facto se passa em Timor, e os quais como era óbvio se recusavam a reconhecer a existência de grupos que apoiavam a integração de Timor na Indonésia e outros que obstinadamente preferiam a independência."*

Confrontado com a pergunta de como e que a Austrália "dizia que a independência de Timor-Leste não era viável por falta de recursos económicos", Gareth Evans disse que "até se saber se as riquezas do mar de Timor eram valiosas teriam de ser investidos biliões de dólares o que evidentemente não estava ao alcance dos autóctones".

Evans continuou acusando alguns membros do lobby pró-timorense de propalarem mentiras sobre a situação no território e mostrou-se satisfeito com o nível de cooperação bilateral entre a Austrália e Indonésia.

124. A AMEAÇA INDONÉSIA PARA A AUSTRÁLIA³¹¹

Sidney, 13 Abril 90, Público) *"Historicamente o tempo de pré-aviso antes de um grande conflito militar ronda cerca de 3 meses e meio"* assim escreve o ex-chefe de estado-maior da força aérea australiana, marechal do ar, David Evans num artigo publicado há dias.

Muita gente no ministério da defesa pensa que esse período de pré-aviso é de dez anos, incluindo o chefe

estratega Paul Dibb, cujo estudo em 1986 sobre a defesa da Austrália representa ainda hoje a base estratégica do país.

O marechal David Evans pensa que tal período de dez anos *"é irresponsável e perigoso para a defesa do país"*.

O marechal afirma ainda que "o vizinho mais próximo da Austrália, [a Indonésia] tem já capacidade militar para intervir militarmente com uma força de 1500 pára-quedistas, que poderiam numa noite tomar controlo dos aeródromos de Learmonth, Port Hedland, Derby, Darwin, Tindall e Weipa na Austrália Ocidental e Território Norte".

Depois de controlar estes postos avançados, os indonésios poderiam em 24 horas enviar reforços marítimos capazes de estabelecerem uma base militar com mais de 20 mil homens em 48 horas, que era o tempo necessário a qualquer reacção australiana das suas forças de defesa.

O controverso jornalista político, Peter Hastings, amigo da Indonésia (país onde residiu vários anos) e constante crítico dos timorenses, escrevia há dias no diário "Sydney Morning Herald" que *"tal cenário era ilógico"*, negando a capacidade logística da Indonésia instalar em território australiano dez mil homens numa área de cerca de 3 mil km² e de muito menos confrontar a capacidade logística australiana.

O articulista citando o recente acordo do "Timor Gap" dizia não haver razão *"para se temer uma invasão Indonésia"*, mas partindo de um personagem tipicamente pró-indonésio as suas explicações lógicas não são muito

convincentes e pelo contrário, apraz-nos verificar que figuras proeminentes dentro da defesa australiana actualmente estão suficientemente alerta para debaterem e escreverem sobre a realidade do perigo indonésio.

125. 13 ABRIL 1990 RDP

126. 13 ABRIL 1990 PÚBLICO

127. 15 ABRIL 1990 PÚBLICO

128. BACKGROUND BRIEFING ABC RÁDIO, MARK AARONS ENTREVISTA BENNY MURDANI E SHIRLEY SHACKLETON

Camberra, 15 Abril 1990 – material enviado para o jornal Público, obtido directamente do programa e da Biblioteca do Parlamento Australiano relativos à entrevista para o programa BACKGROUND BRIEFING da ABC (Australian Broadcasting Corporation) de Mark Aarons [MA] e Tony Walker [TW] a Shirley Shackleton [ShS] (viúva do jornalista Greg Shackleton morto em Timor); Senador Gareth Evans [GE], Ministro dos Negócios Estrangeiros e Comércio australiano; Mark Baker [MB], jornalista do Sunday Herald de Melbourne; Benny Murdani [BM] ministro da Defesa e da Segurança da Indonésia; Andrew McMillan [AM], autor australiano; Rev.^o Bispo Paul Moore [PM], bispo resignatário de Nova Iorque; Peter Philp [PP], editor do jornal Catholic Advocate de Melbourne; Sasha Stepan [SaS], professora da universidade Monash em Melbourne; Abel Guterres [AG], porta-voz timorense em Melbourne.

NB: Tradução feita à data pelo autor tendo em conta as limitações temporais e espaciais a que estava sujeito.

Benny Murdani (BM) Nem sonhem que haverá uma nação chamada Irian Jaya ou Ambon, ou uma nação chamada Timor-Leste – não haverá. No passado, houve pequenos estados que queriam ser independentes, mas sem perder tempo a pensar, a Indonésia evitou que isso acontecesse. ... Quer sejam as pessoas que foram para as montanhas e se chamam Fretilin; ou as pessoas que aqui estão agora³¹² ou em qualquer parte de Timor-Leste, qualquer tentativa de tirar Timor-Leste da Indonésia será tratada duma forma firme.

Mark Aarons (MA) Doze meses antes, o ministro da defesa da Indonésia pensou que treze anos de implacável ocupação militar haviam domado os timorenses, e então no início do ano o país foi parcialmente aberto depois de muitos anos dum quase total isolamento. Mas os Timorenses conquistados aproveitaram toda e qualquer oportunidade para divulgarem a verdade ao mundo exterior. É uma imagem bem diferente da versão sanitizada de Jacarta.

Shirley Shackleton (ShS) Existem duas experiências totalmente distintas aqui: uma em Díli que é quase a Disneylândia, bem encenada, as ruas limpas, as casas parecem bonitas e até as pessoas parecem felizes... se uma pessoa só for a Díli pensa até que as coisas não são tão más como se esperava. ... Mas se forem mais para o interior, por exemplo, eu fui a Lospalos e a Baucau, mesmo na zona de guerra e o que me impressionou foi um mundo de medo e violência.

Mark Aarons [MA] O marido de Shirley, Greg, foi uma das primeiras vítimas da agressão indonésia, um de seis jornalistas australianos mortos em Timor em 1975. Catorze anos mais tarde a mortandade continua...

Shirley Shackleton (ShS) Muitas pessoas disseram-me que há mortos todos os dias. O medo das pessoas que me diziam isto era absolutamente genuíno, creiam. Tudo o que fiz foi no maior dos segredos, em quartos sem janelas, e ao mais pequeno som, a pessoa com quem eu falava, saltava, saltava.

Mark Aarons [MA] Até perto de 200 mil pessoas morreram em Timor nos últimos 15 anos, talvez um terço da população. Em operações militares indonésias, ou vítimas da fome que delas resultou. A política australiana não se pode considerar exemplar. Em meados da década de 70, o governo trabalhista de Gough Whitlam tacitamente encorajou Jacarta a apoderar-se da colónia portuguesa. Quando a resistência nacionalista da Fretilin se começou a dissipar no fim dos anos 70, o governo de Malcolm Fraser reconheceu formalmente a anexação indonésia do território. O governo de Bob Hawke confirmou então essa decisão. O ministro dos estrangeiros Gareth Evans, explica a política do governo.

Gareth Evans (GE) Bem, não se trata dum argumento moral, mas sim numa forma de reconhecer a realidade. Nós estávamos tão preocupados como qualquer outro país do mundo, ou qualquer outro grupo de pessoas no mundo com as circunstâncias da anexação do território de Timor-Leste em 1975. É de todo indefensável, e com o passar do tempo não fica mais defensável. Gostávamos que não tivesse acontecido, mas aconteceu. Cremos que

é irreversível. É aquilo que quase todos os países do mundo pensam... e é de todo irrealista, penso eu, acreditar que podemos aumentar as aspirações do povo de Timor-Leste tentando manter viva a chama do direito à autodeterminação, à independência, que simplesmente não irá ocorrer no mundo real.

Mark Aarons [MA] Porque é que o senador Gareth Evans pensa que a Austrália é a única entre os nossos aliados ocidentais a reconhecer essa integração?

Gareth Evans (GE) Não tenho a certeza de sermos os únicos entre os nossos aliados ocidentais. É verdade, de facto é verdade que alguns países membros da Comunidade Europeia têm uma maior lealdade aos seus colegas portugueses do que às realidades da situação no terreno, mas não se trata da Austrália estar isolada ou solitária neste ponto de vista particular da realidade da soberania indonésia.

Mark Aarons [MA] Que outros países reconheceram a integração *de jure*?

Gareth Evans (GE) Não me lembro deles assim de cabeça e não lhe consigo dar neste momento uma lista detalhada, mas há muitos... mesmo os EUA tanto quanto me lembro.

Mark Aarons [MA] Senador Gareth Evans, o reconhecimento formal ou *de jure* da soberania indonésia sobre Timor não é, de facto, seguido por nenhum dos nossos aliados ocidentais nem pelos EUA. Muitos aceitam a dominação de Jacarta mas em linha com as resoluções internacionais, recusam-se a aceitar o reconhecimento de territórios ocupados ilegalmente ou pela força. O Senador

Evans crê também que houve melhorias na ocupação indonésia de Timor-Leste, mas muitos visitantes falam duma brutal e continuada repressão, desde que houve uma série de manifestações pró-independência neste últimos seis meses. Mark Baker do Sunday Herald foi o mais recente repórter a visitar o país.

Mark Baker (MB) O facto mais notório, penso ter sido o incremento das actividades dos jovens e dos estudantes, sobretudo em Díli que parece ter tido início aquando da visita papal, e que culminou com a manifestação durante a própria visita papal. Desde então houve várias manifestações e incidentes em Díli e redondezas e todas as pessoas com quem falei quando lá estive falava deste novo fenómeno e desta nova militância entre os jovens timorenses. Falei com muitos jovens que haviam sido presos e detidos em resultado das suas actividades durante a visita papal, e aquela manifestação na Missa Papal perto de Díli. O jovem com quem falei tinha, de facto, buscado santuário após essa manifestação durante algumas semanas, na residência do bispo Belo em Díli. Depois, os militares conseguiram tirar de lá alguns jovens, que foram detidos, creio que à volta duns trinta, durante algum tempo. Este jovem ficou detido durante dois meses e descreveu-me detalhadamente os abusos, tortura e privações que sofreu nesse período. Neste caso, ele contou-me sobre os choques eléctricos aos mamilos e como foi espancado com as coronhas de espingardas. Foi esfaqueado nas costas com baionetas, tendo-me mostrado as suas cicatrizes. Foi mantido num banho de água imunda durante mais de 24 horas e deixado em solitária. Longos períodos decorreram sem ter comida ou água e quando lhe deram comida era comida para animais, o que o deixou bem fraco na altura em que foi

libertado. Durante mais duma semana nem andar podia e demorou muito a recompor-se.

MA Apesar desta brutal repressão outra manifestação nacionalista teve lugar em meados de Janeiro durante a visita do embaixador norte-americano na Indonésia, a qual foi testemunhada por Andrew McMillan que nos conta aqui a sua história.

Andrew McMillan (AM) Estávamos sentados no jardim do Hotel Turismo frente ao mar em Díli. O grupo do embaixador chegou e uns dois minutos depois entre 80 e 100 estudantes irromperam no hotel e chegaram às varandas onde estava o embaixador. Muitos usavam máscaras para manterem secreta a sua identidade. O embaixador saiu do hall do hotel passado poucos minutos para ouvir os estudantes e as suas queixas, tendo-lhe sido dado um megafone da polícia para se dirigir aos manifestantes... Quando o carro do embaixador se afastava, aí cerca de 50 metros, a polícia de choque irrompeu dos dois lados do hotel e encurralou os estudantes tendo começado a desancá-los. Os que tentavam escapar eram atingidos à coronhada ou a pontapé. Alguns oficiais indonésios virem dizer à polícia para se retirar visto haver estrangeiros a observar. Todos os estudantes estavam cobertos de sangue, a rua estava pejada de sandálias e sapatos manchados de sangue, polícias à civil deitavam areia sobre o sangue da estrada. Os estudantes começaram a rezar e dirigiram-se para a residência do Bispo.

Abel Guterres (AG) Depois da invasão de 1975, os indonésios tentaram educar os jovens timorenses a amar a Indonésia e a conhecer os cinco princípios fundamentais

da ideologia indonésia³¹³ – que são amor, paz, direitos humanos etc., mas na prática é exactamente o oposto do que ensinam nas escolas. Devido a isto, os estudantes aprendem que ser Indonésio quer dizer matar, violar e não ter respeito pelos outros. Daí que todas as actividades violentas impostas aos jovens timorenses criaram esta espécie de radicalismo nos jovens estudantes.

MA Muitos visitantes observaram recentemente a realidade da ocupação indonésia, o Reverendo Paul Moore conta uma história deveras típica quando foi especialmente intimidado nos inúmeros postos de controlo nas estradas.

Paul Moore (PM) Uma pessoa sentia-se mesmo intimidada, eles usavam espingardas e armas automáticas ao ombro. Nós já nos havíamos cruzado com muitos camiões de tropas quer dum quer doutro lado da estrada., passamos por um parque onde estavam mais duma dúzia de tanques blindados. Era um país ocupado e ao olharmos para o outro lado víamos estes aldeões nas suas cabanas com galinhas e galos que mal dariam para o seu sustento, as mulheres carregavam baldes na cabeça ao longo do calor das estradas, e uma pessoa perguntava, o que é que estes tanques estão aqui a fazer? Era bizarro.

Peter Phil (PP) Quando queríamos avistar-nos com alguém que tivesse uma opinião diferente da oficial tínhamos de nos rodear de circunstâncias extraordinárias: eu encontrei-me com pessoas em paragens de autocarro, na parte de trás de igrejas, e depois era levado para outros locais, apenas para falar pois que ali não se vive

uma situação normal. Mesmo o diálogo com os empregados de mesa dos hotéis levava a que gradualmente eles nos dissessem um pouco da sua história, do perigo, do que haviam sofrido, e de como a situação não havia mudado. Mesmo ao encontrar padres, pelos quais tenho o maior respeito, que estavam nervosos ao encontrarem-se comigo. Não demora muito a perceber que estamos a lidar com um regime cruel como já encontrei noutros países do terceiro mundo, uma máquina sofisticada que de facto não mudou. Há um ponto de vista que diz que nos anos 70, as violações de direitos humanos eram más mas que agora tudo mudou. Não demorei muito a aperceber-me quando comecei a falar com os timorenses, e eles a contarem-me as suas histórias, de que não era no pretérito passado, o facto era o deles estarem terrivelmente temerosos e assustados por esta sofisticada rede de segurança que observava cada passo que davam.

Shirley Shackleton (ShS) No primeiro dia quando fui mandada sair neste posto de controlo, o que fiz foi observar. Outro autocarro vinha na direcção oposta e toda a gente foi mandada sair, de facto, estavam todos habituados a isto. Saíram e os polícias e soldados passavam por entre as mulheres que se encolhiam todas com medo de serem atingidas. ... Estas pessoas vinham a Díli vender uns tomates ou algo que tenham criado nos pequenos jardins e hortas das suas casas. E eu vi a atitude destes soldados, e todo o tempo que estive em Timor, pensava, isto deve ser como era a Alemanha, com as pessoas a exercerem o seu pequeno poder em pessoas frágeis e indefesas que nada tinham. ... Lembro que estive lá quando o Papa estava para chegar e havia mais controlos de estrada do que o usual. O simples facto

de não poderem viajar no seu próprio país, de não poderem ir a nenhum sítio sem um passe de viagem... não custa nada obter o passe mas têm de ter todos os papéis de identificação em dia e isso já custa dinheiro, e pouca gente tem esse dinheiro por isso poucos são os que podem viajar. Antigamente tinham os seus póneis 314 e eu, acreditem, apenas vi e contei onze. Os outros foram mortos à bomba, segundo me disseram, e... agora as pessoas não têm meio de transporte.

Abel Guterres (AG) Campos de concentração para os timorenses, que são para lá levados como rebanhos, e os indonésios chamam-lhe aldeias estratégicas. As pessoas concentram-se nessas pequenas áreas, guardadas pelos militares de dia e de noite, com movimentos muito limitados, não se podendo afastar mais de cinco quilómetros dos campos. Se o fizerem são abatidos... é por isso que lhe chamamos campos de concentração, pois as pessoas não podem viver como viviam antes da invasão indonésia. Na minha aldeia, éramos livres, podíamos ir aonde quiséssemos, tratar das hortas e jardins, trabalhar nos campos de arroz, por exemplo, mas agora isso não existe. As pessoas estão concentradas nessas áreas... sobretudo para fins militares, a fim de evitarem que a população se misture ou tenha algum contacto com os guerrilheiros da resistência. Além disso... muita gente morre de fome, de doenças, não há comida e a maior parte do tempo há operações militares e essas pessoas ... têm muitas restrições e não podem ir para o mato à procura de comida.

314 Kudas são os cavalos de Timor, do tamanho de póneis e aqui erroneamente tratados como tal.

MA Contudo, o senador Evans está otimista quanto às melhorias da situação.

Gareth Evans (GE) Continua a haver mortes por causa da continuada rebelião da Fretilin e creio ser o caso de cerca de quarenta mortes, duma forma ou doutra, em várias confrontações com o regime militar, com as autoridades no ano passado. Quero apenas salientar que continua a haver abusos e sempre que os há, nós fazemos protestos bem fortes ao governo indonésio, mas, ao mesmo tempo, existem muitas acusações de violações que de facto se prova não terem fundamento, e é importante separá-las para se ter uma visão equilibrada e uma leitura apropriada da situação. Agora estamos a obter um acesso regular de pessoal diplomático a Timor-Leste, o que nos permite explorar duma forma mais profunda e sistemática estas alegações do que conseguíamos no passado, e posso garantir que os nossos protestos não são mudos quando vemos que a situação é evidentemente errada. ... Em nossa opinião as coisas têm vindo a melhorar e essencialmente existem episódios esporádicos de má administração e não um rumo continuado duma repressão brutal como aquela que vocês preferem descrever. Temos algum optimismo quanto ao futuro da província e as melhorias graduais que estão a ocorrer, sob a pressão que, nós, entre outros países, estamos a exercer sobre a Indonésia.

MA É geralmente aceite que a actividade militar em Timor é reduzida nestes últimos anos, mas admite-se que 40 timorenses morreram no último ano em confrontos militares. A resistência alega centenas de indonésios mortos naquele período e visitantes recentes falam de pesadas baixas indonésias.

Shirley Shackleton (ShS) Meti conversa com alguns soldados que vieram ao hotel onde estava e eles disseram-me que tinham acabado de perder oito colegas em luta com a resistência... Mais tarde quando fui a Lospalos, pedi para visitar o cemitério dos heróis onde estão os indonésios e lá estavam oito campos recentes...

Mark Baker (MB) Contaram-me histórias sobre um aumento de actividade militar desde o fim do ano passado, Novembro, Dezembro. Mais uns dois soldados foram a enterrar no cemitério militar quando estive em Dili e contaram-me sobre recontros militares que tinham causado mortos e feridos do lado do exército. Claro que toda a gente diz que a luta continua, claro que se trata de recontros de pequena intensidade, mas continua e decerto que não vai desaparecer.

MA De acordo com Abel Guterres, a resistência se bem que em número desproporcionadamente menor continua uma campanha clássica de guerrilha.

Abel Guterres (AG) Quanto maior é o número das tropas inimigas, mais pequena é a força da guerrilha, pois que se têm de enfrentar 20 mil homens vão-se dividir em grupos de 4 ou 5 homens a operar em certas áreas, atacando e fugindo. Por exemplo, durante as campanhas de recentes anos de cerco e aniquilação, as forças de guerrilha dividiram-se em pequenos grupos, alguns operando dentro desse círculo inimigo e outras de fora, a fim de quebrar a estratégia inimiga. E foi assim que a estratégia de guerrilha deu resultados com sucesso nestes catorze anos contra a Indonésia. Claro que eles têm o apoio da

força aérea, da marinha, etc., e os bombardeamentos constantes.

MA Mas existe uma rede clandestina política em Timor-Leste. Na sua viagem no mês passado, Mark Baker soube algo sobre estas operações.

Mark Baker (MB) Há, de facto, alguma ligação entre os grupos mais radicais de jovens e o movimento de guerrilha, mas, mais do que isso, há um sentimento comum, nacionalista, entre os timorenses e este facto leva Jacarta a pensar que podem ter contido a Fretilin no mato, apesar de ser uma irritação constante e controlada, mas é um facto que prende milhares de soldados. Mas agora estão a ser confrontados com uma nova geração crescida em Timor com a mesma determinação e com a mesma oposição ao controlo indonésio do território. Existe um grande sentimento de simpatia pelos guerrilheiros, são gente que passa momentos difíceis e privações pessoais para manter viva uma causa que, tanto quanto pude observar, tem um apego universal. Mesmo os timorenses em melhores e mais elevados postos dentro da administração estão pessoalmente insatisfeitos com a situação, querem mudança, e claramente ressentem o esmagador domínio no território, na sua economia e na sua administração feita pelos indonésios.

Abel Guterres (AG) A organização clandestina opera a todos os níveis, desde os departamentos do governo até ao nível da pequena aldeia, nos departamentos do governador e nos militares. É assim que se faz a vigilância do aparelho de segurança indonésio, da sua rede de espionagem e para antecipar operações militares, a fim de que a informação possa ser levada até aos altos

comandos para planearem contra-ofensivas numa forma militar.

MA Benny Murdani admitiu recentemente a existência desta rede clandestina aos mais altos níveis da Administração. Mark Baker explica.

Mark Baker (MB) Muitas pessoas com quem falei diziam-me que tinha havido uma reunião extraordinária, como consequência das manifestações de 17 de Janeiro em frente ao embaixador americano. Murdani foi a Dili na primeira semana de Fevereiro e nessa reunião, chamou o governador, os líderes regionais os negociantes mais proeminentes e, falou longamente sobre o crescente nível de agitação vivido, dizendo que os militares estavam prontos a tomar uma acção resoluta e a esmagar, como ele afirmou, qualquer forma de desafio ao controlo indonésio. Entre muitas coisas que Murdani disse nessa reunião ele afirmou: *“Sabemos que muitos de vós são a favor da Fretilin, sabemos que alguns dentre vós apoiam a os guerrilheiros no mato”*. De facto, acusou alguns líderes regionais de pagarem dinheiro a estudantes encorajando-os para eles se manifestarem *“Sabemos quem são e trataremos de vocês se não pararem”*. Mas como eu dizia muita gente falava desta reunião e só mais tarde durante a minha visita descobri que alguém tinha feito uma gravação particular desta reunião e fui capaz de obter uma cópia, através de alguém que conheci clandestinamente.

Benny Murdani (BM) Devemos pugnar pela unidade apesar das nossas diferenças. Claro que há sempre pessoas insatisfeitas numa forma ou doutra. Isso não é proibido, não é proibido. Os cidadãos têm o direito de

expressarem as suas opiniões, mas lembro-vos que os cidadãos também têm obrigações e se há um movimento para criarem a vossa própria nação e se tiver força suficiente, será esmagado pelas nossas forças armadas. E se formos vencidos uma vez, tentaremos uma segunda ou uma terceira vez. Já houve movimentos rebeldes maiores e opiniões dissidentes mais generalizadas do que esse pequeno grupo que se intitula de Fretilin e nós destruimos completamente esses grupos. Repito, destruimo-los completamente.

Mark Baker (MB) Disseram-me que, de facto, no dia seguinte a estas declarações. Milhares de tropas foram trazidas para a cidade numa manifestação óbvia de intimidação. Uma pessoa disse-me que ao ver colunas de seis soldados lado a lado nas ruas a passarem em frente à sua casa, eles demoraram mais de 15 ou 20 minutos a passar. Havia muitos veículos militares e barcos no porto descarregaram mais tropas, sem nenhuma razão aparente que não fosse a razão óbvia de reforçar a linha seguida por Murdani no seu discurso, dizendo que ou vocês entram na linha ou então...

Ouvem-se cânticos religiosos e orações

MA Era Monsenhor Martinho da Costa Lopes, antigo bispo de Timor. Num país onde cerca de 80% da população é católica, o papel da igreja tem sido crucial para focar a atenção nos abusos indonésios. Em resultado disso, foi substituído há uns anos pelo Bispo Carlos Belo. Peter Philp explica o que se passou.

Peter Philp (PP) O Arcebispo Lopes disse-me quando estive em Melbourne há alguns anos que havia três

estádios na sua vida. Um em que não se quis envolver. Era um líder espiritual e nada tinha a ver com a política. Quando viu os abusos sobre o seu povo, as violações e o total desprezo pelos seus direitos, constatou que tinha um governo militar e que tinha de lidar com ele em termos militares. Assim, diplomaticamente foi e sentou-se com os comandantes militares e manifestou as suas preocupações. Ele disse que isso não resultou e que mudou drasticamente a sua atitude, tendo ido para as ruas e marchado em manifestações com o seu povo.

A nomeação do Bispo Belo foi tão impopular que, segundo consta, alguns seminaristas saíram do campo e boicotaram a cerimónia em que ele foi consagrado bispo para jogarem basquetebol no campo fronteiro à igreja, e isso mostra bem como os timorenses se sentiram. Hoje não conheço nenhum membro timorense do clero que não esteja a apoiá-lo a cem por cento. Veja, ele tal como Romero, como Lopes, como Hélder Câmara ficou radical pela pobreza do seu povo. Já tive três longas entrevistas com ele e ele foi muito frontal ao falar-me da situação. Falou-me de como o seu país estava paralisado, assassinado, quer culturalmente, porque as autoridades estavam a tentar destruir a cultura timorense quer abertamente porque estavam a destruir o país com os abusos de direitos humanos. Creio que ele foi tão brutal nas suas afirmações como qualquer bispo com quem falei no terceiro mundo.

Paul Moore (PM) Falámos com o Bispo Belo pois sabíamos da sua exposição em termos de simpatia e de antipatia ao governo indonésio. Podem recordar uma carta que ele escreveu à ONU há cerca dum ano exigindo a realização dum referendo para que o povo timorense

pudesse decidir quem o governava e, desde então ele tornou-se numa *persona non grata* não só em relação ao governo mas mesmo em relação a algumas forças dentro do seio da igreja. O bispo entre outros, pensa que a esperança de independência é a única coisa que mantém vivo o espírito do seu povo e, assim, é como que uma visão, uma visão para o seu povo cercado de tantas outras formas. Esta é a razão, penso eu, pela qual o bispo pensa que deve falar com a voz daqueles que pelo menos querem ter a oportunidade de votar na independência mesmo que para uma pessoa de fora isso pareça não ter qualquer hipótese. E conhecendo um pouco sobre as pessoas e as vocações dos bispos, eu dou-lhe muito, muito apoio. Creio que ele deve falar como a voz do seu povo. Existem 80% de católicos romanos em Timor-Leste, ele é o seu pastor, o seu profeta, e eu admiro imenso a sua coragem em assumir esta posição, e creio que ele tem todo o direito e, de facto, toda a obrigação em fazê-lo.

MA – Foi o Bispo Paulo Moore. Shirley Shackleton acredita também que o Bispo Belo fala em nome do seu Povo. Ela estava presente na missa papal em Tassitolo, perto de Dili, em Outubro passado.

Shirley Shackleton – Eu vi toda a missa como um protesto, do princípio ao fim. Quero dizer, para mim foi uma experiência extremamente enriquecedora, não por algo que o papa tenha feito, mas por causa do povo. Eles tinham recebido pequenas bandeiras, as pequenas bandeiras indonésias vermelhas e brancas, e foi-lhes dito que as deviam levar para a missa e abaná-las entusiasmadamente a todo o momento. Eu tenho dezenas de fotos e as únicas pessoas que estão a segurar essas bandeirinhas são os indonésios. Por exemplo, quando lá

cheguei, estava toda a gente a chorar, porque Tassitolo é um daqueles lugares onde os ocorreram os piores massacres. Eles diziam-me “estamos por cima dos ossos dos das nossas crianças”, ou, “estamos em cima dos ossos dos nossos amigos”. Todos estavam muito conscientes deste facto.

Uma coisa deveras interessante foi que quando o Papa estava a chegar, estava um padre a preparar a população para uma grande ovação para a chegada do Santo Padre, quando gritava “pelo Papa João Paulo II”, o povo gritava em uníssono, essa imensa mole de gente, que não se conhecia pois viera de todos os pontos de Timor, gritava “Viva!”. E o padre incitava “pela Igreja Católica” e eles responderam “Viva!” e a seguir “por Timor-Leste” e vocês deviam ter ouvido. Foi um momento eléctrico, eu saltava para cima e para baixo, sentia algo percorrer-me a espinha, mas não dei conta de que os jornalistas captassem ou sentissem isso. Li tudo o que escreveram. Para mim, foi um momento muito significativo da resistência, eles estavam a dizer para quem estivesse lá para ouvir que estavam a aplaudir e a gritar pelo seu país.

Coisas como essa sucederam-se durante o dia. Por exemplo, quando o papa fez o seu discurso, falou em inglês para a imprensa, o bispo Belo de imediato, traduzia para Tétum para que as pessoas percebessem. No fim de cada parágrafo havia um grande “Viva!”, e quando o papa lhes disse que deviam reconciliar as suas divergências houve um silêncio absoluto.

MA – Talvez isto explique a histeria indonésia que se seguiu à carta do Bispo Belo às Nações Unidas. Ele pediu

um referendo independente para determinar os desejos reais do povo.

Peter Philp – Penso que o grande assunto de momento será seguir a carta de Mons. Belo. Ele disse às Nações Unidas queremos ter um referendo independente. Se as pessoas escolherem ficar integradas na Indonésia o assunto está encerrado para mim. Se quiserem falar de autonomia com a Indonésia ou com Portugal, então é outro assunto. Se eles quiserem a independência precisamos pois de falar seriamente acerca do que é, de facto, viável. Penso que o grande assunto agora é seguir os acontecimentos e assegurarmo-nos que, de facto, há um referendo para não termos dúvidas sobre o que a população sente. De momento, por questões de segurança, por causa das divisões, da falta de comunicações – nenhuma comunicação é possível entrar ou sair daquele país – nunca saberemos honestamente o que as pessoas sentem.

Mas isso não vai acontecer porque o Bispo foi diminuído e tristemente, existe um grande silêncio mundial. Creio que um bispo holandês e um par de bispos portugueses que se levantaram e disseram “*Apoiamos o Bispo Belo*” e enquanto o silêncio permanece, o bispo continuará a ser diminuído e nada acontecerá. Penso que devemos quebrar este silêncio. Acontece mesmo à nossa porta, temos uma longa relação histórica e temos a responsabilidade porque o governo optou pelos inúmeros recursos minerais em vez de o ter feito pelo povo timorense. Interrogo-me se os três governos – Whitlam, Fraser e Hawke – teriam adoptado uma posição diferente se não fosse pelos pactos de segurança e pela riqueza mineral do mar de Timor que queremos partilhar.

MA - ... O recém firmado Acordo de Timor Gap entre a Austrália e a Indonésia de novo chamou a atenção para a política de Camberra em relação a Timor. O Tratado foi condenado por Portugal que ameaça levá-lo ao Tribunal Internacional de Justiça da Haia para determinar a sua validade. Sasha Stepan é tutor de política na Universidade Monash onde estudou as bases legais do Tratado.

Sasha Stepan (SaS) – Eu vejo a assinatura do Tratado entre a Austrália e a Indonésia como uma flagrante violação dos direitos dos timorenses. Ao assinar este Tratado, a Austrália apoia a continuada negação do direito à autodeterminação do povo timorense. Creio que o Tratado é irónico, dado que nos anos 70 sempre nos disseram que Timor-Leste nunca seria viável como país independente dado não poder ser economicamente viável. É tudo muito irónico agora quando vemos a sofreguidão com que a Austrália e a Indonésia assinaram este Tratado para poderem explorar as jazidas de petróleo no Timor Gap, cujas previsões optimistas adiantam poderem ter o dobro das do estreito de Bass. Ao olharmos para estes potenciais recursos, podemos verificar que, de facto, Timor-Leste, longe de ser economicamente inviável, pode potencialmente tornar-se num mini Brunei, ou como um pequeno estado árabe, pequeno, mas independente e economicamente com extremo sucesso.

Agora, os problemas que vejo no Tratado são os seguintes. Antes de mais, Portugal é ainda reconhecido como a potência administrante de Timor-Leste. Timor-Leste é ainda reconhecido pelas Nações Unidas como um território não-autónomo pela ONU, e, a Austrália é o único dos países industrializados a reconhecer a anexação

ilegal do território, sendo importante realçar que nenhum dos países da Comunidade Europeia reconhece a anexação e todos apoiam Portugal e a sua posição no assunto. Quer a Assembleia-geral da ONU que o Conselho de Segurança, afirmaram por diversas vezes e denunciaram a anexação de Timor-Leste como ilegal. O que temos aqui é a Indonésia a pretender ter assinado um Tratado com a Austrália relativo aos recursos no Timor Gap, mas a única base que têm para assinarem este Tratado é a sua anexação que é considerada ilegal. A ilegalidade indonésia da invasão de Timor-Leste está contra inúmeras disposições das leis internacionais, antes de mais e principalmente, o Artigo 2º, parágrafo 4º da carta das Nações Unidas que proíbe o uso da força em relações internacionais. Também relevante é uma declaração de 1970 da ONU designada a Definição de Agressão que foi subscrita pela Austrália e na qual é explicitamente proibido o reconhecimento de territórios adquiridos pela força, pelo que se extrapolarmos para a situação corrente, quer dizer que a Austrália esta impedida de reconhecer a anexação ilegal de Timor-Leste pela Indonésia.

MA - ... o governo português alegadamente levará a tribunal o seu caso contra a Austrália para contestar a validade do Tratado, mas o nosso governo vai tentar aprová-lo no parlamento. Como é que o ministro dos estrangeiros, senador Gareth Evans justifica esta política?

Gareth Evans – bem ainda falta determinar se há recursos e eles exigirão uma dose maciça de capital, um programa de exploração para determinar o que há lá. Tem de entender que o Tratado de Timor Gap não é apenas sobre a exploração de recursos. Trata de resolver uma

disputa prolongada entre dois países, sobre onde se deveria colocar a fronteira marítima. Trata-se dum situação que não poderia ficar indefinida para sempre, por razões estratégicas diplomáticas e de política tradicional, teria de ser resolvida através dum acordo negociado. Este acordo em particular a que chegamos foi feito dum forma muito cooperante para existir a possibilidade dum exploração conjunta de quaisquer recursos que ali possam existir, naquela área específica da plataforma marítima, e eu vejo-o nesse contexto apenas. Não se tratou dum exercício cínico como algumas pessoas declararam, de arranjar um negócio com a Indonésia para obter vantagens económicas. Trata-se dum mera reflexão da realidade que nós aceitamos a soberania indonésia, e reflecte as pressões impostas pelas nossas relações bilaterais, de tentar e encontrar uma solução para uma protelada disputa sobre fronteiras entre os dois países. O benefício que daqui fluirá para a Indonésia e indirectamente do governo indonésio, presumivelmente para o povo de Timor-Leste, que dele beneficiará. Mas tentar e dizer que há algo de especial sobre o tratado de Timor Gap é apenas um corolário dum relação mais alargada entre os nossos dois países, como atrás descrevi. O reconhecimento da soberania indonésia sobre Timor-Leste não foi conduzido, repito, pelo nosso desejo de aceder a tais recursos. A sequência de eventos históricos e todos os outros, de qualquer forma, serviu para incrementar a relação, a relação bilateral entre os dois países, ao ponto a que agora chegamos, em que, penso, estaremos numa posição de exercer maior influência sobre a forma como o governo reage aos cidadãos de Timor-Leste, do que quando estávamos a berrar uns com os outros. E esse é o ponto importante, creio, da posição australiana, uma forma construtiva de

mover as coisas para a frente do que esperar recriar um pedaço de história que gostávamos não tivesse acontecido.

(fim da transcrição para o Público)

Adiante se transcreve o documento original na sua totalidade

129. 18 ABRIL 1990 RDP

130. 19 ABRIL 1990 RDP

131. 1. 22 ABRIL 1990 PÚBLICO

131. 2. 22 ABRIL 1990 PÚBLICO

132. 23 ABRIL 1990 PÚBLICO

133. 25 ABRIL 1990 RDP

134. 26 ABRIL 90 RDP

135. AINDA A QUESTÃO DO PETRÓLEO NO MAR DE TIMOR OU DE COMO O POVO DE TIMOR-LESTE SOFRE ENQUANTO A AUSTRÁLIA E A INDONÉSIA DIVIDEM AQUELA RIQUEZA MARÍTIMA³¹⁵

Sidney, 28 Abril 90, Público) a Austrália tem tido uma constante quase total subserviência aos interesses de Jacarta. Em 18 Setembro de 1985, o conselheiro da embaixada portuguesa em Camberra entregou ao MNE

315 PÚBLICO DESPACHO 19/90 28 ABRIL 1990

australiano uma nota formal de protesto contra o início de conversações entre o governo australiano e a Indonésia para a exploração conjunta das jazidas de gás e petróleo no mar de Timor, na zona conhecida como Timor Gap.

Foi nessa data que veio à Austrália o então ministro da energia e recursos minerais indonésio, general Subroto, para as negociações e assinatura de um acordo entre os dois países. O facto desde aquela data foi obnubilado pelos órgãos da comunicação social australiana, que apenas referiu a ida a Portugal do então embaixador português, Dr. Inácio Rebello de Andrade.

A Austrália insatisfeita com o longo processo de negociações bilaterais entre a Indonésia e Portugal, sob os auspícios das Nações Unidas, pensava que a demora só poderia favorecer a Indonésia razão pela qual finalmente se decidiu a formalizar o acordo inicialmente estabelecido em Setembro 1985.

Quarenta (40) por cento do débito indonésio é em ienes (¥), e com a constante valorização da moeda japonesa face à rupia indonésia, e sendo as receitas de petróleo aproximadamente 37 por cento do total do rendimento bruto, fácil é perceber a pressa dos dois países em instrumentalizar o acordo relativo aos 200 km de fronteira marítima comum.

Entretanto o governo português utilizando os meios diplomáticos ao seu alcance protestou contra o acordo, declarando-o ilegal no âmbito da resolução 37/30 das Nações Unidas, e constituindo um manifesto e gravoso desrespeito pelo direito internacional. A tese até agora avançada por meios indonésios e australianos de que

Timor-Leste jamais poderia ser independente dada a falta de recursos naturais, cai por terra no momento em que as duas nações – Austrália e Indonésia – decidem explorar as reservas marítimas do mar de Timor.

Lembre-se a propósito a existência de pequenas nações do Pacífico Sul, cuja área é semelhante ou menor do que Timor e para as quais não se pôs nenhum problema de independência. Desnecessário se torna lembrar que a Austrália é hoje independente graças ao apoio dado pelos timorenses aos australianos que durante a segunda Grande Guerra se opuseram ao domínio japonês.

Dependia então e agora da pressão portuguesa sobre a CEE, a iniciação de medidas de retaliação contra a tomada desta provocativa atitude australiana. As fronteiras marítimas entre a Austrália e a Indonésia foram estabelecidas num acordo em 18 de Maio 1971, que fixou a fronteira no mar de Arafura, e no acordo de 9 de Outubro 1972, ambos ratificados em Novembro 73.

A fronteira não era uma linha equidistante entre os dois países, mas antes um compromisso entre a posição Indonésia que mantém a existência de uma única plataforma marinha entre os dois países e a posição australiana que dizia haver duas plataformas, sendo a australiana uma plataforma profunda de mais de 3 km de profundidade nalguns pontos orientada de leste para oeste.

A área conhecida como "Timor Gap" foi negociada entre a Austrália e Portugal em 1971-1972, quando Timor-Leste não era ainda um problema para Portugal, que aguardava

as conclusões sobre a 3ª conferência das Nações Unidas sobre as leis dos mares.

A Austrália ficou favorecida ao reter cerca de 70% do subsolo marítimo entre os dois países, talvez por a Indonésia não se ter apercebido do potencial da área. Por último, a pressão dos defensores do meio ambiente na Austrália poderão vir a opor-se à exploração das reservas, criando problemas profundos à Indonésia nas bases do tratado de exploração conjunta.

Se o acordo de Setembro (para além de criar condições para uma fase de tolerância e compreensão entre a Austrália e Indonésia) resolveu alguns problemas para a Austrália e Indonésia, decerto criou outros maiores, logo que e quando Portugal se decida a actuar de forma activa e levar o caso a julgamento internacional.

A 1ª conferência da ONU relativa à Lei do Mar em 1958, adoptou tratados que constituíam os princípios básicos da legislação, havendo alguns pontos contenciosos que ficaram por resolver durante a 2ª conferência. A falta de generosidade de Portugal ao negociar então com a Austrália foi inteligente, embora ninguém pudesse prever que a 3ª conferência durasse de 1973 a 1982!

Nas negociações indo-austrais de 71/72, o governo de Camberra adoptou a definição proposta na convenção de Genebra de 1958 que define a plataforma continental marítima como a *"área submersa, seu subsolo adjacente à costa mas fora da área territorial, com uma profundidade até, 200 metros ou para além deste limite quando a profundidade das águas adjacentes permita a exploração dos recursos naturais"*.

Em 1982 a nova lei, e em especial o artigo 76º, não são suficientemente específicos para a delimitação de fronteiras mas dão à Austrália o direito de exercer jurisdição sobre o subsolo mesmo se a plataforma continental não atingir as 200 milhas náuticas.

136. DARWIN VAI TORNAR-SE NA CAPITAL DO PETRÓLEO. MAR DE TIMOR BOMBA MILHÕES DE DÓLARES EM PETRÓLEO.³¹⁶

SIDNEY, 28 ABRIL 90 PÚBLICO) As fontes de recursos naturais que constituem pouco mais de 20% do PNB do território do norte australiano, estão em vias de uma enorme expansão: a maior desde sempre. A exportação de petróleo em particular está a providenciar uma bonança económica, inesperada há vinte anos quando os timorenses viviam em paz sob a bandeira portuguesa.

O valor das exportações de petróleo passou de zero para mais de um bilião de dólares [117 mil milhões de Escudos], o que representa um montante equivalente à exploração mineira. Se não houver problemas na exploração petrolífera *offshore* do mar de Timor, as expectativas para o futuro são ainda melhores.

Darwin irá tornar-se na capital do petróleo até ao fim da próxima década, à medida que as reservas do estreito de Bass que separa a Austrália da Tasmânia se esgotam quase totalmente. A zona do mar de Timor, maior do que a zona do Mar do Norte no Reino Unido, tem estado com inúmeras torres de exploração a trabalharem

continuamente 24 horas ao dia, e a maior companhia exploradora a gigantesca BHP Petroleum australiana, espera confiantemente descobrir mais jazidas com biliões de barris de petróleo por dia para serem exploradas.

Até ao fim do ano, Darwin passará a ser a sede da nova entidade conjunta Indonésia – Australiana para administrar o Timor Gap. A companhia singapurina Lunik Engineering decidiu já instalar uma unidade de processamento e montagem de pontas de diamante, para serem utilizadas na perfuração das jazidas marítimas do mar de Timor.

Uma empresa de Melbourne está já instalada na região a produzir as estruturas metálicas das torres de exploração offshore e a BHP PRI, subsidiária de refinação de carbonetos planeia instalar um gigantesco depósito de derivados do petróleo para abastecerem aquelas torres de exploração.

Por outro lado, a exploração das jazidas de gás na região servem já para abastecer várias minas e uma central eléctrica. Projectos para a exploração de gás natural liquefeito, metanol e gasolina derivados de gás natural, estão em vias de realização utilizando os gasodutos já instalados na região.

O ministro para as minas e energia do território, J. Coulter, mostrou-se recentemente satisfeito com o progresso da região, afirmando que o mesmo contribui para *"um meio ambiente mais limpo e menos poluído, além de proporcionar custos menores na produção de electricidade através de poupanças derivadas das economias escalares dos projectos"*.

As tarifas de electricidade australiana desde 1986 que não são alteradas, o que deve ser um recorde inigualável no mundo. Por outro lado, a exploração mineira entrará em depressão entre os próximos 3 a 5 anos, afectadas também pela guerra contra a degradação do meio ambiente e contra a exploração do urânio pelo que a exploração do mar de Timor assume aspecto de relevo em relação ao futuro.

137. 29 ABRIL 90 RDP

138. XANANA PASSA A MILITANTE DA FRETILIN

SIDNEY, 29 ABRIL 90, LUSA) Um comunicado da representação da Fretilin na Austrália emitido hoje em Darwin, dá conta de que numa mensagem datada de 1 de Março 1990, Xanana Gusmão, comandante das Falintil, passa novamente a ser militante da Fretilin. Mais se afirma nesse comunicado que *“quem tentar destruir a Fretilin terá de haver-se com ele, com as Falintil e com o Povo Maubere; que as Falintil levam a 14 anos as sagradas bandeiras da FRETILIN, esfarrapadas pelas balas do ocupante, pelo suor, pelo sangue e sacrifícios de todos quantos na sua sombra sabem amara a Pátria; e que os homens morrem mas a Fretilin é um processo e eternizar-se-á no nosso Povo.”*

Ao terminar esta sua mensagem, Xanana apela a todos os membros do Comité Central em serviço no exterior, aos quadros militantes e aos simpatizantes da Fretilin no exterior, para que de cabeça erguida continuem com ele, com os membros do Comité Central., com os quadros

militantes e as Falintil no interior de Timor-Leste para afirmar ao mundo a honra de ser da FRETILIN.

139. 29 ABRIL 1990 COMUNICADO FRETILIN DARWIN

140. 1 MAIO 90 RESPOSTA DA LUSA

141. 1 MAIO 1990 PÚBLICO

142. ESTUDANTES ALERTAM PARA NOVA OFENSIVA INDONÉSIA EM TIMOR

SIDNEY, 1 DE MAIO 1990, PÚBLICO) Um comunicado da Fretilin dá hoje conta da prisão de estudantes timorenses em Bali, pela polícia militar indonésia. Um membro da NUREP (movimento estudantil clandestino) em Timor-Leste informou que em meados de Março, o exército indonésio aumentou os seus efectivos para 40 mil homens, 6 mil recrutas timorenses e dois esquadrões de helicópteros para destruir a resistência armada, quer através da morte quer pela prisão da liderança da Fretilin, antes da proposta visita duma delegação parlamentar portuguesa a Timor-Leste em Setembro próximo.

De acordo com a mesma fonte da resistência, 35 soldados indonésios foram mortos em confrontos militares durante o mês de Março nos seguintes distritos: Ainaro (2), Baucau (7), Lautém (11), Manatuto (2), Same (2) e Viqueque (8). Em Bali, três estudantes (Fernão Trindade de 17 anos, Mário Trindade 22, e Felisberto Mascarenhas 23 anos) foram presos e torturados pela polícia militar indonésia em Denpasar, em 26 de Abril, acusados de actividades ilegais. Contudo, os estudantes alegam que a sua detenção foi feita em retaliação dos acontecimentos de 26

de Dezembro 1989, em que um polícia foi morto e 3 estudantes timorenses feridos numa rixa durante uma festa de natal em Denpasar. Os estudantes também alegam que o comandante do distrito militar, coronel Thris Deantoro ameaçou matá-los se protestassem contra a decisão militar.

143. TIMOR GAP³¹⁷

SIDNEY, 1 MAIO 90, LUSA) A última edição mensal do "Pacific News Bulletin" tem a sua terceira página subordinada ao título "*Alerta máximo – o tratado do Timor Gap*". O artigo foca que quer a Austrália quer a Indonésia ignoram que Timor-Leste é a única entidade com legitimidade para negociar aquela região do mar de Timor. Citando que as jazidas são das 25 mais ricas no mundo descobertas até à data, o artigo cita que o acordo serve fins diplomáticos para Jacarta e fins materiais para a Austrália.

Dado tratar-se do primeiro acordo internacional a reconhecer a soberania de Jacarta sobre Timor-Leste, o curioso é que a Austrália quer através do primeiro-ministro Bob Hawke, quer através do seu MNE senador Gareth Evans estão a desmentir aquilo que anteriormente disseram "*que Timor era demasiado pobre para ser independente*".

Com citações várias de Ramos-Horta, da organização dos direitos humanos indonésia Tapol e de Lorde Avebury do grupo dos parlamentares para Timor-Leste, o artigo cita que será interessante observar a ratificação do tratado no

parlamento australiano. Por último apela a todos os leitores que façam sentir à Austrália as críticas internacionais do Pacífico à Europa e América do Norte, e urge os leitores a enviarem cartas de protesto ao Presidente da República portuguesa e ao primeiro-ministro australiano, quer directamente quer através das respectivas embaixadas.

Também a FIJ (Federação Internacional de Jornalistas) no seu 20º Congresso em Sardenha na Itália, aprovou uma moção condenando as autoridades indonésias pelas dificuldades impostas na cobertura noticiosa de Timor-Leste. O documento que foi apresentado pela delegação portuguesa e subscrito por representantes australianos e malaaios, entre outros, prevê o envio duma missão ao território. Foi igualmente manifestada a solidariedade com os habitantes de Timor-Leste, em especial com *“aqueles que, com risco da própria vida tentam exercer o direito à informação”*.

Já no passado dia 27, o Presidente da República portuguesa, Dr. Mário Soares afirmara no Vaticano que “Portugal não deixará de continuar a reivindicar para o povo maubere a autodeterminação e a independência que lhe são ilegitimamente recusadas.” No seu discurso dirigido a João Paulo II, Mário Soares referiu que o papa na visita que efectuou a Timor-Leste “terá, sem dúvida, podido pressentir os anseios do povo maubere em salvaguardar, como é legítimo, a sua identidade cultural e religiosa”.

144. 2 MAIO 1990 O PORTUGUÊS NA AUSTRÁLIA

145. FESTA POR TIMOR³¹⁸

Sidney, 7 Maio, 90, Lusa) a Convergência Nacionalista timorense em Nova Gales do Sul acaba de divulgar que os seus comités estaduais irão levar a cabo a primeira festa conjunta *"na história da comunidade timorense neste estado, no próximo dia 26 de Maio"*.

A festa a ter lugar em Cabramatta, subúrbio de Sidney onde se encontram as maiores concentrações de timorenses celebra a Fundação da UDT em 11 de Maio de 1974 e da ASDT – Fretilin fundada em 20 de Maio daquele ano.

O comunicado aos órgãos de comunicação social menciona ainda que *"foram ultrapassados desentendimentos anteriores para ser possível celebrarem em conjunto o aniversário da sua fundação"* tal como aconteceu em Melbourne em Março passado onde pela primeira vez neste país a Convergência efectuou uma festa conjunta dos seus simpatizantes e militantes.

A celebração marcará ainda *"a heróica luta de libertação do povo maubere para a sua autodeterminação e independência"*.

146. 8 MAIO 1990 RDP

147. VISITA À NZ³¹⁹

318 LUSA DESPACHO 102/90 7 MAIO 90

319 LUSA DESPACHO 106/90 8 MAIO 90₇₁₈

Sidney, 8 Maio 90, Lusa) depois de uma visita à Nova Zelândia, o embaixador de Portugal Dr. José Luís Gomes está em Port Villa, Vanuatu, a fim de tomar parte na celebração do 30º aniversário do Comité dos 24 da ONU.

Do programa de actividades a que a Lusa teve acesso consta a discussão do direito dos povos da região do Pacífico a autodeterminarem-se. Do mesmo programa segundo a agência apurou realizar-se-ão em 1992 seminários destinados às pequenas ilhas do Pacífico, nos quais serão debatidos assuntos tais como o uso da força militar pelas superpotências e mais importante ainda a posição das mesmas quanto à utilização da força.

Outro dos pontos que será debatido diz respeito à utilização dos recursos naturais, em especial os recursos de exploração dos bens naturais tais como minérios, gás e petróleo. Portugal estará representado nesta sessão pelo embaixador português para a Austrália, Nova Zelândia e ilhas do Pacífico, Dr. José Luís Gomes, o qual se encontra desde há dias em Vanuatu, depois de uma visita à Nova Zelândia. A conferência organizada pela ONU decorre de 9 a 11 de Maio sendo seguida por idêntica conferência entre 19 e 21 de Junho nas Caraíbas.

O Dr. José Luís Gomes, adiantou à Lusa em conversação telefónica com Vanuatu, que desconhece ainda de momento o alcance da sua intervenção, mas que nas listas dos assuntos a serem discutidos se conta o de Timor. Presente também à reunião, espera-se a presença de José Ramos-Horta - dissidente da Fretilin – e o qual se encontra a caminho de Vanuatu.

Neste comité especial da ONU, acrescentou o embaixador português "nada de importante deverá ser resolvido, mas a questão de Timor será afluada e os participantes terão a oportunidade de debatê-la dentro do âmbito da resolução 44/100 da ONU".

O colonialismo no Pacífico deverá centrar-se mais sobre problemas da Nova Caledónia e Papua Nova-Guiné do que sobre Timor embora não haja dúvidas para o Dr. José Luís Gomes de que o assunto de Timor-Leste será levado à cena.

148. MORTE DE JOSÉ RICARDO³²⁰

Sidney, 8 Maio 90, Lusa) Faleceu na sexta-feira passada dia 4 de Maio, José Ricardo uma das personagens mais visíveis da comunidade portuguesa na Austrália. Nascido em 23 Julho de 1920 cedo foi para Timor com os seus pais, tendo completado os seus estudos em Lisboa para ser colocado na Junta dos Produtos Pecuários do Porto.

Depois de cumprir o seu serviço militar na segunda Grande Guerra regressou a Portugal aonde esteve até 1963, desempenhando as funções de vereador da Câmara Municipal de Paredes.

Regressado a Timor é nomeado secretário da Rádio de Timor até que em 1969 emigra para a Austrália e trabalha para a Ford Motors. Em 1977 funda o "Luso Australian Club" sendo agraciado em Junho de 1989 com a medalha de mérito em prata *"em reconhecimento pela defesa da história de Portugal e da sua cultura"*. Em 25 Fevereiro

320 LUSA DESPACHO 106/90 8 MAIO 90₇₂₀

1990 vê a sua obra, o padrão dos descobrimentos portugueses em Warrnambool ser inaugurada.

149. MAIO 1990 PÚBLICO

150. 9 MAIO 1990 RDP

151 TIMOR GAP³²¹

Sidney, 10 Maio, 90, Lusa) Nada surgiu nos meios de comunicação social australianos sobre a discussão prevista para hoje da aprovação do tratado de exploração conjunta das riquezas do mar de Timor-Leste.

Contactado o embaixador português em Camberra, que se encontra actualmente em Vanuatu, este disse nada ter acontecido na sessão inaugural do 30º aniversário do comité dos 24 (Comité de Descolonização da ONU) e da sua resolução 40/100 a favor dos povos do Pacífico.

José Luís Gomes disse ainda à Lusa que José Ramos-Horta, dissidente da Fretilin ali havia chegado na tarde de quarta-feira e que iria defender o ponto de vista timorense.

Entretanto é esperado esta semana em Sidney, Abílio Araújo dirigente máximo da Fretilin que pela primeira vez se desloca à Austrália e o qual estará presente no dia 26 na festa comunitária que a Convergência Nacionalista em Nova Gales do Sul organiza pela primeira vez, como forma de celebrar conjuntamente a data de formação dos

321 LUSA DESPACHO 107/90 10 MAIO 90₂₁

dois mais importantes partidos timorenses: a UDT e a Fretilin.

Por seu lado, o dirigente da Fretilin na Austrália, Alfredo Borges Ferreira enviou hoje aos meios de comunicação social um comunicado no qual *"alega que o tratado de Timor Gap constitui uma violação dos direitos internacionais e das resoluções da ONU, condenando a ocupação de Timor-Leste pelas forças Indonésias"*.

O mesmo documento diz ainda que "a ratificação do tratado prova de forma irrefutável que a Austrália e Indonésia são cúmplices no crime de invasão, anexação e aniquilação de um povo à custa de mais de 200 mil mortos."

152. 11 MAIO 1990 RDP

153. O MOVIMENTO ESTUDANTIL INDONÉSIO EM MARCHA³²²

Sidney, 11 Maio, Público) Os estudantes na Indonésia deram recentemente novos passos na sua campanha contra a injustiça social e a falta de direitos democráticos.

Em Outubro passado, estudantes de seis universidades indonésias anunciaram numa cerimónia pública a criação de um centro coordenador estudantil em Jacarta, para controlar as actividades estudantis nessas seis universidades. Idênticos movimentos tiveram lugar noutras cidades que celebravam então o 62^o aniversário do movimento juvenil nacionalista de 1928.

322 PÚBLICO DESPACHO 23/90 11 MAIO,90

As manifestações públicas celebrando a formação do centro acabariam por ser impedidas pelas autoridades e os estudantes foram detidos. Numa rápida manobra de evasão, estudantes representando mais de 20 universidades acabariam por reunir-se nesse mesmo dia na pequena cidade de Cimacan em Java Ocidental e a eles juntaram-se camponeses locais. Os camponeses contaram aos estudantes a repressão policial de que estavam a ser vítimas, devido à sua oposição contra a construção de um centro turístico e de um campo de golfe que lhes retiraria hipóteses de sobrevivência económica, por lhes retirar as pequenas parcelas de terra das quais dependiam.

Uma moção então aprovada pelos presentes apelava para que o governo terminasse "todas as formas de intimidação, opressão, abuso de força e poder e apelavam para que o povo pudesse tomar parte mais activa no processo político da nação".

Uma publicação estudantil subterrânea diversas vezes tem notificado os mass-media sobre a existência de um descontentamento cada vez maior entre largos sectores estudantis e camponeses, de Bandung, Malang, Medan e Jogjakarta. Muitas destas acções expressavam a sua solidariedade por estudantes detidos ou expulsos pelas autoridades, entre os quais alguns estudantes timorenses em Jacarta e na universidade católica de Malang.

Posteriormente, em Surakarta mais de 700 estudantes esperaram horas em vão para um prometido encontro com o ministro da segurança política Soedomo (Sudomo). Em Medan, um cortejo motorizado de mais de 200 estudantes

precedeu uma manifestação de mais 500 estudantes da universidade da Sumatra do Norte, da universidade islâmica estadual e das universidades Dharma Agung e de Medan.

Dentre as reivindicações nos cartazes e posters citavam-se problemas graves do meio ambiente, a falta de infra-estruturas e outras queixas generalizadas contra o regime. Estas e outras manifestações, que só agora vêm ao conhecimento de meios da comunicação social ocidental, teriam sido impossíveis há apenas um ou dois anos atrás, mas nota-se no dia-a-dia que as forças militares estão a intervir menos, se bem que a brutalidade e torturas se mantenham.

Na mesma altura (Outubro 89) os estudantes assinaram um manifesto em Jogjakarta que entre outras frases cita:

"Nós os estudantes da Indonésia:

Declaramos a nossa fidelidade a uma pátria só, mas uma pátria livre de repressão,

Votamos ser um só povo, um povo dedicado ... justiça,

Afirmamos ter só uma língua, a língua da verdade."

154. ESTUDANTES TIMORENSES NA INDONÉSIA³²³

Sidney, 11 Maio, Público) Segundo o "Público" acaba de apurar um conhecido realizador documentarista australiano, conhecido pela sua luta contra a falta dos direitos humanos em Timor-Leste e na Indonésia, esteve em Jacarta.

Como é óbvio estamos impossibilitados de mencionar o seu nome ou os nomes dos seus contactos durante a sua estadia na Indonésia (aonde ele se deslocou para pesquisar um próximo documentário sobre um conhecido autor indonésio).

Depois de uma longa conversa, apurou o "Público" que ele estabeleceu contacto com os três estudantes timorenses que desde Outubro 1987 se encontram impossibilitados de sair de Jacarta, apesar de a embaixada holandesa, depois de lhes ter recusado asilo, lhes ter então fornecido passaportes portugueses.

Os estudantes estão bem e continuam activos, tendo manifestado a sua especial preocupação pela falta de notícias e de jornais de Portugal quer para eles quer para os seus compatriotas em Timor-Leste.

Outras das preocupações deste encontro foi a da anunciada visita dos parlamentares portugueses para Setembro, pois que planeiam uma larga campanha com centenas de outros estudantes timorenses, a qual conta já preparar T-shirts alusivas ao regresso dos [parlamentares] portugueses.

Se bem que não tão estreitamente vigiados como no passado, foi com dificuldade e depois de vários intermediários que o contacto com eles foi estabelecido, sabendo-se também que estão a ser apoiados por diversos sectores [os quais não podemos citar uma vez mais por motivos óbvios].

Os estudantes enviaram uma série de fotografias de Timor datadas de finais do ano passado e para as quais o Público negociou já direitos exclusivos para Portugal.

155. CONFERÊNCIA DA ONU EM VANUATU³²⁴

Sidney, 11 Maio 90, Lusa) – "Altamente positiva a presença de Portugal nesta sessão, marcando o regresso da diplomacia portuguesa a esta área do Pacífico Sul", assim declarou à Lusa, em contacto telefónico de Port Villa, capital da república do Vanuatu, o embaixador português em Camberra José Luís Gomes.

Há três dias que cerca de 300 pessoas, representando governos e ONG's (organizações não governamentais) ali estão presentes na sessão comemorativa do 30º aniversário do comité de descolonização da ONU.

Timor-Leste, segundo acrescentou o embaixador português, foi "focado por várias vezes, desde o discurso inicial à discussão sobre os recursos naturais dos povos do Pacífico, onde se mencionou a ilegalidade do tratado entre a Austrália e a Indonésia para a exploração do petróleo na região denominada Timor GAP".

José Luís Gomes acrescentou à agência que a intervenção portuguesa evitou a polémica sublinhando que ali estava presente dado Portugal ser universalmente reconhecido como potência administrante de Timor-Leste.

À aparente agressividade da delegação Indonésia, que alguns presentes consideraram mais moderada do que

324 LUSA DESPACHO 108/90 11 MAIO 90₇₂₆

habitual, a delegação portuguesa manifestou que *“continua firmemente e de boa vontade não só nas negociações de Nova Iorque, mas também no sentido de encontrar uma solução global aceitável para o povo de Timor e para a comunidade internacional”*.

O embaixador português disse que "foi com prazer que ouvi do padre Walter Lini [1º ministro do Vanuatu], e uma das personalidades políticas mais notáveis na região, expressar publicamente o seu apreço pela acção desenvolvida por Portugal para tentar obter uma solução para o problema [Timor-Leste]".

José Luís Gomes manifestou igualmente a satisfação da delegação portuguesa ter sido ostensivamente cumprimentada pela maioria das delegações presentes depois de um aceso debate que teve com a sua homóloga indonésia.

José Ramos-Horta, o dissidente da Fretilin, foi outro dos oradores presentes que dedicou o seu tempo à questão de Timor-Leste, salientando os progressos efectuados recentemente com a criação de um curso de diplomacia internacional numa universidade de Sidney, para as minorias e os povos do Pacífico.

Se o problema de Timor foi uma constante nesta reunião, desde que foi mencionado no discurso de abertura pelo presidente do comité de descolonização, a delegação portuguesa não espera porém que nas conclusões finais a apresentar dentro de horas tragam mais do que o reconhecimento dos presentes que o povo de Timor tem direito a escolher livremente o seu futuro e a explorar as

suas riquezas naturais agora partilhadas pela Austrália e Indonésia.

Esta reunião da ONU no Pacífico Sul, ocasião rara de reconhecimento à importância da região, tem sido totalmente esquecida pela comunicação social australiana que até ao momento a ela não fez nenhuma menção.

Por outro lado, a Lusa conseguiu apurar que o debate sobre os pontos do tratado do Timor Gap que necessitam de alteração legal e ratificação, nos campos da saúde, alfândegas, lei geral e de trabalho, foram tabulados no parlamento tendo a discussão sido adiada para a próxima semana, tendo havido parlamentares que se opuseram à falta de tempo dedicada para o debate.

Entretanto soube-se hoje que foi introduzida na Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa, por iniciativa do eurodeputado Carlos Candal, uma resolução que condena a ocupação de Timor-Leste pela Indonésia e confirma o direito à autodeterminação do seu povo. Ao mesmo tempo, a JS (Juventude Socialista) numa concentração frente à embaixada australiana em Lisboa entregou um exemplar da Declaração Universal dos Direitos do Homem, pedindo que uma mensagem sua fosse entregue ao governo de Camberra. Nela se podia ler *“uma vida humana vale mais que um barril de petróleo”*.

156. 15 MAIO 1990 PÚBLICO

157. 15 MAIO 1990 CORREIO PORTUGUÊS

158. 16 MAIO 1990 O PORTUGUÊS NA AUSTRÁLIA

159. 16 MAIO 1990 PÚBLICO

160. EXPOSIÇÃO DO REPRESENTANTE DA FRETILIN
NA AUSTRÁLIA À AGÊNCIA LUSA

Darwin, 17 Maio 1990 Alfredo Ferreira

Ao Director Regional da Agência Lusa, Gonçalo César de Sá, Tóquio, Japão

Através do Chrys Chrystello tomei ontem conhecimento da sua carta datada de 1/5/990 onde elogia-me com uma certa eloquência.

Antes de debruçar-me sobre algumas das passagens da sua carta julgo ser meu dever congratulá-lo pelo modo como deixa transparecer intuitivamente, determinado tipo de comportamento que permite-me retratá-lo com uma certa objectividade.

Gostaria agora de informar que:

O representante da FRETILIN reside e sempre residiu em Darwin, Austrália, Território do Norte

É bem possível que parte do conteúdo da notícia tenha sido tornada pública através de G.I.F./D.E.F.

Tal atraso parcial é devido à eficiência de algumas das células de informação, que fazem uso de diferentes e independentes canais de comunicação com o exterior, tivessem por razões desconhecidas atrasado. Felizmente, tal atraso só confirmou a veracidade da notícia como também complementou-a com dados mais actualizados (ver Press Release em anexo).

A credibilidade e honestidade de qualquer dos jornalistas nunca foi posta em causa, durante a conversa telefónica, não foi entrevista, que tive com o Chrys Chrystello. Embora não possa reproduzir exactamente a nossa conversa posso no entanto dizer

que o Chrys quis saber o que achava se ele conseguisse acompanhar a Deleg. Parlamentar Portuguesa a Timor-Leste, como jornalista. Respondi-lhe que achava bem, não via razão alguma para contrariá-lo já que trata-se de uma personalidade bem conhecida dentro das comunidades timorenses refugiadas aqui na Austrália. Falamos também de certos “Nunos Rochas” mas, de modo algum sugeri ou afirmei que os jornalistas a acompanhar a Delegação Parlamentar Portuguesa deveriam estar sujeitos a aprovação dos timorenses que elegantemente classifica-nos por “essa gente”.

5. Quanto à afirmação “DESDE QUANDO É QUE SE DÁ VOZ A ESSA GENTE?” devo informá-lo que essa “...VOZ” é pelo heróico povo Maubere, ao longo destes últimos 15 anos, de sangue, lágrimas e suor, na luta pela Libertação Nacional contra o invasor e ocupante indonésio.

Essa mesma “voz” foi silenciada *pelos sucessivos governos portugueses nos últimos 460 anos da história da colonização portuguesa de Timor-Leste.*

Desconhecia contudo que seja apologista daqueles que pretendem nos silenciar.

(ass. Alfredo Ferreira)

A seguir se transcreve o original

161. 17 MAIO 1990 PÚBLICO

162. 17 MAIO 1990 PÚBLICO

163. 18 MAIO 1990 PÚBLICO

164. EXPOSIÇÃO SOBRE TIMOR-LESTE³²⁵

Sidney, 19 Maio 90 – Lusa) – Jenny Groves uma professora do secundário australiano deslocou-se a Timor-Leste em Janeiro passado a fim de elaborar um projecto de dois meses sobre o território. Em 19 de Janeiro quando se encontrava hospedada no Hotel Turismo em Díli, ao mesmo tempo que o embaixador norte-americano em Jacarta, John Monjo, Jenny observou uma pacífica manifestação de estudantes tornar-se violenta.

A Intervenção das forças militares indonésias acabaria por causar dois mortos e dezenas de feridos, dentre os estudantes que exigiam a autodeterminação de Timor-Leste. Jenny Groves foi a única a fotografar os incidentes e as suas fotos foram publicadas em Portugal, Reino Unido e Japão, e na comissão dos direitos do homem em Genebra em Março passado. As fotografias são um documento que Jenny qualifica como "*valioso e prova evidente da repressão a que o povo timorense está votado*".

A fim de alertar a comunidade australiana para a situação em Timor-Leste, Jenny Groves está a tentar organizar no centro de arte contemporânea em Fanny Bay [Darwin] e noutras cidades uma mostra das fotografias, em conjunto com um registo fotográfico de Elaine Brière datado de 1974-1975 e ainda não exposto na Austrália. Para esse fim Jenny Groves fez esta semana um apelo aos órgãos de comunicação social portuguesa e australiana para a ajudarem com artigos ou documentos relacionados a

325 DESPACHO LUSA 116/90 19 MAIO 90₃₁

Timor desde 1974 e a suportar parte dos custos da organização das exposições.

165. 21 MAIO 1990 PÚBLICO

166. 21 MAIO 1990 PÚBLICO

167. 22 MAIO 1990 O PORTUGUÊS

168. 19 MAIO 1990 REVISTA SÁBADO

169. 22 MAIO 1990 CORREIO PORTUGUÊS

170. REUNIÃO TIMORENSE EM SIDNEY³²⁶

Sidney, 25 Maio, Público) Tem lugar no sábado, dia 26 uma reunião em Sidney convocada pela Convergência Nacionalista para a celebração conjunta do décimo quinto aniversário da formação da UDT e da FRETILIN. Trata-se da primeira vez que em Sydney são superadas as divergências entre aqueles dois grupos políticos e se congregam esforços para apresentar em público uma frente unida.

Se bem que inicialmente estivesse prevista a vinda de Abílio Araújo, da FRETILIN, este acabaria por adiar de novo a sua prometida digressão à Austrália. Segundo o Público apurou estarão presentes representantes de organismos australianos de apoio à causa de Timor, entre os quais o Dr. Michael Wagner da Fundação para Timor-Leste.

A festa terá lugar a partir das 19 horas no subúrbio de Cabramatta, em Sidney, onde reside a maioria dos timorenses nesta metrópole. Foram convidados também para estar presentes representantes do governo português e José Ramos-Horta ex-dirigente da FRETILIN.

A UDT, originalmente UDETIM (União Democrática Timorense) foi fundada em 11 de Maio de 1975 e era constituída por Lopes da Cruz, César da Costa Mouzinho, João Carrascalão, Mário Carrascalão (então chefe dos serviços de agricultura e florestas), Humberto Jorge da Conceição (chefe dos serviços de Finanças), Domingos de Oliveira, António de Sousa Nascimento, Fausto do Carmo Soares, Manuel Babo, Jacinto Soares dos Reis e Fernando Rosário dos Mártires.

A FRETILIN nasceu como ASDT (Associação Social Democrata de Timor) em 22 de Maio fundada por José Ramos-Horta, Nicolau Lobato e Justino Molo. Posteriormente em Setembro de 1975 passaria a designar-se Frente De Libertação Para Um Timor-Leste E Independente e a ela se juntariam outras figuras célebres durante a luta pela independência.

Em comunicado difundido aos órgãos de comunicação social os dirigentes estaduais da UDT e FRETILIN salientam que "foram ultrapassados desentendimentos anteriores a fim de ser possível a celebração conjunta do aniversário da sua fundação, marcando desta forma a heróica luta de libertação do povo maubere para a sua autodeterminação e independência."

Em Março passado a UDT elegeu a nova direcção estadual constituída por jovens com estudos feitos na

Austrália a fim de revitalizar a sua imagem local. A nova estrutura da UDT prevê a existência de comités activos em cada Estado e Territórios australianos com vista ao reforço da Convergência.

João Carrascalão reiterou recentemente ao "Público" que continua "a apoiar a ida de uma delegação parlamentar portuguesa a Timor-Leste, e que a Convergência sente a necessidade de tomar parte em conversações multipartidárias para o encontro de uma solução para o problema de Timor".

Relativamente à proposta veiculada nos últimos meses por José Ramos-Horta de criar um secretariado internacional, Carrascalão declarou: *"a posição da UDT é a de reconhecer que se trata de uma proposta da FRETILIN e como tal não apoia o Secretariado de Horta"*.

A questão da visita parlamentar portuguesa e de uma maior participação dos timorenses na procura de uma solução, conjuntamente com o governo de Lisboa, foi acentuadamente discutida em Fevereiro em Melbourne num encontro com mais de uma centena de timorenses e representantes de várias organizações australianas de apoio a Timor.

Nessa reunião a que o correspondente do "Público" esteve presente os jovens timorenses – na sua maioria crescidos e educados na Austrália manifestaram verbalmente ao embaixador português, Dr. José Luís Gomes, que esteve presente como convidado dos organizadores, a sua insatisfação pela acção do governo de Lisboa.

O problema da visita dos parlamentares portugueses tem sido veementemente reivindicado pelos líderes políticos da FRETILIN na Austrália, em especial os representantes da FRETILIN, Alfredo Ferreira em Darwin, Lola Reis em Sidney e Teresa Yap em Melbourne.

A comunidade timorense em si segue os seus líderes políticos, havendo porém um cada vez mais vocal grupo, constituído por jovens, crescidos na Austrália e os quais não seguem a linha do respeito aos líderes tradicionais. Este facto é visível na formação do comité estadual da UDT onde todos os membros têm menos de 35 anos e a maioria tem pouco mais de vinte anos de idade.

Em Melbourne, onde o número de estudantes a nível secundário e terciário é grande, a Fretilin está sob enorme pressão para os aceitar como dialogantes sem exigir que sejam membros do partido para de tal forma terem uma maior penetração.

Alguns australianos das organizações de apoio a Timor-Leste mostram-se já preocupados com esta nova geração que exige ser ouvida e não representa a Convergência Democrática timorense, como tradicional porta-voz dos timorenses.

Por outro lado, segundo todos os relatórios que de Timor chegam até à Austrália, constata-se que é essa mesma geração que ali no território ocupado pela Indonésia, se mostra mais activa e vocal.

Notícias de fontes geralmente fidedignas, citando informações provenientes de estudantes timorenses em

Bali, afirmam que o bispo residente estaria a adoptar um perfil menos visível face a enormes pressões de Jacarta.

171. 26 MAIO 1990 EXPRESSO

172. 28 MAIO 1990 PÚBLICO

173. PAZ NO CAMBOJA, VISITA A TIMOR ^{327 328}

Sidney, 29 Maio 90, Público) Teve lugar em Jacarta em 28 de Fevereiro passado mais uma reunião internacional para as negociações de paz no Camboja, promovida pela Austrália e países da ASEAN. Nela esteve presente o jornalista australiano, Mark Baker, actualmente editor da secção internacional do prestigioso diário de Melbourne "The Age".

Depois dos quatro dias de negociações falhadas, Mark Baker obteve autorização especial das autoridades Indonésias para visitar Timor-Leste onde esteve cerca de uma semana nos primeiros dias de Março. Em Díli efectuou vários contactos desde o bispo (monsenhor Carlos Ximenes Belo), a membros do funcionalismo público, a estudantes ex-detidos em virtude das sangrentas manifestações de 19 de Fevereiro aquando da visita do embaixador norte-americano John Monjo, e dissidentes do movimento subterrâneo de oposição à dominação Indonésia.

327 PÚBLICO DESPACHO 41/90 29/5/90

328 EXCLUSIVO PARA O PÚBLICO, DESPACHO DE JOSÉ CHRYS CHRYSTELLO COM MARK BAKER ["THE AGE"] E MARK AARONS [RÁDIO NACIONAL AUSTRALIANA , ABC].

Durante a sua estadia várias pessoas lhe mencionaram o tom especialmente cáustico de uma reunião do general Benny Murdani, actual ministro da defesa e comandante militar da operação "Komodo" e da subsequente invasão de Timor em 1975. Posteriormente uma de 50 ou 60 pessoas que havia estado presente à reunião de dia 3 de Fevereiro deu-lhe uma cassette com a gravação da sessão de Benny Murdani com o alto funcionalismo público de Timor.

Murdani é apresentado aos presentes depois de um breve discurso do governador provincial Mário Carrascalão e faz declarações violentas. A primeira tradução da cassette foi ainda feita em Díli por uma pessoa proeminente, que por motivos óbvios não é possível mencionar a fim de preservar a sua vida.

Posteriormente chegado à Austrália Mark Baker, publica os seus artigos e fornece o material aos jornalistas da cadeia nacional "ABC" e Rádio Austrália (serviço de ondas curtas) os quais por seu turno, obtêm nova tradução completa da cassette e utilizam-na em programas radiofónicos.

Apesar disto se ter passado em Março, aparentemente o despacho então enviado pelo [AUTOR] correspondente da agência noticiosa LUSA na Austrália [e ao qual o Público teve acesso] reportando a mesma notícia não foi publicado por aquela agência por motivos que se desconhecem, só tendo vindo à tona em 11 de Maio neste jornal, ou seja exactamente dois meses de ter sido publicada pela primeira vez na Austrália.

Na edição de amanhã daremos uma transcrição total do discurso de Murdani, convindo porém reiterar aqui e agora que o jornalista Mark Baker garantiu ao Público na manhã de hoje (terça 29 Maio) que Murdani declarou:

*“O exército indonésio esmagará todos os movimentos que tentem provocar o controlo indonésio sobre Timor-Leste,
Se alguém se mover para tornar [Timor em] uma nação independente e se esse movimento tiver poder suficiente então o exército aniquilá-los....
Alguns de vocês são traidores e apoiam activamente os guerrilheiros e pagam aos estudantes dissidentes”,
Todos e quaisquer esforços para separar Timor-Leste da nação Indonésia encontrarão toda a nossa resistência. Nós não admitimos que tal possa acontecer,
Não haverá nenhum Timor independente. Não há nenhuma nação timorense, só existe a nação Indonésia. Nem sequer sonhem com uma nação em Timor-Leste. Nem sequer pensem em Timor como nação,
Sei quais de vocês são da Fretilin e quais não se redimiram e sei dentre vocês quem ainda aqui apoia o líder guerrilheiro Xanana Gusmão,
Vocês têm de esquecer os ressentimentos do passado. Só porque o vosso irmão morreu isso não quer dizer que o tenham de vingar. Deixem isso para trás de vocês.”*

Para além de obter uma tradução independente da gravação, o Público irá (aqui na Austrália) reunir outras gravações para comparação de voz e estilo que comprovem a autenticidade da mesma.

Entretanto o jornal Expresso noticiava em 26 Maio que a Indonésia queria afastar deputados portugueses da população de Timor, ao mesmo tempo que na semana passada as negociações sob a égide da ONU haviam sido interrompidas por um membro da delegação indonésia ter um gravador escondido na manga.

174. CAVACO E SILVA FALA DE TIMOR COM JORNALISTA INDONÉSIA

Lisboa, 29 Maio, Lusa) O primeiro-ministro manifestou hoje a convicção de que a Indonésia venha a dar alguns “passos positivos” no sentido da resolução do problema de Timor ao responder a uma pergunta de uma jornalista da agência noticiosa da Indonésia “Antara”.

Cavaco e Silva fala numa reunião que decorreu hoje à tarde na residência oficial de São Bento com os participantes no curso deste ano da Fundação “Jornalistas na Europa” e na qual participou Pinto Balsemão, um dos administradores desta Fundação. Na ocasião um dos jornalistas presentes Fardah Assegaf da agência Antara perguntou-lhe se o governo português pensa continuar a colocar na ONU o problema de Timor.

Ao responder, Cavaco e Silva aludiu às diligências para a visita de deputados portugueses a Timor, referindo que Portugal não pretende regressar a Timor como potência colonial. “*Nesta questão Portugal move-se pela defesa de princípios e respeito dos direitos humanos*” disse.

O primeiro-ministro mostrou-se convencido de que o problema poderá vir a evoluir de forma a permitir um

acordo, mas respondeu negativamente quando a jornalista indonésia inquiriu sobre se há possibilidade de reatamento das relações diplomáticas entre os dois países. *“De qualquer forma somos a favor do diálogo e penso que alguns passos positivos serão dados pela Indonésia no sentido de resolver este problema”* afirmou.

A reunião com os 31 jornalistas de 25 países do curso (de oito meses e baseado em Paris) “Jornalistas na Europa” foi iniciada com intervenções de Pinto Balsemão e de cavaco Silva que tinha à sua direita na mesa aquele seu antecessor no cargo de primeiro-ministro.

Seguiram-se perguntas de muitos jornalistas presentes...

(Take two)

O respeito dos direitos humanos em Chipre e em Timor-Leste dominou hoje o encontro entre o presidente cipriota e os líderes parlamentares portugueses. Em declarações aos jornalistas, Vítor Crespo afirmou que o Presidente defendeu a “Nação Unida de Chipre” mas no respeito pelos direitos humanos. *“Nesse contexto nós recordamos que Portugal sempre se pronunciou no Conselho da Europa e noutras instâncias a favor de uma solução para Chipre. Como retribuição entre aspas, pedimos que nos ajude a encontrar uma solução para Timor-Leste que passe pelos direitos humanos”*, adiantou.

175. 29 MAIO 1990 PÚBLICO

***** Intro para o Adelino Gomes/Jornal Público*****

[a seguir se transcrevem excertos do discurso do general Benny Murdani, ministro da Defesa Indonésia, proferido em 3 de Fevereiro em Díli perante o governo regional e alto funcionalismo público num total de 50 a 60 pessoas. A cassete de que o Público neste momento detêm cópia foi escutada por peritos de Bahasa Indonésia e de assuntos indonésios que não só confirmaram a tradução inicial com alterações mínimas de estilo, como garantiram que a voz era a de Murdani. Por razões de segurança pessoal e política não poderemos divulgar o nome dessas pessoas que têm acesso à Indonésia e algumas das quais ligadas aos meios de comunicação social e à sétima arte.]

[excertos do discurso de Murdani]

“Nem sonhem que haverá uma nação chamada Irian Jaya (Papua Ocidental), uma nação chamada Ambon, uma nação chamada Tim-Tim (nome dado pelos indonésios a Timor Timur, Timor-Leste). Nenhuma delas existirá. No passado muitos estados quiseram tornar-se independentes, sem pestanejar, o governo indonésio tomou medidas para que tal não acontecesse. Todos os meios possíveis serão utilizados para evitar que a Indonésia seja partilhada por múltiplos estados.

"Quer aqueles que partiram para as montanhas e se auto-denominam de Fretilin ou as pessoas que estão aqui que tentem libertar Timor da Indonésia serão severamente punidas e é por essa razão que enfaticamente esperamos até que Tim-Tim [Timor Timur = Timor-Leste] estivesse suficientemente amadurecido para ser autónomo e abrir as suas portas ao mundo exterior.

*"Desde então Timor tem sido tal qual como qualquer outra província por isso não queiram ser heróis que acordaram tarde e utilizo estas palavras para me referir aqueles que se dizem **"eu sou um patriota timorense"**.*

"Não há nenhuma nação timorense, há uma nação Indonésia e há patriotas indonésios. Isto quer as pessoas venham da alta sociedade quer venham dos grupos de jovens estudantes com que me encontrei ontem [2 Fev.º 90] quer venham da igreja, Tim-Tim é parte integrante da Indonésia. O governo indonésio independentemente dos seus líderes manterá essa mesma posição o que quer dizer que não mais haverá sonhos em relação a um Timor independente.

"Se quiserem falar da nação vejamos primeiro o mundo exterior à Indonésia e estudem a história Indonésia. Se o fizerem verão e ficarão convencidos que o governo apenas tem um desejo permanente que é o de manter a unidade e continuidade do estado desde Sabang a Merauke incluindo Tim-Tim [Timor-Leste]. Em assuntos relacionados com o governo esse sentimento de unidade independente dos nossos sentimentos deverá sobrepor-se. Penso ser claro.

Bem sei que há grupos e pessoas insatisfeitas, as quais preferem tomar outro rumo, isso não é proibido, isso não é proibido, mas a atitude dos membros do governo e das forças armadas é outra coisa.

“Se um membro das forças armadas quiser estabelecer uma nação independente, tudo bem mas não pode lutar por isso enquanto estiver ligado às forças militares. Ele deve deixar ou ser despedido e depois todos poderemos ver que se trata de um caso isolado no meio de um oceano de vontades que querem um estado unitário. Se ele for um membro do governo regional e não tiver a mesma opinião que o governo deve deixar de pertencer ao governo. Se quiser lutar pelos seus ideais e juntar-se à guerrilha das montanhas as quais já foram derrotadas então só comerá a carne de porco que a gente da cidade lhe enviar. Mas não pode fazer isso enquanto estiver activamente como parte do governo.

*Espero que isto seja suficientemente elucidativo para vocês, porque cada cidadão tem o direito de expressar a sua opinião, mas os cidadãos não têm só direitos, eles têm também obrigações e em vez de pedirem apenas a execução dos seus direitos **"não gostamos da Indonésia e queremos a nossa própria nação"** eles serão esmagados pelas Forças Armadas uma, duas, três vezes. Já houve rebeliões maiores do que esta que se chama de Fretilin mas nós destruí-los-emos a todos não para oprimir os timorenses mas para manter a unidade da nação Indonésia de uma forma física e de outras.*

“Se as pessoas que gritam nas ruas trabalham para o governo sejam régulos, chefes de posto ou outra coisa, eles são os que treinam a população mas não o podem fazer criticando o governo e recebendo o seu salário desse mesmo governo. Para esses, aqui vai o aviso escrevam ao governador e digam porque é que não estão autorizados a aproveitar-se do sol, de Inverno. Será melhor essa forma de desempate que terá de mostrar o seu valor.

“Eu sei qual de vocês são bons e eficientes membros da UDT, assim como sei os que são bons membros da APODETI e os que fingem. Eu sei que ainda há portugueses e como se chamam. Já houve tempos em que havia aqui muitos soldados portugueses mas só ficaram aqueles que não têm emprego em Portugal até porque em Portugal tinham de usar botas no Inverno e aqui não, nem morrem por causa disso, mas precisam apenas de um cobertor e de uma camisa na estação quente por causa da malária.

“A integração de Timor na Indonésia deu-se em 1974 depois de uma delegação vir a Jacarta pedir tal integração e agora os timorenses podem votar em eleições gerais, e se antes não havia escolas agora há-as em número suficiente, mas em termos militares passamos de uma situação em que havia soldados portugueses para a de termos agora soldados timorenses, passamos de uma colónia estrangeira para sermos parte da Indonésia e em passos graduais até porque os timorenses não são suficientemente espertos para seguirem todas as regras.

“O ano passado disseram-vos [o governo] vamos ser como as outras províncias e vamos abrir Timor ao mundo e assim hoje somos 100% iguais às outras 26 províncias. Em Java a situação é diferente: há mais igrejas e mesquitas e os javaneses são mais educados/inteligentes do que os timorenses e falam melhor indonésio, mas se estão hoje melhor do que estavam, os timorenses ainda estão 23 anos atrasados em relação ao resto do arquipélago, podem ter mais padres do que nos outros sítios mas faltam peritos e a educação não é tão boa.

“Eu como vosso ministro da defesa não venho falar dos problemas de segurança em Timor mas da defesa de Timor, porque neste meu novo emprego como ministro da defesa tenho de vos falar em construir esta nação que se bem que não seja homogénea e nem toda a gente seja parecida ou tenha costumes idênticos não significa que vamos dividir a Indonésia ao longo de tais diferenças, porque as tais ilhas diferentes não podem sobreviver economicamente independentes. Isto aliás foi sempre assim, e se uma ilha se tornasse independente ela teria de depender de outra grande nação para sobreviver.

“O governo indonésio sempre fez tudo o que pode para terminar com o separatismo e isto aplica-se também a Timor-Leste, e inclui as pessoas da montanha [mato] os Fretilin e todas as tentativas de tornarem o país independente serão tratadas com a dureza necessária, por isso não sonhem com o facto de a província Tim-Tim um dia ser o país de Tim-Tim [Timor Timur]. Para aqueles que não estão satisfeitos e que escolham uma via que não seja proibida lembro

apenas que o não podem fazer se pertencerem ao exército ou à administração ou ao governo.

Se quiserem apoiar esse bando de derrotados que está a mato então serão despedidos dos vossos empregos e se bem que sejam livres de se expressarem e de desejarem que Timor seja independente lembrem-se que se esse movimento pró-independência ficar com dimensão demasiada, será aniquilado pelas forças armadas porque essas nunca foram derrotadas. Já houve outros movimentos maiores que um pequeno grupo de Fretilin nas montanhas e a todos destruimos e de todos demos cabo, apesar da ajuda de outros países e de falarem Inglês.

“Se ficassem independentes teriam de importar tudo de outros países e já é muito caro trazer-vos as coisas de Java, agora imaginem quanto não custariam trazê-las de outros países. Tudo isto é um processo longo e demorado e têm o direito de se sentirem insatisfeitos, mas a pessoa com quem se devem sentir insatisfeitos é o vosso governador [Mário Carrascalão] e nada existe de errado com as regras, apenas com a forma como são aplicadas.

“Deixemo-nos de questiúnculas entre grupos diferentes de indonésios pois isso só enfraquecerá a nação Indonésia e esta é a única com esta diversidade de grupos [étnicos]. Isto era basicamente aquilo que eu vos queria dizer esta noite. Os problemas de Tim-Tim [Timor-Leste] provavelmente só se resolverão com o tempo e um certo dá cá toma lá, mas a diferença com Timor-Leste é de que sempre

que algo acontece torna-se num foco de atenção internacional e as pessoas tentam aproveitar-se disso através de manifestações. Ainda recentemente as pessoas aqui se manifestaram em virtude da falta de trabalho. Mas também há falta de trabalho noutras partes da Indonésia e as pessoas não sentem a necessidade de se manifestarem em frente de um embaixador estrangeiro.

“Agora que vocês são indonésios não se sentem porventura envergonhados por se manifestarem contra a falta de trabalho em frente de embaixadores?”

Não é assim que vocês arranjarão emprego, e deviam eram pedir dinheiro emprestado ao banco. Todos aqueles que se manifestaram e aqueles que fazem parte do governo, chefes de Suco [distrito] são traidores e deviam demitir-se do governo. O mesmo digo daqueles que se manifestaram durante a visita do Papa. O que eu sinto por vocês é pena. Vocês deviam era canalizar as vossas aspirações através dos partidos existentes e dos grupos de acção...

“Hoje já não há APODETI nem UDT nem FRETILIN. Em 1975 havia uma guerra civil e algumas pessoas morreram mas já houve guerras civis noutras partes da Indonésia. Esqueçam o passado, esqueçam a vingança e não repitam o que fizeram dantes pois isso só conduz à miséria e ao sofrimento.”

177. 29 MAIO 1990 RDP

178. 29 MAIO 1990 LUSA LISBOA

179. 30 MAIO 1990 PÚBLICO

180. ACORDO TIMOR GAP³³⁰

Sidney, 30 Maio, Lusa) terminou ontem terça-feira a discussão parlamentar das alterações legais necessárias para a total implementação do acordo do Timor Gap entre a Austrália e a Indonésia, com apenas oito votos contra (seis democratas e dois independentes).

Aquilo a que os portugueses obstinadamente chamavam a ratificação do acordo do Timor Gap está completa legalmente na Austrália e observadores especulam se será agora que Portugal se decide a finalmente levar o caso ao Tribunal Internacional de Haia.

Dentre os oito opositores à passagem das alterações legais salienta-se a intervenção do senador [democrata] Macklin da Queenslândia:

"Opomo-nos totalmente a este pedaço de legislação baseados em 25 anos de história e nos mais de 200 mil mortos resultantes da ocupação Indonésia. Para os democratas australianos este tratado é ilegal violando o artigo 2º parágrafo 4 da carta das Nações Unidas que cita peremptoriamente que as nações se devem abster de conquistas territoriais e de exercer direitos sobre os territórios dessa forma adquiridos. O tratado viola ainda a decisão da assembleia-geral da ONU número 26225 de 24 Out.º 70."

330 LUSA DESPACHO 123/90 30 MAIO 90₇₄₈

"Estamos fartos de ouvir falar da crise dos países do Báltico e da tomada abusiva do poder pelos soviéticos depois de 50 anos de dominação, mas quando se trata de 15 anos de ocupação da vizinha Timor-Leste diferentes critérios se aplicam..."

"É como a história das trinta de moedas de prata de Judas e aqui ficamos debatendo a lírica do problema dos direitos humanos com medidas divergentes conforme os países. Relembro que países três vezes mais pequenos e economicamente inviáveis como Kiribati, Vanuatu e Nauru se tornaram independentes mas como a Austrália tinha interesse no petróleo de Timor este não se pode tornar independente".

181. 31 MAIO 1990 Público

SEGUEM-SE A VERSÃO DA TAPOL PRIMEIRO E DEPOIS A DO AUTOR (ENTÃO CORRESPONDENTE DO PÚBLICO EM SIDNEY)

TRADUÇÃO DO INDONÉSIO PARA INGLÊS FEITA PELA ABC RADIO (MARK AARONS) E REVISTA POR ZOE REYNOLDS (SBS TV) PARA CHRYS CHRYSTELLO [PÚBLICO]. A RESPONSABILIDADE DE INTERPRETAÇÃO E TRADUÇÃO DO INGLÊS PARA PORTUGUÊS PARA OS ARTIGOS ANTERIORES É DO AUTOR.

182. 31 MAIO 1990 PÚBLICO

183. 5 JUNHO 1990 CORREIO PORTUGUÊS SYDNEY

184. 1 JUNHO 1990 PÚBLICO

185. 4 JUNHO 1990 PÚBLICO

186. RAMOS-HORTA³³¹

Sidney, 6 Junho, Público) José Ramos-Horta o ex-líder da Fretilin declarou hoje ao Público que "não regressou nem regressa à Fretilin até estarem obtidas as condições postas por si em Outubro passado".

Horta referia-se a uma recente notícia publicada neste jornal, no qual Abílio Araújo dizia que Ramos-Horta "*estaria disposto a trabalhar sob a Convergência*"

Ramos-Horta disse ainda que nunca se havia recusado a "trabalhar com a Convergência, como timorense e a prestar o seu apoio." Referiu a propósito que nas recentes reuniões de Genebra ele "era o único timorense dado que nenhum membro da Convergência ou da Fretilin se dignou estar presente".

"Aliás o mesmo aconteceu", acrescentou Horta, "na reunião comemorativa dos 30 anos do comité de descolonização da ONU, efectuado há semanas em Vanuatu, em que além de Horta e do embaixador português mais ninguém estava presente para defender a voz dos timorenses, não obstante haver fundos oferecidos pelo governo português para a Convergência estar presente".

José Ramos-Horta que admitiu ter recebido nesta data notícias de Timor-Leste as quais divulgará em breve e as

quais são da maior importância para a resistência, concluiu dizendo que *"mais do que nunca penso que deveríamos eleger presidente Xanana Gusmão e como vice-presidentes os restantes dois membros fundadores ainda em Timor"*. Para Horta que este mês concretizará o lançamento do seu Secretariado Internacional em Sidney, Nova Iorque e Lisboa, este destina-se a apoiar *"a luta de todos os timorenses independentemente de pertencerem ou não à Convergência"*.

Por outro lado, o Público contactou o membro do comité central da UDT em Sidney João Carrascalão o qual disse que *"Dentro do espírito da Convergência e tal como já por diversas vezes afirmamos, opomo-nos à criação deste Secretariado, que representa a criação artificial de um terceiro partido na cena política"*.

"O secretariado" adiantou Carrascalão *"serve interesses pessoais e só pode funcionar se estiver integrado dentro da Convergência tal como proposto pela liderança da Fretilin"*.

Para Carrascalão, o apoio da comunidade a este projecto de Ramos-Horta *"restringe-se a umas dezenas de pessoas, uma pequena minoria dentre os milhares de timorenses radicados na Austrália e está condenado ao fracasso"*. Note-se a este respeito que todos os comités da Fretilin na Austrália vetaram de forma veemente a criação deste Secretariado em Fevereiro passado.

187. 6 JUNHO 1990 PÚBLICO

187. 6 JUNHO 1990 PÚBLICO

188. 6 JUNHO 1990 RDP

189. 7 JUNHO 1990 PÚBLICO

190. TIMORENSES ANGARIAM FUNDOS³³²

Sydney, 11 Junho, Lusa) Teve lugar domingo num subúrbio de Sidney uma festa da juventude timorense dedicada a angariação de verbas para a defesa legal de sete timorenses que irão ser julgados por incidentes recentemente ocorridos no consulado geral da Indonésia. Segundo a Lusa apurou estiveram presentes mais de duas centenas de pessoas, na sua maioria jovens.

Os sete timorenses, juntamente com um chileno, são acusados de no passado mês de Dezembro terem invadido ilegalmente território indonésio, levando a cabo actividades contrárias à lei, além de serem acusados de terem resistido à autoridade. Os incidentes foram então amplamente cobertos pelas cadeias de televisão australianas que mostravam os timorenses a serem retirados à força do interior do consulado indonésio por entre cenas de pugilato e de violência física, na sequência das quais foram detidos oito manifestantes que posteriormente foram postos em liberdade condicional.

Lola Reis – uma das manifestantes – que acabaria por não ser detida declarou à agência que "*os timorenses estão inocentes e a polícia usou de meios injustificados para os expulsar*".

Inês Almeida, uma das organizadoras da festa de angariação de fundos acrescentou que se iria avistar

segunda-feira [dia 11] com o advogado de defesa a fim de lhe fazer entrega dos fundos já obtidos, mostrando-se confiante que os sete timorenses sejam ilibados de culpas.

191. 9 JUNHO 1990 PÚBLICO

192. 11 JUNHO 1990 RDP

193. JULGAMENTO DE TIMORENSES I³³³

Sidney, 11 Junho, Público) O tribunal central cível de Sidney vai ser amanhã [terça feira dia 12] palco do primeiro julgamento de timorenses na Austrália, fruto de uma manifestação de protesto contra a invasão Indonésia.

Os incidentes ocorreram em Dezembro passado quando cerca de 50 manifestantes empunhando cartazes e fotografias alusivas ao genocídio decidiram dirigir-se ao consulado geral da Indonésia em Sidney a fim de apresentarem uma moção de protesto contra a invasão ocorrida catorze anos antes.

Depois de lhes ter sido indicado que iriam ser recebidos por um porta-voz consular, os manifestantes viram-se minutos depois confrontados com dezenas de polícias da força especial de intervenção e polícia de choque. Em poucos minutos aquilo que era uma manifestação pacífica tornou-se em cenas de pugilato sob o olhar atento das câmaras da televisão multicultural SBS e da cadeia nacional ABC.

Na sequência daqueles incidentes foram detidos sete timorenses e um chileno os quais foram posteriormente libertados sob caução. Dentre as várias acusações que sobre eles impendem salientam-se as de invasão de propriedade alheia, resistência às forças da autoridade, tentativa de agressão, perturbação da ordem pública e outros delitos. A fim de pagar as elevadas custas do processo judicial, a juventude timorense de Sidney organizou na noite de domingo uma festa de beneficência a fim de angariar fundos para pagar a um causídico que cobra no mínimo mil dólares por hora [aprox. 115 contos/hora].

Na festa estiveram presentes cerca de duas centenas e meia de timorenses entre os quais José Ramos-Horta, naquilo que alguns classificaram como uma das maiores reuniões de sempre dos timorenses na Austrália. Jaime Moniz, um dos timorenses a ser julgado amanhã declarou ao Público que *"os filmes da manifestação são suficientes para provar que a polícia usou violência injustificada e que os timorenses estavam legalmente em território consular indonésio, dado ter-nos sido declarado para esperarmos por um porta-voz indonésio que iria falar connosco. Em vez do porta-voz consular vimo-nos confrontados com a polícia de intervenção especial que à força nos expulsou"* adiantou Moniz.

194. 11 JUNHO 1990 PÚBLICO

195. 13 JUNHO 1990 RDP

196. JULGAMENTO DE TIMORENSES II³³⁴

Sidney, 13 Junho 90, Lusa) está a decorrer no tribunal cível central de Sidney desde terça-feira o julgamento de sete timorenses e um chileno acusados de várias ofensas perpetradas em Dezembro passado dentro do consulado geral da Indonésia em Sidney.

Segundo a Lusa apurou, no primeiro dia do julgamento o juiz pôs em causa a intervenção policial então ocorrida e os meios por esta utilizados. A defesa dos timorenses está a cargo do destacado causídico Clive Jeffries, conhecido na praça de Sidney pelas suas defesas dos aborígenes envolvidos em manifestações e confrontos policiais.

Segundo a agência apurou junto do embaixador de Portugal em Camberra, Dr. José Luís Gomes, *"não foi pedido auxílio às autoridades portuguesas para o caso"*.

Inês Almeida do comité de apoio aos timorenses acusados declarou que a festa de beneficência organizada domingo passado rendeu mais de mil e quinhentos dólares (172 contos) os quais reverterão a favor dos custos legais e de defesa dos acusados.

Jaime Moniz, um dos acusados revelou que se encontra confiante de que a acusação será julgada improcedente e espera ser possível *"provar com a evidência registada pelas câmaras de TV que os polícias utilizaram força bruta injustificada para uma manifestação pacífica"*.

197. 13 JUNHO 1990 RDP

198. 13 JUNHO 1990 PÚBLICO

199. 12 JUNHO 1990 CORREIO PORTUGUÊS SYDNEY

200. VETERANO DA 2ª GRANDE GUERRA VISITA
TIMOR³³⁵

Sidney, 13 Junho, Público) John "Paddy" Fitzgerald Kenneally tem 74 anos de idade e orgulha-se de ter pertencido à companhia independente 2/2 [2ª Companhia Esquadrão de Comandos de Cavalaria da 2ª Força Imperial Australiana] na sua campanha em Timor Português de Dezembro 1941 a Janeiro 1943.

Um dos sonhos que manifestou depois do seu regresso e sobretudo após os sangrentos incidentes que se seguiram à invasão indonésia de Dezembro 1975 foi o de regressar a Timor.

Paddy Kenneally acaba de concretizar esse sonho e acedeu a contar para o "Público" onde esteve, o que viu e sentiu ao longo de cerca de um mês em Timor, que percorreu de oeste a leste, de autocarro, camião de carga, e a pé por picadas abertas durante a guerra.

Viajando com o seu passaporte irlandês, cedo começou a despertar o interesse das forças policiais incapazes de compreenderem os caracteres gaélicos do mesmo.

Das impressões que guardou na retina salienta "*as estradas, aparte a zona de Díli, estão iguais ou piores do que eram.*" [isto significa que estão piores do que no

tempo dos portugueses, pois como todos nós que lá estivemos sabemos que a maior parte das estradas foi construída pelos japoneses durante a guerra.]

Em cada posto ou povoado por que passou Paddy era interrogado pelo menos dez vezes sobre "*de onde vinha, para onde ia e onde ia pernoitar,*" tendo de comunicar à polícia militar os seus movimentos.

Outra das imagens que perduram desta viagem é que os timorenses ocidentais vivem melhor do que os seus vizinhos de leste, e com melhor aparência física.

Tendo estado em localidades tão díspares como Díli, Balibó, Bobonaro, Suai, Viqueque, Aileu, Baucau, Maliana e Batugadé, Paddy Kenneally revelou ainda ter encontrado, em especial no mato e montanhas (onde andou a pé mais de 40 km e foi interpelado em picadas por forças militares indonésias) que ainda existem dezenas de timorenses a falar Português e a ensinar a língua aos mais jovens.

Nas viagens que fez de autocarro a maioria dos quais conduzida por javaneses constatou que todos os timorenses são obrigados regularmente a mostrar o seu bilhete de identidade.

Por outro lado nas viagens que fez em camião de carga assistiu ao estado miserável de pontes de madeira que eram reconstruídas pelos timorenses à medida que o camião avançava, sobretudo na região de Hatolia para a Maliana, onde até Ermera viu prosperíssimas plantações de café a perderem de vista até à cordilheira Cablac.

Paddy Kenneally esteve com padres que acumulavam as funções de professores nas missões de Balibó, Suai, Viqueque, Aileu, Bobonaro e os quais preservavam o ensino de Tétum. Na maioria dos outros locais que visita desde a fronteira à Ponta Leste apenas depara com padres indonésios, à exceção do grande centro de ensino secundário católico de Fatumaca, liderado pelo controverso padre italiano Locatelli que tem defendido o direito dos timorenses à preservação da sua cultura, língua e identidade nacional.

Durante toda a sua estadia fora de Díli, apenas encontrou um turista Inglês a percorrer o território de bicicleta a pedais, dois japoneses e um australiano com quem partilhou parte da viagem.

Tendo estado com membros da resistência, e opositores ao regime indonésio, Paddy Kenneally salienta ainda o encontro que teve com timorenses no Suai que se mostraram agastados com a exploração de petróleo pela Austrália no mar de Timor e os quais lhe disseram: "*É injusto, esse petróleo é nosso, pertence-nos e precisamos dele para a nossa autonomia*".

Em Díli, Kenneally constatou que não se vislumbravam chineses, aparte uma pequena loja que sobreviveu, mas que não se vêem chineses como durante a segunda Grande Guerra. Igualmente quase extintos os Kudas, populares cavalos do tamanho de pôneis que aos milhares pululavam na ilha e serviam de meio de transporte aos timorenses durante séculos.

Impressionante, por chocante, um gigantesco monumento em Balibó, [cidade fronteiriça onde os indonésios

abateram cinco jornalistas de TV em Outubro de 75 quando estes filmavam a então negada intervenção Indonésia em Timor]. Aquele monumento é dedicado à "integração" de Timor como 27ª província Indonésia. Balibó onde havia um vetusto forte Português está hoje delapidada e pouco mais resta do que a missão católica e o monumento.

Kenneally ficou chocado com o monumento aos heróis da guerra em Dare numa colina sobranceira a Díli por ver que os indonésios haviam modificado a inscrição que os Portugueses tinham posto no monumento.

Paddy Kenneally que trouxe com ele inúmeras fotografias de Timor e dos timorenses disse ao Público que o território lhe faz lembrar a Irlanda: um estado policial sob o regime do terror. Por toda a parte se vêem Javaneses e Balineses dominando a cena desde o funcionalismo ao mercado retalhista com uma ausência de timorenses em posições públicas como nem durante a guerra e a ocupação colonial portuguesa.

201. 13 JUNHO 1990 SMH SYDNEY MORNING HERALD

202. HORTA LANÇA SECRETARIADO INTERNACIONAL E AGÊNCIA NOTICIOSA E DESMENTE O PÚBLICO³³⁶

Sidney, 13 de Junho 1990 Público] José Ramos-Horta que em Outubro se demitiu das funções de direcção da Fretilin anunciou esta tarde [quarta-feira 13] ao Público que o "seu" secretariado internacional da resistência iniciava

336 PÚBLICO DESPACHO 50/90 13 JUNHO 1990- EXCLUSIVO PÚBLICO DESPACHO]

hoje as suas actividades, e bem assim a agência noticiosa "ETNA" [East Timor News Agency].

Ramos-Horta assume inicialmente as funções de secretário das relações internacionais e do planeamento estratégico, tendo já em preparação o primeiro boletim regular destinado a políticos, académicos e outras personagens envolvidas na questão de Timor.

Horta que uma vez mais frisou "*não ser o Secretariado, uma força política*" aproveitou para desmentir declarações prestadas ao Público no dia 20 de Maio por Abílio Araújo.

Ramos-Horta reitera "não ter pedido a reintegração na Fretilin e dará todo o apoio à Convergência e aos partidos políticos [UDT/Fretilin] pontualmente caso as iniciativas o mereçam".

"Estou disposto a colaborar com a Convergência mas não sob a direcção da Convergência, como Abílio Araújo declarou ao Público, até porque não abduco da minha qualidade e responsabilidade de patriota".

Ramos-Horta anunciou ainda que o Secretariado Internacional da resistência funcionara nesta fase inicial com um conselho de personalidades proeminentes das quais fazem parte três líderes timorenses eminentes na Austrália, 3 em Portugal e 3 no interior, além do grupo de planeamento estratégico cobrindo em relações internacionais Ásia – Pacífico, EUA – Canadá, Europa e organismos internacionais.

Encontram-se já nomeadas personalidades de destaque tais como o Prof. Roger Clark [direito internacional,

universidade Rutgers EUA], Prof. Garth Nettheim [director centro de direitos humanos universidade de Nova Gales do Sul Austrália], Michel Robert [professor de direito internacional, Sorbonne França], Sasha Stepan [assistente na universidade de Monash, Austrália], Prof. R. Falk [professor na universidade de Princeton EUA], e Chris Peacock [cineasta e jornalista australiano] entre outros.

Segundo Horta, o secretariado está já a trabalhar com o ex-Presidente Jimmy Carter, o bispo anglicano resignatário de Nova Iorque, Rev.^o Paul Moore, a líder socialista japonesa Takako Doi e outros para ter uma intervenção mais profunda junto do congresso norte-americano, ONU e Parlamento Europeu.

José Ramos-Horta que se mantém como director executivo do programa de estudos diplomáticos na universidade de Nova Gales do Sul [Sidney] declarou ao Público ter recebido recentemente duas cartas de Xanana Gusmão nas quais "*este apela ao seu regresso na Fretilin, e simultaneamente apoia as teses [por mim] defendidas quanto a presidência da Fretilin se dever manter no interior de Timor-Leste.*"

Horta acrescenta que “apesar de venerar Xanana, como um Nelson Mandela ou Lech Walesa como líder incontestado suprapartidário de todos os timorenses penso que serei mais eficaz dentro de uma instituição como o Secretariado, sem partido nem ideologia própria, mas como um banco de estudos [think tank] como o Secretariado. Para isso disponho do apoio de vastas camadas de timorenses em especial as mais jovens em Melbourne, Sidney, Darwin, Indonésia e Portugal e as

mais idosas em todo o mundo como líderes tradicionais do povo".

N. DO A.; Seguem-se apontamentos para a criação do Secretariado elaborados por Ramos Horta e depois uma missiva de Xanana Gusmão na qual ele alude aos problemas entre Abílio Araújo e Ramos Horta datada de Abril 1990, cedidos ao autor na época da criação do Secretariado para divulgação na comunicação social.

203. ESTUDO INDONÉSIO ACONSELHA REFORMAS PARA TIMOR³³⁷

SIDNEY, PÚBLICO E LUSA 13 Junho 90) Um despacho da agência Australian Associated Press emanado de Jacarta dá hoje conta de um estudo completado em Abril passado pela prestigiosa universidade Gajah Mada de Jogjakarta. Naquele estudo foca-se que Timor-Leste continua a viver *"sob o regime da guerra, traumas permanentes e profundas divisões sociais"*.

Segundo os académicos daquela universidade Indonésia, "ao contrário do governo, o povo de Timor não acredita que o problema da descolonização daquele território Português esteja concluído".

O estudo preparado pelo centro de estudos para o desenvolvimento rural e regional apela para "uma imediata redução da presença militar, uma redução da política rígida e autoritária do governo e um papel de consultoria para a igreja católica". O relatório que é considerado o primeiro do género preparado por meios académicos

337 PÚBLICO DESPACHO #61/90 & LUSA DESPACHO #134/90 13 JUNHO 90

indonésios foi fundado pelo Banco [Nacional] da Indonésia a pedido do governo regional de Timor-Leste, tem 130 páginas e embora não ponha em questão “a soberania da Indonésia sobre Timor ecoa muitas das críticas estrangeiras à política de Jacarta sobre o território”.

A sua importância e a controvérsia causada anularam de imediato a realização duma conferência em Díli, prevista para Abril, para discutir as suas conclusões, embora tenha sido posteriormente revelado que foi discutido à porta fechada em 9 de Abril por membros do governo provincial, conselheiros militares e professores universitários da Gajah Mada. Criticando o desenvolvimento económico impedido por uma economia de guerra caracterizada por tendências monopolistas e um alto proteccionismo, aquele relatório apela para “*o fim imediato da prolongada situação de guerra, para o fim do monopólio da economia pelos militares [em especial na área do café]*”.

O relatório considera ter havido melhorias nos sectores de transportes e comunicações viárias, educação, e assistência sanitária depois da tomada do território pela Indonésia, mas adianta que o “*progresso material não transcende problemas resultantes do processo de integração e os quais causaram já suficientes mortos [sic]*”. O relatório critica ainda a presença de imigrantes de outras regiões da Indonésia e os quais causam conflitos étnicos, religiosos e raciais, bem visíveis aliás no aumento da prostituição.

“Os timorenses preferem escutar as notícias da Rádio Austrália a ler as notícias provenientes de Jacarta, e os locais vêem com maus olhos os jornalistas

indonésios incapazes de serem objectivos ou de questionarem a versão oficial".

"A igreja é estrangida pela pressão governamental para apoiar o desenvolvimento regional mas ao mesmo tempo criticada por não se alhear dos problemas sociopolíticos enfrentados pelos fiéis na sequência do sangrento processo de integração [sic]"

204. 15 JUNHO 1990 RDP

205. TIMOR-LESTE: TRABALHISTAS AUSTRALIANOS APOIAM PARLAMENTARES PORTUGUESES³³⁸

Sidney, 15 Junho 1990, Público) – terminou esta semana a conferência anual do partido trabalhista e embora não tenha sido divulgado por nenhum órgão da comunicação social australiana, nela foi aprovada uma moção histórica relativa a Timor. Desde de 1985 que o problema de Timor é sistematicamente cilindrado nos congressos bienais e nas conferências anuais do partido trabalhista. Este ano graças à acção de Laurie Ferguson, novo secretário do grupo parlamentar para Timor-Leste, foi introduzida uma moção que mereceu aprovação unânime. A moção que foi secundada pelo delegado sindical da construção civil Max Hart *"endossa todo o apoio à [projectada] visita de uma delegação parlamentar portuguesa representativa de todos os partidos a Timor-Leste"*.

Laurie Ferguson declarou [hoje] ao Público que no seu "eleitorado de Reid, nos subúrbios oeste de Sidney, se concentra uma grande parte da população timorense de

Sidney e que pessoalmente ele se tem interessado pela constante violação dos direitos humanos na Indonésia. Dada a proximidade [da Indonésia e de Timor] é de espantar a fixação dos meios de comunicação social australianos com as mudanças na Europa de leste e noutras partes do globo, [quando comparadas] com o seu alheamento a Timor e Indonésia que estão tão próximos", acrescentou Ferguson.

Aquele membro da Câmara dos representantes [Parlamento] salientou ainda "*a intervenção diplomática crescente da Austrália em assuntos do Sudeste Asiático e contra a proliferação nuclear.*" Laurie Ferguson declarou ainda que "independentemente da necessidade de a Austrália providenciar auxílio à Indonésia no campo humanitário e de desencorajar os Boat People do Camboja que em números crescentes se dirigem para a Austrália [com o apoio e encorajamento das autoridades de Jacarta], a Austrália deveria aceitar princípios éticos e humanitários em vez da sua realpolitik [de factos consumados].

A terminar Laurie Ferguson salientou que "*Portugal tem desempenhado um papel heróico em expor os abusos e ao dar ênfase à luta continuada do povo de Timor*". Esta noite, o sindicato da construção civil oferece um jantar aos seus sócios, com a presença de Laurie Ferguson e de José Ramos-Horta, ex-dirigente da Fretilin e dirigente do recém-criado secretariado internacional para a resistência de Timor. Este jantar é patrocinado também pelo grupo de apoio a Timor e Papua Ocidental do comité australiano para um Pacífico independente e não nuclear.

206. JULGAMENTO DOS TIMORENSES III³³⁹

Sidney, 15 Junho, Público) Sexta-feira no tribunal central cível de Sidney teve lugar a última sessão do julgamento de seis timorenses e um chileno acusados de desacatos aquando da manifestação que realizaram em Dezembro passado no consulado geral da Indonésia em Sidney. Depois de três dias em que foram ouvidas a acusação e as suas testemunhas, foram ouvidas hoje [sexta dia 15] as testemunhas de defesa e os réus. Um dos pontos focado na sessão de hoje foi o de os depoimentos da polícia serem mentiras profissionais enquanto que os timorenses foram honestos nas suas declarações.

Clive Jeffries o advogado de defesa especializado em casos contra aborígenes e violação dos seus direitos pela polícia, provou ser impossível que os timorenses *"tivessem socado e pontapeado as forças da autoridade se de acordo com a polícia cada um deles estava a ser seguro e contido por vários polícias ao mesmo tempo"*. A sentença será tornada pública na próxima segunda feira dia 18 pelas 14 horas. Inês Almeida, organizadora da angariação de fundos para custear a defesa dos timorenses, declarou ao Público estar esperançada que os seus compatriotas sejam absolvidos até porque algumas das acusações foram já consideradas improcedentes. Uma das provas principais de defesa foi a exibição dos filmes da cadeia de televisão nacional ABC e do canal multicultural SBS em que era visível a actuação violenta das forças da polícia de choque.

207. CONFERÊNCIA DOS TRABALHISTAS [AUSTRALIANOS] DEBATE TIMOR³⁴⁰

Sidney, 15 Junho 1990, Lusa) terminou em Sidney esta semana a conferência anual do partido trabalhista australiano e no último dia de trabalhos assistiu-se a uma alteração ao relatório do comité dos assuntos estrangeiros. Laurie Ferguson, um parlamentar do círculo eleitoral de Reid, na zona ocidental de Sidney declarou hoje à agência Lusa que havia sido por proposta sua que uma moção havia sido introduzida para apoiar a ida de uma delegação parlamentar multipartidária portuguesa a Timor-Leste. Esta moção, secundada por Max Hart delegado sindical da indústria da construção civil, foi aprovada por unanimidade.

Laurie Ferguson declarou à agência que no seu eleitorado vive uma elevada percentagem da população de origem timorense, e que ele se tem interessado pelos problemas das violações dos direitos humanos na Indonésia, o que o levou logo após as eleições gerais de 24 de Março passado a ser nomeado para secretário do grupo parlamentar australiano para Timor-Leste. Laurie Ferguson salientaria ainda que "*Portugal desempenhou um papel heróico na publicitação dos abusos [dos direitos humanos em Timor] e na divulgação a todo o mundo da brava luta do povo timorense*".

208. 18 JUNHO 1990 PÚBLICO

209. 18 JUNHO 1990 RDP

340 LUSA DESPACHO #135/90, 15 JUNHO 1990

210. TIMORENSES ABSOLVIDOS³⁴¹

Sidney Austrália, 18 Junho 90, Lusa) terminou hoje no tribunal cível central de Sidney o julgamento de sete timorenses e um chileno acusados de várias ofensas perpetradas em Dezembro passado dentro do consulado geral da Indonésia em Sidney.

Apenas um dos acusados, Isolino da Costa foi condenado a pena suspensa de seis meses remível em 500 dólares [aprox. 60 contos], Jaime Moniz e mais dois timorenses foram condenados ao pagamento de cem dólares [12 contos] por presença ilegítima em propriedade alheia, tendo os restantes três acusados timorenses sido absolvidos.

Segundo a Lusa apurou, durante as cinco sessões do julgamento o juiz pôs em causa a intervenção policial então ocorrida e os meios por esta utilizados. A defesa dos timorenses esteve a cargo do causídico Clive Jeffries, conhecido na praça de Sidney pelas suas defesas dos aborígenes envolvidos em manifestações e confrontes policiais.

Segundo a agência apurou junto do embaixador de Portugal em Camberra, José Luís Gomes, "*não foi pedido auxílio às autoridades portuguesas para o caso*".

Jaime Moniz, um dos acusados revelou que se encontrava satisfeito dado que cinco das seis acusações foram julgadas improcedentes e por ter sido possível "*provar com a evidência registada pelas câmaras de TV que os*

341 LUSA DESPACHO #137/90, 18 JUNHO 1990

polícias utilizaram força bruta injustificada para uma manifestação pacífica"

[BACKGROUND STORY]

Em Dezembro passado umas dezenas de manifestantes na sua maioria timorenses haviam entrado no consulado geral da Indonésia em Sidney para entregar um protesto contra a ocupação e invasão Indonésia de Timor-Leste.

Depois de terem pedido para falar com um representante consular alguns timorenses dentro do consulado viram-se minutos mais tarde confrontados com polícias do grupo de resposta táctica – uma espécie de polícia de choque antiterrorista – e rapidamente se gerou um confronto entre ambas as partes.

Os manifestantes timorenses juntamente com um chileno foram então acusados de terem invadido ilegalmente território indonésio, levando a cabo actividades contrárias à lei, além de terem resistido à autoridade.

Os incidentes foram então amplamente cobertos pelas cadeias de televisão australianas que mostravam os timorenses a serem retirados à força do interior do consulado por entre cenas de pugilato e de violência física. De imediato foram detidos oito manifestantes que posteriormente foram postos em liberdade condicional.

Assim terminou o primeiro julgamento de timorenses na Austrália na sequência do exercício do seu direito a manifestação por motivos políticos.

211. ABORÍGENES AUSTRALIANOS APOIAM LUTA DOS TIMORENSES³⁴²

Sidney, 18 Junho 90, Lusa e Público) durante este fim-de-semana em Alice Springs, no Território Norte australiano, um congresso nacional ao qual estiveram presentes mais de cem aborígenes delegados de todos os estados australianos aprovaram por unanimidade uma moção relativa a Timor-Leste. Se bem que no passado idênticas moções tenham sido aprovadas esta foi a primeira vez que tal aconteceu a nível nacional.

A moção cita que "as organizações aborígenes do Território Norte e representantes das comunidades aborígenes australianas apelam para que a Indonésia retire as suas forças armadas e pessoal colonial do território de Timor-Leste e que reconheça o direito dos povos de Timor-Leste à autodeterminação de acordo com as resoluções das Nações Unidas números 1514, 1541 e 2625 [declaração sobre relações amigáveis entre estados]."

212. 20 JUNHO 1990 PÚBLICO

213. 20 JUNHO 1990 RDP

214. VETERANO DA 2ª GRANDE GUERRA VISITA TIMOR³⁴³

20 Junho 90, Lusa) Desde que em 1 de Janeiro de 1989 a Indonésia abriu parcialmente Timor-Leste ao mundo

342 PÚBLICO DESPACHO #66/90 18 JUNHO 1990/ RDP 49/9018 JUNHO 90

343 LUSA DESPACHO 139/90 20 JUNHO 90 [FEATURE]

exterior inúmeras pessoas, desde o simples homem de negócios ao Papa visitaram aquela ex-colônia portuguesa, mas há dias John "Paddy" Fitzgerald Kenneally de 74 anos de idade terminou uma romagem de saudade de um mês a Timor.

Sendo um dos trezentos australianos que gloriosamente lutou contra o exército imperial japonês em Timor, de Dezembro 41 a Janeiro 43, e tendo sobrevivido com o apoio e à custa da vida de muitos timorenses, Kenneally orgulha-se de ter pertencido à companhia independente 2/2 [2ª companhia esquadrão de comandos de cavalaria da 2ª força imperial australiana] na sua campanha em Timor Português. De origem irlandesa, embora tenha vivido quase toda a sua vida na Austrália, desde há muito que ambicionava rever Timor e tentar encontrar as pessoas que o auxiliaram nos difíceis anos da guerra.

Paddy contou ao longo de quatro horas, para a Lusa, o que se passou nesta sua romagem de saudade, em que percorreu mais de três centenas de quilómetros em Timor de carro, autocarro, camião de carga e em marcha pelo mato durante 40 km. O mais curioso é que conseguiu reunir-se com um dos dois timorenses que mais o tinham ajudado e reviveu os momentos da guerra com a família de outro já falecido. Negando que as estradas estejam sequer tão boas como quando lá esteve, Paddy mostrou à agência exemplos fotográficos da ponte entre a Maliana e Bobonaro [que está em pior estado do que em 1975 quando o correspondente da Lusa de lá saiu. Isto significa que estão piores do que no tempo dos portugueses, pois como todos nós que lá estivemos sabemos, a maior parte das estradas foi construída pelos japoneses durante a guerra].

Em cada posto ou povoado por que passou Paddy era interrogado pela polícia militar sobre a sua origem, destino e planos, tendo estado em localidades tão díspares como Díli, Balibó, Bobonaro, Suai, Viqueque, Aileu, Baucau, Maliana e Batugadé. Paddy referiu à Lusa ter encontrado dezenas de timorenses a falar Português e a ensinar a língua aos mais jovens, mas por toda a parte se vêem Javaneses e Balineses dominando a cena, desde o funcionalismo ao mercado retalhista, com uma ausência de timorenses em posições públicas como nem durante a guerra e a ocupação colonial portuguesa.

Kenneally revelou ter visto prosperíssimas plantações de café, ter estado com padres que acumulavam as funções de professores nas missões os quais preservavam o ensino de Tétum, tendo estado com membros da resistência, e opositores ao regime indonésio, salientando que timorenses no Suai estavam indignados com a exploração de petróleo pela Austrália no mar de Timor.

Em Díli, Kenneally constatou já não haver os ubíquos chineses, aparte uma pequena loja. Kenneally ficou chocado por ver que Balibó além de já não ter o forte português, ser agora pouco mais do que a missão católica, e um monumento à integração de Timor na Indonésia, ali mesmo onde cinco jornalistas australianos foram assassinados pelas tropas de vanguarda da Indonésia em Outubro 1975. O monumento aos heróis da guerra em Dare numa colina sobranceira a Díli tem hoje uma lápide com inscrição feita pelos indonésios, mas em contrapartida em Aileu existe um monumento deixado pelos portugueses que ostenta ainda a bandeira portuguesa, a única que lhe foi possível ver publicamente,

mas acrescentou ter visto outras na posse de timorenses que o receberam.

Paddy Kenneally irá amanhã contar a sua odisseia à rádio nacional australiana ABC estando a preparar um pequeno programa televisivo sobre esta sua visita.

215. 21 JUNHO 1990 PÚBLICO

216. 21 JUNHO 1990 RDP

217. 22 JUNHO 1990 PÚBLICO

218. 23 JUNHO 1990 PÚBLICO

219. 23 JUNHO 1990 RDP

220. SUKARNO³⁴⁴

23 Junho, 1990 Lusa e Público) A família e amigos do ex-Presidente Sukarno apelaram na Indonésia durante as celebrações do 20º aniversário da sua morte para que seja ilibado do envolvimento no golpe de estado de 1965.

Esta semana em Blitar, residência oficial do ex-Presidente mais de um milhar de pessoas, incluindo membros do clero muçulmano pediram a absolvição de Sukarno. Yusuf Hasiyim representando a Nahdlatul Ulama (a associação dos académicos muçulmanos) com milhões de sócios apelou para que o movimento preservasse a herança espiritual e material de Sukarno.

344 PÚBLICO DESPACHO #71/90 23 JUNHO 1990 & LUSA DESPACHO 142/90 23 JUNHO 90

"*Bung Karno*" ["irmão Karno"] como foi universalmente denominado o presidente e fundador da República Indonésia, destronado por um golpe de estado que custou a vida de mais de meio milhão de pessoas durante a sublevação de 1965, terminou na desgraça e no esquecimento público em 1970, em Blitar em Java Oriental.

Rachmawati (Megawati) Sukarno filha do ex-Presidente declarou aos jornalistas em Jacarta ontem que a morte do seu pai não se podia manter esquecida, dado ele ter sido um herói da independência entre 1945-49 contra os holandeses, e que devia ser restaurada a sua memória como líder nacionalista.

221. A AMEAÇA INDONÉSIA PARA A AUSTRÁLIA³⁴⁵

Sidney, 23 Junho 90, Público) – "*Historicamente o tempo de pré-aviso precedendo um grande conflito militar ronda os três meses*" assim escreve o ex-chefe de estado-maior general das forças armadas australianas, marechal do ar David Evans num artigo publicado há dias.

Observadores do ministério da defesa, incluindo o director dos serviços de estratégia, Paul Dibb, pensam que esse pré-aviso será mais na ordem dos dez anos. Paul Dibb é o autor da estratégia nacional de defesa australiana primeiramente divulgada em 1988 e ainda hoje vigente.

O marechal do ar, David Evans pensa que "tal atitude é irresponsável e perigosa para a defesa do país, [a Indonésia] detém já capacidade militar para intervir

345 PÚBLICO DESPACHO #72/90 23 JUNHO 1990 TAKE ONE

militarmente com uma força de 1500 pára-quedistas, os quais numa noite poderiam tomar conta dos aeródromos militares de Learmonth, Port Hedland, Derby, Darwin, Tindall e Weipa [na Austrália Ocidental e Território Norte australiano]".

"Depois de controlar estes postos avançados, os indonésios poderiam em 24 horas dispor de reforços marítimos capazes de estabelecerem uma ponte militar com mais de 20 mil homens e num espaço de 48 horas – mínimo indispensável para as forças australianas reagirem – estariam senhores da situação."

O jornalista Peter Hastings, que viveu vários anos na Indonésia e é considerado por alguns como um perito sobre a Indonésia, apressou-se a desmentir tal cenário, acusando-o de "ilógico", negando a "capacidade logística da Indonésia instalar em território australiano dez mil homens numa área de três mil quilómetros quadrados e incapaz de se confrontar logisticamente com a Austrália".

Hastings citando o recente acordo do Timor Gap nega "haver razão para se temer uma invasão Indonésia".

Sabido que no passado Peter Hastings sempre defendeu posições indonésias, em especial no caso de Timor-Leste no qual ele é um dos mais ferrenhos defensores da posição de Jacarta, os seus argumentos deixam bastante a desejar, mas o marechal do ar David Evans parece ser dos poucos na Austrália preocupados com o expansionismo militar indonésio e capaz de frontalmente o debater na Austrália, país que é tido como extremamente acomodatório aos interesses da Indonésia.

222. INDONÉSIOS TENTAM REABILITAR SUKARNO³⁴⁶

Sidney, 23 Junho 90, Público) A família e amigos do ex-Presidente Sukarno apelaram durante as celebrações do 20º aniversário da sua morte para que seja ilibado de envolvimento no sangrento golpe de estado de 1965.

Em Blitar, residência oficial do ex-Presidente mais de um milhar de pessoas, incluindo membros do clero, pediram a absolvição de Sukarno.

Yusuf Hasiyim em representação do "Nahdlatul Ulama" [Associação dos académicos muçulmanos] e com milhões de sócios apelou para que "*a herança espiritual e material de Sukarno fosse preservada*".

"*Bung Karno*" ou "*Irmão Karno*" como afectivamente ficou conhecido o ex-Presidente e fundador da República Indonésia terminou os seus dias em desgraça e no esquecimento público em Blitar na Java Oriental, em virtude de ter sido considerado o principal responsável, juntamente com o PKI [partido comunista da Indonésia] da sublevação de 1965, que causou mais de meio milhão de vítimas.

Rachmawati Sukarno, filha do ex-Presidente declarou a jornalistas em Jakarta que "a morte de seu pai não se podia manter esquecida dado ele ter sido o herói da guerra para a independência entre 1945-1949 contra os holandeses" e apelando para que "a sua memória como líder nacionalista seja restaurada".

223. TAPOL³⁴⁷

Sidney, 24 Junho, Lusa) Está desde há dias na Austrália Carmel Budiardjo, fundadora da organização de direitos humanos da Indonésia TAPOL. Depois de uns dias sem Darwin onde teve oportunidade de assistir ao debate da conferência anual dos produtores de petróleo australiano, Carmel constatou que finalmente na Austrália se começa a verificar uma certa preocupação sobre a legitimidade do acordo do Timor Gap.

Com efeito durante a semana os produtores de petróleo e em especial a BHP e a PETROZ NL com autorizações de prospecção no mar de Timor manifestaram a sua preocupação de que o impasse que dura há 14 anos vai ser mantido "*até estar totalmente resolvido o problema da titularidade da região denominada Timor Gap*".

Aquelas multinacionais pensam que a "possibilidade litigiosa é grande e pode ter de ser resolvida até mesmo no Tribunal Internacional da Haia, caso Portugal mantenha a sua reivindicação sobre Timor-Leste".

Carmel Budiardjo teve encontros em Darwin com Alfredo Ferreira representante australiano da Fretilin e com outros membros da comunidade timorense os quais lhe expuseram as suas preocupações. Tendo chegado na sexta-feira a Sidney, Carmel avistou-se com membros da comunidade australiana interessados no caso de Timor e levou a cabo uma conferência de cerca de três horas onde expôs as mais recentes posições sobre a luta em Timor-

Leste e Papua Ocidental [Irian Jaya], dando conta das movimentações internas do regime indonésio e das campanhas internacionais para alertar a opinião pública sobre aqueles dois territórios em disputa.

Amanhã, segunda-feira, Carmel vai-se avistar com dirigentes da máquina partidária trabalhista de Nova Gales do Sul, e os quais recentemente aprovaram uma resolução na qual *"apoiam a ida de parlamentares portugueses a Timor dentro do âmbito das actuais conversações entre Portugal e Indonésia nas Nações Unidas"*.

Depois, Carmel irá avistar-se em Camberra com o Dr. Michael Wagner e outras personalidades académicas da recém criada "Fundação para Timor-Leste", seguindo em seguida para Melbourne onde se avistará com membros da CIET [coligação australiana para Timor-Leste] e do ACFOA [comité australiano de auxílio económico ao estrangeiro].

Durante esta visita Carmel Budiardjo irá tentar harmonizar o trabalho de tantas organizações de apoio à causa de Timor espalhadas pela Austrália, se bem que de uma forma geral a comunidade timorense se tenha mostrado apática à presença desta grande lutadora pela causa de Timor como a definia há dias, Gil Scrine, cineasta australiano ligado a Timor e autor do filme "Enterrados Vivos".

224. PÚBLICO 25 JUNHO 1990

225. 25 JUNHO PÚBLICO

226. 25 JUNHO 1990 RDP

227. INDONÉSIOS TENTAM CAPTURAR XANANA³⁴⁸

Sidney, 25/6/90, Lusa) – “*As forças armadas Indonésias lançam nova ofensiva em Timor-Leste destinada a capturar Kay Rala Xanana Gusmão*”, segundo declarou hoje em Sidney Carmel Budiardjo directora da TAPOL, organização Indonésia para os direitos humanos, com sede em Londres.

Segundo aquela activista declarou “mais de 40 mil tropas Indonésias apoiadas por seis mil timorenses estariam a tentar capturar Xanana antes da projectada visita dos parlamentares portugueses em Setembro próximo.”

Carmel Budiardjo citou que “aumentaram nos últimos meses as violações dos direitos humanos com mais de uma centena de pessoas torturadas e massacradas desde a Páscoa na região de Ainaro”.

Carmel que se encontra de visita à Austrália manterá contactos oficiais com membros do grupo internacional de parlamentares de apoio a Timor-Leste e avistar-se-á com o MNE australiano senador Gareth Evans com o qual irá debater o problema do tratado de Timor GAP.

228. 25 JUNHO 1990 CARTA DO DEPUTADO WARREN SNOWDON

229. ACFOA 25 JUNHO 1990

348 LUSA DESPACHO #144/90 25 JUNHO 90,
DESPACHO RDP 55/90; 25 JUNHO 90,
DESPACHO PÚBLICO 77/90; 25 JUNHO 90,

230. OFENSIVA MILITAR INDONÉSIA EM TIMOR-LESTE³⁴⁹

Sidney, 25 Junho 90, Público) – As forças armadas em Timor-Leste lançaram nova ofensiva militar, segundo declarou hoje em Sidney Carmel Budiardjo, directora da organização de direitos humanos Indonésia TAPOL de Londres e secretária do grupo de parlamentares internacionais para Timor-Leste.

Carmel citando fontes da resistência nacionalista timorense afirmou que “40 mil soldados indonésios apoiados por batalhões timorenses de seis mil homens “Hansip” e dois esquadrões helicópteros lançaram uma enorme ofensiva militar destinada – uma vez mais – a capturar o líder carismático das guerrilhas timorenses Kay Rala Xanana Gusmão, antes da projectada visita dos parlamentares portugueses a Timor no próximo Outono [Setembro].”

Referindo-se à situação dos direitos humanos na ex-colónia portuguesa, Carmel adiantou estarem a ser “*recebidas notícias alarmantes sobre a mesma*”, as quais “*demonstram um intensificar da acção Indonésia no território*”.

Segundo os últimos relatórios, mais de cem pessoas incluindo mulheres e crianças foram massacradas no distrito de Ainaro desde a Páscoa, pelo batalhão 712, em represália pelo abate de três soldados indonésios assassinados pelas guerrilhas na sexta-feira santa.

349 PÚBLICO DESPACHO #77/90 25 JUNHO 90

PS segue via DHL Expresso lote de foTOS PROMETIDAS EM 15 MAIO TIRADAS EM TIMOR EM FINAIS DE 1989. FOTOS SÃO EXCLUSIVAS MUNDIAIS PARA O PÚBLICO!

231. VETERANO DA 2ª GRANDE GUERRA VISITA TIMOR³⁵⁰

Sydney, 26 Junho, Lusa) John "Paddy" Fitzgerald Kenneally tem 74 anos de idade e orgulha-se de ter pertencido à companhia independente 2/2 [2ª Companhia Esquadrão de Comandos de Cavalaria da 2ª Força Imperial Australiana] na sua campanha em Timor Português de Dezembro 1941 a Janeiro 1943.

Um dos sonhos que manifestou depois do seu regresso e sobretudo após os sangrentos incidentes que se seguiram à invasão Indonésia de Dezembro 1975 foi o de regressar a Timor.

Paddy Kenneally acaba de concretizar esse sonho e acedeu a contar para a Lusa, onde esteve, o que viu e sentiu ao longo de cerca de um mês em Timor, que percorreu de oeste a leste, de autocarro, camião de carga, e a pé por picadas abertas durante a guerra.

Viajando com o seu passaporte irlandês, cedo começou a despertar o interesse das forças policiais incapazes de compreenderem os caracteres gaélicos do mesmo.

350 LUSA DESPACHO#147/90 26 JUNHO,90

Das impressões que guardou na retina salienta "*as estradas, aparte na zona de Díli, estão iguais ou piores do que eram.* [isto significa que estão piores do que no tempo dos portugueses, pois como todos Nós que lá estivemos sabemos a maior parte das estradas foi construída pelos japoneses durante a guerra.]

Em cada posto ou povoado por que passou Paddy era interrogado pelo menos dez vezes sobre "*de onde vinha, para onde ia e onde ia pernoitar*", tendo de comunicar à polícia militar os seus movimentos. Outra das imagens que perduram desta viagem é que os timorenses ocidentais vivem melhor do que os seus vizinhos de leste, e com melhor aparência física.

Tendo estado em localidades tão díspares como Díli, Balibó, Bobonaro, Suai, Viqueque, Aileu, Baucau, Maliana e Batugadé, Paddy Kenneally revelou ainda ter encontrado, em especial no mato e montanhas (onde andou a pé mais de 40 km e foi interpelado em picadas por forças militares Indonésias) que ainda existem dezenas de timorenses a falar Português e a ensinar a língua aos mais jovens.

Nas viagens que fez de autocarro, a maioria dos quais conduzida por javaneses, constatou que todos os timorenses são obrigados regularmente a mostrar o seu bilhete de identidade.

Por outro lado nas viagens que fez em camião de carga assistiu ao estado miserável de pontes de madeira que eram reconstruídas pelos timorenses à medida que o camião avançava, sobretudo na região de Hatolia para a

Maliana, onde até Ermera viu prosperíssimas plantações de café a perderem de vista até à cordilheira Cablac.

Paddy Kenneally esteve com padres que acumulavam as funções de professores nas missões de Balibó, Suai, Viqueque, Aileu, Bobonaro e os quais preservavam o ensino de Tétum. Na maioria dos outros locais que visita desde a fronteira à Ponta Leste apenas depara com padres indonésios, à exceção do grande centro de ensino secundário católico de Fatumaca, liderado pelo controverso padre italiano Locatelli que tem defendido o direito dos timorenses à preservação da sua cultura, língua e identidade nacional.

Durante toda a sua estadia fora de Díli, apenas encontrou um turista Inglês a percorrer o território de bicicleta a pedais, dois japoneses e um australiano com quem partilhou parte da viagem.

Tendo estado com membros da resistência, e opositores ao regime indonésio, Paddy Kenneally salienta ainda o encontro que teve com timorenses no Suai que se mostraram agastados com a exploração de petróleo pela Austrália no mar de Timor e os quais lhe disseram: "*É injusto, esse petróleo é nosso, pertence-nos e precisamos dele para a nossa autonomia*".

Em Díli, Kenneally constatou que não se vislumbravam chineses, aparte uma pequena loja que sobreviveu, mas que não se vêem chineses como durante a segunda Grande Guerra. Igualmente quase extintos os Kudas populares póneis que aos milhares pululavam na ilha e serviam de meio de transporte aos timorenses durante séculos.

Impressionante por chocante um gigantesco monumento em Balibó, [cidade fronteiriça onde os indonésios abateram cinco jornalistas de TV em Outubro de 75 quando estes filmavam a então negada intervenção Indonésia em Timor].

Aquele monumento é dedicado à "integração" de Timor como 27ª província Indonésia. Balibó onde havia um vetusto forte Português está hoje delapidada e pouco mais resta do que a missão católica e o monumento.

Kenneally ficou chocado no monumento aos heróis da guerra em Dare numa colina sobranceira a Díli por ver que os indonésios haviam modificado a inscrição que os portugueses tinham posto no monumento.

Paddy Kenneally que trouxe com ele inúmeras fotografias de Timor e dos timorenses disse à agência que o território lhe faz lembrar a Irlanda: um estado policial sob o regime do terror.

Por toda a parte se vêem javaneses e Balineses dominando a cena desde o funcionalismo ao mercado retalhista com uma ausência de timorenses em posições públicas como nem durante a guerra e a ocupação colonial portuguesa.

PS artigo mais desenvolvido sobre o anterior para acompanhar fotos enviadas

232. 26 JUNHO 1990 PÚBLICO

233. TIMOR VOLTA ÀS PRIMEIRAS PÁGINAS DOS JORNAIS NA AUSTRÁLIA³⁵¹

Sidney, 27 Junho, Público) Os principais jornais australianos ["The Australian", nacional; "The Sydney Morning Herald" em Sidney e "The Age" em Melbourne] dão hoje imenso relevo nas suas primeiras páginas às acusações de massacres da Indonésia sobre civis timorenses.

As acusações foram proferidas por Carmel Budiardjo da TAPOL e secretária do grupo internacional de parlamentares para Timor-Leste, que se encontra de visita ao país.

Aqueles órgãos de comunicação social citam que "25 mil tropas Indonésias teriam sido acrescentadas às dez mil estacionadas em Timor numa operação de limpeza das guerrilhas da Fretilin, na antecipação da projectada visita de parlamentares e jornalistas portugueses a Timor em Setembro próximo".

Carmel Budiardjo acusou ainda a Austrália de "estar a ser demasiado acomodaticia em relação à Indonésia em vez de tomar uma posição forte em relação a Timor-Leste".

A Austrália reconhece a soberania Indonésia sobre Timor desde 1978, tendo recentemente afirmado que "*se reserva o direito de não ser obrigada a não reconhecer a aquisição de território pelo uso da força*".

Carmel Budiardjo afirmou que “desde Fevereiro mais 15 mil soldados indonésios se juntaram às forças existentes em Timor, os quais são apoiados por seis mil milicianos timorenses e dois esquadrões helicópteros [gunships].”

Por seu turno o embaixador português em Canberra Dr. José Luís Gomes afirmou que "tem tido conhecimento de vários relatórios dando conta de um incremento da actividade militar em Timor, mas que o governo [de Lisboa] não dispõe de meios para indicar com precisão o total de tropas envolvidas em Timor".

Carmel Budiardjo declarou ainda aos órgãos de comunicação social australianos, aquilo que anteriormente afirmara ao "Público" que *"entre cem a duzentos civis incluindo mulheres e crianças haviam sido mortas desde Fevereiro por tropas Indonésias do batalhão 712, na sequência de uma represália pela morte de três soldados indonésios na sexta-feira santa"*

As autoridades Indonésias quer em Canberra quer em Jacarta desmentiram hoje mesmo [quarta-feira] as acusações de Carmel Budiardjo, embora fontes em Jacarta a que o Público teve acesso, confirmem declarações anteriores sobre a existência de 15 mil soldados da guarnição militar Indonésia em Timor apoiados por nove mil tropas de combate especial, constituindo uma dúzia de batalhões operacionais e três pelotões de comandos especiais.

Na tarde de quarta-feira Carmel Budiardjo foi recebida pelo MNE australiano senador Gareth Evans ao qual apresentou os seus veementes protestos contra a atitude

da diplomacia australiana e contra a assinatura do acordo do Timor GAP.

Segundo o Dr. Michael Wagner da Fundação Timor-Leste em Camberra declarou ao Público em nome de Carmel, a reunião foi caracterizada pelos silêncios habituais de Evans e a explicação do pragmatismo da posição oficial australiana, mas surpreendentemente

Gareth Evans declarou ainda que "havia sido possível ao governo australiano confirmar através de várias fontes incluindo junto de NGO's [ONG's organizações não governamentais] que de facto uma pessoa morreu e quatro foram gravemente feridas em incidentes em Klarelek Mutin, mas que as autoridades Indonésias haviam demitido o chefe local da segurança, admoestado membros das forças de segurança e pago uma indemnização às vítimas".

Carmel Budiardjo expressou o "seu ultraje pelo tratado da Austrália e Indonésia em relação ao mar de Timor, que considerou de roubo descarado ao povo de Timor."

Entretanto e enquanto Portugal prepara a sua contestação à legalidade jurídica daquele tratado, a que na Austrália falta apenas o assento real dado pelo governador-geral Bill Hayden [ex-ministro dos estrangeiros] em representação da Rainha Isabel II de Inglaterra e I da Austrália, confirmou-se que o ministério dos negócios estrangeiros australiano havia pedido um segundo parecer ao reitor da faculdade de direito da universidade nacional australiana em Camberra, Prof. Don Grieg.

Conquanto o embaixador de Portugal, José Luís Gomes se escusasse a *"revelar a tática e estratégia de Portugal no assunto"*, acrescentou que *"Portugal iria exercer pressão para a anulação do tratado,"* outras fontes do MNE australiano porém acrescentaram que o parecer legal obtido pelo governo australiano era sólido e *"estava totalmente de acordo com as leis internacionais"*.

234. 27 JUNHO 1990 SMH

235. INDONÉSIA ACUSADA DE MASSACRE EM TIMOR³⁵²

Sidney, 27 Junho, Lusa) A comunicação social australiana pública hoje [quarta-feira 27 Junho] notícias nas suas páginas principais as quais dão conta de massacre de entre 100 a 200 timorenses e de um súbito recrudescer da actividade militar em Timor-Leste. As notícias divulgadas à comunicação social por Carmel Budiardjo secretária do grupo TAPOL foram de imediato desmentidas pelas autoridades Indonésias em Camberra e Jacarta.

O embaixador português José Luís Gomes declarou entretanto à Lusa ter "conhecimento por diversas fontes de relatórios sobre um incremento da actividade militar em Timor, mas que o governo de Lisboa não dispunha de meios para quantificar tais actividades"

Segundo Carmel Budiardjo a "Indonésia estaria a preparar uma nova ofensiva militar em Timor antes da projectada visita para Setembro de parlamentares portugueses e jornalistas, tendo feito destacar um contingente especial

de 25 mil homens apoiados pelos cerca de dez mil estacionados no território, e seis mil milicianos timorenses acompanhados de esquadrões de helicópteros numa tentativa de capturarem os líderes da guerrilha das FALINTIL e em especial Xanana Gusmão".

Em audiência hoje tida com o senador Gareth Evans ministro dos negócios estrangeiros australiano, Carmel Budiardjo expressou a sua condenação sobre a posição acomodatória Austrália face à Indonésia e sobre a assinatura do tratado do Timor Gap.

A audiência caracterizada como é habitual pelo silêncio de Gareth Evans, foi porém cenário da confirmação por parte deste de um dos incidentes registados em Timor, segundo declarou o Dr. Michael Wagner da Fundação para Timor-Leste. Evans teria confirmado que *"de acordo com as fontes australianas teria sido morta uma pessoa e quatro feridas por tropas Indonésias, e que o governo indonésio havia demitido o chefe local da segurança, admoestado outros membros e oferecido uma compensação às vítimas"*.

Trata-se da primeira vez que os australianos confirmam uma violação de direitos humanos em Timor desde 1985. Entretanto fontes do ministério dos estrangeiros interrogadas pela agência sobre novo estudo jurídico sobre o tratado de Timor GAP, limitaram-se a adiantar que *"o estudo apresentado pelo Prof. Grieg"* [da universidade nacional] *"havia confirmado a legalidade do mesmo à luz da lei internacional"*.

236. 27 JUNHO 1990 PÚBLICO

237. 27 JUNHO 1990 PÚBLICO

237. 27 JUNHO 1990 THE AUSTRALIAN

238. DECLARAÇÃO NO SENADO – JO VALLENTINE
CRITICA TIMOR GAP

Sidney 27 Junho 1990 Público/Lusa) Tivemos hoje acesso ao texto completo da intervenção no Senado australiano em 29 de Maio da senadora para o Desarmamento Nuclear, Jo Vallentine que a seguir se transcreve:

239. 29 JUNHO 1990 PÚBLICO

240. 30 JUNHO 1990 PÚBLICO

241. TIMORENSES GRAVAM CASSETE NA
AUSTRÁLIA³⁵³

Sidney, 28 Junho, Lusa) O centro de recursos culturais de Timor-Leste vai lançar no próximo sábado uma cassete longa duração de Ágio Pereira, dedicada à continuada luta do povo de Timor-Leste contra a ocupação colonial Indonésia.

“Trata-se da primeira vez que a lírica e as vozes de Timor são gravadas na Austrália, onde se encontra a maior comunidade de timorenses em exílio forçado”, declarou à Lusa, Abel Guterres daquele centro.

O lançamento oficial da cassete será feito pelo ministro federal da imigração, assuntos étnicos e governo local,

353 LUSA DESPACHO #154/90 28 JUNHO, 1990

Gerry Hand. A gravação que reúne treze composições foi feita nos estudos da Rádio étnica 3CR, e abarca composições de Ágio Pereira, letras do maior poeta timorense Borja da Costa sendo cantada em Inglês, Português e Tétum.

Ágio Pereira foi durante anos o representante da Fretilin em Darwin e com este lançamento pensa contribuir "para um aumento da visibilidade dos timorenses na Austrália, a fim de que os australianos se apercebam de que a guerra continua. Daí o título "I'm still fighting [eu continuo a lutar]", segundo Ágio disse à agência.

242. SMH 28 JUNHO 90

243. ETCRC JUNHO 1990

244. DIPLOMACIA PORTUGUESA NA AUSTRÁLIA E
TIMOR ³⁵⁴

SIDNEY, 30 JUNHO, PÚBLICO) Desde que tomou posse do seu cargo de embaixador de Portugal em Camberra há dois anos, José Luís Gomes decidiu que iria trazer o problema de Timor às páginas da comunicação social australianas. Esta semana foi disso um exemplo típico com notícias sobre Timor em todos os principais jornais estaduais e nacionais.

Apesar de ter concedido entrevistas a órgãos de imprensa, o embaixador português consideraria que um dos momentos mais importantes em relação a Timor acabaria por não ter cobertura na imprensa. Tratou-se de

um jantar oferecido por José Luís Gomes a Carmel Budiardjo, da TAPOL, o qual teve lugar em Canberra na terça-feira passada.

A este jantar estiveram presentes entre outras personalidades os deputados trabalhistas Dr. George Theophanus do estado de Vitória e Laurie Ferguson de Nova Gales do Sul, o Prof. John Girling do departamento de relações internacionais e do comité dos direitos humanos da universidade nacional ANU de Canberra, o ex-vice-presidente da Câmara dos representantes Tony Lamb, o ex-deputado Ken Fry, e o Prof. Dr. Michael Wagner presidente da fundação Timor-Leste de Canberra.

O facto inédito de se congregarem neste jantar influentes personalidades do partido trabalhista australiano, que no passado tem sido tão crítico de Timor e de Portugal, poderá representar um aumento da abertura australiana à questão de Timor, agora que o problema da assinatura do acordo entre a Indonésia e Austrália para a exploração do Timor Gap parece vir finalmente a ser debatido no Tribunal Internacional da Haia, caso Portugal apresente a sua queixa contra o mesmo.

Outro facto curioso foi o do senador Gareth Evans, ministro dos estrangeiros e apologista de boas relações com a Indonésia ter acedido a receber Carmel Budiardjo na quarta-feira.

Durante esta reunião Evans confirmou ter conhecimento de pelo menos uma violação de direitos humanos em Klarelek Mutin [Timor-Leste] e se bem que tenha mantido a sua posição oficial pragmática em relação a Timor-

Leste, certo também que no passado sempre se recusou a fazer comentários sobre violações de direitos humanos [em Timor] ou a receber lobbyistas para Timor.

Por outro lado, a conferência de imprensa em Camberra dada por Carmel Budiardjo teve a característica de ter reunido três especialistas do ministério dos estrangeiros australiano e dez indonésios.

As grandes surpresas porém são a maciça ausência de timorenses a estas sessões, com a exceção de membros da Fretilin [ninguém da UDT esteve presente na sessão de Sidney ou Camberra].

Carmel está a partir deste fim-de-semana em Melbourne onde terá reuniões com representantes da Convergência Nacionalista e da ACET [coligação australiana para Timor-Leste] e do ACFOA [comité de auxílio económico ao estrangeiro].

245. 2 JULHO 1990 O PORTUGUÊS SYDNEY

246. 2 JULHO 1990 RDP

247. 2 JULHO 1990 PÚBLICO

248. 3 JULHO 1990 PÚBLICO

249. 3 JULHO 1990 RDP

250. 3 JULHO 1990 CORREIO PORTUGUÊS SYDNEY

251. RELAÇÕES CHINA INDONÉSIA³⁵⁵

SIDNEY, 3 JULHO 90, PÚBLICO) As relações entre a Indonésia e a R. P. China têm sido – no mínimo – tumultuosas desde o golpe militar de 1965 quando mais de um milhão de pessoas foram abatidas pelo exército indonésio em conluio com a CIA.

Nos últimos três anos tem-se registado um acréscimo de actividades entre os dois países em relação a uniformização de relações mas a desconfiança dos governantes de Jacarta tem sido grande. Apesar das visitas de alto nível de Huao Yao Bang e de outros líderes os indonésios baseados na sua diferença política em relação a Hanói tem-se mantido distantes dos chineses.

Apesar de várias visitas mútuas nos últimos seis meses, o governo de Suharto manteve uma distância em relação a Beijing que não era facilmente explicada pelas trocas comerciais entre os dois países as quais se cifram já em 800 biliões de dólares anuais.

O anúncio hoje feito de que a República Indonésia estava disposta a restabelecer contactos formais com a R. P. da China terá de ser interpretada como uma posição pragmática motivada por interesses económicos os quais se sobrepõem aos milhões assassinados pelos indonésios aquando da revolta militar de 1965.

A Indonésia, activa na questão do Camboja e Vietname, necessita agora do reconhecimento de Beijing para ser totalmente aceite no seio das grandes nações asiáticas

como mediadora de conflitos e esta oportunidade de reatar relações diplomáticas veio mesmo a calhar para os desideratos de Suharto, ameaçado por uma surda rebelião interna dos seus militares opostos ao reatar de negociações.

A sucessão de Suharto e o difícil equilíbrio de poderes entre os militares e civis de Jacarta mostram que esta abertura política se insere num equilíbrio de forças a não desprezar.

252. INDONÉSIA: TERMINA O PERCURSO DE REJEIÇÃO DA R. P. DA CHINA³⁵⁶

Sidney, 3 Julho, 1990, Público) Com a assinatura prevista para 8 de Agosto do documento que assinala a restauração de relações diplomáticas sino-indonésias está prestes a encerrar-se ou pelo menos a modificar-se um percurso de 25 anos seguido pelos governantes de Jacarta em relação à República Popular da China.

O anúncio feito na terça-feira em Beijing, depois de 3 dias de negociações entre o MNE indonésio Ali Alatas e as autoridades chinesas, traz com ele a primeira visita oficial de um líder chinês à Indonésia numa geração. Com efeito, o primeiro-ministro Li Peng irá a Jacarta em 6 de Agosto para estar presente à ratificação do acordo.

Foi apenas na segunda-feira passada que a Indonésia concordou em pagar 50 milhões de dólares americanos de indemnização à RPC por dívidas datando dos anos

356 PÚBLICO DESPACHO 89/90· 3 JULHO 90 FEATURE EXCLUSIVO MUNDIAL PÚBLICO DESPACHO ATT. DIREITOS DE AUTOR VÁLIDOS PARA O PÚBLICO DESPACHO POR 24 HORAS APENAS.

sessenta. Apesar de não haver relações diplomáticas, o comércio bilateral atingiu no ano passado mais de 800 milhões de dólares.

Este *rapprochement* entre as duas maiores nações da Ásia vai poder acelerar o processo de paz no Camboja, estando a Indonésia cada vez mais activa no seu papel diplomático na região.

[BACKGROUND STORY]:

Para se perceber melhor o que se passou há 25 anos e interpretar o verdadeiro significado deste reatar de relações diplomáticas recuemos um pouco no tempo e na história. Na noite de 30 de Setembro de 1965 um grupo de conspiradores do exército raptou e assassinou seis generais, tomando controlo do país a fim de evitarem um alegado golpe de estado contra o presidente [Sukarno] autor do conceito da democracia guiada.

Os Indonésios são originários da Ásia e a sua história data do ano 500 da nossa era. Actualmente rondam os 182 milhões, dos quais 90 por cento professando o culto islâmico com laivos de Hinduísmo e budismo. Estão espalhados por 13700 ilhas e foram colonizados ao longo dos séculos, pelos chineses, mongóis, portugueses, holandeses, ingleses e franceses, os quais porém jamais conseguiram exercer um domínio global sobre esta vasta e populosa colónia.

Durante a guerra aliaram-se aos invasores japoneses a fim de se tornarem independentes em 1945. A partir do século X, ricos reinos e tribos guerreiras exerceram o seu poder sem no entanto conseguirem uma dominação

hegemónica, mais interessados em lutar entre si nas ilhas de Sumatra e Java e em estender a sua influências para leste.

No campo religioso a sua acção foi mais persistente do que a militar, se bem que até ao século XIV maiores potentados surgiram em Java aliados ao império chinês. No fim do século XIII os poderosos mongóis de Kublai Khan tentaram subjugá-los mas foram humilhados. A partir de então os javaneses passam a dominar Bali, Sumatra, Bornéu e outras ilhas.

Depois vieram as potências colonizadoras europeias que apesar de terem agrupado a Indonésia de hoje nas Índias orientais jamais conseguiram coesão. Este império que atingiu o seu apogeu com os holandeses ia das Celebes às Molucas, a Bornéu e à [Papua] Nova-Guiné. As tentativas de pacificação holandesa serviram apenas para exacerbar mais os locais que no início deste século retomaram ideais muçulmanos tradicionais.

Surgiram partidos nacionalistas entre 1908 e 1920, os quais eram dominados pelos islâmicos e comunistas os quais rapidamente se digladiaram em sangrentas revoltas armadas em 1926 [Java] e Sumatra no ano seguinte. Os holandeses aniquilaram estes focos de nacionalismo, para verem surgir um movimento nacionalista estudantil em 1988 liderado por um jovem Sukarno que formou então "*o grupo de Bandung*".

Sukarno foi exilado e a segunda Grande Guerra veio, com os indonésios a verem nos japoneses potenciais aliados para a sua libertação. Os holandeses recusaram-se a

conceder a independência até 1949 ano em que foram formados os Estados Unidos da Indonésia.

As eleições gerais realizaram-se apenas em 1955, dez anos depois da proclamação de independência, mas uma rápida sucessão de governos instáveis criou focos de descontentamento em locais tão diversos como Sumatra Ocidental, Celebes do norte e outras ilhas.

Foi nesta altura que Sukarno introduziu o seu conceito de "*democracia guiada*" baseado no consenso tradicional e abarcando todos os partidos e credos políticos. Entretanto, uma rebelião generalizada ameaçava a nação em 1957 e um governo alternativo foi criado em Padang. Sukarno viu-se obrigado a esmagar os rebeldes servindo-se do apoio das forças armadas. Em 1959, por decreto, Sukarno introduzia finalmente como lei o princípio de democracia guiada.

Os anos que se seguiram viram uma certa estabilidade com Sukarno a proteger o PKI [Partido Comunista Indonésio] como fiel da balança do poder que os militares adquiriram como recompensa da esmagada rebelião.

Na arena internacional, Sukarno era um confrontacionista e apenas em 1962 conseguiu garantir a integração de Irian Jaya [Nova-Guiné Ocidental] na Indonésia. Oposto à independência da Malásia em 1963, Sukarno abandona o seio da ONU quando aquele país é admitido em 1975 para o Conselho de Segurança.

É neste ano de 1965 que as coisas se vão suceder. Na noite de 30 de Setembro um grupo de conspiradores do exército rapta e assassina seis generais, tomando

controlo do país para evitarem um alegado golpe de estado contra o presidente. É neste cenário que um ambicioso jovem general Suharto, comandante dos reservistas, consegue fazer um contra golpe de estado e assume as rédeas do poder.

Tomando a iniciativa, Suharto leva o exército a acusar o PKI [partido comunista Indonésia] de ter orquestrado o golpe de estado, apesar de os comunistas negarem totalmente todo e qualquer envolvimento. Nos meses que se seguiram cerca de um milhão de pessoas foram abatidas, executadas ou sumariamente assassinadas sob a acusação de pertencerem aos comunistas, simpatizarem com eles, suspeitos de serem simpatizantes ou apenas por serem chineses. O ódio contra este grupo étnico perdurou até hoje.

Com o PKI eliminado, Sukarno perdera um dos seus pilares fundamentais e rapidamente foi obrigado pelos militares a ceder o comando ao jovem Suharto, o qual imediatamente proibiu todas as actividades políticas, baniu os comunistas vitaliciamente, prendeu 15 ministros e saneou extensivamente o corpo das forças armadas.

Em Março 1968 quando as mortes e perseguições começaram a diminuir, Suharto foi promovido de Presidente Interino a Presidente e imediatamente exilou Sukarno que passou a viver sob residência fixa onde ficaria até à sua morte em 1970. Suharto modificou a política do seu antecessor normalizando relações com a Malásia reintegrando o país nas Nações Unidas e criando uma aparência de democracia sob o controlo apertado de polícias secretas e uma associação política global, a

GOLKAR funcionado como secretariado de todos os partidos.

Nas eleições de 1971, a GOLKAR obteve 236 dos 360 lugares no parlamento que passou a ser um órgão sem poder. Nova reorganização política veria os partidos políticos reduzidos a dois em 1973. Dez anos depois do golpe palaciano de Suharto aquando da invasão de Timor, os indonésios seriam rápidos a libertar-se dos chineses que na ex-colónia dominavam totalmente o comércio. Posteriormente os indonésios serviram-se dos chineses para a troca de extorsão venderem vistos de saída aos familiares chineses de Timor.

Embora a Indonésia se mantenha visceralmente anticomunista e polidamente anti-chinesa, os interesses globais levam-na a assinar agora o acordo de restabelecimento de relações diplomáticas, que em breve verá de novo embaixadores dos dois países em Jacarta e Beijing.

253. EMBAIXADOR AUSTRALIANO EM TIMOR³⁵⁷

Sidney, 3 Julho, 1990, Lusa) Phillip Flood embaixador australiano em Jacarta partiu hoje para uma visita oficial de três dias a Timor-Leste.

Segundo um porta-voz do ministério dos negócios estrangeiros em Camberra declarou à Lusa: "Esta visita extraordinária de Phillip Flood destina-se a investigar recentes alegações de violações de direitos humanos em Timor".

Aquele porta-voz recusou-se porém a comentar sobre se a visita teria sido uma consequência da pressão feita por Carmel Budiardjo da TAPOL organização de direitos humanos Indonésia e secretária do grupo internacional dos parlamentares para Timor-Leste.

Carmel Budiardjo que se encontra há dez dias na Austrália avistou-se na terça-feira passada com o MNE australiano senador Gareth Evans numa sessão de mais de uma hora na qual foram debatidas recentes alegações de violações de direitos humanos e novas mortes e torturas de timorenses.

Carmel Budiardjo que se encontra esta semana em Melbourne a efectuar conferências sobre Timor e Irian Jaya [Papua Ocidental] e encontros com académicos, políticos e sindicalistas declarou à agência que *"a pressão internacional sobre a Austrália e a recente eleição [deste país] para o comité, dos direitos humanos da ONU [juntamente com Portugal e Indonésia] poderá ter obrigado os australianos a fazerem deslocar o seu embaixador a Timor"*.

Carmel Budiardjo declarou que ainda na terça-feira em Melbourne [hoje] se havia avistado com *"a comissão dos direitos humanos australiana para uma vez mais alertar para a necessidade de as ONG's [entidades não governamentais australianas] continuarem a pressão para que Camberra acabe por reconhecer o seu erro [na posição adoptada em relação a Timor-Leste] e em especial a ilegalidade da assinatura do acordo do Timor GAP"*.

Abel Guterres, um dos representantes da FRETILIN em Melbourne declarou à agência que "esta visita de Phillip Flood será como as anteriores: uma curta palmada nos ombros levemente crítica dos indonésios mas sem consequências posteriores".

254. 4 JUL 90 PROJECTO DE FILME SOBRE TIMOR

255. 4 JULHO 1990 PÚBLICO

256. 4 JULHO 1990 RDP

257. ENTREVISTA À MULHER DE XANANA GUSMÃO³⁵⁸

Sidney, 7 Julho Lusa) – a mulher de Xanana Gusmão, Maria Emília Pedro Batista Gusmão declarou à Lusa "*que os timorenses devem unir-se na sua luta contra a ocupação Indonésia*".

Falando da sua residência em Melbourne onde está há semanas desde que as autoridades indonésias a deixaram juntar-se à sua família na Austrália, Emília Gusmão declarou que "*os padres e as escolas das missões são dos poucos locais onde a preservação da Língua portuguesa se mantém*".

Declarando à agência que não se avista com o seu marido desde 1975, Emília realçou a importância da oposição à Indonésia "a qual agora é feita por toda a gente em especial os jovens que se vêem preteridos para obter vagas no ensino e depois de terminarem este não têm vagas para o seu primeiro emprego".

358 LUSA DESPACHO #57/90 7 JULHO 90

Comparando a situação em Timor sob domínio indonésio e sob domínio Português, Emília Gusmão acrescentou que "o medo, a falta de liberdade de falar, de viajar, de manter a língua são os piores problemas e se bem que haja mais escolas e estradas, os timorenses estão agora pior do que alguma vez sob os portugueses".

Expressando-se num Português fluente e educado, Emília Gusmão realçou ainda a falta de notícias que chegam de Portugal e das actividades portuguesas, apenas entremeadas de novas que chegam por jornais religiosos, terminando por apelar para *"que os timorenses enviem donativos de dinheiro através da igreja para ajudar os timorenses que vivem mal e sem meios por entre o domínio e a repressão javanesa [Indonésia]"*.

258. 7 JULHO 1990 PÚBLICO

259. 7 JULHO 1990 PÚBLICO

260. 7 JULHO 1990 RDP

261. TIMORENSES GRAVAM CASSETE NA AUSTRÁLIA359

Sydney, 8 Julho, 1990, Lusa) O Centro de Recursos Culturais de Timor-Leste lançou neste fim-de-semana uma cassette longa duração de Ágio Pereira, dedicada à continuada luta do povo de Timor-Leste contra a ocupação colonial Indonésia.

“Trata-se da primeira vez que a lírica e as vozes de Timor são gravadas na Austrália, onde se encontra a maior comunidade de timorenses em exílio forçado”, declarou à Lusa, Abel Guterres daquele Centro.

O lançamento oficial da cassete foi feito pelo ministro federal da imigração, assuntos étnicos e governo local, Gerry Hand. A gravação que reúne treze composições foi feita nos estudos da rádio étnica 3CR, e abarca composições de Ágio Pereira, letras do maior poeta timorense [Borja da Costa] sendo cantada em Inglês, Português e Tétum.

Ágio Pereira foi durante anos o representante da FRETILIN em Darwin e com este lançamento pensa contribuir "para um aumento da visibilidade dos timorenses na Austrália, a fim de que os australianos se apercebam de que a guerra continua. Daí o título "I'm still fighting [eu continuo a lutar] ", segundo Ágio disse à agência.

Na apresentação pública desta obra timorense estiveram presentes várias personalidades ligadas à causa de Timor, dentre as quais Carmel Budiardjo, da TAPOL (organização para os direitos humanos indonésios e secretária do grupo de parlamentares internacionais para Timor-Leste), que há duas semanas se encontra na Austrália. Na cerimónia que teve lugar na Câmara Municipal de Brunswick [Melbourne] concentraram-se cerca de duas centenas de pessoas nas quais se contavam vários australianos de organizações de apoio a Timor-Leste.

263. PÚBLICO 11 JULHO 1990

264. PÚBLICO 9 JULHO 1990

265. 10 JULHO 1990 PÚBLICO

266. 10 JULHO 1990 PÚBLICO

267. 10 JULHO 1990 RDP

268. RAMOS-HORTA E A CONVERGÊNCIA³⁶⁰

Sidney, 10 Julho, 1990, Público) José Ramos-Horta ex-líder da FRETILIN actual director do programa de relações internacionais da faculdade de direito de Nova Gales do Sul declarou hoje ao Público que a *"Convergência Nacionalista já não existe a acreditar naquilo que se passou no último fim-de-semana em Melbourne onde os membros da UDT boicotaram a sessão de apresentação da cassete de música timorense de Ágio Pereira."*

Ramos-Horta hoje chegado a Sidney disse ainda ao Público que *"foi importante a conferência sobre a segurança no Pacífico Sul promovida pela Universidade de Melbourne, Monash"* e na qual foram oradores principais Horta e Carmel Budiardjo da TAPOL e secretária do grupo dos parlamentares para Timor-Leste.

Ramos-Horta declarou ainda que "o nível de divergência existente dentro do movimento nacionalista timorense na Austrália foi ofuscado pela presença do ministro da

360 PÚBLICO DESPACHO 93/90 10 JULHO 90

imigração no lançamento da cassete de Ágio, mas que o editorial do jornal mensário Hadomi da associação timorense de Vitória atacava fortemente o clubismo da comunidade de Melbourne.”

José Ramos-Horta declarou ainda que espera “obter apoio do governo português e de autoridades internacionais para consolidar o lançamento da sua agência noticiosa de Timor-Leste neste momento em funcionamento provisório”.

Ramos-Horta disse ter tido contactos com diversas entidades apoiantes e esperar “ter a agência a funcionar de forma efectiva dentro dos próximos meses, contando com um leque de jornalistas internacionais de gabarito.”

Ramos-Horta deverá deslocar-se a Lisboa dentro de uma quinzena para finalizar com o governo português e com outras entidades acordos de cooperação com a agência noticiosa Timor-Leste.

269. 14 JULHO 1990 RDP

270. PÚBLICO 17 JULHO 1990

271. 19 JULHO 1990 PÚBLICO

272. 20 JULHO 1990 PÚBLICO

273. PÚBLICO 28 JULHO 1990

274. PÚBLICO 1 AGOSTO 1990

275. 07 AGOSTO 1990 PÚBLICO

276. PÚBLICO 09 AGOSTO 1990

277. 10 AGOSTO 1990 PÚBLICO

278. PLATAFORMA INTERNACIONAL DE JURISTAS,
LEIDEN, HOLANDA 10 AGOSTO 90

279. PÚBLICO 18 AGOSTO 1990

280. PÚBLICO 23 AGOSTO 1990

281. A MESMA NOTÍCIA E OUTRAS SEGUINTE
VISTAS PELO CORREIO PORTUGUÊS, SYDNEY, 4
SETEMBRO 1990

282. PÚBLICO 25 AGOSTO 1990

283. SEMINÁRIO SOBRE TIMOR – I – ³⁶¹

Sidney, 24 Agosto, 1990, Lusa) Terá lugar amanhã sábado em Sidney na Universidade de Tecnologia um seminário de dois dias dedicado a Timor e a Indonésia. Nesse seminário tomarão parte, académicos e políticos dedicados à questão de Timor.

O director da Amnistia Internacional australiana (André Francovits) será um dos oradores, seguido de Pat Walsh do comité australiano para o auxílio ao estrangeiro que falara sobre Timor-Leste e Papua.

Nas sessões seguintes será focado o problema da cultura popular indonésia em comparação com as restantes culturas as quais serão seguidas no domingo pelos prospectos de uma mudança política sessões que serão conduzidas pelo Dr. Michael Vandenberg e por Max Lane do trimensário Inside Indonesia.

A sessão de debates será concluída por um debate sobre a política do meio ambiente na Indonésia, relações industriais e comerciais entre os dois países e uma sessão especial dedicada às mulheres.

284. 24 AGOSTO 1990 LUSA

285. SEMINÁRIO SOBRE TIMOR – II – ³⁶²

Sidney, 26 Agosto, 1990, Público) Sob o título "*Um seminário de fim-de-semana para uma perspectiva alternativa*" organizou a publicação trimestral "Inside Indonesia" uma reunião de dois dias na UTS (universidade de tecnologia de Sidney), com a presença de académicos e activistas centrada na Indonésia.

Dentre os tópicos salientam-se o problema dos direitos humanos violados, a situação na Papua Ocidental [Irian Jaya] e Timor-Leste, a sucessão à dinastia Suharto e a desflorestação maciça na Indonésia.

Presentes dezenas de pessoas entre as quais membros da comunidade timorense de Sidney, e as quais tomaram parte activa em vários debates durante as cerca de vinte horas do seminário.

André Francovits, da Amnistia Internacional apresentou um relatório inicial sobre a continuada violação dos direitos humanos na Indonésia, e referindo-se a Timor-Leste reiterou a morte de pelo menos vinte pessoas, e à detenção de mais duzentas por motivos políticos, alegadamente por serem simpatizantes das forças de guerrilha ou por serem contra a presença Indonésia em Timor-Leste.

Francovits seguindo de perto o recém-publicado relatório anual da Amnistia Internacional citou ainda excertos de declarações do bispo de Díli, monsenhor Carlos Ximenes Belo como prova de *"que as torturas e maus-tratos a detidos eram comuns em Timor"*.

Pat Walsh, da secção dos direitos humanos do ACFOA (Comité Australiano para o auxílio económico ao exterior) centrou a sua presença na situação actual em Timor-Leste e Papua Ocidental, salientando incidentes que ocorreram desde Junho passado, com incursões de tropas Indonésias para território da PNG [Papua Nova-Guiné] em perseguição de guerrilheiros da OPM [Exército de Libertação da Papua/Irian Jaya].

Depois daqueles incidentes, a PNG acabaria por entregar aos indonésios quatro cidadãos de Irian Jaya, uma mulher e uma criança que em Dezembro passado haviam ocupado a embaixada da PNG em Jayapura [Irian Jaya] e pedido asilo político. Aquele grupo de sete pessoas foi depois condenado pelos indonésios a penas de vinte anos.

Um líder separatista da OPM, Mecky Salosa, foi igualmente deportado pela PNG sob escolta militar e entregue às autoridades Indonésias em fins de Julho, não obstante temer-se sob a sua vida. Para Pat Walsh isto demonstra que a *"necessidade da PNG estar em boas relações com os seus vizinhos indonésios superou as considerações de direitos humanos, que durante anos permitiram aos separatistas de Irian Jaya ter asilo na Papua Nova-Guiné."*

No tocante a Timor o recente hastear da bandeira da Fretilin em 17 de Julho acompanhado do hino pró-independentista "Foho Ramelau" na data de celebração da data da integração de Timor na Indonésia, serviu segundo Pat Walsh, *"para marcar que a população de Timor continua a desejar a autonomia, sem temer a intimidação Indonésia, e isto é tanto mais curioso quanto o verificar-se que os manifestantes eram todos bastante jovens e nascidos já sob domínio de Jacarta."*

A sessão de sábado à tarde centrou-se na exibição do filme nacionalista indonésio "Indonesia Calling" [o apelo da Indonésia] realizado em 1946 e focando o apoio australiano à luta independentista indonésia contra a opressão colonial holandesa, e numa palestra de Alison Murray da universidade de Sidney que recentemente regressou da Indonésia onde participou em várias iniciativas culturais. Murray focaria os aspectos importantes da cultura popular num contexto político.

A sessão terminou com sessões de trabalho entre todos os participantes e destinada a incrementar o seu envolvimento em campanhas de solidariedade para com

os movimentos de direitos humanos e de protecção ao meio ambiente na Indonésia.

A sessão da manhã de domingo esteve a cargo do Dr. Michael van Langenberg e de Max Lane os quais debateram os vários cenários possíveis na sucessão do presidente Suharto a partir de 1993, aliados ao descontentamento popular e à luta contra a corrupção e tirania do regime indonésio.

Focada igualmente a recente aparição do denominado grupo dos 50, que abarca representantes de partidos extintos por Suharto e do movimento de reabilitação ao ex-Presidente Sukarno, e os quais recentemente endossaram uma carta aberta na qual exigem reformas políticas e democráticas para a Indonésia. Este grupo formado em Maio, pode representar um futuro partido unificado da oposição a Suharto, e representar uma certa forma de esperança na mudança política necessária para a Indonésia.

A sessão de domingo à tarde foi caracterizada pela apresentação de factos pelo Dr. Robert Cribb e por Josi Suprpto, sobre a incontrolada destruição das riquezas naturais de muitas ilhas e províncias Indonésias, em favor dos grandes interesses políticos e económicos indonésios e estrangeiros, dentre os quais os mais agressivos foram citados como sendo o Japão, EUA e Austrália.

Apesar de algumas campanhas locais contra esta desflorestação e da intervenção popular e de entidades não governamentais, a destruição do meio ambiente na Indonésia processa-se a um ritmo bem mais rápido do que o da Amazónia, embora não tão publicitado.

A sessão terminou com um aceso debate sobre as relações australo-indonésias, na qual foi focada a assinatura do tratado de Timor Gap, a falta de acção de Portugal em solicitar a anulação do mesmo no Tribunal Internacional de Justiça de Haia. Focadas igualmente as pressões dos grandes grupos de comunicação social australianos em diminuir o fluxo de notícias negativas sobre a Indonésia, devido aos seus elevados interesses em áreas económicas vitais como exploração mineira e petrolífera.

Embora com algumas reservas foi condenada pelos presentes a actual política australiana face à Indonésia que privilegia os interesses político-económicos, menosprezando os direitos humanos e os direitos do povo indonésio.

286. 25-25 AGOSTO 1990 INSIDE INDONESIA

287. 26 AGOSTO 1990 LUSA

288.1. SEMINÁRIO SOBRE TIMOR – III – ³⁶³

Sidney, 26 Agosto 1990, Lusa) Teve lugar na Universidade de Tecnologia de Sidney durante este fim-de-semana, um seminário dedicado à Indonésia, aos problemas de direitos humanos, à luta pró-independentista de Timor-Leste e Papua Ocidental, organizado por académicos e activistas políticos ligados à Indonésia.

Um representante da Amnistia Internacional, André Francovits, focou as constantes violações dos direitos humanos na Indonésia, e em especial em Timor-Leste.

Pat Walsh do gabinete de direitos humanos da ACFOA (o comité australiano para o auxílio económico ao exterior) focou os recentes acontecimentos em Timor e Papua Ocidental [Irian Jaya] nomeadamente o significado do hastear da bandeira da Fretilin e o cântico do seu hino em Díli em 17 de Julho, por jovens estudantes secundários, a maioria dos quais nem era nascida aquando da incorporação de Timor na Indonésia naquela mesma data há 14 anos.

Debateram-se meios de incrementar a acção das campanhas de solidariedade para com os movimentos dos direitos humanos e pró-democracia na Indonésia.

Igualmente discutidas as possibilidades da sucessão de Suharto em 1993 quando ele completará o seu quinto mandato no poder e ainda a acção de multinacionais japonesas, norte-americanas e australianas na rápida desflorestação de Kalimantan [Bornéu], Aceh e Irian Jaya [Papua Ocidental].

Dentre as várias dezenas de presentes contavam-se membros da comunidade timorense radicada em Sidney, para além de jornalistas, professores universitários e dissidentes indonésios.

288.2. 26 AGOSTO 1990 LUSA

289. 27 AGOSTO 1990 LUSA

290. 27 AGOSTO 1990 PÚBLICO

291. 27 AGOSTO 1990 PÚBLICO

292. 30 AGOSTO 1990 LUSA

293. JORNALISTA AMERICANO MORTO³⁶⁴

SIDNEY, 30 Agosto, Lusa) De acordo com notícias acabadas de receber do comité da Fretilin em Darwin um jornalista norte-americano cuja identidade não foi possível obter teria sido liquidado em confrontos com forças de segurança Indonésias em Timor-Leste. O jornalista cuja identidade não fornecida à Lusa estaria em férias juntamente com sua mulher e filha em Díli. De acordo com a mesma fonte da Fretilin em 20 de Agosto teria havido manifestações de jovens em Timor no bairro de Sta Cruz em Díli, as quais teriam sido acompanhadas de intervenção policial. Em 28 de Agosto novas manifestações estudantis teriam tido lugar em Díli as quais teriam provocado a intervenção do bispo de Díli Mons Carlos Ximenes Belo. Não foi possível à Lusa confirmar estas notícias junto de outras entidades.

294. 30 AGOSTO 1990 LUSA ARTIGO DE FUNDO

295. 31 AGOSTO 1990 RDP

296. MORTE DE JORNALISTA AMERICANO EM TIMOR –
II – ³⁶⁵

364 LUSA DESPACHO #167/90 30 AGO 90

365 LUSA DESPACHO #168/90 31 AGOSTO 90

Sidney, 31 de Agosto, Lusa) Continuam por esclarecer as circunstâncias da morte à facada ou baioneta de um jornalista norte-americano em Timor-Leste, provocada, segundo Alfredo Ferreira do comité da Fretilin em Darwin, por tropas indonésias.

O incidente que terá ocorrido nos últimos dias em Same, na Costa Sul de Timor não foi ainda passível de confirmação por outras fontes. A identidade do jornalista parece apontar para um indivíduo de apelido Muller, que na altura se encontrava hospedado no Hotel Turismo em Díli, com a sua mulher e filha.

A tratar-se deste jornalista, ele foi o autor de livros turísticos para turistas económicos interessados em percorrer os territórios indonésios mais pró-independentistas como Irian Jaya (Papua Ocidental), Aceh, e Molucas e encontrava-se em Timor com a mesma finalidade.

Segundo a Fretilin o jornalista foi assassinado em Same e a sua mulher foi gravemente ferida tendo sido transportada para o hospital de Díli. Embora a Lusa tenha tentado entrar em contacto com o adido de imprensa norte-americano na embaixada de Jacarta, tal não foi possível para poder ser confirmada a história.

A embaixada em Camberra [Austrália] desconhecia o acontecido, e o senador australiano Warren Snowdon prometeu investigar o caso junto do ministério dos negócios estrangeiros australiano.

Dadas as dificuldades de estabelecer contacto directo com Timor, foi apenas possível à Lusa apurar que se

registaram confrontos em manifestações populares de estudantes em 20 e 28 de Agosto passado e as quais teriam motivado a intervenção directa com pedido de clemência do bispo de Díli, Mons Carlos Ximenes Belo.

Um telefonema da Lusa para Díli resultou na resposta de que Mons Belo se encontrava fora de Díli e a pessoa que atendeu o telefone falando com forte sotaque indonésio afirmou desconhecer os acontecimentos.

Entretanto de Darwin, Alfredo Ferreira do comité da Fretilin na Austrália mostrou-se satisfeito com os resultados de ontem na subcomissão dos direitos humanos em Genebra que aprovou uma resolução por 14 votos contra 9 e uma abstenção, condenando a Indonésia em relação a Timor-Leste e apelando para que o Secretário-geral da ONU, Javier Perez de Cuellar envie todos os esforços para encontrar uma solução para o problema do povo maubere.

297. PÚBLICO 31 AGOSTO 1990

298. 31 AGOSTO 1990 RDP

299. 31 AGOSTO 1990 PÚBLICO

300. MORTE DE JORNALISTA AMERICANO EM TIMOR –
III – ³⁶⁶

Sidney, 01 Set.^o, 90, Lusa) Continuam por esclarecer as circunstâncias da morte à facada ou baioneta de um jornalista norte-americano em Timor-Leste, provocada,

segundo Alfredo Ferreira do comité da Fretilin em Darwin por tropas Indonésias.

O incidente que terá ocorrido nos últimos dias em Same, na Costa Sul de Timor não foi ainda passível de confirmação por outras fontes. O próprio Alfredo Ferreira da Fretilin afirmou à Lusa não lhe ter sido possível confirmar a notícia por outras fontes. Entretanto um jornalista (Mark Aarons) da cadeia nacional de Rádio australiana ABC telefonou à Lusa *"desmentindo categoricamente a mesma e negando que ela possa ter tido lugar"*.

Segundo as notícias não confirmadas da Fretilin, o jornalista foi assassinado em Same e a sua mulher foi gravemente ferida tendo sido transportada para o hospital de Díli. Dadas as dificuldades de estabelecer contacto directo com Timor, foi apenas possível à Lusa apurar que se registaram confrontos em manifestações populares de estudantes em 20 e 28 de Agosto passado e as quais teriam motivado a intervenção directa com pedido de clemência do bispo de Díli, Mons Carlos Ximenes Belo.

Um telefonema da Lusa para Díli resultou na resposta de que Mons se encontrava fora de Díli e a pessoa que atendeu o telefone falando com forte sotaque indonésio afirmou desconhecer os acontecimentos. Entretanto novo telefonema das forças de resistência timorense em Bali confirmou que a bandeira da Fretilin havia sido hasteada em 28 de Agosto, e que pelo menos três pessoas haviam sido detidas.

301. 1 SETEMBRO 1990 PÚBLICO

302. REUNIÃO FRETILIN³⁶⁷

Sidney, 01 Set.º 90, Público) Os comités estaduais da Fretilin vão reunir neste fim-de-semana para decidir a estratégia a seguir nos próximos tempos.

Segundo o Público apurou junto de membros da comunidade timorense radicada na Austrália, esta está descontente com a falta de iniciativas tomadas pelo comité central em Lisboa e de acordo com pedidos recebidos do interior de Timor necessita de uma maior actividade e iniciativa do que aquela demonstrada pelos quadros dirigentes em Lisboa.

Tanto quanto o Público pode descobrir trata-se de um quase golpe de estado dentre os comités locais, havendo alguns que abertamente proclamam a necessidade do regresso de José Ramos-Horta ao seio da Fretilin contra o status quo estacionário.

Entretanto de Genebra – há momentos – José Ramos-Horta declarou ao Público que "estava aberto a qualquer mudança na Fretilin destinada a fortalecer e rejuvenescer o movimento, e que se não sentia bem como indigitado para essa missão que competia mais a Roque Rodrigues um honesto e dedicado timorense".

Ramos-Horta elogiou ainda a acção do grupo português em Genebra que obteve a histórica votação de 14 contra 9 votos a favor de uma resolução para Timor-Leste, salientando em especial Maria Reis e José Pereira Gomes, declarando "*não compreender a decisão de João*

Carrascalão de demitir os membros da UDT em Lisboa". Horta acabaria afirmando que tinha "toda a confiança nos jovens membros da Fretilin para darem um impulso necessário ao movimento para retomar a sua supremacia entre a resistência nacionalista timorense."

Relativamente à alegada morte de um jornalista norte-americano em Timor Horta disse que havia recebido notícias contraditórias sobre o assunto mas que não estivera em contacto directo com Timor. Elogiando a actuação de Portugal no subcomité dos direitos humanos em Genebra, Horta declararia ainda que "esperava que o lobby português fosse forte para em Fevereiro próximo poder defender a causa do povo maubere".

303. MORTE DE JORNALISTA AMERICANO – IV – ³⁶⁸

Sidney, 1 Set.^o, Público) Continuam por esclarecer as condições em que terá ocorrido a morte de um jornalista norte-americano na vila de Same na Costa Sul de Timor-Leste e a qual foi anunciada anteontem à noite pelo comité da Fretilin em Darwin mas não confirmada por outras fontes. A identidade do jornalista parece apontar para um indivíduo de apelido Muller que já escreveu guias sobre Irian Jaya [Papua Ocidental], Aceh e Molucas e se encontrava em Díli no Hotel Turismo. Segundo as informações chegadas à Fretilin, que não puderam ser confirmadas por outras fontes, nem mesmo por Alfredo Borges Ferreira da Fretilin em Darwin, teria aquele jornalista sido assassinado em Same e a sua mulher estaria gravemente ferida tendo sido transportada para Díli.

O ataque com arma branca, faca ou baioneta teria ocorrido esta semana mas foi impossível de confirmar junto da Cruz Vermelha ou do adido de imprensa norte-americano em Jacarta. Certo é que quer a Fretilin quer o Público não puderam confirmar esta notícia por outras vias. Curiosamente um jornalista (Mark Aarons) da cadeia nacional de rádio ABC, dizendo que a notícia carecia de validade, ameaçou esta tarde Alfredo Ferreira e o correspondente do Público de divulgarem notícias sem fundamento alegando que destruíram os dez anos de credibilidade da resistência. Embora Alfredo Ferreira e o Público continuem sem poder confirmar esta notícia por outras vias, ela parece ter agitado sectores pró-timorenses na Austrália.

304. 01 SETEMBRO 1990 RDP

305. 2 SETEMBRO 1990 PÚBLICO

306. MULHER DE XANANA GUSMÃO APELA AO GOVERNO PORTUGUÊS³⁶⁹

Melbourne, Austrália, 3 Set.^o 90, [Lusa] – a mulher do líder da resistência nacionalista timorense Xanana Gusmão enviou hoje à Lusa em Sidney uma carta aberta de apelo ao governo Português.

Emília Gusmão que chegou à Austrália em 23 de Maio passado, apela em seu nome, do seu marido e de todo o povo timorense para que o Presidente da República, o primeiro-ministro, o presidente da Assembleia da

369 LUSA DESPACHO 172/90 3 SET.^o 90₈₂₁

República "*continuem a desenvolver todos os esforços no sentido de defenderem a auto determinação e independência da minha tão martirizada terra, Timor-Leste para que cessem com as barbaridades que sofre o povo*".

Emília Gusmão apela ainda para que junto do Tribunal Internacional [de Haia] envidem todos os esforços para que "*a Indonésia e a Austrália não concretizem o desejo de uma das maiores riquezas de Timor que é o petróleo*".

[SEGUE-SE MANUSCRITO DE EMÍLIA GUSMÃO 3 SETEMBRO 1990]

307. 3 SETEMBRO 1990 PÚBLICO

308. 3 SETEMBRO 1990 RDP

309. 4 SETEMBRO 1990 CORREIO PORTUGUÊS SYDNEY

310. PÚBLICO 4 SETEMBRO 1990

311. 5 SETEMBRO 1990 LUSA

312. 5 SETEMBRO 1990 PÚBLICO

313. 5 SETEMBRO 1990 SYDNEY MORNING HERALD

314. MANIFS EM DÍLI. FRETILIN ANUNCIA MANIF EM DÍLI³⁷⁰

370 LUSA DESPACHO 173/90 6 SET.º 90 ZERO HORAS * URGENTE

Sidney, 6 Set.^o 90 Lusa) segundo um comunicado do comité da Fretilin na Austrália acabado de receber pela Lusa em Sidney teriam tido lugar manifestações populares em Díli.

O comunicado divulgado por Alfredo Borges Ferreira da Fretilin em Darwin alega que na tarde de dia 4 de Setembro em Díli se realizou uma missa campal em Díli em celebração dos 50 anos da fundação da diocese e à qual estiveram presentes cerca de 20 mil pessoas.

De acordo com as mesmas fontes, que a agência não confirmou ainda de outras fontes, teria estado presente o núncio apostólico do Vaticano em Jacarta, Mons Canalini. Dentre a assistência à missa teria havido um numeroso grupo – de acordo com as mesmas fontes a que a agência teve acesso – que no final da missa gritaram *Vivas à Fretilin, a Xanana Gusmão e ao povo Maubere* e pediam a independência do povo de Timor-Leste.

A mesma fonte acrescentava que Mons Canalini se recusou a receber uma delegação de timorenses e foi acompanhado de escolta militar para a residência do bispo residente de Díli, monsenhor Carlos Ximenes Belo. Todas as tentativas feitas nas últimas horas para entrar em contacto directo com Díli foram infrutíferas e através da Telecom australiana a agência obteve a informação de que havia saturação de chamadas para a Indonésia, o que parece estranho dado ser de momento uma da manhã na Austrália e onze da noite em Díli.

Segundo Alfredo Ferreira que esteve em contacto directo com membros da resistência não se teriam registado detenções.

315. 6 SETEMBRO 1990 PÚBLICO

316. 6 SETEMBRO 1990 LUSA

317. 6 SETEMBRO 1990 RDP

318. PÚBLICO 6 SETEMBRO 1990

319. 7 SETEMBRO 1990 RDP

320. CONFIRMADA MANIFESTAÇÃO DE TIMORENSES
EM DÍLI³⁷¹

Sidney, 7 Set.^o, Lusa) – a agência noticiosa australiana Associated Press confirma hoje a manifestação de jovens em Díli Timor-Leste ocorrida na tarde da passada terça-feira, conforme foi anteriormente noticiado pela Lusa.

Os jornais "Sydney Morning Herald", "Northern Territory News" de Darwin e a cadeia nacional de Rádio ABC citando fontes diplomáticas e outras confirmam que cerca de duas centenas de manifestantes se manifestaram no final de uma missa campal na celebração do 50^o [quinquagésimo] aniversário da elevação de Díli a diocese. Segundo aqueles jornais tratou-se da maior demonstração desde Janeiro passado quando ali se deslocou o embaixador norte-americano em Jacarta, John Monjo e durante a qual se registaram três mortes.

Diplomatas ocidentais são citados como tendo confirmado que umas duas centenas de manifestantes dentre uma

371 LUSA DESPACHO 174/90 7 SET.^o 90₈₂₄

assistência estimada entre 20 a 50 mil pessoas, hastearam bandeiras da Fretilin, cantando hinos nacionalistas e exigindo a autodeterminação de Timor-Leste. Os manifestantes teriam sido dispersos pela polícia Indonésia e apenas alguns teriam ficado detidos.

Apesar de há dois dias a agência Lusa estar a tentar entrar em contacto com Díli, quer através de ligação directa quer através do operador internacional, até agora não foi possível estabelecer contacto com a residência do bispo Mons Carlos Belo. Esta demonstração foi presenciada, de acordo com as mesmas fontes, pelo governador provincial Mário Carrascalão, Mons Belo e pelo núncio apostólico do Vaticano em Jacarta Mons Francesco Canalini.

O bispo de Díli Mons Carlos Ximenes Belo que no passado tem criticado a acção das forças Indonésias e em Fevereiro do ano passado enviou uma carta aberta ao secretário-geral da ONU Perez de Cuellar pedindo a realização de um referendo, acabaria por ter de interceder e pedir aos manifestantes que acabassem com o protesto *“para que a sua causa não fosse perdida”*. Esta manifestação segue a linha de anteriores manifestações que se servem da presença de dignitários estrangeiros para chamarem a atenção para a sua luta de autodeterminação.

321. 7 SETEMBRO 1990 PÚBLICO

322. 8 SETEMBRO 1990 RDP

323.1. 10 SETEMBRO 1990 LUSA

323.2. 10 SETEMBRO 1990 LUSA

324. 11 SET.º 1990 CORREIO PORTUGUÊS, SIDNEY, algumas das notícias dos últimos meses foram aqui condensadas por Bailão Lopes

324. 12 SETEMBRO LUSA

325. 12 SETEMBRO 1990 RDP

326. 13 SETEMBRO 1990 PÚBLICO

327. 13 E 14 SETEMBRO 1990 PÚBLICO

328. REACÇÕES NA AUSTRÁLIA À CRISE DA UDT³⁷²

Sidney, 14 Set.º, Público) A crise interna da UDT [União Democrática Timorense] despoletada há dias com a demissão da comissão política em Lisboa por João Carrascalão [vice-presidente do partido] parece ainda não ter chegado à Austrália.

Esta a primeira conclusão obtida pelo Público depois de telefonar para Melbourne, Perth, Darwin e mesmo em Sidney onde Carrascalão vive, dois membros do comité central da UDT não sabem da dissolução.

Membros do cc DA UDT, desconhecem

Dois dos membros do comité central da UDT, Câncio Noronha [Melbourne] e Fausto Soares [Sidney] tiveram conhecimento “*através da comunicação social e por*

372 PÚBLICO DESPACHO 101/90 14 SET.º 90 ATT. JOAQUIM NEGREIROS TAKE ONE

outras vias" de que algo de grave se teria passado durante a estadia de Carrascalão.

Câncio Noronha declarou ao Público "não querer comentar sobre a decisão de dissolver a UDT/Lisboa, por não estar informado sobre os problemas de Lisboa, mas que antes da partida de Carrascalão havia nada de demissões havia ficado decidido".

Noronha disse "ser infeliz que as coisas se tenham passado desta forma", e lamentou que "estas discussões e acusações entre Carrascalão e Oliveira por um lado e Paulo Pires e Vicente Guterres por outro, tenham vindo a público".

De vários outros membros destacados da comunidade timorense em Melbourne, nem um só tivera conhecimento da dissolução, à excepção de elementos affectos à Fretilin.

Por seu turno em Sidney, o outro membro do comité central da UDT, Fausto Soares, estava "*surpreso pelos acontecimentos*", e aguardava ainda hoje [sexta-feira] obter uma explicação de João Carrascalão com quem se iria avistar, para "*pedir a imediata realização de uma sessão de esclarecimento público para todos os elementos da comunidade timorense*".

Tal como o Público noticiou em 4 de Setembro, a recente alegação do secretário-geral adjunto das Nações Unidas Rafeeudin Ahmed de que "*os países asiáticos procuram a unificação dos territórios separados pelo colonialismo*" apontando a reunificação "*sem objecções de Macau e Hong-Kong à R. P. da China*", foi objecto de crítica de

Fausto Soares que afirmou *"agora é o momento ideal para comparar Timor ao Iraque mas a Macau nunca"*.

Fausto Soares reiterou ter apenas sabido dos recentes acontecimentos através de outras pessoas e desconhecia sequer o que se passou da ida de Carrascalão às Nações Unidas, adiantando *"aqui ninguém sabe de nada, toda a gente quer saber o que se passou, e quer no seio da UDT quer no da Convergência é preciso saber o que se passa"*.

A FRETILIN NÃO COMENTA A CRISE DA UDT, MAS TEME O FIM DA CONVERGÊNCIA.

Dentre outras entidades timorenses ou ligadas à causa de Timor, o Público obteve do representante da Fretilin na Austrália, Alfredo Borges Ferreira radicado em Darwin o seguinte depoimento *"a posição dos comités da Fretilin na Austrália relativa à crise interna da UDT é a mesma expressa pelo nosso dirigente Abílio Araújo, em Lisboa, "trata-se de um problema interno e como tal não nos compete discuti-lo" adiantando porém considerar "negativo para os interesses da Convergência a agitação actual."*

Idêntica opinião foi expressa por Lola Bernardes (Reis) da Fretilin em Sidney e pelos membros da Fretilin em Melbourne, os quais porém adiantaram *"temer o futuro da Convergência, em especial na Austrália onde as relações com Carrascalão nunca foram das melhores"*.

O Público por exemplo apurou que João Carrascalão sempre se recusou a discutir assuntos da Convergência (ou Divergência?) com os delegados da Fretilin na

Austrália por "*não terem a sua estatura política, e por não pertencerem ao comité central da Fretilin*".

329. CINEASTA AUSTRALIANO CRITICA UDT E ANUNCIA FILME SOBRE TIMOR³⁷³

Sidney, 14 Set.^o Público) O cineasta australiano Dennis Frenney, produtor do filme "Shadow Over East Timor/Sombras sobre Timor" [ainda não transmitido em Portugal mas passado em 1987 Dezembro na TDM de Macau] declarou que "*numa altura em que todas as forças políticas envolvidas no processo político de Timor, deveriam estar unidas e utilizar as semelhanças com a invasão e anexação do Kuwait pelo Iraque, as ridicularias internas da UDT ameaçam destruir a Convergência e servem apenas os interesses da Indonésia*".

Noutro passo da sua entrevista ao Público, Frenney adiantou estar em negociações com a cadeia multicultural de televisão SBS para fazer uma versão actualizada do filme "Sombras sobre Timor", cujos direitos foram recentemente adquiridos por aquela cadeia.

Dennis Frenney criticou ainda o governo de Lisboa por continuar sem pressionar o Tribunal Internacional de Haia sobre a "*ilegalidade do acordo do Timor Gap e por se manter refém das conversações com a Indonésia*"

A FUNDAÇÃO TIMOR NÃO ESTÁ SURPREENDIDA COM O ACONTECIMENTO.

373 PÚBLICO DESPACHO 101/90 14 SET.^o 90 ATT. JOAQUIM NEGREIROS TAKE TWO

O Dr. Michael Wagner, presidente da Fundação para Timor-Leste que parte amanhã para uma conferência científica em Barcelona declarou ao Público que *"observava os recentes acontecimentos no seio da UDT, sem interferir dado tratar-se de um assunto interno dos timorenses, mas que era importante em termos gerais a sobrevivência da Convergência"*.

"Esta disputa na UDT causa no entanto sérias preocupações, mas não é de estranhar sabendo a história política de Timor, que ela retrata acontecimentos passados que ainda se fazem sentir e os quais se não de repetir até que um dia o povo de Timor seja libertado". O Dr. Wagner acredita que "os problemas da UDT não-de ser resolvidos de uma forma ou outra".

Depois da conferência de Barcelona, o Dr. Michael Wagner desloca-se a Lisboa onde tentará estar em contacto com membros do governo, do parlamento, das organizações de solidariedade para com Timor-Leste, a fim de *"pessoalmente tomar conhecimento das últimas iniciativas de Portugal, relativamente à visita da delegação parlamentar e do tratado do Timor Gap e para dar conhecimento pessoal da Fundação para Timor-Leste e tentar obter apoio para a mesma"*.

Depois seguirá para a Alemanha onde tem já encontros marcados com dirigentes políticos dos "Verdes" e do SPD [partido social democrata] aos quais expressará a preocupação existente nos meios ligados à defesa do ambiente sobre a *"possibilidade de desastres ecológicos no mar de Timor, fruto da exploração desenfreada de petróleo que o tratado de Timor Gap veio abrir"*. Aliás, acrescentou *"essa também uma das preocupações que*

quero expressar ao governo de Portugal do impacto do tratado se não for finalmente contestado por Portugal no Tribunal Internacional de Haia".

Por seu lado o também influente australiano, Pat Walsh director do gabinete de direitos humanos do ACFOA [comité australiano de auxílio económico ao estrangeiro] acabaria por dizer *"que se trata de um problema interno da UDT e que espera apenas que não tenha efeitos duradouros, que possam ser prejudiciais à causa do povo timorense"*. Reiterando que *"de um assunto interno da UDT era necessário que aquela organização chegasse a uma posição que não comprometa futuramente a situação dos timorenses em geral."*

Pat Walsh louvou ainda a decisão anunciada sexta-feira pelo MNE português João de Deus Pinheiro de "prosseguir à mesa das negociações com a Indonésia para a eventual ida de uma delegação parlamentar portuguesa a Timor-Leste".

A título particular Pat Walsh acrescentaria mais comentários mas restrições da lei de imprensa australiana impedem a sua publicação.

330. RÁDIO ÉTNICA EM DARWIN COMENTA O CASO UDT³⁷⁴

Sidney, 14 Set.^o, Público) A estação de rádio étnica de Darwin na sua edição de quinta-feira pediu a João Carrascalão um comentário sobre os recentes

374 PÚBLICO DESPACHO 101/90 14 SET.^o 90 ATT. JOAQUIM NEGREIROS TAKE THREE

acontecimentos no seio da UDT, mas este escusou-se a prestá-los dizendo apenas que oportunamente emitiria um comunicado para a comunicação social local.

Até agora os três jornais portugueses publicados na Austrália e as restantes estações étnicas com programas em Português têm mantido o maior silêncio sobre os acontecimentos na UDT.

A concluir poder-se-ia acrescentar que a decisão de João Carrascalão e Domingos Oliveira, dois dos quatro membros do comité central da UDT no exílio, foi tomada em Lisboa sem haver consenso nem conhecimento quer de Fausto Soares quer de Câncio Noronha, os restantes dois membros daquele comité. Até ao fim da tarde de sexta-feira nenhum deles tinha tido uma explicação por parte de Carrascalão ou Domingos de Oliveira, os quais ainda não divulgaram nada da sua ida a Portugal e às Nações Unidas.

A comunidade timorense da UDT na Austrália ignora o "*golpe de estado*" mas dentre os elementos da Fretilin nota-se um completo conhecimento dos acontecimentos. Como disse uma das timorenses entrevistadas "*afinal foi assim sempre que nós funcionamos na Austrália e em Timor, os da Fretilin fazem e sabem, os da UDT pouco ou nada sabem ou fazem, e só quando é necessário vêm a terreno*".

Outra das preocupações registadas, centra-se em qual vai ser o futuro da Convergência, a que um dos entrevistados teimava ironicamente em denominar de "divergência". Até à hora de encerrarmos esta edição ainda não fora possível obter um esclarecimento de João Carrascalão.

[P.S. se conseguir entrar em contacto com ele nas próximas 2 a 3 horas ainda acrescento as suas declarações].

331. 15 SETEMBRO 1990 RDP

332. COMUNICADO DO COMITÉ CENTRAL DA UDT³⁷⁵

Sidney, 15 Set.^o, Lusa), – com data de 12 de Setembro o comité central da UDT em Sidney divulgou hoje um comunicado no qual critica a dissolvida comissão política da UDT em Lisboa [Paulo Pires e Vicente Guterres] por *"indevidamente utilizarem a sigla da UDT e falarem em nome daqueles que não representam"*.

O comunicado da UDT cita que a "decisão da direcção do partido foi tomada em Lisboa na presença de Paulo Pires, com a concordância e participação do mesmo, após dispendiosa consulta telefónica com outros membros do comité central espalhados por outras partes do mundo".

Segundo a Lusa apurou na Austrália quer Fausto Soares em Sidney quer Cândio Noronha em Melbourne desconheciam a demissão da comissão política do partido em Lisboa, e *"não tinham sido contactados nem antes da partida nem durante a estadia de João Carrascalão em Portugal"*.

Em registo magnético a Lusa apurou que aqueles membros do comité central, que juntamente com Domingos de Oliveira [Perth] e João Carrascalão [Sidney] e Lopes da Cruz [Díli e suspenso da presidência do partido] constituem a cúpula política do partido não foram *"nem ouvidos nem achados para as recentes decisões, tendo delas sabido por membros e simpatizantes da UDT e apenas na noite de sexta-feira [14 Set.^o] foi Fausto*

375 LUSA DESPACHO 187/90 15 SET.^o 90 ATT. *URGENTE PRIORIDADE UM

Soares pessoalmente informado por Carrascalão dos acontecimentos em Lisboa."

Aquele comunicado subscrito por Carrascalão e Domingos de Oliveira e hoje entregue à Lusa critica ainda o "desrespeito pela hierarquia do partido" e "o ataque virulento e doentio ao vice-presidente e secretário-geral" e que "tenham emitido juízos temerários e extemporâneos em nome dos filiados militantes e adeptos da UDT sem previa consulta dos mesmos" e que como "membros de um grupo regional da UDT minoritário mesmo em termos de militantes na diáspora pretendam por em causa e considerar nula uma decisão tomada pela direcção do partido".

O comunicado indica ainda que "enquanto decorre o processo de expulsão, suspende de todas as actividades e direitos os subscritores do comunicado".

Em 6 de Setembro, Paulo Pires e Vicente Guterres haviam recusado a dissolução da comissão política da UDT e haviam acusado João Carrascalão e Domingos de Oliveira de *"terem participado na promulgação da integração de Timor na Indonésia e de terem assistido "impávidos e serenos ao genocídio do povo timorense"*.

Entretanto os delegados regionais e nacionais da Fretilin na Austrália recusaram-se a comentar a situação dizendo que *"se trata de um assunto da UDT e que a esta compete resolver"*, embora haja timorenses que se interrogam sobre a viabilidade do futuro da Convergência Nacionalista timorense constituída pela UDT e Fretilin.

334. 16 SET 1990 CARTA DE JOÃO CARRASCALÃO E COMUNICADOS UDT

335. GIGANTE ECONÓMICO JUNTA-SE AOS "TIGRES" DA ÁSIA.³⁷⁶

335.1. A INDONÉSIA TEM O NÍVEL DE VIDA MAIS BAIXO DAS NAÇÕES NÃO-COMUNISTAS DO SUDESTE ASIÁTICO E PACÍFICO, MAS PREPARA-SE PARA EM BREVE ALTERAR ESSE STATUS

Sidney, 16 Set.º, Público) A Indonésia tem o nível de vida mais baixo dentre todas as nações não comunistas do Sudeste Asiático e Pacífico, mas de acordo com o governo de Jacarta está em vésperas de alterar essa situação com um surto de desenvolvimento capaz de a colocar ao nível do mundo Ocidental.

Embora este surto de desenvolvimento possa significar a médio e curto prazo, linhas telefónicas congestionadas, estradas e ruas engarrafadas e poluídas e uma falta de hotéis de qualidade, os proponentes do capitalismo indonésio apontam para o futuro.

Uma imensa e densamente povoada nação com mais de 182 milhões de almas [quinto mais populoso país], tipicamente pobre e subdesenvolvida tem desde meados da década de 80 vindo a seguir os conselhos das agências monetárias internacionais, para conseguir manter a sua taxa de crescimento [6,2 por cento em 1989] e reduzir a sua dependência na exportação de petróleo [é

376 PÚBLICO DESPACHO 102/90 16 SET.º 90
836

o 13º maior produtor mundial], simultaneamente com a redução do seu considerável débito externo [55 biliões de dólares 6 325 biliões de Escudos].

335.2. A INFLAÇÃO

A inflação mantém-se nos 7 por cento, o recém introduzido mercado de capitais com a sua bolsa de valores começa a ser significativo e inúmeras companhias internacionais estão a investir somas avultadas para o desenvolvimento de indústrias sediadas na Indonésia, aproveitando a mão-de-obra barata que serviu inicialmente de base de crescimento aos "tigres" da região: Tailândia, Coreia do Sul, Taiwan, e Hong-Kong.

No primeiro quadrimestre deste ano mais de 3 biliões de dólares foram investidos [345 biliões de Escudos], o que representa quase o dobro dos investimentos durante o ano de 1989. Os investimentos australianos na Indonésia, se bem que vultosos nas áreas dos minérios, do carvão, ouro e outros minerais, representam apenas 4 por cento do total de investimentos no país, que são ainda liderados pelo Japão e Estados Unidos.

Na década de 80 a Indonésia obtinha 82 por cento das suas exportações e 71 por cento do seu orçamento geral através do petróleo, sendo gravemente afectada pela quebra dos preços do petróleo em 1983 quando estes baixaram para 60 por cento do seu anterior valor. Desde então medidas de austeridade fiscal e financeira obrigaram a uma reestruturação da economia e um aproveitamento de indústrias de elevado conteúdo de mão-de-obra [barata].

335.3. A CORRUPÇÃO

Uma companhia suíça foi contratada para reduzir a corrupção rampante na área de transportes e em especial nos portos, alguns monopólios foram abertos à competição, levantadas restrições às importações, o sector bancário e financeiro foram desregulados e uma agência única de aprovação de investimentos substituiu mais de trinta agências anteriormente existentes. O resultado tem sido uma taxa constante de crescimento a rondar os sete a oito por cento por ano e uma redução da importância do petróleo para apenas 38 por cento do valor total das exportações.

Dada a entrada anual de 2,3 milhões de jovens no mercado de trabalho em cada ano a economia Indonésia necessita de pelo menos 5 por cento de crescimento económico anual. A corrupção causada pelos baixos salários [taxa média de 645 dólares ano = 74 200\$00 Esc. /ano] e a lenta burocracia aliam-se às dificuldades no sector de transportes, telecomunicações e produção energética para dificultar o crescimento económico.

A falta de água e a constante degradação do meio ambiente com uma destruição de florestas virgens a taxa bem superior à da Amazónia, aliadas a uma crescente consciencialização popular a favor da ecologia irão ser obstáculos a ultrapassar rapidamente.

Por outro lado a firme ditadura de Suharto ao longo dos últimos vinte e cinco anos proporcionou a estabilidade necessária para o crescimento económico mas à medida que se aproxima o seu quinto e último mandato em Março 1993 a especulação sobe.

335.4. A POBREZA

Entretanto 30 milhões vivem ainda abaixo da linha limite de pobreza e as estruturas socioeconómicas continuam sem beneficiar das melhorias de crescimento económico, com um pequeno número de famílias dominando a vasta economia com os seus multiconglomerados multibilionários.

Para que a Indonésia se torne de facto num dos novos "tigres da Ásia" terá forçosamente de liberalizar as suas estruturas sociais e isso irá atrasar a sua entrada no grupo "NIP" [novos países industrializados}, uma escolha difícil que decerto se agravará com a sucessão do presidente Suharto.

336. 17 SETEMBRO RDP

337. 17 SETEMBRO 1990 LUSA

338. CORREIO PORTUGUÊS, SYDNEY, 18 SETEMBRO 1990

339. 19-20 SETEMBRO 1990 PÚBLICO

340. MEMORANDO DO ENCONTRO ENTRE RAMOS HORTA E ABÍLIO ARAÚJO SECRETARIADO POR BARBEDO DE MAGALHÃES 17-19 SET 1990 (FAX RECEBIDO 12/10/90)

341. 21 SETEMBRO LUSA E RDP

342. 21 SETEMBRO 1990 SINDICATO JORNALISTAS

343. 21-22 SETEMBRO 1990 PÚBLICO

344. TIMOR-LESTE: ACTIVISTA AUSTRALIANO VISITA PORTUGAL³⁷⁷

Sidney, 21 Set.º 90, Lusa) – o Dr. Michael Wagner, leitor universitário na Austrália e director da Fundação para Timor-Leste chega [amanhã] Sábado a Lisboa para uma estadia de dois dias, durante a qual se avistará com elementos do governo e do ministério dos negócios estrangeiros, e com elementos dos grupos de solidariedade para Timor-Leste.

Depois de ter participado numa conferência científica em Barcelona, Wagner desloca-se a Lisboa seguindo depois para a Alemanha Federal onde será recebido por parlamentares do grupo "Verdes" e do partido no poder, os sociais-democratas do SPD.

Em Lisboa, Wagner, segundo declarou à Lusa, irá "tomar conhecimento das recentes iniciativas de Portugal em relação a Timor, da possibilidade de Portugal pôr no Tribunal Internacional de justiça da Haia o acordo entre a Austrália e Indonésia na faixa marítima de Timor [Timor Gap]" e irá "tentar obter apoio para a Fundação para Timor-Leste que foi lançada na Austrália há quatro meses."

Na Alemanha, segundo declarou à agência, o Dr. Wagner irá alertar os parlamentares da República Federal para a "apreensão crescente que existe nos círculos de defesa

377 LUSA DESPACHO 189/90 21 SET.º 90³⁴⁰

do meio ambiente na Austrália sobre os potenciais perigos da exploração do petróleo do mar de Timor para a ecologia regional".

Michael Wagner está há muitos anos ligado à causa de Timor-Leste como activista do ACET [Conferência Australiana para Timor-Leste] à qual pertence a maioria dos grupos australianos de solidariedade para com o povo maubere.

Durante o corrente ano Michael Wagner foi recebido mais de uma vez pelo ministro dos negócios estrangeiros australianos em relação ao problema da violação de direitos humanos em Timor e em Maio passado publicou um anúncio de uma página subscrito por mais de 200 personalidades australianas protestando contra a assinatura do acordo do Timor Gap.

345. DARWIN: A FRETILIN ANUNCIA OFENSIVA INDONÉSIA EM TIMOR³⁷⁸

Sidney, 21 Set.^o, Lusa) De acordo com informações prestadas pela Fretilin à Lusa, os indonésios estariam a aproveitar-se da ida ao Vaticano em 9 deste mês de Mons Carlos Belo, bispo de Díli, para lançarem uma ofensiva contra os timorenses.

De acordo com as mesmas fontes, ainda não confirmadas junto de outras entidades, teria havido uma grande manifestação em Díli no dia 4 a favor da autodeterminação. Nessa manifestação teriam sido detidas 80 pessoas das quais 50 foram levadas para

378 LUSA DESPACHO 192/90 21 SET.^o 90₃₄₁

Liquiçá e o exército indonésio estaria a utilizar forças vestidas à civil para pôr em vigor um recolher obrigatório até às 7 e meia da tarde.

De acordo com a Fretilin em 10 de Setembro, Domingos Mau Radi de 30 anos foi morto em Santa Cruz, Díli, em frente à escola chinesa. No dia 11, Aleixo Laca de 22 anos e mais 25 colegas seus foram detidos e torturados pela polícia Indonésia e acusados de terem morto Domingos Mau Radi na noite anterior.

No dia 19 de Setembro um grupo de 25 indonésios armados tentaram emboscar jovens timorenses num café, em Matadouro, Fatumeta, mas sem resultado.

Ainda de acordo com a mesma fonte, a Lusa apurou que em 21 de Setembro, Agostinho Pereira de 21 anos foi preso no mesmo local sendo desconhecido o seu paradeiro.

Embora a Fretilin alegue que a Cruz Vermelha Internacional tenha sido informada sobre estes casos por familiares das vítimas, a CVI ter-se-ia absterido de agir.

346. 21 SETEMBRO 1990 PÚBLICO

347. 22 SETEMBRO 1990 PÚBLICO

348. SIDNEY: REACÇÕES NA AUSTRÁLIA À CRISE DA UDT³⁷⁹

379 LUSA DESPACHO 191/90 23 SET.º 90₃₄₂

Sidney, 23 Set.^o, Lusa) A crise interna da UDT [União Democrática Timorense] despoletada há duas semanas com a demissão da comissão política em Lisboa por João Carrascalão, [vice-presidente do partido] parece ainda não ter chegado à Austrália.

Dois dos membros do comité central da UDT, Câncio Noronha [Melbourne] e Fausto Soares [Sidney] tiveram conhecimento através da comunicação social de que algo de grave se teria passado em Lisboa durante a estadia de Carrascalão.

Câncio Noronha que há uma semana havia declarado ao Público "não querer comentar sobre a decisão de dissolver a UDT/Lisboa, por não estar informado sobre os problemas de Lisboa, mas que antes da partida de Carrascalão havia nada de demissões havia ficado decidido".

Noronha disse "ser infeliz que as coisas se tenham passado desta forma", e lamentou que "estas discussões e acusações entre Carrascalão e Oliveira por um lado e Paulo Pires e Vicente Guterres por outro, tenham vindo a público".

Uma semana depois, Câncio Noronha declarava na noite de sábado ao Público "*oficialmente continuo sem saber de nada*", os membros da UDT reunidos em Melbourne enviaram uma comunicação a João Carrascalão pedindo que "*mais nenhum comunicado seja emitido sem que o mesmo tenha sido aprovado pelos membros do Comité Central*". Câncio disse ainda que havia solicitado uma reunião de urgência do comité central mas que não havia recebido resposta de João Carrascalão.

De vários outros membros destacados da comunidade timorense em Melbourne, nem um só tivera conhecimento da dissolução, à excepção de elementos afectos à Fretilin.

Por seu turno em Sidney, o outro membro do comité central da UDT, Fausto Soares, estava "surpreso pelos acontecimentos, e apenas tivera conhecimento na sexta-feira da semana passada do que se passara em Lisboa através de uma explicação de João Carrascalão com quem se iria avistar de novo neste fim-de-semana, e pedir a imediata realização de uma sessão de esclarecimento público para todos os elementos da comunidade timorense".

João Carrascalão havia prometido que a reunião seria aberta aos membros da comunicação social mas não o fez até ao momento.

Tal como o Público noticiou em 4 de Setembro, a recente alegação do secretário-geral adjunto das Nações Unidas, Rafeeudin Ahmed de que *"os países asiáticos procuram a unificação dos territórios separados pelo colonialismo"* apontando a reunificação *"sem objecções de Macau e Hong-Kong à R. P. da China"*, foi objecto de crítica de Fausto Soares que afirmou *"agora é o momento ideal para comparar Timor ao Iraque mas a Macau nunca"*.

Fausto Soares disse "aqui ninguém sabe de nada, toda a gente quer saber o que se passou, e quer no seio da UDT quer no da Convergência é preciso saber o que se passa".

349. A FRETILIN NÃO COMENTA A CRISE DA UDT, MAS TEME O FIM DA CONVERGÊNCIA³⁸⁰

Sidney, 23 Set.º, 90, Público) Apesar de João Carrascalão ter declarado que *“a comissão política da UDT não poderia ter entrado na Convergência Nacionalista pois não tinha poderes para o fazer”*, certo é que esta posição é disputada por outros membros do comité central que crêem que o comité político estava correcto ao fazê-lo.

Dentre outras entidades timorenses ou ligadas à causa de Timor o Público obteve do representante da Fretilin na Austrália, Alfredo Borges Ferreira radicado em Darwin o seguinte depoimento *“a posição dos comités da Fretilin na Austrália relativa à crise interna da UDT é a mesma expressa pelo nosso dirigente Abílio Araújo, em Lisboa, “trata-se de um problema interno e como tal não nos compete discuti-lo” adiantando porém considerar “negativo para os interesses da Convergência a agitação actual.”*

Idêntica opinião foi expressa por Lola Bernardes (Reis) da Fretilin em Sidney e pelos membros da Fretilin em Melbourne, os quais porém adiantaram *“temer o futuro da Convergência, em especial na Austrália onde as relações com Carrascalão nunca foram das melhores”*.

O Público por exemplo apurou que João Carrascalão sempre se recusou a discutir assuntos da divergência com os delegados da Fretilin na Austrália por *“não terem a sua estatura política, e por não pertencerem ao comité central da Fretilin”*.

380 LUSA DESPACHO 191/90 23 SET.º 90

O cineasta australiano Dennis Frenney, produtor do filme "Shadow Over East Timor/Sombras sobre Timor" [ainda não transmitido em Portugal mas passado em 1987 Dezembro na TDM de Macau] declarou que *"numa altura em que todas as forças políticas envolvidas no processo político de Timor, deveriam estar unidas e utilizar as semelhanças com a invasão e anexação do Kuwait pelo Iraque, as ridicularias internas da UDT ameaçam destruir a Convergência e servem apenas os interesses da Indonésia"*.

Noutro passo da sua entrevista ao Público, Frenney adiantou estar em negociações com a cadeia multicultural de televisão SBS para fazer uma versão actualizada do filme "Sombras sobre Timor", cujos direitos foram recentemente adquiridos por aquela cadeia.

Dennis Frenney criticou ainda o governo de Lisboa por continuar sem pressionar o Tribunal Internacional de Haia sobre a *"ilegalidade do acordo do Timor Gap e por se manter refém das conversações com a Indonésia"*

O Dr. Michael Wagner, presidente da Fundação para Timor-Leste que chegou ontem (Sábado) a Lisboa depois de uma conferência científica em Barcelona declarou ao Público que *"observava os recentes acontecimentos no seio da UDT, sem interferir dado tratar-se de um assunto interno dos timorenses, mas que era importante em termos gerais a sobrevivência da Convergência"*.

"Esta disputa na UDT causa no entanto sérias preocupações, mas não é de estranhar sabendo a história política de Timor, que ela retrata acontecimentos

passados que ainda se fazem sentir e os quais se hão de repetir até que um dia o povo de Timor seja libertado". O Dr. Wagner acredita que "os problemas da UDT hão-de ser resolvidos de uma forma ou outra".

Em Lisboa terá contactos com membros do MNE, do parlamento, das organizações de solidariedade para com Timor-Leste, a fim de "pessoalmente tomar conhecimento das últimas iniciativas de Portugal relativamente à visita da delegação parlamentar e do tratado do Timor Gap e para dar conhecimento pessoal da Fundação para Timor-Leste e tentar obter apoio para a mesma".

Depois seguirá para a Alemanha onde tem já encontros marcados com dirigentes políticos dos "Verdes" e do SPD [partido social democrata] aos quais expressara a preocupação existente nos meios ligados à defesa do ambiente sobre a "*possibilidade de desastres ecológicos no mar de Timor, fruto da exploração desenfreada de petróleo que o tratado de Timor Gap veio abrir*". Aliás, acrescentou "*essa também uma das preocupações que quero expressar ao governo de Portugal do impacto do tratado se não for finalmente contestado por Portugal no Tribunal Internacional de Haia*".

Por seu lado o também influente australiano, Pat Walsh director do gabinete de direitos humanos do ACFOA [comité australiano de auxílio económico ao estrangeiro] acabaria por dizer "*que se trata de um problema interno da UDT e que espera apenas que não tenha efeitos duradouros, que possam ser prejudiciais à causa do povo timorense*". Reiterando tratar-se "*de um assunto interno da UDT, era necessário que aquela organização chegasse*

a uma posição que não comprometa futuramente a situação dos timorenses em geral."

Pat Walsh louvou ainda a decisão do MNE português João de Deus Pinheiro de "prosseguir à mesa das negociações com a Indonésia para a eventual ida de uma delegação parlamentar portuguesa a Timor-Leste".

A título particular Pat Walsh acrescentaria mais comentários mas restrições da lei de imprensa australiana impedem a sua publicação. Até agora os três jornais portugueses publicados na Austrália e as restantes estações étnicas com programas em português têm mantido o maior silêncio sobre os acontecimentos na UDT.

A concluir poder-se-ia acrescentar que a decisão de João Carrascalão e Domingos Oliveira dois dos quatro membros do comité central da UDT no exílio, foi tomada em Lisboa sem haver consenso nem conhecimento quer de Fausto Soares quer de Câncio Noronha, os restantes dois membros daquele comité.

A comunidade timorense da UDT na Austrália ignora o "*golpe de estado*" mas dentre os elementos da Fretilin nota-se um completo conhecimento dos acontecimentos. Como disse uma das timorenses entrevistadas "*afinal foi assim sempre que nós funcionamos na Austrália e em Timor, os da Fretilin fazem e sabem, os da UDT pouco ou nada sabem ou fazem, e só quando é necessário vêm a terreno*".

Outra das preocupações registadas centra-se em qual vai ser o futuro da Convergência, a que um dos entrevistados teimava ironicamente em denominar de divergência.

A estação de rádio étnica de Darwin na sua edição de quinta-feira pediu a João Carrascalão um comentário sobre os acontecimentos, mas este escusou-se a prestá-lo dizendo apenas que oportunamente emitiria um comunicado para a comunicação social local. Até agora os três jornais portugueses publicados na Austrália e as restantes estações étnicas com programas em português têm mantido o maior silêncio sobre os acontecimentos na UDT.

Até ao fim da tarde de sexta-feira nenhum deles tinha tido uma explicação por parte de Carrascalão ou Domingos de Oliveira, os quais ainda não divulgaram nada da sua ida a Portugal e às Nações Unidas. A comunidade timorense da UDT na Austrália ignora o "golpe de estado" mas dentre os elementos da Fretilin nota-se um completo conhecimento dos acontecimentos.

Como disse uma das timorenses entrevistadas "afinal foi assim sempre que nós funcionamos na Austrália e em Timor, os da Fretilin fazem e sabem, os da UDT pouco ou nada sabem ou fazem, e só quando é necessário vêm a terreiro".

350. PÚBLICO 23 SETEMBRO 1990

351. 24 SETEMBRO 1990 LUSA

352. 24 SETEMBRO 1990 RDP

353. 24 SETEMBRO 1990 COMUNICADO DA FRETILIN

354. LUSA 25 SETEMBRO 1990

355. 25 SETEMBRO 1990 PÚBLICO

356. UDT: JOÃO CARRASCALÃO ACUSA E DEFENDE-SE³⁸¹

Sidney, 25 Set.^o, 1990, Público) Em declarações prestadas ao Público na Austrália, João Carrascalão disse que *"apesar de não estarem oficializados ainda, os resultados"* [da reunião de quadros dirigentes da UDT na Austrália] *"são positivos e a opinião quase maioritária do comité central é de fazer uma limpeza de uma vez para sempre dos membros da UDT"*.

Interrogado sobre recentes declarações de Câncio Noronha ao Público de que *"continuava a desconhecer oficialmente o que se passara em Lisboa"*, Carrascalão disse que *"desde a "ilegalidade dos estatutos de 1979"* [divisionista porque fala apenas da UDT em Portugal e põe no mesmo pé de igualdade o delegado da UDT em Portugal com os membros do comité central], *Câncio insiste em que foi nomeado presidente da UDT, e fez parte do grupo que em 1976 tentou tomar de assalto a UDT, e que inclui Câncio Noronha, Paulo Pires e Luís Tomás."*

Na Austrália "o único sítio em que não há comités da UDT é exactamente em Melbourne onde está o Câncio Noronha", acrescentou aquele líder timorense.

Quanto ao saneamento de Paulo Pires do comité político da UDT, João Carrascalão alega que se deve a

"Um estudo da mulher de Câncio Noronha – também membro do comité central da UDT" mas que "a demissão da comissão política em Lisboa apenas abarca Paulo Pires e Vicente Guterres e não os restantes dois membros da comissão em Lisboa".

Carrascalão negou ter tido conhecimento do *rapprochement* entre Abílio Araújo da Fretilin e José Ramos-Horta e desmentiu alguma vez ter afirmado "*a não legalidade da existência da Convergência*" e pelo contrário reiterou "*a Convergência deve continuar e eu serei dos últimos a abandonar a Convergência.*"

" O projecto da Convergência já vem de 1976 [não da ala radical dos elementos mais de direita da UDT] e os primeiros contactos foram feitos por mim aqui em Sidney com Fausto Soares e Ramos-Horta".

Carrascalão adiantou ainda que vai ser efectuada uma "sessão pública para todos os timorenses no próximo dia 6 de Outubro para todos os militantes e aberto a todas as pessoas [incluindo comunicação social]".

"A situação da UDT em Lisboa é caótica, trabalha-se em moldes demasiado amadores e que nem sequer em Timor em 1975 se aceitavam. Em Melbourne estão três membros [Câncio, mulher e João Melo] do comité central e os quais se reuniram com dois simpatizantes [no fim de semana passado]... Os quais estão mais que enlameados e não houve nenhum voto de confiança".

Em Portugal, Carrascalão acabou por não se avistar com nenhum partido porque "o Paulo Pires [a comissão política da UDT em Lisboa] não organizou nada, nem sequer encontros com a comunidade timorense e acabei por arranjar encontros através do João Soares [PS]".

Carrascalão adiantou ainda já ter escrito ao Abílio Araújo da Fretilin a "esclarecer as circunstâncias da mudança do local de encontro da reunião prevista da Convergência em Lisboa há semanas e as quais se devem ao Paulo Pires".

O Público contactou depois com dois outros membros do comité central da UDT. Fausto Soares em Sidney não quis fazer comentários específicos em relação à reunião da UDT do fim-de-semana passada, dizendo apenas "*se tem de haver saneamento dos quadros que se faça desde que haja consenso*".

Por seu turno, Câncio Noronha em Melbourne, ao saber das acusações que lhe eram feitas por Carrascalão lamentou as mesmas, acrescentando "*estamos numa democracia se eles têm a maioria e pensam assim aceite, mas estou magoado*".

Câncio disse ainda que nem ele nem a sua mulher haviam feito algum estudo visando saneamento dos elementos do comité central e que "*sendo Portugal a potência administrante de Timor é importante ter em Portugal uma equipa forte e unida*" desconhecendo a existência da reunião geral de timorenses anunciada por Carrascalão para o dia 6 de Outubro.

*CHRYS CHRYSTELLO em Sidney comenta***382:**

Depois de mais de uma semana de contactos com membros da comunidade timorense em Sidney, Melbourne e noutras cidades da Austrália fica a impressão de que a UDT está a passar por um ciclo de reestruturação interna e de convulsão, ao qual são alheios – ou pelo menos assim o dizem os militantes – e em que as cúpulas parecem estar envolvidas numa luta pelo poder que opõe grupos que até ao momento se não haviam demonstrado como facções.

Este novo posicionamento pode ser interpretado de vários modos:

Uma consolidação do poder por uma facção,
Uma luta intestina entre facções anteriormente não visíveis

Um aproveitamento político da questão do Iraque, da acção/inacção do governo de Lisboa, da evolução da Indonésia na arena internacional em preparação de futuras movimentações que podem inclusive ver a aceitação de um grupo de timorenses [da UDT] aceites pela Indonésia em troca de uma resolução para o impasse diplomático.

Embora a mais ilógica, esta última premissa seria apenas a repetição de factos anteriores e de reposicionamentos ao longo dos últimos 15 anos dos timorenses.

357.1. 26 SETEMBRO 1990 PÚBLICO

357.2. 26 SETEMBRO 1990 PÚBLICO

358. 25 SETEMBRO 1990 RDP

359. 26 SETEMBRO 1990 LUSA

360. 26 Setembro 1990 Xanana Gusmão propõe novas iniciativas mas a carta só foi divulgada em 5 Nov.^o (vd. mês de Nov.^o)

N. DO A.: FALTA A PÁGINA 7

361. 27 SETEMBRO 1990 LUSA

362. 28 SETEMBRO 1990 LUSA

363. 28 SETEMBRO 1990 PÚBLICO

364. REVISTA HADOMI N.^o 9 SETEMBRO 1990

365. EXPRESSO 29 SETEMBRO 1990 ARTIGO DE JOSÉ RAMOS-HORTA

366. EX-MINISTRO DA DEFESA INDONÉSIA PROPÕE PACTO MILITAR³⁸³

Sidney, 28 Set.^o, Lusa) – um artigo da autoria do ex-ministro indonésio da defesa, Dr. Mochtar Kusuumaatdja, publicado pelo instituto de defesa militar em Singapura no seu mensário "*Trends*" e hoje chegado à Austrália revela novas propostas militares para a região.

383 LUSA DESPACHO 197/90 28 SET.^o 90₃₅₄

O Dr. Mochtar, propõe que durante os próximos três a cinco anos o actual pacto militar entre Malásia, Singapura, Inglaterra, Austrália e Nova Zelândia seja substituído por outro abarcando as três nações do estreito de Malaca: Malásia, Singapura e Indonésia. Segundo o longo artigo do Dr. Mochtar *"a retirada gradual dos EUA da região [bases nas Filipinas] não deve ser substituída por uma maior presença japonesa como polícia do Pacífico Sul, mas antes ser substituída por nações homogéneas da região."*

Admitindo que uma das razões para o actual tratado entre cinco nações se dever à ameaça Indonésia sobre a Malásia na década de 60, Mochtar diz que *"essa já foi ultrapassada. A ASEAN [Indonésia, Malásia, Brunei, Filipinas, Tailândia] fruto de problemas internos nalguns dos seus países [Filipinas e Tailândia] carece de homogeneidade,"* acrescenta o Dr. Mochtar que vai mais longe ao criticar a acção da Tailândia desde 1988 em relação à crise cambojana, e aproveita para assim justificar o novo tratado.

O novo acordo de cooperação militar financiado pela Malásia, Singapura e Indonésia poderia proporcionar a única verdadeira defesa da importância estratégica do estreito de Malaca, e as três nações poderiam continuar a fazer manobras militares conjuntas com a Austrália e Nova Zelândia. O potencial militar deste triunvirato como meio de preencher o vácuo militar na região é assustador segundo declarou à Lusa, Tony Bourke, analista militar, pois representaria uma marinha, exército e força aérea combinado mais potente que o da União Indiana e Austrália combinadas e capaz de se tornar na força militar dominante desta região geopolítica.

367. 29 SETEMBRO 1990 PÚBLICO
368. 1 OUTUBRO 1990 O PORTUGUÊS SYDNEY
369. 1 OUTUBRO 1990 PORTUGUÊS
370. 2 OUTUBRO 1990 CORREIO PORTUGUÊS
371. 2 OUTUBRO 1990 CORREIO PORTUGUÊS SYDNEY
372. 3 OUTUBRO 1990 PNA (O PORTUGUÊS NA AUSTRÁLIA)
373. 4 OUTUBRO 1990 JN (JORNAL D ENOTÍCIAS)
374. 5 OUTUBRO 1990 SMH (SYDNEY MORNING HERALD)
375. 6 OUTUBRO 1990 RDP
- 376.1. DOMINGOS DE OLIVEIRA [UDT] RESPONDE A CRÍTICAS³⁸⁴

Sidney 6 de Outubro, Público) um extenso comunicado de Domingos de Oliveira, secretário-geral da UDT foi hoje recebido pelo Público na Austrália, e nele aquele dirigente udetista defende-se de críticas veiculadas pela comissão política da UDT e apela à unidade partidária, nas vésperas da maior reunião da UDT na Austrália nos últimos anos.

384 PÚBLICO DESPACHO 108/90 6 OUT.º 90
856

Domingos de Oliveira serve-se do comunicado para explicar aos militantes e simpatizantes daquele grupo as razões do saneamento dos dirigentes da comissão política da UDT em Lisboa, Dr. Paulo Pires e Dr. Vicente Guterres. Acusando a Indonésia de "*ser a única grande responsável pela tragédia de Timor*" Oliveira diz que a denúncia feita por ele e por João Carrascalão sobre a proclamação da integração de Timor na Indonésia são "*já aceites e conhecidas pelos fóruns internacionais da ONU.*"

Negando ter assinado o documento de proclamação da integração em Balibó [30 Nov.º 75] e escusando-se em pressões morais, físicas, e psicológicas, Domingos de Oliveira acusa Paulo Pires de ali ter estado presente e "*de ter assistido à coacção de que foi vítima*".

A seguir Domingos de Oliveira cita o apoio recebido de membros da Fretilin que lhe deram apoio enquanto em Timor, criticando Paulo Pires e Vicente Guterres de "*miopia intelectual*". Oliveira cita Nicolau Lobato [Fretilin] como incentivo para a unidade do povo timorense trabalho que "*iniciei na clandestinidade para um entendimento entre a Fretilin e a UDT*". Criticando partes do livro recente de Jill Jolliffe Timor "*Terra sangrenta*" como inexactas e calúnias, Oliveira acrescenta que Paulo Pires e Vicente Guterres assinaram um comunicado cheio de contradições.

Domingos de Oliveira diz que de facto a autoria do comunicado da UDT [suspendendo a comissão política da UDT em Lisboa] é da autoria de João Carrascalão e sua e que as inexactidões do grupo Paulo Pires/Guterres serão oportunamente reveladas. Acusando Pires de "*não ter*

feito a reestruturação da UDT em Portugal tal como acordado na Austrália no ano passado," Domingos de Oliveira termina alegando que a maioria absoluta dos membros do comité central da UDT está de acordo com a decisão.

Hoje, sábado terá lugar num subúrbio de Sidney uma reunião geral de simpatizantes e membros da UDT, amplamente divulgada na comunicação social local e para a qual o Público não foi convocado [talvez em retaliação dos recentes artigos que expuseram as fricções internas do partido]. João Carrascalão, actual vice-presidente da UDT declarou ao PÚBLICO esta semana que ele detém oito votos a favor contra dois dentre os membros do comité central na Austrália.

José Ramos-Horta da Fretilin declarava ontem ao Público aquando da sua chegada de regresso à Austrália que esperava que a unidade prevalecesse dentro do seio da UDT para que a Convergência continuasse a ser uma força para a autodeterminação do povo Maubere. Entretanto Michael Wagner da Fundação Timor-Leste, acabado de chegar de um périplo de visitas a Portugal e Alemanha disse apenas que *"a união entre os timorenses era fundamental para a solução do problema."*

Diversas pessoas da comunidade timorense expressaram o seu desapontamento pela forma como a UDT está a proceder a estas purgas políticas, dada a sua inacção no passado, mas mostraram-se esperançadas que *"o resultado final fosse a favor da unidade e Convergência Timorense"*.

(segue a carta na íntegra)

376.2. CARTA DE DOMINGOS DE OLIVEIRA NA ÍNTEGRA

377. NOTÍCIA ENVIADA PARA O PÚBLICO

378. 6 OUTUBRO 1990 PÚBLICO

379. 6 OUTUBRO 1990 LUSA

380. 6 OUTUBRO 1990 LUSA

381. 6 OUTUBRO 1990 RDP

382. 8 OUTUBRO 1990 SMH

383. 8 OUTUBRO 1990 LUSA

384. DESPACH

O LUSA 202/90 10 OUTUBRO 1990 E SMH MESMA DATA:

385. DÍLI: TERROR NAS RUAS³⁸⁵

Sidney, 11 Out.º 90, Lusa) de acordo com testemunhos provenientes de Díli [Timor-Leste] grupos misteriosos de mascarados vêm impondo um virtual recolher obrigatório, numa campanha de terror que envolve detenções e espancamentos destinada a intimidar os estudantes pró-independentistas.

A notícia foi hoje revelada na Austrália pela rádio nacional e pela AAP [Australian Associated Press] citando fontes

385 LUSA DESPACHO 202/90 11 OUT.º 90⁸⁶⁰

eclesiásticas em Díli, e vem na sequência de idênticas alegações ocorridas nas últimas semanas reveladas pela Fretilin em Darwin. De acordo com aquelas fontes, a Lusa pode apurar que os mascarados vestem máscaras ninja, camisas pretas e perucas e têm estado activos desde 4 de Setembro, data da maior manifestação de sempre a favor da independência de Timor e ocorrida no fim da cerimónia dos 50 anos da diocese de Díli.

Segundo a AAP, o próprio governador Mário Carrascalão teria afirmado "há terror de noite nas ruas, mas não sei quem está na sua origem e há quem pense que se trata de um recolher obrigatório informal". O novo comandante militar de Timor-Leste, brigadeiro-general R.S. Warouw desmentiu ter havido qualquer campanha de intimidação, confirmando que a "polícia patrulhava as ruas para debelar uma recente crise de criminalidade nocturna que envolve arremesso de pedras contra carros e casas".

Fontes timorenses, citadas ainda pelas mesmas fontes dizem tratar-se de "uma campanha contra estudantes do secundário envolvidos na manifestação de 4 de Setembro, dos quais muitos teriam sido detidos, alguns espancados e torturados durante vinte dias".

Um grupo de estudantes [entre 50 a 100] desfraldou em 4 de Setembro passado uma bandeira da Fretilin e cartazes pró-independência e a favor da retirada da Indonésia perante entre 15 a 20 mil fiéis que assistiam à missa em Lecidere [Díli], muitos deles cantando "*Timor-Leste! Timor-Leste! Independência!*" de acordo com uma cassete vídeo daquela data a que entretanto a Lusa já teve acesso em Sidney. Na ocasião, depois de um apelo do bispo Carlos Ximenes Belo, não houve intervenção policial.

Posteriormente, segundo relatos a que a agência tem tido acesso na Austrália, vários incidentes se registaram em Díli nos quais foram apedrejados carros e casas de indonésios e simpatizantes da Apodeti [partido que em 1974-75 defendia a integração de Timor na Indonésia]. Outros alvos foram javaneses e funcionários indonésios em geral e em especial da polícia, e motivaram a hospitalização de alguns polícias. Segundo a AAP, citando o governador Carrascalão e um padre em Díli, a situação no campo dos direitos humanos melhorou recentemente com a chegada do novo comandante militar brigadeiro general Warouw mas pensa-se que *“os grupos de mascarados pertencem às forças policiais que descontentes com a nova suavidade em lidar com manifestantes iniciaram uma campanha punitiva dos timorenses.”*

386. LUSA 204/90 E NT NEWS 14 OUTUBRO 1990

387. NOTÍCIA ENVIADA PARA O PÚBLICO EM 12 OUT.º
E REPUBLICADA EM O CORREIO PORTUGUÊS DE 6
NOV.º 90

388. 11 OUTUBRO 1990 RDP

389. 11 OUTUBRO 1990 LUSA

390.1. 11 OUTUBRO 1990 CARTA PARA A LUSA ÁSIA-
PACÍFICO

390.2. 11 OUTUBRO 1990 CARTA PARA O PÚBLICO

391. CARRASCALÃO: A SEDE DE EXPLORAÇÃO DO PETRÓLEO DE TIMOR-LESTE VAI SER EM TIMOR OCIDENTAL³⁸⁶

Sydney, 12 Out.º 90, LUSA) de acordo com declarações prestadas pelo governador de Timor-Leste, Mário Viegas Carrascalão ao jornal "Northern Territory News" de Darwin, "*Díli não vai beneficiar da exploração do petróleo do Timor Gap e até é provável que a província não beneficie daquela*".

Na mesma entrevista hoje publicada, Carrascalão alega que "Timor-Leste tem o direito de beneficiar da exploração do petróleo cuja exploração foi acordada entre a Austrália e Indonésia em Dezembro passado. Não posso concordar com isto [as bases em Kupang, Timor Ocidental] porque se houve alguma coisa com que nós [Timor-Leste] contribuimos aquando da integração com a Indonésia foi o nosso petróleo, e esse é o nosso direito".

Carrascalão disse ainda "se não tivesse havido a integração, esse seria ainda o nosso direito pois o petróleo está nas nossas águas territoriais".

Recusando-se a comentar sobre a validade do tratado estabelecido em Dezembro passado entre a Austrália e Indonésia sobre o Timor Gap, Carrascalão acrescentou "*isso é um assunto entra a Austrália e Indonésia mas o que me preocupa, a forma como vai ser implementado e que a base de exploração seja feita no Kupang [Cupão] Timor Ocidental, pois em Díli precisamos de ter uma base dessas para dar empregos aos nossos jovens*".

"Os nossos jovens confrontam-se com um desemprego galopante e isso causa ressentimento entre eles contra a supremacia Indonésia" disse ainda o governador que já havia pedido no mês passado ao parlamento [indonésio] que "o povo de Timor não fosse apenas mero espectador para o acordo do Timor Gap e que Timor deveria passar a ser uma zona económica especial".

Portugal tem ameaçado contestar a validade do tratado no Tribunal Internacional de Haia sob a alegação de que a mesma viola leis internacionais e território anexado pela força Indonésia. Fontes da indústria petrolífera australiana, contactadas sexta-feira pela Lusa em Sidney, alegam que de facto as suas bases de operações deverão ser estabelecidas em Cupão [Kupang] devido ao facto de Díli estar distante dos poços de petróleo e de não ter meios de comunicação e transporte eficientes e capazes para as suas necessidades.

392. 12 OUTUBRO 1990 LUSA

393. 12 OUTUBRO 1990 RDP

394. COMUNIDADE PORTUGUESA NA AUSTRÁLIA:
DOS PORTUGUESES NA AUSTRÁLIA – QUEM SÃO,
FORAM, FAZEM E FIZERAM.³⁸⁷

Sidney, 14 Outubro 90, exclusivo Lusa] Dentre um total de cerca de 62 mil, apenas cerca de 50 mil estão registados legalmente como portugueses, não se incluindo como é óbvio os portugueses nascidos na Austrália e não registados no registo civil português. Os portugueses aqui radicados estão compartimentados em grupos de acordo com as suas origens regionais.

Deixamos para o fim uma menção aos timorenses, pois que eles são os únicos a mostrarem um sentimento de unidade raramente visto. Separados do torrão pátrio desde a invasão Indonésia em 7 de Dezembro 1975, a maior parte deles está aqui como refugiada ou imigrada por reunião familiar.

Com mais dificuldades do que os restantes para se integrarem nesta sociedade materialista tão distinta daquela de onde vieram, eles são sem sombra de dúvida o expoente da diversidade cultural tão típica de Portugal, mais de cinco séculos depois das "*Grandes Descobertas*". O seu espírito unitário e a desesperada preservação de tradições culturais e linguísticas centra-se na cimeira das suas preocupações. Eles sabem que são a última chance

387 LUSA DESPACHO-06/90 LUSA LISBOA: PROJECTO ESPECIAL SOBRE COMUNIDADE TAL COMO ENCOMENDADO.

de a cultura e língua portuguesa sobreviverem, pois que também eles como povo estão ameaçados de extinção.

Manter as lendas e tradições dos povos de Timor-Leste é mais difícil do que muitos imaginarão, dado vivermos numa sociedade obcecada pela televisão como médium de comunicação.

Aqui, nesta Austrália de 1990 isto está a ser conseguido nas escolas e centros de cultura timorenses. O apoio cultural de Portugal a todos os grupos emigrados portugueses tem aumentado nos últimos anos graças à acção do delegado da secretária de estado da emigração e comunidades portuguesas, Eduardo Guedes de Oliveira, em especial no apoio aos Centros de Língua e Cultura Portuguesas, como mais vulgarmente são conhecidas as *"escolas de português."*

Esses centros proliferam numa demonstração da vontade de sobreviver culturalmente que os portugueses demonstram em ambientes hostis como a Austrália: em Nova Gales do Sul existem dez, no estado de Vitória quatro, um na Austrália meridional e outro na Queenslândia.

395.14 OUTUBRO 1990 LUSA EXCLUSIVO MUNDIAL

396. 15 OUTUBRO 1990 O PORTUGUÊS (M/ NOTÍCIA LUSA DE 6 OUTUBRO)

397. 15 OUTUBRO 1990 LUSA

398. BALIBÓ 15 ANOS DEPOIS³⁸⁸

Sidney, 15 Out.º, Público) Completam-se esta semana 15 anos sobre as mortes de cinco jornalistas da TV australiana, ocorridas na vila fronteiriça de Balibó, em Timor-Leste. A morte nunca foi totalmente esclarecida, com os indonésios a declararem que os australianos haviam sido vítimas de confrontos entre a Fretilin e a UDT-APODETI. Testemunhos timorenses, posteriormente vieram a declarar que eles haviam sido mortos quando faziam a cobertura de recontros de forças avançadas da Indonésia em território de Timor.

A Indonésia atacou e invadiu Timor em 7 de Dezembro de 75, mas pelotões de vanguarda estavam já em Balibó a desalojar a Fretilin em Outubro, e a morte dos jornalistas tinha de ocorrer pois a Indonésia ainda negava na altura que tivesse planos de intervir militarmente em Timor-Leste. As filmagens dos últimos dias dos jornalistas mostrando já tropas Indonésias acabariam por chegar à Austrália.

A viúva do jornalista do canal 7 (sete), Shirley Shackleton desde então não parou de publicitar a causa do povo maubere enquanto deparava com a inexistência de inquéritos oficiais australianos sobre a morte dos cinco jornalistas.

Shirley Shackleton concordou esta semana em que se celebrem 15 anos sobre a morte do seu marido e sobre o começo da invasão indonésia, em dar uma entrevista à agência Lusa.

"A minha vida tem sido de tristeza pois Greg era talentoso e tinha apenas 29 anos, mas depois senti que se ele tivesse voltado teria feito de Timor um lugar especial na sua vida jornalística. Eu estive recentemente em Díli e a Fretilin tinha-me avisado que era mais seguro deslocar-me durante a visita do Papa e eu decidi ou ia dessa vez ou então teria de esperar até os timorenses terem o direito à autodeterminação."

"Díli estava irritantemente demasiado limpa, haviam [os indonésios] feito dela uma cidade da Disneylândia, cheia de bandeiras indonésias numa atmosfera de Carnaval para turista ver e irritou-me ver nomes indonésios nas ruas."

"Depois, saí de Díli e vi o outro lado da imagem e como os militares indonésios se comportavam para com os mauberes, e em Timor a vida está bem para os indonésios, não é má para os colaboracionistas mas é muito difícil para uma pessoa se ela é timorense."

"Toda a ajuda económica estrangeira que vai para Timor serve para dar uma vida boa aos indonésios, mas parece-me injusta pois nada beneficia os timorenses que continuam sem ter direitos na sua própria terra."

"Sente-se o medo nas pessoas e havia quem se aproximasse furtivamente e perguntasse se eu podia levar uma carta já com selos para Bali e tal como apareciam desapareciam. Muitos foram os que sub-repticiamente se aproximaram com cartas e eu disfarçadamente punha uma mão à espera da carta."

“Eu tornei-me activa e vocal em relação a Timor mesmo antes do meu marido ser morto, e depois decidi não ser uma viúva chorosa pois pode dar grandes cabeçalhos nos jornais mas é uma coisa passageira.

Decidi então como cidadã australiana só fazer declarações em relação a Timor nessa qualidade, e assim tenho escrito inúmeras cartas à redacção dos jornais, gravei dezenas de entrevistas para a rádio e TV e escrevi dois livros, um deles a aguardar publicação. Antes do meu marido ir a Timor eu só sabia onde era e como professora de têxteis sabia que tipos de tecidos fabricavam, nada mais. Eu faço tudo o que for preciso por Timor desde que isso possa ajudar os mauberes.”

“Foi-nos dito por três governos australianos que Timor não podia sobreviver economicamente, e agora vemos a partilha das riquezas de Timor, o petróleo, que os poderia tornar tão ricos como são os habitantes do Brunei e isso envergonha-me como australiana. Dá-me vontade de vender tudo e deixar de viver neste país.”

“Os governos australianos têm sido e continuam muito generosos para com a Indonésia. Não nos surpreendamos com o envio de duas fragatas australianas para o conflito no golfo, honestamente a maior parte dos governos utiliza critérios de duplicidade. É uma desgraça e eu sinto-me envergonhada de ser australiana e dos governos deste país, embora haja pessoas no governo que têm tentado fazer algo por Timor mas são uma minoria.

Mas eu não acredito que a questão de Timor esteja acabada.”

“Quando eu fui a Timor estava convencida de que o que havia a fazer era tirar o Xanana Gusmão e outros membros da resistência para fora de Timor, mas depois de falar com os mauberes eu entendi que mesmo que se um dia Xanana for apanhado ou morto haverá outro para o substituir.

“Eu soube disto através de jovens que apanhavam conchas nas praias, através de estudantes e de velhos timorenses, e há uma geração inteira de homens timorenses desaparecida. Esse é o sentimento da maioria das pessoas com quem estive, eu vou lutar pela resistência, eu vou lutar por Xanana. Em Timor-Leste os bispos, os governadores, a polícia secreta, os torturadores vão e vêm outros mas o Xanana continua.”

“Os indonésios dizem que as últimas manifestações de estudantes revelam apenas o seu descontentamento pelo desemprego. Não, não se trata disso, mas se se tratasse então isso explica bem o que acontece ao povo Timor.”

“Não há nem haverá empregos para os timorenses. Eu conheci indonésios, e nem todos são torturadores, que me disseram esperar problemas dentro dos próximos 4 a 5 anos, com a falta de empregos para os timorenses, mas passado um ano sobre a minha estadia isso já está a acontecer.”

“Os timorenses são um dos povos mais extraordinários do mundo e apesar de os mass média não poderem cobrir o que se passa, as histórias sobre aquilo que se passa continuam a chegar até nós, sobre massacres e demonstrações. Mas isto é apenas a ponta do icebergue.”

“O exército indonésio está descontrolado e desde roubar terras a roubar tudo o que há de valor cultural no país e é por isso que eles recebem mais dinheiro em Timor do que noutros locais porque ali é perigoso estar.”

“Eu penso que o governo português está à espera de ir a Timor para ver por si mesmo com os seus próprios olhos o que se está a passar e não irá para o Tribunal Internacional sem antes poder dizer nós estivemos lá e vimos o que se passa, e por isso é que os problemas estão a aumentar em Timor hoje porque o exército está a tentar eliminar todas as formas de dissidência para que quando os portugueses [a delegação parlamentar] chegarem já não existir ninguém para protestar.

“Por outro lado recebemos tantas notícias de Timor que não podemos publicar porque não podemos comprovar e como jornalistas responsáveis temos de as confirmar e daí que nove em cada dez notícias de Timor não seja publicada.”

“A minha mensagem para os timorenses que ainda estão em Portugal impossibilitados de regressar à sua pátria, incapazes de virem para a Austrália reunirem-se às suas famílias, é a de que enquanto a resistência

se mantiver não temos o direito a desistir, e creio que cada vez serão mais fortes.”

“Eu vejo nas reuniões da associação timorense do estado de Vitória que jovens de há 15 anos são adultos hoje, outros como eu estão na meia-idade e alguns são australianos e nenhum deles desistiu ao longo dos últimos 15 anos e isso é porque Xanana e os mauberes não desistiram e nós também não podemos desistir da causa. Todos os que acreditam no direito ao voto universal e individual têm de apoiar o direito dos timorenses se autodeterminarem.”

Esta foi a primeira entrevista dada por Shirley Shackleton a um órgão de informação português.

399. MANIFESTAÇÃO EM DÍLI³⁸⁹

Sidney, 16 Out.º 90, Lusa) segundo a agência Lusa apurou junto de membros representativos da Convergência Timorense em Sidney, Darwin e Melbourne e bem assim junto de entidades australianas ligadas aos grupos de apoio a Timor-Leste, é totalmente desconhecida na Austrália a notícia posta a circular esta manhã em Lisboa de que tropas Indonésias teriam cercado o colégio de S. José em Díli [Timor-Leste] e se teriam registado violentos confrontos entre estudantes e manifestantes.

José Ramos-Horta declarou à agência que o colégio de S. José se estava a debater com dificuldades operacionais e teria fechado recentemente, mas outra fonte timorense

389 LUSA DESPACHO 209/90 VIA LISBOA, 16 OUT.º 90

declarou que o mesmo se mantinha operacional apesar das pressões que sobre ele se vinham exercendo pelas autoridades militares Indonésias na sequência das últimas manifestações de estudantes em Timor-Leste.

Não foi possível entretanto contactar um membro do clero timorense que recentemente ali se deslocou e presenciou os incidentes do 4 de Setembro em que mais de uma centena de estudantes desfraldaram bandeiras e cartazes de apoio à Fretilin e à independência.

Nenhuma das agências noticiosas internacionais como a AFP [Agence France Press] e a AAP [Australian Associated Press] contactadas esta noite em Sidney [meio dia em Lisboa] declarou ter conhecimento de quaisquer manifestações em Timor.

Pat Walsh do comité ACFOA de auxílio económico australiano ao estrangeiro declarou à agência que em contacto nas últimas horas com a Indonésia nada lhe havia sido mencionado sobre os incidentes.

Entidades católicas australianas que estão em contacto permanente com Timor e servem de elo de ligação com o clero confirmaram aquilo a que Lusa se tinha apercebido: a da impossibilidade durante as últimas seis horas de estabelecer contacto telefónico com Díli, quer directamente quer através de operadores internacionais da Telecom.

Uma fonte da Convergência Timorense que esteve em contacto com elementos da resistência na Indonésia na terça-feira declarou que a situação em Díli estava "*explosiva*" e que se previam mais incidentes graves tanto

mais que já chegara a Timor a notícia da futura deslocação de uma missão conjunta da ONU e de Portugal, sinal há muito esperado pela resistência para incrementar a sua campanha anti-indonésia.

400. 16 OUTUBRO 1990 LUSA

401. 16 OUTUBRO 1990 RDP

402. 16 OUTUBRO 1990 LUSA

403. 17 OUTUBRO 1990 LUSA

404. 18 OUTUBRO 1990 RDP

405. 19 OUTUBRO 1990 LUSA

406. 19 OUTUBRO 1990 RDP

407. 19 OUTUBRO 1990 LUSA

408. 20 OUTUBRO 1990 RDP

409. 20 OUTUBRO 1990 LUSA

410. O REGIME DE TERROR EM DÍLI³⁹⁰

Sidney, 20 Out.º, Lusa) Fontes eclesiásticas de Timor-Leste estiveram hoje em contacto com Darwin, segundo a Lusa apurou e manifestaram a sua apreensão pelo *"regime de terror que se vive em Díli, sendo impossível sair à noite sem se ser molestado pelos esquadrões*

390 LUSA DESPACHO 211/90 20 OUT.º 90
874

mascarados, que molestam os timorenses, lhes dão pancada e muitas vezes os levam para detenção".

A mesma fonte em Darwin – que pediu para se manter no anonimato devido ao facto de ainda ter familiares em Timor-Leste – acrescentou que nos últimos dias a situação tinha piorado, com detenções e prisões arbitrárias sob o regime de recolher obrigatório forçado pela presença dos esquadrões mascarados.

Por seu turno, Alfredo Borges Ferreira da Fretilin que também declarou ter estado em contacto com Díli, negou que tivesse havido um cerco policial ao colégio de S. José em Díli na segunda-feira passada, conforme chegou a ser anunciado, mas confirmou que os jovens estudantes estavam a ser sistematicamente perseguidos e espancados pelos esquadrões mascarados que operam de noite nas ruas de Díli, acrescentando que cerca de uma centena de estudantes está detida.

Comentando sobre as recentes declarações do governador Mário Viegas Carrascalão ao jornal "Suara Pembrwan" e nas quais era expresso o seu descontentamento pela visita de uma delegação da ONU e parlamentares portugueses, Alfredo Ferreira disse tratar-se de uma tentativa para desacreditar antecipadamente quaisquer resultados de tal visita.

Em relação a este ponto, o Dr. Michael Wagner, presidente da Fundação para Timor-Leste em Camberra declarou à agência haver *"um perigo de politização da visita [da delegação conjunta ONU/parlamentares] em relação às eleições gerais portuguesas de 1991 tal como expresso por Carrascalão"* [que afirmou: *"a ida de*

parlamentares portugueses insere-se na campanha eleitoral portuguesa de 1991 e que os portugueses se vão servir da sua posição anti-indonésia para justificarem a sua indecisão política internacional].”

Wagner disse ainda que "ao demonstrar discordância para com a decisão de Ali Alatas [MNE indonésio] de autorizar a deslocação, Carrascalão se estava a mostrar independente do governo central ao mesmo tempo que exprimia a posição do povo de Timor como contrária a Portugal".

José Ramos-Horta recém admitido ao seio da Fretilin dizia à agência Lusa que estivera em contacto com membros da resistência os quais lhe haviam reiterado "*a situação de terror que se vive em Díli no meio estudantil com a acção dos esquadrões mascarados*".

Horta acrescentou ainda que iniciar-se-iam este fim-de-semana em Sidney os contactos da Fretilin para estabelecer o rejuvenescimento dos seus quadros e o recenseamento de sócios e simpatizantes necessário para a adopção das medidas com que acordara em Lisboa com Abílio Araújo em 17 de Setembro passado.

411. TROPAS NAS ESCOLAS DE DÍLI³⁹¹

Sidney, 20 Out.º 90, Lusa) a ABC (rádio nacional australiana) citando notícias de Jacarta dava conta de tropas e forças policiais terem ocupado escolas em Díli, para além de terem preso e espancado dezenas de

391 LUSA DESPACHO 215/90 20 OUT.º 90 URGENTE PRIORIDADE DOIS

estudantes, numa intensificação da tentativa de debelar a revolta estudantil que recrudesceu na última quinzena.

Um membro do corpo diplomático acabado de regressar de Timor confirmou que a situação estava muito tensa e se haviam registado confrontos sangrentos.

De acordo com as mesmas fontes, um jovem estudante e um soldado indonésio estavam em perigo de vida no hospital, havendo pelo menos 25 estudantes detidos, uma escola secundária ocupada por tropas de combate desde há três dias e outra fechada há uma semana.

De acordo com as mesmas fontes estes últimos incidentes são o maior desafio à autoridade Indonésia sobre o território ocupado há 15 anos, desde que os estudantes se começaram a manifestar há um ano atrás.

Várias outras fontes citadas pela rádio Austrália – onda curta – esta tarde [manhã em Lisboa] dizem que os incidentes têm sido seguidos desde que em 8 de Outubro os estudantes do secundário vaiaram um indonésio [javanês] funcionário superior do ministério da justiça. Momentos depois tropas de combate ocuparam a escola e interrogaram, espancaram e detiveram dezenas de estudantes.

Mais de cem estudantes dirigiram-se depois ao Palácio do Governo para protestarem ao governador Mário Viegas Carrascalão pelo uso indiscriminado de violência policial contra os estudantes. Na segunda-feira passada tropas ocuparam e fecharam outra escola secundária [que se pensa ser o colégio católico de S. José mas que até agora não foi possível identificar, nos contactos tidos com Díli].

412. ESTUDANTES MORTOS EM DÍLI

Sidney, 20 OUT.º, Lusa) de acordo com notícias acabadas de divulgar à Lusa por Pat Walsh da ACFOA (comité australiano para auxílio económico ao estrangeiro) quatro timorenses estudantes teriam sido mortos nos últimos dias por forças Indonésias. A identidade dos estudantes é dada como sendo David da Conceição, Tomás Aquino, Carlos e Leong [Leão]. De acordo com a mesma fonte as mortes vêm na sequência de incidentes em 8 de Outubro numa escola secundária de Díli em que estudantes timorenses teriam roubado armas automáticas e posteriormente num recontro com forças indonésias um soldado indonésio e um estudante teriam ficado em perigo de vida e estariam hospitalizados em Díli.

Estas notícias ora recebidas de Díli através de Pat Walsh foram pelo mesmo confirmadas junto de membros do corpo diplomático holandês, francês e malaio que na altura se encontravam no Hotel Turismo em Díli.

Durante a passada semana em Díli estudantes protestaram junto ao Palácio do Governo e a Mário Viegas Carrascalão pela brutalidade dos ataques das forças policiais, ao que Carrascalão teria concordado. Entretanto entre os dias 15 e 18 novas manifs tiveram lugar em Díli durante as quais os 4 estudantes teriam sido mortos e outros gravemente feridos. A identidade dos feridos é a seguinte: Cândido e Tomás Soares, Sérgio Fontoura, João Hau, e um enfermeiro de nome Manuel.

De acordo com Pat Walsh estariam de momento fechados à livre circulação quatro distritos de Díli, Taibesse, Bé

More, Santa Cruz e Hau Dian. Ainda segundo as mesmas fontes teriam sido estudantes em Bali, molestados por tropas Indonésias havendo um ferido a registar de apelido Lucas.

Foi também possível saber que Aleixo Vicente do Externato de S. José em Díli se encontra detido há mais de 15 dias e tem sido diariamente torturado pelas forças Indonésias.

413. 20 OUTUBRO 1990 LUSA

414. 21 OUTUBRO 1990 PÚBLICO

415. MANDELA CHEGOU A AUSTRÁLIA³⁹²

20 Outubro 1990) Nelson Mandela, o líder do ANC, acaba de aterrar em Darwin no Território Norte australiano onde foi recebido pelo MNE Gareth Evans com honras de chefe de estado. À sua chegada Mandela declarou *"estar eternamente grato ao apoio dado por este país para o fim do apartheid."*

DESENVOLVIMENTO: VISITA DE MANDELA CRITICADA POR ABORÍGENES E TIMORENSES [MANDELA CHEGOU]

Sidney, 22 Out.^o Lusa) a visita de Nelson Mandela à Austrália que tem início hoje é criticada pela resistência timorense, segundo José Ramos-Horta declarou à Lusa.

Horta havia enviado um fax apelando a que Mandela não incluísse na sua visita uma estadia de três dias na

Indonésia, a menos que focasse ali as violações aos direitos humanos e em especial os do povo timorense.

A ANC [Congresso Nacional Sul-Africano] e Mandela não responderam e o problema de Timor não teria sido focado na estadia de três dias de Mandela em Jacarta, segundo foi possível apurar à agência na Austrália. Em Jacarta onde foi recebido por Suharto, Mandela recebeu a promessa de dez milhões de dólares para a luta contra o apartheid.

Por outro lado a fim de evitar conflitos com o governo trabalhista de Bob Hawke, Mandela emitiu um comunicado declarando que *“não focaria aspectos da discriminação de que são vítimas os aborígenes australianos”*.

Mandela tinha um encontro com líderes aborígenes marcado para quarta-feira dia 24 em Sidney, e no mesmo seria confrontado com líderes nacionalistas aborígenes como o Dr. Michael Mansell, Gary Foley e Terry O'Shane, os quais segundo declararam em conferência de imprensa *“apoiaram sempre a luta da ANC, pediram a libertação de Mandela e nunca foram reconhecidos pela ANC.”*

Gary Foley, da Liga para o Desenvolvimento Aborígene no estado de Vitória, disse ainda *“quando Oliver Tambo aqui esteve escusou-se a reconhecer o nosso movimento, e parece que o mesmo vai acontecer agora, não obstante nós [aborígenes] desde 1971 nos opormos ao apartheid e lutarmos para que cessassem as digressões desportivas australianas a África do Sul”*.

Por outro lado os grupos aborígenes convidaram Mandela a visitar a Austrália mas o líder sul-africano só aceitou o convite do primeiro-ministro Bob Hawke.

Mandela foi recebido pelas 18 horas [8 e meia da manhã em Lisboa] no aeroporto de Darwin, pelo MNE australiano senador Gareth Evans que o acompanhará no voo para Camberra onde será recebido pelo primeiro-ministro australiano dentro de cinco horas.

À sua chegada Mandela declarou "jamais esquecer o apoio dado pela Austrália à causa da ANC e do fim do apartheid."

Bob Hawke anunciou no fim-de-semana que consideraria o levantamento de sanções económicas e desportivas à África do Sul logo que *"estivesse convencido da irreversibilidade do desmantelamento do apartheid"*.

416. FRETILIN CONFIRMA MORTOS EM DÍLI^{393 394}

Sidney, 22 Out.º 90, Lusa) o representante da Fretilin na Austrália, Alfredo Borges Ferreira acaba de comunicar à Lusa que o exército indonésio fechou três escolas secundárias em Díli, e declarou quatro dos mais populosos distritos [freguesias] de Díli sob recolher obrigatório e sem acesso.

O comunicado acrescenta ainda que entre 11 e 15 Outubro se registaram confrontos com estudantes, tendo

393 LUSA DESPACHO· 218/90 22 OUT.º 90

394 LUSA DESPACHO 219/90 22 OUT.º 90

50 ficado detidos, seis mortos 2 em perigo de vida e vários outros feridos.

Os incidentes que haviam sido originalmente mencionados pela Associated Press, Rádio Austrália e por Pat Walsh do ACFOA [Comité Australiano para o auxílio económico ao exterior] foram, segundo a Fretilin, confirmados por estudantes que entretanto saíram de Díli e conseguiram estabelecer contacto com a Austrália.

Os distritos de Díli fechados à circulação de pessoas são os de Taibesse [onde estava o antigo quartel general português], Santa Cruz, Bé More, e Hau Dian.

Os incidentes, de acordo com a mesma fonte, teriam sido provocados pelo acto de arriar e queimar a bandeira Indonésia de uma das escolas. Dois soldados indonésios teriam morrido nos incidentes atingidos pelas próprias balas Indonésias. Os estudantes teriam aprendido duas armas de fogo, ainda segundo o relatório daqueles estudantes para a Fretilin.

A identidade dos mortos é David da Conceição, Carlos, Cândido, Tomás Aquino, Sérgio Fontoura e João Lay, e os dois em perigo de vida seriam Marques Soares e Cância de 18 e 19 anos respectivamente.

417. 23 OUTUBRO 1990 LUSA

418. 23 OUTUBRO 1990 CORREIO PORTUGUÊS

419. 24 OUTUBRO 1990 RDP

420. 24 OUTUBRO 1990 RDP

421. 24 OUTUBRO 1990 LUSA A ENTREVISTA A SHIRLEY SHACKLETON QUE NÃO ERA OPORTUNA

422. 24 OUTUBRO 1990 LUSA

423. 24 OUTUBRO 1990 LUSA

424. 24 OUTUBRO 1990 LUSA

425. 25 OUTUBRO 1990 SMH

426. 25 OUTUBRO 90 LUSA

427. 5 DE NOVEMBRO 1990

O Consulado Geral de Portugal em Sydney (através de Eduardo Guedes de Oliveira, cônsul da Secretaria de Estado da Emigração bastante apoiante dos direitos timorenses) enviava ao autor o documento de transcrição para Português de toda a entrevista de Xanana Gusmão assinada pelo próprio em 26 de Setembro de 1990 nas montanhas de Timor-leste. O documento contém anotações de José Ramos-Horta e estende-se por 11 páginas que adiante transcrevemos dada a sua importância.

427. 24 OUTUBRO 1990 LUSA

428. 24 OUTUBRO 1990 PÚBLICO

429. 25 OUTUBRO 1990 LUSA

430. 25 OUTUBRO 1990 SMH

431. 25 OUTUBRO 1990 DN

432. 26 OUTUBRO 1990 SMH

433. 26 OUTUBRO 1990 LUSA

434. 26 OUTUBRO 1990 RDP

435. 26 OUTUBRO 1990 RDP

436. NOTÍCIA PUBLICADA PELA LUSA 210/90 EM 26 OUTUBRO 1990 AQUI TRANSCRITA PELO SMH E AFP

437. SEMINÁRIO ACADÉMICO SOBRE TIMOR-LESTE³⁹⁵

Sidney, 29 Out.º 90, Lusa) com a presença de centenas de pessoas teve lugar neste fim-de-semana em Camberra um seminário promovido pela universidade de Nova Gales do Sul destinado a discutir problemas da lei internacional, da política externa australiana e os direitos dos povos autóctones.

A Dra. Christine Chincken da Faculdade de Direito de Sidney da UNSW, que não quis ser entrevistada pela Lusa depois de assistir à presença de um representante diplomático indonésio no seminário dirigiu-se aos problemas de ética profissional, de reconhecimento dos problemas internacionais da política externa australiana.

A política de constrangimento seguida pela Austrália foi focada durante os dois dias de debate, e apesar de

395 LUSA DESPACHO 223/90 28 OUT.º 90

estarem presentes representantes de vários países, nem o embaixador português Dr. José Luís Gomes nem o membro da Fretilin Ramos-Horta, ambos em Camberra neste fim-de-semana, deram a honra da sua presença ao seminário. O seminário evitou citações concretas relativas a Timor durante sessões que focaram a política externa australiana, a legislação internacional e o reconhecimento dos direitos dos povos autóctones.

438. 29 OUTUBRO 1990 LUSA

439. 29 OUTUBRO 1990 RDP

440. 29 OUT.º 90 DESPACHO ENVIADO PARA O PÚBLICO

441. TIMOR-LESTE: MAIS DETENÇÕES³⁹⁶

Sidney, 29 Out.º 90, Lusa) – de acordo com notícias recebidas esta noite [manhã Lisboa] em Sidney directamente de estudantes timorenses em Díli, na última quinzena em Díli registaram-se mais manifestações e detenções.

Na sequência de um discurso do administrador civil de Díli, Armindo Mariano considerado pelos estudantes como "*insultuoso aos timorenses*", registaram-se mais confrontos com as forças militares Indonésias. Desses incidentes teriam ocorrido detenções em 14 de Outubro, de David da Conceição, aluno do Externato católico de S. José, que foi submetido a choques eléctricos e cujo paradeiro, desconhecido.

396 LUSA DESPACHO 225/90 29 OUT.º 90

Tau Lufu – funcionário das obras públicas – e Benedito Silva, estudante do secundário do liceu SMAFORAM, foram igualmente presos em Bé-more perto da zona de Bidau em Díli. Em 15 de Outubro – ainda de acordo com as mesmas fontes – foi detido Cláudio Boavida estudante que de manhã trabalhava na paróquia de Motael. Além destes estudantes estão actualmente detidos pelo menos uns 50 estudantes, incomunicáveis.

A táctica seguida nas últimas semanas pelas forças indonésias é a de passar busca às residências particulares durante a noite e se os estudantes, suspeitos de estarem envolvidos nas manifestações não estão são de imediato detidos, o que de acordo com as mesmas fontes estudantis se destina a apanhar os verdadeiros cabecilhas do movimento estudantil e das guerrilhas.

Estas notícias a que a Lusa teve acesso foram hoje transmitidas para a Austrália por parte de um estudante que se deslocou de Timor a uma cidade indonésia e a qual confirmou ainda a detenção do vice-presidente do comité, estudantil, a mesma fonte apelou ainda para que a sua causa fosse divulgada internacionalmente a fim de se tentar regressar ao status quo anterior no qual havia a mínima liberdade de movimentos e a qual foi coarctada desde a imposição do recolher obrigatório pelas sete da noite.

Entretanto segundo a agência apurou parte na próxima quarta feira para Lisboa, Robert Domm, o sindicalista australiano que entrevistou Xanana Gusmão em Setembro nas montanhas de Timor.

Não obstante os esforços desde a semana passada desenvolvidos pela Lusa, quer Ramos-Horta quer o produtor do programa da cadeia nacional de rádio ABC, Mark Aarons, tem-se escusado a autorizar uma entrevista com aquele dirigente sindicalista, que se desloca a Lisboa a convite de João Soares e da minoria do partido socialista, tal como originalmente previsto no plano de conseguir a entrevista com Xanana Gusmão.

Aquela entrevista mereceu apenas a cobertura pontual dos jornais Sydney Morning Herald, The Age e The West Australian sem ter havido qualquer outra cobertura quer da rádio ou TV, a não ser no programa semanal Background Briefing de Mark Aarons na ABC no passado domingo.

442. 30 OUTUBRO 1990 LUSA

443. REVISTA HADOMI OUTUBRO 1990

444. 30 OUTUBRO 1990 RDP

445. 30 OUTUBRO 1990 CORREIO PORTUGUÊS,
SYDNEY

446. DARWIN: SEMINÁRIO DEBATE O TRATADO DO
TIMOR GAP – II – ³⁹⁷

Sidney, 30 Out.º 90, Lusa) – no próximo fim-de-semana em Darwin durante dois dias terá lugar um seminário internacional para debater aspectos relacionados com o tratado do Timor Gap entre a Austrália e a Indonésia.

Trata-se da primeira iniciativa da recém-formada COLIGAÇÃO DO TIMOR GAP, um grupo de residentes em Darwin interessados em promover debate comunitário sobre aspectos do tratado do Timor Gap, incluindo aspectos históricos, políticos, legais, ecológicos e sociais. Foram convidados representantes dos governos português, australiano (federal e territorial), do governo indonésio e várias outras personalidades, estando até agora confirmada a presença de José Luís Gomes, embaixador de Portugal para a Austrália, Nova Zelândia e Pacífico Sul; de Pat Walsh director da secção de direitos humanos do ACFOA (comité australiano de auxílio económico ao estrangeiro); de Alfredo Borges Ferreira, líder da Fretilin na Austrália; de Mark Crossin da confederação de sindicatos australianos, e dum representante do Partido “Os Verdes”. Falta ainda confirmar se o governo indonésio, o governo conservador do território que acaba de ser reeleito no fim-de-semana e um representante do governo federal se farão representar durante o fórum, bem assim como representantes da associação australiana de exploradores de petróleo. Na noite de sábado haverá danças, cantares e um jantar tipicamente timorense e os trabalhos serão retomados domingo com ampla discussão entre os membros do painel e a audiência e meios de comunicação social.

447. 31 OUTUBRO 1990 PNA (PORTUGUÊS NA AUSTRÁLIA SYDNEY)

448. OUTUBRO 1990 REVISTA TAPOL

449. INSIDE INDONESIA OUTUBRO 1990

450. 2 NOVEMBRO 1990 CARTA PARA ABÍLIO ARAÚJO

451. 2 NOVEMBRO 1990 ACET

452. 3 NOVEMBRO 1990 LUSA

453. DARWIN: SEMINÁRIO DEBATE O TRATADO DO TIMOR GAP – III – ³⁹⁸

Sidney, 3 NOV.^o 90, Lusa) – teve início hoje [sábado], continuando amanhã em Darwin um seminário internacional para debater aspectos relacionados com o tratado do Timor Gap entre a Austrália e a Indonésia.

Trata-se da primeira iniciativa da recém formada Coligação do Timor Gap, um grupo de residentes em Darwin interessados em promover debate comunitário sobre aspectos do tratado do Timor Gap, incluindo aspectos históricos, políticos, legais, ecológicos e sociais.

Foram convidados representantes dos governos português, australiano, federal e territorial, do governo indonésio e várias outras personalidades, estando presentes José Luís Gomes, embaixador de Portugal para a Austrália, Nova Zelândia e Pacífico Sul; Pat Walsh, director da secção de direitos humanos do ACFOA [comité australiano de auxílio económico ao estrangeiro]; Alfredo Borges Ferreira líder da Fretilin na Austrália; Mark Crossin da confederação de sindicatos australianos e um representante dos verdes. Não se registaram presenças do governo indonésio, do governo conservador do território que acaba de ser reeleito no fim-de-semana e do governo federal australiano, bem assim como

representantes da associação australiana de exploradores de petróleo.

À noite haverá danças, cantares e um jantar tipicamente timorense e os trabalhos serão retomados domingo com ampla discussão entre os membros do painel e a audiência e meios de comunicação social.

454. DARWIN: SEMINÁRIO SOBRE O TRATADO DO TIMOR GAP – IV – ³⁹⁹

Sidney, 4 NOV.^o 90, Lusa) – durante dois dias decorreu em Darwin um seminário internacional para debater aspectos relacionados com o tratado do Timor Gap entre a Austrália e a Indonésia.

Trata-se da primeira iniciativa da recém formada Coligação do Timor Gap, um grupo de residentes em Darwin interessados em promover debate comunitário sobre aspectos do tratado do Timor Gap, incluindo aspectos históricos, políticos, legais, ecológicos e sociais.

Segundo a Lusa apurou foram convidados representantes dos governos português, australiano (federal e territorial), do governo indonésio e várias outras personalidades, incluindo representantes da Associação australiana dos produtores de petróleo.

Presentes dentre várias dezenas de pessoas, José Luís Gomes, embaixador de Portugal para a Austrália, Nova Zelândia e Pacífico Sul; Pat Walsh, director da secção de direitos humanos do ACFOA [comité, australiano de

auxílio económico ao estrangeiro); Alfredo Borges Ferreira líder da Fretilin na Austrália; Mark Crossin da confederação de sindicatos australianos, e um representante dos verdes do Território Norte.

O governo federal australiano enviou uma mensagem do senador Gareth Evans ministro dos estrangeiros na qual foi delineada a posição oficial do governo de Camberra.

O governo conservador do Território Norte australiano enviou um representante do Ministério de Minas e Energia que na sua exposição se limitou a focar os benefícios socioeconómicos para o território, da exploração da riqueza do mar de Timor, escusando-se a comentar sobre aspectos políticos ou humanitários.

O governo indonésio não se fez representar. O embaixador português reafirmou a intenção de Portugal contestar o tratado inclusive a nível do Tribunal Internacional de Haia, aguardando que o mesmo seja ratificado pelo parlamento indonésio, segundo a agência apurou junto de participantes.

Pat Walsh do comité de auxílio económico ao estrangeiro debateu aspectos relacionados com as constantes violações dos direitos humanos em Timor e o recrudescer dos meios repressivos indonésios para silenciar as recentes manifestações de estudantes, adiantando não ser de excluir, fruto da evolução mundial a eventualidade de uma retirada da Indonésia do território ocupado há quinze anos.

Na noite de sábado com a quase totalidade dos participantes presentes houve danças, cantares e um

jantar tipicamente timorense e os trabalhos foram retomados hoje domingo com ampla discussão entre os membros do painel e a audiência e meios de comunicação social sobre a situação em Timor e os mais recentes acontecimentos quer na arena internacional quer mesmo em Timor-Leste.

Alfredo Borges Ferreira, um dos organizadores e representante da Fretilin na Austrália mostrou-se satisfeito com a presença de quase uma centena de participantes e a forma como este primeiro seminário decorreu.

Entretanto num jantar confraternização com a comunidade de expressão portuguesa em Darwin na passada sexta feira, o embaixador português anunciou que finalmente tinha sido oficialmente aceite a nova consulesa honorária de Portugal no Território Norte, Dona Maria dos Anjos Castro, que vem preencher uma lacuna há mais de doze meses existente e que causava sérias apreensões aos habitantes da comunidade local.

455. 04 NOVEMBRO 1990 RDP

456. 4 NOVEMBRO 1990 LUSA

457. 4 NOVEMBRO 1990 CORREIO PORTUGUÊS

458. 5 NOVEMBRO 1990 LUSA

459. 5 NOVEMBRO 1990 RDP

460.1. PLANO DE PAZ DE XANANA⁴⁰⁰

400 LUSA DESPACHO 233/90 05 NOV.º 90
892

Sidney, 5 NOV.º 90, Lusa, a agência noticiosa australiana AAP [Australian Associated Press] divulgou hoje, segunda-feira um despacho de Darwin no qual é apresentado o plano de paz do líder nacionalista timorense Xanana Gusmão como sendo "*uma base sem pré condições para debater propostas de se alcançar a paz em Timor-Leste*".

Citando o embaixador itinerante da Fretilin, Ramos-Horta que participou neste fim-de-semana em Darwin num seminário sobre o tratado do Timor Gap, a AAP alega que anteriores propostas de paz falharam pois incluíam como pré condição a discussão das resoluções da ONU referentes a Timor-Leste, o que era inaceitável para a Indonésia.

Segundo a AAP para Ramos-Horta "esta proposta não deve ser encarada como um sinal de fraqueza da Fretilin mas antes tal como Xanana Gusmão afirmou a Fretilin não tem meios de desfeitear militarmente a Indonésia e se bem que disposta a encarar a possibilidade do seu extermínio total, está disposta a encontrar um termo para as hostilidades dado o elevado custo em vidas que estas têm causado aos timorenses".

Ramos-Horta é ainda citado pela agência como declarando que "a Fretilin espera beneficiar da actual política de degelo nas relações este-oeste e da actual tendência mundial para a resolução pacífica de conflitos para entabular negociações com a Indonésia sem pré condições".

No passado idênticas propostas da Fretilin para acordos de paz esbarraram na relutância Indonésia de aceitar como pré condição dos debates a inclusão da discussão das resoluções da ONU referentes a Timor-Leste.

O plano de paz original de Xanana Gusmão data de Agosto de 1989 e foi reiterado por recentes declarações datadas de Setembro passado e chegadas à Austrália há semanas, mas nunca antes havia sido mencionado na comunicação social australiana.

Embora o despacho da AAP cite a realização de um seminário neste fim-de-semana em Darwin [conforme a Lusa noticiou] não menciona que o mesmo debateu sobretudo o tratado de Timor Gap entre a Austrália e a Indonésia com a presença de um representante do governo territorial e uma mensagem do MNE australiano senador Gareth Evans, para além do embaixador português e de dirigentes diversas organizações australianas.

A agência Lusa que esteve em contacto com o organizador do seminário deste fim-de-semana em Darwin e porta-voz da Fretilin na Austrália, Alfredo Borges Ferreira, apurou que até ao momento nenhum dos representantes oficiais a nível estadual ou nacional da Fretilin havia recebido de Lisboa do comité central da Fretilin indicação de que Ramos-Horta havia sido nomeado "*embaixador itinerante* [ambassador at large]".

Hoje mesmo Alfredo Ferreira declarava à agência que a declaração de Ramos-Horta ser o embaixador itinerante lhe havia sido comunicado pelo próprio Horta quando Abílio Araújo se encontrava no Japão.

O correspondente da Lusa na Austrália tentou na última semana a confirmação junto de Abílio Araújo de que de facto Horta seria o porta-voz internacional da Fretilin mas até ao momento ainda a não obteve e um exame à cópia das resoluções do encontro de Setembro passado em Lisboa, na qual Ramos-Horta foi readmitido no seio da Fretilin não menciona esse papel especificamente.

Por outro lado nas últimas semanas Ramos-Horta tem recusado a divulgação de notícias aos meios de comunicação portugueses na Austrália sem que antes as mesmas tenham tido a cobertura da imprensa ou rádio australianas.

460.2. 5 NOVEMBRO 1990 CONSULADO GERAL DE PORTUGAL EM SIDNEY

461. CARTA DE XANANA GUSMÃO DATADA DE 26 SETEMBRO 1990

462. 6 NOVEMBRO 1990 LUSA

463. 7 NOVEMBRO RDP

464. 7 NOVEMBRO 1990 PÚBLICO

465. 7 NOVEMBRO 1990 LUSA

466. 7 NOVEMBRO 1990 LUSA

467. FRETILIN NEGA QUE RAMOS-HORTA SEJA EMBAIXADOR ITINERANTE

Sidney, 7 Nov.º, Lusa) de acordo com confirmação oficial recebida na Austrália de Abílio Araújo dirigente da Fretilin em Lisboa, "*Ramos-Horta não é e não pode assumir-se como dirigente da Fretilin e da mesma forma o camarada Ramos-Horta está a utilizar indevida e abusivamente o título de embaixador itinerante da Fretilin*".

Este desmentido da direcção da Fretilin tornou-se necessário visto que nos últimos dias os meios de comunicação social australianos haviam começado a apresentar Ramos-Horta e a citá-lo como dirigente da Fretilin e embaixador itinerante [*ambassador at large*].

Recorde-se que Horta havia abandonado a Fretilin em Outubro de 1989 tendo em Setembro passado havido uma reconciliação em que segundo Abílio Araújo "*Horta ficaria na posição de militante candidato a membro do comité central da Fretilin*".

Abílio Araújo declarou ainda à Lusa que "só a chefia da DCF [órgão colegial] ou o conselho central resultante da reunião de Fevereiro passado terão competência para nomear alguém e até ao momento Ramos-Horta não foi nomeado embaixador itinerante".

Horta que se encontra ainda em Darwin apesar de notificado sobre esta posição de Abílio Araújo até ao momento não prestou qualquer comentário à Lusa.

Entretanto os comités da Fretilin na Austrália debatem-se de momento com a dificuldade de enviarem alguém para os representar no congresso de jornalistas de Língua portuguesa que decorre em Macau de 11 a 18 Novembro próximo.

Na Austrália, a cadeia nacional de rádio australiana na sua emissão em onda curta para o Pacífico noticiava hoje [quarta feira, manhã em Lisboa] que Ali Alatas, MNE indonésio não havia aceite a proposta de paz do líder guerrilheiro Xanana Gusmão por ele não representar a maioria do povo timorense que havia decidido a sua integração na Indonésia.

Entretanto Alfredo Borges Ferreira, representante da Fretilin para a Austrália e Pacífico declarou à agência que diariamente tem recebido notícias de Timor-Leste onde "*a situação está ainda muito tensa e onde se continuam a registar diariamente confrontos entre mascarados e estudantes, os quais constituem 60 por cento da população de Díli*".

Relativamente a declarações efectuadas na terça-feira pelo governador do território, Mário Carrascalão de que "se os parlamentares portugueses forem a Timor haverá uma guerra civil e de que é preciso pelo menos um ano de paz absoluta para os timorenses poderem por o passado de lado".

Ferreira adiantou que estas "declarações representam o pânico da administração Indonésia, incapaz de subjugar a crescente onda de rebelião no território que deixou de estar confinada às guerrilhas no mato e passou a alastrar para os centros urbanos em especial Díli".

468. FRETILIN DENIES THAT RAMOS-HORTA IS
AMBASSADOR AT LARGE

07 NOV 1990 Sydney, Press Release, (LUSA) Abílio Araújo, of the central committee of FRETILIN in Lisbon

reacted today against recent reports from AAP [Australian Associated Press] and ABC radio quoting Mr. José Ramos-Horta as being Fretilin's ambassador at large.

In an official statement received by The Portuguese News Agency LUSA in Sydney, Mr. Araújo states, "Ramos-Horta is abusively using the title of ambassador at large for Fretilin and he is not an official of Fretilin in Australia, since our representative for Australia and the pacific region is Mr. Alfredo Ferreira in Darwin."

Recent reports in Portugal quoting Australia media attributed to Mr. Horta the title of ambassador at large. Mr. Horta who was Fretilin's representative at The United Nations for 14 years resigned from FRETILIN in October 1989, being readmitted in late September 1990, and according to Mr. Araújo is only a "*militant and a candidate for a future position in the central committee*".

Mr. Horta has been in Darwin since last week and was not available for comment today, but LUSA the Portuguese News Agency has confirmed with other FRETILIN officials that Mr. Horta has been using his title and bypassing FRETILIN structure in Australia in some of his statements without clearing them with FRETILIN officials.

FRETILIN is a pro-independent organization, which has been fighting on the ground in East Timor for the past 15 years the Indonesian invaders and in international fora around the world."

ADIANTE SEGUE FAC-SIMILE DA NOTÍCIA

469. 8 NOVEMBRO 1990 O TELEX DA LUSA:

470. 8 NOVEMBRO 1990 PÚBLICO

471. COLIGAÇÃO AUSTRALIANA ORGANIZA
PROTESTO PARA TIMOR⁴⁰¹

Camberra, 10 Nov.º Lusa), a coligação australiana para Timor-Leste divulgou hoje à Lusa um comunicado no qual informa estar a organizar uma grande campanha de protesto para assinalar o décimo quinto aniversário da invasão Indonésia de Timor-Leste.

Esta manifestação, declarou Trish Fuary daquela coligação, terá lugar em Camberra dias 2 e 3 de Dezembro e envolve "discussões entre os grupos de apoio a Timor-Leste, a exibição de filmes e diapositivos de Timor e culminará pelas 11 horas de dia 3 de Dezembro com uma marcha de protesto frente à embaixada Indonésia em Camberra seguida de uma marcha para o parlamento federal australiano que naquela data estará em sessão".

Tal como em anos anteriores, acrescentou Trish Fuary, a coligação espera "que vários parlamentares australianos dirijam mensagens aos manifestantes, tanto mais que na terça-feira dia 4 de Dezembro o Senado retornará a abrir para sessões."

Entretanto segundo a Lusa apurou de fontes parlamentares estaria o grupo dos parlamentares que apoiam Timor-Leste a preparar uma moção para ser apresentada e debatida, não tendo sido possível de

401 LUSA DESPACHO 235/90 10 NOV.º 90

momento apurar mais detalhes. A confirmar-se seria a primeira moção a apresentar pelos deputados e senadores desde que o governo trabalhista foi reeleito para novo mandato em Maio passado.

472. 10 NOVEMBRO 1990 LUSA

473. 10 NOVEMBRO 1990 PÚBLICO

474. PARLIAMENTARIANS FOR EAST TIMOR

475. 12 NOVEMBRO 1990 RDP

476. 12 NOVEMBRO 1990 LUSA

477. 13 NOVEMBRO 1990 CORREIO PORTUGUÊS

478. PARLAMENTARES AUSTRALIANOS APELAM A CESSAR-FOGO EM TIMOR⁴⁰²

Sidney, 12 Nov.º, Lusa) o grupo parlamentar australiano para Timor-Leste emitiu hoje um comunicado no qual apela a todos os governos e em especial ao australiano para que "*apoiem o cessar-fogo em Timor-Leste*".

Laurie Ferguson, o porta-voz daquele grupo parlamentar apela ainda a "um imediato cessar-fogo e para que se efectuem negociações entre a Indonésia, representantes dos partidos timorenses UDT e Fretilin e representantes dos guerrilheiros das FALINTIL."

Acrescentando que a recente proposta de paz de Xanana Gusmão líder das FALINTIL, "aceita discutir todas as opções sem pré condições," Laurie Ferguson, afirma ainda que "é no interesse da paz na região que seja resolvido o sangrento conflito de Timor, e que seja garantida a segurança daqueles que em Timor-Leste se têm oposto ao domínio indonésio".

O comunicado termina expressando a convicção de que "é possível uma resolução pacífica do conflito, se todas as partes envolvidas agiram de boa fé, e que o governo australiano e outros governos da região deveriam encorajar este apelo para a paz e fazer todos os possíveis para apoiarem a realização de negociações."

479. COLIGAÇÃO AUSTRALIANA ORGANIZA PROTESTO PARA TIMOR. COMUNICADO DOS PARLAMENTARES AUSTRALIANOS⁴⁰³

Camberra, 20 Nov.^o, Público) a coligação australiana para Timor-Leste divulgou hoje ao Público um comunicado no qual informa estar a organizar uma grande campanha de protesto para assinalar o décimo quinto aniversário da invasão Indonésia de Timor-Leste.

Esta manifestação, declarou Trish Fuary da coligação, terá lugar em Camberra dias 2 e 3 de Dezembro e envolve "discussões entre os grupos de apoio a Timor-Leste, a exibição de filmes e diapositivos de Timor e culminará pelas 11 horas de dia 3 de Dezembro com uma marcha de protesto frente à embaixada Indonésia em Camberra

seguida de uma marcha para o parlamento federal australiano que naquela data estará em sessão".

Tal como em anos anteriores, acrescentou Trish Fuary, a coligação espera "que vários parlamentares australianos dirijam mensagens aos manifestantes, tanto mais que na terça-feira dia 4 de Dezembro o Senado retornará a abrir para sessões."

Entretanto segundo o Público apurou, o grupo parlamentar australiano para Timor-Leste emitiu há dias um comunicado no qual apela a todos os governos e em especial ao australiano para que *"apoiem o cessar-fogo em Timor-Leste"*.

Laurie Ferguson, o porta-voz daquele grupo parlamentar apela ainda a "um imediato cessar-fogo e para que se efectuem negociações entre a Indonésia, representantes dos partidos timorenses UDT e Fretilin e representantes dos guerrilheiros das FALINTIL."

Acrescentando que a recente proposta de paz de Xanana Gusmão líder das FALINTIL, "aceita discutir todas as opções sem pré condições," Laurie Ferguson, afirma ainda que "é no interesse da paz na região que seja resolvido o sangrento conflito de Timor, e que seja garantida a segurança daqueles que em Timor-Leste se têm oposto ao domínio indonésio".

O comunicado termina expressando a convicção de que "é possível uma resolução pacífica do conflito, se todas as partes envolvidas agirem de boa fé, e que o governo australiano e outros governos da região deveriam

encorajar este apelo para a paz e fazer todos os possíveis para apoiarem a realização de negociações."

480. 14 NOVEMBRO 1990 SMH (SYDNEY MORNING HERALD)

481. 14 NOVEMBRO 1990 LUSA

482. 14 NOVEMBRO 1990 LUSA

483. 15 NOVEMBRO 1990 CARTA OFICIAL DA LUSA A SUSPENDER O AUTOR

484. 14 NOVEMBRO 1990 CARTA PARTICULAR...

485. 15 NOVEMBRO 1990 CARTA PRIVADA PARA O PÚBLICO

486. 20 NOVEMBRO 1990 RDP

487. 20 NOVEMBRO 1990 CORREIO PORTUGUÊS SYDNEY

488. 20 NOVEMBRO 1990 PÚBLICO

489. 20 NOVEMBRO 1990 PÚBLICO

490. EXPO SOBRE FOTOS TIMOR⁴⁰⁴

Sidney, 20 Nov.º, Lusa) Vai ser inaugurada em Sidney no próximo dia 25 de Novembro uma exposição de

fotografias de Timor-Leste abarcando o período de 1974 a 1990, segundo a Lusa apurou hoje junto da organização.

Jenny Groves esteve em Timor-Leste em Janeiro último aquando dos incidentes entre estudantes e a policia durante a estadia do embaixador norte-americano John Monjo, e tornou-se na única pessoa a colher fotografias dos recontros.

Posteriormente, com o apoio de Elaine Brière que esteve em Timor durante 1974 e 75 e com Mel Sylvester resolveram, segundo declarou à agência, montar uma exposição capaz de visualmente captar o interesse dos australianos para o drama de Timor. Com o apoio da escola de artes em Fairfield, subúrbio de Sidney onde se radicam centenas de famílias de refugiados timorenses, a exposição será inaugurada no próximo dia 25 de Novembro.

491. SYDNEY MORNING HERALD 20 NOVEMBRO 1990

492. INCIDENTES EM TIMOR PROVOCAM MORTES⁴⁰⁵

Sidney, 20 Nov.º, Público) Segundo notícias acabadas de receber na Austrália por Lola Reis representante estadual da Fretilin em Nova Gales do Sul, teriam sido executados em Timor em meados de Outubro Tau Lofu e Cláudio Boavida em virtude das suas manifestações estudantis contra as tropas de ocupação Indonésia em Timor-Leste durante as cerimónias de celebração dos 50 anos da diocese de Díli em Setembro último.

De acordo com a mesma fonte da resistência nacionalista, a situação estudantil estaria a deteriorar-se de dia para dia em Timor, com centenas de estudantes presos em Ermera, Liquiçá, Manatuto e Díli nos primeiros quinze dias de Novembro, fruto de uma intensificada acção das tropas agora comandadas pelo Tenente-coronel Gatot, comandante da inteligência militar.

Esta notícia que vem confirmar uma notícia ontem [segunda feira] propagada pela agência australiana Associated Press cita ainda a existência de tortura e o desaparecimento de dezenas de jovens em virtude de um recrudescer nacionalista em Timor.

Segunda Lola Reis declarou hoje ao Público, a invasão de um recinto eclesiástico como o da igreja padrão de Díli, em Motael "*mostra o desespero das tropas Indonésia contra o recrudescer das manifestações nacionalistas*" em especial depois da cobertura dada em Portugal e noutros países à entrevista de Xanana Gusmão a um líder sindicalista australiano, Robert Domm.

Entretanto as autoridades australianas continuam a recusar a concessão de facilidades para pessoas perseguidas pelo regime indonésio para utilizarem o programa de reunião familiar.

Segundo Lola Reis declarou, ainda hoje o ministério da emigração australiano lhe disse que familiares seus vítimas de perseguição indonésia teriam de se deslocar a Jacarta para ali solicitarem o visto de entrada na Austrália, o que como é óbvio lhes é impedido pelos indonésios.

Durante as últimas semanas segundo as mesmas fontes mais de uma centena de estudantes foram detidos e torturados e a Indonésia vê com apreensão a recente decisão dos norte-americanos da Câmara dos Representantes pedirem a realização de negociações directas entre a Indonésia, Portugal e representantes do povo maubere.

A comunicação social australiana através da AAP [Australian Associated Press], ABC [rádio nacional australiana em onda curta] e jornais diários (SMH, Australian) dão hoje certo relevo aos últimos acontecimentos em Timor.

493. PÚBLICO 21 NOVEMBRO 1990

494. 24 NOVEMBRO 1990 PÚBLICO

495. EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIAS DE TIMOR⁴⁰⁶

Sidney, 25 Nov.º Público) Foi inaugurada domingo na escola de artes no subúrbio de Fairfield em Sidney, uma exposição de fotografias de Timor-Leste abarcando o período de 1974 a 1990. A exposição que é a primeira deste tipo na Austrália surgiu na sequência de uma visita de Jenny Groves a Timor-Leste em Janeiro deste ano.

Jenny estava em Díli no Hotel Turismo ao mesmo tempo que o embaixador norte-americano na Indonésia, John Monjo, quando centenas de estudantes se manifestaram e foram violentamente reprimidos pelas forças policiais. Jenny Groves tirou fotografias e mostrou ao mundo o que

406 PÚBLICO DESPACHO 117/90 25 NOV.º 90

se passava em Timor-Leste. Nessa manifestação para além de dezenas de feridos e detidos morreram pelo menos três estudantes vítimas da brutalidade das forças Indonésias.

Jenny Groves que se havia deslocado a Timor-Leste para ali fazer um estudo sociológico encurtou então a sua visita para trazer as fotografias dos incidentes e posteriormente com o apoio de Elaine Brière [que fez centenas de fotografias em Timor em 1974] e Mel Sylvester resolveram organizar esta exposição, capaz de visualmente dar a conhecer ao mundo e captar o interesse dos australianos para o drama de Timor-Leste.

A exposição que foi inaugurada com a presença de dirigentes e simpatizantes da Fretilin e UDT, e membros da autarquia local vai ficar exposta durante duas semanas, esperando-se que as centenas de famílias timorenses que vivem naqueles subúrbios da parte Ocidental de Sidney tenham a possibilidade de rever a terra em que nasceram.

496.1. 27 NOVEMBRO 1990 PÚBLICO

496.2. PROTESTOS NA AUSTRÁLIA NO ANIVERSÁRIO DA INVASÃO DE TIMOR⁴⁰⁷

Sidney, 27 Nov.º, Público) A coligação australiana para Timor-Leste [C.I.E.T.] divulgara ao Público há dias uma grande campanha de protesto sobre o décimo quinto aniversário da invasão de Timor-Leste pela Indonésia.

407 PÚBLICO DESPACHO 118/90 27 NOV.º 90

Trish Fuary daquela organização confirmou hoje ao Público que a campanha terá lugar em Camberra no próximo fim-de-semana e compreenderá *"sessões de debate com a presença de grupos australianos de apoio a Timor-Leste, com exibição de filmes, diapositivos e uma exposição fotográfica e conta com a presença de timorenses vindos de diversas partes da Austrália"*.

"A manifestação de protesto terá lugar na segunda-feira dia 3 de Dezembro diante do parlamento federal australiano seguindo depois para a embaixada da Indonésia em Camberra" adiantou Trish Fuary, que acrescentou contar ter este ano a presença e discursos de parlamentares australianos ligados ao problema de Timor, tanto mais que na mesma data o Senado reabre para a última sessão do ano.

Fuary disse ainda que "dentre os presentes durante as sessões estará o consagrado autor internacional Rodney Hall, escritor com mais de 25 livros publicados [dos quais um dos mais célebres e traduzidos em mais línguas foi o publicado em 1980 "Contos do Cativoiro"] e com uma craveira política semelhante à de Gabriel Garcia Marquez"

Entretanto segundo a Rádio Austrália [cadeia nacional em onda curta para o Pacífico] revela que o ministro do interior indonésio declarou ontem em Jacarta *"que abusos de jornalistas estrangeiros não eram tolerados e que o recente artigo de E. Erlanger no New York Post sobre a família do presidente Suharto e a fortuna dos seus filhos deveria ter sido obtida num bar entre duas bebidas"*.

Ainda há cerca de dois meses outro ministro indonésio havia afirmado que *"não havia razão constitucional para*

que a imprensa não fosse livre", mas além de Erlanger não ser autorizado a entrar de novo na Indonésia e de o International Herald Tribune [entre outras publicações estrangeiras] ter sido banido, parece – segundo a Rádio Austrália comenta – que a primavera de liberdade de imprensa na Indonésia terminou.

Na última semana dois jornais fecharam em Jacarta por ordem do governo, e um estudante foi condenado a dez anos de prisão, por distribuir cópias de um livro proibido do autor Pramoedya Ananta Toer.

497. PÚBLICO 28 NOVEMBRO 90

498. 29 NOVEMBRO 1990 PÚBLICO

499. PROTESTOS NA AUSTRÁLIA NO ANIVERSÁRIO DA INVASÃO DE TIMOR⁴⁰⁸

SYDNEY, PÚBLICO 29 NOV.^o 90] A coligação australiana para Timor-Leste [C.I.E.T.] divulgara ao Público há dias uma grande campanha de protesto sobre o décimo quinto aniversário da invasão de Timor-Leste pela Indonésia.

Trish Fuary daquela organização confirmou hoje ao Público que a campanha terá lugar em Camberra no próximo fim-de-semana e compreenderá *"sessões de debate com a presença de grupos australianos de apoio a Timor-Leste, com exibição de filmes, diapositivos e uma exposição fotográfica e conta com a presença de timorenses vindos de diversas partes da Austrália"*.

408 PÚBLICO DESPACHO 119/90 29 NOV.^o 90

Entre os presentes estarão Janet Powell, líder dos democratas australianos, Laurie Ferguson presidente da coligação parlamentar para Timor-Leste [PET] e Jo Vallentine ex-líder dos verdes australianos. A missa será celebrada pelo bispo Morgan pelas 11 horas da manhã de domingo.

"A manifestação de protesto terá lugar na segunda-feira dia 3 de Dezembro diante do parlamento federal australiano seguindo depois para a embaixada da Indonésia em Camberra" adiantou Trish Fuary, que acrescentou "contar ter este ano a presença e discursos de parlamentares australianos ligados ao problema de Timor, tanto mais que na mesma data o Senado reabre para a última sessão do ano."

Fuary disse ainda que "dentre os presentes durante as sessões estará o consagrado autor internacional Rodney Hall, escritor com mais de 25 livros publicados [dos quais um dos mais célebres e traduzido em mais línguas foi o publicado em 1980 "Contos do cativo"] e com uma craveira política semelhante à de Gabriel Garcia Marquez"

Entretanto segundo a Rádio Austrália [cadeia nacional em onda curta para o Pacífico] revela que o ministro do interior indonésio declarou ontem em Jacarta "*que abusos de jornalistas estrangeiros não eram tolerados e que o recente artigo de R. Erlanger no New York Post sobre a família do presidente Suharto e a fortuna dos seus filhos deveria ter sido obtida num bar entre duas bebidas*".

Ainda há cerca de dois meses outro ministro indonésio havia afirmado que "*não havia razão constitucional para que a imprensa não fosse livre*", mas além de Erlanger

não ser autorizado a entrar de novo na Indonésia, e de o International Herald Tribune [entre outras publicações estrangeiras] ter sido banido, parece – segundo a Rádio Austrália comenta – que a primavera de liberdade de imprensa na Indonésia terminou.

Na última semana dois jornais fecharam em Jacarta por ordem do governo, e um estudante foi condenado a dez anos de prisão, por distribuir cópias de um livro proibido do autor Pramoedya Ananta Toer.

500. 30 NOVEMBRO 1990 AINDA O “DESPEDIMENTO DA LUSA”

501. A PAZ É POSSÍVEL NOVEMBRO 1990

502. REVISTA HADOMI NOVEMBRO 1990

503. 1 DEZEMBRO 1990 PÚBLICO

504. 2 DEZEMBRO 1990 ACET

505. 2 DEZEMBRO 1990 LUSA

506. MANIFESTAÇÃO NACIONAL AUSTRALIANA DE PROTESTO PARA TIMOR⁴⁰⁹

Camberra [via Sidney] 3 Dez.^o, Público) teve lugar hoje [segunda feira] em Camberra a maior manifestação contra a ocupação de Timor-Leste, patrocinada pela CIET (coligação australiana para Timor-Leste).

409 PÚBLICO DESPACHO 121/90 3 DEZ 90

A manifestação de protesto nacional australiano contou com centenas de pessoas, incluindo dezenas de timorenses dos estados de Vitória, Nova Gales do Sul, e do Território Norte, culminando com uma marcha de protesto frente à embaixada Indonésia e uma manifestação no parlamento federal australiano.

À semelhança de anos anteriores, parlamentares australianos dirigiram-se aos manifestantes. Dentre eles contavam-se o líder do grupo parlamentar australiano para Timor-Leste, o trabalhista Laurie Ferguson, a líder do partido democrata, senadora Janet Powell, e a senadora independente Jo Vallentine. Dentre os oradores incluíam-se o director executivo do comité de auxílio económico ao exterior [ACFOA] Russell Rollanson e o reverendo John Queripel da Igreja Unitária Australiana.

Os manifestantes entregaram uma carta aberta ao primeiro-ministro australiano, Bob Hawke, na qual "congratulam o governo australiano pela firme tomada de posição contra a ocupação do Kuwait pelo Iraque e chamam a atenção para o sucedido há 15 anos com a invasão Indonésia de Timor-Leste."

A carta alerta ainda para a crescente vaga dissidente em Timor-Leste contra a repressão e ocupação, e a qual tem provocado uma repressão maior, com mortes e torturas de estudantes e outros membros da oposição ao regime.

A carta termina solicitando ao governo de Camberra que adopte uma posição semelhante contra a Indonésia como a que tomou contra o Iraque; que pressione o governo indonésio para começar negociações para o futuro de Timor-Leste com representantes de Portugal e da

resistência timorense e para parar com a crescente onda de repressão, prisões e mortes de estudantes timorenses, e libertar todos os prisioneiros políticos, e para que pressione o governo indonésio a admitir no território representantes das organizações de direitos humanos internacionais.

507. 3 DEZEMBRO 1990 PÚBLICO

508. 3 DEZEMBRO 1990 RDP

509. 3 DEZEMBRO 1990 ACET

510. 3 DEZEMBRO 1990

511. 3 DEZEMBRO 1990 LUSA

512. NOTÍCIA ENVIADA PARA O PÚBLICO E PUBLICADA (OUTRA VEZ?) SEM INDICAÇÃO DE AUTOR

513. 4 DEZEMBRO 1990 OS EVENTOS ANTERIORES NO CANBERRA TIMES

514. 4 DEZEMBRO 1990 O AUTOR INICIA PROCEDIMENTO CONTRA A LUSA, CARTA PARA A AJA (Australian Journalists' Association)

515. 6 DEZEMBRO 1990 LUSA A SUSPENSAO CONFIRMA-SE

516. E A SUSPENSÃO CONFIRMA-SE

517. 6 DEZEMBRO 1990 MAS SEM RAZÃO PARA A
SUSPENSÃO

(A SAGA CONTINUA EM ABRIL 1991 VER CAPÍTULO 8)

518. 7 DEZEMBRO 1990 RDP

519. 7 DEZEMBRO 1990 PÚBLICO

520. 8 DEZEMBRO 1990 NOTÍCIA ENVIADA PARA O
PÚBLICO

521. 7 DEZEMBRO 1990 adiante se transcreve o original
da apresentação dum exposição fotográfica em
Camberra cujo texto original foi enviado para o PÚBLICO
mas do qual não localizei cópia em Português.

522. 10 DEZEMBRO 1990 PÚBLICO

523. DIRECT ACTION, SYDNEY 11 DEZEMBRO 1990

524. 11 DEZEMBRO 1990 CORREIO PORTUGUÊS

525. 12 DEZEMBRO 1990 PNA / CARTA DE ÁGIO
PEREIRA

526. 12 DEZEMBRO 1990 PNA

527. 13 DEZEMBRO 1990 ACÇÃO SOCIALISTA

528. A ENTREVISTA DE XANANA GUSMÃO NA ORIGEM
DA REPRESSÃO⁴¹⁰

410 PÚBLICO DESPACHO 123/90 14 DEZ 90

Sidney, 14 Dez.º, Público) notícias provenientes de Jacarta e divulgadas pela Australian Associated Press, completadas por notícias da Rádio Austrália em onda curta para o Pacífico, referem que o recrudescer da repressão em Timor-Leste desde Setembro se deve à entrevista concedida por Xanana Gusmão a um sindicalista australiano, Robert Domm.

De acordo com aquelas fontes segundo o Público conseguiu apurar, um estudante que teria ajudado Domm a avistar-se com Xanana Gusmão, líder das FALINTIL [Forças Armadas para a Libertação de Timor-Leste] está a mato com medo de ser apanhado e torturado pela Indonésia.

O estudante cuja identidade não pode ser revelada e que conduziu Robert Domm ao quartel-general de Xanana Gusmão, declarou que as tropas Indonésias estão a *"retraçar todos os movimentos de Robert Domm desde que chegou a Timor em início de Setembro com um visto de turista a fim de deterem todos aqueles com quem se avistou durante a sua estadia"*.

Segundo o seu depoimento os indonésios "não perdoam que um australiano em visita turística tenha conseguido fazer aquilo que milhares de soldados não conseguiram fazer desde 1975 estar em contacto com Xanana Gusmão".

O único encontro entre indonésios e Xanana ocorreu em 1983 quando o clero tentou intervir e arranjar um cessar-fogo. Se bem que a entrevista tenha sido simultaneamente publicada em Portugal e na Austrália a

25 de Outubro, ela teve lugar quase dois meses antes, facto que de acordo com aquele estudante e fontes diplomáticas em Jacarta atribuem ao recrudescer da violência em Díli a partir de Outubro com pelo menos 120 estudantes confirmados detidos e um número indefinido deles ainda sob detenção.

Todos estes detidos se têm queixado de terem sido "torturados, espancados, com torturas que variam dos choques eléctricos, as queimaduras de cigarros e cortes com lâminas de barbear".

As últimas notícias provenientes de Díli indicam que a situação na capital está mais calma nestas últimas semanas, mantendo-se o recolher obrigatório. Já o mesmo se não pode dizer da situação em Liquiçá, 28 km a oeste de Díli; do Manatuto, 100 km a leste de Díli; de Lospalos na Costa Leste, onde continuam a registar-se detenções, com os agricultores impedidos de fazerem as suas plantações como é habitual nesta época do ano, impedidos de saírem das suas aldeias e vilas e sujeitos ao recolher obrigatório que parece estender-se agora a vastas áreas do território.

Embora as comunicações com Díli continuem tão difíceis como dantes, certo é que os fluxos normais de informação de estudantes e de familiares de pessoas timorenses na Austrália está agora reduzido ao mínimo, fruto desta nova onda de repressão das autoridades Indonésias.

O Público contactou hoje um funcionário consular indonésio o qual se limitou a dizer que os vistos de turismo para Timor continuavam a poder ser pedidos por

qualquer cidadão australiano, escusando-se a comentar a notícia referente ao sindicalista Robert Domm.

529. A NOTÍCIA PUBLICADA NO SMH EM 14 DEZ 90

530. CARTA ENVIADA EM 13 DEZEMBRO A BAILÃO LOPES QUE ESCREVE PARA O CORREIO PORTUGUÊS E O QUAL DEU CONTA DE ATAQUES E CENSURAS AO AUTOR.

530. 14 DEZ 90 LUSA

531. 14 DEZEMBRO 1990 RDP

532. 14 DEZEMBRO 1990 PÚBLICO

533. SMH 14 DEZEMBRO 1990

534. ASSINATURA TIMOR GAP⁴¹¹

Sidney, 15 Dez.^o, Público) o tratado do Timor Gap entre a Indonésia e a Austrália foi ontem formalmente aprovado pela Assembleia Indonésia por aclamação, o que abre agora todas as possibilidades ao governo de Lisboa de entregar o caso ao Tribunal de Justiça de Haia.

O maior explorador de petróleo na região abrangida pelo acordo, a PETROZ NL ameaçou já tomar medidas se os seus interesses não forem salvaguardados. O acordo firmado há um ano entre a Austrália e Indonésia divide a área em 3 regiões, com a zona "A" potencialmente a mais rica a ser partilhada entre a Indonésia e a Austrália.

411 PÚBLICO DESPACHO #124/90 15 DEZ 90 URGENTE PRIORIDADE UM

Este acordo põe termo a mais de 40 anos de disputa entre as duas nações, mas é contestado pela falta de autoridade da Indonésia para a sua assinatura que cobre uma área com cerca de 200 km². O Dr. Jaap Poll da Petroz NL ameaçou já pôr o caso à consideração do Supremo Tribunal de Justiça australiano se as compensações a obter pela Petroz não forem suficientes.

A exploração da área prevista para meados de 1991 depende agora da finalização dos acordos entre os dois países prevista para Fevereiro próximo em conversações com os ministros dos recursos e energia australiano e indonésio, Senhores Griffiths e Ginandjar.

A ratificação do tratado ontem registada em Jacarta, exactamente seis meses após a sua aprovação pelo parlamento australiano, um ano e 3 dias depois de os MNE dos dois países, senador Gareth Evans e ministro Ali Alatas a terem anunciado, abre – segundo alguns juristas – caminho para que Portugal conteste este acordo no Tribunal Internacional de Haia.

A Austrália tem tido uma constante quase total subserviência aos interesses de Jacarta.

Em 18 Setembro de 1985 o conselheiro da embaixada portuguesa em Camberra entregou ao MNE australiano uma nota formal de protesto contra o início de conversações entre o governo australiano e a Indonésia para a exploração conjunta das jazidas de gás e petróleo no mar de Timor, na zona conhecida como Timor Gap.

Foi nessa data que veio à Austrália o então ministro da energia e recursos minerais indonésio, general Subroto,

para as negociações e assinatura de um acordo entre os dois países. A Austrália insatisfeita com o longo processo de negociações bilaterais entre a Indonésia e Portugal, sob os auspícios das Nações Unidas, pensava que a demora só poderia favorecer a Indonésia razão pela qual finalmente se decidiu a formalizar o acordo inicialmente estabelecido em Setembro 1985.

Quarenta por cento do débito indonésio é em ienes, e com a constante valorização da moeda japonesa face à rupia indonésia, e sendo as receitas de petróleo aproximadamente 37 por cento do total do rendimento bruto, fácil é perceber a pressa dos dois países em instrumentalizar o acordo relativo aos 200 km de fronteira marítima comum.

Entretanto o governo português utilizando os meios diplomáticos ao seu alcance protestou contra o acordo, declarando-o ilegal no âmbito da resolução 37/30 das Nações Unidas, e constituindo um manifesto e gravoso desrespeito pelo direito internacional. A tese até agora avançada por meios indonésios e australianos de que Timor-Leste jamais poderia ser independente dada a falta de recursos naturais, cai por terra no momento em que as duas nações – Austrália e Indonésia – decidem explorar as reservas marítimas do mar de Timor.

Lembre-se a propósito a existência de pequenas nações do Pacífico Sul, cuja área é semelhante ou menor do que Timor e para as quais não se pôs nenhum problema de independência. Desnecessário se torna lembrar que a Austrália é hoje independente graças ao apoio dado pelos timorenses aos australianos que durante a segunda Grande Guerra se opuseram ao domínio japonês.

Dependia então e agora da pressão portuguesa sobre a CEE, a iniciação de medidas de retaliação contra a tomada desta provocativa atitude australiana.

As fronteiras marítimas entre a Austrália e a Indonésia foram estabelecidas num acordo em 18 de Maio 1971, que fixou a fronteira no mar de Arafura, e no acordo de 9 de Outubro 1972, ambos ratificados em Novembro 73. A fronteira não era uma linha equidistante entre os dois países, mas antes um compromisso entre a posição Indonésia que mantém a existência de uma única plataforma marinha entre os dois países e a posição australiana que dizia haver duas plataformas, sendo a australiana uma plataforma profunda de mais de 3 km de profundidade nalguns pontos orientada de leste para oeste.

A área conhecida como "*Timor Gap*" foi negociada entre a Austrália e Portugal em 1971-1972, quando Timor-Leste não era ainda um problema para Portugal, que aguardava as conclusões sobre a 3ª conferência das Nações Unidas sobre as leis dos mares. A Austrália ficou favorecida pois acabou por reter cerca de 70% do subsolo marítimo entre os dois países, talvez por a Indonésia não se ter apercebido do potencial da área.

Por último, a pressão dos defensores do meio ambiente na Austrália poderão vir a opor-se à exploração das reservas, criando problemas profundos à Indonésia nas bases do tratado de exploração conjunta. Se o acordo de Setembro resolveu alguns problemas para a Austrália e Indonésia, decerto criou outros maiores, logo que e quando Portugal se decida a actuar de forma activa e

levar o caso a julgamento internacional, para além de criarem condições para uma fase de tolerância e compreensão entre a Austrália e Indonésia.

A 1ª conferência da ONU relativa à Lei do Mar em 1958, adoptou tratados que constituíam os princípios básicos da legislação, havendo alguns pontos contenciosos que ficaram por resolver durante a 2ª conferência. A falta de generosidade de Portugal ao negociar então com a Austrália foi inteligente, embora ninguém pudesse prever que a 3ª conferência durasse de 1973 a 1982!

Nas negociações australo-indonésias de 71/72, o governo de Camberra adoptou a definição proposta na convenção de Genebra de 1958 que define a plataforma continental marítima como a *"área submersa, seu subsolo adjacente à costa mas fora da área territorial, com uma profundidade até 200 metros ou para além deste limite quando a profundidade das águas adjacentes permita a exploração dos recursos naturais"*.

Em 1982 a nova lei e em especial o artigo 76º, não são suficientemente específicos para a delimitação de fronteiras mas dão à Austrália o direito de exercer jurisdição sobre o subsolo mesmo se a plataforma continental não atingir as 200 milhas náuticas.

As fontes de recursos naturais que constituem mais de 20% do PNB do Território Norte australiano, estão em vias de uma enorme expansão, a maior desde sempre. A exportação de petróleo em particular está a providenciar uma bonança económica, inesperada há vinte anos quando os timorenses viviam em paz sob a bandeira portuguesa. O valor das exportações de petróleo passou

de zero para mais de um bilião de dólares [117 mil milhões de Escudos], o que representa um montante equivalente à exploração mineira. Se não houver problemas na exploração petrolífera offshore do mar de Timor, as expectativas para o futuro são ainda melhores. Darwin irá tornar-se na capital do petróleo até ao fim da década, à medida que as reservas do estreito de Bass que separa a Austrália da Tasmânia se esgotam totalmente.

A zona do mar de Timor, maior do que a zona do Mar do Norte no Reino Unido, tem estado com inúmeras torres de exploração a trabalharem continuamente 24 horas ao dia, e a maior exploradora a gigantesca BHP. Petroleum australiana espera confiantemente descobrir mais jazidas com biliões de barris de petróleo por dia para serem exploradas.

A companhia singapurina Lunik Engineering decidiu já instalar uma unidade de processamento e montagem de pontas de diamante, para serem utilizadas na perfuração das jazidas marítimas do mar de Timor. Uma empresa de Melbourne está já instalada na região a produzir as estruturas metálicas das torres de exploração offshore e a BHP PRI, subsidiária de refinação de carbonetos planeia instalar um gigantesco depósito de derivados do petróleo para abastecerem aquelas torres de exploração.

Por outro lado, a exploração das jazidas de gás na região serve já para abastecer várias minas e uma central eléctrica. Projectos para exploração de gás natural liquefeito, metanol e gasolina derivados de gás natural, estão em vias de realização, utilizando os gasodutos já instalados na região. O ministro para minas e energia do

território, J. Coulter mostrou-se recentemente satisfeito com o progresso da região, afirmando que o mesmo contribui para *"um meio ambiente mais limpo e menos poluído, além de proporcionar custos menores na produção de electricidade através de poupanças derivadas das economias escalares dos projectos"*.

As tarifas de electricidade desde 1986 que não são alteradas, o que deve ser um recorde inigualável no mundo. Por outro lado, a exploração mineira entrará em depressão entre 3 a 5 anos, afectadas também pela guerra contra a degradação do meio ambiente e contra a exploração do urânio pelo que a exploração do mar de Timor assume aspecto de relevo em relação ao futuro.

O "Pacific News Bulletin" dedicava recentemente a sua terceira página subordinada ao título *"Alerta máximo – o tratado do Timor Gap"*. O artigo foca que quer a Austrália quer a Indonésia ignoram que Timor-Leste é a única entidade com legitimidade para negociar aquela região do mar de Timor. Citando que as jazidas são das 25 mais ricas no mundo descobertas até à data, o artigo cita que o acordo serve fins diplomáticos para Jacarta e fins materiais para a Austrália.

Dado tratar-se do primeiro acordo internacional a reconhecer a soberania de Jacarta sobre Timor-Leste, o curioso é que a Austrália quer através de Bob Hawke, primeiro-ministro, quer através do seu MNE senador Gareth Evans estão a desmentir *"aquilo que anteriormente disseram de que Timor era demasiado pobre para ser independente"*. Citando fontes próximas do ministro nipónico do comércio e indústria o diário "Financial Review" citava recentemente haver *"um orçamento de dez*

mil milhões de dólares (120 mil milhões de Escudos) para ser gasto na exploração e prospecção petrolífera.”

A primeira companhia japonesa na Austrália foi a "JNOC" [Japan National Oil Corp.] que há três anos tem vindo a efectuar prospecções na Austrália, no mar de Timor (onde dispõe de duas plataformas) e junto às ilhas adjacentes Cartier e Ashmore. Ainda segundo aquele jornal o director geral da "JNOC" Takashi Kikuchi, disse que "a penetração dos japoneses no mercado australiano e em especial no mar de Timor destina-se a suprir as necessidades nipónicas desde a fase de prospecção até à fase de produção.”

535. 15 DEZEMBRO 1990 RDP

536. MINISTRO AUSTRALIANO DESMENTE A AMEAÇA PORTUGUESA⁴¹²

SIDNEY, PÚBLICO 16 DEZ 90] O ministro australiano da energia e recursos minerais, Alan Griffiths declarou hoje [domingo] à cadeia nacional de rádio ABC, que a Austrália estava confiante de poder contestar no Tribunal Internacional de Haia qualquer protesto português contra a ratificação pela Indonésia do acordo do Timor Gap celebrada na sexta-feira em Jacarta.

O ministro Griffiths salientou que apesar dos seis meses de debate ocorridos na Indonésia, o parlamento daquele país – por muitos tido como um mero veículo legitimador de decisões do governo – apenas uma voz se havia levantado contra o tratado e essa era devido a condições

412 PÚBLICO DESPACHO 125/90 16 DEZ 90

mais favoráveis para a Austrália explorar a zona conjunta do tratado denominada zona "A" abarcando cerca de 200 km² da região do mar de Timor. Essa voz discordante pertencia a B. N. Marbun do Partido Democrático Indonésio, a quarta maior agremiação política indonésia, o qual não obstante as suas reservas votou a resolução por aclamação.

Entretanto em Sidney, Eric Sidoti da Amnistia Internacional em entrevista concedida à comunicação social mostrava-se hoje [domingo] preocupado com a corrente onda de violações dos direitos humanos em Timor-Leste, onde alegadamente mais de uma centena de estudantes foram arbitrariamente detidos e sujeitos a torturas. Sidoti declarou que embora no passado os protestos do governo australiano de pouco tenham servido, era necessário manter a pressão sobre o governo indonésio para que a situação em Timor fique menos tensa. Eric Sidoti acrescentou que o capítulo australiano da Amnistia Internacional via com preocupação o recente recrudescer das violações dos direitos humanos em Timor-Leste, onde vigorava um recolher obrigatório com um inusitado aumento de detenções de dissidentes estudantes, se bem que por curtos períodos, mas que havia ainda muitos entre os 120 confirmadamente detidos cujo paradeiro era desconhecido.

Sidoti, que citou como fontes relatórios de várias fontes, apelou ao governo de Bob Hawke para que fizesse respeitar os direitos humanos do povo de Timor-Leste desde há muito impedido de ter acesso aos mais básicos direitos humanos.

538. INDONÉSIA CONCORDA EM VISITA PARLAMENTAR AUSTRALIANA A TIMOR⁴¹³

Sidney, 17 Dez.^o, 1990, Público) A Indonésia concordou em princípio em autorizar a deslocação a Timor-Leste de uma delegação do parlamento federal australiano a Timor-Leste, a primeira que se realizar em 7 anos.

A delegação australiana de sete membros, dentre os quais se deve contar o influente e activo Laurie Ferguson, coordenador na Austrália do grupo PET (de parlamentares para Timor-Leste), pode causar manifestações anti-indonésias, dado que no passado as forças da resistência nacionalista Fretilin têm-se servido das visitas de diplomatas e altas personalidades estrangeiras para atrair a atenção sobre a sua causa.

A situação em Timor-Leste tem estado bastante tensa nos últimos meses e em especial depois da entrevista dada pelo líder da guerrilha [FALINTIL] Xanana Gusmão ao sindicalista australiano Robert Domm, a qual motivou novas detenções e alegações de mortes e torturas.

Fontes australianas declararam à Australian Associated Press que aquele sindicalista avistou-se no fim-de-semana com John Dauth, o secretário principal do ministro australiano dos estrangeiros senador Gareth Evans, ao qual teria dado um "briefing" sobre a sua entrevista com Xanana.

Críticos do governo alertaram nas últimas semanas para a duplicidade de critérios da Austrália em relação a Timor-Leste e a ao Kuwait. Entretanto noutra desenvolvimento, foi confirmada pelo gabinete do ministro dos negócios estrangeiros, a visita do senador Evans a Lisboa em Janeiro próximo.

A Indonésia havia recusado nos últimos anos, visitas de delegações parlamentares estrangeiras a Timor-Leste, mas segundo a notícia ora divulgada a Indonésia não teria imposto condições ou pré condições à delegação parlamentar australiana.

A última visita parlamentar australiana efectuada em 1983, era chefiada por Bill Morrison, ex-ministro da defesa do governo trabalhista de Gough Whitlam [1972-75] e ex-embaixador em Jacarta, e dela resultou a execução de líderes guerrilheiros que se avistaram com a delegação.

Na semana passada, o governador de Timor-Leste, Mário Viegas Carrascalão teria ameaçado demitir-se por causa da violência repressiva utilizada pelos indonésios, que causou já pelo menos mais de uma centena de detenções.

539. 17 DEZ 90 SMH

540. 17 DEZEMBRO 1990 RDP

541. 18 DEZ 1990 PÚBLICO

542. 20 DEZEMBRO 1990 RESOLUÇÕES DA
ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA PORTUGUESA

543. 21 DEZEMBRO 1990 DN (DIÁRIO DE NOTÍCIAS)

544. 22 DEZEMBRO 1990 EXPRESSO

545. 25 DEZEMBRO 1990 RDP

546. J. RAMOS-HORTA despeitado por ter sido desmascarado quando pretendia intitular-se embaixador itinerante da FRETILIN (ver notícia 7 Nov.º 90) cria a sua agência noticiosa “ETNA” para substituir o autor recentemente suspenso pela LUSA (notícia enviada pela Fretilin Darwin)

547. 27 DEZ 90 CONVITE PET PARA 3º SEMINÁRIO DE TIMOR

548. 29 DEZ 90 PÚBLICO (mais uma vez a autoria da notícia é atribuída a outrem...)

549. 29 DEZEMBRO 1990 SMH

550. 31 DEZEMBRO 1990 RDP

551. INSIDE INDONESIA DEZEMBRO 1990

552. TAPOL DEZEMBRO 1990~

553. A GRANDE CRISE AUSTRALIANA⁴¹⁴

553.1. O FIM DOS MONOPÓLIOS NA COMUNICAÇÃO SOCIAL

Sidney, 5 Janeiro 91, Público) Terminou 1990, o ano em que se assistiu à queda de todos os maiores grupos monopolizadores da comunicação social australianos, desde o de Alan Bond, a Christopher Skase, ao mais antigo grupo familiar o Fairfax que publica os vetustos jornais Sydney Morning Herald e The Age.

Das cinco cadeias nacionais de TV, duas estão falidas e a terceira debate-se com enormes problemas de liquidez, assistindo-se pela primeira vez a uma situação em que os canais governamentais da ABC e o multicultural SBS começam a competir em termos de audiência com os canais privados. Para este ano espera-se pelo menos que um dos canais comerciais desapareça ou que passe a ter uma função diferente.

No campo da imprensa escrita 1990 caracterizou-se pelo desaparecimento de vários jornais e a recente amalgamação de dois títulos do grupo Murdoch que se debate com mais de 12 biliões de dólares em dívidas.

553.2 A GRANDE DEPRESSÃO SERÁ MESMO UMA RECESSÃO?

Se na comunicação social as coisas se passam mal com mais de 1600 jornalistas profissionais actualmente desempregados num total de 8 mil, é no campo económico que a Austrália mais se salientou no ano ora findo. Com efeito as únicas coisas positivas foram a recente redução das taxas de juros de 17,5% para 14,5 e a redução da inflação para os 5,5%. Em tudo o mais, o

ano assistiu a um número recorde de falências, afectando desde as maiores empresas até às mais pequenas.

De Outubro a Dezembro mais de 300 mil pessoas ficaram desempregadas, aumentando a taxa de desemprego para 8,2%, a primeira subida da mesma desde 1983, quando os trabalhistas assumiram as rédeas do poder e se confrontaram com uma taxa de desemprego superior a 10%. A grande diferença da depressão de 1982/83 para esta, de que se trata de uma verdadeira recessão que afecta desde os mais bem pagos quadros à mão-de-obra indiferenciada.

O ano assistiu ainda a debates acesos sobre a imigração, com um recrudescer de atitudes racistas e inúmeras vozes proclamando que deveriam ser fechadas as portas à imigração que este ano fiscal deverá atingir 160 mil pessoas, o maior valor desde o fim da segunda Grande Guerra.

Em 1990, a Austrália assistiu ainda à venda ou à projectada privatização de alguns dos seus maiores recursos governamentais desde bancos a empresas de telecomunicações, numa tardia manifestação de tatcherismo que caracterizou o desespero do governo trabalhista incapaz de controlar uma situação económica desesperada que atingiu já os 150 biliões de dólares [15 000 biliões de Escudos] de dívida externa, a qual continua a aumentar a uma taxa de 1,5 biliões de dólares mensais [aprox. 150 biliões de Escudos/mês].

553.3 TIMOR FOI TEMA EM 1990

Em termos de popularidade nunca em sete anos este governo de Bob Hawke foi tão mal visto, com apenas cerca de 30% de aprovação eleitoral, malignado por crises internas e ameaças de revolta. A única vitória política australiana centra-se na aprovação em Junho passado pelo parlamento do acordo do Timor Gap celebrado entre a Austrália e a Indonésia para a exploração conjunta das riquezas do mar de Timor, tratado que apenas há um mês foi ratificado pela legislatura Indonésia.

No campo político assistiu-se a manifestações de timorenses e australianos contra o tratado em cidades de Sidney a Melbourne, Adelaide, Darwin e Camberra, contra o recrudescer das violações dos direitos humanos na ex-colónia e a realização de um sem fim de seminários sobre o assunto. Nunca desde 1975 se falou tanto em Timor na Austrália.

O ano passado proporcionou seminários, exposições e a primeira entrevistada por Xanana Gusmão líder das FALINTIL a um estrangeiro, desde que em 1983 passou a Comandante-em-Chefe dos guerrilheiros nacionalistas de Timor. A entrevista que propõe um plano de paz sem pré-condições para ser discutido com a Indonésia, foi recusada pela Indonésia e motivou mais detenções e torturas de timorenses. [ver caixa em separado].

554.4. O FIM DO PAÍS DA SORTE?

Foi o optimista ministro do tesouro, e candidato eterno a primeiro-ministro, Paul Keating, quem declarou logo a seguir à passagem do ano que 1990 assistira à *"desratização dos milionários australianos."*

Com o desemprego a aumentar mais de 7 mil pessoas por semana e com as taxas de juro a indicarem um arrefecer brusco da economia, Keating parecia patético na sua explicação do fim do boom australiano.

O estado de Vitória, o mais afectado está virtualmente na bancarrota, com 70% por cento de falências que incluem o banco estadual e as maiores entidades privadas de aforro público.

No mato onde a economia australiana se tem refugiado desde há duzentos anos, os espíritos estavam ainda mais sombrios, com a quebra de rendimentos na produção tradicional de lã orçando os 68%, mais de 20 milhões de ovelhas a serem abatidas e a maior parte sem utilização posterior [para carne por exemplo] e uma redução dos rendimentos das grandes quintas produtoras a rondar os 40%.

Os maiores bancos ajustaram os seus prejuízos para os 2,6 biliões de dólares [2 600 biliões de Escudos] em empréstimos não recuperáveis. Os grandes descontos do pós-natal começaram este ano a 27 de Dezembro em vez de 2 de Janeiro, tal era o desespero das cadeias retalhistas.

Alguns dos maiores milionários de há um ou dois anos estão neste momento presos ou enfrentando tribunais. Os jornais financeiros norte-americanos dizem que *"a pior coisa que há é um milionário australiano com um banqueiro amigo"* pois isso representa decerto uma falência em breve e se bem que os milionários australianos estivessem a conquistar a Norte América e o resto do mundo há dezoito meses estão invisíveis agora.

Só em cartões de crédito, o débito individual ronda os dois mil dólares [200 000\$00 Escudos] por cabeça e com a falta de fluidez de crédito cerca de 67% (!!!) dos australianos estaria nominalmente falido.

Para aqueles que em Portugal ainda querem emigrar para a Austrália aqui vai a notícia de que este ano saíram de vez do país mais de 50 mil ex-emigrantes, na sua maioria europeus, os quais preferem enfrentar a Europa Unida do que o país da sorte para onde vieram atraídos por um futuro promissor que se não materializou.

CAPÍTULO 8: 1991

1.1. A GRANDE CRISE AUSTRALIANA - O FIM DOS MONOPÓLIOS NA COMUNICAÇÃO SOCIAL

(SYDNEY, 5 JAN.º 91 Att. PÚBLICO EDITORIA INTERNACIONAL/NEGÓCIOS) – Terminou 1990, o ano em que se assistiu à queda de todos os maiores grupos monopolizadores da comunicação social australianos, desde o de Alan Bond, a Christopher Skase⁴¹⁵, ao mais antigo grupo familiar o Fairfax que publica os vetustos jornais Sydney Morning Herald e The Age. Das cinco cadeias nacionais de TV, duas estão falidas e a terceira debate-se com enormes problemas de liquidez, assistindo-se pela primeira vez a uma situação em que os canais governamentais da ABC e o multicultural SBS começam a competir em termos de audiência com os canais privados. Para este ano espera-se pelo menos que um dos canais comerciais desapareça ou que passe a ter uma função diferente. No campo da imprensa escrita 1990 caracterizou-se pelo desaparecimento de vários jornais e a recente amalgamação de dois títulos do grupo Murdoch que se debate com mais de 12 biliões de dólares em dívidas.

1.2. A GRANDE DEPRESSÃO SERÁ MESMO UMA RECESSÃO?

Se na comunicação social as coisas se passam mal com mais de 1600 jornalistas profissionais actualmente desempregados num total de 8 mil, , no campo económico

415 FALECIDO NO EXÍLIO EM MAIORCA EM 2002

que a Austrália mais se salientou no ano ora findo. Com efeito as únicas coisas positivas foram a recente redução das taxas de juros de 17,5% para 14,5 e a redução da inflação para os 5,5%. Em tudo o mais o ano assistiu a um número recorde de falências, afectando desde as maiores empresas até às mais pequenas. De Outubro a Dezembro mais de 300 mil pessoas ficaram desempregadas, aumentando a taxa de desemprego para 8,2%, a primeira subida da mesma desde 1983, quando os trabalhistas assumiram as rédeas do poder e se confrontaram com uma taxa de desemprego superior a 10%. A grande diferença da depressão de 1982/83 para esta é de que se trata de uma verdadeira recessão que afecta desde os mais bem pagos quadros à mão-de-obra indiferenciada. O ano assistiu ainda a debates acesos sobre a imigração, com um recrudescer de atitudes racistas e inúmeras vozes proclamando que deveriam ser fechadas as portas à emigração que este ano fiscal dever atingir 160 mil pessoas, o maior valor desde o fim da segunda grande guerra. Em 1990 a Austrália assistiu ainda à venda ou à projectada privatização de alguns dos seus maiores recursos governamentais desde bancos a empresas de telecomunicações, numa tardia manifestação de tatcherismo que caracterizou o desespero do governo trabalhista incapaz de controlar uma situação económica desesperada que atingiu já os 150 biliões de dólares [15000 biliões de escudos] de DÍVIDA externa, a qual continua a aumentar a uma taxa de 1,5 biliões de dólares mensais [aprox 150 biliões de escudos/mês].

1.3. TIMOR FOI TEMA EM 1990

Em termos de popularidade nunca em sete anos este o governo de BOB HAWKE tão mal visto com apenas cerca

de 30% de aprovação eleitoral, malignado por crises internas e ameaças de revolta. A única vitória política australiana centra-se na aprovação em Junho passado pelo parlamento do acordo do Timor GAP celebrado entre a Austrália e a Indonésia para a exploração conjunta das riquezas do mar de Timor, tratado que apenas há um mês foi ratificado pela legislatura indonésia. No campo político assistiu-se a manifestações de timorenses e australianos contra o tratado em cidades de Sidney a Melbourne, Adelaide, Darwin e Camberra, contra o recrudescer das violações dos direitos humanos na ex colónia e a realização de um sem fim de seminários sobre o assunto. Nunca desde 1975 se falou tanto em Timor na Austrália. O ano passado proporcionou seminários, exposições e a primeira entrevista dada por Xanana Gusmão líder das Falintil a um estrangeiro, desde que em 1983 passou a comandante em chefe dos guerrilheiros nacionalistas de Timor. A entrevista propõe um plano de paz sem pré-condições para ser discutido com a Indonésia, o qual foi recusado e motivou mais detenções e torturas de timorenses. [ver caixa em separado].

1.4. O FIM DO PAÍS DA SORTE?

Foi o optimista ministro do Tesouro, e candidato eterno a primeiro-ministro, Paul Keating, quem declarou logo a seguir à passagem do ano que 1990 assistira à desratização dos milionários australianos. Com o desemprego a aumentar mais de 7 mil pessoas por semana e com as taxas de juro a indicarem um arrefecer brusco da economia, Keating parecia patético na sua explicação do fim do “boom” australiano. O estado de Vitória, o mais afectado está virtualmente na bancarrota, com 70% por cento de falências que incluem o banco

estadual e as maiores entidades privadas de aforro público. No mato onde a economia australiana se tem refugiado desde há duzentos anos os espíritos estavam ainda mais sombrios, com a quebra de rendimentos na produção tradicional de lã orçando os 68%, mais de 20 milhões de ovelhas a serem abatidas e a maior parte sem utilização posterior [carne por exemplo] e uma redução dos rendimentos das grandes quintas produtoras a rondar os 40%.

Os maiores bancos ajustaram os seus prejuízos para os 2,6 biliões de dólares [2 600 biliões de escudos] em empréstimos não-recuperáveis. Os grandes descontos do pós-natal começaram este ano a 27 de Dezembro em vez de 2 de Janeiro, tal era o desespero das cadeias retalhistas. Alguns dos maiores milionários de há um ou dois anos estão neste momento presos ou enfrentando tribunais. Os jornais financeiros norte americanos dizem que *"a pior coisa que há é um milionário australiano com um banqueiro amigo"* pois isso representa decerto uma falência em breve e se bem que os milionários australianos estivessem a conquistar a norte América e o resto do mundo há dezoito meses eles estão invisíveis agora. Só em cartões de crédito o débito individual ronda os dois mil dólares [200000\$00 Escudos] por cabeça e com a falta de fluidez de crédito cerca de 67%!!! dos australianos estaria nominalmente falido. E para aqueles que em Portugal ainda querem emigrar para a Austrália a noticia de que este ano saíram de vez do país mais de 50 mil ex emigrantes na sua maioria europeus os quais preferem enfrentar a Europa unida do que o país da sorte para onde vieram atraídos por um futuro promissor que se não materializou.

De Sidney Austrália com os melhores votos para 1991

2. 5 JANEIRO 1991 RDP

3. O SILÊNCIO ABATE-SE SOBRE TIMOR-LESTE⁴¹⁶

Sidney, Público 5 Janeiro 91) Passaram-se mais de três semanas sobre as últimas notícias provenientes de Timor-Leste e os contactos com a ex-colónia portuguesa estão de momento - ao que o Público pode apurar - sob controle de autoridades indonésias, as quais respondem a todas as chamadas que para ali são feitas.

O mesmo facto foi revelado hoje ao Público por Alfredo Borges Ferreira representante da Fretilin na Austrália e Pacífico Sul que teria sido incapaz de contactar com representantes da resistência em Dili.

Por outro lado, fontes estudantis em Bali e em Jakarta [Indonésia] que normalmente entravam em contacto com fontes pró timorenses ou organismos de solidariedade para Timor têm estado surpreendentemente silenciosos desde que foi noticiado em meados de Dezembro que o recrudescer da repressão em Timor-leste desde Setembro se devia à entrevista concedida por Xanana Gusmão a um advogado e sindicalista australiano, Robert Domm.

De acordo com as fontes a que o Público teve acesso, um estudante que teria ajudado Domm a avistar-se com Xanana Gusmão, líder das Falintil [Forças Armadas para a

416 Público & LUSA 2/91

5 Jan. 91

Libertação de Timor-Leste] está a mato com medo de ser apanhado e torturado pela Indonésia.

O estudante cuja identidade não pode ser revelada e que conduziu Robert Domm ao quartel-general de Xanana Gusmão, declarou que as tropas indonésias estão a *"retraçar todos os movimentos de Robert Domm desde que chegou a Timor em início de Setembro com um visto de turista a fim de deterem todos aqueles com quem se avistou durante a sua estadia"*. Segundo o seu depoimento os indonésios *"não perdoam que um australiano em visita turística tenha conseguido fazer aquilo que milhares de soldados não conseguiram fazer desde 1975 estar em contacto com Xanana Gusmão"*.

O único encontro entre indonésios e Xanana ocorreu em 1983 quando o clero tentou intervir e arranjar um cessar-fogo. Se bem que a entrevista tenha sido simultaneamente publicada em Portugal e na Austrália a 25 de Outubro, ela teve lugar em 28 de Setembro, facto que de acordo com aquele estudante e fontes diplomáticas em Jakarta atribuem ao recrudescer da violência em Dili a partir de Outubro, com pelo menos 120 estudantes confirmados detidos, um número indefinido deles ainda sob detenção.

Todos estes detidos se têm queixado de terem sido "torturados, espancados, com torturas que variam dos choques eléctricos, as queimaduras de cigarros e cortes com lâminas de barbear".

As últimas notícias provenientes de Dili indicam que a situação na capital está mais calma nestas últimas semanas, mantendo-se o recolher obrigatório. Já o

mesmo se não pode dizer da situação em Liquiçá , 28 km a oeste de Dili, do Manatuto, 100 km a leste de Dili, e de Lospalos na costa leste, onde continuam a registar-se detenções, com os agricultores impedidos de fazerem as suas plantações como é habitual nesta época do ano, impedidos de saírem das suas aldeias e vilas e sujeitos ao recolher obrigatório que parece estender-se agora a vastas áreas do território.

Embora as comunicações com Dili continuem tão difíceis como dantes, certo é que os fluxos normais de informação de estudantes e de familiares de pessoas timorenses na Austrália está agora reduzido ao mínimo, fruto desta nova onda de repressão das autoridades indonésias. O Público contactou um funcionário consular indonésio o qual se limitou a dizer que os vistos de turismo para Timor continuavam a poder ser pedidos por qualquer cidadão australiano, escusando-se a comentar a notícia referente ao sindicalista Robert Domm.

Entretanto a visita de parlamentares australianos a Timor-leste prevista para Fevereiro dever ir avante embora não haja ainda mais detalhes sobre quem serão os sete parlamentares, dentre os quais se deve contar o influente e activo Laurie Ferguson, coordenador na Austrália do grupo parlamentares para Timor-leste, e cuja presença pode causar manifestações anti indonésias, dado que no passado as forças da resistência nacionalista Fretilin tem-se servido das visitas de diplomatas e altas personalidades estrangeiras para atrair a atenção sobre a sua causa.

Críticos do governo australiano alertaram nas últimas semanas para a duplicidade de critérios da Austrália em

relação a Timor-leste e a ao Kuwait. Entretanto noutra desenvolvimento, foi confirmada pelo gabinete do ministro dos negócios estrangeiros, a visita do senador Evans a Lisboa em Janeiro.

A Indonésia havia recusado nos últimos anos visitas de delegações parlamentares estrangeiras a Timor-leste, mas segundo a notícia ora divulgada a Indonésia não teria imposto condições ou pró condições à delegação parlamentar australiana.

A última visita parlamentar australiana efectuada em 1983, era chefiada por Bill Morrison, ex-ministro da defesa do governo trabalhista de Gough Whitlam [1972-75] e ex embaixador em Jakarta, e dela resultou a execução de líderes guerrilheiros que se avistaram com a delegação.

Em Dezembro, o governador de Timor-leste, Mário Viegas Carrascalão teria ameaçado demitir-se por causa da violência repressiva utilizada pelos indonésios, que causou já pelo menos mais de uma centena de detenções.

4. 8 JANEIRO 1991 RDP

5. 8 JANEIRO 1991 SMH

6. RAMOS HORTA ELOGIA SADDAM HUSSEIN⁴¹⁷

Sidney, 8 Janeiro 91) Em entrevista hoje concedida ao único jornal nacional australiano the Australian José Ramos Horta elogia Saddam Hussein por *"ter o condão de*

ser um consumado diplomata que nas bermas dos debates ideológicos não teme lançar ultimatoss aos seus adversários".

Ramos Horta falava na inauguração do seu segundo curso de diplomacia internacional, uma aventura da universidade de Nova Gales do Sul iniciada o ano passado e destinada a recipientes de países asiáticos e da América latina que não tem meios de aprenderem os intrincados meandros da diplomacia internacional. O curso que o ano passado teve a participação de mais de uma vintena de candidatos de vários países, reúne segundo Ramos Horta afirmou ao Australian 40 pessoas de 20 países, desde Timor-leste à indonésia, de Vanuatu, das Fiji, da papua nova guine, Iraque, Tibete, etc.

Ramos Horta, o director executivo deste programa de treino diplomático que tem a duração de 160 horas espalhadas durante cerca de 4 semanas declarou ainda que "*Saddam Hussein como mestre que é esperar até ao último minuto antes de avançar com uma proposta que seja embaraçosa para [o presidente George Bush] os Estados Unidos refutarem*".

“O espírito de bluff rebelde e a presença de sicofantes em torno de Hussein são armas legítimas no arsenal de um diplomata” acrescentou Horta que durante 14 anos foi o embaixador de Timor nas Nações Unidas.

Ramos Horta que havia abandonado a FRETILIN em Outubro de 1989 regressou ao seu seio como militante em Setembro deste ano e declara que o “*seu maior êxito se resume ao facto de as Nações Unidas não terem reconhecido a anexação de Timor-leste pela Indonésia em*

1975” acrescentando que *“encontrou armas legítimas como as de Saddam Hussein na ONU e muito piores durante os seus anos na ONU.”*

A maior parte dos participantes neste curso provêm da região da Ásia e Pacífico e trabalham para ONG's [organismos não governamentais], que muitas vezes se opõem ao governo dos seus países.

“A rudeza é bem aceitável em circunstâncias específicas se se quiser extrair vantagens ao adversário” acrescentou Ramos Horta àquele jornal australiano, citando como exemplos os chineses e os soviéticos, terminando por dizer que *“os americanos foram sempre os piores, os britânicos os melhores e os australianos variavam de péssimo a ótimo.”*

7. MAIOR SINDICATO AUSTRALIANO APOIA A CAUSA DE TIMOR-LESTE⁴¹⁸

Sidney, 9 Jan. 91, Sidney [Público] – o boletim bimensal do maior sindicato australiano [cerca de cem mil sócios a nível nacional], PSU [sindicato do funcionalismo público federal] que esta semana foi publicado ocupa pela primeira vez na história toda a sua capa com uma fotografia de um timorense. A capa a 4 cores, é da autoria de Mel Sylvester tirada em Timor 1975 a um jovem timorense armado de G-3 e granadas e a tocar guitarra.

O artigo que acompanha esta edição a quatro colunas tablóides, foi escrito por MICHELE TURNER que está a preparar um livro intitulado *Timor-leste [East Timor] Lest*

We Forget' [para que não esqueçamos Timor-Leste] e o qual recorda depoimentos dos sobreviventes das três invasões de Timor [japonesa e australiana durante a guerra e indonésia em 1975].

Um dos pontos mais interessantes do extenso artigo cita: "quando os australianos perguntam aos timorenses porque é que eles não aproveitam e vivem em paz sob o domínio indonésio, os timorenses perguntam aos australianos para que é que eles lutaram há 49 anos atrás contra os japoneses. Claro que o país seria hoje japonês, e os australianos seriam cidadãos de segunda, mas de qualquer forma ainda poderiam viver na Austrália..."

O artigo captura bem a mudança de atitudes de vários países em relação aos pequenos países de se defenderem de invasões como a do Kuwait e de Timor-leste.

8. JOVENS DE MELBOURNE CONTESTAM LIDERANÇA POLITICA TIMORENSE⁴¹⁹

Sidney, 10 Jan. 91, Público, – o fluxo de informação relativa a Timor é sempre difícil quer pela dificuldade de reportar notícias do interior do território, quer pela diversidade de organismos envolvidos na questão de Timor.

Nem sempre as personalidades envolvidas na questão de Timor querem que todas as suas actividades e encontros comunitários sejam conhecidos do grande público a menos que favoreçam desígnios pessoais ou políticos.

Esta a dedução que se poderia tirar de uma das mais importantes reuniões de esclarecimento na importante comunidade timorense de Melbourne [estado de vitória] e a qual se bem que ocorrendo no fim de Novembro só agora chegou ao conhecimento do público, através da publicação do boletim mensal HADOMI que há treze anos se publica em Melbourne.

9. 9 JANEIRO 1991 CARTA A BARBEDO DE MAGALHÃES

10. O SINDICATO DA FUNÇÃO PÚBLICA AUSTRALIANA (PSU) PUBLICA PELA PRIMEIRA VEZ NO SEU JORNAL “OUR VOICE” UM ARTIGO DEDICADO A TIMOR, DA AUTORIA DA FALECIDA JORNALISTA E ESCRITORA MICHELE TURNER, AUTORA DO LIVRO TIMOR LEST/E – EAST TIMOR – LEST WE FORGET”

11. CARTA RECEBIDA DE PADDY KENEALLY, COMBATENTE ANZAC EM TIMOR NA 2ª GRANDE GUERRA E NO QUAL ESTE FAZ UMA ANÁLISE DA SITUAÇÃO MUNDIAL EM RELAÇÃO A TIMOR.

12. JANEIRO 1991: CARTA DE BAILÃO LOPES⁴²⁰, um “AMIGO DE TIMOR” que durante anos compilou e publicou notícias sobre timor. Aqui se comprova o que atrás ficou dito sobre a CENSURA aos meus textos

13. 16 JANEIRO 1991 RDP

14. 19 JANEIRO 1991 RDP

420 FALECIDO EM 1998.

15. 22 JANEIRO 1991 RDP
16. 22 JANEIRO 1991 CORREIO PORTUGUÊS
17. 24 JANEIRO 1991 PÚBLICO
18. 25 JANEIRO 1991 RDP
19. 26 JANEIRO 1991 RDP
20. 27 JANEIRO 1991 RDP
21. 29 JANEIRO 1991 RDP
22. 29 JANEIRO 1991 RDP
23. 29 JANEIRO 1991 CORREIO PORTUGUÊS
24. 29 JANEIRO 91 PÚBLICO
25. 1 FEVEREIRO 1991 RDP
26. 2 FEVEREIRO 1991 PÚBLICO
27. 2 FEV.^o 91 SMH
28. 2 FEVEREIRO 1991 RDP
29. 3 FEV.^o 1991 PÚBLICO
30. 4 FEV.^o 1991 PÚBLICO
31. 4 FEVEREIRO 1991 RDP

32. 5 FEV.º 1991 PÚBLICO

33. 6 FEV.º 1991 PÚBLICO

34. 7 FEV.º 1991 RDP

35. 8 FEV.º 1991 RDP

36. 8 FEV.º 1991 SMH

37. 9 FEVEREIRO 1991

38. 11 FEV.º 1991 RDP

39. 11 FEV.º 91 SMH

40. 12 FEV.º 1991 RDP

41. 12 FEV.º 91 SMH

42. 12 FEVEREIRO 91 PÚBLICO

Apesar de assinada pelo F. Sousa, como se depreende, a NOTÍCIA É TOTALMENTE ORIGINADA PELO AUTOR NA AUSTRÁLIA...

43. 12 FEVEREIRO 91 PÚBLICO

44. 13 FEV.º 1991 RDP

45. 13 FEV.º 91 SMH

46. 13 FEV.º 1991 RDP

47. 14 FEVEREIRO 1991 PÚBLICO
48. 15 FEVEREIRO 1991 PÚBLICO
49. 16 FEVEREIRO 1991 PÚBLICO
50. 17 FEV.º 1991 PÚBLICO
51. 18 FEV.º 91 PÚBLICO
52. 20 FEV.º 1991 RDP
53. 20 FEV.º 1991 RDP
54. 21 FEV.º 1991 PÚBLICO
55. 22 FEV.º 1991 RDP
56. 23 FEV.º 1991 RDP
57. 23 FEV.º 1991 RDP
58. 23 FEV.º 1991 PÚBLICO
59. 25 FEV.º 1991 RDP
60. 26 FEV.º 1991 RDP
61. 26 FEV.º 91 CORREIO PORTUGUÊS
62. 27 FEV.º 1991 RDP
63. 27 FEV.º 91 PNA

64. E TAL COMO ANTERIORMENTE ANUNCIADO VAI SURGIR A ETNA
65. 28 FEV.º 1991 RDP
66. BOLETIM TAPOL FEV.º 91
67. 1 MARÇO 1991 RDP
68. 1 MARÇO 1991 RDP
69. 1 MARÇO 1991 SMH
70. 1 MARÇO 1991 RDP
71. 2 MARÇO 1991 CARTA A BARBEDO DE MAGALHÃES E ÀS TERCEIRAS JORNADAS DE TIMOR
72. 4 MARÇO 1991 PETIÇÃO PAZ E JUSTIÇA POR TIMOR-LESTE
73. 5 MARÇO 1991 RDP JORGE SAMPAIO NA AUSTRÁLIA
74. 6 MARÇO 1991 RDP
75. 11 MARÇO 1991 RDP
76. 12 MARÇO 1991 CORREIO PORTUGUÊS
77. CARTA DE 21 MARÇO 1991 E UM REGRESSO A 1969
78. 22 MARÇO 1991 RDP

79. 25 MARÇO 1991 RDP

80. 27 MARÇO 1991 RDP421

SIDNEY, 27/3/1991 24:00 RDP RÁDIO COMERCIAL) Mais de 48 horas depois de uma delegação de 15 países ter apelado ao sec.º geral da ONU, Xavier Perez de Cuellar para fazer cumprir as resoluções da ONU em relação a Timor-Leste, a notícia acaba por ser revelada na Austrália. A cadeia nacional de rádio ABC e a cadeia televisiva multicultural SBS noticiaram o acontecimento e o principal programa de análises noticiosas do dia, da cadeia nacional, dedicou 10 minutos, ou seja 1/5 da sua programação da noite ao problema, com uma entrevista ao presidente do comité internacional de parlamentares a favor de Timor, Lorde Avebury.

Lorde Avebury mostrou-se confiante de que o tratado do Timor Gap entre Austrália e a Indonésia seria anulado e aquela arrepender-se-ia da sua gula pelo petróleo e gás natural.

Entretanto a Rádio Comercial que há dois dias tenta obter um depoimento do grupo de pressão de parlamentares para Timor-Leste continua sem conseguir obter uma declaração em relação aos últimos acontecimentos. Entre os grupos de apoio a Timor e os representantes da Resistência Nacionalista continuam infelizmente a registar-se lutas e dissidências internas numa altura em que a unidade devia ser factor primordial.

O silêncio sobre Timor que se verifica desde Dezembro coincide com as consequências da visita do sindicalista australiano Robert Domm a Timor para entrevistar Xanana Gusmão. Líder da resistência, e a qual precedeu um dos maiores exercícios de repressão do exército indonésio sobre os timorenses.

Mas enquanto a comunicação social ignora o problema de Timor, o canal multicultural de TV, SBS, vai passar em 9 de Abril, a segunda versão do primeiro filme documentário australiano “Sombras sobre Timor-Leste” inicialmente produzido em 1987 e no qual se compara a situação de Timor à do Kuwait (Koweit).

81. INSIDE INDONÉSIA MARÇO 1991

82. 27 MARÇO 1991 Entretanto a AJA (AUSTRALIAN JOURNALISTS' ASSOCIATION) tornava bem claro que o autor não infringira nenhuma norma ética e fora vítima de uma suspensão de trabalho meramente política, CONFORME SE VÊ DA CORRESPONDÊNCIA SEGUINTE, ENTRE O AUTOR, LUSA E A AJA.

83. 2 ABRIL 1991 CARTA PARA A LUSA

84. 15 ABRIL 1991 CARTA PARA A AJA

85. 19 ABRIL 1991 CARTA PARA A LUSA

86. 23 ABRIL 1991 CARTA SINDICATO JORNALISTAS PORTUGUESES

87. CARTA DA AJA PARA A IFJ (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE JORNALISTAS)

Entretanto a AJA (AUSTRALIAN JOURNALISTS' ASSOCIATION) tornava bem claro que o autor não infringira nenhuma norma ética e fora vítima de uma suspensão de trabalho meramente política, conforme se vê da correspondência entre o autor, LUSA e a AJA, nas páginas anteriores.

88. ABRIL 1991 BOLETIM PET

89. 4 ABRIL 1991 TV GUIDE AUSTRÁLIA

90. 7 ABRIL 1991 THE OBSERVER

91. 20 ABRIL 1991 TIMES LONDRES

92. 22 ABRIL 1991 TAPOL

93. ABRIL 1991 COMUNICADO RENETIL

94. 9 MAIO 1991 APELO DE CRISTÃOS A S. S. O PAPA

95. O AUTOR EM REPRESENTAÇÃO DA AJA – AUSTRALIAN JOURNALISTS' ASSOCIATION DESLOCOU-SE A PORTUGAL ÀS 3^{as} JORNADAS SOBRE TIMOR-LESTE ORGANIZADO PELO INFATIGÁVEL PROFESSOR ANTÓNIO BARBEDO DE MAGALHÃES, CONTEMPORÂNEO DO AUTOR EM TIMOR-LESTE. ALÉM DA APRESENTAÇÃO FEITA AO SEMINÁRIO, O AUTOR TRADUZIU AINDA TODAS AS ACTAS DO EVENTO, E SERVIU DE INTÉRPRETE DE CONFERENCIA PARA OS PARLAMENTARES EUROPEUS ALI PRESENTES, JUNTAMENTE COM O PRESIDENTE DA REPUBLICA DR. MÁRIO SOARES E

OUTRAS ALTAS INDIVIDUALIDADES MUNDIAIS E PORTUGUESAS. NAS PÁGINAS SEGUINTE SE PUBLICAM EXCERTOS DO EVENTO E NOTÍCIAS SOBRE O MESMO PUBLICADAS EM VÁRIOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO.

ANTES DA TRANSCRIÇÃO EM INGLÊS DO EVENTO JUNTAM-SE DOCUMENTOS DO MEU DISCURSO EM PORTUGUÊS E OUTROS DOCUMENTOS ORIGINAIS QUE FICARÃO PARA A HISTÓRIA.

96. DISCURSO DE ABERTURA DO PROFESSOR BARBEDO DE MAGALHÃES

97. 9-11 MAIO 1991 – III Seminar on East Timor: East Timor, Portugal and the International Community ⁴²²

Between May 9 and 11, the University of Oporto in Portugal came alive with debates on the fate of East Timor. Promoted by its Chancellery for the third year in a row, the Seminar attracted Parliamentarians, journalists, jurists, Timorese national convergence representatives, East Timorese individuals and political personalities.

This year the seminar's motto was "*Complementary responsibilities on the same fight for justice, peace and respect for international law,*" and was officially open by the highest Portuguese authority: the President of the Republic, accompanied by ambassadors of Brazil, African Portuguese speaking countries, and Portuguese government representatives.

422 PUBLICADO NO "THE JOURNALIST" DEZEMBRO 1991, ÓRGÃO OFICIAL DA AJA (AUSTRALIAN JOURNALISTS' ASSOCIATION)

Before going much further let us delve a little on the scarcely known History of East Timor.

97.1. HISTORICAL INTRODUCTION

97.1.1. EAST TIMOR: OCCUPATION AND GENOCIDE DURING DECOLONISATION

97.1.1.1. - EAST TIMOR: SLIGHTLY BIGGER THAN KUWAIT ALSO RICH IN OIL

Timor [is located] at the far eastern side of the Sunda Archipelago, roughly 600 km off Darwin [the nearest Australian airport] and about 2,200 km from Jakarta [Indonesia's capital in the island of Java].

The East Timor territory comprises the eastern side of the island, the enclave of Oé-cusse, the Ataúro Island and the Jaco Islet, totalling 19,000 sq. Km. [Kuwait has only 17,818 sq. km.]

In the Timor Sea between Australia and East Timor, there is oil considered to be between the twenty biggest oil reserves in the world. In early 1975, the population of the territory was deemed around 700, 000 [half of Kuwait's population]. The western part of the island belonging to Indonesia has around 11, 000 sq. Km]

97.1.1.2. - A NON-AUTONOMOUS TERRITORY UNDER PORTUGUESE ADMINISTRATION, CULTURALLY TOTALLY DIFFERENT FROM INDONESIA

During the pre-colonial period, the Javanese empires whose fortunes were high between the Xth and the XVth centuries never had any influence over East Timor. The island was unaffected by the religious influences that marked most of the Indonesian population from Java to the outer islands.

During the first centuries of the Christian era, those people were influenced by Hindu polytheist currents in the wake of immigrant waves from India. A few centuries later, namely during the VIIIth century, it was Buddhism to make its mark.

It was then that the biggest [Buddhist] temple in the world was built at Borobodur. By the XVth century, Muslim ideals permeated and became a reality throughout the archipelago.

To this day, Indonesia is the most populous, predominantly Islamic country in the world, with around 88 per cent of its 180 million inhabitants officially professing the Islamic cult.

When the Portuguese merchants and missionaries arrived in East Timor by the beginning of the XVI century [around 1515], in stark contrast with the rest of Indonesia, its population was animist and knew no written words.

Neither Hinduism nor Buddhism or even Islamism had penetrated the people of Timor, very untouched by the dominant cultural influences of Indonesia, although there was huge trade between China, Malacca and other regions now belonging to Indonesia.

By then the island was already divided in two confederations of kingdoms:

One, under the aegis of the Sombay kingdom [or confederation of Servian] on the western part of the island [corresponding to what is now West Timor],

The other, under the supremacy of the Behale kingdom [or confederation of Belos] in East Timor.

The latter was already using by then a common lingua franca, Tétum. The division of Timor in two halves has historical reasons dating back to pre-colonial times.

During the third quarter of the XVIth century, the Portuguese established themselves on a permanent basis on the island, through Dominican friars who exercised a progressive cultural and religious influence whilst the Portuguese domination expanded.

In 1970, a third of the Timorese was Catholic and only 0,04 per cent of the population [only 234 people] were Muslim. Two thirds of the population remained faithful to local animist beliefs.

In 1651, the Dutch defeat the Portuguese and occupy Kupang on the far western part of the island, before they start penetrating on the western side of the island. This proves how ancient is the colonial division of the island.

In 1859, Portugal and the Netherlands sign a Treaty settling the border areas between the Portuguese East Timor and the Dutch West Timor. In 1945, the then Dutch East Indies became the Republic of Indonesia of which West Timor is part.

Between 1945 and June 1974, the Indonesian

Government abiding by International Laws states at the United Nations and outside it that has no territorial claims over East Timor. Back in 1960, East Timor was considered a non-autonomous territory under Portuguese administration, according to Resolution 1514 (XV) of 14 December 1960.

Between 1962 and until 1973 the United Nations General Assembly approved various Resolutions supporting the right to self-determination of East Timor as well as other Portuguese colonies.

97.1.1.3. - THE APRIL REVOLUTION OPENED THE DOORS TO SELF-DETERMINATION OF THE PORTUGUESE COLONIES AND THE CREATION OF POLITICAL PARTIES IN EAST TIMOR.

Democracy in Portugal and self-determination and independence for its ex-colonies came simultaneously with the April 25, 1974 Revolution that toppled the undemocratic regime of Salazar and Caetano.

The liberation movements in the Portuguese colonies of Africa were fighting a consuming war, thanks to the intransigence of the Salazar regime in Lisbon, unperturbed by the winds of change in the three larger colonies of Angola, Mozambique and Guinea-Bissau.

Meanwhile in East Timor the nationalist feeling was being nurtured in the shadows looking for ways express itself politically. Because of the socio-economic underdevelopment and the laggard education system until the 50's, there was incipient elite barely able to channel nationalist feelings.

Portugal was oblivious of Timor. Since there was no effective colonial rule in terms of population, agriculture or even exploitation, the Timorese social stratification was left intact, with its kingdoms, its kinglets [liurais, régulos and chiefs of souks] and its noblemen [datos].

Although slightly influenced by the Portuguese presence and four and half centuries of missionary presence [Roman Catholic], traditions, cults and the cultures of the various peoples of East Timor were left to their devices.

We also should bear in mind the differences between the Portuguese presence and the Dutch colonial rule of the Indonesian archipelago already heavily influenced by Islam, to understand the colossal differences between East Timor and Indonesia.

The various rebellions against the Portuguese colonial domination and their immediate repression and subjugation by the Portuguese administration, only helped a flourishing national identity, reinforcing the psychosocial identity of the Timorese people.

The Portuguese started a massive investment drive in the early 60's at the educational level first, followed by a slower build-up of the socio-economic infrastructures of the colony, changing albeit slightly its image.

This also promoted, even if indirectly, the emergence of an elite who started expressing itself during the colonial regime, on the local newspaper published by the Roman Catholic Seminary, altogether with incipient and camouflaged forms of civil disobedience.

During May 1974, benefiting from the political freedom granted by the April Revolution, two political parties were formed with substantial popular support:

UDT (Timorese Democratic Union) on 11 May 1974, started by defending a form of federation with Portugal, later evolving into a need for independence.

ASDT (Social Democrat Timorese Association) on May 20 to evolve a few months later into FRETILIN [INDEPENDENT EAST TIMOR REVOLUTIONARY FRONT] always proclaiming the need for total independence.

Under the aegis of Indonesia, a new party, APODETI [Popular and Democratic Timorese Association,] appears on May 27 defending integration in Indonesia under a special autonomous statute. This party never had more than two or 3 per cent of popular support.

Later other parties emerge, such as KOTA and the Labour Party, all lacking popular support.

97.1.1.4. - SEPTEMBER 1974: INDONESIA GETS THE NOD FROM AUSTRALIA TO INCORPORATE EAST TIMOR, AND STARTS DESTABILIZING THE TERRITORY TO ANNEX IT.

Adam Malik, then Indonesia's Foreign Affairs Minister states publicly in 17 June 1974 that "East Timor has a right to get independence and Indonesia has no territorial claims over any territory as stated in its Constitution and will try to have good working relationship with an independent East Timor."

Notwithstanding this statement from the Foreign Minister, five days earlier an Indonesian MP, John Naro was defending the integration of East Timor with Indonesia. A month later General Ali Murtopo and General Benny Murdani had completed a plan for incorporation of the territory, to be achieved when possible by forceful means if needed.

The daily "Berita Yudha" on its August 28, 1974 edition editorializes that "The right to self-determination cannot be separated from the general global strategy . . .

The notion of trying to integrate East Timor with Indonesia was not new. By the end of 1972 or 1973, the Special Actions Group of the Indonesian Secret Service [BAKKIM/OPSUS] gravely worried about the advances of communism and the American retreat from Vietnam, was voicing its opposition to a possible independence of East Timor.

The Portuguese censors in operation in 14 February 1974 interdict the publication of an article by a French journalist who had visited East Timor because "*it is not favourable to us and says Indonesia has not ceased to try to occupy East Timor*". [13/p 106].

General Suharto, who hesitated on accepting the integrationist proposals from some of his generals and advisers, met on 6 September 1974, at Wonosobo in the Java Island with the Australian Prime Minister, Gough Whitlam who offered Australian support for the Indonesia policy of integrating East Timor. A few days later, the Australian, Portuguese and international media was

reporting on its headlines "*The Australian support for integration,*" and that "*The Australian Government considers this option for Timor to be important for stability in the region.*"

The official communiqué added that "Australian support for the integration of East Timor in Indonesia" **depended on** "a referendum by its inhabitants approved by the international community."

Later, Australia would forget such proviso and would recognize the annexation without the people of East Timor being able to vote for that in accordance with the international community.

The strategic interests and preoccupation with regional stability combined with the panic created by the advances of communism in Vietnam [Saigon fell on 30 April 1975], the need for good relations with Indonesia, might have dictated the Australian Government decision "*in total agreement with President Suharto on the issue.*"

The USA support and the Australian agreement might have been fundamental for President Suharto to go ahead with the annexation.

It was known by then, that the sea of Timor, between Australia and Indonesia was rich in oil. In 1971/1972, both Indonesia and Australia signed an agreement defining their maritime borders, which obviously excluded the gap between Portuguese Timor and Australia.

During 1974/1975, negotiations were under way between Australia and Portugal to define the borders of such a rich

area, although Australia was not very happy with the progress of those, well short of its expectations. Its ambassador in Jakarta reiterated in a cable dated 17/8/75:

"I wonder whether the department has ascertained the interest of the minister or the Department of Minerals and Energy in the Timor situation. It seems to me that this Department might well have an interest in closing the present gap in the agreed sea border and this could be much more readily negotiated with Indonesia by closing the present gap than with Portugal or independent Portuguese Timor."

As expressed on their meeting of 6 - 8 September 1974, the support given by the Australian Government meant that after such meeting a decision was taken: East Timor had to be integrated with Indonesia, irrespective of the will of its people.

Curiously, both that decision and its public knowledge precede the transformation of ASDT [SOCIAL DEMOCRAT TIMORESE PARTY] into FRETILIN [INDEPENDENT EAST TIMOR REVOLUTIONARY FRONT] that only occurred a few days later on 11 September 1974. It also precedes the left turn in Portuguese politics that took place by the demise of President Spínola in 28 September 1974 and the 11 March 1975 movement.

It is obvious that the radicalisation of East Timor political parties and the left turn in Portuguese policies (during the transitional period of the implantation of democracy in Portugal) served the best interests of Indonesia to justify itself, in the eyes of the world, for the annexation of East Timor.

The decision to do so is prior to those events, and based upon four fundamental questions:

Panic in the western world and in ASEAN (Association of Southeast Asia Nations) confronted by the advance of communism in Vietnam and the subsequent North American retreat of which the fall of Saigon in April, 30, 1975 is a symbol;

Geostrategical reasons linked with the importance of Indonesia to the USA, Australia and the western world in general;

Economic interests (mainly Australian) in the enormously rich oil basin of the Timor Sea;

Internal needs of the military regime of Indonesia, and its "hawks" to consolidate the fragile national unity of the archipelago [with autonomous movements demonstrating in other islands] through an exemplary lesson of forcefulness obtained by an invasion followed by the immediate suffocation of any East Timor reaction.

Unfortunately the successive and ephemerae Portuguese Governments (that followed the unstable period after the April Revolution) did not oppose firmly, as they should, the Indonesian ambitions. Unable to know the cultural economic and political realities of East Timor they only defended the right to self-determination according to which, it should be the people of the territory the ones to choose its own destiny, without opposing any objections to the Indonesian integration if such was the freely expressed will of the people of East Timor. Placing an overwhelming

trust that the Indonesians, as they often boasted, also would abide by this principle, those Portuguese governments committed a far more tragic evaluation mistake than anyone could predict at the time.

Indonesia put forward its plan for the annexation, counting on the support of Australia, the compliance of the western world and the USA in particular, the understanding of the USSR (the PKI, Indonesia's Communist Party smashed by Suharto in 1965/1966 was pro-Beijing) and without a strong opposition from Lisbon.

The first step it was to undermine the territory. General Suharto gives the go ahead in October 1975 to Operasi Komodo led by Generals Benny Murdani and Yoga Sugama, and Colonel Sugiyanto. Such operation included the recruitment of East Timorese agents, fake propaganda by Radio Kupang and Radio Atambua [on Indonesian Timor] and spreading through the official newsagency ANTARA of false and alarmist reports on the situation in East Timor. This operation also would focus on the softening of East Timorese political leaders with all sorts of promises and offers (later converted in pressure) as well as the radicalisation of local political parties through agents infiltrated from Indonesia.

A second phase of this Operasi Komodo to start in early 1975 would include a military preparation of the invasion when it was fully clear the almost absolute rejection by the East Timorese of any integration project with Indonesia. General Benny Murdani was the major architect of the preparation of the invasion of East Timor.

In February 18, 1975, a simulated invasion was held at Lampung on the southern tip of Sumatra Island, allowing the preparation of the troops and set the stage for the operation that would occur late that same year in East Timor. According to Australian analysts, the exercise was a total flop and helped delay the invasion of East Timor.

97.1.1.5. - PORTUGAL STARTS DECOLONISING EAST TIMOR IN 1974/1975 BUT INDONESIA IMPEDES A SATISFYING CONCLUSION TO THE AFFAIR

The Portuguese Government in November 14, 1974 nominated Lieutenant-colonel Mário Lemos Pires as new Governor of Portuguese Timor and after his arrival, a systematic decolonisation process started in anticipation of a future self-determination. Supporting a proposal from FRETILIN, well accepted by UDT, of having a coalition of the two major political parties, he presided over what was supposed to become after January 20, 1975 a drive for independence between five to ten years away.

This political posture and other measures designed to install moderation and serenity in the territory were unwelcome by the Indonesian authorities that harshly criticised them. The constant provocation of Radio Kupang and Radio Atambua heightened during this period. Misinformation and gossip regarding an imminent invasion of East Timor became a constant.

An Australia broadcaster announced on February 24, 1975 that Indonesia was preparing an attack of amphibious and anti-aerial troops to Dili (the capital of East Timor) and to Baucau (the second most important city) within a few weeks. As if to confirm such intent the Indonesian Consul

in Dili, Tomodok sent his family back to Indonesia. Simultaneously an Indonesian paper controlled by President's Suharto adviser on Security Matters, General Ali Murtopo, and "The New Standard" was publishing articles stating that East Timor could not become independent.

It said, "because of a lack of natural resources an independent East Timor would be pried open to communist influences thus affecting the regional stability."

In early March 1975, the Indonesian Command for Security Matters advised that West [Indonesian] Timor be off bounds for all Indonesian and international journalists. This coincided with hard needed improvements on roads to the border with East Timor and with the preparation of the invasion of the Portuguese colony.

Portugal was in the meanwhile following onwards its decolonisation policy. A document prepared in Lisbon during May 1975 is presented to the three major political parties of East Timor regarding the self-determination of the territory. Formal negotiations follow in June between representatives of the Central Government in Lisbon and East Timor political parties. Thus came into effect the Law Decree 7/75 of 11 July 1975 stating that a General Parliamentary Assembly of East Timor would be convened the following month of October to define its future political statute and allowing for a three-year transitional period. In May 27, 1975, UDT unilaterally cuts its link with the coalition established in January 20 with FRETILIN.

This occurs immediately after the return to Dili of two major UDT leaders, Francisco Lopes da Cruz [President]

and César Mouzinho [Vice President] who had held talks in Jakarta, in the previous week after contacts with high-ranking Indonesian officials.

With such rupture in the coalition, Indonesia was all ready for an effective destabilizing of the territory.

Apart from these difficulties and problems, the Portuguese administration was able to keep moving towards decolonisation in areas such as local administration and education. It was more a problem of adapting the programmes, curricula and methodology teachings to the realities and needs of East Timor. The Salesian Mission School of Fatumaca was an inspiring source. The development of arts and crafts and rural teachings was accompanied by the introduction of health education and health support to the schools; simultaneously school programmes were changed to include History, Geography, Legends and Traditions of East Timor as part of a major restructuring.

Some schools were equipped with arts and crafts workshops, land was made available for horticultural projects and teachers were to be retrained after 11 August 1975. A pilot project was conducted a week earlier at the Salesian Mission School of Fatumaca [near Baucau] to prepare rural supervisors to conduct agricultural teaching on all thirteen schools of secondary education.

The Administrative Review conducted by the Government intended replacing the colonial administration by another, freely expressed in elections that could become more representative of the local population. It all started in December 1974, with a special request from the

population of the far eastern coast to the new Governor. After some months of consultation with political parties, gave way to new legislation and to an electoral process that started at Lautém [Far Eastern Coast]. Journalists, some diplomats and other independent international observers considered the electoral process as democratic.

A high level of voters' participation, including women and the orderly manner of this first electoral process impressed and even surprised those observers. By August 10, 1975, the Portuguese Governor officially swore in the first Regional Shire Administrative Council of Lautém.

The elections at local level, comprising villages, sucos [groups of villages] and, at shire level gave well-balanced results between UDT and FRETILIN candidates, with a sole APODETI [pro-integration political party] being elected for the Council.

Such a regional election did not please the Indonesian generals, who stated they would not accept similar elections in the remaining twelve shires. Knowing that those elections were freely conducted in a democratic way, the Indonesians worried about the very poor popular support to the integrationist movement, thus deciding to stop such process at any price.

A few weeks earlier in July 1975, even the Indonesian President Suharto had publicly stated "*East Timor could not become independent because that was economically infeasible.*"

In addition, the President considered that it was not feasible the continuation of links with Portugal, so that the

only real alternative was integration with Indonesia. Such statements were vented immediately after his return from a trip to the USA, Canada, Japan, Iran and Yugoslavia.

UDT leaders leave on July 25 to Jakarta where they had an important meeting on August 2, with General Ali Murtopo and his associates, trying to clarify the Indonesian position. They returned to Dili on August, 6, and based upon promises, lies and threats by Jakarta they were able to convince other UDT leaders to launch, four days later, a coup d'état against the Portuguese administration. They took by force the airport, the local broadcaster and some other major key points, demanding the immediate imprisonment of FRETILIN leaders and an immediate transition of powers to UDT.

With this coup late in the evening of August 10, Indonesia was finally achieved the first step of its Operasi Komodo: destabilizing the situation in East Timor. The restructuring of education, the administrative review and other decolonisation and progressive measures came to a halt. Between teachers and the population, the interest and enthusiastic approach to those measures would make it impossible for any divisive and destabilizing attitude to survive. Probably one month later it would be too late for Indonesia to create a civil war in the territory.

Unfortunately for the East Timorese, some of its leaders believed they would attain independence if they obeyed the instructions of Indonesia, so when they later realized how tricked they were and how disastrously unconscious their attitude had been, it was too bloody late.

97.1.1.6. - WHILST PORTUGAL GOES THROUGH POLITICAL INSTABILITY, INDONESIA KEEPS AS HOSTAGES PORTUGUESE MILITARY, A SHORT CIVIL WAR ENDS AFTER ONE MONTH AND FRETILIN TAKES CONTROL OF EAST TIMOR.

The summer of 1975 will be remembered in Portugal by the political instability, and because the new democratic regime was not yet consolidated, the country even faced civil war. The situation in the African ex-colonies, especially in Angola, was very difficult and complex. It was not easy to make such a tardy decolonisation, after fourteen years of colonial war and when so many countries in line with their interests were supporting and arming diverse groups of freedom fighters.

The successive governments in Lisbon during 1975 had very little internal and international operational control since their preoccupations concentrated on internal Portuguese problems and on Angola where independence was finally declared on November 11, 1975, than on the East Timor situation.

The only operational military power that Portugal had in East Timor was seventy parachutists who were non-Timorese, thus neutral in the conflict and unable to take part in the armed conflict between UDT and FRETILIN. In global political terms, the difficult situation that faced Portugal in that long hot summer of 1975 and the enormous distance between Portugal and East Timor [18,000 km.] made it impossible to send in reinforcements.

As administering power, Portugal only had the option of trying a negotiated solution through the United Nations.

Three days after the UDT coup d'état, the Lisbon government sends a special official mission led by Major António Soares. Arriving at Jakarta, Major Soares is not allowed to go on to East Timor by the Indonesian authorities and is forced to return to Portugal. Locally the Portuguese Governor Lemos Pires tries to talk with local Timorese leaders.

FRETILIN forces impatient with the government's impotence take up arms on the night of August 19, 1975. Portuguese army officers are detained for a few hours, and released next day. That day, August 20 marks the beginning of the civil war. On August 22, a second mission led by the minister for inter-territorial co-ordination meets with the U.N. Secretary General, then goes on to Indonesia and Australia. The formation of a peacekeeping force of Portuguese, Australian, Malay and Indonesian troops is mentioned.

Indonesia refuses and proposes instead to send an Indonesian force. Portugal as administering power rejects the offer. Meanwhile, UDT imprisons 23 Portuguese army officers and keeps them as hostages.

Fifteen days later Indonesia broadcasts a message stating that it was sending a naval ship, the destroyer "Mon Ictid" to "protect" the Portuguese Governor and his staff. Trying to avoid becoming hostage to any of the warring factions, Lemos Pires decides to withdraw to Ataúro Island.

In the meantime, after the military coup of August 11 UDT lost popular support and FRETILIN becomes the only pro-independence movement, with a huge military and

numerical majority. UDT forces go back to the Indonesian border and ask for protection.

A little more than a month after its start, the civil war ends in September 24, with 2,500 UDT forces crossing the border with Indonesia. UDT leaders are then forced to sign a document where they request the integration with Indonesia. Other UDT leaders overseas at the time reject this document signed under duress as Indonesian prisoners ... Later; one of its leaders goes to the U.N. where he explains the threats and false promises of the Indonesian.

By the end of September, FRETILIN controlled most of the eastern side of the island. FRETILIN then, asks the international community to send in observers. Aid organizations and some foreign journalists only answer such request.

The IRC (International Red Cross) acting inside Timor since August helped in the areas of health. Its head, André Pasquier numbered the casualties around 1,500 people. FRETILIN allows the IRC to visit its prisons. The Portuguese administration symbolically remained in Ataúro Island.

UDT kept hostage the Portuguese military, while Portugal and FRETILIN try conversations. There were some sporadic Indonesian incursions in August and September, but these become more frequent after October.

To keep up with the fiction that the Timorese refugees are recovering ground, Indonesia does not hesitate to murder five Australian journalists on October 16 to avoid the world

witnessing their filming of Indonesian attacks to East Timor. November 1-3, the Portuguese and Indonesian Foreign ministers met in Rome.

On his return to Lisbon, (Maj.) Melo Antunes, the Portuguese Foreign Minister, declares *Indonesia WILL NOT intervene or pressure East Timor.*

97.1.1.7. - ON DECEMBER 7, 1975 INDONESIA INVADES EAST TIMOR; U.N. CONDEMNS IT AND ASKS FOR THE WITHDRAWAL OF THE TROOPS.

By the end of November, Indonesia had:

No popular support to justify integration by free choice of the population, where the cultural differences after four centuries of evolution in opposing directions are very clear;

Having stopped the decolonisation process, Indonesia was yet unable to get support for its military occupation;

Having created instability through dishonest processes, provocation, threats, such instability ended by the end of September, and FRETILIN had an effective control and administration of the territory;

Only managed to get some international results in the international arena . . .

Using a well-orchestrated campaign, Indonesia created an international image of violence and communist terror well received in that year of the fall of Saigon. When it murdered the Australian journalists avoided its propaganda being internationally disclaimed.

The interests of most states and Church denominations were sympathising with the integration of East Timor. In Portugal, the political instability did not clarify the policies, notwithstanding the coup of November 25, and democracy was fragile, diminishing its capacity of intervention at the international arenas.

FRETILIN lacking heavy artillery, navy or air force resisted well to the limited advances of the Indonesian troops. Indonesia decides to go in force and by 2 am Sunday, December, 7, 1975 starts bombing Dili, with naval and air attacks (parachutists) and disembarks many numerous battalions.

The operation under General Benny Murdani involved ten thousand soldiers and was the biggest military action since its independence. Thirty kilometres away, the Portuguese garrison saw the action and the fire. There was no declaration of war.

The Indonesian Foreign Ministry publicly affirmed that the anti-communist Timorese forces with some voluntary forces were trying to create a climate of peace for decolonisation. The anti-communist party made up of UDT and another three small parties saw its leaders take refuge in Indonesia: Apodeti, Kota and Labour.

The day before the invasion, President Ford of the U.S.A. and Secretary of State, Henry Kissinger left Jakarta after having assured President Suharto that the supply of armament would not be affected. The following year arms supply duplicated.

The same day the Indonesian invades Portugal cuts off its diplomatic links with Indonesia.

On December 12, the U.N. General Assembly "having heard the Portuguese representatives as administering power:

"Deplores the military intervention of the Indonesian armed forces in Portuguese Timor and asks the Indonesian government to withdraw immediately its troops in order for the East Timorese exercise their right to self determination and independence,
Recommends that the Security Council takes up urgent measures to protect the integrity of the territory and its inderfeasible right to self determination."

On December 22, the Security Council approves unanimously a resolution:

"We ask all states to respect the integrity of the territory, as well as its inderfeasible right to self determination according to Resolution 1514 (XV) of the General Assembly,
Asks for the immediate withdrawal of all Indonesian forces from the territory,
Asks the Portuguese government as administering power to co-operate fully with the U.N. in order for the people of the East Timor exercise its right to self determination."

Indonesia throws a military attack on Baucau on December 10, where the biggest airport of the island is. Between ten and fifteen thousand troops, disembark on Christmas Eve in Dili, Maubara and Liquiçá, in disrespect of U.N. resolutions. The enclave of Oé-cusse is conquered

on December 19 and Ataúro Island on December 29. The interior of the territory was much more difficult to control and until this day was never totally occupied. In Dili and other cities and villages, the attitude of the Indonesian troops was barbaric and inhumane, with indiscriminate murders (including women, children and even some supporters of integration), robberies, looting, rape and torture.

They still do it now. All foreigners were evacuated from Timor the day before, thanks to Australian advice. The Australian journalist Roger East, who preferred to stay behind to witness the invasion, was captured by the Indonesian and murdered with thousands of Timorese on the harbour district.

Indonesia did not want any witnesses for its crimes and even the Red Cross was not allowed in for more than three years. Only Radio Maubere controlled by FRETILIN and later some letters from clergy and missionaries would show the extent of the tragedy.

97.1.1.8. - THE INTERNATIONAL COMMUNITY REFUSED TO ACCEPT THE FARCE OF WHAT INDONESIA CALLED SELF-DETERMINATION

Indonesia took to Dili the leaders of the parties who had asked for integration and by December 18, the Indonesian Foreign Minister announces the formation of a "*Provisional Government*". This government starts by saying that there is no need for any popular referendum, but on May 31, 1976, a "*Popular Representative Assembly*" is formed by consensus.

On its first meeting unanimously approves a petition to President Suharto to accept the integration of East Timor. A few days later, a delegation goes to Jakarta and on July 16, the Indonesian Parliament accepts the request. The Indonesian President promulgates the decree of integration of Timor as the 27th province the following day. Only after this farce were the Portuguese military hostages released.

The Head of the U.N. Geneva mission, Vittorio Winspeare Gucciardi visited some areas controlled by the occupier between 19 and 23 January 1976. When he tried to visit other areas and contact FRETILIN the "Provisional Government" impeded him alleging lack of security and other reasons.

Back at Darwin, Australia, he tries with representatives of the Portuguese government to establish a radio link with FRETILIN using the corvette "João Roby" checking latitudes on the south coast of East Timor where to disembark.

The Indonesian became so alarmed that they threatened to sink the Portuguese vessel, before bombing all the locations mentioned on the radio talk between Gucciardi and FRETILIN.

Later he prepared a report dated March 12, 1976, that with statements from Portugal, Indonesia and East Timor representatives led the U.N. Security Council to approve on April 22 a second Resolution (approved by 12 votes for, none against and the abstention of the USA and Japan):

"Reiterating the infeasible right of the people of East Timor to self determination and independence . . . and appeals to the Indonesian government to withdraw without delay all its forces from the territory."

On December 1, 1976, the General Assembly approves with a large majority another resolution:

"Reiterates the infeasible right of the people of East Timor to self determination and independence and the legitimacy of its fight to achieve them, reiterates previous Resolutions of the General Assembly and the Security Council, deplores the persistent refusal of the Indonesian government to accept those Resolutions, Rejects revindication that East Timor was integrated in Indonesia since its people did not have the chance to exercise freely its right to self determination and independence."

Until 1982, the U.N. General Assembly approved Resolutions every year marking the right of the East Timorese to self-determination and independence. In its Resolution of 1982, the U.N. General Assembly requests the U.N. Secretary General to "*start consultations with all interested parties to find means to obtain a global solution for the problem* (Resolution 37/30 23 Nov. 1982)."

Indonesia initially refused to take part by fearing being accused of lack of collaboration, but conversations started in 1984. There was some initial progress on the humanitarian area (repatriating Portuguese civil servants and family reunions). Because of the mandate given to the U.N. Secretary General, the General Assembly has postponed since 1982 all debates on East Timor. The

Non-Aligned Movement, the UIP (Inter Parliamentary Union), the European Parliament and the Parity Assembly ACP-EEC have taken part in the defence of the right of East Timorese to self-determination.

Many resolutions were approved between 1976 and 1987 when meeting in Lisbon the ACP-EEC group approved a Resolution:

"Condemning the illegitimate and illegal occupation of East Timor,
Reiterates the inderfeasible right of the people to self determination and independence,
Invites all interested parties to solve the problem within the U.N. and its Charter framework,
Asks its Vice Presidents to take this Resolution to the Council of Ministers of ACP-EEC and to the government of all signatories of the Lomé Convention."

Since Portugal became part of the EEC, on January 1986, many resolutions have been approved, like the one on July 10, 1986 (162 votes in favour, 3 against and 4 abstentions):

"Considering that Indonesia occupies by force in disrespect for international law the territory of East Timor:
Appeals to the government of Indonesia to cease immediately all hostilities against the inhabitants of East Timor, ceasing its occupation and respecting its right to self determination."

On November 23, 1989 after the Pope's visit to East Timor, another resolution was approved:

"1. Reiterates its demand for the recognition of the right to self determination and independence to be exercised according to international law . . .

...

4. Condemns again the genocide of the East Timorese by Indonesia."

97.1.1.9. - THE EAST TIMORESE SUFFER GENOCIDE DURING 15 YEARS OF INDONESIAN OCCUPATION

The Church including the Roman Catholic have supported from the beginning the integration of East Timor. They saw a reinforcement of the minority 3% of the Catholic, 6% of the Protestant in a mostly Muslim population (Roughly 88% of the population of 140 million in 1975 and 180 million in 1990.)

A delegation of priests visited the territory in November 1976:

"Eighty per cent of the territory is controlled by FRETILIN, who leads the resistance against Indonesia, the total number of villages and towns controlled by the occupying force is about 150,000 people in a total of 650,000, what means that 500,000 are outside their control."

"The want for integration is reduced because of robberies, fires, rapes and when Indonesian troops got to Amara they had 5,000 people saluting them, now there are 1,000 left, the others joined FRETILIN in the mountains."

The same report mentions that during the first year ten per cent of the population (60,000) died. This was also mentioned in Jakarta by Lopes da Cruz, a member of the

"Provisional Government" on February 13, 1976 who mentioned excesses and the death of women and children. With a blockade from the outside, the world ignored for many years the extension of the tragedy.

In a report titled "*A report of this sad captivity,*" a missionary publishes in "Magnificat" the Jesuit newsletter that:

"On November, 23, 1978 at Uadaboro, in the Matebian range around 500 people were shot by machine gun, including pregnant women, children, adults and old people, when, believing the propaganda they came to surrender. The same happened in Taipo with 300 people. Young women, married or single were taken to huts and sexually attacked.

If they refused they were disrobed and burnt with cigarettes, after being raped they were shot at. Other married women were tied and bound with their husbands, then raped by the Javanese soldiers before being killed."

Men and able youngsters were used to capture the guerrillas after being used were killed by the Indonesian troops. Many times the executions took place in front of relatives. During aerial bombings, they use napalm and in one single day, there were more than 600 bombs aimed at the base of the Matebian Range where most people was concentrated.

Between 1975 and July 1980, most prisoners were executed, but this reduced after the Red Cross was allowed in. When these prisoners are visited by

international delegations they are forced to say they are common criminals and not political prisoners."

The torture range from hot iron rods, electric chairs, cigarette butts, the de-nailing by pliers, having the toes under the table legs and having the tables laden with heavy weights. All victims are tortured naked and the burns are predominantly done on the sexual areas.

Only the clergy has been helping these poor people, and that is how they survive. Many priests are courageous enough to intercede in front of the execution troops, while others go to the mountains to help those who live there aspiring for independence.

All the fertile land around Dili belongs to the Javanese, the Timorese are forced to pay to register their lands and since they cannot afford it, the Indonesians take over. Some Timorese are sent on delegations to the U.N. or to European countries but were forced to leave their families behind. "

Some of them escaped and live in Australia (João Carrascalão of the UDT Central Committee) or in Portugal (Dr. Paulo Pires of the UDT Political Committee), or in the Netherlands (José Martins leader of the Kota Party.)

On April 29, 1979, José Martins wrote a letter to the U.N. General Secretary where he says:

"On December, 16, 1975 I went to the Security Council as leader of KOTA in a delegation comprised of Guilherme Gonçalves (APODETI) and Mário Carrascalão (UDT) because our parties were then in a coalition opposing

FRETILIN. I was not a free man, since I was forced while imprisoned to sign what the Indonesians wrote.

Now I am free. I do not intend to give details on how I escaped the Machiavellian Indonesians. My people in East Timor trust me to tell the truth regarding our situation. My opinion reflects the feelings and the suffering of all men and women in my country who are still fighting for the self-determination and for the independence of East Timor.

Most of those like I forced to cross the border into Indonesian Timor are now jailed and understand the perverse nature of the Indonesian Army. When we ran away from the FRETILIN forces we became an instrument on the hands of the Indonesians, as soon as we crossed the Indonesian border on September 1975."

The dismembered presidency of APODETI, UDT, KOTA and the Labour Party soon realized that instead of the sought freedom they all became dependent on the Indonesian Army. The official statement of integration of East Timor with Indonesia is farcical since it was written on Bali, Indonesia on December 2, 1975.

While FRETILIN on November 28, 1975 was declaring its unilateral declaration of independence at Dili, the capital of East Timor, our "Anti-Communist Movement" [MAC] was declaring the integration more than a 1,000 km away in Bali at the luxurious "Peneda View Hotel" that actually belongs to Colonel Sugianto, assistant of General Ali Moertopo [Murtopo].

It was a magnificent farce without a true mandate from our people

Arnaldo de Araújo, the first East Timor Governor installed by the Indonesians after the invasion could not avoid writing back in July, 1976 a letter to general Suharto complaining against the plundering and massacres that not even the APODETI and UDT members escaped, although they previously supported integration.

Two members of the "*East Timor Regional Assembly*," Leandro Isaak and Sousa Soares by June 3, 1981 submit this document to President Suharto:

"The Regional Assembly, representative of East Timor keeps on receiving with the utmost pain, written and verbal reports or complaints from the people regarding torture, assassination and other unthinkable cases.

This document quotes concrete cases of persecution, naming places and people, cases of torture (sexual abuses and rape of women), executions because some people did not collaborate with the particular interests of certain individuals or groups, and charges of black magic (i.e., the legitimate practice of local animist cults).

Focusing on the generalized corruption, the same document refers that medicine and food supplied by humanitarian institutions were pilfered, the sandal cultivation destroyed and the coffee monopoly controlled by a company belonging to the army, amongst some other abuses. Because they dared write such a document, those two members of the "Regional Assembly" landed on jail, so that they would be silent like the others. It was only through international pressure that brought them free.

A Catholic missionary reported massacres occurred during September and October 1981, during military operations involving the siege and subsequent annihilation to end with some resistance pockets still active:

"The horrors suffered and witnessed by the East Timorese were so intense that the rebellion against the invaders became even stronger. With our eyes, we have witnessed the massacre of the people when surrendering: they were all killed, even women and small children . . . not even the pregnant escaped: they opened them wide with knives.

In front of their mothers the newborn were decapitated and after that, they finished with the mothers . . . The massacres were more brutal towards the people who followed the Front [FRETILIN] and their families did not have the mobility to accompany the warriors . . .

I also learned that they repeated what they did last year to young children, grabbing them by their feet they threw them in circles until they smashed their heads against the rocks. Another person told me that a person from D. watching the massacre of a mother asked the Indonesians if he could keep the baby.

Initially they said yes, but after forming another group, they killed the child as well as the imprudent benefactor. Another one who had asked to keep the child had to watch them smash the little innocent. Then an Indonesian showing his teeth said **"When you clean the garden, don't you kill all snakes, big and small?"**

All this was happening when President Suharto had offered a large amnesty to all those who volunteered to

surrender . . . One tactic used by the Indonesians was to force the East Timorese civilians, men and boys to advance in front of the Indonesian troops working as a shield to destroy the Maubere Resistance.

Tens of thousand of East Timorese were forced to take part in the Indonesian military actions of siege and annihilation, thus witnessing the macabre spectacle of other East Timorese who fought with the guerrillas in the mountains.

The same report from the missionary priest on events of September and October, 1981 states:

"Notwithstanding their bellicose display they see themselves faced with a lost war. All over, the territory the people's rejection is total thanks to all sorts of ordeals they have sustained since the invasion. They realize that they have lost all support from the population.

On desperation, they try all forms of terror to subjugate the local spirit . . . Some witnesses said that even Indonesian soldiers wept in face of such terror. It may be the case that they remembered their wives and children

To understand the moral standards of this army it is worth remembering the words of some officers: "We have done it before in Java, Celebes, Borneo and Irian Jaya and it worked. This means that only terror can subjugate the population.

The people who govern are the same of those days. Evidently, that such a massacre witnessed by

representatives of East Timor Shires had a terrible dimension.

The Indonesian army mix rows of people and rows of troops circling the pockets of the resistance in the bush. The Front [FRETILIN] faced with a dilemma: either destroys the attackers and simultaneously exterminates lots of its own people or surrender to save its people."

This is what Father D. referred very impressed by this act of heroic generosity of some FRETILIN commanders. According to his report, some FRETILIN leaders tried to inform the population to be separated from the Indonesian army:

Since that was impossible without any arms, and all would be massacred by the Indonesian troops, the FRETILIN leaders decided to opt for their holocaust and save their people . . . After that it was the return to Dili and to their villages if they still existed of all the East Timorese forced to serve as human shield.

In Dili, one could not avoid noticing cadaveric, sepulchral civilians returning from the forced marches . . . If someone talks about the brutality used against women and children by the Indonesian army they are threatened of immediate death.

Still the population cannot continue silent and go to tell the Bishop all the horrors and their hallucination even stating they do not mind even if they die.

The Apostolic Administrator of Dili [to whom the East Timorese call Bishop because he performs the same

functions] refuses to be silent and denounces the massacres in letters to the outside world and during the homily after the Procession honouring Our Lady of Fátima on October 13, 1981.

The same missionary reports further:

"The people are united under the Bishop. The Indonesian army being internationally denounced tries to eliminate the Bishop and some priests and start a deliberate campaign of defamation of the Church and the clergy.

There were about 15,000 people with the Bishop and this is important to be noted here, before they kill the Bishop. It is being said here that they might eliminate him dissimulating a disaster..."

After this denunciation of Mgr. Martinho Lopes to the outside world, the Indonesian authorities exercising pressure over the Vatican for his substitution and left East Timor. Thus, in May 1983, Vatican replaced Mgr. Martinho Lopes by Mgr. Ximenes Belo.

In addition, the missionary adds:

"The Indonesian army state they will not pay any attention of the United Nations and as far as the American congressional representatives although feared they can be bought.

There are two great truths: they are people [Government] capable to execute genocide . . . they only fear one thing: a universal public condemnation."

In fact when confronted with such a strong and generalized opposition to the integration of East Timor, Indonesia did not hesitate to practice a physical and cultural genocide of the people of the territory. In 1975, East Timor had approximately 700,000 inhabitants.

In 1980, the Roman Catholic Church could only get a Census of 425,000. Even admitting that the Church Census was not complete, and two or three thousand had meanwhile left the territory, the number of people killed during the invasion and after five years of occupation must be around 200,000 [more than a quarter of the population]

The Washington Centre of Defence Institute published in May 1983 an estimate that between 100,000 and 250,000 people were killed in the East Timor conflict, making it the second biggest and deadly war. Only Cambodia could exceed that.

The Indonesian bombardments between 1977 and 1979, napalm and all were extremely deadly and created enormous famine between the populations.

According to statistics of the "Provincial Government of Timor" quoted in a report from an Australian Senate Commission the number of cattle heads in East Timor was drastically cut between 1973 [two years before the invasion] and 1979 [four years after the Indonesian occupation]

	Year 1973	Year 1979	Percentile Δ
CATTLE	Thousands	Thousands	Reduction
Buffaloes	141	24	83%
Horses	139	15	89%
Swine	305	27	91%

Statistics relating to agriculture are harder to establish but according to the letter sent to General Suharto by those two members of the "Timor Provincial Regional Assembly" the sandal culture was totally destroyed. What survived the bombings did not survive the cupidity of the occupiers.

This burnt land policy meant a systematic destruction of East Timor and its life performed by the Indonesian occupiers. All this was done, of course with American and other western nations' arms. This was happening while the Indonesian puppets in the United Nations stated that the situation was normal or almost normal.

Let us recall what the representative of the "Provisional Government of East Timor" said to the Security Council in April 1976:

"Life returned to normal in East Timor, apart some small disturbances by FRETILIN gangs in isolated areas . . ."

How can the Indonesians justify the death of a quarter of the population and of about 90 per cent of all cattle during the first four years of occupation? The massacres became more local and selective after 1980, as the missionary refers in his September/October 1981 report.

In March 1983, there were some peace negotiations and a short-lived truce operated between March and August of that year, the massacres, torture, assassinations, arbitrary detentions and disappearances soon become normal again.

A priest able to evade the news blockade wrote in March 1984:

"The genocide on this authentic concentration camp goes on and on. No village escapes this corralling where the army goes and picks who is going to be murdered or tortured."

Another priest writes on July 14, 1984:

"Since March 1984, at Hau-Ba, near Bobonaro, many men and young boys were detained and then killed. At the Kota-Boot souk near Hau-Ba, all men and male youngsters disappeared, taken by the tentaras [army people] and murdered.

For a complete extermination of the East Timorese, killing them was not enough, so the Indonesians introduced its own Family Planning with forceful inoculations to make women sterile. Although there were some strong protests even by the Church authorities forced contraception and sterilization has continued unabated."

In early 1987, the subcommittee for External Operations of the U.S. Congress shows its preoccupation on a "programme for birth control in East Timor by the occupying authorities, notwithstanding the severe depopulation of the island after the 1975 Indonesian invasion".

The Timorese frequently complain that when their wives are giving birth the Indonesian doctors invent complicated reasons to extract the uterus or to do other surgical interventions that render their wives sterile. Often

contraceptive drugs are given as if they were medicine or vaccines. The Indonesian Press denials are only a way of calming down the population against such dishonest methods.

Back in January 1989, even the territory's Governor, Engineer Mário Carrascalão admitted to the monthly magazine Matra:

"They have recently initiated an inoculation programme aimed at all high schools [SMAI, SMAII, and SMEA, the HSC and Economy courses]. Only the girls were injected and they were told it was an anti-tetanus vaccine. Fairly good, but I asked "Why only the girls?" and the answer was "To make sure that when they get married or have children they will have no diseases.

I told them that in East Timor, contraception is a very delicate matter, and so far, we have been discreet, not using all the means available. Now the BKKBN asks the medical authorities to do an injection campaign under the guise of anti-tetanus that is a sterilization campaign.

The programme for birth control is a national one for regions where the conditions are normal. Why wasn't I consulted on this subject? I could have suggested other methods

To carry out its genocidal policy, the Indonesian Government gives facilities and promotes the transmigration from Java and other islands to East Timor. Its number now is close to 100,000. Mixed marriages between Timorese and Indonesian are rare, but the constant policy of rape by Indonesian soldiers of Timorese

women has created several children descending from an Indonesian father.

All methods are used and considered of good value to achieve the objective of destroying the Timorese as people . . . Indonesia invested heavily in roads, hospitals and schools to mask such policy and does not stop gloating internationally about the territory's development. With these economic injections and the help of the few international agencies still allowed to operate in the territory there are still regions in 1990 where famine prevails. Those areas are of course, off limits to visitors invited by the occupiers

Whenever there is a break in hostilities, the borders become more open, some Timorese are allowed to leave and some foreigners allowed in. Whenever the repression gets going, the genocide becomes more intense. This genocide is also a cultural one with the official imposition of the Indonesian language, with the persecution, torture and murder of those who practice animist religions. The Islamic drive by the Indonesians has failed abysmally because the Timorese sought refuge on the Catholic Church who protected them best.

Recently the Indonesian authorities have forbidden any usage of the lingua franca Tétum even during mass, but this prohibition was not abided. At school, the indoctrination is complete and tries to destroy anything related to the East Timorese culture.

The Permanent Court of the People met in Lisbon on 19-21 June 1981 and accepted that the East Timorese were indeed victims of genocide:

“The genocide is a crime against the will of people . . . with the intent of destroying partially or totally a national ethnical, racial or religious group as such. In the case of East Timor, the court is fully aware of the amplitude of massacres its population was subjected to.

The physical massacres combined with the cultural ones reiterate the notion that we face a general genocidal action and the Court considers that the Indonesian authorities should be prosecuted for their crime of aggression.”

On March 28, 1984, the Portuguese Episcopal Conference states in a Note from its Permanent Council that:

"It is an illusion to think that behind all sad events happening in East Timor there is not a national identity deeply sought and unable to be repressed or annihilated. Timor aspires to its own individual expression and if we impede it we will be witnessing not only a physical genocide but a cultural one, more damaging than the first because it affects equally those who die, those who survive, and the present and future generations.

In June 9, 1989, a few months before the visit of His Holiness, the Pope John Paul II to East Timor in another Note from its Permanent Council the Portuguese Catholic Bishops' Conference reiterates this point.

"What we are dealing with here is a true genocide. Even with all promises of a total opening of the territory in the last couple of years, the Indonesians never allowed an independent investigation on this very grave question!

97.1.1.10. - THE TIMORESE RESISTANCE HAS BEEN FIRM AND TENACIOUS WITHSTANDING ENORMOUS SUFFERING AND DIFFICULTIES.

When the Indonesian generals decided to invade and annex East Timor, they thought it would be a quick exercise, just a matter of days to have the territory and its population entirely under their control. Similar expectations were held by the United Kingdom Ambassador in Jakarta [Sir John Archibald Ford].

He reported in a cable to the British Foreign Ministry on July 1975:

"CERTAINLY AS SEEN FROM HERE IT IS IN BRITAIN'S INTEREST THAT INDONESIA SHOULD ABSORB THE TERRITORY AS SOON AND AS UNOBTRUSIVELY AS POSSIBLE; AND THAT IF IT COME TO THE CRUNCH AND THERE IS A ROW IN THE UNITED NATIONS WE SHOULD KEEP OUR HEADS DOWN AND AVOID SIDING AGAINST THE INDONESIAN GOVERNMENT."

The opinion of the North-American Ambassador Newsom after receiving instructions from his government, more precisely from Dr. Henry Kissinger, Secretary of State, was similar. This is a quotation then made by the Australian Ambassador after a conversation with him:

"HIS [NEWSOM] SOMEWHAT CYNICAL COMMENT TO ME WAS THAT IF INDONESIA WERE TO INTERVENE THE UNITED STATES WOULD HOPE THEY WOULD DO SO EFFECTIVELY, QUICKLY AND NOT USE OUR EQUIPMENT.

In fact there was such a big difference in power between the fifth most populous nation on earth and the little, underdeveloped East Timor that it is to imagine how they would be subjugated without any reaction. Just because it was an insular territory without any outside support and without neighbouring countries willing to offer sanctuary for the resistance it would make it extremely vulnerable and fragile.

The reality after fifteen years of brutal occupation whereas Indonesians used all means at its disposition, including American military equipment specially designed for guerrilla wars, equipment from the U.K., France, Netherlands and other countries, the resistance still goes on and strong.

There are two major reasons behind this surprising resistance drive:

On one side the enormous cultural difference between the Javanese and the Timorese;

On the other hand, the brutal behaviour of the occupying forces that instead of obtaining submission by force and terror provoked the most generalized rebellion.

Succinctly we can consider six different phases over the past 15 years of occupation under suffering and resistance. We will describe it afterwards without forgetting that the reality is far more complex and that those phases are intertwined mixed and related.

97.1.1.10.1. PHASE I: DECEMBER 1975 - AUGUST 1977, A CLASSICAL WAR

Most of the East Timorese population, banking on the previously mentioned cultural differences and on the barbaric, brutal and bestial deportment of the invading troops during the invasion, decided to hide on the hills instead of falling hostage to the occupiers.

With FRETILIN, holding about 85 per cent of the population and the territory, it has no alternative but follow a classic war. Its borders are more or less determined, and small skirmishes by both sides, trying to take over the enemy do not leave scope for much change in those boundaries.

Inside those borderlines, FRETILIN [using its armed wing FALINTIL to keep out the invader] can afford to let people go their way, tending their little farms and small cattle groups, while schools still operate. A congress of herbal health healers [Matandoks] was held to try to research and disseminate information on herbal products to replace the lack of traditional western medicine.

This is the situation in East Timor until 1977, with FRETILIN controlling the vast majority of territory and civilian population. Operasi Seroja the well-planned strategy of General Benny Murdani to take over East Timor within days and without any major resistance fell through and it was a major fracas. For more than two years, the occupying forces could only claim control of major towns and villages and some means of communication.

97.1.1.10.2. PHASE II: SEPTEMBER 1977 - EARLY 1981, THE SIEGE AND ANNIHILATION CAMPAIGNS TO DESTROY ALL BASES OF THE RESISTANCE.

The first BRONCO OV-10 planes especially designed for armed insurgencies were delivered by the United States during September 1976. Soon, thereafter Indonesia started using them for carpet-bombing over FRETILIN-controlled regions, killing thousands of East Timorese, including women and children.

Later, on April 4, 1978 Indonesia receives from the United Kingdom eight British Aerospace's Hawk aeroplanes designed for land attacks. With all this sophisticated equipment supplied by the major arms manufacturers from the western world, Indonesia's Javanese generals will wage after September 1977, a new war tactic.

Since FRETILIN dominated most of the territory and population of East Timor, thus lacking mobility, Indonesia starts in September 1977, successive campaigns of siege and annihilation that will go on for most of 1988. The Indonesian generals mobilize massive troop contingents and do carpet bombings, using napalm and defoliants to try to eradicate every woman, child, animal and crop.

Famine and disease start to spread and the casualties rise daily. FRETILIN in mid-1978 advises the population who has lived under its shelter to surrender. The powerful and sophisticated military equipment used by Indonesia against an ill-equipped Timorese resistance, still engaged in a classic war, will conduct to the destruction one by one, of all FRETILIN guerrilla bases.

The first President of FRETILIN, Xavier do Amaral, who had meanwhile been dismissed, surrenders to the occupying forces. The last bastion of guerrilla support at

Matebian Mount [on the Central-East Region] falls to the invaders on November 22, 1978.

Alarico Fernandes, responsible for Communications and Security surrenders on December 3, taking with him the receiver/transceiver used for Radio Maubere broadcasts. On New Year's Eve, the second President of FRETILIN, Nicolau Lobato is killed in action. With all this string of victories, Indonesians think that they finally won the war.

The situation, as far as the resistance is concerned is indeed dramatic:

80% of all members of the Supreme Council for the Fighting dead;
of the original 50 members of FRETILIN's Central Committee remained three;
80% of FALINTIL members were gone;
more than 90% of all military equipment been taken by the occupier;
Links between the few remaining resistance groups were cut, as well as their links with the outside world.

After almost three years of war, Indonesian allows for the first time some foreign journalists to visit East Timor between seven and September 9, 1978. They came back in shock with the famine and the high rate of mortality in the "*relocation centres*" where the Indonesians put all those who surrendered.

This situation force Australian Parliamentarians to ask Indonesia to let in East Timor, the International Red Cross, but this will take place only a year later, in October 1979.

Between 1979 and 1981, Indonesia organizes systematic attacks to try to capture the remainder of the resistance, and simultaneously offers an amnesty to those who are willing to surrender.

Some East Timorese women go to the hills and using megaphones try to convince their husbands, still hiding in the bush, to come back and surrender, because the Indonesians were promising that they would be well-treated. The majority of those who believed such promises were killed like all the others who died fighting.

Many of the women after being raped and tortured had the same destiny. The Javanese brutality goes on and on and bigger. The occupying forces were in for a bit of a shock, when on Portugal's National Day [10 June 1980] FRETILIN attacks the Television Transmitter in Dili as well as, the Ammunition Store and military barracks in the East Timor capital. It is the sign of resurgence.

97.1.1.10.3. PHASE III: MARCH 1981 - MARCH 1983, CIVILIANS MOBILISED TO SERVE AS SHIELDS FOR THE INDONESIAN TROOPS AND THE RESISTANCE RESTRUCTURES.

As a reaction to the brutality of the occupying forces and the persistent lack of honouring its promises by the Indonesians, led the Maubere Resistance to resurrect as Phoenix from the ashes. Its position is now more radical under a new motto: "*VICTORY OR DEATH*".

Between March 1 and 8, 1981, FRETILIN manages to convene a National Congress in East Timor where Kay

Rala Xanana Gusmão is elected as the resistance leader. From then on, the tactic is guerrilla fighting.

Since there were still some resistance pockets, the occupiers decide to mobilize 40, 000 East Timorese men, between the ages of 15 and 55. Their purpose, to lead Indonesian troops acting as human shields. They are then forced to form continuous human chains around the hills where suspected guerrillas are hiding, slowly tightening the siege, always in front of Indonesian troops.

It is then, that thousands of East Timorese are forced to witness the brutal savagery of the Indonesians on the guerrillas, their wives, even the pregnant ones, their children including babies, as previously mentioned report titled "*A report of this sad servitude*" was referring to.

No matter how horrific these Indonesian campaigns were, they did not diminish the East Timorese determination to resist no matter what price they had to pay for it. It is especially after late 1981 that the guerrilla action starts to intensify, both in number and in importance continuing through 1982.

FRETILIN takes control and expels the Indonesian occupiers from five villages during February 1983. Other combats are meanwhile taking place with more than 2, 500 guerrillas in Ailéu, Same, Suai, Viqueque and Lospalos.

97.1.1.10.4. PHASE IV: MARCH - AUGUST 1983, PEACE NEGOTIATIONS AND CEASEFIRE

Facing the sudden apparent success of the guerrillas, the Indonesians tried to become keener to accept talks. It is under their request that on March 20, 1983, FRETILIN's commander-in-chief Xanana Gusmão and its Indonesian counterpart in East Timor; Colonel Purwanto met for the first [and only] time.

The meeting takes place at Lari-Gutu; an area still controlled by FRETILIN. On the negotiating table, one can only see a FRETILIN flag, according to the pictures of the epoch. Finally, three days later a cease-fire agreement is signed by both parties, and simultaneously FRETILIN proposes a bold peace plan:

1. Under the aegis of the United Nations' General Assembly Resolutions 1514 (XV) and 1541 (XV), and under mediation from the UN Secretary General direct conversations should be held between the three parties, Portugal, Indonesia and FRETILIN to debate:

The formation of an UN peacekeeping force or a multinational force, whose impartiality had to be guaranteed as indispensable to warrant and make feasible the functioning of a Transitional Administration. The correct implementation of all decision made throughout the process of talks regarding the stationing of the belligerent forces - FALINTIL and Indonesian troops.

The organization of a free and democratic consultation of the Maubere People.

The setting of a date for a transference of sovereignty

2. We reserve the right to accept Australia as an observer during the negotiations.

3. Other observers might be accepted, if proposed under equal terms and numbers by any of the parties referred to on 1 if accepted by all."

Kay Rala Xanana Gusmão, as commander-in-chief of FALINTIL and President of the Revolutionary Resistance Council, clarifies that position on a statement dated May 10, 1983:

"FRETILIN states the awareness of the Maubere people to be part of the Southeast Asia region. FRETILIN reinforces that it does not want and it will not let Timor be a focus of conflict in the geopolitical region. East Timor will be a non-aligned country willing to follow the path of a peaceful coexistence.

Its principles will rule over relations with all countries and will strengthen links of co-operation in the technical, economical and cultural fields with neighbouring nations. The Maubere people know that it has to respect the interests of its neighbours believing that its own will be respected.

Portugal will be represented at a High Commissioner level as a decolonisation power,

The installation during the transitional period of a Government of National Unity and until general elections can be held, will count on Portugal's representation through its High Commissioner."

Unfortunately, the counter-propaganda from Indonesia presented this peace proposal as a total submission of

FRETILIN, thus avoiding yet again the chances for a long lasting and peaceful solution.

97.1.1.10.5. PHASE V: AUGUST 1983 - SEPTEMBER 1989, REINFORCEMENT OF THE NATIONAL UNITY AND THE START OF INTIFADEH ON THE CITIES.

The Indonesian generals decided that, instead of accepting in good faith the peace plan, they do better using the truce to learn how the resistance forces operated and how to bribe their leaders. Without any results from its fallacious promises and believing, they knew enough about the guerrilla organization to finish with it, the Indonesians through General Benny Murdani threatens:

"If the FRETILIN guerrillas do not accept this amnesty offer made by the East Timor government, a final and decisive attitude will be taken. This time there will be no mucking around and no mercy, I cannot let the unity of our country be destroyed.

Our armed forces will use all means at their disposal on an operation to extinguish all Fretilin rebels."

The general promised and delivered. On August 17, during the celebration of the Indonesia's anniversary as a republic, started a most violent military campaign, involving thousands and thousands of troops, with all the sophisticated military equipment supplied by the UK, USA, France, Netherlands and other civilized nations with strong traditions on the defence of human rights.

In stark contrast with this military bellicosity when Indonesia was deploying all military means and thousands

of troops to smash the Resistance, the village of Kraras was totally massacred amidst all sorts of human rights violations.

At the same time, Indonesia's representative at the UN was describing the East Timor situation:

"The province is now peaceful. The wounds created by the civil war started by FRETILIN and the Portuguese are healed. Its entire population is actively involved on the economic, social and cultural development of its province as part of the Indonesian Republic."

General Benny Murdani considering the extraordinary amount of military means at his disposal predicted that the final breath of the rebellion would be extinguished by October, 5, 1983, promising to bring to Jakarta on that date [when the day of the Indonesian Armed Forces is celebrated] important war trophies.

He was thinking, of course, in being capable to present, dead or alive the commander-in-chief of Falintil, Xanana Gusmão and other major rebel leaders. That was a promise he could not deliver. Not only was he unable to capture any rebel leader, as he was forced to delay a few times the lifting of the exceptional security measures for East Timor.

By mid-October 1973, the Governor of East Timor, Mário Carrascalão was a bit more prudent but was still saying

"I believe that everything will be finished within months. In a few months the situation in East Timor will be totally normal."

By mid January 1984, Jakarta was still predicting that all operations would be finished within a month. The years kept ticking by and all big military operations, involving the elite troops of the Indonesian regime, including the forces under colonel Prabowo, son-in-law of President Suharto, kept repeating themselves without any major success.

In some cases like during 1985, the civilians were asked again to serve as human shields to the Indonesian troops. The guerrilla war is slowly embracing most of the territory, with fewer actions to avoid being burnt out to maintain a prolonged action of resistance.

Simultaneously the national unity of the Timorese reinforced, outside political parties to which they belonged not long ago. Even ex-supporters of the integration movement fight against the occupation, be it in clandestine underground manoeuvres or in the armed conflict.

The convergence of all nationalist Timorese on its fight against the Indonesian occupation of their motherland and for their self-determination and independence was proclaimed by Fretilin in 1983. It is still strongly alive throughout the territory. It is according to this unity that in 1984, Xanana Gusmão smuggles to the outside world a taped message for the world:

"Inside East Timor we are well united and we hope that outside all of you do likewise."

As a response to this appeal from the resistance leader, the Central Committees of FRETILIN and UDT away from the territory decide to sign on March 18, 1986 an

agreement for mutual co-operation giving substance to East Timor National Convergence.

Its fundamental objective is for both political parties to "conjugate their efforts for the indefeasible defence of the East Timorese to self determination".

On their joint communiqué, it is stated:

"Both delegations reiterate the important position of Portugal on its assumption of all responsibilities conferred on it by the Portuguese Constitution and by international law."

During a Press Conference, the Timorese leaders say:

"Of all meetings held between FRETILIN and UDT delegations a serious and profound consensus has created the mainframe between the two political organizations for the installation of a westernised democratic regime in East Timor. This is an important and an essential achievement to which both political parties want the consolidation through the support of all Portuguese political forces.

We hope this might enhance a better political positioning of East Timor in the international scene to bring the attention to what is really fundamental: the defence of international law and of the principles stated on the United Nations' Charter and on the Human Rights' Bill."

In harmony with these decisions, FALINTIL ceases to be FRETILIN's armed wing and becomes the Armed Forces of the National Liberation Movement of East Timor, as

declared by its leader on a message dated December 7, 1987:

"Falintil has only a supreme mission: to defend our motherland, to maintain the internal order, as established in a Constitution where the defence of individual and collective rights can be proclaimed as well as the respect for all citizens from all walks of life in East Timor.

For the glorious Falintil fulfil such a mission, within a government structure, whatever the political tendencies of the executive may be, it is fundamental to declare now the political neutrality of the Armed Forces of the National Liberation Movement of East Timor."

Xanana Gusmão, as commander-in-chief of the Armed Forces of the National Liberation Movement of East Timor, makes the point of showing no political partisanship, on a letter dated December 31, 1988 where he resigns from FRETILIN.

October 5, 1989 again Xanana Gusmão clarifies his position stating:

"Falintil got in the past 11 years, the real importance that is bestowed upon them: the defence of the motherland, without any political links to any party at all

Falintil are not interested in politics, but want to help build a free and democratic nation under the respect of all fundamental freedom of expression and association, of freedom of assembly and thought, under the strictest respect of men's Human Rights.

A multi-party system and a market economy will be the foundations for a free and independent East Timor (that we, guerrilla people are building with our own corpses). A free state, a non-aligned one that however does not renounce its right to apply for ASEAN's membership as a positive contribution to regional stability."

Simultaneously the fighting in towns and regions under Indonesian control is becoming increasingly organized. Clandestine networks start operating, breaking the news blackout imposed on East Timor, and some public demonstrations start to happen.

Some are merely symbolic ones, like unfurling the Portuguese or Fretilin flags as it happened on Christmas night in 1987. In other instances, there are leaflets clandestinely passed around like on November 11, 1987 in unthinkable places like the Government House, Military Headquarters and the Provincial Parliament, as well as in other public service offices and parts of Dili. In those, it was written: "*Indonesians dogs Out of Timor. We want the return of the Portuguese for self-determination and independence of our motherland, East Timor.*"

Immediately after, some Timorese priests and a Portuguese missionary are interrogated by the Indonesian Secret Services and become subjected to strong pressures and threats under duress. The clandestine network starts spreading through the Indonesian heartland, with East Timorese students sent as bursars to Indonesian universities in Jakarta, Yogyakarta [Java], Denpasar [Bali] and others.

Not even the dob-ins that claimed some prison terms and the accidental death of the newly graduated economist José António Moniz da Silva on December 15, 1987 can stop the Maubere People's saga becoming known to more and more Indonesian university students.

97.1.1.10.6. PHASE VI: 12 OCTOBER 1989 TO SEPTEMBER 1990: THE INDONESIAN EDUCATED EAST TIMORESE DEMONSTRATES AGAINST THE OCCUPATION AND EVEN THE INDONESIAN UNIVERSITY STUDENTS STAND UP TO THEIR CAUSE.

When Pope John Paul II visited East Timor for a brief four hours' visit on October 12, 1989, he became a most significant light on the Maubere people interested in their fight for self-determination and independence. That was not due to what the Pope said, or omitted on his Tacitolu [Dili suburb] homily.

That was not due to what the Pope has done or not during his visit, but only for the courage shown by the East Timorese youth when they shouted their want for independence and their determination to fight. When they did it, they were fully aware that they risked being jailed, tortured and even murdered or becoming disappeared.

They had the guts to use that rare opportunity of being seen by foreign journalists who were then, less controlled than usual in East Timor, so that those youngsters could show their rebellion against the Indonesian occupation. Francesco Valis of the Madrid daily El País was one of those who lucky enough to witness the events.

We reproduce here a couple of paragraphs from his reporting:

"The minutiae zeal taken by the Indonesian Government to prepare this Papal visit to Dili, capital of East Timor, was totally destroyed yesterday during a demonstration against the annexation of this ex-Portuguese colony by Indonesia back in 1975.

People shouting for an independent East Timor echoed in Portuguese and Tétum as soon as the Pope said "**ite missa est,**" on what was predicted the most polemic part of the Papal visit to the southeastern part of Asia.

The shouts for independence of East Timor started growing up and the security forces become more forceful against foreign journalists. They took cameras from two of them and destroyed the films. The demonstrators amidst a cloud of dust were defending themselves throwing rocks and chairs against the security forces."

For more than ten years, Indonesia sought a total Indonesiation of the East Timorese children and youth. That is one of the reasons for the push for education under strict Indonesian control. After 14 years of occupation, the result is a demonstration against Indonesia during a ceremony prepared by the authorities to the utmost detail.

Initially the Indonesians had predicted 400,000 people at the Papal mass, but their own repressive measures and the strict control over those East Timorese who could attend it meant that only 80, 000 were able to make it. Even considering that a huge part of this presence was made up of Indonesians both residing at Dili or from West

[Indonesian] Timor and neighbouring islands, and members [uniformed or not] of the armed forces, the unthinkable happened.

The detention and torture of hundreds of Timorese in the months that preceded the visit and the murders perpetrated by the occupying forces of colonel Prabowo, son-in-law of President Suharto, although aimed through its terror campaign to show that everything happened normally became fairly inefficient.

After the Pope's departure, dozens of East Timorese were detained and tortured and nobody knew about their whereabouts. The personal statement presented during the second East Timor Seminar by a youth that was at Dili during the Papal visit might help to clarify what happened then.

After that and even with the most severe of all repressive actions, other demonstrations occurred. In November 4, 1989, a demonstration against the Bishop of Dili, under instigation by Prabowo and other Indonesian military leaders, creates a counter demonstration on behalf of the bishop.

Some confrontational encounters between Indonesian forces and East Timorese caused injuries on an Indonesian major and dozens of Timorese detained or injured. On November 15, a big military force puts under siege the S. José Secondary School apparently looking for four students who might have taken refuge there.

The students take up defensive action. Soldiers' fire shots into the air and after that invade the college and beat up

the students. Similar incidents are repeated during December.

The Far Eastern Economic Review, through its normally pro-Indonesian correspondent in Jakarta, Michael Vatikiotis, prints on December 28, 1989, an article by the same journalist:

"The anti-government hostility that until now was reduced to a few remaining pro-independence guerrillas still fighting in the mountains has now apparently spread to the younger generation on the urban sprawl."

When the North American Ambassador in Jakarta visited Dili on January 15, 1990, about 400 hundred Timorese youth used his visit to demonstrate in front of the hotel where he was staying.

On their banners, one could read "Independence or Death, Integration: No! " Never! Indonesians out of our country".

The Indonesians invade the hotel garden and the confrontation alerts the Ambassador who comes to the door to talk to the demonstrators. These, apologize for the inconvenience and say that they are only trying to convey to him the continued violation of Human Rights in East Timor and to appeal for the United Nations to intervene in the territory. The Ambassador, John Monjo and the demonstrators talk for about an hour.

When his car left the hotel compound, the occupying forces charged over the demonstrators. Scores of people were injured and others made prisoners. Even the

Ambassador was shocked by the violent repression of such a peaceful demonstration.

After this incident, the Indonesian authorities decide to create "death squadrons." During January and February when they start acting, four people were found dead and so mutilated that no identification was possible.

"The National East Timor Resistance Students' News" [Neon Metin] surfaces again during January 1990. Nationalistic but non-partisan, this periodical clandestine publication had first surfaced in 1989, but the Indonesian repression led it to disappear temporarily to come out again fully invigorated in early 1990.

It is worth recalling that on September 7, 1989, around one hundred Timorese students, attending universities in Indonesia, wrote a letter to the United Nations' Secretary General in which they ask for [25, 26 and 27]:

"The immediate and unconditional withdrawal of all Indonesian troops, bureaucrats and immigrants who have helped the Jakarta Government on its illegal occupation of our territory, the exploration and expropriation of our wealth, and on the extermination of our people;

An immediate referendum;

The participation of all legitimate representatives of the people of East Timor, namely the National Convergence [UDT-FRETILIN] in all international fora where solutions for the problem of East Timor are being discussed".

We students also support:

The position adopted by the Dili Bishop, Mgr. Ximenes Belo, on his letter dated February, 6, 1989 to the United Nations' Secretary General where is proposed a referendum, and we students show their appreciation to all international organizations, NGO's and government agencies who have shown their solidarity towards the cause of East Timor.

Their letter ends up with the refusal to accept:

“Any form of collusion between the United Nations, Portugal and Indonesia for the extermination of the people of East Timor, because achieve the interests of the Timorese people there has to be self-determination and total independence.”

On December 26, 1989, Timorese students at a University in Bali [Indonesia] demonstrate against the repression being exerted over their colleagues in Dili. This is severely repressed and a few days later one of the students, José Carvalho is found dead at the Seliwang Creek, Bangor.

Situations like these helped the Indonesian students to break their usual silence. Ammarsyah, a student from the Bandung Institute of Technology was on trial on January, 31, 1990 on charges of having, with five colleagues, organized a pro-democracy demonstration when the Interior Minister Rudini visited the Institute, back in August, 5, 1989.

On trial, he decided to use the court case to expose its opinions on the situation on East Timor and Indonesia with the presentation of a document titled: *"Indonesia, the story of the bayonet and the steel helm"*.

During his intervention and after quoting many cases of Human Rights' violations, the student declared in court:

"Your Honours, let us focus now on the East Timor extermination," and quoting reports from Amnesty International and the International Red Cross, "denounce the massacres of entire villages and the death of a third of the East Timor population, the deportation, arbitrary imprisonment without trial and the disappearance of prisoners. It is a public secret that the offices of the regional administration and local military posts were used as places of interrogation and torture of the detained."

The student Ammarsyah ended reading in full, the letter written by Mgr. Ximenes Belo, Bishop of Dili, to the United Nations' Secretary General and dated February, 6, 1989 where it is *"requested to start in East Timor the most normal and democratic process of decolonisation: a referendum."*

The student still adds in court that this letter brings up, once more, the problem of decolonisation in East Timor.

A similar example can be quoted from a report produced by the Research Department on Rural and Regional Development, of the prestigious University Gajah Mada of Yogyakarta [Java]. This report, 130 pages long, was done after a lengthy study in the early months of 1990.

Its conclusions were supposed to be the focal point of a seminar to take place in Dili on April 10, 1990, sponsored by Indonesia's Central Bank and the Office for Planning and Development of East Timor.

However, due to its contents and conclusions, the Indonesian Defence Minister for technical reasons abruptly cancelled the seminar.

According to that report, "although the Indonesian Government believes that the integration of East Timor solved the decolonisation problem, the Timorese think otherwise. The apathy and indifference of the population towards any programs show not only, that there is no reciprocal adaptation between Timorese and Indonesians, but as well, that the rejection to our presence grows and develops itself naturally."

The research team on East Timor during the first months of 1990 was conducted by Professor Mobyarto, who had already been in East Timor in 1981 and in 1989. It was easy for him to make comparisons and analyse the situation.

These university researchers also reported, "The East Timorese society is traumatized by the prolonged war situation and that even within the Timorese elites there are feelings of hatred towards the Indonesian Armed Forces."

The reports recommend, "A stop must be put to the war situation. Taking into consideration the strong links of the East Timorese to their place of origin and its mores is recommended that the relocation of families be stopped. The people in strategic villages should be allowed to return to their places of origin, to grow their crops and live according their traditions [p.129]."

On the East Timorese Church, the Indonesian's university reports that:

"The major problem is the competition between the Indonesian government and the Catholic Church. As a patron, the Church has got the numbers but lacks financial resources; the government has got huge resources and coercive means but lacks the support of the population [p.9]."

In stark contrast to this report, and following a strong-worded speech by the Defence Minister on February 3, 1990, tens of thousands of troops arrive on East Timor.

Again, the objective is to try to capture the leader of the Maubere Resistance, Xanana Gusmão. The massacres are repeated in villages of shires like Ainaro [Lour] and Bobonaro. Once more, the prisons are overflowing. More prisoners are tortured and more women raped.

For some time, a curfew is imposed in Dili and in other cities. People continue to disappear. The resistance defends and counter-attacks. By July 17, 1990, the students of Colmera and Bécora [in Dili] and in other places unfurl the FRETILIN flag.

It was the anniversary of the Indonesian "integration". Indonesian troops intervene but the students will only furl their flags after the same is done to the Indonesian flags . . . Most surprising is the role that the young Timorese students start playing during the last few months. Addressing military personnel on the streets or knocking at the door of people transmigrated from other islands they

ask before running away: "*Kapan pulang?*" [When are you going back home?]

In September 1990, the supreme leader of the Resistance, Xanana Gusmão could state with total confidence, during an interview with an Australian journalist:

"If three or four years ago we were worrying about **"what is going to happen after the extermination of Falintil"**, today its extermination is only seen as a price to pay for the motherland. It is not only with much pleasure but also with an enormous pride that Falintil realizes that all its efforts were able to keep and consolidate the basis for a true national and indestructible resistance.

The internal situation is as never before and we cannot disguise how happy we are when declaring it. Our hopes when we began this phase became a jubilant reality built upon all the corpses of those who fell for motherland."

The trust we had on the total abnegation of our people became a certainty, and the faith that always guided us became the leading light guiding us on our duty to achieve victory. The time is on our side; not Jakarta is as far as war is concerned.

From a military point of view, Falintil's members are conscious that they have achieved their duty. We are politically, psychologically and morally prepared to accept our extermination because we know the war will not end without us.

The Maubere people will keep on fighting and will never give up the fight, no matter what the winds of fate and History had reserved for us."

97.1.1.11. - PORTUGAL STILL MAINTAINS THE RIGHT OF THE EAST TIMORESE TO SELF-DETERMINATION, EVEN WITHOUT THE SUPPORT OF ITS MAIN ALLIES AND THE SUPERPOWERS.

As explained before, the Portuguese Revolution of April 25, 1975 by the Armed Forces Movement ousted the Salazar and Caetano regime and affirmed the right to self-determination of all Portuguese ex-colonies.

Because Timor was so isolated, in an Indonesian island, since the beginning of the decolonisation the Portuguese authorities stressed that "*The Governor shall act in accordance with the principles of the Armed Forces Movement Programme, taking into consideration local conditions and avoiding deterioration of relations with Indonesia.*"

Based upon this determination the "*Committee for Self-determination*" is inaugurated in Dili on May 13, 1974, and simultaneously the Timorese political associations were formed. On July 27, 1974, the Law 7/74 affirms very clearly "*the right to self-determination*" including "*the acceptance of the independence of the Overseas Territories and the abrogation of article #1 of the Portuguese Constitution of 1933 that considered the Overseas Territories as an indefeasible part of the Portuguese territory.*"

For twelve years, Portugal had to sustain the condemnation and criticism of the United Nations, because it did not respect the right to self-determination of the territories under Portuguese administration. A memorandum dated August 3, 1974 is presented to the Secretary General where Portugal states it is ready to cooperate fully with the United Nations in accordance with the Declaration of the right of colonial territories becoming independent.

This position is further reiterated by the Foreign Affairs Minister and the Minister for Inter-territorial co-ordination in official speeches to the UN General Assembly. General Ali Murtopo, President Suharto's Special Adviser for Security Matters met in Portugal with the President of the Portuguese Republic, the Prime Minister and the Minister for Foreign Affairs.

Frans Seda, Indonesian Ambassador to the European Economic Community, organized with the Indonesian Ambassador to Paris all the contacts needed, and accompanied Murtopo during his visit to Portugal. No official communiqué, of those secret meetings was ever published, but in 1985, Frans Seda presented a fully detailed report of those and other contacts that took place between the representatives of both countries.

That presentation was given to the Papal Committee for Justice and Peace [of which the Indonesian Ambassador was a member] that was meeting between 7 - 12 November at Nemi.

Notwithstanding the Indonesian bias and some distorted facts favourable to Indonesia, through the entire report

even the Indonesian Ambassador admits that the Portuguese authorities always stressed that any solution had to be the result of the free will of the population. It was considered as acceptable the possibility of Indonesia promoting the integration through the East Timorese.

Shortly after the UDT and FRETILIN coalition is established, in early 1975, a delegation of the Government of Timor came to Lisbon to contacts with the Portuguese Central Government, proposing to internationalize the problem as a form of convincing Indonesia not to interfere in East Timor.

Portugal was more worried with the situation in Angola that was trying to solve directly without United Nations interference. The Minister for Inter-Territorial co-ordination decided that to internationalize the problem of East Timor should only be adopted as a last resort.

As an alternative, he proposed to float the idea of independence supported by Indonesia and Australia, with Portugal staying in East Timor for a few more years. He just showed how little he knew of the Indonesian regime . . . A Portuguese ministerial delegation met with its Indonesian counterparts, led by General Ali Murtopo, in London on March 3, 1975.

The Indonesian press to intervene directly on the East Timor decolonisation process, but the Portuguese delegation refuses, reminding that it must be "*the people of East Timor to decide its destiny*".

The possibility of Indonesia making some pro-integration campaigns is again mentioned, as well as is the chance of

Portugal taking the issue to higher international fora, if Indonesia interferes forcefully in the process, although Portugal did not stress it enough to dissuade the Indonesian government from intervening.

We have mentioned before that since Indonesia was not allowed to take part in the decolonisation process, opted instead for destabilizing the territory, in order to invade it later. Portugal then broke diplomatic relations with Indonesia and formally complains in the United Nations. Thus, the problem became internationalized.

The Indonesian blackmail over the fate of the 23 Portuguese military lasted for almost a year, until Indonesia had finished its process of integration of East Timor. The weekly Expresso editorializes on July 3, 1979:

"Some of them are in a very serious danger, if the problematic conflict between Portugal and UDT are not solved until August, 17 when Indonesia celebrates its national day and the integration of the ex-colony on Indonesia.

We have the feeling that at least four of all 23 detained, are risking their lives, if Portugal does not start negotiations or if they do not lead to a satisfactory result for the new Timorese authorities."

The "Jornal de Notícias" published on July 13, 1976:

"The conditions imposed by Indonesia to free its 23 Portuguese military hostages are the re establishment of diplomatic relations with Jakarta, the official recognition of

the Provisional Government and the withdrawal of the Portuguese complaint in the United Nations."

Portugal decides not to satisfy any of conditions imposed by Indonesia, but does not initiate any important international activity to avoid the integration, even under the threats over the fate of the Portuguese military kept hostage.

On July 28, the hostages finally land in Lisbon, but the decree institutionalizing the integration of East Timor with Indonesia had been signed 11 days earlier by President Suharto on July 17, 1976. The hostages had played the Indonesian wanted them to: avoiding a large Portuguese and international reaction to the farcical integration.

Ever since that day, the Portuguese position has been the same: ***the respect for the right of East Timor to attain self-determination.*** The Portuguese Constitution approved on April 2, 1976 and its amendments of 1982 and 1989 still maintain such a right.

The Portuguese Parliament more that once has reiterated this right to self-determination, protesting against the Indonesian occupation and against violations of basic human rights. Other legislative and executive organizations of the Portuguese Republic have taken up similar positions within their sphere of influence and action.

Successive Portuguese governments have had to contend with the supreme power of Indonesia and its powerful allies, especially USA and Australia, thus being impotent

to take on actions that are more efficient to finally end with such unfair and unjust situation in East Timor.

Wavering between the firm denunciation and periods of silence and compromise the Portuguese have resisted the temptation of negotiating the right to self-determination that only belongs to the people of East Timor, or of abdicating of its duty, which is, as an Administering Country to try to create conditions for such right to be exercised.

It is not easy to try to remind the world that all should fight for the right of an oppressed people, whose territory was invaded, occupied and annexed, without having the chance of choosing its own destiny.

One of the reasons lies on the fact that the most powerful prefer to opt for their interests instead of defending principles and the law.

It may happen that the grave crisis affecting the Middle East today will change the international hypocrisy and the need to refuse any form of forceful annexation.

As small and fragile as they are, the East Timorese keep on resisting and surviving under such adverse circumstances, what is not only formidable after fifteen years of fighting but also represent some form of victory. All, that is left to be done, is to use their suffering, their fighting and courage to give us strength to end with the humiliations and torture and other offences to achieve Peace in Justice and Dignity in Liberation.

We hope that the East Timorese children do not have to go on asking the occupiers: "*Kapan pulang? When are you leaving?*"

97.1.2. - EAST TIMOR, THE MEDIA AND THE INTERNATIONAL SCENE

To avoid letting the world know about their crimes the Indonesians did not hesitate to murder five Australian journalists.

Back in October 1975, two Australian television teams were filming the fall of Balibó, Portuguese East Timor, to Indonesian troops supported by Timorese refugees.

Those images would wipe any doubts on the participation of the Indonesian regular army on the attack, and would deny Indonesia's propaganda that only Timorese refugees grouped under MAC [Anti-Communist Movement] and Indonesian volunteers were trying to regain control of Timor.

At Maliana, few kilometres before Balibó a Portuguese television crew from RTP, led by journalist Adelino Gomes witnesses the attack where heavy artillery, firebombs and automatic machine guns were used, trying to film the landing of a helicopter moments after the combat.

The day before, Adelino Gomes had talked to his Australian counterparts, from Melbourne's Channel 7 and Sydney's Channel 9. On the yellow walls of the house where they were staying the word Australia and the Australian flag were prominent.

One of them, Greg Shackleton had told him: "This is for the Indonesians to notice, if they come to Balibó they will know that there are some foreigners and they won't kill us. It's our embassy."

Less than 24 hours later, by the dawn of 16 October 1975, the Indonesians start attacking Balibó with the support from some Timorese members of MAC. Both Indonesian and Australian authorities knew the journalists were there.

Just a few days before, some TV programs had broadcast their messages on the way to Balibó because it was an area predicted to be attacked by the Indonesians, trying to oust it from FRETILIN's control.

One of the journalists managed before being killed to say that he was Australian, but Indonesia's objective was the same: to eliminate the inconvenient witnesses, so all five TV crewmembers were murdered consciously and coldly. Apart from journalist Greg Shackleton, the others were Tony Stewart [sound engineer], Jan Cunningham and Brian Peters [camera operators] and another journalist, Malcolm Peters.

The Indonesian generals responsible for this operation [Col. Dading Kalbuardi and Major Yunus Yusuf] were promoted soon after that. General Suharto quickly decorated the official photographer of this operation.

Although the Australian government was embarrassed with the impact of the event on public opinion, it conducted a quick and inconclusive public enquiry. Meanwhile in East Timor, other Australian journalists, including Roger East,

got statements that leave no doubts on the intervention of the Indonesian Armed Forces in this crime.

Indonesia was unable to gain any substantial territorial control after their border skirmishes and about a month and half later, by early December, an invasion is imminent, thus forcing the Australian authorities to advise all Australian citizens to abandon the territory. Most foreigners and journalists heeded the advice, but Roger East decided to stay even after the International Red Cross decided to evacuate to Ataúro Island.

On December 7, roughly one hour after the invasion Roger East was still able to send via the Telecommunications Centre of Radio Marconi, in Dili, a message to Australian Associated Press [AAP] and Reuters in Australia.

Shortly thereafter, he was taken to the Dili harbour area where he was murdered, as were hundreds of Timorese. The collusion between the Australian government and the Indonesians was such that not even protest was raised on the murder of this Australian journalist and Australian citizen.

For more than 13 years [December 1975 - December 1988], the Indonesians impose an almost total news blackout to East Timor. Very few foreign journalists are allowed into East Timor. Whenever authorized their visits are closely monitored and their freedom of movements is minimal.

Independent journalists report on the generalized fear in a decimated population, traumatized by war and famine and all other atrocities committed by the occupying forces. The

only exception to this rule comes from compromised journalists who decided beforehand to make favourable reports to the Indonesian occupiers. Even on such cases all they are allowed to see are towns, new hospitals and schools, new roads and other façade improvements that the Indonesian try to show as if to forget the genocide of the East Timorese people.

Contacts with the population and the bush are very limited or impossible to make. The International Red Cross was allowed to visit temporarily the territory in March 24, 1979 under harsh restrictions and limitations. For more than three years, their presence was forbidden.

In one of its first reports, back in 1979, the Red Cross states that the humanitarian situation in East Timor is worse than Biafra during the secession war, and asks for a mercy campaign of medical and food support to avoid the death of tens of thousand of people.

When East Timor was "opened" in January 1989, as widely announced by the Indonesians, many independent journalists and humanitarian organizations were still denied a visa into the territory. Some other journalists, admit how well received their requests were, of being invited for dinner by diplomatic members who were willing to give them all their support, if their reports would be seen as favourable to Indonesia, but who were later refused their visas when they did not intend to play the Indonesian game.

97.2. THE OPENING SESSION

The opening ceremony by the Portuguese President of the Republic was followed by a debate on "The European Community/Indonesia/East Timor." It was followed by the intervention of the Portuguese European Parliamentarians and international journalists.

The next day it was hard working sessions with East Timorese in preparation for the future, with the intervention of the Parliament Ad Hoc Committee for East Timor, representatives of the Foreign Ministry, the National Convergence and international solidarity groups. This was followed by a session on the international public opinion, governments and international bodies.

The last day was occupied with future preparations of the support work, seconded by Lord Avebury, as a founder of the "Parliamentarians for East Timor," Michel Robert (of the Sorbonne University) and members of the National Convergence, as well as members of the Christian groups and solidarity support groups.

With the presence of Portugal's President of the Republic and foreign dignitaries, the seminar started under the assurance that "***Portugal will defend the right to self determination and independence for the people of East Timor until they actually achieve it.***"

The first session had the participation among others of the representatives in Portugal of the Timorese National Convergence, representing FRETILIN and UDT who stressed the importance of the last peace proposals from the guerrilla commander Xanana Gusmão.

The co-ordinator of the Seminar, Professor Barbedo de Magalhães had a fiery speech. Stating the parallels between the invasion of Kuwait and East Timor, the speaker mentioned also the end of the two power Cold War, the increased freedom and democracy bouts everywhere from Asia to Africa. Going on to criticize Indonesia for its brutal, murderous military regime erected on top of at least half a million dead and 1, 500, 000 political prisoners (Tapols), Professor Barbedo expressed his revolt against the support given to that regime by the USA, Japan, Australia and some European countries.

Mentioning that “the act of Portugal presenting its formal protest in the International Court of Justice in the Hague makes unequivocal its role as administering power for East Timor, opening new diplomatic and juridical avenues for a solution”, the speaker went on to mention “the recent meeting in the United Nations between an International delegation of Parliamentarians for East Timor and the Secretary General, Perez de Cuellar”.

Criticizing the Pope's position concerning East Timor, at the same his Holiness was visiting Portugal for the Fátima celebrations, Professor Barbedo said

“It hurts that after fifteen years of genocide, the Holy See has kept its silence on East Timor, seldom broken by some watered down preoccupation on its cultural identity.”

"The withholding of three hundred letters from Roman Catholics bishops expressing their support to the proposal of a referendum as suggested by Mgr. Ximenes Belo, Bishop of Dili, was as far as we know, ordered by the Vatican, and it horrifies us such methods are being used to

silence a crime against mankind like the one perpetrated against the people of East Timor."

"It is not only this silence, orchestrated by the Vatican, its Press Corps, the Secretariat but also the manipulation of Catholic publications where East Timor is mentioned as part of Indonesia where nothing is happening."

"We understand the interests of the Vatican in trying to protect the flourishing minority Indonesian Catholic Church in the most populated Muslim nation, but we cannot accept that the Church of Rome will sacrifice the Church and people of East Timor in order to please those interests."

"On the eve of the arrival of His Holiness, the Pope, I endorse a document already delivered to the Apostolic Nunciature in Lisbon recognizing the "indefeasible right of the East Timorese to self determination, asking the Indonesian government to withdraw without delay all its troops from the territory and asking His Holiness to use His voice on the international arena to defend the legitimate rights of the people of East Timor, whose blood and suffering so much hurts our consciences."

In fact, during the next couple of days, incidents and demonstrations regarding East Timor marred the Pope's visit. The first was a Press Release mentioning Timor as the 27th Indonesian province; another was a speech mentioning the great Portuguese discoveries from America to Indonesia.

On the second day of his visit, the Pope was forced to concede to an interviewer from the Portuguese Catholic Radio Broadcaster "Rádio Renascença" his "*deep worry*

over East Timor whose problems have to be solved according to the principles of justice and in accordance with Human and National Rights." This was the first time ever that the Pope admitted such a contentious point.

Dr. Paulo Pires, President of the Political Committee of UDT (Timorese Democratic Union Party) remembered the request of the Bishop of Dili, Mgr. Ximenes Belo: "*Do not let the East Timorese die*" and went on to stress the importance for Portugal of keeping its language and culture alive in the region.

The Portuguese European Parliamentarians and journalists concluded the first session with a vivid debate where the actual situation of the debates on East Timor, and the strategies for future intervention in the Strasbourg Parliament were discussed.

The actual membership of Portugal in the EEC has markedly improved a more vocal attitude of the European Parliament, yet not proven by facts, such as arms embargoes. It was mentioned that all European countries, including Portugal have a lively trade with Indonesia, vital to the Jakarta regime but not essential for the EEC.

97.2.1. THE SECOND DAY OF THE SEMINAR

97.2.1.1. FIRST SESSION

The first session was only open to East Timorese, journalist and Parliamentarians, without any public intervention. It was a well-attended session and vivid discussion took place between representatives of the National Convergence and representatives of the Young

Timorese living in Portugal, who refuses to accept guidance from the two major political parties if they do not to listen to their grievances.

The youth reserve the right not to belong to any of those parties but still want their voice heard, otherwise, they said *"the National Convergence does not represent all Timorese living abroad."*

The newly elected Secretary Co-ordinator of FRETILIN, António Maria Araújo, until recently a teacher at the S. José College in Dili, had some difficulty adapting to the open democracy Forum, and still seemed imbued by old traditional taboos. Although fluent in his speeches, he had trouble grasping the notion that the young Timorese in Portugal want to be heard without taking part in what they perceive as a closed-knit political apparatus.

The following session was dedicated to the discussion of the current proposal for a Portuguese delegation to visit East Timor, with a stopover in Jakarta to address the rubber-stamp Indonesian Parliament before going to Dili.

Heated debates took place between members of the *"Ad Hoc Committee of the Portuguese Parliament"*, a representative of the Portuguese Foreign office who is the ambassador accompanying the case of East Timor, Portuguese Parliamentarians and solidarity groups.

97.2.1.2. AUSTRALIA'S PRESENTATION

In the afternoon session of the second day, there was a round table on international public opinion, governments, international fora and the drama of East Timor. The first

speaker was the AJA (Australian Journalists' Association) spokesperson for the Seminar [Chrys Chrystello] who read some messages from Australian entities. On his speech, the author stated that:

"When I left East Timor on June 1975, I left there all my belongings on a trip to Portugal, and I refused to accept the voices of those who were then predicting the worse. When I was ready to return in August, I am confronted by the lack of access to East Timor due to the start of the civil war. Ant until this day I have not been able to return.

On that same year, the Australian colony of Papua New Guinea became independent. Today is a minor player towards the Indonesian giant neighbouring nation, and has long stopped protecting the pro independence movement of OPM (Organisi Papua Merdeka) that since the 60's have been fighting for the independence of the western side of the island, annexed by Indonesia.

Similarly, the East Timorese have been fighting since 1975 for the independence of their nation from the Javanese yoke. I want to state here that there is a minority in Australia that feels offended and insulted by their country's attitude towards East Timor, since the economic and political interests are stronger than the need for human rights.

The journalists are dominated by a media concentration where the mass media depend on the capitalistic concentration of power around a few, to survive, and even if they wanted they would not be able to write freely about East Timor.

Most mediums in Australia pretend to ignore the world and they do not even disguise the fact. A xenophobic parochialism still pervades the Australian media, and although we, Australians claim to be the most multicultural nation on earth we still live with our strong emotional ties with the UK, our ideological ties to the USA and our linguistic ties with Canada. Although we are in a geopolitical area of South East Asia and the Pacific, we pretend that we are in Europe.

In future decades, we will become more Asianized but in the meantime, our mentality is still very much a western one.

The case of East Timor has been taken up by politicians, academic and by the person on the street, but it always looks as being too far away when compared with atrocities in Chile, Cambodia, Latin America or Africa.

However, Timor is only 400 miles away from Darwin, in the Northern Territory and it is always easier to defend the Human Rights of those who are further afield and that mean not much to us in civilization terms.

That is the reason why I decided to base my presentation to this Seminar on written statements by Australian politicians, individuals and support groups. Before I finish there is a strong message coming from the Australian Aborigines, that fabulous race who more than 60 thousand years ago invented the ecological balance, and that up to this day still does not have the most basic right. From them we receive a message that identifies their fight with the neighbouring cousins of East Timorese."

Messages from Australia:

97.2.1.2.1. From the AJA's Federal Secretary Christopher Warren:

"While the AJA has no specific policy regarding East Timor it has a long standing commitment to the principle of a free media and to the rights of journalists to report freely and safely in all parts of the world.

The deaths of five Australian journalists in East Timor over 15 years ago strengthened that commitment which we pursue actively in our own region and through our affiliation to the International Federation of Journalists. Please convey my best wishes to the Conference on behalf of AJA."

97.2.1.2.2. From Laurie Ferguson, Convenor of the [Australian] Parliamentarians for East Timor, Federal Member for Reid:

"On behalf of the Australian Parliamentarians for East Timor I would express solidarity with your conference. Unfortunately, Parliamentary sitting makes attendance impossible.

The last year witnessed an upsurge of media coverage of Timor, whether in negotiations offers, Gusmão's Xanana interview or Gulf War parallels.

We remain committed to constructive criticism of Australia's role in suppressing Timorese self determination."

97.2.1.2.3. From Michele Turner, writer [deceased 1995]

"My grandfather was an Australian soldier kept alive by Timorese during WW2, without their care I'd never have known him.

According to a 1946 Census, over forty thousand Portuguese Timorese died during WW2. They were, as usual in wars of occupation, mainly children and old people.

They died of starvation-assisted illness because of the disruption to a subsistence economy caused by fighting troops and Allied bombing.

When we compare this with Australian Pacific War losses of 46,000 and consider the relative population sizes (450,000 Portuguese Timorese, over seven million Australians), and the fact that Australia was not occupied, we get an idea of that war's significance to Timorese.

Since 1982 I have been interviewing and collecting information for a book nearing completion called "TIMOR LEST/E" spanning East Timor last three invasions (Japanese, Australian and Javanese). What I have learnt about the last and most devastating invasion and occupation since 1975 puts it close to genocide.

ABC Radio National broadcast a social history series with actors reading excerpts from the "Timor Lest/E" interviews in March 1991, about which they got a wide and anguished public response.

With a well-known local filmmaker, I am currently working on a script for a documentary about Timorese women's experience of war.

The issue of East Timor and Australia's relation to it is one which will not go away, and about which Australians of conscience are at last becoming increasingly aware.

97.2.1.2.4. Message from Paddy Kenneally, WW2 soldier in East Timor:

"26 April 1991

Yesterday Australia wide the people were commemorating Anzac Day and the landing on Gallipoli. In all parts of the island, continent memorial services were held in honour of the men and women who gave their lives in the service of their country.

I marched with my unit the 2nd/2nd Independent Company (Later renamed the 2/2nd Commando Squadron) which served in East Timor from Dec. 17, 1941 to Dec. 16, 1942. My body was marching down the streets of Sydney; my mind was ranging far and wider over the mountains of East Timor. From Dili, west to Cailaco, south to Betano and east to Ossurua.

The 'Postos' and the people who dwelt in those mountains were quite familiar to me. The people who gave so much to the "Australie soldado" to help him forget his war against the Japanese army. Without the aid given so instinctively by those people that, campaign could not have been waged.

It was not help for a day or a week, it continued for ten months. They fed us, gave us shelter, carried our wounded, warned us of any Japanese movements (we couldn't possibly cover all areas in those mountains) and guided us over trackless country if we were cut off.

Those wonderful people filled my mind as I marched. The reprisals they suffered, villages burned, livestock killed and crops destroyed, many of them killed all because they helped the Australians. By the end of the war in August 1945, up to 60, 000 of these defenceless people had died from starvation, disease, excessive hard labour or executions and beatings.

They were a neutral country; the war was not of their making. The Australian and Japanese alike invaded them; they had no means of defence. Their losses were far, far greater than the casualties suffered by all Australian forces in all theatres of war in World War II. Surely, we had a debt to these gallant and peaceful people.

We repaid them by completely ignoring them, by aiding and abetting their new invaders, the Indonesians. From December 1975 to the present time, the conduct of Federal Governments has been shameful. They have recognised the military takeover by Indonesia. They have granted Indonesia, millions of dollars in aid and signed a treaty with them, the so-called Gap Treaty despite the fact that the United Nations refuses to recognise the military takeover. As a people, we have little to be proud of either in this matter.

Thank God, that position is changing. The Australian Council for Overseas Aid has always been active in the cause of self-determination for East Timor. Shirley Shackleton and Patsy Thatcher both of whom have visited East Timor work untiringly for the same cause. Michele Turner has spent years researching and putting on record the lives of people who have suffered under the Indonesian regime.

Many religious orders are interested in this work for the people of East Timor. Only this morning [26 April 1991], a nun gave me some pamphlets on East Timor. They hold meetings, show videos and are interested in getting Timorese people to speak and address those meetings. SBS screened an extremely good documentary "Shadow Over East Timor" produced by Mandy King and Jim Kesterven Mandy King has also visited East Timor last year.

The 2/2nd Commando Association in West Australia is once more taking a deep interest in East Timor affairs. This association has a non-political clause in its constitution, which precludes it from taking part on political questions. Its members of course are quite free to espouse any cause as individuals. This they have done in the case of East Timor since 1975, and increasingly so since 1989, following visits to East Timor by individual 2/2nd men.

With so much interest in East Timor, in Australia, USA and Britain it is now up to the Portuguese Government to push the cause of East Timor in the United Nations. That body does not recognise the military takeover of East Timor by

Indonesia. Portugal is still recognised as the administrating power in East Timor by that organization.

With the end of the Gulf War and the plight of the Kurds in Iraq, the time is ripe to focus attention on the suffering of the East Timorese. The brutal conquest of East Timor was a far greater offence against a weak defenceless people, than the Iraqi invasion of Kuwait. Yet not one nation has raised the question of economic sanctions or the use of force against Indonesia if it does not comply with the United Nations demand that it withdraw from East Timor. How can the Nations of the world condemn and right the Kuwait invasion, and condone and do nothing about Indonesia's invasion of East Timor? It is time that this position was rectified.

97.2.1.2.5. Message from James Kesterven, Shadow Films, co-producer of the documentary "Shadow over East Timor"; broadcast by SBS on April 1991:

"Dear Conference Members:

As the producers of the Australian documentary "The Shadow over East Timor," we wish you all the best for your timely conference on East Timor.

Completed in February this year, "The Shadow over East Timor" was broadcast in April on Australia's multicultural broadcasting network SBS Television.

The overwhelming response from the TV audience was one of outrage at both the covering up of the war in East Timor and at the double standards of the dominant world

powers in helping Kuwait while turning a blind eye to the rights of the people in East Timor. In particular, the Australian TV audience was outraged at the Australian Government signing the Timor Gap Oil Treaty. The feedback to us is that Portugal has their full support in taking Australia to the International Court of Justice.

Having been involved in the making of this documentary over a 7 year period we can see that now is the time, more critical than ever, that as much pressure as possible must be brought to bear on Governments, politicians, diplomats and the United Nations to respect the rights of the East Timorese people as constituted within UN legislation, guidelines and resolutions."

97.2.1.2.6. Raymond Longbottom, adviser on Aboriginal issues for the Aboriginal Corporation for Homeless and Rehabilitation Community Services:

"The Australian Aboriginal people want to remind the people taking part in this Seminar that no Olympic Games should be held in Australia until the Aboriginal people have got back what's theirs. Having made that statement, we want to stress that as neighbours and akin we recognise the right of every nation and every people to attain self-determination. That has not been the case in East Timor.

Our government always so much worried about Human Rights' violations in distant parts of the world has preferred to turn a blind eye to the situation in East Timor and sign an illegal agreement with the Indonesians for the exploitation of the East Timorese wealth in oil and natural gas. Likewise the Australian Government has been for the

past 200 years exploiting the riches and the wealth of the Australian Aborigines and unwilling to provide them with decent living standards and human rights.

I believe time is ripe for the world to acknowledge that the East Timorese and the Australian Aborigines are being denied their rights to self determination and ownership of their land and natural resources."

The audience at the Seminar applauded with a standing ovation these messages from Australia, the strongest ever to be heard from Australia.

97.2.1.3. THE INTERNATIONAL PLATFORM OF JURISTS

Another strong presentation in this session was that of Dr. Pedro Pinto Leite, lecturer at the University of Leiden (the Netherlands):

"The International Platform of Jurists for East Timor dates back to 1989 and is based upon the same formula adopted by the Parliamentarians for East Timor. After some informal meetings an organizing committee was formed, comprising myself, Drs. Paula Escarameia of the Eastern Asia University (Macao), Sasha Stepan of Monash University (Australia) and Rui Moura Ramos of the Coimbra University (Portugal). Letters were sent to jurists of all nationalities.

The idea behind this Platform was that the problem of East Timor had strayed away from its legal component, and precisely this was one of the weakest Indonesian points. Some of the activities we can develop are:

to support the Portuguese government to exercise its rights as administering power;

to pressure the Foreign Offices of countries who so far have supported Indonesia, or abstained to take position, in order to lobby them to adopt a position in accordance with International Law;

to take part as petitioner in the United Nations' committees that debates the issue, such as Decolonisation and Human Rights Committees.

to publish articles in various languages addressing the problem of East Timor from a legal perspective;

to stimulate the study of the problem in various universities and helping students who want to present their thesis on the subject;

to create an international yearly award for the best of those thesis.

Our support is growing and we already have as members:

Dr. Gilmar Mendes, adviser to the President of Brazil; professor Claude Bontemps, of the University of Paris XI, Dr. Lucas Pires, European Parliamentarian; Dr. Rui Gomes of the European Council; Dr. Brahim Terki, a saharawi, lecturer at the University of Toulouse (France); Dr. Argyros Gogon of Sifnos (Greece); Milly de Bruyin, President of the Leiden Journal of International Law; Dr. Frans von der Dunk, lecturer at the Leiden University; Professor Jorge Miranda of the Lisbon University; Dr. José Manuel Pureza of the New University of Lisbon; Professor Adriano Moreira and Dr. José Guimarães, of the Portuguese Parliament Professor Susan Marks of the Cambridge University, Professor Nathaniel Berman of the Boston University, Professor David Kennedy of Harvard and many more.

Next October we plan to have our first General Meeting and we expect to have 100 jurists from 30 countries, now that we seem to have solved our financial problems, it is time to go ahead and establish our action plan.

97.2.1.4. THE NETHERLANDS' POSITION

Another important presentation came from Rob Van Gyzel, a Dutch Labour Party Parliamentarian, spokesperson on Indonesia, arms transfer and control, and ex-Chairman of the Labour Party (Amsterdam).

"After the occupation of East Timor by the Indonesian military forces the Netherlands Government is representing the Portuguese interests in the archipelago. This development led to a neutral position in the conflict. It was seen that only a neutral position of the Netherlands was appropriate when representing Portuguese interests. This led in fact to passivity. In the past 2 to 3 years, this position has changed slightly.

On February 15th 1990, 4 people were executed in Indonesia who were sentenced to death more than 20 years ago. Because of this execution, I immediately asked our Foreign Minister a report on the human rights situation in Indonesia. This report contained the following:

“At present, it is not likely that the negotiations under the auspices of the Secretary General of the United Nations will lead to concrete results soon. The human rights situation in 1989 has worsened. The situation is somewhat tense. It is perceived as positive that a good relation had

developed between the clerical authorities in Dili and Djakarta.

On March 18th this year, the Second Chamber of the Dutch Parliament has debated policies regarding Indonesia. All political parties demanded a more constructive role and a more active position of the Minister for Foreign Affairs regarding the East Timor issue. My own party stated that (quote :)

Regarding East Timor, the Netherlands should no longer maintain its neutral position, although the Indonesian government would react negatively to this. Neutrality often leads to passivity.

The spokesperson of the governing Christian Democratic Party said:

There seems to be a stalemate. The position of Portugal was not always clear in the past. We have to ask ourselves which possibilities the Netherlands or the EEC has to put the situation in East Timor higher on the political agenda.

The largest opposition party, the conservative oriented Liberal party stated:

The Netherlands can - because of its special position - play the role of a catalyst in stimulating talks between the UN, the Portuguese government, Indonesia and a representative delegation of the East Timorese population.

These three parties together have 125 of the 150 seats in the Dutch Parliament. A clear majority that the Foreign Minister cannot ignore. Regarding Indonesia he is a proponent of "silent diplomacy" and he (Van den Broeke) declared during the debate:

Neutrality should not lead to passivity. The resolutions of the General Assembly of the United Nations are still valid. The Dutch activities should not be directed towards prolonging the present situation.

In short, the Dutch Government still takes the UN as central point of departure for its policies but hides itself behind the international community and especially Portugal when it comes to execute General Assembly decisions. Since the Gulf War in the Netherlands, the discussion on the role of the UN has intensified. More attention is paid to the need to settle "old" questions on which the U.N. has a clear position, such as East Timor.

The role of publicity here is extremely important. Journalists who are interested in active and objective reporting on East Timor can play an important role. Such reporting is indispensable for putting East Timor on the political agenda and change present policies.

In terms of international law, the case of East Timor is clear. The only question now is how the principles of international law can be applied and lead to positive results. Each member state of the UN has the obligation to actively pursue this application of international legal obligation into reality."

97.2.1.5. INDONESIAN "TAPOL'S" (POLITICAL PRISONERS) SUPPORT EAST TIMOR

Two of the most active Indonesian Tapol's (ex-political prisoners) Sutan Kelana of the FDI (Front Demokrasi Indonesia) now living in Amsterdam, and Liem Soei Liong of "Tapol" (The Indonesia Human Rights Campaign), now

living in the U.K., took also part on the debates tabling a series of documents relating to the situation in Indonesia in general and East Timor in particular.

97.2.1.5.1. Sutan Kelana (a pseudonym) tabled "The Indonesian opposition and the issue East Timor":

"Except for the last two years, the issue East Timor has always been a taboo for the Indonesian opposition. The planning for the invasion into East Timor long before 1975, the invasion itself, the war against the people of East Timor and the maintenance of the presence of the Indonesian army in the territory, the "export" of the Indonesian bureaucracy into the present provincial government in East Timor, have always been planned and decided through "security" approaches by the military intelligence, regionally and at the centre (Jakarta).

Although the Indonesian bureaucracy as a whole is moving slowly to develop independently from the military bureaucracy, East Timor has always been an exception. It is a "military project", it started since the war campaign in 1975, until the present periods of forced and unilaterally "integration" campaigns (the so-called infra-structural development projects, transmigration, education, health care, etc.)

97.2.1.5.2. The Indonesian bureaucracy

The degree of frustration for the Indonesian bureaucracy in matters of East Timor may be evenly strong as for the bureaucracy led by the present "puppet" governor Carrascalão. There is nothing worse for an Indonesian civil

servant than to be sent to East Timor. The only information they had before leaving to East Timor was:

"There has been a "bloody" war going on with a strong and heroic resistance from the local population, a great but "unknown" number of deaths on the part of Indonesian soldiers, "problems" between the local government and the military command and the province's management is run "de facto" by the army, socially, politically and economically.

This last information is the most unpleasant for them, since the "opportunities" to earn money through "businesses" while serving in the province, may be more reduced than in other regions. Not to say the degree of "independence" in work, this will be curbed more vigorously by the military bureaucracy than in other regions of the country.

At the top national level of the bureaucracy, centred in Jakarta, East Timor has always been a proof of the impotence on the part of the non-military bureaucracy (i.e., the state/government agencies) to take an active, critical, independent stance. As for East Timor, the military is "governing", is anticipating all political steps and taking the decisions, before they will be carried out obediently by the state departments.

East Timor is for the Indonesian bureaucracy a "state matter", it means it is a "military matter" and no civilian representing the bureaucracy has the competence to interfere or to play a significant role. The policy is discussed and planned among the Ministry of Defence, the headquarters of the Armed Forces and occasionally with

the State-Secretary Office, next door to the President's office. The implementation of this policy is carried out by the same agencies and extended minor to other departments such as the Ministry of Home Affairs, Ministry of Transmigration, etc.

The fact that some East Timorese are jailed for years in Jakarta or nearby prisons, without being uncovered to the domestic (through the media) or international public, is proof that the military (the intelligence agencies: Bakkim and Bais) have the full grip on this issue. An exception may be the role of the Indonesian Foreign Office, in general taking form in a seemingly active and independent performance of its foreign minister or ambassadors sent abroad.

In cases of criticism launched abroad on issues of human rights violations in East Timor, in the international press or at diplomatic level, it can be seen that the Foreign Minister's office in Jakarta from time to time takes an unusual offensive and vocal stance than the denials upon other general issues of human rights violations occurring in other regions in Indonesia.

97.2.1.5.3. The Indonesian opposition

The basic problem for the Indonesian opposition to raise issues on East Timor since the beginning in 1975, especially among the younger generation, had been the difficulties to get actual and adequate information as quick and regularly as possible.

The Indonesian opposition can be divided into three categories:

(Within) the 1945 generation, such as "Petition 50": Retired generals of the early hours of "Orde Baru" and some former top national bureaucrats, serving in the previous Sukarno government. The groups claim to be only a "moral force" within the existing Indonesian, social, economical and political affairs and against the propagation of "confrontational" politics toward the existing power holders.

Since the group consists of retired generals and bureaucrats, with neither political concepts nor the understanding of overall human rights (such as the right to self-determination) it is unable to generate discussion within their own groups on East Timor issues.

The last known statement was in 1988, and openly spoken by its spokesperson Lieutenant General (Ret.) Ali Salikin only to raise their concerns on the great number of deaths of Indonesian soldiers, which had been kept secret to the public.

The 1966 generation, consisting of former student activists who were also responsible for the overthrow of Indonesia's first President (Sukarno) and supported the rise of the "Orde Baru" generals to power. Most of their leaders joined the top echelons of the bureaucracy with few playing the role of "dissidents" but choosing not to raise the East Timor issue openly. Critics point that they had been "bought" off by the Suharto regime. Some segments of this generation had chosen to work within "humanitarian" non-governmental organisations, although

covertly, in defending human rights matters, including the East Timorese prisoners.

The "new generation":

Consists of students and activists from the 70's and 80's who formed and joined the human rights movements in the late 80's. Some years after the invasion of East Timor, at the end of 1978, the student movements had to endure years of hardship, resulting from the crackdown by the military on campus politics.

Political activities were curbed effectively until late 1988. During these ten years of "vacuum", East Timor issues were discussed only within closed doors among the mushrooming students study-groups in Indonesia.

Although East Timor has been an issue of concerns for critical students, the discussions remained discussions and did not develop into other forms of significant activities. The "vacuum" in student politics ended only when the students of ITB in Bandung (West Java) demonstrated against the visit of the minister for Home Affairs, the General (Ret.) Rudini to their campus in September 1988.

Six of the twelve students who were arrested were brought to trial. One of the students, Ammarsyah, in his 250-page defence plea, also criticizes the government for the atrocities against the East Timor people, mentioning the systematic killing of approximately 200,000 people during the invasion.

It was then, the first time in the history of the Indonesian students' movement, which openly, detailed and

documented the atrocities orchestrated by the Indonesian military. His defence plea, together with others' had been printed and reprinted with a total edition of 50,000 and widely distributed among the students. These Bandung students were sentenced to three years imprisonment.

The trial of another student, Beathor, in Jakarta, May 1990, brought a further dimension of criticism towards the regime on its East Timor policy. Beathor went further on his 300-page defence plea, by saying:

"What this government has done, is against the international norms. It has brought a black spot in the history of the Indonesian people and, damaged the Indonesian people in the international eyes!"

What Beathor wanted to say was clear: it was the right of the East Timorese people to self-determination and to have their "own" independence. He and many others were not to be blamed for what the government had caused to the East Timorese. Beathor, a student leader who was arrested for being responsible in organising a demonstration in the capital city against price hikes in electricity was sentenced to eight and a half years imprisonment. His defence plea with a long chapter on East Timor weighted more than his comrades in Bandung.

Another quality leap was marked with the formation of a human rights organization, called "In Fight" (Indonesian Front for the defence of Human Rights) in the beginning of 1990. This organization consists of younger and some older activists, a combination of student generations of the 70's and 80's and some elements from the generation of 66.

The Anti-Gulf War demonstrations spread in some towns. The "Committee for Peace in the Gulf" declared then in a press communiqué, "What happened in Kuwait, also happened in East Timor and West Papua".

The woman activist, together with demonstrators was arrested and underwent beatings and interrogation by security officers. During an interrogation, it was said to her: "You! We have lost many lives in East Timor; we won't be disturbed to loose another one."

SUTAN KELANA, FDI (FRONT DEMOKRASI INDONESIA)
AMSTERDAM 6 MEI 1991.

97.2.1.5.4. The other TAPOL statement

The other "Tapol" started by tabling a document from his organization "Tapol, The Indonesian Human Rights Campaign" dated 22 April and called "*Action to protect East Timorese clandestine activists in Indonesia*":

"RENETIL, the National Resistance of Students of East Timor, one of the main clandestine East Timorese organizations working in Indonesia, has appealed to Parliamentarians for East Timor for urgent action by Parliamentarians, governments and international organizations to protect many East Timorese student activists involved in activities to support the right of the people of East Timor to self determination.

RENETIL recently obtained a copy of a top secret intelligence document of 23 February 1991, prepared by the Assistant for intelligence of the Chief-of-Staff of the Udayana Military Command for BAIS, the Strategic Intelligence Agency, which lists 19 East Timorese students

in Bali, Jakarta, Surabaya, Yogyakarta and Salatiga as being engaged in clandestine activities. The document received from RENETIL has been translated by TAPOL for wide dissemination.

The intelligence gathering was prompted primarily by the army's determination to track down East Timorese who escorted and assisted the Australian, Robert Domm, when he made a trip into the bush last September to interview the guerrilla leader, Xanana Gusmão.

RENETIL believes that the persons identified in the intelligence document are in mortal danger and has asked this document to be given the widest possible publicity in order to provide them with international protection.

We publish below the contents of the intelligence document and ask all organisations and individuals to make formal representations to the Indonesian Government. State that their monitoring and persecution of East Timorese engaged in perfectly legitimate political activity in support of the right to self determination has been brought to the attention of the international community and warning that any security actions against these individuals will lead to an international outcry on their behalf.

"For the attention of Director 'A' BAIS ABRI

Main points:

Information report from Sintel Kolakops Tim-Tim dated 28 January 1991 about Tim-Tim student elements in Denpasar and Surabaya helping the Australian journalist

(Robert Domm) meeting with the GPK leadership in the bush of Tim-Tim.

Gathering information among Tim-Tim student circles in Denpasar.

Because of information gathering among Tim-Tim students in Denpasar, the following information has been obtained:

From the circles of Tim-Tim students/pupils organised in IMPETTU (Ikatan Mahasiswa Pelajar Timor Timur), a clandestine network has been established called RENETIL (Resistência Nacional dos Estudantes de Timor-Leste, National Resistance of Students of East Timor)

It has been reported that the leader of RENETIL in Bali is Fernando Araújo, a student of the Faculty of Indonesian Literature at Udayana University, address jalan Tukad Banysari no. 1, Sesetan, Denpasar; the aforesaid having once sought political asylum at a foreign embassy in Jakarta together with 4 other colleagues in June 1989. According to the information, the previously mentioned went along as a guide for the Australian journalist Robert Domm to meet XANANA GUSMÃO in the Ainaro District in September 1990.

Tim-Tim students organised in RENETIL are among others,

In Denpasar, Bali:

- 1.a) Mariano Garcia (previously sought asylum)
- 1.b) Carlos Lopes (previously sought asylum)
- 1.c) Agapito Cardoso previously sought asylum)
- 1.d) Aniceto Lopes
- 1.e) Benjamim O.H.R.S. Martins
- 1.f) José Pompeia
- 1.g) Joaquim Gusmão
- 1.h) Joselino

1.i.) Adélia (female)

1.j) Egas Alves

1.k) António Matos

1.l) Arlindo Parada. It is reported that many more had become members/sympathisers but the activities are very secretive.

In Jakarta:

Teófilo, often visits foreign embassies, possibly as a liaison (Holland, Japan, Australia, Swiss)

In Surabaya:

3.a) Francisco Cepeda, from Same, parents killed by TNI, the aforesaid is most active in travelling from Surabaya - Denpasar - Dili and is believed to receive money regularly from Portugal via Australia in Denpasar.

3.b) Lucas da Costa. There are strong indications that the previously mentioned functions as the brains behind RENETIL activities or GKP Tim-Tim clandestine activities outside the territory of Tim-Tim.

3.c) Domingos Sarmiento is an infiltrated within the RENETIL organization.

In Yogyakarta:

4.a) José Luis,

4.b) Egídio from Baucau

In Salatiga:

Manuel Abrantes.

The activities of the RENETIL group include among other things:

Influencing students from East Timor by giving them the hope that the struggle will be successful, that Tim-Tim will be free from Indonesia.

Disseminating and reinforcing information about events in Tim-Tim to the outside world, according to their own version, in the interests of politics and the struggle.

Contacting the International Red Cross/ICRC or other groups abroad by telephone, letter or by other means, in order to send out information for the purposes of discrediting the Indonesian Government and to mobilise sympathy and support for the "struggle".

Dispatching various kinds of information by courier, journalists, foreign tourists who come to Dili, Kupang, Denpasar or other towns.

Disseminating and reproducing leaflets news and brochures as propaganda material to win sympathy and for the guidance of cadres among students and school pupils in Tim-Tim.

When on vacation in Dili, they often make contact with pupils of SMP Externato Balide Dili

Locations in Denpasar frequently used for the gatherings are:

Jln Hamalhera No. 35, Denpasar.

Jln Tukad Banyusari No.1 Sesetan Denpasar

Jln P. Ambon Gang Marmut, at the lodgings of Sdr Joselin.

The security apparatus is undertaking the following measures:

To continue to monitor and detect their activities, both directly (Ap Intel) as well as through networks within the organizations (Impettu and Renetil)

To investigate the activities and contacts by foreigners (journalists and tourists) who make connections with RENETIL elements.

To give guidance to members of Impettu so that they are not influenced by the activities of the elements and groups that are associated in Renetil.

[This document, marked 'top secret' is signed by lieutenant colonel Soentoro, Assistant for Intelligence, Chief-of-Staff, Udayana/XI Military Command in Denpasar, Bali. We have no doubt as to the authenticity of the document. Anyone wishing to obtain a copy of the document in its original Indonesian text should apply to TAPOL.]

97.2.1.5.5. LIEM SOEI LIONG

Liem Soei Liong then tabled, another document titled "*The Indonesian Press and the East Timor issue*".

The document outlines the various levels of security and intelligence agencies dominating the Indonesia media since the days of President Sukarno to current Suharto policies.

It goes on to quote all recent examples of closures of papers and magazines that strayed away from the '*official*' line.

In regards to East Timor, Liem Soei Ling states:

"The war in East Timor does not exist for the Indonesian Press. The massive Indonesian invasion in December 1975 is persistently portrayed in the Indonesian press as a Timorese civil war where Indonesian volunteers responded upon the call of the majority of the Timorese for assistance. The first few years after the invasion, East Timor was almost totally isolated from the outside world, Indonesian journalists were only allowed on special occasions. These special occasions were the 'day of the integration' in June 1976, visits from Indonesian MP's or other VIP's visits.

Reports on the radio and television, RRI and TVRI, both state-owned is even more blatant; the broadcasting only channel official government views and propaganda. Occasionally the State television will show some Timorese Cultural groups performing traditional dances, mere proof that the Timorese culture is being preserved.

East Timor remains one of most sensitive areas and the press restrictions to report about conditions in the region are enormous. Report about a strong resolution condemning Indonesia's presence in East Timor adopted in September 1988 by the European Parliament was left unreported while a visit of MEP's a month earlier, on the whole favourable for Indonesia, received glowing reports in the Indonesian press.

In these last three years, the door has been opened ajar and Indonesian journalists have been reporting more frankly about the situation but the reporting is still confined to several topics. Hints about military operations are not possible. In addition, important events like Mgr. Belo's call for a referendum in East Timor has been kept out of the press. The several pro-independence demonstrations, arrests and atrocities since late 1989 are under a complete press ban.

Despite the heavy restrictions, an interested Indonesian citizen can assemble sufficient information to know the general facts about East Timor. In the early years, during the big scale war operations until 1982, the news about the heavy casualties on Indonesian side was widely known among the public. It obviously could not be kept secret for the relatives of the deceased soldiers.

In this last decade Indonesian NGO's and interested individuals increasingly also relied on information received from abroad. A wide variety of information about East Timor entered Indonesia through different means and channels.

It could be publications and journals from East Timor solidarity groups, reports from Human Rights organizations like Amnesty International, reports from international conferences on East Timor, hearings on East Timor in the US Congress, Australian Parliament, reports from Church sources and radio reports from different countries like BBC World Service, the Dutch Wereld Omroep, Radiofusão Portuguesa Internacional or Radio Australia.

In addition, the many East Timorese studying in Java and Bali have channelled information to their Indonesian friends. This wide variety of information has deepened the knowledge and understanding of many Indonesians about the East Timor issue.

One feature that should not be neglected is the skills of the Indonesian journalist in general to channel information in an indirect way. Indonesian journalists living constantly on a volcano, have a long tradition of quality reporting about social and political conditions. Within the confines of their own fear psychosis and self-censorship, the reporters and editors of newspapers and political weeklies have learnt through bitter experience to test the system to its very limits.

They will not write about the right of self-determination of the East Timorese but instead will report about the wretched conditions in East Timor. Reports about bad health conditions, large unemployment figures, corruption and abuse of power by Indonesian officials can occasionally be seen in the Indonesian press.

Another trick being used by Indonesian journalists is the tactic of negative reporting. While for example slamming hard at a report sympathetic towards an independent East Timor, it enables the journalist to write about that particular report, conference or individual. It can be concluded that on one hand, the reporting on East Timor is still facing an almost entire blackout but on the other hand, the Indonesian authorities cannot surround East Timor with a "Chinese Wall" blockade. Information about East Timor seeps through to the outside world and this process is most likely to proceed further.

This session, the longest of them all, had a very good attendance, was certainly one of the most important and even if conducted in English simultaneous translation was provided.

97.2.1.6. LORDE AVEBURY

97.2.1.7. ROUND TABLE DISCUSSION: THE ROAD TO PEACE

This last session of the second day went well into the night with intervention from a representative from the Portuguese Foreign Office, members of solidarity groups, representatives of the East Timor National Convergence, and various church representatives. It dealt more with

possible solutions to achieve peace in East Timor and the reconstruction work to be prepared.

The last Governor of East Timor, Brigadier Lemos Pires attended this session and asked some pertinent questions. He was totally isolated and almost nobody talked to him, still seeing him responsible for the tragic withdrawal of his cabinet to Ataúro Island after the start of the civil war. It must have felt as if he had to be made an outcast, an unofficial scapegoat of the East Timor tragedy. Apart from me, who served as a Lieutenant under his command until June 1975 and the co-ordinator of the Seminar nobody addressed him at all.

Once more, the young Timorese present took a very important part in the debate that followed the presentations. They also took part on the Committee set to present on the last day of the seminar, the conclusions and proposals arising from more than hundred interventions. That night there was a typical East Timorese dinner for all participants in the Seminar and the celebrations went into the small wee hours.

97.3. LAST DAY, RESULTS AND CONCLUSIONS

The third day of the Seminar, on a Saturday attracted even more people to witness the final debates and presentations. In the morning, the committee sat for writing its final proposals and conclusions. Here are some of them.

"Just one year after the 2nd Seminar, it was often noted the existence of promising new factors in regards to the East Timor situation. The prompt reaction of the

international community to the invasion of Kuwait, the debate on the new role for the United Nations in promoting and restoring legality, the end of a bipolar world, the progressive installation of democracy and the respect for human rights in various corners of the world, make the case of East Timor more of an aberration that the international community can no longer ignore.

The importance of Portugal's formal complaint to the International Court of Justice was also stressed being a complaint against Australia exploiting the Timor Sea, without Portugal as administering power (of East Timor) being consulted and before the East Timorese could attain self-determination and independence.

A recent meeting of the Parliamentarians for East Timor with the Secretary General of the UN, Javier Perez de Cuellar led to this latter comparing the situation in East Timor to Western Sahara and Namibia, stressing that all UN Resolutions on East Timor are still in force and must be obeyed.

Portugal as it was often referred has to take a decisive, clear position on the issue, so that other countries can follow suit. Proposals for short wave transmission to East Timor and an international conference of parliamentarians and most eminent people were once more vented, and the Australian journalist representing AJA even mentioned the "impossibility" of broadcasting on Portuguese Television any of the movies produced by Australians. Some Portuguese and European Parliamentarians will follow this up.

The final proposals and conclusions are:

The indefeasible right of the East Timorese to self-determination

Denouncing an end to the physical and cultural genocide of its people;

Demanding an immediate cease fire and the withdrawal of Indonesian troops;

Ceasing all international arms sales to the occupying power;

Defending human rights in the territory;

Creating all conditions needed for an effective and free act of self-determination.

Portugal has to assume its responsibilities as administering power, as well as those of the international community to implement the UN Resolutions.

It is imperative to mobilize the national (Portuguese) and international public opinion to build peace in East Timor through governments and other international organizations.

Thus, it was supported:

The formation of an International Platform of Jurists;

The efforts of all NGO's and international support groups to co-ordinate their efforts according to a recent meeting in Lisbon;

To study, the proposal to create an "Institute or Foundation for East Timor", possibly as a NGO, to divulge to the world the East Timorese culture and the situation in the territory;

The freedom of public access to East Timor by NGO's

The creation and compilation of East Timorese history, culture covering its genocide, to be made available to the whole world;

The proposal for the Portuguese Parliament to print and distribute in French, English and Portuguese a brochure

with the conclusions of the 2nd and 3rd Seminar on East Timor.

It is essential

That representatives of the East Timorese take part in all negotiations and conversations as the only means of achieving peace for East Timor,

That Portugal formally recognize the representatives of East Timor as such and introduce them to all conversations and negotiations;

That all-international solidarity groups organize a Congress for East Timorese outside the territory.

Regarding the current negotiations with Indonesia it was mentioned that the principles of international legality allow for solidarity actions, such as military intervention and that this right should be used to pressure Indonesia.

It was deemed as fundamental to promote systematically through the most important and influential countries, to find a solution for the problem of East Timor:

The USA, by sending a Portuguese Parliament delegation to the Congress;

The EEC, with reference for the creation of an Inter Parliamentary Group for East Timor and for organizing an International Conference on East Timor;

Japan;

The Holy See, whose diplomacy was severely criticized throughout this Seminar by its silence. It is proposed a stronger intervention of Christian organizations such as Pax Christi, Pax Romana and Committees for Justice and Peace, etc.

The Non-Aligned Movement, with the creation of a Front including Brazil and all African Portuguese speaking

countries (PALOP's) to work in conjunction with the Portuguese diplomacy.

Proposed once more the formation of a High Commission or Secretariat for East Timor, depending directly from the Portuguese executive. For this to be achieved the public opinion has to be sensitized and further action to develop the East Timorese in Portugal, both socially and educationally.

It was proposed to dynamize links with the Indonesian movements, NGO's and churches to ask for their support to respect human rights in East Timor. It was also proposed to organize a "Summer Camp" for Indonesian and East Timorese youth.

It was considered as strategically dynamic the future visit to East Timor of a Portuguese Parliament delegation."

It was then screened for the first time ever, the new documentary *"The Shadow over East Timor"* produced by the Australians James Kesterven and Mandy King. Although this was a late addition to the already crowded agenda, more than hundred people decided to stay and watch it over lunchtime. Again, Portuguese and European Parliamentarians expressed their interest in the movie and its excellent production. The last session had a written address from Professor Michel Robert of the Sorbonne University (France) and the live participation of Lord Avebury, founder of the International Parliamentarians for East Timor Group, and Chairman of the UK Parliamentary Human Rights Group.

[VER ARTIGO SEGUINTE]

98. 18 MAIO 1991 EXTRACTO DO JORNAL
INDEPENDENTE

99.1 MAIO 91 COMÉRCIO DO PORTO

100. 9 MAIO 91 CP
101. 10 MAIO 91 COMÉRCIO DO PORTO
102. 12 MAIO 1991 CP
103. 15 MAIO 1991 PÚBLICO
104. JUNHO 1991 PROPOSTA DE CONCLUSÕES DO SEMINÁRIO
105. 4 JUNHO 1991 CONCLUSÕES DAS JORNADAS
106. SYDNEY THE MARITIME WORKER JULY 1991
107. SYDNEY, THE METAL WORKER AUGUST 1991
108. EXTRACTO DO JORNAL "THE JOURNALIST" DA AJA AUSTRALIAN JOURNALISTS' ASSOCIATION. (DEZEMBRO 1991)
109. 28 MAIO 1991 RDP
110. 29 MAIO 1991 RDP
111. 30 MAIO 1991 RDP
112. JUNHO 1991 CINEASTAS AUSTRALIANAS PREPARAM FILME SOBRE AS MULHERES DO CROCODILO

113. 15-16 JUNHO 1991 THE WEEKEND AUSTRALIAN -
ESCRITOR DE HONG KONG ESCREVE LIVRO SOBRE
TIMOR-LESTE

114. 24 JUNHO 1991 SYDNEY O PORTUGUÊS,

115. 18 JULHO 1991 ETWPSG

116. 17 JULHO 1991 NFIP

117. JUNHO 1991 BOLETIM DA TAPOL

118. 6 AGOSTO 1991 O PORTUGUÊS / PNA

119.A. 13 AGOSTO 1991 PNA

119. B. 14 AGOSTO 1991 UDT COMUNICADO

120. 19 AGOSTO 1991 RDP

121. 20 AGOSTO 1991 CORREIO PORTUGUÊS

122. Sydney PnA 21 Agosto 1991

122. 21 AGOSTO 1991 PNA

123. 24 AGOSTO 1991 COMITÉ DA FRETILIN DE NOVA
GALES DO SUL

124. 26 AGOSTO 1991 SMH

125. 26 AGOSTO 1991 O PORTUGUÊS

126. 27 AGOSTO 1991 CORREIO PORTUGUES

127. 28 AGOSTO 1991 SYDNEY PNA
128. AGOSTO 1991 BULETIM DA TAPOL
129. 2 SETEMBRO 1991 AUSTRALIAN
130. 02 SETEMBRO 1991 SMH
131. 4 SETEMBRO 1991 RECORTE DE JORNAL NÃO IDENTIFICADO
132. 4 SETEMBRO 1991 FRETILIN

133. 04 SETEMBRO 1991 SYDNEY PNA
134. 09 SETEMBRO 1991 SYDNEY O PORTUGUÊS
135. 10 SETEMBRO 1991 CORREIO PORTUGUÊS
136. 11 SETEMBRO 1991 ACET
137. 12 SETEMBRO 1991 RDP
138. 13 SETEMBRO 1991 RDP
139. 14 SETEMBRO 1991 RDP
140. 15 SETEMBRO 1991 DARWIN, SUNDAY TERRITORIAN
141. 15 SETEMBRO 1991 DARWIN, SUNDAY TERRITORIAN

142. 16 SETEMBRO 1991 RDP

143. 16 SETEMBRO 1991 SMH

144. 17 SETEMBRO 1991 CORREIO PORTUGUÊS

145. 18 SETEMBRO 1991 SYDNEY PNA - O
PORTUGUÊS NA AUSTRALIA

146. 19 SETEMBRO 1991 THE AUSTRALIAN

147. 24 SETEMBRO 1991 CORREIO PORTUGUÊS

148. 25 SETEMBRO 1991 SYDNEY PNA

149. 25 SETEMBRO 1991 RDP

150. 30 SETEMBRO 1991 SMH

151. SETEMBRO 1991: AUSTRALIAN SOCIETY

A edição de Setembro da revista Australian Society que substituiu a revista satírica The Eye indicava a publicação de um novo livro sobre Timor

152. 1 OUTUBRO 1991 RDP

153. 1 OUTUBRO 1991 CORREIO PORTUGUÊS

154. 1 OUTUBRO 1991 O PORTUGUÊS

155. 1 OUTUBRO 1991 COMUNICADO DA UDT

156. 2 OUTUBRO 1991 PNA SYDNEY
157. 8 OUTUBRO 1991 CORREIO PORTUGUÊS
158. 10 OUTUBRO 1991 RDP
159. 23 OUTUBRO 1991 RDP
160. 23 OUTUBRO 1991 CIET
161. 23 OUTUBRO 1991 SYDNEY PNA
162. 28 OUTUBRO 1991 SYDNEY O PORTUGUÊS
163. 28 OUTUBRO 1991 SMH
164. 28 OUTUBRO 1991 RDP
165. 29 OUTUBRO 1991 CORREIO PORTUGUÊS
166. 29 OUTUBRO 1991 O PORTUGUÊS
167. 29 OUTUBRO 1991 CORREIO PORTUGUÊS
168. 30 OUTUBRO 1991 SYDNEY PNA
169. THE AUSTRALIAN 31 OUTUBRO 1991
170. TAPOL OUTUBRO 1991
171. OUTUBRO 1991 INSIDE INDONESIA
173. 8 NOVEMBRO 1991

As jovens realizadoras de cinema Gina Roncoli e Lois Randell de quem fui consultor para o filme "Women of the Crocodile (As mulheres do crocodilo) estiveram em Dili aquando de incidentes graves e os quais aqui são descritos juntamente com um apelo às autoridades portuguesas e internacionais.

174. 12 NOVEMBRO 1991 CORREIO PORTUGUÊS

175. 12 NOVEMBRO 1991 RDP

176. 13 NOVEMBRO 1991 RDP

177. 13 NOVEMBRO 1991 PNA

178. 13 NOVEMBRO 1991 O MASSACRE DE SANTA CRUZ VISTO PELO SMH E THE AUSTRALIAN

179. 14 NOVEMBRO 1991 O MASSACRE DE SANTA CRUZ VISTO PELO SMH

180. 14 NOVEMBRO 1991 THE AUSTRALIAN

181. 14 NOVEMBRO 1991 RDP

182. 15 NOVEMBRO 1991 SMH

183. 15 NOVEMBRO 1991 THE AUSTRALIAN

184. 15 NOVEMBRO 1991 METANÓIA

185. 15 NOVEMBRO 1991 RDP

186. 16 NOVEMBRO 1991 RDP

187. 16 NOVEMBRO 1991 SMH
188. 17 NOVEMBRO 1991 SMH
189. 18 NOVEMBRO 1991 SMH
190. 18 NOVEMBRO 1991 THE AUSTRALIAN
191. 18 NOVEMBRO 1991 O PORTUGUÊS, SIDNEY
192. 18 NOVEMBRO 1991 RDP
193. 19 NOVEMBRO 1991 RDP
194. 19 NOVEMBRO 1991 THE AUSTRALIAN
195. 19 NOVEMBRO 1991 SMH
196. 19 NOVEMBRO 1991 CORREIO PORTUGUÊS
197. 19 NOVEMBRO 1991 CARTA DE BAILÃO LOPES
198. 20 NOVEMBRO 1991 RDP
199. 20 NOVEMBRO 1991 SMH
200. 20 NOVEMBRO 1991 PNA
201. 20 NOVEMBRO 1991 THE AUSTRALIAN
202. 20 NOVEMBRO 1991 PETIÇÃO DE BARBEDO DE MAGALHÃES SOBRE O MASSACRE

203. 22 NOVEMBRO 1991 RDP
204. 22 NOVEMBRO 1991 THE AUSTRALIAN
205. 22 NOVEMBRO 1991 SMH
206. 23 NOVEMBRO 1991 THE AUSTRALIAN
207. 23 NOVEMBRO 1991 SMH
208. 23 NOVEMBRO 1991 RDP
209. 25 NOVEMBRO 1991 RDP
210. 25 NOVEMBRO 1991 SMH
211. 25 NOVEMBRO 1991 THE AUSTRALIAN
212. 25 NOVEMBRO 1991 O PORTUGUÊS
213. 25 NOVEMBRO 1991 TIME MAGAZINE
214. 26 NOVEMBRO 1991 RDP
215. 26 NOVEMBRO 1991 CORREIO PORTUGUÊS
216. 26 NOVEMBRO 1991 SMH
217. 26 NOVEMBRO 1991 THE AUSTRALIAN
218. 27 NOVEMBRO 1991 RDP
219. 27 NOVEMBRO 1991 SMH

- 220. 27 NOVEMBRO 1991 PNA
- 221. 28 NOVEMBRO 1991 RDP
- 222. 29 NOVEMBRO 1991 RDP
- 223. 29 NOVEMBRO 1991 SMH
- 224. 29 NOVEMBRO 1991 THE AUSTRALIAN
- 225. 30 NOVEMBRO 1991 SMH
- 226. 30 NOVEMBRO -1 DEZEMBRO 1991 THE AUSTRALIAN
- 227. 2 DEZEMBRO 1991 RDP
- 228. 2 DEZEMBRO 1991 TIME MAGAZINE
- 229. 2 DEZEMBRO 1991 SMH
- 230. 2 DEZEMBRO 1991 THE AUSTRALIAN
- 231. 2 DEZEMBRO 1991 O PORTUGUÊS
- 232. 3 DEZEMBRO 1991 RDP
- 233. 3 DEZEMBRO 1991 SMH
- 234. 3 DEZEMBRO 1991 CORREIO PORTUGUÊS
- 235. 3 DEZEMBRO 1991 THE AUSTRALIAN

- 236. 4 DEZEMBRO 1991 RDP
- 237. 4 DEZEMBRO 1991 PNA
- 238. 4 DEZEMBRO 1991 CARTA DE BAILÃO LOPES
- 239. 4 DEZEMBRO 1991 THE AUSTRALIAN
- 240. 4 DEZEMBRO 1991 SMH
- 241. 5 DEZEMBRO 1991 RDP
- 242. 5 DEZEMBRO 1991 SMH
- 243. 5 DEZEMBRO 1991 THE AUSTRALIAN
- 244. 6 DEZEMBRO 1991 RDP
- 245. 7 DEZEMBRO 1991 RDP
- 246. 7 DEZEMBRO 1991 THE AUSTRALIAN
- 247. 7 DEZEMBRO 1991 SMH
- 248. 7-8 DEZEMBRO 1991 THE AUSTRALIAN
- 249. 9 DEZEMBRO 1991 SMH
- 250. 9 DEZEMBRO 1991 THE AUSTRALIAN
- 251. 10 DEZEMBRO 1991 RDP
- 252. 10 DEZEMBRO 1991 SMH

- 253. 10 DEZEMBRO 1991 THE AUSTRALIAN
- 254. 10 DEZEMBRO 1991 CORREIO PORTUGUÊS
- 255. 11 DEZEMBRO 1991 THE AUSTRALIAN
- 256. 11 DEZEMBRO 1991 SMH
- 257. 12 DEZEMBRO 1991 RDP
- 258. 12 DEZEMBRO 1991 SMH
- 259. 12 DEZEMBRO 1991 THE AUSTRALIAN
- 260. 12 DEZEMBRO 1991 PNA
- 261. 14 DEZEMBRO 1991 SMH
- 262. 14 DEZEMBRO 1991 THE AUSTRALIAN
- 263. 16 DEZEMBRO 1991 RDP
- 264. 16 DEZEMBRO 1991 SMH
- 265. 16 DEZEMBRO 1991 THE AUSTRALIAN
- 266. 16 DEZEMBRO 1991 O PORTUGUÊS
- 267. 17 DEZEMBRO 1991 CORREIO PORTUGUÊS
- 268. 17 DEZEMBRO 1991 THE BULLETIN
- 269. 17 DEZEMBRO 1991 RDP

- 270. 18 DEZEMBRO 1991 RDP
- 271. 18 DEZEMBRO 1991 PNA
- 272. 18 DEZEMBRO 1991 THE AUSTRALIAN
- 273. 18 DEZEMBRO 1991 SMH
- 274. 19 DEZEMBRO 1991 SMH
- 275. 19 DEZEMBRO 1991 THE AUSTRALIAN
- 275. 19 DEZEMBRO 1991 RDP
- 276. 20 DEZEMBRO 1991 RDP
- 277. 20 DEZEMBRO 1991 THE AUSTRALIAN
- 278. 20 DEZEMBRO 1991 SMH
- 279. 21 DEZEMBRO 1991 RDP
- 280. 21 DEZEMBRO 1991 SMH
- 281. 21 DEZEMBRO 1991 THE AUSTRALIAN
- 282. 23 DEZEMBRO 1991 SMH
- 283. 23 DEZEMBRO 1991 THE AUSTRALIAN

284. 24 DEZEMBRO 1991 RDP

285. 24 DEZEMBRO 1991 THE AUSTRALIAN

286. 24 DEZEMBRO 1991 SMH

287. 27 DEZEMBRO 1991 THE WASHINGTON POST
288. 28 DEZEMBRO 1991 SMH
289. 30 DEZEMBRO 1991 RDP
290. 30 DEZEMBRO 1991 SMH
291. 30 DEZEMBRO 1991 THE AUSTRALIAN
292. 31 DEZEMBRO 1991 SMH
293. 31 DEZEMBRO 1991 THE AUSTRALIAN~
294. DEZEMBRO 1991 TAPOL OUTUBRO-DEZEMBRO
295. DEZEMBRO 1991 INSIDE INDONÉSIA

CAPÍTULO 9: 92

1 JAN.º 92 RDP

2. 2 JAN.º 92 RDP

3. 3 JAN.º 92 RDP

4. 4 JAN.º 92 RDP

5. 6 JAN.º 92 RDP

6. 6 JAN.º 92 THE AUSTRALIAN

7. 6 JAN.º 92 SMH / THE AUSTRALIAN

8. 7 JAN.º 92 SMH

9. 7 JAN.º 92 THE AUSTRALIAN

10. 7 JAN.º 92 RDP

11. 7 JAN.º 92 RDP

12. 11 JAN.º 92 RDP

13. 11 JAN.º 92 SMH

14. 11 JAN.º 92 THE AUSTRALIAN

15. 13 JAN.º 92 RDP

16. 13 JAN.º 92 SMH

13 JAN.º 92 THE AUSTRALIAN

17. 13 JAN.º 92 O PORTUGUÊS, SIDNEY

18. 14 JAN.º 92 RDP

19. 14 JAN.º 02 SMH

20. 14 JAN.º 92 THE AUSTRALIAN

21. 15 JAN.º 92 SMH
22. 15 JAN.º 92 PNA, SIDNEY
23. 16 JAN.º 92 RDP
24. 16 JAN.º 92 THE AUSTRALIAN
25. 17 JAN.º 92 RDP
26. 17 JAN.º 92 THE AUSTRALIAN
27. 18-19 JAN.º 92 THE AUSTRALIAN
28. 20 JAN.º 92 RDP
29. 21 JAN.º 92 CORREIO PORTUGUÊS SIDNEY
30. 22 JAN.º 92 PNA
31. 23 JAN.º 92 RDP
32. 23 JAN.º 92 NOVA EXIBIÇÃO DO FILME ENTERRADOS VIVOS (BURIED ALIVE)
33. 23 JAN.º 92 THE AUSTRALIAN
34. 23 JAN.º 92 SMH
35. 24 JAN.º 92 RDP
36. 24 JAN.º 92 THE AUSTRALIAN
37. 25 JAN.º 92 RDP

38. 25 JAN.º 92 SMH
39. 25 JAN.º 92 THE AUSTRALIAN
40. 26 JAN.º 92 RDP
41. 27 JAN.º 92 THE AUSTRALIAN
42. 27 JAN.º 92 SMH
43. 11 FEV.º 92 CORREIO PORTUGUÊS
44. 12 FEV.º 92 PNA
45. 17 FEV.º 92 SEMANÁRIO PORTUGUÊS, SIDNEY
46. 18 FEV.º 92 CORREIO PORTUGUÊS, SIDNEY
47. 18 FEV.º 92 RDP
48. 19 FEV.º 92 PNA
49. 19 FEV.º 92 LUSITÂNIA EXPRESSO
50. 22 FEV.º 92 SMH
51. 22 FEV.º 92 RDP
52. 22-23 FEV.º 92 THE AUSTRALIAN
53. 23 FEV.º 92 RDP
55. 23 FEV.º 92 RDP

56. 23 FEV. 92 RDP

57. 23 FEV.º 92 SMH

58. 24 FEV.º 92 RDP

59. 24 FEV.º 92 RDP

60. 24 FEV.º 92 RDP

61. 24 FEV.º 92 THE AUSTRALIAN SOCIETY JAN-FEB
92423

62. 24 FEV.º 92 PNA

63. 24 FEV.º 92 THE AUSTRALIAN

64. 24 FEV.º 92 SMH

65. 25 FEV.º 92 CORREIO PORTUGUÊS

66. 25 FEV.º 92 O AUTOR NÃO FOI INCLUÍDO NO
LUSITÂNIA EXPRESSO

68. 67. 25 FEV.º 92 RDP

69. 26 FEV.º 92 RDP

70. 26 FEV.º 92 RDP

71. 26 FEV.º 92 PNA

72. 27 FEV.º 92 RDP
73. 28 FEV.º 92 THE AUSTRALIAN
74. 28 FEV.º 92 SMH
75. 29 FEV.º 92 THE AUSTRALIAN
76. 29 FEV.º 92 SMH
77. FEV.º 92 TAPOL
78. 2 MARÇO 92 RDP
79. 2 MARÇO 92 SMH
80. 2 MARÇO 92 THE AUSTRALIAN
81. 3 MARÇO 92 RDP
82. 4 MARÇO 1993 SMH
83. 4 MARÇO 92 RDP
83. 4 MARÇO 92 THE AUSTRALIAN
84. 9 MARÇO 92 TIME MAGAZINE
85. 9 MARÇO 92 SMH
86. 9 MARÇO 92 THE AUSTRALIAN
88. 87. 10 MARÇO 92 CORREIO PORTUGUÊS

89. 10 MARÇO 92 SMH
90. 10 MARÇO 92 THE AUSTRALIAN
91. 11 MARÇO 92 PNA SIDNEY
92. 11 MARÇO 92 RDP
93. 12 MARÇO 92 RDP
94. 12 MARÇO 92 SMH
95. 12 MARÇO 92 THE AUSTRALIAN
96. 13 MARÇO 92 RDP
97. 13 MARÇO 92 SMH
98. 14 MARÇO 92 RDP
99. 14 MARÇO 92 THE AUSTRALIAN & SMH
100. 15 MARÇO 92 RDP
101. 16 MARÇO A COMUNIDADE, SIDNEY
102. 16 MARÇO 92 TIME MAGAZINE
103. 17 MARÇO 92 RDP
104. 17 MARÇO 92 SMH
105. 17 MARÇO 92 THE AUSTRALIAN

106. 17 MARÇO 92 CORREIO PORTUGUÊS
107. 18 MARÇO 92 PNA SIDNEY
108. 19 MARÇO 92 THE AUSTRALIAN
109. 19 MARÇO 92 SMH
110. 19 MARÇO 92 THE AUSTRALIAN
110. 20 MARÇO 92 RDP
111. 20 MARÇO 92 SMH
112. 20 MARÇO 92 THE AUSTRALIAN
113. 21 MARÇO 92 SMH
114. 21 MARÇO 92 THE AUSTRALIAN
- 22 MARÇO 92 RDP
115. 23 MARÇO 92 RDP
116. 23 MARÇO 92 THE AUSTRALIAN
117. 23 MARÇO 92 A COMUNIDADE, SIDNEY
118. 24 MARÇO 92 CORREIO PORTUGUÊS
119. 24 MARÇO 92 RDP
120. 25 MARÇO 92 PNA SIDNEY

121. 25 MARÇO 92 SMH
122. 26 MARÇO 92 SMH E THE AUSTRALIAN
123. 28 MARÇO 92 RDP
124. 27 MARÇO 92 THE AUSTRALIAN
125. 27 MARÇO 92 SMH
126. 28-29 MARÇO 92 THE AUSTRALIAN
127. 29 MARÇO 92 RDP
128. 30 MARÇO 1992 A COMUNIDADE, SIDNEY
129. 31 MARÇO 92 RDP
130. 31 MARÇO 92 CORREIO PORTUGUÊS
131. 31 MARÇO 92 SMH E THE AUSTRALIAN
132. 31 MARÇO 92 THE AUSTRALIAN
133. MARÇO 92 INSIDE INDONÉSIA
134. JAN-MAR 92 INDONESIAN HUMAN RIGHTS FORUM
135. 2 ABRIL 92 RDP
136. 5 ABRIL 92 SMH

137. 2 ABRIL 92 THE AUSTRALIAN
138. 4 ABRIL 92 RDP
139. 4 ABRIL 92 RDP
140. 5 ABRIL 92 RDP
141. 5 ABRIL 92 SMH
142. 7 ABRIL 92 CORREIO PORTUGUÊS, SIDNEY
143. 7 ABRIL 92 SMH
144. 9 ABRIL 92 MANIF A FAVOR DE TIMOR
145. 13 ABRIL 92 SMH
146. 14 ABRIL 92 CORREIO PORTUGUÊS
147. 15 ABRIL 92 PNA SIDNEY
148. 16 ABRIL 92 SMH
149. 16 ABRIL 92 THE AUSTRALIAN
150. 17 ABRIL 92 SMH E THE AUSTRALIAN
151. 17 ABRIL 92 RDP
151. 18 ABRIL 92 RDP
152. 20 ABRIL 92 RDP

153. 20 ABRIL 92 THE AUSTRALIAN
154. 20 ABRIL 92 SMH
155. 20 ABRIL 92 COMUNIDADE, SIDNEY
156. 21 ABRIL 92 THE AUSTRALIAN
157. 21 ABRIL 92 SMH
158. 22 ABRIL 92 RDP
159. 22 ABRIL 92 RDP
160. 22 ABRIL 92 THE AUSTRALIAN
161. 22 ABRIL 92 SMH
162. 23 ABRIL 92 THE AUSTRALIAN
163. 22 ABRIL 92 PNA
164. 23 ABRIL 92 SMH
165. 24 ABRIL 92 SMH
166. 24 ABRIL 92 THE AUSTRALIAN
167. 27 ABRIL 92 TIME MAGAZINE
168. 27 ABRIL 92 A COMUNIDADE SIDNEY
169. 28 ABRIL 92 RDP

170. 28 ABRIL 92 RDP
171. 28 ABRIL 92 CORREIO PORTUGUÊS
172. 29 ABRIL 92 PNA
173. ABRIL 92 TAPOL BULLETIN
174. 4 MAIO 92 SMH
175. 4 MAIO 92 A COMUNIDADE, SIDNEY
176. 5 MAIO 92 CORREIO PORTUGUÊS
177. 6 MAIO 92 RDP
178. 6 MAIO 92 RDP
179. 6 MAIO 92 PNA
180. 9 MAIO 92 RDP
181. 9 MAIO 92 RDP
182. 9 MAIO 92 RDP
183. 9-11 MAIO 92 RDP
184. 10 MAIO 92 RDP
185. 11 MAIO 92 A COMUNIDADE, SIDNEY
186. 12 MAIO 92 CORREIO PORTUGUÊS

187. 13 MAIO 92 PNA
188. 19 MAIO 92 CORREIO PORTUGUÊS
189. 19 MAIO 92 THE AUSTRALIAN
190. 19 MAIO 92 SMH
191. 20 MAIO 92 PNA
192. 21 MAIO 92 SMH
193. 22 MAIO 92 RDP
194. 22 MAIO 92 SMH
195. 27 MAIO 92 RDP
196. 27 MAIO 92 SMH
197. 27 MAIO 92 AUSTRALIAN
198. 28 MAIO 92 RDP
199. 28 MAIO 92 RDP
200. 28 MAIO 92 THE AUSTRALIAN
201. 1 JUNHO 92 SEMANARIO PORTUGUÊS , SIDNEY
202. 1 JUNHO 92 A COMUNIDADE SIDNEY
203. 2 JUNHO 92 CORREIO PORTUGUÊS

- 204. 3 JUNHO 92 PNA
- 205. 5 JUNHO 92 SMH
- 206. 6 JUNHO 92 RDP
- 207. 6 JUNHO 92 RDP
- 208. 6 JUNHO 92 SEMANÁRIO PORTUGUÊS SIDNEY
- 209. 8 JUNHO 92 RDP
- 210. 8 JUNHO 92 A COMUNIDADE SIDNEY
- 211. 9 JUNHO 92 RDP
- 212. JUNHO 92 PROJECTO DE FILME: Carta a Georg von Brandenstein
- 213. o Dr. Carl von Brandenstein respondeu assim:
- 214. E POSTERIOR CORRESPONDÊNCIA:
- 215. 14 JUNHO 92 SMH
- 216. 15 JUNHO 92 PROPOSTA DE FILME AO CANAL SBS
- 217. 15 JUNHO 92 A COMUNIDADE SIDNEY
- 218. 16 JUNHO 92 RDP
- 219. 22 JUNO 92 SEMANARIO PORTUGUÊS, SIDNEY

- 220. 23 JUNHO 92 SMH
- 221. 24 JUNHO 92 PNA
- 222. 24 JUNHO 92 SMH
- 223. 24 JUNHO 92 THE AUSTRALIAN
- 224. 25 JUNHO 92 SMH
- 225. 25 JUN 92 THE AUSTRALIAN
- 226. 26 JUNHO 92 THE AUSTRALIAN
- 227. 26 JUNHO 92 RDP
- 228. 27 JUNHO 92
- 229. 29 JUNHO 92 A COMUNIDADE, SIDNEY
- 230. ABRIL-JUNHO 92 INDONESIAN HUMAN RIGHTS FÓRUM
- 231. JUNHO 92 EAST TIMOR TALK CAMPAIGN
- 232. JUNHO 92 TAPOL BULLETIN
- 233. JUNHO 92 INSIDE INDONÉSIA
- 234. 1 JULHO 92 PNA
- 235. 2 JULHO 92 SMH

236. 2 JULHO 92 THE AUSTRALIAN
237. 3 JULHO 92 THE AUSTRALIAN
238. 5 JULHO 92 RDP
239. 5 JULHO 92 RDP O AUTOR VAI REPRESENTAR A AUSTRÁLIA NO SEMINÁRIO DE VERÃO DA UNIVERSIDADE DE BRAGA
240. 6 JULHO 92 SEMANARIO PORTUGUÊS SIDNEY
241. 6 JULHO 92 A COMUNIDADE SIDNEY
242. 8 JULHO 92 PNA
243. 11 JULHO 92 RDP
244. 13 JULHO 92 SEMANARIO PORTUGUÊS SIDNEY
245. 13 JULHO 92 A COMUNIDADE SIDNEY
246. 15 JULHO 92 PNA
247. 15 JULHO 92 RDP
248. 16 JULHO 92 RDP
249. 4 AGOSTO 92 CORREIO Português SIDNEY
250. 14 AGOSTO 92 RDP
251. 14 AGOSTO 92 RDP

- 252. 14 AGOSTO 92 SMH
- 253. 15 AGOSTO 92 RDP
- 254. 15 AGOSTO 92 RDP
- 255. 15 AGOSTO 92 SMH
- 256. 17 AGOSTO 92 RDP
- 257. 18 AGOSTO 92 RDP
- 258. 18 AGOSTO 92 RDP
- 259. 18 AGOSTO 92 RDP
- 260. 18 AGOSTO 92 SMH
- 261. 21 AGOSTO 92 RDP
- 262. 29 AGOSTO 92 RDP
- 263. 29 AGOSTO 92 SMH
- 264. 30 AGOSTO 92 RDP
- 265. 30 AGOSTO 92 RDP
- 266. 30 AGOSTO 92 RDP
- 267. 31 AGOSTO 92 RDP
- 268. AGOSTO 92 BOLETIM TAPOL

269. 1 SET.º 92 RDP

270. 1 SET.º 92 RDP

271. 1 SET.º 92 HUMAN RIGHTS COUNCIL OF AUSTRALIA

272. 2 SET.º 92 RDP

273. 2 SET.º 92 RDP

274. 2 SET.º 92 PNA SIDNEY

275. 4 SET.º 92 RDP

276. 5 SET.º 92 RDP

277. 4 SET.º 92 SMH

278. 5 SET.º 92 SMH

279. 5 SET.º 92 RDP

280. 5 SET.º 92 RDP

281. 5 SET.º 92 RDP

282. 5 SET.º 92 RDP

283. 6 SET.º 92 RDP

284. 7 SET.º 92 RDP

285. 7 SET.º 92 TIME MAGAZINE: O EX-EMBAIXADOR
DICK WOOLCOTT JUSTIFICA-SE

286. 7 SET.º 92 SMH

287. 8 SET.º 92 SEMANÁRIO PORTUGUÊS

288. 9 SET.º 92 PNA

289. 11 SET.º 92 RDP

290. 11 SET.º 92 SMH

291. 11 SET.º 92 THE AUSTRALIAN

292. 13 SET.º 92 THE AUSTRALIAN

293. 15 SET.º 92 RDP

294. 15 SET.º 92 RDP

295. 15 SET.º 92 RDP

296. 16 SET.º 92 RDP

297. 16 SET.º 92 RDP

298. 17 SET.º 92 RDP

299. 17 SET.º 92 SMH

300. 18 SET.º 92 RDP

301. 22 SET.º 92 RDP

302. 30 SET.º 92 RDP
303. SET.º 92 INSIDE INDONÉSIA
305. 304. JUL- SET.º 92 HUMAN RIGHTS FÓRUM
306. SET.º 92 EAST TIMOR TALKS CAMPAIGN
307. 1 OUT.º 92 RDP
308. 1 OUT.º 92 SMH
310. 309. 3 OUT.º 92 SMH
311. 12 OUT.º 92 O SEMANÁRIO PORTUGUÊS SIDNEY
312. 13 OUT.º 92 A VOZ DE PORTUGAL SIDNEY
313. 19 OUT.º 92 SEMANÁRIO PORTUGUÊS SIDNEY
314. 19 OUT.º 92 RDP
315. 21 OUT.º 92 RDP
316. 23 OUT.º 92 EAST TIMOR TALKS CAMPAIGN
318. 317.28 OUT.º 92 PNA SIDNEY
319. 31 OUT.º 92 SMH
320. 31 OUT.º 92 THE AUSTRALIAN
321. OUT.º 92 TAPOL BULLETIN

322. OUT.º-DEZ.º 92 CAMOES CENTER QUARTERLY
323. NOV.º 92 LANÇAMENTO DO LIVRO MORTE EM DILI
324. 2 NOV.º 92 RDP
325. 2 NOV.º 92 SMH
326. 2 NOV.º 92 A COMUNIDADE SIDNEY
327. 3 NOVº 92 RDP
328. 4 NOV.º 92 RDP
329. 4 NOV.º 92 THE AUSTRALIAN
330. 4 NOV.º 92 PNA
331. 5 NOV.º 92 RDP
332. 5 NOVEMBRO 92 RDP
333. 5 NOV.º 92 THE AUSTRALIAN
334. 9 NOV 92 RDP
335. 10 NOV.º 92 CORREIO Português
336. 11 NOV 92 RDP
337. 12 NOV 92 RDP

- 338. 12 NOV.º 92 SMH
- 339. 12 NOV.º 92 SMH
- 340. 13 NOV.º 92 SMH
- 341. 16 NOV.º 92 RDP
- 342. 16 NOV.º 92 SEMANARIO PORTUGUÊS SIDNEY
- 343. 17 NOV.º 92 RDP
- 344. 17 NOV.º 92 A VOZ D EPORTUGAL SIDNEY
- 345. 17 NOV.º 92 RDP
- 346. 18 NOV.º 92 RDP
- 347. 19 NOV.º 92 RDP
- 348. 19 NOV.º 92 THE AUSTRALIAN
- 349. 19 NOV.º 92 RDP
- 350. 21 NOV.º 92 RDP
- 351. 21 NOV.º 92 RDP
- 352. 21 NOV.º 92 THE AUSTRALIAN
- 353. 21 NOV.º 92 SMH
- 354. 21 NOV.º 92 RDP

- 355. 21 NOV.^o 92 RDP
- 356. 21 NOV.^o 92 RDP
- 357. 22 NOV.^o 92 RDP
- 358. 22 NOV.^o 92 RDP
- 359. 22 NOV.^o 92 RDP
- 360. 22 NOV.^o 92 RDP
- 361. 23 NOV.^o 92 RDP
- 362. 23 NOV.^o 92 RDP
- 363. 23 NOV.^o 92 RDP
- 364. 23 NOV.^o 92 SMH
- 365. 23 NOV.^o 92 THE AUSTRALIAN
- 366. 24 NOV.^o 92 RDP
- 367. 24 NOV.^o 92 SMH
- 368. 24 NOV.^o 92 THE AUSTRALIAN
- 369. 25 NOV.^o 92 RDP
- 370. 25 NOV.^o 92 RDP
- 371. 25 NOV.^o 92 SMH

- 372. 25 NOV.º 92 THE AUSTRALIAN
- 373. 26 NOV.º 92 RDP
- 374. 26 NOV.º 92 SMH
- 375. 26 NOV.º 92 THE AUSTRALIAN
- 376. 27 NOV.º 92 RDP
- 377. 27 NOV.º 92 RDP
- 378. 27 NOV.º 92 SMH
- 379. THE AUSTRALIAN
- 28 NOV.º 92 SMH
- 380. 28 NOV.º 92 RDP
- 381. 29 NOV.º 92 RDP
- 382. 29 NOV.º 92 RDP
- 383. 1 DEZ.º 92 RDP
- 384. 2 DEZ.º 92 SMH
- 385. 2 DEZ.º 92 THE AUSTRALIAN
- 386. 2 DEZ.º 92 RDP
- 387. 3 DEZ.º 92 SMH

388. 3 DEZ.º 92 THE AUSTRALIAN

389. 3 DEZ.º 92 RDP

390. 3 DEZ.º 92 RDP

391. 4 DEZ.º 92 SMH

392. 5 DEZ.º 92 SMH

393. 5-6 DEZ.º 92 THE AUSTRALIAN

396. 6 DEZ.º 92 RDP

397. 6 DEZ.º 92 RDP

398. 7 DEZ.º 92 RDP

399. 8 DEZ.º 92 RDP

400. 8 DEZ.º 92 CORREIO PORTUGUÊS, SIDNEY

401. 9 DEZ.º 92 SMH

403. 9 DEZ.º 92 WASHINGTON POST

404. 10 DEZ.º 92 WASHINGTON POST

405. 12 DEZ.º 92 SMH

406. 13 DEZ.º 92 RDP

407. 17 DEZ.º 92 RDP

408. 19 DEZ.º 92 SMH

409. 20 DEZ.º 92 THE AUSTRALIAN

410. 27 DEZ.º 92 WASHINGTON POST

412. CARTA DE NATAL DE BAILÃO LOPES AO AUTOR

413. DEZ.º 92 BOLETIM TAPOL

E assim chegamos ao termos destes nove capítulos duma obra que nunca estará concluída nem completa. Haverá sempre mais documentos a digitalizar, mais arquivos a explorar, mais recortes a acrescentar. Tenho pena que não tenha tido mais tempo livre ao longo destes últimos seis anos para ter concluído esta fase mais cedo e prolongá-la com mais capítulos (anos) até à liberdade de Timor do jugo indonésio. Ficaré para uma próxima oportunidade. Espero que tenham podido apreciar o que foi esta guerra a que todos chamavam “perdida” e a cuja dedicação devo tantos epítetos que aqui não menciono. Uma das frases recorrentes nos meus contactos com os meios de comunicação portugueses ao longo dos anos era sempre “escreve sobre outras coisas, não estejas sempre a falar de Timor”. Não lhes dei ouvidos e o resultado está à vista. Valeu a pena.

Que estas páginas cheias de amor e carinho pelo povo timorense que conheci entre 1973 e 1975 e por todos aqueles que mais tarde me contaram a sua tragédia, sirvam para quem quiser estudar, mais tarde o que foram os duros anos da resistência contra tudo e todos. Este é o meu segundo modesto contributo para que não se perca esta parte da luta e da História.

S. Miguel, Açores
Setembro, 26, 2005
Chrys Chrystello ©

